
LEMBRE-SE
DE MIM
Da mesma autora da Duologia Pra Você
DRI SATYS

LEMBRE-SE DE MIM

Da mesma autora da Duologia Pra Você

DRI SATYS

COPYRIGHT © 2023 DRI SATYS

Todos os direitos reservados

ASSESSORIA:

Flowers assessoria (@flowersassessoria)

ILUSTRAÇÃO:

Tácyla Priscila (@tacylapriscila)

CAPA E DIAGRAMAÇÃO:

Giulia Rebouças (@gialuidesign)

REVISÃO:

Hanna Câmara (@revisabyhanna)

Evelyn Fernandes (@leiturasdaevy)

BETAGEM:

Flowers Assessoria (@flowersassessoria)

Bianca Nolasco (@binolascobooks)

ÍNDICE

Sinopse

Nota da autora - Gatilhos

Nota da autora – Uma conversa

Nota da autora - Pirataria

Ilustraçâo

Playlist

Dedicatória

Prólogo

Capítulo 01

Capítulo 02

Capítulo 03

Capítulo 04

Capítulo 05

Capítulo 06

Capítulo 07

Capítulo 08

Capítulo 09

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Epílogo

Agradecimentos

SINOPSE

Costumam descrever o amor como um sentimento calmo, suave, pacífico. Mas não acho que possam descrever o meu amor por Alex assim.

Tudo bem, existem amores suaves, mas o nosso não é um deles.

Conheci Alexandra Kendricks há oito anos e, desde o começo, tudo ao nosso redor foi um caos. O mais perfeito caos que eu vivi ao lado da mulher perturbadora que, constantemente, se manteve ao meu lado. Primeiro, como cúmplice de uma vingança. Depois, como companheira de apartamento e treinos. Então, como parceira no departamento de polícia. E, principalmente, ela esteve ao meu lado quando nos tornamos agentes lendários ao sermos recrutados pela *Companhia*, uma agência secreta que é superior a todas as outras espalhadas ao redor do mundo.

Para quem nos conhecia, éramos Matteo Fawcett e Alexandra Kendricks, lendários e letais, mas, pra mim, ela era Alex e eu era Matt. Conhecíamos uma versão um do outro que ninguém nunca chegou perto de conhecer, até que tudo mudou quando fui enviado para uma missão e, ao retornar, mesmo que continuasse sendo perturbado por seus olhos intensos, mesmo que eu continuasse perdido no caos que ela criava dentro de mim, eu não a reconheci.

Ele prometeu que voltaria e eu prometi que o esperaria.

Sem a memória, sei que é difícil pra que ele encontre seu caminho até mim, mas sempre estive ao seu lado, sempre protegi suas costas e, nesse segundo, não me importo de ajudá-lo a cumprir a promessa que fez antes de partir para a missão que me apagou de sua mente.

Eu só me importo em tê-lo de volta, nem que pra isso eu tenha que continuar implorando o mesmo que peço desde quando vi

que, pra ele, eu não passava de uma desconhecida:

— *Lembre-se de mim.*

NOTA DA AUTORA

GATILHOS

Antes de falar qualquer coisa sobre a leitura que se segue, preciso que preste bastante atenção nas palavras que estou escrevendo *aqui*, tudo bem?

A história a seguir é apenas isso. Uma história.

Sim, eu me envolvi durante a escrita e eu me apaixonei pelos personagens, mas mesmo assim, isso é apenas uma história.

E o que eu quero dizer com isso?

Quero dizer que por mais que eu tenha ciência de que livros podem mudar a vida de uma pessoa, essas mudanças devem ser aceitas apenas quando vêm pra melhorar, e não pra te fazer mal. Então, querida leitora, não sacrifique sua saúde mental só por um bando de palavras que podem acabar te machucando.

Nos dois livros que publiquei antes de *Lembre-se De Mim,* senti muita dificuldade ao criar uma nota falando sobre os gatilhos presentes nos livros, até porque, o que nos afeta é algo estritamente pessoal, entretanto, alguns fatos e cenas retratadas neste livro, em geral, podem causar desconforto a várias pessoas, por isso, darei ênfase a eles.

Em *Lembre-se de Mim*, você vai encontrar:

Cenas de torturas;

Cenas de assassinato;

Cenas de violência;

Menção a violência infantil;

Tentativa de estupro;

Luto; e

Abandono parental.

Antes de encerrar essa nota, mais uma vez, peço: não continue a leitura caso se sinta desconfortável. É apenas um livro. Ele não vale mais do que você.

NOTA DA AUTORA

UMA CONVERSA

Essa nota é uma conversa, tudo bem? Um desabafo. Não sei ao certo se existe um padrão para nota da autora, mas se existe, estou o ignorando.

E é isso.

Primeiro, espero que você tenha lido o aviso relacionado aos gatilhos. Espero que valorize sua saúde e que, se durante a leitura se sentir desconfortável, vai largar esse livro.

Segundo... sei que vou soar como louca e talvez eu leve essa conversa pra minha próxima terapia porque até eu me considero um pouco maluca quando falo sobre isso, mas... estou com saudade desses dois personagens antes mesmo de me despedir deles.

Não sei se faz sentido, porque, como eu disse, parece loucura, mas eu sinto que um livro só é meu enquanto ele está guardado no meu computador. Depois do lançamento, ele pode ter sido *escrito* por mim, mas ele pertence *a vocês*, por isso, eu nunca releio o que já lancei. Sinto como se já não tivesse mais direito de acompanhar os personagens, afinal, pelos meses de escrita, eu fui a única a acompanhar isso de perto. Então eu deixo que vocês assumam meu lugar e aproveitem.

E com *Lembre-se De Mim* está sendo a mesma coisa. Só que um pouco pior, afinal, eu acompanhei Alex e Matt duas vezes.

Se você não sabe, o livro dos agentes, como costumava me referir a eles, foi escrito em 2020 e, desde então, o manuscrito ficou escondido numa pasta na minha área de trabalho, até que, por algum motivo, eu pensei sobre mostrá-los ao mundo.

Precisei refletir bastante antes de, efetivamente, tomar essa decisão. **LDM** é completamente diferente da Duologia e isso me gerou medo, mas, mesmo com medo, eu sabia que os agentes mereciam a mesma chance que os médicos receberam, então eu

tomei minha decisão, mesmo sabendo que precisaria evoluir tudo o que havia sido escrito.

Em julho deste ano, durante uma viagem de trabalho e logo após o lançamento de *Meu Pior Pra Você*, comecei o processo de reescrever a história de Alexandra e Matteo, fortalecendo-os para o mundo fora da segurança do meu computador. Foram dezenas de tentativas de começar o livro, mesmo que toda a história já estivesse pronta. Até que eu entendi que o que foi escrito, no passado, talvez não devesse continuar agora.

Muita coisa mudou. Muitas dores foram maiores. Muitos sentimentos foram intensificados e, finalmente, o livro dos agentes, que por um tempo se chamaria *Caminhos até você*, se tornou a versão que o mundo conheceria: *Lembre-se De Mim.*

E é essa versão que estou entregando a você, repetindo o mesmo pedido que eu fiz a cada uma das histórias que expus para o mundo: cuidem deles com carinho. Por um tempo, eles foram minha única companhia e hoje eu deixo que eles se tornem a companhia de vocês.

Agora, pra assinar meu atestado de loucura, quero deixar um recado pra mais dois personagens que estão deixando o conforto do meu computador para lutarem por um espaço nesse mundo: Alex e Matt... Obrigada. Vocês podem não ser os primeiros que elas conhecem, mas sempre serão os primeiros que eu me permiti escrever, do início ao fim. Vou sentir saudade de vocês, minhas lendas, mas sei que serão acolhidos onde quer que estejam.

Aproveitem a leitura e não se esqueçam de avaliar!

Ah, e em caso de surtos, minha DM está aberta (@autoradrisatys). Vou amar ver vocês tentando decidir qual é o favorito: Bruno, Leonardo ou Matteo.

NOTA DA AUTORA

PIRATARIA

Três notas da autora em um mesmo livro?

Sim.

Mas essa é bem curtinha. Só quero relembrar que você que pirateia livros está roubando o trabalho de alguém. Não me venha com isso de “é uma forma de incentivar”, porque essa é uma teoria merda e que pode gerar um impacto gigante na vida das pessoas que dependem disso!

Conclusão: Você está sendo um escroto e está usando uma teoria idiota pra embasar suas decisões estúpidas.

Os valores com que os livros são disponibilizados na Amazon são ilusórios, sem contar nas dezenas de promoções que, frequentemente, acontecem para incentivar a assinatura do Kindle Unlimited.

E, como se não bastasse, caso não queira gastar “todo” esse dinheiro, ao invés de roubar o trabalho de alguém que investiu tempo e dinheiro nisso, espere pelo momento em que o e-book vai estar gratuito, como aconteceu em quatro de outubro, a iniciativa da Iris, do Divulga Nacional, *Exploda Seu Kindle*, que juntou mais de mil e-books gratuitos pra que todos tivessem acesso. Ou então, entre em contato através da DM e vamos buscar uma solução!

Se você pirateia livros, não te desejo nada mais do que uma sessão com Matteo nos andares mais profundos da *Companhia.* No final do livro, entenderá.



PLAYLIST

Dedico este livro a você que amava a ideia

de ser uma agente secreta e que, com certeza,

seria ainda mais lendária do que Alexandra Kendricks.



PRÓLOGO

ALEXANDRA KENDRICKS

Dias atuais

Estou de boa, eu não sou seu amor

Se você me acha linda

Você deveria me ver usando uma coroa

Eu vou mandar nessa cidade de nada

Me veja fazer eles se curvarem

Um por, um por um

(You should see me in a crown – Billie Eilish)

DOU MAIS UMA OLHADA ao redor do corredor antes de girar a maçaneta com cuidado e me esgueirar para dentro do escritório do meu chefe.

Apesar do sapato de salto afivelado em meus pés, me movo com agilidade até sua mesa, mas nem mesmo perco tempo tentando abrir o cofre porque sei bem a quantidade de travas que o desgraçado colocou aqui para evitar que qualquer um chegue até sua mais nova invenção.

Uma invenção que pode custar a vida de dezenas de agentes.

Enfio a mão no bolso da frente do vestido preto que estou usando e puxo o aparelho que Ryan me entregou antes que eu viesse para Paris. É bem parecido com um *smartphone*, porém com

o único intuito de trocar os dados com o dispositivo que Samuel Teller guarda dentro desse cofre.

Para o mundo, Samuel é um gênio milionário com doutorado em ciência da tecnologia. Pelo menos é o que pode ser encontrado sobre ele na internet.

Mas para mim, esse desgraçado é um cientista maluco que inventou um dispositivo capaz de ultrapassar as barreiras de segurança de qualquer sistema conhecido. Quer dizer… foi o que Ryan e Lola me contaram.

Dizer que eu sou leiga quando o assunto é tecnologia é no mínimo um eufemismo, então preferi que meus dois *nerds* favoritos me explicassem o que eu preciso saber. E a explicação deles foi essa:

— É como um vírus infiltrado. Ele consegue passar pelas defesas do sistema e quando tá dentro da rede se torna um espião, enviando todos os dados para quem possuir essa tecnologia. Genial e perigoso pra caralho.

Eles também tentaram me explicar algumas coisas de códigos e *hardwares,* mas eu simplesmente desisti de entender, me mantendo atenta apenas na explicação sobre como evitar que criminosos pudessem ter esse tipo de poder.

— Esse é o K-X4 — disse Ryan, me entregando o aparelho. — Fizemos uma interface parecida com a de um celular pra que não fosse pego em nenhuma revista que você passe.

— E o que é que eu faço com isso? — questionei, girando-o em minha mão.

— Precisa deixar perto do dispositivo que o Teller criou — Lola respondeu. — E esperar.

— Quanto tempo?

— Até esse som aqui... — Ryan ergueu o aparelho e um *bip* baixo ecoou pelo lugar. — Soar.

— O que isso faz?

Os dois se entreolharam por dois segundos, antes que ele unisse os dedos, limpasse a garganta e dissesse:

— Eles vão trocar dados entre si. Nós vamos ficar com o código que o Samuel criou enquanto ele vai ficar com uma versão alterada da sua criação — sorriu. — Lembra que dissemos que o programa dele meio que “colocaria um espião” nas redes que invadisse? — Assenti, tentando acompanhar seu raciocínio. — Depois da troca de dados, nós teremos um espião também e vamos conseguir chegar até qualquer pessoa que compre isso. Além de que eles não conseguirão invadir mais nenhuma rede.

Apesar de já conhecer Ryan e Lola há mais de três anos, ainda me surpreendo com o quão inteligentes esses dois são. Eles são geniais, talentosos e únicos. Por isso trabalham onde trabalham.

Na *Companhia*. A matriz das agências de segurança.

De maneira resumida e com uma analogia que sempre me ajudou a entender como funciona essa cadeia entre as organizações governamentais, gosto de pensar que ela é a mãe dos outros órgãos.

Foi criada na década de quarenta quando a CIA e a Interpol quase iniciaram uma guerra pela custódia e direito de interrogatório de Zachary Malick.

Por não serem unidades subordinadas a um mesmo país, ninguém sabia como controlá-las. Ninguém sabia quem deveria controlá-las. Por isso, em uma reunião que uniu todos os chefes de Estados foi decidido que uma agência suprema deveria ser criada.

Ela estaria acima de todas as outras e interferiria apenas nos casos em que o conflito de interesses pudesse prejudicar a paz. Como uma mãe, que deixa os filhos interagirem e se resolverem, mas que aparta as brigas antes que as coisas fiquem muito sérias.

Apesar de ter demorado algum tempo para que todos aceitassem que seriam subordinados a uma agência recentemente criada, a resistência durou pouco e logo todos entenderam que não havia como lutar contra algo assim.

A força com que a *Companhia* começou, mesmo logo após a criação, a faz ser comparada com algo sobrenatural. As pouquíssimas pessoas que já ouviram sobre ela acham que é uma

grande invenção. Ninguém acredita que exista. É um fantasma. Um mito.

Coloco o K-X4 sobre o tampo da mesa e pressiono o botão, assistindo o papel de parede falso ser substituído pelo tom esverdeado enquanto o progresso da troca de dados se inicia.

Lola disse que demoraria por volta de sete minutos. É um tempo relativamente longo, mas considerando que a festa de aniversário de Samuel está acontecendo nesse segundo e há toda uma equipe contratada para organização do jantar, não acho que a minha ausência seja notada, ainda mais por um período tão curto quanto…

O som da porta sendo aberta atrás de mim interrompe meu pensamento positivo e mostra que estou fodida.

Me mantendo no disfarce, me sobressalto e me viro, assustada, dando de cara com Samuel Teller parado na porta de seu escritório, o olhar severo sobre mim.

— O que está fazendo aqui, Rony?

— E-eu...

Porra!

Se eu já não estivesse trabalhando aqui há mais de duas semanas, poderia inventar alguma desculpa idiota como “estava procurando o banheiro”. Acontece que eu já estou brincando de Veronica Sanders, ou Rony, a empregada doméstica que fugiu da casa dos pais em Londres, há mais de quinze dias, então não posso dizer que me perdi.

— Veronica, o que você está fazendo dentro do meu escritório?

Não posso dizer que estou perdida. Não posso dizer que estou tentando roubar sua tecnologia. O que é que eu poderia estar querendo aqui?!

Merda.

Assim que me pergunto isso, a ideia surge em minha mente.

Se eu não estivesse acostumada a passar por esse tipo de coisa, sentiria meu estômago embrulhar com a mínima hipótese de

fazer algo desse nível, ainda mais com um homem que eu sei que não se importa em usar a força física com sua mulher ou filhas, mas nós precisamos lutar com as armas que temos e, nesse segundo, eu sou minha única arma.

— Eu... — engulo em seco e dou um passo à frente, deixando que meus olhos caiam por seu tronco.

— Responda a minha pergunta, Veronica.

Seis minutos.

Só preciso enrolar esse pedaço de merda por *seis minutos*.

Dou mais um passo adiante, posicionando meu corpo para evitar que sua visão caia sobre onde o dispositivo está.

— Eu ouvi o senhor, ontem à noite — digo em voz baixa, cautelosa. — Com aquelas mulheres.

Porque Samuel, além de constantemente acertar a mão no rosto da mulher e das filhas, é um desgraçado que traz prostitutas para a mesma casa em que vive com a família e não faz a menor questão de esconder esse fato.

Eu realmente os ouvi ontem à noite. Mas aposto que os gemidos escandalosos foram originados pelo alto valor que ele estava pagando, não pelo sexo.

— E eu queria saber se o senhor poderia fazer o mesmo comigo. — Minha voz sai baixa, o sotaque britânico falso dançando em minha língua com uma facilidade invejável.

Acontece que eu sou como Ryan e Lola. Genial, talentosa e única.

Se a *Companhia* é um *mito*, eu sou uma *lenda*.

E é por isso que assim que estou em sua frente, os olhos de Samuel nem mesmo tentam seguir para a mesa porque estão focados demais no movimento que faço de abrir o primeiro botão do vestido que estou usando.

Não sei ao certo se eles compraram esse uniforme de empregada em uma loja de uniformes ou em algum site de produtos eróticos, porque assim que me vesti, me senti no *set* de um filme

pornô, principalmente com os botões na parte da frente, que agora estão sendo bem úteis para prender a atenção desse velho nojento.

Cinco minutos.

Com certeza seria mais fácil simplesmente matá-lo. Mas isso dificultaria o processo de venda do dispositivo e, por consequência, deixaríamos de chegar até qualquer possível comprador, por isso, abro mais um botão de maneira lenta.

Samuel engole em seco no segundo em que meu sutiã fica à mostra e eu quase vomito ao notar um movimento *mínimo* em sua calça.

— Preciso dar atenção aos convidados.

— Eu não preciso de muito tempo — garanto e paro de abri-los, mudando a atenção para o elástico de cabelo que está segurando meus fios em um rabo de cavalo, soltando-os.

Na verdade, preciso apenas de *quatro minutos*.

Esses estão sendo os sete minutos mais longos da minha vida. É bom Ryan e Lola serem geniais o suficiente para na próxima isso durar menos.

— Agora não, Rony.

Claramente não estou sendo convincente o suficiente com esse imbecil e não me surpreendo.

Eu tenho nojo dele desde o dia em que vi o sangue escorrer pelo nariz de sua mulher, logo após o tapa que ele deu em seu rosto. Naquele mesmo dia, pensei em matá-lo, mas pensando em meu disfarce, permiti que ficasse vivo, me contentando apenas em lavar os vasos sanitários da casa com sua escova de dentes.

— Hoje à noite, você vai para o meu quarto e eu faço o que está me pedindo, mas agora... — enquanto diz essas palavras, dá um passo para o lado e abre a porta.

E é quando a merda acontece.

Assim que saio de seu campo de visão, os olhos de Samuel caem sobre o ponto exato onde o K-X4 está com a tela ligada e é como uma reação em cadeia.

Em um segundo, ele está olhando para a mesa, no outro, está acertando o dorso da mão contra a minha face.

É um movimento tão rápido e forte que eu nem mesmo tenho tempo de me preparar antes que o golpe acerte meu queixo. O impacto faz com que eu gire meu rosto e minha visão se torne turva por alguns segundos, o que impede que eu veja o momento em que Samuel agarra meu pescoço com força e me empurra contra a porta fechada.

Se eu estava com nojo de imaginar Samuel me tocando, esse cheiro de cigarro tão perto de mim é ainda pior, principalmente quando me lembro de como esse aroma sempre vinha acompanhado da dor que minha mãe infligia ao apagá-los em minha pele.

— Quem é você? — rosna e aperta minha garganta, cortando parte do ar.

Apesar da razoável certeza que tenho de que meu disfarce já foi para o inferno, não deixo de tentar parecer assustada ao ser segurada assim e logo envolvo seu punho, choramingando e me debatendo.

— Sr. Teller, por favor... — Meus olhos marejam com facilidade. — Eu... eu sinto muito! Achei que...

Mais um tapa forte estala na lateral do meu rosto.

— Para de mentir, porra! — Com um movimento duro da mão em meu pescoço, acerta minha cabeça contra a parede. — Quem é você, vagabunda?

E nesse segundo, eu sorrio.

Veronica Sanders não sorriria ao se sentir ameaçada assim. Acontece que não estou mais brincando de ser a britânica assustada que precisa de um emprego pra se manter fora da casa dos pais. Agora eu posso voltar a ser Alexandra Kendricks.

E Alexandra Kendricks é uma arma letal.

Samuel não tem tempo de tentar entender meu sorriso antes que uma das mãos que está ao redor de seu punho acerte a parte

de trás do seu cotovelo, fazendo com que seu braço se vire em um ângulo nem um pouco anatômico enquanto ele grita, se afastando.

— Sammy! — repreendo, balançando a cabeça e torcendo a boca para onde ele segura o braço contra o corpo. — Não queremos atrapalhar a festa, não é?

— Quem é você?!

— Seu pesadelo. — Dou de ombros, sem precisar me preocupar com a ausência do sotaque ou com a expressão assustada que Veronica precisava ter.

Mantendo a atenção sobre onde o velho imundo está, caminho até a mesa e olho a tela do celular, encontrando o carregamento em pouco mais de cinquenta por cento.

— Quem mandou você, sua puta?

Suspiro e, sem nada melhor pra fazer, me viro para ele, dando um sorriso zombeteiro.

— Se decida, *chefinho*. Tá tentando me ofender? Porque esse tipo de apelido só serve pra me deixar molhada.

— Eu vou te matar! — anuncia e eu rolo meus olhos.

— E como pretende fazer isso? — Faço um biquinho, me divertindo com o misto de dor e irritação que cobre seu rosto. — Seu braço provavelmente está quebrado. — Aceno com o queixo. — Você é velho. E... — Dou um passo em sua direção. — Eu ainda preciso mostrar que você não é o único que sabe como bater em uma pessoa.

Ao dizer minha última palavra, acerto um soco em seu queixo, sentindo os nós dos meus dedos queimarem com o impacto forte que o faz cambalear para trás.

— Isso aqui foi pelo tapa que deu em Soraya só porque ela disse que não aguentava terminar o jantar. — Mais um soco. — E isso foi por ter arrastado Sarah pelo cabelo quando ela pediu pra você não bater na mãe dela. — Outro soco. — Esse foi pelo golpe no rosto de Megan.

Samuel com o nariz e boca sangrando tropeça pela sala e apesar da dor em meus dedos, saber que estou batendo nesse

desgraçado só me deixa mais e mais eufórica, a adrenalina correndo por mim à medida em que penso em cada vez que encontrei um novo hematoma em alguma delas.

Ele cambaleia para trás da mesa e desaba sobre a cadeira giratória, que desliza para longe e o faz cair no chão.

Olho para o aparelho.

Dois minutos.

Volto a encará-lo e, sem aviso, chuto suas costas forçando seu peito a atingir o chão com um golpe seco.

— Já no chão, Sammy? — questiono e posiciono o salto do sapato sobre sua mão, pressionando-o. — Apanhar não é tão bom quanto bater, não é? — Aumento a pressão. — É ruim ter alguém mais forte te golpeando, não é? — Ouço o estalo de alguns ossos quando piso com ainda mais força.

Interrompo seu grito quando agarro o topo de seu cabelo e bato seu rosto contra o chão.

— Eu não gosto de gritos — aviso e antes de me abaixar ao seu lado, checo o celular mais uma vez.

Um minuto.

A ideia inicial era que Samuel ficasse vivo.

Ele já deve ter contatos de possíveis compradores e isso facilitaria a venda do aparelho e nossa entrada na rede dos criminosos que o adquirissem. Então o plano ‘A’ era que minha presença passasse despercebida, assim após o término da missão ninguém nem mesmo lembraria sobre Veronica Sanders. Samuel venderia o dispositivo, a *Companhia* chegaria até alguma outra organização e, eventualmente, ele seria morto quando passasse a ser considerado um traidor.

Esse era o plano original. Mas o plano original dependia de que eu não fosse descoberta.

E eu fui, o que eu sempre soube que aconteceria, considerando que odeio planos, principalmente os que não envolvem minhas decisões improvisadas.

Então agora estou iniciando o plano ‘B’.

— Você não devia ter entrado aqui — digo próximo ao seu ouvido antes de, com um movimento certeiro, torcer seu pescoço.

Seus gemidos de dor cessam no instante em que a vida se esvai e antes que eu possa me sentir mal por ter matado uma pessoa, paro pra pensar em todas as vezes que assisti sua filha de seis anos andar por essa casa com o rosto machucado. Como a mais velha, Soraya, constantemente tentava esconder os hematomas. Como sua esposa, além de ouvir o marido transando com prostitutas, chorava todas as noites por não poder proteger as suas meninas daquele monstro.

Esse homem merecia a morte.

E eu lhe dei isso.

Sua cabeça despenca no chão no mesmo segundo em que o *bip* soa, indicando o término da troca de dados.

De maneira tranquila, abandono o corpo jogado sobre o tapete persa que custou mais do que uma casa, mas que não parece tão caro agora, enquanto o sangue escorre de sua boca e suja o tecido.

— Te encontro no inferno, Sammy — digo, colocando o dispositivo de volta no bolso do vestido.

Pressiono o botão do pânico sob a mesa, avisando que alguém está tentando assaltar o escritório.

Pego a estatueta de ouro de cima da mesa e golpeio o cofre de titânio algumas vezes, satisfeita pelas ranhuras que consigo criar.

Por fim, tiro os saltos e corro para fora dali, fugindo bem no momento em que ouço os passos apressados da equipe de segurança invadindo o local.

Sigo pelo caminho que percorri nessas duas últimas semanas e que considero a melhor rota de fuga até o telhado da mansão e sorrio quando o som alto da hélice se torna audível, mesmo sob a música que ecoa da festa. Empurro a porta e sinto o vento frio da noite francesa me atingir com ainda mais força graças ao movimento do rotor da aeronave.

— Precisa de uma carona, Kendricks? — Wilson questiona, sorrindo amplamente enquanto me estende a mão e me puxa para dentro do helicóptero, no momento exato em que saímos do chão.

Caio sentada ao lado de Josh e me afundo no banco, me escondendo dos tiros que são disparados pela equipe de segurança que invade o telhado.

Não sei ao certo quantas pessoas tentam atirar em nós, mas Wil dá apenas quatro disparos antes que o único som seja o da hélice cortando o ar frio.

— Olá, garotos — sorrio, assim que minha respiração se acalma. — Sentiram saudades?

Joshua Gonzales e Wilson Michaels são parceiros e estão na *Companhia* há, mais ou menos, quatro anos.

Enquanto Jay tem a mentalidade de um velho de setenta anos, Wil parece ter doze. Os dois são extremamente diferentes. Acho que, tirando a habilidade como agentes e o porte físico, eles não têm nada em comum.

Joshua tem trinta e dois anos, raízes espanholas e a seriedade de uma múmia. Centrado, sério e calmo. Ótimo com combate corpo a corpo, mas não é tão bom com armas. Ele é o que as mulheres costumam definir como... gostoso pra caralho. Pele morena, cabelos escuros, olhos claros e um corpo definido.

Wilson Michaels, ou Wil, como prefere ser chamado, tem vinte e oito anos, jura ter raízes italianas só porque gosta de pizza, e parece ser incapaz de pensar antes de agir. É bom em combate corpo a corpo, principalmente por todos os anos como lutador de MMA. Tem facilidade com armas de cano curto e também é facilmente definido como gostoso pra caralho. Tem o cabelo mais curto que o de Josh, porém é dono de um corpo tão definido quanto o do parceiro.

Jay é a razão. Wil é a emoção.

E os dois juntos são como uma engrenagem perfeita.

— O plano não deu certo? — Josh questiona, puxando a porta fechada e eu encolho os ombros.

— Me descobriram — respondo e aceito o casaco que Wil me entrega, antes de passá-lo por meus ombros e fechar os botões do vestido, ocultando meu sutiã e prendendo meu cabelo.

— Aham — Wilson debocha e se inclina para trás, antes de se voltar e me entregar uma maleta prateada. — Agora fala a verdade.

— É a verdade.

— Não é — Jay garante enquanto coloco o K-X4 dentro da maleta e a travo. — Você queria matar o cara, não queria?

— Claro que ela queria matar o cara.

— É, eu queria matar o cara! — confesso e rolo os olhos, aceitando minha Glock assim que Wil vira a empunhadura pra mim, o peso do armamento em minha mão me trazendo a mesma sensação de conforto de sempre. — Mas como vocês sabem?

— Você só é descoberta quando quer, Kendricks. E todo mundo sabe disso.



01

ALEXANDRA KENDRICKS

Oito anos atrás

Mas eu fiquei mais inteligente, fiquei mais forte com o passar do tempo

Querido, eu me levantei dos mortos, faço isto o tempo todo

Tenho uma lista de nomes e o seu está em vermelho, sublinhado

(Look what you made me do – Taylor Swift)

ME DEIXA COMEÇAR do começo...

Era uma vez, uma família. O papai, a mamãe e a filhinha.

Em um belo domingo de manhã — que pode muito bem ter sido uma terça-feira à noite, eu não me lembro — o papai saiu de casa e... nunca mais voltou.

Ele disse que estava saindo para comprar os cigarros que sua esposa tanto gostava.

Horas se passaram e essas horas se tornaram dias, que se tornaram semanas, que se tornaram meses e anos, e ele nunca mais voltou.

Acontece que enquanto esse tempo passava, muita coisa acontecia. Principalmente as surras que aquela garotinha levava de sua mãe mentalmente instável.

E aquela garotinha era eu.

Não me lembro bem quando começou. Não sei se o primeiro golpe que tomei foi um tapa, um chute ou um soco. Mas os

hematomas em meu corpo se tornaram algo tão frequentes que pareciam marcas de nascença que mudavam de lugar ao longo do tempo.

Também não me lembro quando deixei de me importar com a dor ou perdi a capacidade de chorar. Acho que foi depois de ouvir tantas vezes que a surra seria maior caso eu derramasse alguma lágrima, então eu nunca chorei. Nem mesmo quando fui trancada pra fora de casa durante uma tempestade estrondosa.

Acontece que mesmo que eu não chorasse, as surras continuavam longas demais. Até que um dia, quando tinha quatorze anos, uma professora da escola que eu frequentava viu algumas marcas em meus braços.

Quando a assistente social foi chamada e falou comigo, eu contei a verdade.

Apesar de ter medo de ir para o orfanato e, segundo minha mãe, precisar comer baratas, eu não achava que nada pudesse ser pior do que continuar naquela casa com Alex Elize Kendricks, então passei longas horas contando tudo o que eu havia passado com minha mãe.

No mesmo dia, fui enviada para um orfanato no centro de Los Angeles, onde descobri que além de uma agressora, ela também era uma puta mentirosa.

Depois que perdeu minha guarda, nunca mais levei um único tapa. Nunca fui trancada na chuva e nunca ouvi ameaças. Eu tinha onde dormir, o que comer e não sentia dor. Ah, e não comia barata nenhuma!

Mas nem tudo são bônus, não é mesmo?

Os ônus também vieram.

Eu precisava frequentar a escola e manter boas notas, além de toda semana perder meu tempo conversando com uma desconhecida que, na teoria, me ajudaria a entender os meus traumas. A terapia só me ajudou a entender que eu sou emocionalmente quebrada.

E isso fica ainda mais claro agora, enquanto assisto o vídeo do meu namorado fodendo outra mulher e não sinto nem um pouco

de tristeza. Sinto apenas... raiva.

A escola que fui obrigada a frequentar era de elite que, para ficar bem-vista aos olhos da população, oferecia bolsas de estudo para algumas pessoas. Fui uma das sortudas, *ou azaradas*, a conseguir essa bolsa e me tornei um projeto de caridade.

Os alunos da *Sain't Mikael Private School* eram em sua maioria filhos de famosos, quer fossem estrelas do cinema, ou diretores de Hollywood, e mesmo com a grande quantidade de pessoas acostumadas a serem o centro das atenções, adivinha quem foi a pessoa mais notada naquele lugar?

Pois é. Eu.

A órfã pobre com certeza destoaria em um local cheio de gente rica, sorridente e... normal. Assim que cheguei, eu chamei atenção.

Inclusive, de Adam Lester, o filho do prefeito de LA.

Logo na minha segunda semana de aula, ele se aproximou e depois de alguns meses, quando me chamou pra sair, eu aceitei.

Adam era gentil, bonito e tinha um sorriso fácil. Eu o achava um pouco sem graça, mas sempre considerei que esse pensamento vinha do fato de eu ter a cabeça fodida, então decidi ignorar minha própria opinião.

Ele tirou minha virgindade no primeiro encontro.

Como sempre, foi gentil, atencioso e paciente comigo e com minha falta de experiência, mesmo que ele também não parecesse ser tão experiente assim.

Alguns encontros depois, ele me pediu em namoro e apesar da vontade que eu tinha de conhecer mais coisas e pessoas, Adam tinha algo que fazia com que um relacionamento com ele se tornasse uma *ótima* opção: seu pai.

Não que eu me interessasse pelo Sr. Lester. Mas o prefeito tinha uma grande influência em LA, então sempre que seu único filho pedia ao orfanato para que sua namorada passasse um tempo fora, a diretora autorizava.

Era como se Adam fosse o ônus que viesse com o bônus de ter um pouco de liberdade. E eu aceitava isso.

Meus traumas não me permitiam amá-lo, mas, com o tempo, eu me acostumei com a ideia de ser sua namorada, porque foi isso que eu me tornei. *A namorada de Adam Lester*. Até mesmo a diretora da escola me chamava assim e mesmo não gostando *tanto* de ser reduzida a isso, notava como todos falavam como se isso fosse um enaltecimento, então mais uma vez ignorei o desagrado que eu sentia, assumindo que era apenas mais um problema causado por meus traumas.

Considerando que sempre fui tratada como lixo, principalmente pela pessoa que deveria cuidar de mim, passei a ver qualquer gentileza direcionada a mim como motivo de gratidão.

Então não, eu não amava Adam. Mas eu era grata a ele. Por isso, sempre ignorei os olhares que os caras me direcionavam. Nunca retribuí sorrisos de flerte e bloqueava números de celulares e perfis que me mandavam mensagens.

Por gratidão, eu me mantive fiel a ele

E agora, vejo que posso enfiar essa gratidão no meio da minha bunda! Assim como ele enfia o pau dentro de uma garota que eu nunca vi na vida.

— Que filho da puta! — resmungo baixinho, principalmente ao ver como ele está fodendo-a com uma performance muito melhor do que ele usa pra me foder.

Fodeu outra e ainda a fodeu melhor?!

Cretino!

Espero ciúmes ou mágoa, mas sinto apenas raiva.

E nem é raiva dele! É minha! Porque eu, mesmo não gostando de estar amarrada, me mantive em um relacionamento!

E essa raiva é o que faz com que eu não mande mensagem para ele terminando tudo. Essa raiva é o que faz com que eu não quebre nada do apartamento que divido com ele desde quando saí do orfanato.

A raiva que eu sinto faz com que eu me mantenha calma o suficiente para planejar minha vingança.

Então, eu sorrio enquanto ao meu redor a voz do meu namorado ecoa quando ele repete o nome da garota que fode. *Leah*.



O aperto suave em meus dedos atrai minha atenção e eu olho para o rosto de Adam, mantendo a expressão neutra ao encontrar seus olhos.

— Tente ser legal com as pessoas.

Bufo um riso.

— Tá me chamando de chata?

— Não — diz prontamente. — Mas você costuma ser meio fechada.

— Não se preocupe. Vou tentar me abrir mais.

Tanto quanto Leah estava aberta pra você.

Com certeza minha ideia de vingança não é algo tão ético, mas estou seguindo a mesma linha de raciocínio que o meu namorado.

Ele me traiu e eu vou pagar na mesma moeda.

E, óbvio, depois vou terminar com esse imbecil. Mas primeiro quero que ele se sinta humilhado, porque mesmo que eu não tenha sentido nada além de raiva por ter sido estúpida o bastante para ser fiel a um cara que não fez o mesmo, sei que ele não vai gostar quando descobrir que dei pra outro cara enquanto ainda era a *namorada de Adam Lester.*

Porque sim, além de traí-lo, vou fazer com que ele descubra.

Qual seria a graça de me vingar, se a vingança não servisse nem para incomodá-lo?

Ele me conhece há mais de três anos e mesmo assim é incapaz de notar qualquer sombra em meu rosto, apesar de me observar de perto.

Só não tenho certeza se isso acontece porque ele não se importa tanto quanto eu pensei que se importasse ou se minha proximidade com os filhos da *elite hollywoodiana* acabou me mostrando como ser uma boa atriz.

Independente do motivo, Adam não perde muito tempo me olhando antes de sorrir, pressionar meus dedos e voltar sua atenção para a porta da mansão em nossa frente.

Quando me formei no Ensino Médio, decidi não cursar nenhuma faculdade porque nunca me imaginei fazendo nada pelo resto da minha vida.

Cheguei a pesquisar algumas áreas de atuação, alguns cursos e nada chegou perto de me animar quando pensei que, em alguns anos, estaria fazendo a mesma coisa.

É o mesmo que sinto quando penso em formar uma família.

Sei que a sociedade espera isso de mim, mas eu não quero. Nas vezes em que o traidor falou sobre futuro comigo, mesmo antes de eu ter conhecimento sobre a traição, senti meu peito apertar porque só conseguia pensar em como seria acordar todos os dias ao lado do futuro candidato a senador.

Nas poucas vezes em que me permiti imaginar como seria uma vida com Adam Lester, tive certeza de que não queria nada daquilo e, mesmo com essa certeza, me mantive enfiada em um relacionamento com ele.

Tudo isso pra quê?

Para receber um vídeo de um número desconhecido que mostrava como ele também tinha outros planos para o futuro.

Eu não entendo, sabe?

Qual o motivo para trair? Nunca dei indícios de que criaria problemas caso ele falasse sobre término, nunca dei indícios de que não aceitaria um relacionamento aberto. Então por que ele apenas

não disse que estava insatisfeito? Nós dois poderíamos estar felizes, seguindo nossas vidas.

Mas não.

Adam fez uma escolha e agora vai arcar com as consequências.

A porta se abre e eu faço questão de quebrar o contato com a mão de meu namorado no segundo em que quatro caras que são grandes como geladeiras se lançam sobre ele, animados e claramente bêbados.

Ele é como uma celebridade para essas pessoas. E mesmo que eu tenha me acostumado a estar ao seu lado, não faço a menor questão de dividir os holofotes com ele, então sem me despedir apenas saio de perto da bagunça, seguindo até onde vários copos vermelhos estão dispostos sobre o balcão.

Olho para as duas opções de bebidas e apesar de não gostar de cerveja, gosto ainda menos do cheiro da vodca que funciona como um gatilho para as memórias de minha mãe e dos golpes desferidos em meu corpo.

Não consigo lembrar direito se ela costumava acender o cigarro antes ou depois dos primeiros goles de álcool, mas era a junção que sempre levava ao mesmo resultado. E eu odeio lembrar deles, por isso me mantenho longe da vodca, decidindo pegar um copo de cerveja antes de seguir para o ponto mais vazio da casa: a mesa de sinuca.

Encosto a lateral do meu quadril contra ela e apoio o copo em minha boca, estudando o espaço. Ou melhor, estudando *os caras* que zanzam pelo espaço.

Diferente de antes de receber o vídeo, quando noto as encaradas prolongadas ou sorrisos sugestivos, não desvio o olhar e finjo não ter percebido. Na verdade, faço questão de manter contato visual, curiosa pra ver se um deles pretende fazer algo além de me observar de longe. Mas mesmo deixando minha curiosidade evidente, também não abro espaço pra que ninguém se aproxime de mim porque nenhum parece ser interessante o suficiente.

Atitudes infantis, brincadeiras idiotas, comentários bobos.

Enquanto assisto a interação dos amigos de Adam, não posso deixar de pensar em como essa cena deve ser costumeira em uma creche. *Ou em um zoológico*.

Começo a sentir meu plano de vingança ir por água abaixo porque mesmo que eu queira muito transar com alguém para me vingar dele, não consigo me imaginar ficando molhada por nenhum desses imbecis que mais se parecem com animais selvagens!

Torço a boca e dou um gole na cerveja, mas me sobressalto no segundo em que ouço um pigarreio vindo de trás de mim, fazendo com que me vire no mesmo instante.

Até gostaria de dizer que a primeira coisa que noto sobre ele é seu rosto, mas não consigo olhar pra longe de seu peito nu, principalmente com as gotas de água deslizando pela pele bronzeada, contornando cada uma das ondulações de seus músculos.

E existe a grande possibilidade de eu estar babando.

A bermuda preta pende em seus quadris, logo abaixo das entradas que levam até sua virilha e antes que meu olhar se fixe no volume que ele pode ou não ter ali, volto o caminho até seu rosto, que é tão incrível quanto seu corpo.

Esse cara é assustadoramente bonito.

Mesmo que morenos nunca tenham atraído minha atenção, o conjunto do cabelo preto e molhado, com as gotas contornando seu rosto, os olhos castanhos, sobrancelhas grossas e maxilar quadrado, faz com que seja impossível não compará-lo com um anjo.

Acontece que eu tenho certeza de que anjo nenhum seria capaz de sorrir de maneira tão perversa quanto ele, como se cada um dos meus pensamentos estivessem expostos para seus olhos.

E nem mesmo se eu quisesse, conseguiria olhar pra longe.

— Não quis te assustar — é a primeira coisa que diz e não posso deixar de notar que até sua voz é gostosa.

— Não assustou.

— Tem certeza? — Ergue a sobrancelha. — Você parece assustada.

— Talvez porque eu não estivesse esperando que um desconhecido chegasse tão perto de mim assim — alfineto.

— Talvez eu esteja tão perto assim porque quero alguma coisa.

Ele parece ter a mesma idade dos outros caras que estão pela casa, talvez dois ou três anos mais velho do que eu, mas diferente dos idiotas que mais se parecem com um bando de animais, ele se parece com um caçador.

E pela forma como me olha, eu sou sua caça.

E talvez eu queira ser caçada.

— E o que você quer?

— Jogar.

Jogar?

Não sei o que responder.

Mesmo que nunca tenha aprendido a flertar, principalmente por conta do meu relacionamento com Adam ter sido minha única experiência com homens, é nítido que é isso o que ele está fazendo comigo, tanto pelo tom baixo e provocante de sua voz, quanto pelo sorriso que se mantém constante enquanto me olha.

Não sei se ‘jogar’ deveria significar alguma outra coisa, por isso me mantenho em silêncio, apenas sustentando o peso de seu olhar.

— Posso?

— Quer jogar comigo? — me arrisco a perguntar.

— Você sabe?

Ele está mesmo me perguntando se eu sei transar?

Já ouvi que algumas pessoas não têm muito senso, mas não imaginava que existisse alguém que tivesse coragem de perguntar isso a um desconhecido.

Uma ponta de diversão cruza seu rosto e eu tenho razoável certeza de que isso tem a ver com o rubor que sinto subir pelo meu

pescoço. Ele com certeza imagina o que estou pensando.

— Do que você está falando?

Ele ri e acena para o lado, fazendo meu rosto esquentar ainda mais quando finalmente entendo sobre o que é a conversa.

— Tá me chamando pra jogar *sinuca*?

— Achou que estivesse te chamando pra quê?

— Costuma usar esse tipo de psicologia reversa com todo mundo ou só com quem não conhece?

— Se eu disser que é algo que faço só com desconhecidos, vai se apresentar pra mim?

— Vai saber meu nome quando eu souber o seu.

— Tudo bem. — Concorda e estende a mão entre nós dois. — Matteo Fawcett.

Matteo.

— Alexandra Kendricks — respondo, repetindo o gesto.

Minha mão quase desaparece dentro da sua e mesmo com as gotas de água, seu toque é quente.

Será que todo seu corpo, mesmo molhado, tem a mesma temperatura?

— É um prazer, Alex. E então? Quer jogar?

Meu nariz se franze para a forma como ele me chama e nem mesmo sua beleza é o suficiente para que eu ignore o incômodo que sinto ao ser chamada pelo mesmo nome da minha mãe. E, apesar de ter ciência de que ele não saiba sobre o tipo de lembrança que isso me traz, parte do... *encanto* que sinto por ele, se quebra.

— É *Alexandra* — esclareço, sem me importar em parecer grosseira. — E não, obrigada. Não sei jogar.

Matteo tomba a cabeça para o lado, refletindo por alguns segundos, então provando que pode agir como o bando de caras que estão nessa casa, diz:

— Você combina com Alex. Vou te chamar assim.

Como uma criança birrenta, cruzo os braços.

— Então eu vou te chamar de Matt — anuncio, fazendo-o sorrir.

— Pode me chamar do que quiser. Prometo que vou te responder.

Não entendo o motivo, mas suas palavras parecem me desconfigurar por alguns instantes, tirando mais uma vez a minha capacidade de responder.

Entretanto, Matteo não espera que eu diga nada antes que se incline e puxe dois tacos de sinuca da parte de baixo da mesa, estendendo um deles para mim.

— O que é isso? — me forço a questionar.

— Vamos jogar — responde de uma maneira que não parece um pedido, mas que está longe de se parecer com uma ordem.

— Eu nunca joguei.

— Então como diz que não sabe?

Será que ele está bêbado?

Assim que penso nessa possibilidade, a descarto porque não parece nem um pouco alterado. Na verdade, ele parece se divertir com o meu receio em aceitar fazer algo tão bobo quanto participar de um jogo de sinuca.

Me sentindo desafiada, aceito o taco, mas não me movo ao olhar para a mesa.

Não tenho a menor ideia do que fazer e sei que isso fica claro quando ele volta a se aproximar de mim e acena para a mesa.

— Se inclina pra frente.

Tudo bem...

Quando cheguei aqui e comecei a olhar todos os homens ao redor, minha ideia era encontrar um cara que pudesse me ajudar a me vingar de Adam. Esse era o objetivo.

Mas não é nisso que eu penso quando o imagino repetindo essas palavras enquanto vestimos um pouco menos de roupa. Aqui e agora, perto de Matteo, não sinto desejo de vingança. Sinto desejo dele.

— E agora? — pergunto, olhando por cima do ombro, encontrando seus olhos fixos em meu rosto.

Ele não tem tempo de me responder porque um riso alto ecoa pelo espaço e eu volto meu olhar para onde Adam envolve os braços ao redor de uma garota de cabelos cacheados que se lança sobre ele, rindo.

— Não vi que já tinha chegado, Aid! — Ouço-a dizer, assim que se afasta e consigo ver seu rosto. O mesmo rosto que vi no vídeo que recebi hoje mais cedo.

Leah.

Além de endireitar minha coluna, não faço mais nenhum movimento enquanto assisto aos dois, sem saber direito o que esperar, principalmente ao ver a forma como parecem prontos pra foderem um ao outro.

— Conhece ele? — Mais uma vez me sobressalto com a pergunta de Matteo, mas não me viro para olhá-lo, focada em cada detalhe da interação dos dois.

— É meu namorado — respondo seca e me surpreendo quando o escuto soltar um riso. — Tá rindo do quê? — a irritação em minha voz chega a ser palpável porque, nem fodendo, que um desconhecido vai debochar da situação ridícula em que me encontro.

Matteo pode ser bonito como o diabo, porém eu não vou ouvir suas piadinhas sobre como meu *namorado* parece pronto pra comer outra garota, mesmo que eu saiba que isso é exatamente o que está acontecendo.

— Sabe a mulher que tá com seu namorado?

— O que é que tem?

Ele desvia os olhos para mim.

— É a minha namorada.

Não sei se faria isso se pensasse mais alguns segundos, mas nem mesmo me dou tempo de raciocinar antes que diga:

— Eles estão transando.

Matteo também não precisa pensar antes de responder:

— Eu sei.



02

MATTEO FAWCETT

Oito anos atrás

Estou envolvida com coisas de justiceira outra vez

Eu não começo merda nenhuma, mas posso te dizer como termina

Não me entristeço, me vingo

(Vigilant Shit – Taylor Swift)

MEU PAI ERA CATÓLICO e mesmo não sendo um frequentador tão assíduo da igreja, ele costumava dizer que tudo na vida acontece por um motivo.

Deus tem um plano pra tudo.

Acho que de tanto ouvi-lo dizer isso, quando eu tinha dezoito anos, parei de acreditar em Deus, afinal, qual poderia ser o plano Dele que envolvesse a morte dos meus pais de maneira tão trágica?

Um desabamento.

A porra de uma casa mal construída onde estavam passando as férias e que desabou sobre a cabeça dos dois, matando Mary e Charles Fawcett.

Me lembro de receber a ligação informando sobre o fato e me lembro de como mal enxergava a tela do celular enquanto digitava a pesquisa mais absurda da minha vida:

Como organizar um velório duplo?

Deu certo.

Consegui organizar tudo e, depois, os dois foram cremados.

Levei as cinzas até a praia onde eles haviam se conhecido e chorei ao me despedir.

Na mesma noite, incapaz de lidar com a dor que eu sentia ao entender que nunca mais veria meus pais, peguei uma mochila e saí da casa onde havia crescido, desesperado para encontrar alguma coisa que fizesse a dor desaparecer.

Achei que fosse rodar apenas os EUA, mas quando dei por mim, estava na Espanha. E não, não foi bonito.

Não me lembro de quase nada do ano posterior à morte dos dois. Eu bebia até desmaiar, fodia até não saber meu próprio nome e arrumava o máximo de brigas que eu conseguia.

No começo, procurava anestesiar o sofrimento, mas depois de um tempo, entendi que isso era impossível, então tentava apenas sentir alguma coisa mais forte do que a angústia e a mágoa que quase não me deixavam respirar.

Por um tempo deu certo, até o dia em que acordei jogado no chão do banheiro do quarto de hotel onde morava e olhei para o meu braço, encontrando uma agulha fincada em minha pele.

A realidade me atingiu com a força de um ciclone e enquanto eu vomitava, com nojo de mim mesmo, não pude deixar de pensar em como meus pais estariam decepcionados se vissem seu único filho desse jeito, se drogando.

Eu não sabia se já estava no ponto de me considerar um alcoólatra, mas com medo de não conseguir recuperar o rumo da minha vida, ainda na Espanha, cheguei até uma clínica de reabilitação.

Passei dois meses internado mesmo que desde o começo tenha percebido que não era dependente da bebida ou das drogas. Não passei por crises de abstinência ou tive vontade de voltar a beber, mesmo após ter saído de lá e ter voltado para LA.

Acho que o ano que passei fugindo da dor foi o suficiente para que ela se tornasse menor.

Quando voltei para cá, entendi que precisava me tornar o adulto que meus pais haviam me preparado para ser. Nunca mais cheguei perto de drogas e a quantidade de álcool que eu ingeria era quase nula. Vendi a casa onde havia crescido e comprei um apartamento menor. Passei a treinar para seguir os passos do meu pai e me juntar ao Departamento de Polícia de Los Angeles.

Fiz tudo o que eu podia para sentir que estava os orgulhando. Inclusive, abrir espaço em minha vida para Leah Spencer, a garota que havia crescido na casa ao lado da minha, mesmo que ela nunca tenha chegado perto de atrair minha atenção.

Alguns meses após ter voltado para os EUA, durante uma das minhas corridas, acabei passando próximo ao meu antigo bairro e nós dois nos esbarramos.

Mesmo que ela ainda não fosse tão interessante para mim, sua beleza era inegável, além do bom humor que sempre foi algo tão atrativo para minha mãe.

Nós saímos algumas vezes. Transamos algumas outras. E quando dei por mim, estávamos praticamente morando juntos no meu apartamento, mesmo que eu nunca a tenha convidado. *Mesmo que esse nunca tenha sido meu plano.*

Estar com Leah não era ruim, mas também não era meu passatempo favorito. Entretanto, eu estava pronto para aceitar o que quer que o futuro nos reservasse, afinal, eu tinha certeza de que já havia desapontado meus pais o suficiente no ano anterior. Não achava que um namoro era algo ideal, ainda mais ciente de que eu deveria me concentrar para recuperar o tempo que fiquei sem me preparar para o ingresso no LAPD, mas, *por eles*, eu estava disposto a tentar.

E além disso, ainda havia um ponto que eu já havia desistido de mudar: eu era incapaz de acreditar em Deus.

E eu tentava.

Mas se Ele existia, por que não os salvou? Por que deixou que o concreto despencasse e os esmagasse?

Minha fé foi soterrada junto com os dois e eu tinha certeza de que isso seria algo que os decepcionaria, então tentando

compensá-los, me mantive próximo de Leah, torcendo pra que um relacionamento com a garota que eles tanto gostavam fosse o suficiente para aliviar a culpa que eu sentia.

Não era e eu sabia disso.

Passei um bom tempo tentando me enganar sobre a ideia de que meus pais estariam felizes se me vissem com ela, mas eu sempre tive a certeza de que eles não dariam tanta importância para a pessoa que estivesse ao meu lado desde que eu fosse feliz.

E Leah não tinha esse tipo de impacto na minha felicidade.

Ela era apenas a pessoa com quem eu passava os dias fodendo e conversando sobre coisas banais. A pessoa que se infiltrou em meu apartamento sem me dar a chance de recusar esse tipo de proximidade. A pessoa que eu estava decidido a afastar, mas sem ideia de como fazer isso sem me sentir um escroto tão grande quanto fui no meu ano na Espanha.

Comentei que fodia até esquecer quem eu era, não comentei?

Pois é.

A única coisa que eu me importava em saber sobre as mulheres que passavam na minha cama, era a idade. Se fossem maiores de idade, eu não ligava para mais nada.

Não reforçava que era apenas sexo. Não perguntava o nome. Não me despedia antes de sumir na manhã seguinte. Não ligava ou mandava mensagem. Não questionava, nem mesmo se estavam em um relacionamento.

Quando voltei para a minha cidade e refleti sobre esse tipo de atitude, acrescentei mais um item à longa lista de coisas que os decepcionariam e prometi a mim mesmo que não agiria mais assim. Não que eu fosse parar com o sexo casual, mas eu agiria como um homem e não como um imbecil.

E foi por isso que mesmo ao entender que Leah e eu não continuaríamos juntos no futuro, eu não terminei com ela.

Aquela garota dizia me amar e ela não tinha culpa de eu não corresponder ao sentimento.

Então tenho seguido com esse namoro, procurando a melhor hora de encerrá-lo. Acontece que a hora certa parece ter chegado hoje de manhã, quando recebi um vídeo de um número desconhecido e assisti minha namorada sendo fodida por um cara que eu estou vendo abraçá-la, nesse exato segundo.

Quando o assisti, pensei que fosse uma filmagem antiga, mas ao encontrar a tatuagem recém-feita no punho de Leah, soube que aquilo havia sido gravado há menos de um mês.

Nem mesmo terminei de ver antes de apagá-lo, aliviado por ter um motivo bom o suficiente para encerrar esse namoro, mas um pouco puto por estar sendo traído sem motivo algum.

A única base que eu tenho sobre relacionamentos é a dos meus pais, e a relação de ambos era baseada no respeito e honestidade.

Tudo bem que eu não era muito honesto com Leah ao não dizer que não a amava como ela dizia me amar, mas eu a respeitava. Eu nunca trairia sua confiança.

E saber que ela, mesmo dizendo me amar, me traiu, fez com que eu decidisse não terminar com o namoro assim que a assisti entrar em meu apartamento.

E aparentemente essa foi a mesma decisão que a garota ao meu lado tomou.

Alex parece surpresa ao ouvir que sei sobre os dois, os olhos escuros se arregalando.

— Você quem enviou o vídeo? — pergunta e é a minha vez de ficar surpreso.

— Também recebeu?

— Não foi você que mandou?

Balanço a cabeça negando e olho para os dois, antes de voltar a olhar para Alexandra.

Leah é uma garota bonita. Ela sempre foi. Os cabelos cacheados sempre bem cuidados, a pele bronzeada pelo sol de Los Angeles, o sorriso leve e o corpo que a sociedade considera o padrão de beleza.

Ela é como as dezenas de mulheres que zanzam pelas ruas de Hollywood.

E Alex... não.

Não que ela possa ser definida por qualquer coisa diferente de linda, mas seus olhos escuros e delineados por cílios grossos não são sorridentes como os das outras garotas da sua idade, além da forma intensa como mantém contato visual sem deixar qualquer indício do que está passando em sua mente.

O cabelo ainda mais escuro do que seus olhos, apesar de parecer sedoso, não aparenta ser algo com que ela se importe muito, principalmente pela forma como o mantém preso em um coque apressado.

E não há nem uma gota de maquiagem em sua pele clara.

O conjunto de detalhes no rosto de Alexandra Kendricks é completamente natural e isso é nítido até pra mim, que não entendo porra nenhuma sobre isso.

Agora, sobre seu corpo...

Essa garota tem o corpo que atrai atenção de qualquer pessoa. As dezenas de caras que estão aqui são prova disso. Todos que passam por ela fazem questão de dar uma boa olhada por suas curvas dentro da calça jeans e camiseta florida.

Já vi mulheres bonitas, mas Alex é... porra, ela é perturbadora.

— Vai terminar com ela?

— Sim — digo, olhando para a maneira como Leah apoia a mão no braço do cara e ri, caminhando com ele na direção da mesa onde jogam *beer pong.* — Vai terminar com ele?

— Ainda não.

Eu não a conheço, mas quando me viro para ela e nossos olhos se encontram, um alerta soa em minha mente, um aviso de perigo grita ao meu redor.

E mesmo sem saber direito onde estou me enfiando, a adrenalina que sinto bombear pelo meu corpo, faz com que eu sorria, principalmente quando ela me pergunta:

— Qual a sua opinião sobre te assistirem transando?



A L E X A N D R A
K E N D R I C K S

Existem ideias boas. Outras ruins. E existem as que são absurdas demais para serem pensadas.

A maioria das que eu tenho, se enquadram nessa última categoria. Como a de agora.

Ontem de tarde, ao olhar nos olhos de Matteo e proferir as palavras formadas em minha mente, soube que eu estava ficando maluca, mas, agora, ao bater na porta de seu apartamento, posso decretar minha insanidade.

Será que algum dos golpes da minha mãe acertou minha cabeça com força demais? Ao ponto de causar algum dano?

Quando tomei a decisão de transar com alguém para me vingar da traição de Adam, mesmo que eu estivesse certa de que faria isso, não havia parado pra pensar nos detalhes. Na verdade, eu nem mesmo havia pensado sobre a possibilidade de realmente fazer isso. Não sabia se teria coragem.

Mas quando entendi que a mulher com quem meu namorado transava era a namorada do cara ao meu lado, foi como se fios desencapados se tocassem e fizessem com que tudo ao meu redor se iluminasse com a ideia que eu tive.

Uma ideia bem perturbadora e que, com certeza, não seria bem vista por quase ninguém da sociedade. E mesmo que parte de mim gritasse que as coisas não deveriam se resolver assim, a parte que se animou foi muito maior e eu não pensei antes de propor a Matteo que nós dois deveríamos transar e deixar que Adam e Leah assistissem a isso.

Assim que perguntei se ele se importaria em ser assistido, esperei que surpresa e julgamento cruzassem o seu rosto, mas ele me olhou apenas com... curiosidade.

E a falta de julgamento em seus olhos escuros foi o que fez com que eu não sentisse a vontade de explicar por que a ideia de devolver traição com traição, parecesse algo bom para minha cabeça fodida.

Acho que eu nem mesmo tinha uma explicação além de: Eu sou quebrada e a minha maneira de lidar com as situações é tão distorcida quanto minha mente.

No orfanato onde eu vivia, costumavam dizer que boas pessoas fazem o certo.

Pra mim, pagar uma traição com outra, não é errado. E se a sociedade não concorda comigo... bom, que não aja como eu.

Cada cabeça, uma sentença, não é o que dizem?

— O que está propondo?

Aparentemente, a cabeça de Matteo era parecida com a minha.

— Você e eu, mesmo que não tenhamos escolhido isso, assistimos os dois transando — disse e estava torcendo para que qualquer possível rubor não chegasse até meu rosto, me inclinei contra a mesa e com absolutamente *nenhuma* técnica, golpeei a bola branca, fazendo com que acertasse as outras várias esferas coloridas. — Acho justo que a gente retribua o favor.

— Quer que eu te foda enquanto eles assistem? — Ergueu a sobrancelha escura e eu tombei minha cabeça para o lado, sem quebrar o contato visual.

— Eu não tenho problemas em ser assistida. E também não tenho problemas em dar pra você.

Além disso, eu também estava ansiosa para conhecer outra versão do sexo além da que Adam havia me mostrado.

Claro, estava um pouco preocupada com a possibilidade de Matteo ser ruim na cama e esse ter sido um dos motivos para Leah

o trair. Mas mesmo que ele fosse péssimo, pelo menos cumpriria meu objetivo principal: me vingaria.

— E quem disse que eu quero te comer? — rebateu a pergunta com uma ponta de diversão em sua voz, mas eu não sorri quando me inclinei contra a mesa mais uma vez e ergui os olhos para o seu rosto.

— A forma como está olhando pra mim deixa isso bem claro.

Ele sorriu e se aproximou com passos lentos, mais uma vez remetendo a um predador se aproximando da presa.

Meu coração acelerou e foi como se tudo ao redor sumisse e eu só conseguisse me importar com a sua proximidade, principalmente ao sentir o toque de sua mão contra a base da minha coluna, me empurrando um pouco mais pra frente sobre a mesa.

Deixei de respirar enquanto o homem ajustou a posição da minha mão, ajeitando o taco sobre meus dedos.

— Não sabia que era tão esperta, Alex — comentou com a voz rouca, próximo ao meu ouvido, e assim que senti a ausência de seu toque, golpeei a bola branca que acertou na preta e a mandou direto para dentro da caçapa.

— Você se surpreenderia, *Matt*.

E eu entendi, pela forma como ele me olhou, que nosso plano estava de pé.

Passamos longos minutos próximo a mesa de sinuca e, pra qualquer pessoa que olhasse de fora, encontraria duas pessoas jogando. Ele com muito mais técnica e experiência do que eu e eu tentando aprender o que ele ensinava.

Porém, qualquer um que se aproximasse um pouco mais, poderia ouvir o que estávamos planejando e eu não tenho dúvidas de que julgariam nossas palavras.

Mas mesmo sabendo que eu poderia ser julgada, eu também não conseguia entender por que deveria me importar com qualquer opinião alheia. O que o julgamento dos outros impactaria na minha vida?

Exatamente! Nada. Então foda-se o que acham sobre mim.

O plano era relativamente fácil.

Matteo e eu seríamos pegos transando e pra isso orquestramos tudo.

Eu diria a Adam que estava indisposta e passaria a tarde descansando para tentar melhorar, enquanto isso, Matteo diria a Leah que estava saindo para resolver algumas coisas.

Considerando que o cenário do vídeo dos dois foi o apartamento de Matt, estávamos contando que com a oportunidade eles se encontrariam e é por isso que agora estou aqui, esperando que a porta se abra, sem a menor ideia do que fazer quando isso acontecer.

Sim, nós dois planejamos o que aconteceria quando os dois chegassem e nos flagrassem, mas não falamos sobre como deveríamos agir *antes* que isso acontecesse.

Eu não tenho ideia do que estou fazendo, por isso, quando a porta desliza para o lado se abrindo, não me movo, incerta sobre fazer algum comentário ácido ou me jogar em cima do cara de ombros largos e cabelo bagunçado.

Se eu não fosse tão fodida mentalmente, duvido que estaria na situação em que estou.

Uma pessoa normal ao descobrir sobre uma traição terminaria o relacionamento. Mas foi isso o que eu fiz? Não. Porque como eu já aceitei, não sou normal.

E Matteo também parece não ser, porque dá um passo para o lado e acena com a cabeça para que eu entre na casa do homem que mal conheço, mas com quem estou prestes a transar, enquanto torcemos para que nos flagrem.

O que será que Samantha, minha antiga psicóloga, diria se eu lhe contasse isso?

— Vai entrar? — pergunta quando continuo estática na sua frente.

— Não sei — respondo com honestidade, as mãos enterradas no bolso de trás da minha calça jeans.

— Desistindo?

Bufo um riso.

— Tô começando a pensar que isso foi uma *péssima* ideia — explico e é como se dizer isso em voz alta fosse o necessário pra que eu assimilasse que com certeza é uma péssima ideia.

É, minha mente é quebrada, mas nesse instante, até eu estou surpresa com o quão fodida eu pareço.

Assustada comigo mesma, dou um passo para trás, pronta pra sumir da frente de Matteo, mas não tenho tempo de me afastar mais do que isso antes que os dedos longos do homem em minha frente segurem meu punho com uma gentileza que eu nunca pensei que pudesse ser usada com alguém como eu.

Minha mãe me segurava com força o suficiente para que seus dedos deixassem hematomas em minha pele por dias. Então sei bem quando alguém está tentando me machucar ou me prender. E Matt, definitivamente, não está tentando fazer nenhum dos dois.

A forma como me toca, deixa claro que eu posso me soltar com o menor dos movimentos.

— Entra — pede com a voz baixa. — Não precisamos fazer nada do que combinamos.

— Por que quer que eu entre se não vamos fazer nada?

E por que eu estou considerando essa possibilidade?

— Eu não sei — confessa, ainda me segurando e eu engulo em seco.

Nem eu.

Então eu entro.



03

MATTEO FAWCETT

Oito anos atrás

Eu poderia ser um namorado melhor do que ele

Eu poderia fazer as merdas que ele nunca fez

(Boyfriend – Dove Cameron)

PERMANEÇO EM SILÊNCIO e não é nem porque não quero deixá-la desconfortável, mas é porque eu simplesmente não tenho a menor ideia do que dizer enquanto Alex observa meu apartamento com olhos tão curiosos.

É estranho porque ao mesmo tempo em que ela tem um olhar jovem em seu rosto, quase ingênuo, ela também não age como uma garota de dezoito anos, como se já tivesse passado por muita coisa.

— Qual seu nome do meio? — questiona de repente, voltando a me olhar.

— Morgan.

— Matteo Morgan Fawcett. — Alex faz uma longa pausa, assimilando as palavras, testando-as de maneira pausada. — Quantos anos você tem?

— Vinte.

— Quando é seu aniversário?

— Vinte e cinco de março.

— Qual sua cor...

— O que são todas essas perguntas? — questiono, interrompendo-a.

Alex encolhe os ombros, as mãos enterradas nos bolsos de trás de sua calça jeans, se mantendo de frente pra mim.

— Acho meio inconsequente me enfiar no apartamento de um desconhecido.

Rio fraco.

— E decidiu que vai me conhecer agora?

É a vez de Alex bufar uma risada baixa.

— Antes eu te conhecendo enquanto só estou dentro da sua casa do que quando você estiver dentro de mim, não acha?

Ela tem razão, porém eu quero que a razão vá pra casa do caralho, porque nada parece importar tanto quanto o que suas palavras plantam em minha mente.

Estar dentro dela.

De maneira quase inconsciente, deixo meu olhar cair pelo seu corpo magro, porém curvilíneo, imaginando a textura de seu cabelo ao redor do meu punho enquanto o som da minha virilha batendo em sua bunda ecoa ao redor.

— Para de me encarar assim — pede, umedecendo os lábios.

— Não estou te encarando — garanto.

— Está.

Sorrio.

— Não estou encarando. Estou *admirando* — corrijo e dou um passo em sua direção.

Alex, mais uma vez, parece ingênua enquanto assiste meus movimentos parecendo tão assustada assim. Mas ela também parece ansiosa.

Tão ansiosa quanto eu.

Por isso, não paro de caminhar até que esteja em sua frente, forçando-a a erguer o nariz pequeno para encarar meus olhos, a diferença entre nossas alturas se tornando mais nítida quando estamos tão próximos.

— E o que está pensando enquanto me... *admira*? — Ergue a sobrancelha, sem quebrar o contato visual por nem um milésimo de segundo.

Enquanto estamos tão próximos, é como se uma bolha de tensão se formasse ao nosso redor, o magnetismo latente nos envolvendo. Nos puxando.

Se eu já não estivesse duro por suas palavras, a forma como me olha seria o suficiente para que isso acontecesse.

— Que eu quero você.

Ela tomba a cabeça para o lado, as ondas escuras do cabelo solto caindo pelos seus ombros.

— Quer vingança da sua namorada que te traiu — pontua, mas eu nego.

— *Você* quem criou esse plano.

— Porque eu quero vingança de Adam.

— Então só tá me olhando assim por que quer se vingar de um cara? — Afasto o cabelo escuro de seu rosto, notando como engole em seco com a proximidade ainda maior entre nós. — Porque você não tá me olhando com desejo de vingança, Alex.

— Não? E como estou olhando pra você… *Matt*?

Não sei porque ela não gosta de ser chamada de Alex, entretanto, não posso negar que gosto de como sua voz soa ao me chamar assim.

— Com tesão. — Sem nem mesmo saber que isso era possível, me aproximo um pouco mais, ainda sem tocá-la. — Então me diga, Alexandra. Quer que eu te toque apenas para se vingar de um cara? Ou quer saber como é me sentir dentro de você?

Sua respiração se torna mais curta, acelerada, e sua resposta não vem com palavras, mas sim com ações, e antes que

eu tenha tempo de notar, suas mãos pequenas estão apoiadas em meu rosto, puxando minha boca para a sua.

Acontece que eu não preciso de suas palavras para entender que Alexandra Kendricks me quer com a mesma intensidade com que eu a quero, e mesmo que a vingança seja um motivo a mais para estarmos fazendo isso, quando envolvo sua cintura e a puxo pra perto, não penso em nada além da mulher gostosa que se pressiona contra o meu corpo.

Nossas línguas se entrelaçam e nossos gostos se misturam.

É bom pra caralho. E mesmo que seja a primeira vez que estamos nos tocando, a sensação de familiaridade é inegável, como se beijar Alex fosse algo que eu faça há anos e...

— Espera, espera, espera! — pede, enfiando as mãos entre nós dois e apoiando as palmas em meu peito, mas sem realmente tentar me afastar. — A gente não devia esperar mais um pouco?

Sem entender o que isso quer dizer, pisco confuso.

— A ideia é eles pegarem a gente... *no flagra*, não é? — pergunta incerta, e levo um total de três segundos para entender o que isso quer dizer.

— Não se preocupe. O que quero fazer com você não vai ser rápido — garanto, voltando a beijá-la assim que suas mãos retornam ao meu rosto.

Mas mesmo que eu queira rir do quão absurdo é pensar que não vou aproveitar todo o tempo que tiver com ela, não acho a menor graça quando noto que mesmo enquanto nossas línguas estão envolvidas em um beijo como esse, ela ainda está pensando na vingança que pretende ter.

E por isso, ao invés de rir, só consigo tomar uma decisão.

Enquanto eu estiver a fodendo, vou garantir que ela seja incapaz de pensar em qualquer coisa que não seja no meu pau enterrado em sua boceta.

Deslizo uma das mãos até sua bunda, apertando-a com força enquanto mordo seu lábio inferior.



ALEXANDRA KENDRICKS

A força do meu corpo parece ter sido enviada para outro planeta enquanto sinto meu corpo desabar contra o de Matteo, as únicas coisas me mantendo em pé sendo suas mãos firmes sobre mim, me guiando para algum lugar que não me importo de conferir onde é, desde que sua língua continue se movendo contra a minha.

O gosto de menta de sua boca em junção com a rigidez do seu corpo e a adrenalina que corre por mim, me deixa mais excitada do que o normal.

Ah, e a pressão do seu pau contra meu abdômen também ajuda a causar isso tudo.

— Porra, você é tão gostosa.

Se eu sou gostosa, ele é o quê?!

Tenho noção de minha aparência e não tenho problemas com autoestima nem nada, mas ele é... *nossa!*

Matteo é gostoso ao ponto de ser desconcertante. Junte isso ao beijo devastador e consiga uma reação como a minha.

Enquanto sua boca me devora, eu me sinto desnorteada, ansiosa e encharcada.

Reagir assim a um beijo beira ao vergonhoso, mas não tenho capacidade de me sentir envergonhada, ainda mais quando suas mãos deslizam por baixo do tecido da minha camiseta branca e enviam arrepios por cada centímetro de mim.

Gemo, arranhando sua nuca e repetindo seu gesto, correndo os dedos pelo abdômen que ontem de tarde estava exposto aos meus olhos.

Como se eu soubesse ler em braile e seu corpo fosse o texto mais interessante do mundo, contorno cada uma das ondulações rígidas, brincando com o cós da calça de moletom que evita que eu avance muito pelas entradas que levam até sua virilha, ainda sendo guiada pelo espaço do seu apartamento até que arfo quando meus pés deixam de tocar o chão e sou içada por Matteo, como se não pesasse nada.

Seu riso ecoa dentro de minha boca, como se meu susto o divertisse.

— Acha que eu te deixaria cair antes de te foder? — questiona enquanto minhas pernas circulam sua cintura.

— Me deixaria cair depois, então? — Ergo a sobrancelha, me movendo contra o ponto específico de pressão que seu pau faz em minha entrada.

Por que eu não estou usando a porra de um vestido?!

— Se sua boceta for tão gostosa quanto sua boca, não te deixaria cair nunca — promete e o sinto se ajoelhar sobre o que imagino ser o sofá. — Segura firme — pede, já inclinando o corpo para me depositar deitada sobre o estofado, se afastando para me olhar, logo em seguida.

Então, ele ri.

Sem motivo algum, Matteo sopra um riso baixo, o hálito de menta atingindo meu rosto enquanto seu pênis continua duro, pressionando o vão entre minhas pernas.

Talvez ele seja louco.

É. Faz sentido que ele tenha algum grau de insanidade, afinal, concordou com um plano absurdo como esse.

Mas, mesmo assim, questiono:

— Tá rindo do quê?

— Só tô tentando entender como foi que pensou que eu seria rápido com você — divaga, mantendo o corpo erguido apenas em uma mão, enquanto desliza a outra pelo meu quadril, empurrando a camiseta para cima e expondo parte da pele que continua arrepiada. — Como que pensou que eu não lamberia cada milímetro do seu

corpo... — Sobe o tecido um pouco mais, satisfeito ao ver como minha respiração se torna cada vez mais curta, meu peito subindo e descendo depressa. — Como eu não te...

A forma abrupta como interrompe suas palavras me pega de surpresa e eu levo alguns segundos para entender o que aconteceu, mas ao notar como Matteo encara a pele exposta, sinto o gelo correr pela minha coluna e, nervosa, empurro meu corpo pra longe dele.

Merda.

Como fui tão estúpida assim?!

Como fui esquecer de tudo o que os tecidos das minhas roupas escondem?!

Como deixei de pensar sobre o que Matteo pensaria ao encontrar cada uma das marcas que minha mãe deixou sobre mim ao longo dos anos?

Tenho consciência da minha aparência, por isso, sei que sou uma pessoa bonita quando estou vestida. Mas sei que essa beleza desaparece assim que as marcas das queimaduras são expostas.

Me lembro da minha primeira vez com Adam.

Lembro que ele perguntou o que havia acontecido e eu disse que não queria falar sobre o assunto. Ele aceitou e quando pedi pra que deixasse a luz apagada, não discordou de mim.

Nunca descobri se ele apenas não queria me deixar desconfortável ou se também não queria encarar as cicatrizes.

Com o tempo, parei de me importar com elas, e Adam nunca tentou descobrir mais a respeito delas, então elas meio que foram... esquecidas.

Tanto que em nenhum momento pensei sobre qual seria a reação de um homem com a aparência de Matteo, ao ver algo tão feio.

Me arrasto para longe dele, ainda sentada no sofá, enquanto cubro as marcas.

— O que aconteceu? — pergunta, se mantendo ajoelhado, porém sem o sorriso de antes.

— Nada.

— Quem fez isso com você?

— Não quero falar sobre isso — declaro, olhando ao redor, procurando a melhor rota de fuga.

— Não precisa contar, Alex — seu tom é sério, mas mesmo pronta para fugir, não tenho medo ao assisti-lo chegar um pouco mais perto de mim, cauteloso. — Só me dê um nome e eu resolvo.

Não digo nada.

— Foi o Adam? Ele machucou você?

— Não.

— Quem fez isso com você, Alexandra?

Eu não falei sobre isso com ninguém além da assistente social.

Depois que minha mãe perdeu minha guarda, nunca precisei contar sobre o que eu passei, nem mesmo para a minha psicóloga.

Mesmo que eu sempre tenha pensado que Samantha estava apenas perdendo seu tempo comigo em cada uma das sessões que tínhamos, nunca diria que ela era menos do que incrível, principalmente porque ela me ouvia.

Quando eu dizia que não queria falar sobre alguma coisa, ela mesma levava o assunto para outro lado.

E, por isso, ao ver a forma inquisidora como Matteo me encara, não tenho dúvidas de que ele seria um *péssimo* psicólogo, porque fica óbvio que não vai aceitar deixar isso de lado.

— Minha mãe — assopro a resposta.

Só sei que ele ouve o que digo porque seus olhos se arregalam em surpresa. Sua boca se abre, como se estivesse prestes a dizer algo, mas o interrompo quando ergo a mão.

— Eu vim aqui pra foder, não pra conversar. Então, se decida, quer me comer ou eu acho outra pessoa pra me ajudar com o meu plano de vingança?

Apesar de continuar encolhida no canto do sofá, me sentindo acuada, não faço qualquer menção de quebrar o contato visual que

mantenho com Matteo, deixando claro que isso não é um blefe.

Ele é gostoso, beija bem e parece saber o que está fazendo, mas eu deixei de jogar pelas regras dos outros quando entendi que posso ser a dona do tabuleiro.

Tentei fazer o que a sociedade esperava de mim e mesmo consciente de que aquilo não me agradava, me mantive em um namoro só pra descobrir que estava sendo traída.

Então, bom, foda-se a sociedade e qualquer coisa que ela espera de mim.

A partir de agora, eu dou as cartas e eu crio as regras.

Se Matteo quer jogar comigo, vai ser de acordo com o que eu decidir.

E sei que ele entende isso ao notar a seriedade em meus olhos.

Só que eu também entendo que Matteo conhece essas regras bem o suficiente para saber dar as próprias cartas quando, de maneira ágil, se aproxima e segura meu pescoço.

Veja bem, como já disse várias vezes, sei bem quando alguém quer me machucar. E nesse instante, tenho certeza de que ele não tem intenção de fazer isso. Ele só quer mostrar que ele é tão dono do jogo quanto eu.

Sua boca se choca contra a minha enquanto seus dedos continuam ao redor da minha garganta, a língua quente forçando seu caminho por entre meus lábios de uma maneira dominante, e eu a sugo, abaixando meus joelhos para poder puxá-lo mais pra perto.

— Quer que eu te foda, Alex? — pergunta, descendo sua boca pelo meu maxilar, seguindo na direção da minha orelha.

Assinto, rolando os olhos para a sensação da língua desenhando o lóbulo.

— Então tira a blusa.

Meu corpo se retesa no mesmo segundo.

— Não.

Não em um lugar tão claro.

Seus dentes roçam no meu pescoço.

— Eu disse que ia lamber cada milímetro da sua pele. A camiseta tá me atrapalhando — o tom rouco faz com que mais um arrepio corra por mim e eu quase deixo de notar sua mão voltando a se infiltrar sob o tecido que cobre as cicatrizes em meu abdômen e costas.

Quase.

Agarro seu punho, impedindo-o.

Ele quer o quê? Dar uma olhada de perto no estrago que foi causado em mim? Tá curioso pra ver de perto como uma bituca de cigarro pode ficar marcada, mesmo depois de doze anos?

E o que eu tenho a ver com o que ele vai pensar?

Isso daqui é sexo.

Sexo sujo e vingativo.

Depois que eu sair dessa casa, nunca mais o verei. Então se ele quer sentir que está fodendo uma pessoa que poderia fazer parte de um show de horrores, o problema é dele.

Eu só quero me vingar de Adam.

E é pensando assim que solto a restrição de seu punho, permitindo que ele se divirta ao ver cada uma das evidências dos abusos que eu passei.

Ao entender que estou permitindo que faça isso, Matteo se move, se ajoelhando no chão em minha frente antes de agarrar as bordas da camiseta e puxá-la para cima, meu cabelo caindo pelos meus ombros, assim que o tecido branco aterrissa no chão atrás dele.

Espero o nojo, a surpresa, a curiosidade.

Mas há apenas o desejo.

Matteo me olha com a mais pura lascívia enquanto empurra meus cabelos para trás e aproxima a boca do meu seio esquerdo, beijando o limite da pele oculta pela taça do sutiã também branco. Ele repete o movimento do outro lado, alternando beijos e lambidas até chegar ao vale entre os dois.

Ele empurra meu corpo, fazendo com que eu me incline contra o encosto do sofá, a posição deixando as marcas em minha barriga mais visíveis, ainda mais com a ausência do cabelo as cobrindo.

Então ele beija a primeira.

Seus lábios tocam a cicatriz logo abaixo do seio direito e eu engulo em seco, principalmente quando seus olhos continuam fixos nos meus. Então ele beija a segunda. E a terceira.

Matteo beija cada uma delas da parte da frente do meu corpo, me olhando constantemente, como se me desafiasse a impedi-lo.

Mas eu não o impeço porque sou incapaz de me mover enquanto assisto a um desconhecido beijar as partes mais feias que tenho em mim, quase como se ele não as considerasse tão horríveis assim.

E então, quando seus lábios tocam a sétima e última marca em minha barriga, eu sei que mesmo depois que eu sair desse apartamento e nunca mais vê-lo, Matteo Fawcett acaba de se tornar inesquecível para mim.

Ele sempre será o homem que beijou as cicatrizes que eu sempre odiei.

— Para de me encarar — o sorriso mostra que está me provocando, repetindo as mesmas palavras que disse há minutos atrás.

Sorrio.

— Não estou encarando. — Me desencosto do sofá e inclino o tronco para a frente, aproximando meu rosto do seu. — Estou admirando.

Então, como se jogassem um palito de fósforo aceso em um barril de pólvora em uma explosão de tesão, nos lançamos um sobre o outro.

Não sei qual de nós dois se livra da camiseta que ele está usando, mas gemo quando seu peito duro e quente se pressiona

contra mim ao mesmo tempo em que sugo sua língua, perto de delirar com a pressão gostosa que ele usa para segurar meu cabelo.

Mais uma vez, sua boca volta a descer pelo meu maxilar, passando pelo meu queixo, pescoço e chegando até meus seios cobertos pelo sutiã, que com um movimento rápido é aberto.

Suas mãos grandes envolvem meus mamilos e eu estremeço com o contato da sua língua ao redor do esquerdo, a sensação ficando ainda mais intensa quando ele fecha os lábios ao redor do bico e chupa com força.

— Matteo...

Ouvir a forma como sussurro seu nome parece agradá-lo, porque ele aumenta a intensidade da chupada, antes de morder com a pressão certa para mesclar a dor e o prazer.

O som que escapa de mim é uma mistura de gemido e reclamação, mas a forma como o puxo para perto deixa claro que não quero que pare.

Eu com certeza não quero que ele pare.

Matt divide a atenção entre os dois mamilos, alternando lambidas, mordidas e chupadas, fazendo com que eu intercale xingamentos, gemidos e resmungos.

É diferente de qualquer outra coisa que eu já senti e não sei ao certo se tem a ver apenas com as sensações de sua boca em meus seios, ou se é a sensação de liberdade que tenho ao estar exposta em sua frente, sem me preocupar com a rejeição.

Afinal, isso é a única coisa que eu tive, não é?

Meu pai me rejeitou, por isso foi embora.

Minha mãe me rejeitou, por isso me espancava.

Meu namorado me rejeitou, por isso me traiu.

Ninguém nunca me quis.

Até agora.

E eu sei que não é algo vitalício. Sei que vai acabar assim que eu passar por essas portas, mas, por alguns segundos, gosto de saber que não estou sendo rejeitada.

Agora, ajoelhado entre minhas pernas enquanto devora meus seios, Matteo não se importa com meu corpo machucado ou minha cabeça fodida. Ele se importa com o mesmo que eu.

Com o tesão enlouquecedor que sentimos um pelo outro.

E pra mim isso basta.

Nesse segundo, Matt é a única coisa que importa.



04

MATTEO FAWCETT

Oito anos atrás

Agora, a vingança é uma vadia má

E, meu bem, eu sou a pior de todas

Você mexeu com uma selvagem

[...]

Ser tão má me faz sentir tão bem

Te humilhando como eu sabia que iria

Meu bem, sinto muito (não sinto muito)

(Sorry not sorry – Demi Lovato)

APESAR DO SORRISO que se forma em meu rosto no segundo em que o botão de sua calça é aberto, no fundo de minha mente há um sentimento sombrio. Raiva. A mais *pura* e *crua* versão da raiva.

Uma raiva que até chega perto de se dissipar no tesão perturbador, mas que continua à espreita, como uma sombra esperando o melhor momento para surgir.

E ela quer surgir desde o instante em que vi as cicatrizes no abdômen de Alex.

Enquanto a beijava e passava os dedos pelo seu corpo, senti o contorno de uma das marcas, mas só quando meus olhos encontraram a pele machucada foi que entendi o que eram.

Queimaduras.

Naquele instante, não tive dúvidas de que poderia matar Adam, mas quando ouvi que sua mãe havia causado aquilo... eu não soube o que pensar. Não soube o que dizer.

Por sorte, Alex parecia não querer ouvir qualquer coisa, então quando pediu que eu a fodesse, eu não tive segundos pensamentos antes de avançar para ela, principalmente quando notei como realmente achava que as pequenas marcas em sua barriga faziam com que ela fosse menos do que gostosa pra caralho.

Beijei cada uma das cicatrizes que vi, esperando que ela tentasse me pedir pra parar, porque só isso o que aconteceria. Uma tentativa *falha*.

As marcas não deviam estar em sua pele, mas já que estavam, seriam beijadas. E enquanto eu estivesse a tocando, ela não iria impedir que eu beijasse cada parte do seu corpo. Assim como pretendo fazer com sua boceta, porque apesar da raiva é impossível ignorar quão duro estou ao assistir essa garota com o torso nu, respiração acelerada e olhos carregados de expectativa enquanto puxo a calça jeans pelas suas pernas, perplexo com o quão perfeitas elas vão ficar apoiadas em meus ombros.

Não sei se é a intensidade constante em seus olhos escuros ou se só gosto de assistir a luxúria tomar o seu rosto, mas continuo estudando suas reações quando avanço a mão por entre suas pernas e por cima do tecido da calcinha esfrego sua boceta, nitidamente encharcada.

Alex morde o lábio inferior e apoia a cabeça contra o encosto do sofá, separando os joelhos para me dar mais acesso.

Ela é perturbadora.

O cabelo caindo bagunçado por cima dos ombros, as pálpebras pesadas pelo tesão, os lábios entreabertos e os olhos...

Não sei por que, mas os olhos de Alexandra me remetem ao fundo do mar. Não pela cor, mas por todo o resto.

São profundos, desconhecidos, sombrios. E fascinantes.

Há algo sobre eles... uma *experiência* que contradiz a *ingenuidade* também evidente. E essa contradição é o que faz com que eles sejam tão incríveis.

E a única coisa que consegue competir com a atenção que prendo em seus olhos, é a boceta encharcada que acaricio com meus dedos, a umidade atravessando o tecido fino enquanto ela geme excitada.

Penso sobre provocá-la. Sobre torturá-la até que ela implore para que eu a chupe, principalmente porque é óbvio que ela quer ter o controle do que está acontecendo aqui. Além disso, sua voz implorando por minha boca deve ser deliciosa.

Seria divertido mostrar que enquanto eu a fodo, *e*u quem mando.

Mas nem mesmo eu acredito nisso.

Nesse segundo, quem está quase implorando sou eu. Porque estou perto de enlouquecer com a vontade de sentir seu gosto.

Desisto da ideia que torturaria a nós dois e engancho os dedos nas laterais de sua calcinha.

— Erga os quadris pra mim, Alexandra.

Alex engole em seco, mas me obedece, apoiando os calcanhares na borda do sofá para deixar que eu deslize o tecido branco pelas suas pernas.

Assim que meu olhar cai para sua boceta rosada e eu encontro o brilho de sua umidade, quase me esqueço de que não tenho fé, e agradeço por ter desistido da ideia de torturá-la.

Sem nem mesmo *pensar* em esperar, agarro suas coxas e a puxo para a beirada do sofá, afundando o rosto entre suas pernas.

Até o gemido alto que escapa de Alex é algo que fica em segundo plano quando seu gosto invade minha língua, seus dedos se afundando em meu cabelo da mesma forma como os meus se afundam em suas coxas, mantendo-a no lugar enquanto a devoro.

Definitivamente, sua boceta é tão gostosa quanto sua boca.

Giro a língua ao redor de seu clitóris, sugando-o enquanto a invado com dois dedos.

— Matt...

Não me surpreenderia se eu gozasse só por ouvir sua voz me chamando assim enquanto Alex se esfrega em minha boca, o som de masturbação quase inaudível em meio aos gemidos cada vez mais descontrolados.

Suas paredes apertam meus dedos, seu aperto em meu cabelo se intensifica e minhas bolas pesam no segundo em que meus olhos encontram os seus. As lágrimas de tesão fazem sua íris escura brilhar ainda mais e, enquanto morde o lábio inferior com força em uma tentativa falha de conter o gemido, o orgasmo a atinge.

Suas coxas tremem e sua boceta pulsa.

E é ainda melhor do que se eu estivesse gozando.

Prolongo seu orgasmo, sugando seu clitóris até ela puxar minha cabeça para longe, quebrando o contato com a área sensível.

— Calma — pede ofegante e eu sorrio convencido por saber que ela está tão afetada quanto eu.

Puxo suas pernas para baixo, tirando seus calcanhares do sofá e me inclino para a frente, aproximando minha boca da sua.

De uma forma até um pouco tímida, como se nunca tivesse provado seu próprio gosto antes, tocando seus lábios nos meus de maneira insegura.

— Abra a boca, Alex. — Afundo meus dedos em seu cabelo. — Você vai provar o quão gostosa é.

Ela mantém os olhos abertos e fixos nos meus quando me obedece, passando a língua pelo meu lábio inferior, sugando-o logo em seguida.

E, mais uma vez, é como se entrássemos em combustão, o gosto dela parecendo ser o necessário para acabar com qualquer timidez de Alexandra, que geme enquanto me puxa para cima de si.

Enterro minhas mãos em seu cabelo escuro enquanto ela enfia uma das mãos dentro da minha calça, chegando até meu pau.

— Porra... — resmunga em minha boca no instante em que seus dedos circulam a base da minha ereção.

— Eu quem deveria dizer isso, não acha? — questiono, erguendo seu queixo para beijar seu pescoço, arranhando a pele com os dentes.

— Isso não vai caber em mim, Matteo. Minha mão nem fecha ao redor.

— Sua mão deve ser pequena — ofereço, orgulhoso por conseguir manter uma linha de raciocínio quando Alex começa a me masturbar.

— Minha mão é do tamanho normal. Seu pau que é grande demais.

Rio.

Eu nem mesmo acredito que estou rindo, mas não consigo evitar essa reação quando o tom irritado mostra que eu deveria me ofender com esse tipo de comentário.

— Prometo que vai caber e que você vai gostar de cada centímetro que entrar em você. — Passo a língua por sua artéria, sentindo o movimento rápido dos seus batimentos, voltando para sua boca, ainda segurando seu queixo quando faço com que olhe em meus olhos. — Prometo que vai gostar de *tudo* o que eu fizer com você.

Seu movimento vacila por um segundo, como se minhas palavras a tirassem do ar da mesma forma que sua mão ao redor do meu pau faz comigo.

— Espero que cumpra suas promessas — diz e se ajeita no sofá, ficando de joelhos enquanto luta contra o cós da minha calça.

— Essa é uma que eu com certeza não quebraria.

Alex me encara por mais um instante, então se inclina para a frente, liberando meu pau da cueca para imediatamente envolver a glande com sua boca quente.

Tombo a cabeça pra trás enquanto enrolo seu cabelo pra longe de seu rosto, deixando que Alexandra engula o máximo que consegue do meu pau, mal chegando até a metade antes que

precise se afastar para respirar, a saliva escorrendo até minhas bolas.

Quando ela engasga pela terceira vez, olho para baixo e sou eu quem quase perco a capacidade de respirar, primeiro, porque a visão dessa mulher de quatro tentando engolir meu pau totalmente nua e empinada, é algo de outro mundo.

E segundo porque, em suas costas, há várias das mesmas marcas que acabei de beijar em seu abdômen.

O que aconteceu com você, Alex?

Quero lhe perguntar sobre essas cicatrizes. Sobre que porra de animal sua mãe é. Sobre que tipo de coisa ela já viveu.

Mas Alexandra Kendricks e eu somos o mesmo que éramos há alguns minutos: dois desconhecidos.

Não tenho o direito de questionar sobre seu passado, porque não tenho importância para o seu futuro, assim como ela não tem para o meu.

Essa garota é um momento que estou vivendo, mas que assim que acabar, não vai ser nada mais do que uma lembrança.

Por isso, ciente de que não somos significativos para a história um do outro, ao invés de quebrar o tesão enquanto lhe pergunto sobre as dores que marcam sua pele, eu passo a mão por suas costas, tocando as cicatrizes, torcendo pra que isso ajude a apagar parte dos traumas que ela com certeza tem.

Sei que uma carícia sobre machucados infligidos por sua própria mãe não é o suficiente para apagar a dor, mas é o máximo que posso fazer por essa garota desconhecida. Então é o que eu faço.

O som do engasgo de Alexandra me traz de volta para a realidade e eu a assisto se ajoelhar, erguendo-se para longe do meu pau, o rosto molhado pela própria saliva, enquanto volta a me encarar com curiosidade.

— Você pode me bater?

A pergunta me pega tão de surpresa que eu levo alguns instantes para assimilá-la.

— Eu nunca... nunca pedi isso porque não queria parecer mais fodida do que já pareço — explica, acenando para as cicatrizes na barriga. — Mas eu não me importo de parecer quebrada pra você porque você não é alguém que eu espero ver de novo.

É como se nós dois tivéssemos conversado sobre o que esperamos um do outro.

Alex claramente está na mesma página que eu.

É sexo.

É vingança.

É cru.

E vai acabar no momento em que nós dois estivermos satisfeitos.

Ela não espera que eu goste de quem ela é, e eu não espero que ela goste de quem eu sou. Eu quero gozar e quero saber que fui capaz de fazer com que ela gozasse.

Prazer e vingança são as únicas coisas que esperamos um do outro, por isso, lhe dou o que ela me pede.

Não vou mentir e dizer que não me preocupo com a sua reação ao levar um tapa na lateral da coxa, meus olhos fixos em sua expressão assim que a ardência atinge a ponta dos meus dedos.

Ela arfa, mas não faz nenhum movimento, como se estivesse estudando as próprias sensações.

— De novo — pede baixinho, a voz rouca e cautelosa enquanto avança pra perto sutilmente.

Obedeço e desfiro mais um tapa em sua coxa, um pouco mais forte do que o anterior, porém nem perto da força que já usei pra estapear outras mulheres durante o sexo.

— Mais.

A rouquidão marca seu tom de maneira evidente, as pupilas dilatadas e a respiração mais acelerada. E apesar de estar claramente excitada, ela parece confusa com o que quer que esteja sentindo.

— Vem cá. — Agarro seu joelho e a puxo pra cima de mim, ajudando-a a montar sobre meu colo, a boceta encaixada contra meu pau.

Cerro os dentes com a sensação, seu gemido fazendo minhas bolas pesarem.

Alexandra não precisa de um convite para começar a se esfregar contra o meu comprimento, deslizando para baixo e para cima, lubrificando meu pau com sua excitação.

Bato em sua bunda com um pouco mais de força e ela choraminga.

— Quer que eu pare? — pergunto, mas ela nega.

— Não, mas quero que bata enquanto me fode.

Ainda com ela sobre meus quadris, alcanço o bolso da calça onde deixei os preservativos, envolvendo meu pênis enquanto ela se mantém erguida, me dando espaço.

Diferente do que imaginei que ela fosse fazer, assim que a camisinha está no lugar, ela não repete o comentário sobre como meu pau não vai caber dentro dela.

Alex não hesita antes de abruptamente provar que eu estava certo.

Com um movimento seco, assim que posiciono meu pau em sua entrada, seu corpo despenca sobre mim, engolindo meu pênis.

Ela grita no mesmo segundo em que eu gemo ao sentir sua boceta me apertando.

— Porra! Por que você consegue fazer qualquer dor ser tão gostosa? — questiona, movendo os quadris, cavalgando.

— Eu avisei que você ia gostar de tudo o que eu fizesse com você.

A L E X A N D R A
K E N D R I C K S

Há algo sobre Mateo e a forma como meu corpo reage a ele que não faz o menor sentido.

Minha mãe me *espancava.*

Eu não devia gostar da sensação de sua palma acertando minha bunda, mas a cada pontada de dor, eu fico mais molhada.

A cada enterrada, eu me sinto mais excitada.

A cada toque, eu o quero mais.

A ardência em minha pele, assim como a sensação de ser rasgada, dói. Mas é algo que só faz com que o prazer seja maior.

Então, pela primeira vez em dezoito anos, eu entendo que é possível desejar que a dor continue.

O suor cobre nosso corpo enquanto subo e desço por seu pau. Suas mãos, vez ou outra, desferindo tapas em minha bunda ou puxões em meu cabelo

E, ao mesmo tempo em que gosto de pensar que sou eu quem estou no controle do que está acontecendo aqui, também gosto da ideia de ser dominada por ele.

Seu aperto volta para o meu pescoço e meu tesão, mesmo que eu achasse impossível, aumenta, fazendo com que eu me mova mais depressa, desesperada para encontrar o orgasmo mais uma vez.

Abro a boca para que sua língua me invada e chupo seu lábio inferior que ainda tem meu gosto, afundando os dentes com o tapa que ganho, revidando a dor gostosa que ele me causa.

Contra minha boca, Matteo sorri.

E eu não consigo não espelhar esse sorriso.

Em momento algum, consigo pensar em algo que não seja seu pau, sua boca ou suas mãos em meu corpo.

Em momento algum, Matteo Fawcett deixa de ocupar cada canto da minha mente.

E é por isso que quando a porta atrás de mim se abre, eu me sobressalto, assustada com a intromissão, sem me lembrar que esse era o plano.

Meu primeiro instinto é tentar pular pra longe dele, mas as mãos em minhas coxas me firmam no lugar até que minha mente clareie e eu entenda o que está havendo aqui.

Olho por cima do ombro, dando de cara com a cena mais espetacular da face da Terra: Adam, com os braços ao redor da cintura de Leah enquanto ela abraça seu pescoço, estão congelados, ambos os olhos sobre onde eu estou sentada, em cima de Matteo, seu pau dentro de mim.

— Ah! Vocês chegaram — sorrio e giro os quadris, provocando-os enquanto sigo o plano.

— Matteo?! — Leah berra, se empurrando para longe de Adam como se *eles* estivessem sido flagrados.

— Alexandra?! Mas que *porra* é essa?!

— O quê? — pergunto de maneira inocente. — A gente fez alguma coisa, Matt? — Olho para Matteo e me surpreendo com a expressão cínica que ele consegue manter em seu rosto.

— Não — responde, voltando os olhos para os dois. — E a gente até chamaria vocês pra participar...

— Mas como vocês não estenderam essa cortesia a nós dois, vamos continuar brincando sozinhos. *Sem vocês.*

Continuo olhando por cima do ombro enquanto sinto a boca de Matt tocar a pele da minha garganta e tenho certeza de que seus olhos estão fixos sobre os dois, assim como os meus. Porque nós queremos assistir o momento exato em que eles vão entender o que está acontecendo.

E ao verem que estou com o pau de Matteo enterrado em minha boceta, suas mãos em minha bunda e sua boca em minha pele, sei que a mensagem foi entregue a Adam e Leah.

Eles foram ruins, mas nós fomos ainda piores.

E dessa forma, o fim dos nossos relacionamentos é declarado.

Leah é a primeira a se mover, o rosto e os olhos, igualmente vermelhos, enquanto dá as costas e foge do apartamento, deixando Adam e suas reações atrasadas para trás.

Ele parece irritado, perplexo e incrédulo.

— Pode assistir, se quiser... *Aid* — ofereço, chamando-o da mesma forma como ela o chamou ontem na festa. — Quem sabe não aprende alguma coisa?

Minha proposta parece ser a gota d'água e, com um grunhido, meu ex-namorado se vira sobre os calcanhares.

— E não se esqueça de fechar a porta! — Matteo diz. — Alex pode ser meio escandalosa quando goza e isso pode incomodar os vizinhos.

Não sei como a porta continua no lugar depois da força que Adam usa para fechá-la.

E só quando Matteo e eu voltamos a estar sozinhos, é que a adrenalina me atinge.

O sangue corre rápido, os batimentos parecem se atropelar e meus pensamentos se embaralham.

Deu certo.

Costumava ouvir no orfanato que vingança é algo que apodrece a alma. O perdão é sempre o melhor caminho.

Então, mais uma vez, percebo que sou uma pessoa quebrada. Distorcida.

Porque ao entender que minha vingança deu certo, eu não sinto que minha alma está apodrecida. Eu sinto que ela está viva.

Pela primeira vez em dezoito anos, eu sinto que não estou só passando pelo mundo. Sinto que estou o marcando. Sinto que finalmente estou vivendo. E o melhor... pelas *minhas* regras!

Sorrio.

Um sorriso perverso como minha alma.

Um sorriso que Matt espelha enquanto continua me fodendo.



05

ALEXANDRA KENDRICKS

Oito anos atrás

Então você quer falar sobre poder?

Ooh

Me deixe te mostrar o que é poder

Eu como garotos como você no café da manhã

Um por um, pendurados no colar

(Breakfast – Dove Cameron)

MINHAS PERNAS DOEM. Meu couro cabeludo incomoda. Meu pescoço está dolorido. Minha garganta está arranhada.

E mesmo com tudo isso, o sorriso satisfeito não sai do meu rosto enquanto caminho sob o sol escaldante de Los Angeles.

Óbvio que minhas pernas doeriam depois de todos os movimentos que fiz sobre o pau de Matteo, assim como eu já esperava pelo incômodo que viria depois de cada um dos puxões de cabelo. Sem contar com cada grito que dei enquanto era fodida, o que acabou arranhando minha garganta.

Quando a energia de nossos corpos acabou e nós dois desabamos um sobre o outro, a medida em que minha respiração se regularizava, me dei conta de tudo o que havia acabado de acontecer. E de todas as consequências que eu estava prestes a enfrentar.

Quando decidi me vingar de Adam, eu não pensei no que aconteceria depois. Eu nem mesmo me lembrei que haveria algo depois da vingança.

Acontece que o “depois” chegou e veio me mostrar que uma delas é: estou desabrigada.

Nem se Adam oferecesse, eu continuaria morando sob o mesmo teto que ele. Também não tenho pais para pedir por abrigo e não posso voltar para o orfanato, afinal, tenho dezoito anos.

Conclusão: uma desabrigada.

Matteo não só cumpriu a promessa de me fazer gostar de tudo o que fez comigo, como também foi excelente em bagunçar qualquer possível pensamento à minha volta, não só me fazendo esquecer que a vingança estava me motivando, como também apagou da minha mente o fato de que eu não teria uma casa quando nosso sexo terminasse.

E talvez ao entender tudo isso, eu devesse me sentir, pelo menos, preocupada.

Mas eu só me sinto livre.

Desde o segundo em que Adam fechou a porta atrás de si e eu continuei fazendo o que *eu* queria fazer, que era transar com Matteo, sinto como se nada fosse capaz de ser um problema pra mim, afinal, *meu* jogo, *minhas* regras.

Então, continuo sorrindo.

Durante o Ensino Médio e sem que quase ninguém soubesse, consegui ganhar um dinheiro dos filhinhos de papai que eram incapazes de somar dois mais dois. Os trabalhos que eu precisava fazer para manter as médias que a escola requeria eram feitos com tanta facilidade que eu acabava tendo tempo para fazer as atividades dos outros.

Óbvio que por um preço.

Juntei algumas economias e nunca precisei gastar com nada, afinal, eu era a *namorada de Adam Lester* e mesmo que isso fosse um *ônus*, eu ainda tinha alguns *bônus*, como não precisar me

preocupar em gastar com roupas, já que nem todo meu dinheiro seria capaz de me vestir à altura do *garoto de ouro*.

No primeiro dia em que saí com sua mãe, Chloe Lester, e vi o preço do vestido que ela queria que eu comprasse, eu ri.

Joguei minha cabeça para trás e ri alto enquanto ela me olhava sem entender.

— Esqueceu que sou pobre e moro em um orfanato, *sogrinha*? — questionei, me divertindo com o claro desgosto que ela tinha por isso. O claro desgosto que ela tinha *por mim*.

— E você se esqueceu que também é namorada de um futuro senador? — pontuou, irritada pelo meu deboche.

Ela me odiava e nunca fez questão de esconder isso. E eu nunca fiz questão de mudar a forma como ela me via.

Na verdade, fazia questão de irritá-la ainda mais.

— Já sei! — Bati as duas mãos, animada e sorrindo tão abertamente que meu rosto chegou a doer. — Por que Adam não diz que começou a praticar pras campanhas de caridade? Assim, vai fazer sentido quando me virem ao seu lado, vestindo um saco de batatas.

Seu rosto empalideceu com a imagem que plantei em sua cabeça e foi assim que a fortuna Lester passou a patrocinar as roupas que eu precisava usar quando estava na presença de, segundo Chloe, *pessoas de classe.*

Tinha certeza de que meus órgãos não valiam tanto quanto aquelas vestimentas, mas se eu não precisasse gastar com algo tão banal quanto um *chapéu clochê,* eu estava pouco me fodendo.

Com minhas roupas bancadas por ela e o apartamento sendo um dos patrimônios da família Lester, quase não tive gastos desde quando saí do orfanato, por isso, as economias que juntei com certeza serão o suficiente para que eu consiga pensar no que irei fazer agora que sou apenas Alexandra Kendricks, e não mais a *namorada de Adam Lester.*

Acontece que eu não tenho a menor ideia de por onde começar.

Quer dizer, sei que vou buscar minhas coisas de seu apartamento para finalmente não ter mais nada me prendendo a ele. E talvez eu passe perto da casa da sua mãe, só pra mandá-la ir a merda depois de ter ouvido tantas vezes o quanto seu *garoto de ouro* não devia se envolver com alguém como eu. Depois, preciso arrumar um lugar pra ficar. Algum lugar que não seja caro. E comida não é algo com o que eu precise me preocupar, considerando que estou acostumada a passar longas horas sem comer, desde quando minha mãe desenvolveu esse novo método de tortura.

Mas além desses primeiros passos, não sei mais o que fazer.

Preciso de um emprego, mas qual? Não sei fazer nada!

Começo a sentir meu sorriso desmoronar, mas me recuso a ter medo de algo tão estúpido como *hipóteses* sobre o futuro.

Sei que vou ficar bem, afinal, eu fui criada por Alex Elize. Nada no mundo vai me fazer mais mal do que ela me fez. Ela já me quebrou o suficiente para que qualquer pessoa que tente me machucar, acabe se cortando em meio aos cacos que ela deixou.

Só que no momento em que abro a porta do apartamento onde vivi os últimos meses, entendo que os cacos podem até machucar as pessoas de fora, mas as rachaduras acabam permitindo que coisas entrem também.

Por isso, assim que o punho de Adam acerta meu queixo, apesar de já ter passado várias vezes por essa situação, sou incapaz de conter o vazio que cresce em meu estômago, principalmente ao inalar o cheiro do álcool que vem dele.

De repente, eu sou a Alexandra de seis anos.

Sou levada para o passado, quando sentia o peso dos chutes e socos que minha mãe me dava, muitas vezes me acordando no meio da madrugada para descarregar qualquer surto de raiva que atormentasse sua mente.

Vejo o punho voltar, dessa vez em minhas costelas.

Eu não o reconheço.

Sabia que o que aconteceu mais cedo mudaria as coisas entre nós, mas nunca imaginei que fosse mudar a esse ponto.

Nunca imaginei que o cara que tentava ser gentil fosse se tornar o mesmo tipo de monstro que minha mãe foi.

— Vagabunda! — A voz de Adam se mistura com a que eu tenho gravada em minha memória, e, dessa vez, me sinto com doze anos, quando acabei jogada no chão do meu quarto porque segundo ela estava tentando chamar atenção de seu namorado nojento.

Ela me chamou de vagabunda quinze vezes. E sim, eu contei.

Na verdade, contei os golpes que ela alternava entre os xingamentos.

Diferente de quando Matteo enrolou os dedos em meu cabelo e eu me senti excitada, quando Adam faz isso e pressiona minha bochecha contra a porta, eu sinto apenas o vazio crescer em meu peito.

— Não era pra eu aprender alguma coisa, Alexandra?! — O hálito quente e cheirando a vodca atinge meu rosto, a náusea crescendo e impedindo que eu diga qualquer coisa para tentar afastá-lo.

Ao ouvir o som do zíper da sua calça descendo, entendo o que vem a seguir e luto para me empurrar para longe da parede, mas, por mais que ele não seja tão maior do que eu, Adam é muito mais forte, então minha luta é inútil.

— Vamos ver se eu aprendi a como foder uma vadia como você.

Sua voz sai arrastada, o álcool presente em seus movimentos, seus sons e seu cheiro.

O mesmo cheiro que eu sentia misturado com o da minha pele queimando sob a bituca de cigarro.

Meu estômago se embrulha e minha garganta se aperta.

Penso em pedir perdão. Penso em implorar pra que ele não faça o que está prestes a fazer, mas não tenho tempo para nada antes que eu berre com a dor de seus dentes perfurando meu ombro.

Não é o mesmo tipo de dor que eu senti enquanto Matteo me tocava.

Essa dor, eu não quero que continue.

Essa dor, eu tenho que fazer parar.

Então eu faço algo que eu nunca fiz.

Eu revido.

Usando toda minha força, jogo a cabeça para trás, acertando sua testa.

O choque faz com que eu fique desnorteada, mas o instinto de sobrevivência fala mais alto, por isso, aproveitando da surpresa que o golpe lhe provoca, me impulsiono pra longe da parede e me viro, apenas para empurrá-lo.

Pela primeira vez, fico feliz pelo álcool, porque graças a ele o empurrão é o suficiente para derrubar Adam, que aterrissa sobre a mesa de vidro que fica no centro da sala, fazendo com que o tampo se estilhaçasse.

Parte de mim, pede que eu corra. Adam é mais forte e eu deveria aproveitar o cenário em que me encontro para colocar mais distância entre nós.

Mas a outra parte de mim pede pra que eu lute. Pede pra que eu mostre que ele errou ao mexer comigo. Essa parte de mim pede pra que eu mostre a ele quem é a dona da porra do jogo que ele *tentou* jogar. *E perdeu.*

Olho para Adam e a única palavra que posso usar para descrever o homem jogado sobre os cacos de vidro, a calça aberta e os olhos assustados é *patético*.

Patético pra caralho.

— Parece que você não aprendeu direito, Adam. — Me surpreendo com a frieza em minha voz, mas não tanto quanto *ele* se surpreende ao me assistir abaixar ao seu lado e agarrar um dos pedaços de vidro, o mais pontiagudo disponível. — E agora sou eu quem vou foder você. Só não vai ser do jeito bom. Pelo menos... não pra você.

Sorrio ao ver a forma como ele engole em seco, e enquanto sorrio, não posso deixar de ponderar sobre o que é que está se passando na cabeça dele.

O que Adam Lester pensa quando olha para o meu sorriso manchado pelo meu próprio sangue, sendo que foi ele quem me fez sangrar? O que ele acha que vou fazer enquanto traço a ponta do vidro por sua jugular?

— Sabe como seria fácil te matar? — questiono, ainda abaixada ao seu lado.

— V-você não faria isso.

— Não? — bufo um riso. — E você não me estupraria. *Ops...* Parece que sim. — Desço o vidro na direção de seu pênis.

— Foi só pra te assustar.

O hálito fedendo a vodca me enjoa ainda mais do que a proximidade de minha mão com seu pau, mas mantenho a expressão séria.

— O que você acha de eu te assustar um pouco? Uh? — proponho. — Acha que ter uma bola a menos é susto o suficiente?

Preferindo os cortes nas mãos e nas costas, Adam tenta se afastar de mim, se arrastando para longe do vidro que aponta para o seu pênis, o sangue brotando de suas palmas à medida em que apoia o peso do corpo sobre os cacos.

— Castrar você parece uma boa solução — continuo, me aproximando para continuar com a “arma” próxima ao seu brinquedo. — Vai garantir que nunca chegue perto de estuprar mais ninguém, não é?

Então, ele chora.

Como a porra de um garotinho assustado, seu rosto se contorce e lágrimas grossas brotam de seus olhos.

— Me perdoa! Por favor! Me perdoa!

Se existe um limite para a pateticidade, meu *ex-namorado* acaba de ultrapassá-lo.

— Eu só... eu estava com raiva!

Mais uma vez, bufo uma risada.

— Estou cansada de aceitar a raiva dos outros — digo e o encaro por mais alguns segundos antes de ficar em pé. — Sua sorte é que o jeito como fui fodida hoje, me deixou mais calma, então vou deixar que mantenha seu brinquedinho aí — falo, agitando o vidro na direção da sua virilha. — Não é como se ele fosse ser utilizado por muito tempo mesmo.



MATTEO FAWCETT

Ainda meio sonolento, saio do meu quarto, mas congelo antes de chegar na cozinha, uma sensação incômoda em minha nuca.

Ao ouvir todas as histórias que meu pai me contava sobre seu serviço, acabei me tornando fiel aos meus instintos e, nesse segundo, algum alarme em minha mente soa, indicando que há algo errado.

Olho ao redor e sem pensar sobre o que estou fazendo, caminho até a porta do apartamento, deslizando-a para o lado, dando de cara com a imagem de uma pessoa encostada na parede.

— Alex?

Nem mesmo consigo ver seus olhos com o capuz cinza puxado sobre sua cabeça, mas o cabelo escuro caindo pela frente de seus ombros, além do formato de seu corpo exposto pela abertura do casaco é o suficiente para que eu reconheça a garota que assisti ir embora mais cedo.

Depois que fomos capazes de respirar normalmente, vi Alexandra recolher suas roupas e se vestir, antes de acompanhá-la até a porta da frente, segurando a madeira enquanto ela enterrava

as mãos nos bolsos de trás da calça e me olhava com um misto de cumplicidade, travessura e todo o resto que as profundezas de seus olhos escondiam.

— Foi um prazer, Matt.

O sorriso que ela me deu carregou ainda mais a malícia em sua fala e, me inclinando contra o batente, ainda com o peito nu, sorri de volta.

— O prazer foi todo meu, Alex.

Por alguns segundos, nós nos olhamos, como se estivéssemos nos dando tempo de assimilar cada detalhe um do outro, para guardarmos esse momento em nossa memória.

Não trocamos mais nenhuma palavra antes que Alexandra Kendricks se virasse e fosse embora, e enquanto eu acompanhava sua imagem desaparecendo pelo corredor, eu soube com certeza de que aquela era a última vez que eu a veria.

Por isso, ao dar de cara com ela parada na porta do meu apartamento, não sei direito o que pensar ou fazer.

— O que você tá fazendo aqui?

O capuz e o cabelo evitam que eu enxergue os detalhes do seu rosto, principalmente com a baixa iluminação, mas, mesmo assim, consigo notar o sorriso que se forma.

— Você foi muito mais receptivo mais cedo — comenta, ainda sem se mover, o deboche brincando em sua voz.

Há algo errado.

— O que aconteceu? — pergunto.

— Posso entrar?

O tempo que demoro para responder não tem a ver com não querer que ela entre, porque é óbvio que ela pode entrar.

Minha hesitação tem a ver com o motivo pelo qual ela *quer* entrar.

Mais cedo, quando ela foi embora, ficou claro que nem eu e nem ela planejávamos nos reencontrar. Então por que é que ela

está aqui, parada na porta do meu apartamento, usando um capuz que cobre quase todo o seu rosto?

— Mais uma vez, isso parece uma *péssima* ideia — quebrando o silêncio, ela repete o mesmo que disse hoje mais cedo, e quando também repete o gesto de tentar se afastar, faço meu papel e agarro seu punho, mantendo-a no lugar.

— Olha pra mim. — Ela não obedece, se mantendo de costas enquanto meus dedos quase se fecham ao redor do seu braço. — Alex.

Alexandra se vira e a luz que vem da porta do meu apartamento, com a nova posição em que estamos, ilumina seu rosto de maneira que eu note a mancha arroxeada em seu queixo.

Sem lhe dar tempo para evitar, empurro seu capuz para trás, então eu congelo.

Há um corte em seu lábio inferior, mas o que mais prende minha atenção, é o hematoma gigantesco que cobre seu maxilar.

Já desferi e ganhei socos o suficiente para conhecer a marca que um punho fechado deixa no rosto de alguém. A mesma marca que estou vendo nesse segundo.

As cicatrizes que encontrei em seu corpo, quando a vi nua são antigas, então não imaginei que ela ainda passasse por esse tipo de coisa, afinal, Alex já tem dezoito anos. Mas, aparentemente, ela ainda não se livrou do problema com sua mãe.

— Entra — peço e, gentilmente, a puxo para dentro. — Quer me contar o que aconteceu?

— Não — responde e, fazendo uma careta, joga os ombros para trás, deslizando o moletom pelos seus braços. — Posso só usar o seu banheiro?

Não lhe respondo e, mais uma vez, não tem a ver comigo querendo recusar, só sou incapaz de desviar os olhos da região onde sua camiseta branca está tomada pelo vermelho em seu ombro.

Dou um passo em sua direção, encurtando a distância entre nós.

Nossos olhos se conectam e ela ergue o nariz, como se soubesse o que pretendo fazer e me desafiasse a fazer algo.

Em seu rosto há o claro aviso de *siga em frente por conta e risco.*

E eu sigo.

Com cuidado, ergo o tecido da camiseta, encontrando a marca de uma mordida.

Tem. A. Porra. De. Uma. Mordida. Em. Seu. Ombro.

Estudo o machucado por menos de dois segundos antes de olhar em seu rosto.

— Não foi sua mãe que te machucou — digo e, mesmo que não seja uma pergunta, ela me responde com um balançar de cabeça negando.

Cerro meu maxilar.

— Quem fez isso com você? — as palavras soam repetitivas, mas eu prefiro perguntar isso porque o rumo dos meus pensamentos faz com que eu queira quebrar alguma coisa, mais especificamente a cara de uma pessoa.

— Eu resolvi.

— Não foi essa a minha pergunta — aviso e avanço mais um pouco, quase colando nossos peitos enquanto a encaro tão de perto. — Quem. Fez. Isso. Com. Você?

Alex sorri, não parecendo nem um pouco intimidada com nossa proximidade, mesmo que precise manter o nariz ainda mais erguido para sustentar o contato visual, graças a nossa diferença de altura.

— Ainda não tem ideia?

— Tenho ideia, mas quero que você diga o nome pra eu não acabar apresentando o inferno pra pessoa errada — minhas palavras fazem com que sua sobrancelha suba. — Adam encostou em você?

— Sim. Mas eu resolvi isso.

— O que você fez?

Alex sorri.

— Digamos que ele acabou em lágrimas.

Pra mim, não é o suficiente.

Há a porra de uma mordida em seu ombro. A menos que ela tenha arrancado cada um dos dentes do desgraçado, lágrimas não são o suficiente para pagar pelo sangue que ele arrancou.

Ainda com menos de uma respiração entre nós dois, noto um leve franzir em sua testa, como se um pensamento cruzasse sua mente.

— Posso ficar aqui hoje?

Quando uma desconhecida pede para passar a noite em sua casa, a resposta é tão clara quanto água.

Olhando nos olhos da garota que foi marcada pela sua mãe e pelo seu ex-namorado, aceno.

— Sim.



Leva poucos segundos entre o momento em que toco a campainha até a porta ser aberta, mas assim que ele me vê, seu rosto é tomado por uma mistura de medo e raiva, porém, não dou tempo para que Adam Lester faça nada antes que eu diga:

— Arrancou sangue dela... e sangue se paga com sangue.

Então, meu punho se choca contra seu queixo, no ponto específico onde ele deixou uma marca no rosto de Alex.

Ela disse que havia resolvido, mas, considerando que ele continua respirando e com todos os dentes na boca, a solução que ela encontrou não parece ser o suficiente pra mim.

Depois que ela pediu para passar a noite no meu apartamento, lhe entreguei uma camiseta e uma calça que como eu suspeitava, ficaram imensas em seu corpo e enquanto seu cabelo

úmido exalava o cheiro do meu shampoo, consegui que me contasse que porra havia acontecido.

A cada frase que saía de seus lábios machucados, a cada olhada que eu dava para o inchaço em seu queixo, a cada memória que eu tinha da mordida em seu ombro... tudo me fazia ter vontade de pegar a arma que era do meu pai para livrar o mundo da presença daquele cara.

E eu quase fiz isso.

Entretanto, ele mostrou o peso dos seus punhos para ela. Então, ele conheceria o peso dos meus.

Com isso em mente, agarro seu colarinho e ignoro o ardor nos nós dos dedos quando, sem parar, esmurro seu rosto.

Ele tenta se defender, cobrindo a cabeça, mas isso não impede que a fúria que eu sinto seja descontada sobre o pedaço de merda que ousou encostar em uma garota que pelas cicatrizes em seu tórax, já passou por tanto.

O som do meu punho acertando seu rosto misturado com cada grunhido de dor que ele dá é como música para os meus ouvidos, principalmente quando penso no estado em que ela chegou.

Quando perdi meus pais, no ano em que vivi na Espanha, mesmo que grande parte das memórias estivesse nublada pela quantidade de álcool que eu ingeria, sempre conseguia lembrar da fúria que de maneira constante irrompia dentro de mim.

A fúria que eu sinto agora é ainda maior do que a antiga.

Eu não podia trazer meus pais de volta e eu não podia socar o concreto que havia os soterrado. Eu não tinha um culpado para me vingar.

Com Adam é diferente.

Toda a raiva que eu senti ao vê-la daquele jeito está sendo direcionada a ele e a cada golpe, a fúria parece maior.

Não sei se o instinto protetor que está correndo por mim tem a ver com sempre ter ouvido meu pai falar sobre os casos de

violência doméstica, ou se também tem a ver com o fato de ter visto que ela já passou por coisas demais.

E não vou tentar me enganar. Também acho que pode ter a ver com o fato de que ela, mesmo sem me conhecer, voltou ao meu apartamento depois do que aconteceu.

Ela parecia ter chegado até lá por instinto e eu pelo mesmo motivo resolvi que faria Adam pagar.

Então, enquanto ela continua dormindo no quarto ao lado do meu, eu estou cobrando por cada gota de sangue que ele tirou dela.

— P-por favor... — Adam engasga, a voz mal saindo da boca ensanguentada. — E-eu... eu...

— Para de gaguejar! — rosno, empurrando-o para longe, assistindo-o aterrissar sobre alguns cacos de vidro que tenho certeza que estão ali por conta de Alex.

Boa garota.

— Espero que tenha aprendido *mais uma* coisa comigo, Lester — digo, me inclinando para baixo, encarando seus olhos, já começando a inchar. — Fique longe dela.

Sentindo os nós dos dedos latejarem, fico em pé e adentro ao apartamento, buscando pelo quarto onde as coisas que Alex queria estão.

Foi por isso que ela veio até aqui ontem, então é o que vou levar pra ela.

Não levo mais do que poucos minutos para enfiar tudo o que eu acho dentro de uma mala, mas no instante em que volto para a sala, balanço a cabeça ao encontrar Adam com o celular no ouvido, o tremor evidente correndo pelo seu corpo.

— Eu preciso de ajuda. Tem alguém no meu...

— Desliga — falo próximo ao seu ouvido, a voz baixa para que não ecoe na chamada.

Lester se sobressalta, mas obedece, e assim que afasta o celular, ouço a telefonista preocupada:

— *Senhor? Senhor?!*

Puxo o aparelho de sua mão e encerro a chamada, sem conseguir acreditar quando vejo lágrimas rolarem pelo seu rosto, abrindo espaço em meio ao sangue.

Ele tá chorando?!

Que bundão!

— Acha mesmo que é uma boa ideia ligar pra polícia? — questiono, soltando o celular em seu colo. — Acha que os amigos do *meu* pai, que era policial, vão ficar do *seu* lado, Lester? — minhas palavras fazem com que o choque cresça em seu rosto machucado, assim como o sorriso cresce no meu. — Porque eu só consigo imaginar o que vai acontecer quando o filho do prefeito for preso por tentativa de estupro.

Porque sim, Alex me contou que ele tentou estuprá-la.

Ela me contou tudo, inclusive o motivo pelo qual não quis ir até a polícia, denunciá-lo: a influência que ele tem.

— A reputação do seu pai vai ser manchada enquanto você vai virar a putinha da cadeia. É o que você quer?

O movimento sutil de sua cabeça não é o suficiente pra mim.

— Use palavras! — esbravejo, fazendo-o se sobressaltar, o choro aumentando.

— Não é o que eu quero! — soluça.

— Então mantenha a porra da boca fechada! E se quer continuar com sua cabeça colada em seu corpo — me inclino para a frente, nivelando nossos olhos —, nunca mais chegue perto de Alexandra. Se eu souber que você *pensou* em tocá-la, vou arrancar suas mãos e usá-las para socar seu próprio rosto. Me entendeu?

A última coisa que vejo antes de sair do apartamento é o aceno que ele dá.

Dessa vez, não me preocupo em fazer com que verbalize, porque tenho certeza que ele sabe que não fiz uma ameaça.

Fiz uma promessa.



06

ALEXANDRA KENDRICKS

Oito anos atrás

Acabei de terminar com meu ex

É você que eu sinto enquanto deito em seu peito

Conversa boa me fez segurar o fôlego

E normalmente eu não digo isso, mas minha nossa, você é o melhor, melhor, melhor

E se parecer certo, prometo não me importar

E se parecer certo, prometo ficar a noite toda

(Let me love you – Ariana Grande)

NÃO ME LEMBRO de já ter dormido tão bem como nessa noite.

Eu quase fui *estuprada*. Eu apanhei e há hematomas doloridos em meu rosto e em minha costela. E, mesmo assim, depois que terminei de contar a Matteo o que havia acontecido, eu dormi como um bebê.

Não me preocupei em trancar a porta e em momento nenhum tive medo de acordar sendo espancada como aconteceu várias vezes quando eu era mais nova. Não me preocupei com a possibilidade de sentir seu toque sem que eu lhe desse permissão.

Não me preocupei com a possibilidade de ser machucada por Matteo porque, mesmo que ele tenha um ar intimidante, desde a

forma como me olha até a forma como fala, algo dentro de mim diz que eu não preciso ter medo porque ele não vai me machucar.

Mais uma vez, eu sei o quanto isso é estranho.

Todas as pessoas ao meu redor sempre me machucaram. Eu não deveria confiar em alguém tão facilmente, ainda mais em uma pessoa que eu mal conheço. No entanto, eu confio.

E foda-se.

Cabeça fodida e essas coisas.

Entretanto, mesmo que eu tenha me sentido *segura*, sei que foi por apenas uma noite, por isso, me preparo para ir embora, ainda sem a menor ideia do que fazer.

Fico em pé em frente ao espelho do banheiro e faço uma careta para a dor que sinto quando puxo a camiseta de Matteo pra longe, ficando apenas de calcinha e sutiã enquanto encaro o reflexo, analisando os novos machucados.

Adam, definitivamente, tem a mão mais pesada que a da minha mãe e o tom escuro em minha costela é prova disso.

Com cuidado, toco a região sensível, levemente preocupada com a possibilidade de ter alguma fratura, mas sem conseguir acreditar que um imbecil como ele poderia me causar um problema tão grande quanto um osso quebrado.

Meu rosto se franze em uma careta com a dor que sinto, mas mesmo que incomode, acho que parece mais feio que está, então eu e minha experiência com hematomas decidimos que não há nada fraturado aqui.

Ainda avaliando os danos, jogo o cabelo sobre o ombro bom e me inclino pra frente, analisando as marcas da mordida.

— Filho da puta. — Como se já não bastasse todas as cicatrizes dos cigarros, agora tenho marca de dentes?!

Eu devia ter arrancado aquela coisa inútil que ele chama de pau.

Uma batida baixa soa e eu quase rio quando penso que em dezoito anos nunca ouvi alguém bater na porta antes de entrar no

cômodo em que estou, mas ao invés de rir, continuo estudando o machucado.

— Entra.

Não me preocupo com o fato de estar apenas de calcinha e sutiã, afinal, não é nada que ele já não tenha visto, entretanto, me surpreendo quando ainda olhando para o meu reflexo, ouço seus passos e sinto o contato de seus dedos no hematoma em minha costela. Cerro o maxilar, me controlando para não recuar para longe com a dor.

Minha mãe odiava quando eu fugia dos golpes.

— Você tem um problema em respeitar o espaço pessoal dos outros, não tem? — pergunto, me referindo a forma como ele sempre chega perto demais, seu cheiro atordoando minha mente a cada interação.

Desvio o olhar do espelho e foco sobre onde ele me toca, congelando ao ver os nós de seus dedos.

— Mas que porra aconteceu?

Confusa e sem me importar em respeitar o espaço pessoal que *ele* também não respeita, agarro sua mão, puxando-a na altura do meu rosto, tentando entender de onde foi que ele conseguiu todos esses machucados.

Ele socou uma parede?!

— Peguei suas coisas — diz e puxa a mão da minha, me entregando uma mala preta antes de, sem dizer mais nada, se virar.

Olho entre suas costas e a bolsa que seguro.

Ele...

Confirmo minha teoria no segundo em que abro o zíper da mala e encontro minhas calcinhas, juntamente com mais algumas roupas.

Aparentemente, se a mão de Matt está daquele jeito, Adam está pior.

Jogo a bolsa sobre a cama e sigo para fora do quarto, ainda sem dar a menor importância para o fato de que continuo apenas de calcinha e sutiã, caminhando pela sua casa. Matteo parecendo se

importar menos ainda, sem dar um único olhar na direção do meu corpo.

— Eu disse que tinha resolvido — pontuo, encontrando-o com um saco de ervilhas congeladas sobre os nós de seus dedos.

— Não sei do que você tá falando — responde, se sentando no banco próximo a ilha da cozinha, os olhos fixos em meu rosto.

— O que aconteceu com a sua mão?

Matteo bufa um riso.

— Eu soquei a cara do Adam, Alex. É o que quer que eu diga? Então, tudo bem. — Dá de ombros. — Eu arrebentei a cara do seu ex-namorado.

— Por quê?!

— Como “por que”? Olha o seu estado!

— Eu disse que tinha resolvido — repito, pausadamente.

O ar ao redor parece trepidar enquanto nos encaramos.

— Sua solução foi fazê-lo *chorar*, a minha foi fazê-lo *sangrar*. — A frieza em seu tom ao dizer que espancou um cara deveria soar como um alerta.

Mas não soa.

Afinal, ele espanou um cara *por mim*.

— Entenda, Alex, sangue se paga com sangue.

O peso de suas palavras acaba deixando o ar ao nosso redor ainda mais denso.

Matteo fez o que eu tive vontade de fazer, porém não tive coragem de ir em frente.

Ele revidou, por mim.

E por isso, quando noto que ele não pretende dizer mais nada, quebro o silêncio antes que a tensão acabe nos sufocando:

— Bom... obrigada. Por ter lidado com Adam, por ter trazido minhas coisas e por ter me deixado ficar aqui essa noite. — Me aproximo de onde ele está sentado, sustentando o peso de seus olhos. — Você fez coisas por mim, que ninguém nunca chegou perto

de fazer, mesmo que você me conheça há menos de quarenta e oito horas, então, obrigada.

— O que você vai fazer agora? — questiona, se inclinando contra o banco.

— O que quer dizer?

Matteo dá de ombros.

— Está soando como uma despedida, então estou imaginando que planeje ir embora.

— Você é bem observador — debocho, ganhando mais um sorriso dele.

— Você se surpreenderia.

É controverso a maneira como sua voz rouca e suas palavras me fazem pensar que estamos flertando, sendo que ele não parece dar a mínima para o fato de ter meu corpo tão exposto ao seu olhar.

— Eu não sei — confesso, odiando entender que ou eu não sou a dona do jogo, ou eu sou uma péssima jogadora, já que não tenho a mínima ideia do que fazer ao sair daqui.

— Fica.

— O quê?

— O quarto de hóspedes tá vazio. — Dá de ombros, indiferente. — Você pode ficar até conseguir decidir o que vai fazer. — Então, como se não estivesse oferecendo para que uma desconhecida more sob o mesmo teto que ele, Matteo fica em pé e vai até a geladeira, voltando as ervilhas pra dentro do congelador. — Só se mantenha de roupa, caso decida ficar. Não quero você pelada aqui em casa.

Matteo não espera uma resposta antes de se enfiar em seu quarto e fechar a porta, me deixando plantada no meio de sua cozinha, sem saber o que pensar.

Aparentemente, quando jogo com ele, não sou a única a dar as cartas.



No dia em que Matteo e eu transamos, lembro de ter pensado sobre como eu nunca fui querida em algum lugar. Pensei sobre como meu pai me rejeitou, minha mãe me espancou e Adam me traiu.

De qualquer forma, ao final do raciocínio, lembro que pensei que Matt era a exceção.

No dia em que fodemos, eu senti que ele me queria.

Mas, com os acontecimentos posteriores, as coisas desandaram e o que deveria ter sido um sexo baseado em vingança, se tornou um compilado de coisas inimagináveis que vão desde um espancamento até o fato de que já faz duas semanas que estou morando sob o teto de Matteo.

A cada segundo que passa, parece que eu fico mais perdida no jogo em que tento controlar, mas tudo desandou naquela manhã, quando ele ofereceu que eu ficasse e eu aceitando o caminho mais fácil, concordei com a ideia que era, no mínimo, absurda.

Não sei o que eu esperava, mas, definitivamente, o que tem acontecido tem me surpreendido de uma maneira ruim.

No dia em que transamos, ele me quis.

Agora, ele me rejeita.

Depois que segui seu pedido e me vesti, bati na porta do seu quarto para avisar que estava aceitando sua oferta, mas ele nem mesmo abriu a porta para me olhar quando apenas respondeu um “beleza”, do lado de dentro.

Ele não me olhou mais.

Nem. Uma. Vez.

Quer dizer, ele é educado. Quando nos encontramos, trocamos algumas palavras, mas nunca dura mais do que poucos minutos, antes que ele dê um jeito de se enfiar no seu quarto ou sair de casa.

E eu sei que Matteo faz isso pra me evitar.

Tudo bem, nós transamos porque queríamos nos vingar, mas eu não me importaria de repetir a dose do sexo que tivemos. Já Matt parece mais do que convicto a nem mesmo olhar pra mim. Ele parece decidido a me rejeitar.

Assim como todas as pessoas que passaram pela minha vida fizeram.

E, vamos lá, não é como se eu *gostasse* de Matteo. Ele não querer me tocar não vai ferir nenhum sentimento, até porque, ter sentimentos como afeição, amor ou paixão é algo que beira o impossível. Então não vou me sentir magoada porque ele não quer mais transar comigo.

Porém, o que tem me atormentado é que estou sendo um incômodo para a única pessoa que já fez algo bom por mim.

Matteo espancou um cara por que ele me machucou e, apesar de ter ciência de que isso não deveria ser visto com bons olhos, eu sou grata por sua atitude, mesmo que eu ainda não consiga entender como Adam não denunciou Matt.

O ponto é, há um sentimento que eu nutro pelo dono do apartamento em que eu moro e o nome desse sentimento é *gratidão*, por isso, notar como minha presença o incomoda é o suficiente para fazer com que eu decida me mudar.

Sentada no sofá de sua sala, enquanto espero que ele chegue para que eu anuncie minha decisão, vasculho os anúncios de imóveis, tentando encontrar alguma opção que se enquadre no meu orçamento quase nulo.

Aparentemente, a melhor opção é me mudar para o Texas, já que é impossível encontrar qualquer lugar barato em Los Angeles.

Quando estou considerando comprar uma passagem só de ida para outro estado, a porta do apartamento desliza para o lado.

Ter notado o quanto minha presença o incomoda, fez com que eu tenha tentado me manter longe de suas vistas, por isso, entendo a surpresa que cruza seu rosto ao me encontrar sentada no sofá da sala, mesmo que minha atenção esteja mais focada no

brilho que o suor traz para o seu peito nu, os músculos ainda mais marcados desde a vez em que corri meus dedos por eles.

Não sei por que ele treina tanto, mas todos os dias religiosamente, Matteo sai de casa e volta horas depois, o cabelo úmido de suor, respiração ofegante e cada vez mais gostoso.

No começo, até pensei que era mais uma forma de me evitar, e se for, espero que ele me agradeça, porque desde quando cheguei aqui há duas semanas, todo esse treino tem lhe dado um resultado muito, muito bom.

Quase fico triste por não poder aproveitar nem um pouco disso.

Mas não é como se eu não fosse encontrar outros homens pra foder por aí. A única coisa é que tenho razoável certeza de que nenhum deles vai beijar as cicatrizes que tenho no corpo enquanto mantém os olhos nos meus.

Posso não ter sentimentos por ele, mas assim como sempre vou me lembrar do ardor do cigarro sendo apagado em minha pele, sei que sempre vou me lembrar da forma como ele tocou a pele machucada, quase com... devoção.

— Oi, Alex — diz, fechando a porta atrás de si, quebrando o silêncio.

— Oi, Matt — respondo, assistindo-o seguir para a cozinha, permitindo que meus olhos vaguem pela extensão de suas costas definidas, a sensação de minhas unhas arranhando-as voltando em minha mente, me forçando a pressionar as pernas juntas.

Enquanto o encaro abrir uma garrafa de água e levá-la até os lábios, sinto uma vontade absurda de correr a língua pela gota que acaba escorrendo pelo seu pescoço, deslizando até seu peito.

— Para de me encarar. — Não sei como ele sabe que meus olhos estão sobre ele sendo que nem mesmo olha pra mim ao dizer isso.

— Não estou te encarando.

Ele respira fundo, então pela primeira vez nas duas últimas semanas, Matteo Fawcett me olha.

Suas íris escuras se conectam com as minhas e ele parece enxergar a minha alma e, por alguns segundos, ficamos em silêncio, encarando *ou admirando* um ao outro. Não é como os outros olhares que ele me deu, mas é melhor do que ser quase totalmente ignorada.

— Está — decreta impaciente, voltando à realidade enquanto segue para o seu quarto.

Me sinto envergonhada.

Esse cara abriu a porta do seu apartamento para uma desconhecida, correu o risco de ser preso por me defender e eu ainda sou capaz de deixá-lo desconfortável dentro de sua própria casa, tudo isso só porque estou com tesão.

É vergonhoso.

— Matteo? — digo seu nome antes que ele volte a colocar uma porta entre nós dois.

Ele não se vira para mim, entretanto, interrompe seus passos, esperando o que quer que eu queira dizer.

— Me desculpa.

Finalmente consigo sua atenção e, pela primeira vez desde quando me “mudei” pra cá, sinto que ele me olha da mesma forma como me olhou no dia em que nos conhecemos, seus olhos escuros fixos em meu rosto.

É um olhar intenso, magnético e levemente sombrio. Assim como ele.

Matteo não se aproxima de mim, mas me encara e isso, por algum motivo, faz com que minhas bochechas esquentem.

Que porra!

Transei com pessoas me assistindo e não fiquei envergonhada, mas estou corando por ganhar a atenção de uma pessoa que já até enterrou o rosto entre minhas pernas?!

— Por que tá se desculpando?

— Por estar te incomodando. — Dou de ombros, controlando a expressão de surpresa quando ele dá um pequeno passo em minha direção, se aproximando.

— Quem disse que tá me incomodando?

— É nítido, Matteo.

Mais um passo.

— De onde tá tirando isso, Alexandra?

Rio, seca.

— Talvez da forma como você parece querer arrancar os próprios olhos para não ter que me olhar? — ofereço, me irritando com a maneira como soo quase como uma garotinha querendo atenção. — E eu entendo. Eu sou meio que uma limitação para a sua liberdade, mas essa é a sua casa e é errado que você se sinta incomodado aqui só porque decidiu me ajudar. Não é justo com você.

— Você não é um incômodo.

Sorrio.

— Não precisa mentir pra mim porque acha que a verdade vai me quebrar mais, Matt.

Assim que assimila minhas palavras, é a vez de ele parecer irritado e, ao franzir os lábios, se senta ao meu lado.

— Primeiro, você não é quebrada. E segundo, eu não olho pra você, Alexandra, mas garanto que isso não tem a ver com não te querer aqui.

— Tem a ver com o quê, então? — Ergo a sobrancelha, cética.

— Eu evito olhar pra você porque assim fica mais fácil controlar a vontade que eu tenho de te foder.

Pisco uma, duas, três vezes.

— Não faz o menor sentido. Se quer me comer, por que tem me evitado?

— Porque eu não quero que se sinta pressionada a fazer algo só porque acha que me deve. Não te olho porque não quero demonstrar o quanto te acho gostosa e o quanto estou quase enlouquecendo pra me enterrar em você de novo. Desde o dia em

que você saiu do quarto praticamente nua, eu tenho pensado em te foder em cada superfície desse apartamento.

— E por que ainda não fez isso?!

— Porque é o que estou te dizendo, Alex. Eu quero que você *queira* meu toque. Não quero que faça isso porque acha que estou te cobrando alguma coisa.

— Só pra eu entender... você quer me foder?

— Muito.

— Então, tudo bem — digo para mim mesma, finalmente dando liberdade ao tesão que me corrói e, sem aviso, me lanço sobre ele, montando sobre seus quadris, comprovando que ele realmente me quer, quando sinto a rigidez de sua ereção contra minha boceta.

— Alex... — Suas mãos cobrem meus quadris e ele me puxa contra o seu pau, porém, me mantém imóvel.

— Você quer me foder e eu quero que você me foda. Não estou fazendo isso porque estou sendo forçada. Estou fazendo isso porque eu quero. Eu quero você. Então, se precisar que eu peça, eu peço. — Apoio minhas mãos em seu peito, o batimento forte de seu coração martelando minhas palmas. Encosto meus lábios nos seus e a força de seu aperto em meus quadris me deixa ainda mais excitada. — Me fode, Matteo.

Como se uma carta fosse removida de um castelo de baralho, todo o controle que ele tenta demonstrar, rui, e com um movimento brusco, sua mão se infiltra pelo meio do meu cabelo com um aperto firme, que me faz gemer e sua língua invade minha boca no mesmo segundo.

Diferente da primeira vez em que me pegou no colo, quando ele se levanta, ao invés de arfar em surpresa, apenas fecho as pernas ao redor de sua cintura enquanto continuo beijando sua boca e arranhando sua nuca.

— Onde tá me levando? — questiono, me impulsionando pra cima e pra baixo contra o seu pau.

— Eu preciso de um banho e você tá com fogo demais.

Com fogo demais?

— O que isso quer...?

Grito quando a água atinge minha cabeça no momento em que Matteo abre o chuveiro sobre nós dois, o riso baixo vibrando em seu peito.

Que cretino do caralho!

— Diminuiu o fogo?

— Apagou a porra do fogo! — lato, sem entender de onde veio essa porra de ideia de me enfiar sob a água.

— Que bom, agora vou começar um incêndio que *eu* posso controlar. — Abaixa a voz e a diferença de temperatura entre a água fria e sua respiração quente faz com que um arrepio corra por mim, principalmente quando o sinto tão próximo do meu ouvido.

— Acha que pode me controlar?

— É o que nós vamos descobrir. — Não tenho tempo de lhe responder antes que Matteo volte a devorar minha boca.

Seu beijo é duro, intenso e exigente. E eu gosto.

Gosto de como ele briga pelo controle do meu corpo, principalmente quando solta minhas pernas de suas costas e me coloca no chão. Gosto de como ele me força contra a parede, deslizando uma mão pelo meu seio, parecendo prestes a rasgar o tecido da minha roupa. Gosto de como ele usa um pouco mais de força para apertar minha bunda, me fazendo gemer e rolar os olhos já fechados.

Gosto da forma como ele tenta me controlar porque, com ele, sinto que mesmo que eu não esteja dando as cartas nesse jogo, eu com certeza vou acabar ganhando.

Então, minha jogada para atingir a vitória, ou melhor, *os orgasmos,* é ceder.

Deixo que Matteo assuma o controle porque ele tinha razão quando disse que eu gostaria de tudo o que ele fizesse comigo.

Sinto o sorriso contra minha boca, como se entendesse o que estou fazendo.

— Boa garota.

Então, sem aviso, ele quebra o beijo e, com um movimento firme, me gira entre seus braços, empurrando meu peito contra a parede, sua boca se aproximando da minha orelha mais uma vez.

— Mas não é isso o que eu quero, Alex. Não quero que me *entregue* o controle. — Morde o lóbulo, me fazendo gemer e empurrar minha bunda contra sua ereção. — Quero que você o perca.

Com essa voz, ele poderia muito bem estar dizendo que quer me matar, e eu continuaria achando a coisa mais excitante do mundo.

Fecho meus olhos com a sensação do azulejo frio contra minha bochecha, minha respiração ofegante com a pressão que seu corpo quente faz contra mim.

— Suas mãos vão ficar aqui — ordena, segurando meus punhos acima de minha cabeça, as palmas apoiadas contra a parede.

Mantenho a posição que ele pede, apenas empinando mais a bunda quando o sinto se abaixar atrás de mim, o tecido do meu short jeans sendo puxado pelas pernas, juntamente com a calcinha que estou vestindo.

Um arrepio sobe pela minha coluna no segundo em que sinto suas mãos em minha bunda, afastando as nádegas para... *caralho!*

O chão sob meus pés desaparece e eu aperto os olhos fechados ao sentir sua língua contornando meu ânus, a sensação desconhecida e ridiculamente gostosa me fazendo empurrar meus quadris na direção de seu rosto.

— Vai me deixar foder sua bunda, Alex? — provoca, mordendo minha nádega.

— Se seu pau fosse um pouco menor, talvez. Mas isso nunca vai chegar perto do meu cu — aviso, ainda de olhos fechados, sorrindo para o riso baixo que ele dá, quase como se não acreditasse que serei capaz de manter minha recusa.

Acho que nem eu acredito.

— Afasta as pernas — pede, erguendo meu tornozelo pra me livrar do tecido do short.

Ansiosa para voltar a sentir sua língua, obedeço, inclinando o tronco para a frente enquanto separo os pés.

O tapa estalado que acerta minha bunda me faz gritar e eu mordo o lábio inferior, gemendo e rebolando assim que sua boca se encaixa em minha boceta.

Agarro seu cabelo e o puxo contra mim, levantando uma das pernas para aumentar seu acesso ao meu núcleo encharcado.

Estou pingando e não tem nada a ver com a água do chuveiro que continua caindo sobre nós dois. Tem a ver apenas com o desespero quase doloroso que se forma em meu ventre, a necessidade de gozar em sua língua crescendo de uma forma que me deixa desorientada e enquanto puxo sua cabeça contra mim, gemo com o orgasmo que se forma.

Até que, sem mais nem menos, ele se afasta quase me fazendo engasgar com a interrupção abrupta.

— Não fui claro quando mandei deixar as mãos na parede?

Como se não reconhecesse meu próprio corpo, olho para onde apenas uma das minhas palmas está onde ele a posicionou, enquanto a outra, a que estava segurando seu cabelo, está ao lado do meu corpo.

— Eu não consegui — confesso, sem nem mesmo procurar uma desculpa diferente, ciente de que eu realmente perdi o controle, como ele disse que aconteceria.

— Eu sei — comenta, se levantando atrás de mim e puxando minha camiseta pela minha cabeça.

Ainda de costas, ergo os braços para ajudá-lo na função de me despir, mas sou surpreendida quando Matteo torce o tecido na altura de meus punhos, prendendo minhas mãos juntas.

— E é por isso que eu vou te ajudar — avisa próximo ao meu ouvido, empurrando o ponto de imobilização contra a parede.

— Matt... — Apesar da surpresa, eu gemo seu nome, porque eu nunca estive mais excitada do que agora.

Não sei se é o fato de estar tão próxima do orgasmo, se é a diferença da temperatura de seu corpo com a parede gelada contra meus seios, se é a restrição dos meus movimentos ou se é a certeza de que sou incapaz de me controlar com ele, mas tudo é demais pra mim, principalmente quando ainda com a boca em meu ouvido, Matteo diz:

— Abra as pernas pra mim.

É como se meu corpo não respondesse mais aos meus comandos, porque nem mesmo percebo antes de estar como ele quer que eu fique.

Seus dedos deslizam para baixo e o mais suave dos contatos contra meu clitóris é o suficiente pra me fazer fechar os olhos e apoiar a testa contra a parede, sua língua traçando os contornos de minha orelha assim como seus dedos contornam minha boceta, espalhando minha excitação.

Sua ereção, ainda dentro do short encharcado, pressiona minha bunda e a vontade de sentir sua espessura faz com que eu puxe minha mão, mas Matteo aperta a camiseta ao redor dos punhos, mantendo ambas no lugar ao mesmo tempo em que estapeia meu clitóris.

Grito.

— Viu como estou te ajudando a fazer o que eu mando?

— Me deixa te tocar — ordeno, mas o gemido faz com que eu pareça estar implorando.

E quer saber? Talvez eu esteja.

Assim como na primeira vez, tudo o que importa é Matteo.

— Vai me tocar, mas primeiro eu vou fazer o que tenho imaginado há semanas. — Beija meu pescoço, deslizando dois dedos pra dentro de mim. — Sabe quantas punhetas eu bati pensando em você gozando?

Imaginá-lo se masturbando a uma parede de distância enquanto pensava em mim, aumenta meu tesão e eu afundo os dentes no lábio inferior, cavalgando em sua mão.

Ele move seus dedos, os sons do vai e vem se misturando com o barulho da água caindo sobre nós enquanto nossas respirações entrecortadas embaçam o vidro do box, meus gemidos aumentando a medida em que o orgasmo volta a se formar, se tornando ainda maior do que o anterior.

Viro meu rosto por cima do ombro, procurando por seu beijo e ele me dá o que quero, sua língua invadindo minha boca no exato momento em que sua palma fricciona meu clitóris e eu me sinto em queda livre.

Minhas coxas tremem e enquanto gozo, estremeço em sua mão, gemendo em sua boca.

O arrepio corre através de mim, eriçando meus poros ao mesmo tempo em que minhas paredes apertam seus dedos, o orgasmo se prolongando até o ponto em que perco a força nas pernas e solto o peso contra o corpo de Matteo, ofegante.

— Matteo? — Com a nuca apoiada em seu peito e ainda meio grogue, digo seu nome.

— Uh?

— Agora é a sua vez de me obedecer — aviso, soltando a camiseta de meus punhos, assim que ele afrouxa o aperto, antes de me virar de frente para ele. — Me fode. *Agora.*

— É uma ordem?

— Desculpa... eu gaguejei? — respondo e abraço seus ombros, colando meu corpo no seu e me esfregando em sua ereção no instante em que o restante de sua roupa desliza até o chão.

Uma de suas mãos desliza até a parte de trás do meu joelho esquerdo e ele ergue minha perna até a altura do seu quadril.

Agarro sua ereção e gemo quando a encaixo em minha boceta ainda sensível pelo orgasmo, mas apesar de estremecer com a sensação intensificada, não consigo pensar em nada no momento em que sinto seu pau me invadir.

— Caralho, Alex — rosna, tão afetado quanto eu, e me empurra contra a parede para me dar mais apoio quando se move, saindo e entrando com um movimento deliciosamente lento.

Ainda abraçando seus ombros, apoio minha nuca na parede e assisto, extasiada, as gotas de água que escorrem pelo seu cabelo preto, molhando seu rosto marcado pelo tesão que ele sente enquanto me fode.

Matteo mantém a atenção em minhas feições, como se também quisesse assimilar tudo o que eu estou sentindo ao tê-lo se empurrando pra dentro de mim. Pele na pele.

O contato visual aumenta o tesão que nos rodeia, e eu sei que ele sabe disso, por isso faz questão de continuar me assistindo, as veias saltando em seu pescoço.

— Não sou a única perto de perder o controle — provoco e desço minhas mãos pelo seu peito e abdômen definidos, rodeando sua cintura até arranhar suas costas.

— Não, Alex, com certeza você não é a única.

Então ele me fode do jeito que nós dois queremos. Forte, duro, rápido.

Descontrolado.

Eu gemo e arranho suas costas. Ele grunhe e puxa meu cabelo.

Passo a língua pelo seu pescoço, antes de chupar sua pele, afundando os dentes ao sentir o tapa estalar em minha bunda.

É a dor gostosa. A dor que apenas Matteo já foi capaz de causar. A dor que eu quero que continue.

Movo meus quadris junto com os seus e sinto meu ventre voltar a pulsar mais uma vez, a excitação se tornando enlouquecedora enquanto seu pau se afunda em mim.

Voltando os dedos para meu cabelo, ele puxa minha boca para a sua, sua língua lutando com a minha enquanto seus lábios abafam meus gemidos desesperados.

— Goza — a palavra dita dentro da minha boca parece ter algum tipo de poder porque eu não preciso de mais nem um segundo pra obedecer.

Minha boceta pulsa ao redor de seu pau, mas antes que os espasmos terminem de passar por mim, Matteo se afasta e move a

mão pelo pênis de maneira rápida, bombeando, até que o primeiro jato de porra sai e acerta minha barriga.

Sem pensar, me aproximo e puxo seu rosto para o meu, beijando-o enquanto sinto seu gozo escorrer pelo meu abdômen.

Assim como ele fez comigo, engulo seus grunhidos, incapaz de me manter em silêncio a cada jato quente que sinto atingir minha pele.

Quando Matt afasta sua boca da minha, ele une nossas testas, sua respiração agitada atingindo meu rosto, assim como a minha atinge o seu.

— A gente precisa conversar.



07

MATTEO FAWCETT

Oito anos atrás

Você é realmente único, não é?

Você me mostra coisas que eu não sabia que gostava

Eu nunca desejei ninguém como você

Para você, estou pronto para mudar meu ponto de vista, sim

Garota, você é como ninguém

Você realmente não tem complexo

Você torna tudo tão intenso

Você me puxa até eu ficar obcecado

(Body – Rosenfeld)

ERGO OS OLHOS para a porta do quarto que Alex tem usado e assisto-a se aproximar com o cabelo ainda molhado deixando um rastro de água pelo tecido da camiseta larga, o pescoço carregado com as marcas que deixei com os chupões e mordidas, parecidas com as que ela deixou em mim, e uma expressão satisfeita no rosto.

Se eu não estivesse preocupado com o rumo que as coisas entre nós dois pode tomar, estaria com a mesma expressão.

— Espero que tenha entendido que te ignorar nunca foi sobre não te querer — digo, assim que ela se senta ao meu lado no sofá.

Um sorriso satisfeito brinca em seus lábios quando ela assente.

— Mas antes que aquilo aconteça de novo, precisamos esclarecer algumas coisas.

— Quem disse que vai acontecer de novo? — Ergue a sobrancelha.

É a minha vez de sorrir.

— A forma como você me olha deixa isso claro. — E a forma como eu a desejo reforça isso ainda mais.

Não sei se é proposital, mas algo em seus olhos muda, afetando tanto a atmosfera que nos cerca quanto meu pau, que parece pronto para voltar a vida.

Quero foder sua boca enquanto vejo seus olhos.

Algo que me diz que vai ser como uma viagem ao paraíso, mesmo que ela pareça agir como um verdadeiro demônio, ainda mais quando se ajeita no sofá, virando o corpo na minha direção, e me olhando com curiosidade.

— E o que precisamos conversar antes de acabarmos transando de novo?

— Exclusividade.

O espanto cruza seu rosto.

— Você quer ser exclusivo?!

— Não. É justamente onde quero chegar. — Alívio me toma ao ver como Alex parece tão avessa a essa opção quanto eu.

No ano em que passei na Espanha, eu nunca fiz questão de me preocupar em esclarecer os termos do que eu teria com qualquer mulher que dormisse comigo. Também não dei a entender que seria nada mais que sexo, entretanto, nunca reforcei que seria só isso.

Até porque, eu não me importava com nenhuma delas.

Mas eu me importo com Alex.

Tanto quanto eu quero fodê-la.

Por isso, a fim de evitar qualquer problema que um mal-entendido poderia causar, principalmente a ela, uma mulher que já passou por tantas coisas terríveis, decido ser claro sobre o que está acontecendo entre nós. E o que *não* está.

— Espere que eu te foda como ninguém nunca te fodeu, Alex, mas não espere um relacionamento comigo. Não estou interessado em um.

— Por que acha que eu...? Ah... — entendimento toma seu rosto, espantando a confusão, então ela acena para si mesma. — Acha que vou me apaixonar por você. — Não é uma pergunta. É mais uma conclusão.

— Já esteve com alguém além de Adam? — Nega. — Então você ainda não lidou com sexo casual, não é?

— Não. Mas não precisa se preocupar. Posso *garantir* que não vou me apaixonar por você.

Não posso deixar de soltar um riso, surpreso.

— Deveria me sentir ofendido?

— Não. O problema não tá em você. Uma pessoa normal com certeza se apaixonaria por Matteo Fawcett. Acontece que eu não sou uma pessoa normal. — Dá de ombros, a tranquilidade em seu tom fazendo com que ela pareça estar falando sobre algo banal como o clima. — Eu sou quebrada, Matt. E faltam algumas partes em mim. Uma dessas partes é a minha capacidade de amar alguém.

Não sei o que lhe dizer.

Não concordo com suas palavras, mas como discordar, sendo que tenho apenas uma pequena ideia do que ela passou?

— Não me olha com essa cara — ri, divertida. — É que... como eu posso dar algo que eu nunca recebi? Meu pai me abandonou, minha mãe me espancava e meu namorado, além de me trair, me bateu e tentou me estuprar. Eu não sei amar, Matteo, porque eu nunca fui amada. E, não me leve a mal, mas não acho que você e seu pau gigante sejam o suficiente pra consertar algo tão fodido quanto minha mente distorcida.

Acreditava gostar de tudo sobre Alex, desde o humor ácido até a boceta apertada, mas acabo de descobrir que há algo sobre ela que eu *odeio.*

Seu passado e como ele afetou a forma como ela se vê.

— O que você acha da gente tentar? — proponho, sorrindo para a estranheza que fica evidente quando ela franze o nariz assim.

— Se amar?

— Manter as coisas casuais — corrijo, fazendo com que sua expressão relaxe.

— E como seria isso? — Alex não tenta disfarçar o interesse em minha proposta.

— Quase como uma amizade com benefícios. Fodemos quando quisermos e com quem quisermos. Sem cobranças, sem reclamações, e com muito sexo. — Quando termino de dizer isso, ela já está sorrindo, mas evito que dê sua opinião quando ergo a mão, calando-a. — Só que teremos regras.

Seu sorriso murcha.

— Os ônus que vêm com os bônus — resmunga baixinho, mas acena com o queixo. — Quais suas regras?

— Primeiro: sem se apaixonar.

Não tenho problemas com sentimentos. Meu problema está no fato de que quero seguir a carreira do meu pai e me sinto atrasado, principalmente depois dos últimos dois anos. Preciso de foco, e um namoro não é algo que eu queira agora, ainda mais depois do tempo em que passei com Leah.

Quero o sexo, mas não quero mais cobranças do que eu mesmo coloco sobre mim.

— Isso já foi discutido, Matt — comenta. — Mas... regra aceita. Prometo não me apaixonar por você. Qual a próxima?

— Sem joguinhos. Se algo te incomodar, não vai ficar quieta.

— Não sou mais esse tipo de pessoa — garante. — Se algo me incomodar, prometo que vou cuidar disso.

— E se você não conseguir cuidar, me avisa que eu faço com que suma — acrescento. — E a terceira regra... você não pode mais dizer que está quebrada.

— Por quê?

— Porque a cada segundo que ouço você dizendo isso, sinto vontade de destruir cada pessoa que te machucou.

Minhas palavras pegam tanto a mim quanto a ela de surpresa, mas Alexandra não questiona sobre isso e eu não lhe ofereço uma explicação, porque, no fundo, eu não tenho uma.

Ouvir Alex dizer que o mundo a quebrou, faz com que eu queira trazer o mundo ao chão.

Assim como seu corpo merecia ser beijado e não marcado, ela merece mais do que a vida já lhe ofereceu e eu espero fazê-la mudar de ideia quanto ao fato de ela ter partes faltando.

O primeiro passo para isso será fazê-la parar de repetir que algo está errado sobre ela, sendo que foi o mundo quem errou com Alexandra Kendricks.

— Aceito suas regras se você me responder uma coisa, antes — diz, depois de refletir por uns segundos.

— Vá em frente. Pergunte.

— Por que você treina tanto?

Sorrio.

— O que acha de descobrir isso, amanhã?

— Tudo bem — concorda e novamente seus olhos se tornam como metal derretido. — E o que a gente faz até lá?

— Depende. Tem certeza que aceita minhas regras?

— Sim.

— Então agora a gente fode.

A L E X A N D R A
K E N D R I C K S

Olho para o prédio que mais se parece com um galpão abandonado e franzo o cenho enquanto Matteo luta contra a fechadura.

— Sei que depois de ter me mudado pra sua casa sem nem mesmo te conhecer prova que meu instinto de sobrevivência é meio baixo, mas entrar aí tá parecendo uma ideia ruim até pra mim — comento e Matt vira seu rosto, deixando que eu assista seu sorriso de perfil por cima do ombro.

— Você quem pediu por isso — diz e gira a maçaneta, empurrando a porta que range ao ser aberta.

Ele entra primeiro, mas mesmo que eu esteja relutante, minha curiosidade fala mais alto e o sigo, adentrando o breu que é dentro do espaço.

Aperto os olhos, tentando me acostumar com a claridade quase inexistente, mas as poucas janelas têm os vidros pintados de preto, então além de alguns contornos de coisas que não consigo determinar o que são, não vejo mais nada.

Sigo o som dos passos de Matteo, e assim que ele para de andar, um estalo ecoa no mesmo segundo em que várias lâmpadas se acendem, iluminando o lugar.

— Alexandra Kendricks, esse é o *Dojô*. — Matteo, ainda com a mão sobre a alavanca usada para acionar as luzes, sorri, mas estou distraída demais para lhe responder.

Dou alguns passos incertos, assimilando tudo ao meu redor.

Há um ringue no canto esquerdo e ao lado há um saco de boxe preso ao teto. Enquanto isso, no canto direito, algumas placas azuis acolchoadas estão espalhadas pelo chão. Em frente às placas, vários equipamentos de musculação estão dispostos de formas desorganizadas, a grande maioria apresentando sinais de ferrugem.

É um centro de treinamento velho, porém, tomando como base o pouco conhecimento que eu tenho, posso considerá-lo um espaço bem completo, ainda mais com as dezenas de apetrechos jogados no chão, próximo ao ringue. Luvas de boxe, capacetes e mais uma variedade de acessórios que eu não sei nem o nome e nem a finalidade.

Me sobressalto quando minha análise é interrompida pelo som da porta se fechando atrás de mim e eu me viro para Matteo.

— Você disse que queria saber por que eu me exercito tanto, então decidi te mostrar — diz, girando a chave. — Na época em que meu pai treinava aqui, o lugar era destinado ao treino de judô, por isso ainda chamamos de *Dojô*, mesmo que não seja mais atribuído apenas à artes marciais japonesas. — Acena.

Assinto, demonstrando entendimento enquanto acompanho Matteo, ouvindo sua explicação.

— O antigo dono voltou para o Japão e um amigo do meu pai comprou o lugar. Na reforma que ele fez, diminuiu o tatame — acena para as placas azuis acolchoadas —, acrescentou o ringue e os equipamentos, transformando o local em um centro de treinamento.

— E por que você tem a chave?

— Esse novo dono, Carl, se mudou para o outro lado do país, mas como meu pai e os outros caras gostavam de treinar aqui, ele deixou a chave. Hoje em dia, o pessoal do departamento não o usa mais, então só eu venho até aqui.

— Que departamento? — Franzo o cenho, confusa.

— Departamento de Polícia de Los Angeles. LAPD — responde e é como se ele me desse a peça final para que eu montasse um quebra-cabeça.

— Seu pai era policial. — Ele assente. — Por isso Adam não te denunciou depois da surra?

— É. — Acena mais uma vez. — Deixei claro que se ele tentasse, mancharia a reputação do pai dele e ele ainda viraria o novo brinquedinho da cadeia.

— E deixa eu adivinhar... — paro de andar e me viro para Matteo, sorrindo divertida —, ele chorou quando ouviu isso.

— Como um bebê.

— Imaginei — rio, me aproximando do saco de boxe. — Mas ainda não me respondeu o que eu te perguntei ontem. Por que treina tanto?

— Eu costumava vir pra cá com o meu pai, então ele me ensinou bastante coisa sobre artes marciais. — Sinto-o se aproximar enquanto toco o saco de areia, surpresa com o quão duro é. — Então, em parte, venho porque estou acostumado a estar aqui. Mas eu também quero entrar para o LAPD. — Seu hálito acerta minha nuca no instante em que ele para atrás de mim, o calor do seu corpo muito mais intenso do que o sol do lado de fora.

Sinto meu coração bater mais rápido no instante em que suas mãos tocam minha cintura, me puxando contra ele e colando minhas costas em seu peito.

— Erga as mãos na altura do rosto — pede baixo, próximo ao meu ouvido, e eu obedeço, assistindo-o fechar meus dedos em punho.

Já havia notado a diferença de tamanho entre nossas mãos, mas fica ainda mais nítido quando ele as segura assim.

— Quando for dar um soco, precisa manter o punho estabilizado para não se machucar — explica, seus lábios roçando minha orelha a cada palavra que diz, a sensação dificultando um pouco meu foco. — Você precisa firmar sua base — com cuidado, seu pé esquerdo empurra o meu e eu me movo da forma como ele quer, dando um passo pra frente, mantendo minha perna direita recuada — porque isso vai ajudar você a se mover na hora de uma luta, e você não vai correr o risco de se desequilibrar para trás.

Tirando o fato de que nossos corpos estão colados e sua boca está roçando meu ouvido, não há nada sexual em suas palavras, entretanto, a cada sílaba que ele pronuncia, me sinto mais excitada.

Mas não me surpreende.

Matteo tem uma forma de falar, sorrir e olhar que faz com que tudo pareça um flerte. É como se a luxúria exalasse dos seus poros, transformando-o na personificação do pecado.

— Quando você estiver com a base firmada — ele solta meus punhos, deslizando seus dedos pelos meus braços, ombros e tronco, até apoiar as mãos em minha cintura —, você vai usar os quadris para impulsionar os golpes — murmura e eu engulo em seco quando ele aperta a carne com um pouco mais de força. — Dê um soco — manda. — *Devagar*, pra não se machucar.

Golpeio o saco com a mão esquerda, cautelosa, porque sei o quanto é duro, e sinto Matteo mover meus quadris, demonstrando o que quer dizer sobre impulsionar os golpes.

— Direita — diz e eu obedeço mais uma vez, sentindo-o me mover. — Sua mão esquerda, por ser o lado do seu corpo que está na frente, é o *Jab*. A mão direita, por ser o lado que a perna está atrás, é o *Direto*, e por você ter uma alavanca maior é um golpe mais forte — explica. — Continua devagar porque não quero você machucada, mas tenta. — Ele não se afasta nem retira as mãos de mim e eu gosto disso, seu toque me deixa mais quente, assim como sua voz e a atmosfera ao redor, que só me excitam mais e mais. — *Jab. Jab. Direto.*

Obedeço, deixando o quadril mole para que ele consiga movê-los no tempo dos meus golpes.

— Me deixa te mostrar — pede e, com cuidado, me puxa para longe.

Matt se posiciona no meu lugar e ergue os punhos, seus braços fortes ondulando a medida em que se prepara.

Porra, ele é gostoso de um jeito desconcertante e apesar de querer prestar atenção no que ele está dizendo, não posso afastar a vontade de correr minhas unhas por seus bíceps. Ou minha boca.

Talvez essa ideia de sermos casuais esteja mexendo demais com minha cabeça porque, com a possibilidade de transar com ele a qualquer hora, só consigo pensar em quanto quero senti-lo *o tempo inteiro.*

— A ideia é que o *Jab* abra a guarda do oponente, enquanto o *Direto* chega pra machucar — diz e eu assisto o momento em que Matteo, com uma força absurda, golpeia o saco, repetindo os mesmos três golpes que eu acabo de dar, o som alto ecoando pelo galpão.

Tento assimilar o conjunto de seus movimentos, desde os braços se esticando até seu quadril se movendo, como ele moveu o meu. E porra, eu não preciso de conhecimento pra entender que ele é bom pra caralho nisso.

Acho que passaria horas assistindo Matteo treinar e não me sentiria entediada. Assim como eu passaria horas explorando seu corpo, sem me sentir enjoada.

Tá vendo?! Ele sem tentar e talvez até sem perceber, *exala* luxúria.

— Volta pra cá — chama e eu obedeço, tanto porque quero seus toques em mim quanto porque... eu gostei.

A ideia de saber me defender é algo que me agrada, além disso, mesmo que eu esteja “lutando” contra um saco de boxe, há uma fagulha de adrenalina e animação que correm pelo meu corpo, algo que eu nunca senti antes.

E é gostoso.

— Prende o cabelo, Alex — orienta, assim que me posiciono no mesmo lugar que antes. — E pode tirar a blusa se quiser. Você vai suar — diz e segue a própria orientação, puxando a camiseta por cima da cabeça, expondo o tórax que eu passei horas explorando essa noite.



MATTEO
FAWCETT

Sorrio quando assisto Alex desabar sobre o tatame, o peito subindo e descendo com a respiração ofegante enquanto o suor cobre seu abdômen exposto pelo top preto que está usando.

O cabelo úmido se espalha sobre a placa azul e o vermelho em suas bochechas é um lembrete de todo o esforço que acaba de fazer durante o treino. E mesmo que mal consiga respirar, enquanto encara o teto do *Dojô*, há um sorriso de puro êxtase em seu rosto.

Suando tanto quanto ela, porém menos ofegante, me deito ao seu lado.

— Entendi — diz, depois de algum tempo, e se impulsiona para cima, se sentando para me olhar.

Tombo a cabeça para o lado.

— O quê?

— Porque você treina tanto — enquanto fala, enrola os fios longos em um coque no topo da cabeça. — A sensação é muito boa.

— Você pode vir mais vezes se quiser — ofereço. — Quem sabe não se torna boa o suficiente pra eu ter uma parceira de treino.

Ela rola os olhos para minha provocação, então morde o interior da bochecha, refletindo.

— Não quero te atrapalhar. Você tem um foco quando treina.

— Não vai atrapalhar — garanto, mesmo que eu saiba que ter essa garota perto de mim vai ser uma distração do caralho, ainda mais ao imaginá-la sorrindo a cada sequência de golpes finalizados. Olhar pra ela definitivamente vai ser mais interessante do que treinar. — Vou te passar uns movimentos e você vai aperfeiçoando enquanto eu treino.

— Tem certeza que não vou te incomodar?

— Já te disse que você não é incômodo, Alex.

Ela sorri.

Todos os sorrisos que já vi Alexandra dar, mesmo que lindos, nunca me pareceram sorrisos felizes. Sempre tinha algo a mais por trás, um desejo de vingança, uma alfineta, um deboche. Mas nesse instante, a forma como seus olhos brilham, seus lábios se movem e

ela assente, vejo um pouco do que seria a garota de dezoito anos que ela não conseguiu ser por tudo o que viveu.

— Então eu quero — avisa, animada, e volta a se deitar, dessa vez se virando de lado para me olhar. — O que aconteceu com seus pais? — questiona, assim que imito sua posição e a espontaneidade da pergunta quase me faz engasgar.

— Por que tá perguntando isso? — pergunto em tom neutro, sem querer soar rude, mas incapaz de ser gentil.

Seu sorriso desaparece.

— Não quis te ofender e não precisa me contar. É que vi que tem várias fotos com eles, no apartamento. Mas nenhuma recente. Então acho que eles morreram, não é? — Assinto, sem saber como falar sobre isso.

Quando precisei contar sobre a morte deles, enquanto organizava o funeral, nem mesmo pensava nas palavras em que dizia. A dor da perda era grande o suficiente para apertar meu peito de uma forma tão dolorosa que me importar com a maneira certa de dar tal notícia era algo impossível. Eu simplesmente cuspia as informações relacionadas ao velório e depois que suas cinzas foram jogadas na água, nunca precisei falar sobre a morte deles.

Até agora.

Alex, apesar de me olhar com a mesma curiosidade que sempre notei, não me força a dizer nada, apenas mantém atenção em meu rosto, entretanto, um desejo esquisito de falar com ela faz com que eu abra minha boca:

— Faz dois anos.

— O que aconteceu?

— Eles estavam viajando de férias, e a casa onde estavam desabou.

Ela pisca surpresa e eu tenho razoável certeza de que essa foi a mesma expressão que todas as pessoas pra quem contei isso fizeram. Talvez até eu mesmo tenha feito.

Ouvir que uma casa desabou e os soterrou não é algo normal, mas foi o que aconteceu com eles.

— Sinto muito pela dor que você sentiu. Você parecia amar seus pais.

— E o que aconteceu com o *seu* pai? — pergunto, aproveitando que já estamos em um tópico sensível.

Não sei se teria coragem de lhe perguntar algo assim porque não sei ao certo quanto essas coisas a afetam, mas tenho minha resposta quando sem nem mesmo piscar, ela dá de ombros, indiferente.

— Não sei. Ele foi embora quando eu era pequena. Pelo que minha mãe costumava dizer, ele falou que ia sair pra comprar os cigarros dela e nunca mais voltou.

Uma vez ouvi que o contrário do amor não é o ódio. Para que você odeie alguém, ainda é necessário que parte de você seja afetado por aquela pessoa. O contrário do amor, então seria a indiferença.

E é isso o que encontro nos olhos e no tom de Alex. Indiferença.

— Não sei nem o nome dele, pra falar a verdade. Minha mãe nunca disse. Ela só se referia a ele como “seu pai” — acrescenta. — Quer que eu fale sobre a minha mãe de uma vez? — oferece, parecendo pensar da mesma forma que eu, sobre aproveitar que já estamos tão afundados no passado assim.

Não preciso saber dos detalhes para ter certeza que eu a odeio.

Sim, ódio, porque eu não me importo de me desgastar para odiar a pessoa que deixou as cicatrizes que eu vi em seu corpo. Na verdade, eu não me importaria de colocar um fim a essa pessoa, mesmo que a ideia de machucar uma mulher me deixe enjoado.

A mãe de Alex, sendo mulher ou não, merece ser machucada.

Entretanto, mesmo incerto sobre qual pode ser minha reação ao ouvir mais sobre o que ela passou, aceno sutilmente.

— Ela sempre me odiou e eu nunca tive dúvidas disso. — A indiferença que ela continua usando faz parecer que ela está

falando sobre uma pessoa distante, alguém que ela mal conhece, e não sobre seu próprio passado. — Até porque ela tinha formas de reafirmar isso — sorri, ácida. — Não lembro qual a primeira coisa que ela fez que não se enquadra no que uma mãe deveria fazer com uma filha, mas Alex era bem criativa.

Congelo.

— O nome...? — *porra!* Por isso ela disse, no primeiro dia que nos encontramos, que não gostava de ser chamada assim?!

Eu tenho constantemente a chamado pelo mesmo nome da mulher que a espancava?!

— É. — Assente. — O nome da minha mãe é Alex Elize Kendricks.

Tenho vontade de socar minha própria cara e sei que isso fica claro em meu rosto quando um riso baixo ecoa dela.

— Relaxa, Matt. Quando você me chama assim, eu não penso que é uma referência a ela — diz, como se lesse meus pensamentos. — Eu sinto que é mais uma piada interna entre nós dois. Até porque, só você me chama de Alex. Geralmente as pessoas obedecem quando digo que prefiro ser chamada de Alexandra.

Por algum motivo, gosto de saber que tenho algo exclusivo sobre ela, já que exclusividade sobre seu corpo não é algo que terei.

Porque foi o que combinamos e é o melhor para nós dois.

Ela precisa viver além do que o relacionamento com Adam foi, e eu preciso me concentrar no meu futuro.

— Gosto que você me chame de Alex.

Sorrio.

— Vou garantir que você seja a única a me chamar de Matt, então. Assim a nossa piada interna servirá para nós dois.

— Feito — concorda, sorrindo. — De qualquer forma, minha mãe era bem criativa em suas formas de... *tortura.* — Não sei se é de propósito, mas ao dizer isso, seus dedos traçam os contornos das cicatrizes em sua barriga. — Tinha as surras, que eram bem

frequentes. De vez em quando ela incrementava com uma queimadura ou outra.

A indiferença em seu rosto é substituída por um brilho sombrio e uma ponta de mágoa, que eu aposto que nem ela nota, mas eu consigo enxergar o quanto pensar em seu passado pesa. E esse peso, não me surpreende. O que me surpreende é a vontade que tenho de mais uma vez beijar cada uma das marcas que ela tem.

— Ah, e ela gostava de deixar a fome me torturar também. A fome doía tanto quanto as queimaduras.

Odeio que ela conheça tantos tipos de dores.

— E eu não sabia como procurar ajuda. Sabia que era errado passar por aquilo, mas não sabia o que fazer. Além disso, ela costumava dizer que se eu reclamasse com alguém, seria mandada para um orfanato e teria que comer baratas — ela faz uma pausa e respira fundo. — Até que um dia uma professora viu um dos machucados e me perguntou o que estava acontecendo. Naquele dia, lembro de ter pensado que comer baratas não era tão ruim assim, então eu contei sobre tudo e fui tirada da minha mãe. — Seus olhos se fixam nos meus. — E eu nunca revidei. Até Adam. E eu nem mesmo sabia o que fazer, eu só o empurrei e ele caiu porque estava bêbado. Mas eu não sei o que teria acontecido se ele estivesse sóbrio.

Ele estaria morto. Eu garantiria isso.

Mais uma vez, Alex fica em silêncio, como se refletisse sobre algo, parecendo tão incerta quanto estava no dia em que chegou ao meu apartamento e pediu para passar a noite.

— Acha que pode me ensinar a revidar? — pergunta, por fim.

Fico em pé, sentindo seus olhos fixos em mim, assistindo meus movimentos, até que me inclino sobre ela e estendo a mão.

— Vamos começar — chamo e novamente há um brilho animado em seu rosto quando ela aceita minha mão e eu a puxo, ajudando-a a ficar em pé.



08

ALEXANDRA KENDRICKS

Oito anos atrás

Porque eu sei que somos tão complicados

Mas estamos tão apaixonados, é uma loucura

Eu não posso ter o que eu quero, mas você também não!

Você não é meu namorado

E eu não sou sua namorada

Mas você não quer que eu veja mais ninguém

E eu não quero que você veja ninguém

(Boyfriend – Ariana Grande)

CHUTO A COSTELA de Matteo, mas antes que possa abaixar a perna, ele a segura, me olhando com reprovação.

— Quantas vezes já te disse que esse golpe te deixa vulnerável? — questiona e para provar seu ponto, chuta meu pé de apoio, me derrubando de costas no chão do ringue.

Ele estende a mão, mas eu nego, precisando de mais um momento para respirar enquanto o suor escorre por cada parte do meu corpo, meu coração batendo a uma velocidade preocupante. Mas, mesmo se eu estivesse prestes a ter um ataque cardíaco, eu não deixaria de sorrir para a adrenalina que corre por mim a cada vez que piso no *Dojô.*

E eu já piso aqui há quase três meses.

Desde a primeira vez em que Matteo me trouxe até aqui, todos os dias religiosamente, nós aparecemos para treinar.

No começo, achei que ele, no fundo, estivesse tentando me matar. Meu corpo doía e eu mal conseguia me mexer, mas uma semana depois eu só me sentia viva. A cada vez que notava como meu corpo ficava mais forte e meus movimentos mais ágeis, eu só conseguia pensar em como queria mais e mais.

Além disso, no começo, também sentia que estava atrapalhando Matteo, principalmente porque ele passava muito tempo comigo, me ensinando, mas agora, com a força que aprendi a colocar nos golpes, a agilidade que desenvolvi e as provocações que trocamos, me considero mais sua parceira de treino do que um incômodo.

— Eu mal alcanço seu rosto, como quer que eu tente te golpear com socos? — questiono, ainda deitada, aceitando a garrafa de água que ele me entrega.

— Não tem problemas em alcançar meu rosto quando quer me beijar — pontua e eu bufo, me sentando.

— Porque não corro o risco de levar uma rasteira quando estou fazendo isso — rebato, lhe dando um sorriso debochado que ele retribui da mesma forma.

— Me deixa te mostrar uma coisa. — Ele se abaixa e segura meus punhos, me puxando pra que eu acabe em pé mais uma vez, seu cheiro misturado com seu suor fazendo com que meu interior se agite. — Me beija.

A única coisa capaz de fazer meu coração bater mais rápido do que esses treinos é Matteo. Seja a forma como me toca, como me olha, ou como sorri. Faz três meses que temos transado e esses três meses serviram para reforçar que ele é a personificação do pecado.

Sabendo que provavelmente vai dar um jeito de me derrubar por estarmos no ringue, me aproximo com cautela, mas no segundo em que meus lábios tocam os seus, a adrenalina do treino se transforma em excitação.

Ele abre a boca para que nossas línguas se enrolem e, por longos segundos, apenas me beija, suas duas mãos se entrelaçando em meus cabelos úmidos pelo suor.

— Cuidado pra não morder a língua — diz em minha boca e eu franzo o cenho sem entender, mas antes que possa lhe perguntar algo, sua perna sobe entre nós e ele apoia o joelho em meu abdômen, jogando o próprio corpo para trás enquanto me puxa junto.

Sua perna funciona de alavanca e no instante em que suas costas acertam o chão com um impulso, ele me lança por cima de si, fazendo com que eu também aterrisse de costas, suas mãos em minha nuca, evitando que eu bata a cabeça.

— Isso é pra mostrar que eu tenho que tomar cuidado quando for te beijar? — resmungo, tentando entender toda a mecânica do movimento que ele acaba de fazer.

— Só precisa tomar cuidado quando for me beijar se não quiser acabar sem roupa — esclarece. — Mas esse é um golpe que você pode usar quando seu tamanho te colocar em desvantagem. Ao invés de empurrar, você puxa e joga a pessoa por cima de você.

Matteo costuma me derrubar com tanta frequência, que pegar sua mão estendida pra mim é quase como um movimento automático.

Ele me puxa em pé, mas o cansaço evidente em nós dois é o bastante para que a gente, sem precisar trocar nem mesmo uma palavra, decretamos que por hoje é só.

Ele ergue a corda que limita o espaço do tablado, abrindo espaço para que eu pule para o chão, antes de fazer o mesmo que eu.

— Você vai fazer alguma coisa hoje? — pergunto, me apoiando na lateral do ringue, deixando que o corpo esfrie um pouco depois de todo o esforço causado pelo treino. *E do calor que seu beijo trouxe.*

— Hannah está na cidade — responde, parando ao meu lado, rindo ao ver a forma como franzo o nariz. — Não faz essa cara.

— Sério, das mulheres que você pega, ela é a mais chata — decreto.

— É a mesma coisa com Mason — acusa.

— É *Jason*.

— Pra mim, ele é só um dos caras com quem você fica e que nunca são bons o suficiente, por isso, sempre acaba frustrada até que eu te faça gozar.

E essa é a nossa relação.

Nós moramos juntos e eu nunca fui próxima de alguém como sou de Matteo, e eu sei que é o mesmo pra ele. Entretanto, o que combinamos naquele dia se mantém sendo nossa regra. Não somos exclusivos.

Já havíamos conversado sobre isso, mas *eu* fui a pessoa a decretar que essa regra seria seguida quando uma semana depois de começarmos a foder, passei em seu quarto e avisei que estava saindo para um encontro com Jason Moreau, um dos antigos jogadores do time da escola que frequentei.

Por alguns segundos, fui incapaz de decifrar o que cruzou seu rosto, até que ele assentiu e ficou em pé, caminhando até mim apenas com a calça pendendo em seus quadris, o abdômen definido quase me fazendo repensar sobre sair ou me entreter com ele.

Mas eu queria viver minha liberdade, e isso incluía transar com quem eu quisesse, por isso, mantive minha decisão.

Porém, antes que pudesse sair do apartamento, Matteo me fez uma série de perguntas que eu tenho certeza que incomodaria várias pessoas, ainda mais porque eu não devia explicações a ele.

Entretanto, ele não me pediu *explicações*, ele me pediu *informações*.

Onde eu havia conhecido Jason, pra onde iríamos e me fez *prometer* que avisaria caso fosse dormir fora, além disso, também instalou um aplicativo em meu celular que permitia que nós dois compartilhássemos a localização um com o outro.

— Tá sendo tóxico — comentei, assim que devolveu meu celular, mas olhei para a tela, vendo que ele também estava compartilhando a dele comigo.

Matteo riu e se inclinou para a frente, depositando um beijo na minha testa.

— Estou sendo *preocupado*.

A soma de suas palavras e suas ações me pegou desprevenida e enquanto seus lábios se demoraram em minha testa, fechei os olhos, absorvendo a sensação de ser importante para alguém.

— Se divirta.

Então ele me soltou e voltou para o seu quarto.

O encontro com Jason foi melhor do que eu esperava e, por isso, quando ele estacionou em frente ao prédio de Matt, ao invés de descer, me lancei sobre ele e foi assim que eu transei pela primeira vez dentro de um carro.

Não foi bom, mesmo que ele soubesse o que estava fazendo, e eu sabia que era culpa do espaço apertado que não permitia que eu me movesse direito, por isso, antes de sair do veículo, aceitei seu convite para um segundo encontro.

Estava meio extasiada pelo orgasmo, mas todo meu corpo se retesou no instante em que abri a porta do apartamento e ouvi gemidos.

— *Porra, Matteo...*

Por três segundos, fui incapaz de me mover, permanecendo congelada no lugar, até que cerrei os dentes e segui para o meu quarto, enfiando meus fones de ouvido para ignorar o som alto que vinha do outro lado da parede. Onde Matteo fodia uma mulher.

Quando acordei, ainda mal-humorada, e saí do quarto vestindo apenas uma das camisetas que havia roubado dele, dei de cara com uma loira alta que com certeza poderia estampar alguma capa de revista.

Ela era absurdamente linda, mas também era uma cretina porque assim que me viu arregalou os olhos para Matteo, que saía

de seu quarto, e disse:

— Não sabia que sua irmãzinha estava em casa. Teria feito menos barulho se soubesse disso.

Eu não sabia se tinha vontade de socar seu rosto pela frase ou pelas marcas de unhas que cobriam o peito largo de Matteo.

— Não somos irmãos, Hannah — ele disse. — Essa é Alexandra, minha colega de apartamento. Alex, essa é Hannah.

Ela tentou sorrir, mas eu nem mesmo tentei ser educada quando soltei:

— Você já tá de saída, não tá? Preciso conversar com Matteo. *Em particular.*

Enquanto eles se despediam, me mantive na cozinha, fingindo procurar alguma coisa dentro da geladeira, sem querer assistir a troca de saliva dos dois.

— Disse que precisamos conversar — ele falou, segundos depois da porta ter se fechado e quando me virei para olhá-lo, Matt estava sério, as mãos apoiadas sobre a mesa e os olhos fixos em mim, aparentemente com um humor tão ruim quanto o meu.

— Nosso acordo foi que não faríamos joguinhos, certo? — Ergui a sobrancelha e cruzei os braços. — Então, já que você quer que eu seja sincera com você, vou ser. — Fiz uma pausa, tentando me acalmar, mas irritada demais para conseguir pensar em algo além do gosto amargo no fundo da minha garganta. — Sei que essa casa é sua e sei que você pode fazer o que quiser, mas da próxima vez que for trazer alguém pra cá, ainda mais uma pessoa tão escandalosa quanto ela, dá pra me avisar?

— Porque aí você vai continuar fodendo dentro do carro ao invés de subir? — ofereceu, fazendo com que meu queixo caísse com a surpresa de ouvir que ele havia visto o que eu e Jason tínhamos feito.

Não que fosse um segredo. Eram as nossas regras, afinal.

— Você se incomodou comigo trazendo alguém pra cá? — perguntou depois que nos mantivemos em silêncio por longos segundos, nossos olhares travando uma batalha intensa.

— Sim.

— Tudo bem. Me desculpa. Não vai se repetir. Quando eu quiser transar com outras pessoas, vou sair.

— É a *sua* casa.

— Você mora aqui também, Alex. Então ela é *nossa*. Mas quero você transando com outros, longe da portaria do meu prédio. Não vou pagar sua fiança se você for presa por atentado ao pudor.

Incrédula, porém aliviada por notar a ponta de provocação em sua voz, deixei que meu queixo caísse.

— E quem vai ser sua parceira de treino se eu for presa?

O imbecil olhou dentro dos meus olhos e deu uma piscadinha antes de responder:

— Aposto que a Hannah pode aprender.

E foi assim que naquela tarde consegui que um dos meus golpes ultrapassasse a guarda de Matteo e acertasse o meio de seu nariz, o sangue brotando no mesmo segundo.

— Aposto que a Hannah não conseguiria fazer isso.

Matt ergueu a cabeça e passou a mão limpando o líquido, antes de olhar para os dedos sujos de vermelho e rir.

— Você é a única que conseguiria, Alex.

Ele nunca mais levou nenhuma mulher para casa, e a única vez que ele encontrou com Jason foi no dia em que foi me buscar na porta do apartamento.

E houveram mais pessoas além dos dois. Tanto pra mim quanto pra Matt. Mas algo se tornou perceptível quando, há seis semanas, enquanto me arrumava para um encontro com o vocalista de uma pequena banda local, um estrondo ecoou do lado de fora do apartamento, indicando o início de uma chuva torrencial.

No mesmo instante, eu soube que não sairia de casa. Não com o mundo desabando do lado de fora, ainda mais quando eu me lembrei do medo que senti ao ser trancada para o lado de fora de casa, quando eu era pequena, implorando pra que minha mãe me deixasse entrar, repetindo o quanto doía ser acertada pelas gotas fortes.

Desde aquele dia, eu era incapaz de me manter calma durante tempestades.

Por isso, peguei meu celular e desmarquei o encontro com Steve, sem dar a mínima para qualquer coisa que ele estava dizendo sobre ter demorado para conseguir uma reserva no restaurante. Eu simplesmente não sairia de casa.

Sem nem mesmo tirar a calça jeans que estava vestindo, subi em minha cama, torcendo para que a chuva acabasse logo, ainda mais porque sabia que Matteo também não ficaria em casa, já que tinha um compromisso.

Acontece que antes de sair ele bateu na porta do meu quarto.

Eu não sei o que Matt viu quando me olhou, mas não precisei dizer nem uma palavra antes que seus olhos se suavizassem.

Ele sumiu por alguns segundos, e quando voltou, estava vestindo calça de moletom.

— Chega pra lá — mandou, pedindo por espaço em minha cama.

— Não vai sair?

— Não enquanto tá chovendo — respondeu, se deitando ao meu lado. — Sei que você não gosta de chuvas.

— Então vai deixar de ir no seu encontro pra brincar de babá?

Matteo bufou um riso e me olhou com uma intensidade quase desconcertante.

— Podemos não ser exclusivos, mas você tem prioridade sobre qualquer outra mulher, Alex.

Não precisei pensar para responder:

— Você também é a minha prioridade, Matt.

Não tivemos que conversar sobre isso. Simplesmente, aconteceu.

E continua da mesma forma.

Não somos exclusivos, porém ninguém chega perto de significar pra mim o mesmo que Matteo Fawcett.

— E você? Quais seus planos? — pergunta, me puxando para o presente.

Sorrio, torcendo pra que ele não note o quanto me incomoda que ele não se lembre sobre o dia de hoje.

— Nada de importante.



É estranho pensar sobre como antes de me mudar pra cá eu nunca tinha ouvido alguém bater na porta antes de entrar, mas agora é algo tão comum, mesmo que não faça sentido.

Matteo já me viu pelada tantas vezes, que tenho certeza que ele pode desenhar meu corpo de olhos fechados. Eu com certeza posso desenhar o dele.

Além do mais, desde que combinamos que não traríamos ninguém pra cá, nenhum de nós corre o risco de flagrar o outro, então pra mim a batida na porta é algo desnecessário, mas ele continua fazendo como agora.

— Pode entrar — respondo, tirando a toalha do cabelo, deixando que os fios molhados caiam sobre o tecido da camiseta.

— Tá pronta? — questiona, parado no batente.

— Não vou sair. Acho que prefiro ficar em casa.

Enquanto penteio o cabelo, lhe dou as costas, ciente de que os últimos meses serviram para que ele me conheça como a palma da própria mão.

Matteo consegue me ler como um livro ilustrado e, nesse instante, não quero que ele veja que há algo errado.

— Tem certeza?

— Aham — resmungo por cima do ombro, torcendo pra que ele pare de me olhar assim e siga para o maldito encontro com a

Hannah.

— Vou me trocar, então — avisa, conseguindo minha atenção.

Olho para sua roupa, desde a calça jeans escura, camiseta preta e jaqueta de couro. Ele está pronto para sair.

— Vai se trocar por quê? — pergunto, confusa.

Matteo balança a cabeça, a descrença em seu rosto se misturando com a diversão em seu sorriso.

— Não achou mesmo que eu fosse passar a noite do seu aniversário com alguém que não fosse você, achou, Alexandra?

Meu coração salta uma batida.

— Lembrou que é meu aniversário? — Pisco, perplexa.

Falei sobre isso apenas uma vez há quase dois meses. Sei que ele é do dia vinte e cinco de março, mas não sabia que ele se lembrava que eu sou do dia dois de novembro.

Eu não sabia que ele havia prestado atenção nisso.

— Para se *lembrar* de algo, primeiro é preciso *esquecer*, e eu não esqueceria algo importante assim — responde. — Quer mesmo ficar em casa ou quer sair?

— E a Hannah? Ela não tá na cidade?

— Tá. — Assente e como um predador se aproxima, os passos lentos e hipnotizantes. — Mas o mundo todo não tem a mesma importância que você, Alex.

Estou completando dezenove anos e essa é a primeira vez que ouço alguém dizer que se lembrou do meu aniversário. É a primeira vez que fico feliz por ter alguém ao meu lado. E eu fico mais feliz ainda, por essa pessoa ser Matteo.

— Eu quero sair — digo, encurtando a distância um pouco mais, perto o suficiente pra que eu sinta seu cheiro, porém longe o suficiente pra que eu não sinta seu toque. — Mas eu também quero *muito* beijar você.

Seus olhos caem para minha boca enquanto ele umedece os lábios.

— Ainda são sete horas, temos tempo de fazer os dois — anuncia, mas não espera que eu pense antes que sua boca se choque com a minha e ele me empurre de volta para minha cama, fazendo minhas costas aterrissarem contra o colchão.

Sugo sua língua e prendo as pernas ao redor de sua cintura, gemendo com o peso de seu corpo sobre o meu. Enquanto minhas mãos brincam com os fios de seu cabelo escuro, sua palma corre pela minha coxa nua, os dedos colocando uma pressão deliciosa contra a carne, o perfeito limite entre a dor e o prazer que ele me ensinou a gostar. O ponto perfeito onde apenas ele sabe levar meu corpo.

Ofegante, ergo meu queixo para que ele tenha mais acesso ao meu pescoço, os dentes arranhando a pele juntamente com a língua que aplaca o ardor.

— Por mais que eu fosse gostar muito de continuar te tocando... — diz, espalhando beijos por minha garganta. — Eu quero muito te levar em um lugar.

— Que lugar?

Sinto seu sorriso se formar.

— Você precisa de mais uma coisa pra se tornar a parceira perfeita — avisa, erguendo o rosto para me olhar.

— E o que é?



MATTEO
FAWCETT

— Só pra ver se eu entendi... — Seu olhar sobe para o meu rosto, a provocação nítida no sorrisinho que torce o canto do seus lábios. — Eu só preciso disso *aqui* — com um golpe seco e preciso,

encaçapa a última bola sobrando sobre a mesa de bilhar — para ser a parceira perfeita?

Convencida, Alex solta o taco sobre a mesa e se vira para mim, quando me aproximo de onde está parada, sem disfarçar a forma como corro os olhos por suas pernas expostas pelo short preto.

— Saber jogar sinuca é um bônus — corrijo e paro em sua frente, perto o bastante para assistir até mesmo a dilatação de suas pupilas, mesmo que com a baixa luz do bar onde estamos. — Pra ser a parceira perfeita, você precisa disso *aqui* — anuncio e puxo o envelope do bolso de trás da calça que estou usando.

Ainda não consigo acreditar que Alexandra pensou mesmo que eu estaria em qualquer outro lugar que não fosse ao seu lado, ainda mais na noite do seu aniversário.

Quer dizer, sua companhia é a minha preferida, então sendo uma data importante ou não, se uma das opções for ficar com ela, com certeza escolherei essa alternativa. E esse é um dos motivos pelo qual eu não dei o primeiro passo para efetivar nossa casualidade.

Entretanto, no dia em que ela me disse que estava saindo com o imbecil do *Mason*, ou *Jason,* ou seja qual for a porra do nome dele, eu soube que teria que arcar com as consequências das *minhas* próprias palavras.

Eu falei que não seríamos exclusivos e ela aceitou isso tão bem que antes mesmo que eu chegasse perto de enjoar da textura da sua pele, ela estava saindo com outro.

E eu fiz o mesmo, afinal, era o combinado.

Hannah foi uma das várias mulheres que ignorei enquanto me mantinha em um relacionamento com Leah. Foi também a mulher que por coincidência naquele dia havia me mandado mensagem. Uma mensagem que eu respondi depois que assisti Alex sair para o seu encontro.

Me senti desconfortável por colocar alguém dentro da casa que eu já considerava como sendo de Alex, e realmente pensei sobre mais uma vez dispensar Hannah, principalmente quando vi

que a localização de Alexandra estava voltando pra perto de casa, mas então ela parou de se mover e quando eu vi a porra do carro balançando na porta do meu prédio, ignorei qualquer sensação estranha que estava sentindo e fodi Hannah com força o suficiente para tentar esquecer que outra pessoa estava com as mãos na garota que morava comigo.

A possessividade não fazia sentido e eu sabia disso, mas, na manhã seguinte, quando vi que Alex se sentia da mesma forma, principalmente pela forma como me olhou, um pouco de alívio me atingiu.

Tínhamos ciúmes um do outro e nos provocávamos com isso, mas, com o tempo, ficou claro que não passava apenas de provocação.

Ninguém significa pra mim o que ela significa. E ela sabe disso. Assim como eu sei que ninguém chega perto de ter a mesma importância que eu tenho pra ela.

Não temos exclusividade, porém somos a prioridade um do outro. E isso é explícito tanto pra nós quanto pras pessoas com quem acabamos nos envolvendo.

É estranho, eu sei, mas eu também acho que é estranho colocar uma desconhecida pra morar na mesma casa que você, assim como é estranho que essa desconhecida aceite. Entretanto, é o que aconteceu com nós dois.

É como somos. É como *Alex e Matt* funcionam.

E eu não estou disposto a abrir mão disso, por esse motivo, fiz o que fiz.

— O que é isso? — pergunta, cautelosa, olhando para o envelope que ainda está em minha mão, quase como se tivesse medo do que pode ser o conteúdo.

— Abre.

Ela reluta.

— Para de ter medo do que eu posso fazer com você — é meio um pedido, meio um lembrete, mas que não posso deixar de fazer.

Ela já foi muito ferida, mas preciso que ela entenda que eu nunca vou machucá-la.

Porra, preciso que Alex entenda que qualquer pessoa que faça isso, corre um risco sério de acabar chegando ao inferno mais cedo do que o esperado.

Por fim, ela aceita o envelope e o abre, seus olhos se arregalando ao encontrarem as letras pretas na folha branca.

— Matteo...

Ela parece tão surpresa quanto ficou no dia em que beijei suas cicatrizes pela primeira vez.

— Para ser a parceira perfeita, primeiro, você precisa virar minha parceira — digo.

— Me inscreveu para fazer o exame do LAPD?

— Sim. O prazo era até ontem. — Ela volta a olhar para o papel.

— Mas... por quê? Nunca falei que...

— Que passou a gostar dessa ideia? — completo, depois que deixa suas palavras morrerem. — Eu te conheço, Alex. Sei que se interessou por isso desde o dia em que contei sobre meu pai ser policial. Só tô tentando entender por que nunca disse em voz alta que gostaria de tentar.

Ela bufa um riso.

— Eu já me enfiei no *seu* apartamento, no *seu* espaço de treino, na *sua* vida. É errado que eu tente me enfiar nos seus sonhos também.

Balanço a cabeça para suas palavras e puxo o papel de sua mão, jogando-o na mesa atrás de si, antes de segurar seu rosto e fazer com que me olhe.

Não costumamos trocar carícias. Geralmente quando nos tocamos, acabamos fodendo. Mas algumas vezes, Alex acaba deixando transparecer a parte insegura que quase nunca vem à tona. A parte que eu sei que só eu tenho acesso, mesmo que nos conheçamos há apenas três meses.

E essa parte, essa versão, não pede para que eu a segure pelos cabelos enquanto a fodo. Essa versão pede pelo conforto que ela nunca teve enquanto vivia a porra da vida fodida que ela viveu.

— Gosto de te ter no meu apartamento, gosto de te ter no meu espaço de treino, gosto de te ter na minha vida e vou gostar mais ainda quando nós dois estivermos no departamento, como parceiros. Mas eu vou entender se você não quiser fazer a prova. Você tem a escolha, mas não a obrigação.

Com minhas mãos ainda em seu rosto, ela sorri. Um sorriso que afasta tudo o que sempre está em seus olhos e, pela primeira vez, consigo ler o que há nas profundezas de suas íris.

Felicidade.

— É o primeiro presente de aniversário que eu ganho, Matt, mas com certeza vai ser o meu favorito. Obrigada.

— Se eu não te conhecesse, diria que está perto de chorar — comento, sem saber o que dizer sobre o fato de ela nunca ter ganhado um presente antes, mas contente por entender que ela está feliz.

— Que bom que conhece e sabe que eu não choro — debocha, então empurra meu peito pra longe. — Sua vez de se tornar o parceiro perfeito — anuncia e puxa o taco de cima da mesa, me entregando. — Sou uma iniciante, Matteo, como que eu ganhei de você?

— Vou te ensinar o que é ganhar, novata — aviso, mas antes que ela possa se afastar para retirar as bolas de dentro das caçapas, passo um braço ao redor de seu pescoço e a puxo para perto, beijando seu cabelo, inalando o cheiro familiar que vive em meus travesseiros. — Feliz aniversário, Alex.



09

ALEXANDRA KENDRICKS

Sete anos atrás

Nós temos esse amor, do tipo maluco

Eu sou dele e ele é meu

No final, somos ele e eu

Ele e eu

(Him and I – G-Eazy feat. Halsey)

JÁ OUVI HISTÓRIAS de pessoas que nunca tiveram o apoio de ninguém e conseguiram conquistar o que sonhavam, mas nunca me identifiquei com essas histórias porque eu diferente delas, não tive apenas a falta de apoio, eu tive a falta de sonhos.

O tempo que a maioria das crianças passa pensando sobre o que vão ser quando crescer, eu passava torcendo pra que minha mãe cansasse de me golpear e me deixasse cuidar dos meus novos machucados, então sonhar nunca foi algo que eu ousei fazer.

Por isso, quando pensava no futuro, apesar de ser capaz de imaginar várias possibilidades, nunca consegui *me* imaginar vivendo nenhuma delas.

Até aquele dia.

No dia em que Matteo me levou ao *Dojô* pela primeira vez e me mostrou alguns golpes, uma pequena chama dentro de mim

começou a queimar. Então, ao ouvir sobre o LAPD, essa chama se transformou em um incêndio que eu lutava para conseguir controlar.

Eu já tinha me apropriado de tanta coisa dele! Não era justo que eu também fizesse isso com seu sonho.

Então, eu não lhe contei.

Acontece que a proximidade entre nós dois foi o suficiente para que palavras se tornassem algo desnecessário.

Eu não precisava dizer o que eu estava sentindo para que ele soubesse de tudo, apenas ao olhar em meus olhos, por isso não foi surpresa que ele notasse a animação que eu sentia a cada vez que conversávamos sobre sua futura carreira. A surpresa foi o que ele fez.

Matteo não só me deu a chance de viver seu sonho com ele, como também parecia gostar dessa ideia.

Então, por nove meses, nós nos preparamos para isso. Nossa rotina se tornou uma mistura de estudo, treinos e, *bom*, sexo, afinal, não havia nada que nos relaxasse mais do que o tempo que passávamos fodendo um com o outro.

De qualquer forma, nos empenhamos muito para chegarmos até aqui, quando descobriremos se fomos ou não aprovados.

— Alex, preciso te colocar no meu colo pra você ficar calma? — Matteo pergunta, sem me olhar, enquanto a tela do notebook continua em branco, sem informações.

— Nem seu pau conseguiria me acalmar hoje.

— É um desafio?

— Não — respondo e tento alcançar a tecla que recarrega a página, mas antes que eu consiga, sua mão se fecha ao redor do meu punho, impedindo.

Algo que também aconteceu no último ano foi a percepção de que por mais que eu seja quebrada e tenha a mente distorcida, quando ele está por perto, as coisas parecem em ordem.

Matteo Fawcett é a paz que acalma meu caos.

Seja com um toque, com uma palavra ou com um olhar, ele consegue diminuir a bagunça que meus cacos formam dentro de

mim.

Por isso, assim que seus dedos tocam minha pele, consigo ver com clareza que não estou nervosa por mim.

Estou nervosa por ele.

Sei o quanto ser aprovado significa para Matteo. Sei que eu abriria mão da minha vaga para que ele conseguisse passar, porque eu posso até gostar da ideia de viver isso, mas gosto ainda mais da ideia de saber que *ele* está vivendo isso.

Porque ele é a minha prioridade.

— Alex.

Nem mesmo me lembro de não gostar de ser chamada assim. Alex deixou de ser o nome da minha mãe para se tornar a forma como Matteo me chama. E eu gosto pra caralho de ouvir sua voz me chamando dessa forma.

Nossos olhos se conectam e não é preciso que mais nada seja dito para que uma sensação reconfortante de segurança me tome.

Meus demônios se calam quando ele me olha, como se tivessem medo de que Matteo cumpra a promessa de fazer o que quer que esteja me incomodando desaparecer.

Então, com o canto dos olhos, vejo o exato instante em que a página termina de carregar.

O primeiro nome que encontramos é o meu, seguido da palavra em letras maiúsculas que eu tanto esperei encontrar.

APROVADO.

Espero que a felicidade me atinja, assim como vejo que atinge Matt, mas eu apenas fico mais nervosa, balançando seu ombro ao invés de retribuir o sorriso orgulhoso que ele me dá.

— Cadê o seu?! — questiono, urgente. Quase desesperada.

Nunca quis tanto algo como quero saber que ele também conseguiu.

Então, por dois segundos, todo o mundo para de se mover quando encontro seu nome.

Meu coração para de bater e meu sangue para de circular.

Tudo simplesmente para.

Não sei o que fazer, mas, por sorte, também não preciso me decidir, porque assim que esses dois segundos acabam, meu corpo é içado com uma urgência devastadora e eu gemo ao ser pressionada contra a parede, nossa comemoração se iniciando da única forma que conseguimos pensar.

Quando a língua de Matteo invade minha boca, a realidade me atinge e eu sorrio em meio ao beijo.

— Conseguimos.

— Conseguimos — ele repete e se afasta apenas para espelhar meu sorriso. — *Parceira.*



MATTEO FAWCETT

Seis anos atrás

— Você não quer irritá-la — aviso, encostado contra a parede da sala de interrogatório enquanto assisto Alex encarar Edward.

Ele sorri debochado, se virando para mim.

— Estão bancando o policial bom e mau? — questiona, seus cotovelos apoiados sobre a mesa enquanto as algemas prendem seus punhos no lugar. — Você devia tentar bancar o mau, cara — ri, voltando a olhar para minha parceira. — Ela não parece muito ameaçadora.

Os cantos de seus lábios vermelhos se curvam em um sorriso sombrio.

— Não? — ri, surpresa, então balança a cabeça me olhando. — Ouviu isso, Matt? Não pareço muito ameaçadora.

Dou de ombros, me divertindo com a confusão que cruza o rosto de Edward ao ver como seu comentário não a ofendeu.

Acontece que Alex não é o tipo de pessoa que se ofende. Ela prova que estão errados.

Por isso, não me surpreendo quando com um movimento quase imperceptível aos olhos, ela saca sua pistola e acerta a coronha no dorso da mão do homem em sua frente, fazendo-o rugir com a dor de ter provavelmente alguns ossos esmagados com a força usada.

— Ameaçadora o suficiente, Ed?! — rosna próximo ao seu rosto. — Ou quer que eu seja pior?

Sua resposta é um cerrar de maxilar.

— Onde você as prendeu?!

Há uma semana, Amélia e Leslie Stevens, esposa e filha de Edward, foram dadas como desaparecidas e as investigações mostraram que ele é o responsável. Acontece que ele já está aqui há três dias e ainda não abriu a boca para contar sobre o paradeiro das duas.

E enquanto muitos já perderam a esperança, Alex perdeu a paciência, por isso, quando Edward passa mais de cinco segundos em silêncio, outro golpe é desferido sobre o mesmo ponto que o anterior.

Ele urra.

— Você não pode fazer isso! — esbraveja, segurando a mão machucada.

— E quem vai me impedir? — Ergue a sobrancelha, se inclinando para a frente.

Sorrio quando ele me olha assustado com o brilho maléfico que ela tem nos olhos.

— Eu avisei para não irritá-la — comento e me desencosto, caminhando até a mesa. — Diga onde as duas estão presas.

Leva mais dois golpes na mesma mão para que ele abra a boca.

— Elas não estão presas — confessa, parecendo apavorado ao olhar para Alex. — Estão *enterradas*.

A sucessão de eventos após sua confissão foi, no mínimo, catastrófica.

O corpo das duas foi encontrado e Edward foi levado a julgamento, entretanto, durante sua audição, ele avisou que foi torturado por dois policiais.

A gravação da sala do interrogatório foi assistida e Quinn, nosso superior, nos olhou esperando por uma explicação para o motivo pelo qual, segundo ele, havíamos ferido os direitos humanos.

— Não ferimos direitos, Quinn — pontuei, sério. — Ferimos um assassino.

Ele não gostou da minha resposta, mas gostou menos ainda quando ao perguntar se nos arrependíamos, Alex lhe respondeu:

— Me arrependo apenas de não ter feito isso antes. Talvez as duas estivessem vivas.

Assim como o martelo foi batido durante o julgamento de Edward, naquele segundo, um martelo foi batido para nós dois.

— Suspensos até segunda ordem — Quinn avisou, se encostando na cadeira de couro e acenando para a mesa em sua frente. — Entreguem as armas e os distintivos.



ALEXANDRA KENDRICKS

Seis anos atrás

Quando entrei para o departamento, durante as primeiras semanas, me acostumei a ouvir sobre como eu era uma bomba prestes a explodir.

Mesmo sabendo que isso era mais uma crítica do que um elogio, eu nunca me importei.

Até hoje.

Até o momento que eu entendi que uma das minhas explosões havia afetado Matteo.

Não me arrependia de ter destruído a mão daquele desgraçado e se eu tivesse a oportunidade, gostaria de destruí-lo por completo e eu nem precisaria da minha arma pra fazer isso. Mas eu estou completamente desorientada porque minha decisão teve uma consequência que recaiu sobre meu parceiro.

No nosso primeiro ano na LAPD, eu consegui fazer com que nós dois fôssemos suspensos.

— Talvez você devesse procurar outro parceiro — digo e golpeio a bola branca, mas antes que ela atinja a esfera verde, a mão de Matteo interrompe seu movimento.

Respiro fundo e ergo o corpo, fixando meus olhos nos seus.

— Estão nos punindo porque decidimos punir um cara que matou a esposa de vinte e sete anos e a filha de três — resume. — Não me importo de ficar suspenso sabendo que ele perdeu todos os movimentos da mão direita.

— O que seu pai pensaria sobre isso?

— Ele provavelmente não gostaria — concorda. — Mas entre honrar a memória de uma pessoa que já morreu e proteger suas costas, você sabe qual é minha prioridade.

No dia em que fomos nomeados, mesmo sem saber se conseguiríamos nos tornar parceiros, Matteo me olhou e estendeu sua mão.

— Eu protejo suas costas, Alex.

— E eu protejo as suas — respondi, retribuindo o gesto.

E óbvio que depois disso nossa comemoração foi resumida a um sexo que quase me fez desmaiar.

Nós nos tornamos a prioridade um do outro antes mesmo que começássemos a nos preparar para os exames, mas depois que nos tornamos policiais e com a influência que o nome de Matteo tinha dentro do departamento, nos tornamos parceiros, tudo ficou ainda mais intenso.

Matt e eu deixamos de ser apenas as pessoas que compartilhavam um apartamento, transavam e treinavam juntos. Nós passamos a ser as pessoas que se enfiavam em trocas de tiro, em lugares perigosos e perambulavam em meio a escória da sociedade.

Minha vida constantemente estava em risco e eu tinha apenas Matteo para me proteger. O mesmo acontecia com ele. Eu andava ao seu lado, disposta a me enfiar na frente de um tiro por ele.

Porque era assim.

Eu mataria por Matteo, mas eu também morreria por ele.

— Quanto tempo acha que ficaremos suspensos? — questiono e me inclino para repetir a jogada assim que a bola branca volta para cima da mesa.

— Não sei. A corregedoria deve iniciar uma investigação para...

Olho para cima no instante em que sua frase morre e sigo a direção de seu olhar para onde dois homens nos encaram.

Abandono o taco sobre a mesa e me aproximo de Matteo, o peso da minha pistola reserva se tornando mais evidente na parte de trás do cós da minha calça, me lembrando de sua presença.

Um dos homens é mais velho, por volta de uns cinquenta anos. Ele tem olhos sérios e cabelos grisalhos, além de usar um terno de aparência cara que destoa do ambiente do bar onde estamos.

O outro é mais novo que o senhor, porém mais velho do que Matteo e eu, talvez tenha uns trinta anos. Cabelos castanhos e olhos azuis cautelosos, como se estivesse esperando pelo perigo.

Olho ao redor, estudando o ambiente e estimo por volta de vinte e cinco pessoas no bar.

— Tem muita gente aqui — digo ao meu parceiro e ele assente, enquanto observamos os dois começarem a se mover em nossa direção. Intimidantes. *Ameaçadores.*

— Sem armas, então — declara.

Não que a gente precise disso pra dar conta deles.

— Abaixem a guarda, crianças — o mais velho diz, parando em frente a mesa de bilhar. — Só queremos conversar.

A tensão nos envolve e mais uma vez olho ao redor, calculando a quantidade de pessoas que poderiam se machucar, caso algo se iniciasse aqui, principalmente quando noto o volume de uma arma na cintura do mais novo.

Eu posso até não puxar minha *Glock*, mas não posso garantir que a pistola que está em sua cintura vai se manter ali.

— Tudo bem — Matt responde com o tom frio. — Comecem com os nomes de vocês.

O velho ri e balança a cabeça, enfiando a mão dentro do paletó, o que faz com que nós dois nos movamos, o instinto fazendo com que busquemos nossas armas.

— Calminha aí — o mais novo diz, a própria mão próximo ao volume da arma.

— Mãos onde eu possa ver, vovô — aviso, séria.

— Não se preocupe, Alex. Ou melhor, Alexandra — se corrige, puxando a carteira de dentro do paletó. — Só Matteo te chama de Alex, não é?

Não sei o que me pega mais de surpresa. Se é o fato de ele saber nossos nomes, se é o fato de ele saber que apenas Matt me chama assim, ou se é a imagem que ele puxa pra fora da carteira e coloca sobre a mesa.

— Você não deve se lembrar de mim, garoto, mas seu pai e eu éramos amigos. Na verdade, por alguns anos, Charlie e eu fomos parceiros — diz e mesmo que eu saiba o quanto é perigoso

perder a atenção assim, tanto eu quanto Matteo somos incapazes de olhar para longe da foto dos dois policiais.

O velho e o pai de Matt, Charles Fawcett, estão sorrindo e eu não preciso olhar muito para reconhecer a decoração que ainda existe no departamento.

— Meu nome é Carl e eu tenho uma proposta pra vocês.

MATTEO FAWCETT

Seis anos atrás

— Eu sei que ele disse que é amigo do seu pai, mas...

— Eu também não confio nele — interrompo Alex enquanto o elevador sobe até o andar do nosso apartamento, ciente de que ela pensa o mesmo que eu.

Carl pediu para que fôssemos para um lugar em particular e ao invés de aceitar seguir para o hotel onde disse que estavam hospedados, decidi seguir para um lugar onde não corro o risco de ser pego em uma emboscada.

O apartamento onde Alex e eu continuamos morando.

Entretanto, apesar de não confiar em Carl ou em Lincon, o outro homem, não consigo ignorar a curiosidade que sinto para saber o que um amigo do meu pai pode querer propor para mim e Alex, sem contar no fato que quero descobrir como ele sabia o nome dela.

Se eu pensar que um dos dois pode ser um risco para Alexandra, não vou hesitar em acabar com a vida deles.

Ao ver que o elevador se aproxima de nosso andar, lhe lanço um olhar.

— Se precisar, o velho é meu — avisa e sorrio ao notar a ponta de animação que ela sente com a mera possibilidade de um conflito.

— Feito — concordo e batemos nossos punhos, a cumplicidade e segurança que sentimos um com o outro nos fazendo relaxar por alguns segundos, mas no instante em que chegamos à porta do apartamento, a tensão volta a nos tomar.

Está destrancada.

Alguém está aqui.

Olho para Alex apenas para assisti-la puxando a arma do cós da calça, seu movimento acontecendo ao mesmo tempo que o meu.

Empunho a pistola e a destravo, acenando para que ela empurre a madeira.

Invado o local e quase disparo na cabeça de Lincon, assim que encontro os dois sentados próximo a mesa.

— Vocês demoraram — Carl comenta, completamente à vontade mesmo sob a mira de duas armas.

Ou ele é louco ou está acostumado com o perigo.

— Me dê um motivo pra não matar vocês dois por terem invadido minha casa — peço, ainda empunhando a pistola.

— Já disse. Tenho uma proposta pra vocês — repete e acena para as cadeiras vazias.

Tiro o dedo do gatilho e volto a travar o armamento, porém não preciso olhar para saber que Alex não repete a ação.

— Não fique tão apreensiva, Alexandra — Carl sorri para ela. — É uma conversa amigável.

— Não sou sua amiga — diz, ríspida.

— Mas pode se tornar. Então, vamos fazer o seguinte: guardaremos nossas armas e... — enquanto ele fala isso, Lincon se coloca em pé, indo na direção de Alex, o que faz com que eu volte a destravar a pistola, o dedo colado ao gatilho, esperando apenas pela pressão necessária para o disparo

— Se tentar chegar perto dela, os seus miolos vão virar a nova decoração da minha parede — a ira pinga em minha voz.

Invadir minha casa é uma coisa que eu posso até relevar, mas tentar tocar em Alex, não. Eu o mato antes que chegue a

menos de dois metros dela.

— Eu avisei que eles são *assustadoramente* intensos, Link — suspira. —Tudo bem, isso não vai levar a lugar algum. — Carl balança a cabeça e coloca uma maleta sobre a mesa. — Deixe que eles mantenham as pistolas — decreta e ergue as mãos para nós dois, se movendo com cautela até a trava de metal, abrindo-a.

Dentro, há uma pequena antena retrátil e um botão vermelho.

— O que é isso? — Alex questiona.

— Ele emite ondas de baixa frequência para evitar que consigam ouvir o que está sendo falado aqui — Lincon responde enquanto Carl pressiona o botão.

— E o que está sendo falado aqui? — pergunto, tentando juntar as informações que tenho sobre o dono do *Dojô* onde sempre treinei.

Nada.

Além de que ele foi parceiro do meu pai por alguns anos, eu não sei mais nada sobre Carl.

— Tenho te observado há alguns anos, Matteo — ele diz, cruzando as pernas para me olhar. — Assisti o ano que passou na Espanha e quando vi que estava indo longe demais, decidi intervir e criei aquele cenário da agulha em seu braço. Sabia que você, sendo filho de Charlie, acharia aquilo demais. E funcionou.

Não consigo assimilar o que ele está dizendo, então apenas ouço, mantendo a arma empunhada, tentando entender quem diabos é ele.

— Quando você voltou para a América, achei que fosse começar a se preparar para ingressar no departamento, como seu pai sempre disse que você queria fazer, mas aí começou a namorar com aquela garota, Leah Spencer, e isso te atrasou. Quando comecei a pensar em uma forma de colocar um fim a esse namoro, ela mesma fez isso, enviando o vídeo pra você e... — ele olha para Alex — pra namorada do cara que ela amava.

Nós dois suspeitávamos que havia sido Leah, ainda mais quando percebi que todas as suas coisas haviam sido retiradas do

meu apartamento, como se ela soubesse que tudo acabaria.

Porém, não tenho a menor ideia de como ele sabe tudo isso.

Quem. É. Esse. Cara?

— Achei que você fosse se tornar um empecilho, Alexandra. Achei que fosse ser um atraso para ele. Até que eu percebi.

— Percebeu o quê? — pergunta, parecendo não conseguir entender tudo o que está sendo falado aqui, assim como eu.

— Que não existe Matteo Fawcett sem Alexandra Kendricks. Por isso, você também entrou no nosso radar. E isso... foi um grande ganho.

— Do que é que você tá falando? — pergunto e a confusão que recai sobre Alex e eu se torna maior do que nosso instinto de sobrevivência, porque ambos abaixamos nossas armas. — Como você sabe de tanta coisa?

— Temos observado vocês, Matteo. Nós sabemos que vocês foram suspensos porque quebraram a mão do homem que matou a mulher e a filha, e sabemos que quando investigarem outros casos, vão descobrir mais coisas. Como o caso Jessie Simons.

Jessie Simons, o cara que estuprou mais de treze crianças e que, quando foi capturado, levou um tiro na virilha. No relatório, Alex e eu dissemos que ele estava armado e nosso disparo foi em legítima defesa, mas era mentira.

Nós atiramos no pau daquele desgraçado porque ele merecia.

— Vocês serão punidos por punirem monstros — Carl continua.

— Aonde quer chegar? — questiono, tentando absorver as dezenas de sensações que correm por mim.

— Quero oferecer um emprego onde vocês possam continuar fazendo o bem sem se preocuparem com os meios que usarão.

— Você é o quê? Um mercenário? — Alex ergue a sobrancelha.

— Trabalho para o governo, porém por baixo dos panos.

— CIA? — suponho, mas ele nega.

— Algo um pouco mais secreto.

— Se é algo secreto, como você chega para dois desconhecidos e fala sobre isso? — Apesar do questionamento, ela parece tentada a saber mais, assim como eu. A curiosidade brilhando em meio às sombras de seus olhos escuros.

— Eu posso ser um desconhecido pra vocês, mas vocês não são pra mim — garante. — Alexandra Kendricks, você foi torturada pela sua mãe até seus catorze anos, depois foi enviada para um orfanato e teve o azar de se envolver com um cara que além de te bater, tentou te estuprar. Enquanto isso, Matteo Fawcett, diferente de seu pai que tinha você e sua mãe, por isso não aceitou ser recrutado junto comigo, você não tem nada a perder. Nenhum de vocês têm. — Olho para Alex. — Exceto um ao outro, não é mesmo? — conclui, como se lesse meus pensamentos. — Por isso, e pelas habilidades que demonstram ter em campo, a oferta é para *os dois*.

— Faça mais sentido, vovô — ela pede. — Que oferta?

— Vocês vão saber quando aceitarem, mas saibam que depois que disserem *sim*, não há mais volta.

Nós nos olhamos e mais uma vez as palavras parecem não ter a menor importância enquanto dialogamos através do olhar.

Posso ouvir sua voz ecoando em minha mente.

— *Eu protejo suas costas, Matt.*

Eu assinto, quase imperceptivelmente, sabendo que ela também entende o que eu digo.

— *E eu protejo as suas, Alex.*

Respiro fundo e olho para Carl.

— Estamos dentro — decreto.

Ouço meus batimentos soarem em meus ouvidos e sinto a tensão misturada com a ansiedade que irradia de Alex.

Estamos juntos, como sempre estaremos.

Assisto e Lincon acena para Carl enquanto coloca a segunda maleta sobre a mesa e a abre, expondo um notebook, virando a tela para nós dois.

As letras prateadas brilham no fundo preto e apesar do design simples, sei que Alex e eu nunca nos enfiamos em nada tão grande e perigoso quanto o que estamos nos enfiando agora.

— Matteo, Alexandra... — Carl olha em nossos olhos. — Bem vindos à *Companhia.*



10

ALEXANDRA KENDRICKS

Dias atuais

Eu quero ser seu escravo

Eu quero ser seu dominador

Eu quero fazer seus batimentos cardíacos

Acelerarem como uma montanha-russa

(I wanna be your slave – Maneskin)

ASSIM QUE UM SACO de ervilhas é jogado na poltrona ao meu lado, reviro meus olhos para Will.

— Dá pra parar? — reclamo, mas deixo que erga meu queixo para avaliar mais uma vez o estrago que a mão de Samuel deixou em meu rosto.

— Isso tá feio pra caralho.

— Valeu, Will — debocho, empurrando seu toque pra longe, antes de voltar a preencher os relatórios da missão.

Estou torcendo para que o tempo de voo até Boston passe mais rápido se eu me concentrar em escrever tudo isso, mas fica difícil pra caramba se concentrar em alguma coisa quando o saco de ervilhas é pressionado contra o meu rosto, bem acima do ponto dolorido.

— Wilson! — esbravejo e golpeio seu abdômen duro, tentando afastá-lo, mas a falta de força que uso para não machucá-

lo impede que haja algum efeito.

Irritante pra cacete.

— Jay, dá pra botar uma coleira nele? — peço, olhando para Josh que continua focado no próprio relatório sobre a operação de extração.

— Se ela resolver te bater, eu não vou entrar no meio — avisa sem nem mesmo levantar os olhos.

Por um tempo, fiquei sem entender como duas pessoas tão diferentes poderiam ser parceiros, mas, hoje em dia, vejo que faz sentido. Se Joshua Gonzales não tivesse a calma de um monge, Wilson Michaels com certeza já estaria morto.

— Olha, por mais que você seja perigosa e tal, Kendricks, eu tô mais preocupado com o que o Matteo vai fazer assim que ver seu queixo desse jeito.

— Acha que enfrentar Matt é mais perigoso do que continuar me irritando? — Ergo a sobrancelha e ele ri.

— Com certeza. Quando o assunto é você e a sua segurança, nada é mais perigoso do que ele.

Sem qualquer tipo de argumento contrário, suspiro e substituo sua mão, apoiando o saco congelado contra o hematoma, me livrando de Will e sua alta capacidade de ser irritante, porque assim que se dá por vencido, volta a se sentar próximo a Josh.

Quase dois meses.

Cinquenta e oito dias para ser mais precisa.

Esse é o tempo que tenho estado longe de Matteo. Esse é o tempo que sinto que estou sem respirar.

A fim de seguir o protocolo da *Companhia*, que diz que os agentes em missão devem cortar comunicações com a sede de origem, no dia em que decolei para Paris, deixei meu celular em Boston, juntamente com meus documentos e, bom, *ele.*

É a primeira vez que sou mandada para uma missão sem Matteo, e mesmo que não tenha sido nada complicado demais, sei que seria mais fácil se ele estivesse aqui comigo. Mas quando Carl precisou passar por uma cirurgia de urgência, Matt foi a única

escolha para assumir a diretoria da sede, já que era o único agente supervisor disponível.

Então, enquanto ele assumia o papel de diretor interino da sede de Boston, eu embarquei junto com Wilson e Joshua para Paris.

De maneira sucinta, para que uma pessoa faça parte da *Companhia*, ela precisa ser um agente. Logo, qualquer um dos funcionários recebe esse título, entretanto nem todos cumprem a mesma função.

Por exemplo, Collin, o piloto da aeronave em que estamos, é um agente auxiliar, porque o trabalho que ele presta *auxilia* nas missões. É o mesmo com Sebastian, o comissário.

Agentes auxiliares são os que menos têm acesso a informações.

No caso dos dois, eles sabem a rota a ser voada e o momento em que devem aparecer, mas não recebem nenhum dossiê que cite nomes envolvidos ou objetivos esperados. Para que eles cumpram seu trabalho, precisam saber de pouca coisa.

Diferente de Josh e Will, ou Lola e Ryan, que são agentes operacionais.

Os operacionais estão diretamente ligados às *operações*. A diferença é que os *nerds* são agentes operacionais *internos*, porque trabalham de dentro da sede, enquanto Jay e Wilson são *externos*, porque atuam em campo.

Os operacionais, ao contrário dos auxiliares, têm acesso quase irrestrito a todas as informações relacionadas à missão, até porque, muitas vezes, as informações são colhidas por eles, como Ryan e Lola, que são *experts* em invasão de sistemas e colheita de dados. E a única diferença entre os agentes operacionais e os supervisores é que os primeiros não tomam decisões que afetem o direcionamento na missão.

Os supervisores, sim.

Decisões como a que eu tomei ontem, ao escolher matar Samuel, ao invés de seguir com o plano original, porque eu sou *uma*

dos seis agentes supervisores da sede de Boston, assim como Matteo.

Dois dias antes do previsto para a minha decolagem a Paris, Carl precisou ser levado às pressas para a área médica, devido a uma forte dor na lombar e após alguns exames, descobriram que os estilhaços de um tiro que ele levou há mais de dez anos, estavam se movendo e, caso não fossem removidos, acabariam o colocando em uma cadeira de rodas.

Ele precisava de cirurgia e a sede precisava de um diretor.

Acontece que o *diretor* toma decisões muito importantes, por isso para assumir o cargo é necessário que se enquadre na classe de agente supervisor.

Carl estava fora.

Lincon, ou Link, não podia assumir esse tipo de responsabilidade porque também era o responsável pela conexão e interação com as outras agências de segurança.

Zade e Bruce, outros dois supervisores, estavam no meio de uma missão na Rússia.

Então, dos seis, restaram Matt e eu.

Porém, a *Missão Samuel Teller* requeria uma mulher, principalmente pelo meu disfarce, e foi por isso que eu fui, e Matteo ficou.

Não vou mentir e dizer que acho a dependência que temos algo normal. Sei que precisar do toque de alguém, da presença, do olhar, não é algo natural. Mas porra, somos agentes de uma agência que é considerada um mito.

Não há *nada* de normal sobre nós.

Estou terminando de reler o primeiro relatório quando uma bandeja prata entra em meu campo de visão e eu não preciso olhar para cima pra entender o que Sebastian Turner, o comissário, quer.

— Não — respondo, sem nem mesmo refletir.

— Kendricks, é só uma limpeza.

— Ninguém mexe na minha arma, Seb.

Não depois do que aconteceu naquele dia. Não depois que quase o vi morrer porque minha pistola travou.

Afasto as memórias antes que acabe estremecendo ao me lembrar daquele dia, porque se há algo capaz de me colocar de joelhos é a imagem do corpo de Matteo desabando após o tiro.

— Não confia em mim?

Suspiro e ergo meu olhar para o rosto do comissário que sempre nos acompanha nos voos.

Sebastian, mesmo com a baixa participação que os agentes auxiliares têm, é um bom agente. Seu combate corpo a corpo é bom e sua habilidade com material bélico é surpreendente.

Ele é um bom agente e eu confiaria minha vida a ele, porém, quando estou em campo, não é apenas minha vida que depende do funcionamento do meu armamento. A vida de Matteo também, porque eu sou a pessoa que protege suas costas.

E, bom, a vida *dele* eu não confio a ninguém.

— Posso limpar minha própria arma — é a resposta que lhe dou, ciente de que entende o que isso significa. E pela forma como seu maxilar trava, sei que não gosta de entender isso.

Seb assente e se vira, carregando apenas as pistolas de Jay e Will para longe.

— E aí? — Josh se senta ao meu lado e me entrega o relatório que acaba de preencher. — Quer ler?

— Prefiro o resumo — respondo, me inclinando contra a poltrona, aproveitando o conforto que a cama onde dormia na mansão Teller não proporcionava.

— Falei que no momento em que você iniciou a troca de dados do dispositivo, recebemos o alerta e nos aproximamos do terraço para uma possível fuga. Coloquei os horários de cada ação, desde os primeiros disparos contra os atiradores até a nova decolagem. E citei o estado em que você chegou.

— Com os peitos quase de fora? — debocho.

— Machucada — corrige e acena para as folhas em meu colo. — É o que colocou na sua versão oficial, não é? Legítima

defesa.

Após cada missão, alguns relatórios devem ser preenchidos. O de extração, o oficial e o real.

Sucintamente, o de extração fala sobre os acontecimentos durante a remoção do agente infiltrado, no caso, o que Josh acaba de preencher.

O relatório oficial é o que fica disponibilizado no sistema da *Companhia*, e apesar de ser chamado de *oficial*, tudo o que é relatado nesse arquivo costuma ser mentira. É a versão enfeitada do ocorrido. É onde os agentes são pintados como heróis que nunca machucariam uma pessoa de propósito, por mais que elas merecessem.

Esse relatório mostra um... *conto de fadas*.

— A agente Alexandra Kendricks, após passar algumas semanas infiltrada na mansão de Samuel Teller, foi capaz de descobrir o local onde o dispositivo de cyber invasão estava sendo mantido. Em momento oportuno, ao tentar copiar os dados, acabou sendo descoberta e, em um combate corpo a corpo, Samuel Teller acabou sendo morto. Foi criado um cenário que simulasse uma invasão — leio em voz alta.

— E qual o relatório real? — Will questiona, atento ao assunto.

Ah, o relatório real...

Enquanto o oficial é como um conto de fadas, o real é como uma história de terror.

Esse arquivo mostra o que realmente aconteceu. E ele fica arquivado dentro da sede, disponível apenas em versões físicas, e com o único intuito de dar suporte para missões futuras que podem ter relação com as passadas.

— Após algumas semanas infiltrada no papel de empregada doméstica na mansão de Samuel Teller, assistindo-o espancar sua esposa e suas filhas, a agente Alexandra Kendricks refletiu qual a melhor maneira de matá-lo, mesmo que isso não fizesse parte do que foi planejado — digo, sem precisar ler as palavras que acabo de escrever. — Assim que a localização do dispositivo foi descoberta,

durante a troca de dados com o aparelho criado pelos agentes operacionais internos, Ryan e Lola, Samuel Teller apareceu no escritório e comprometeu o decorrer da missão. Sem precisar refletir muito sobre isso, ela o submeteu a uma breve sessão de espancamento que visava mostrar o quanto ele errou ao tocar nas três. Por fim, sua coluna vertebral foi fraturada, levando-o à morte. Para que a situação não se tornasse suspeita, foi simulado uma tentativa de invasão no escritório.

O relatório real mostra que um agente não é o herói, mas sim um vilão que pune vilões.

— *Senhores passageiros, boa tarde* — a voz de Collin, o piloto, ecoa pelo avião, atraindo nossa atenção. — *Informo que nesse segundo estamos adentrando o espaço aéreo americano. Nosso pouso está previsto para acontecer em mais trinta e sete minutos. Em breve, estaremos em Boston.*

Trinta e sete minutos para que eu possa esquecer os cinquenta e oito dias que passei longe de Matteo.

É impossível controlar a agitação que se forma em meu estômago quando penso que o verei logo. E também é estranho que eu ainda sinta isso, mesmo após oito anos ao seu lado.

— Olha isso, Jay... — Will acena com o queixo em minha direção, sorrindo para Josh. — Com essa carinha de apaixonada, nem parece que pode matar uma pessoa com as próprias mãos.

— Continue me irritando que vou te mostrar como preciso de apenas *uma* mão para matar alguém — aviso, séria.

— Não tô te irritando — garante. — Só quero saber se vocês pretendem assumir o que sentem em um futuro próximo.

— Não tem o que assumir, Wilson.

Não tem o que assumir porque o que sentimos um pelo outro é cristalino como água.

Eu vivo por Matteo. O ar que eu respiro é algo irrelevante perto dele. E isso é óbvio para todos que nos veem.

Assim como é óbvio que ele sente o mesmo por mim.

Mas não estamos apaixonados porque há oito anos combinamos que isso não aconteceria.

E nós somos bons em manter nossa palavra.



Provando ser um dos melhores no que faz, assim como todos os outros agentes da *Companhia*, Collin coloca a aeronave no chão de maneira suave, o toque das rodas contra o pavimento quase imperceptível enquanto organizo as pastas com os arquivos.

Sinto meu coração bater mais rápido assim que assisto Sebastian abrir a porta do jatinho.

— Joshua e Wilson, vocês estão liberados para aproveitarem o sábado — ele diz, olhando para o celular em sua mão. — Kendricks, sua moto está dentro do hangar e você tem... — Seb sorri para a mensagem que lê. — *Trinta minutos* para estar na sala do diretor.

Sorrio, ficando em pé, carregando os relatórios e a maleta onde o K-X4 está guardado.

— Preciso de vinte — garanto, ciente de que posso conseguir fazer um tempo ainda mais curto se é o que preciso para reencontrar Matteo. — Vejo vocês na segunda, meninos — digo e dou duas batidas na porta da cabine. — Tchau, Collin.

Ele resmunga alguma resposta ininteligível, mas claramente emburrada, e eu rolo os olhos, sem acreditar que ele ainda está emburrado.

Collin e eu transamos algumas vezes no ano em que ele foi recrutado, porém, como sempre deixei claro para todas as pessoas com quem me envolvia, ninguém chega perto de ter a importância que Matt tem pra mim.

Acontece que mesmo ciente disso, Collin não pareceu muito satisfeito quando desmarquei nosso encontro pra ficar com Matteo, que ainda estava se recuperando do ferimento.

Em nenhum momento me preocupei em ser educada com ele, afinal, eu estava perdendo tempo lhe dispensando enquanto só conseguia pensar no suor frio que escorria pela testa de Matt, e após fechar a porta, mesmo que tivesse notado o quanto a rejeição mexeu com o ego sempre inflado de Collin, podia jurar que não demoraria muito para que voltasse ao normal.

Parece que eu estava errada.

Já faz mais de um ano desde esse episódio e ele continua com a mesma cara fechada.

Não que eu sinta falta do sexo, afinal, o único corpo que sinto falta de ter tocando o meu é o de Matt, mas Collin era legal. Mimado e infantil, mas legal.

Sem me importar com a birra que um homem adulto está fazendo, desço as escadas do jatinho e me aproximo de Stefan, o agente responsável pelo transporte do K-X4 e dos relatórios que devem chegar até a sede.

O carro preto parece normal, aos olhos leigos, porém o vidro blindado e a camada de aço de carbono que envolve a lataria transforma o veículo em um cofre sobre rodas, sem contar nas duas motocicletas que o acompanharão de perto, totalizando quatro agentes altamente treinados e letais para a operação de transporte.

— Bem-vinda, Alexandra — Stefan diz e abre a maleta preta. — A moto está dentro do hangar e a chave está na ignição. Você tem...

— Trinta minutos — completo por ele e assinto, lhe entregando os relatórios e assistindo-o lacrar os documentos. — Estou ciente.

E eufórica.

Espero apenas que o carro e as duas motos partam na direção da sede e enquanto Josh e Will seguem para seus respectivos veículos, caminho na direção do hangar, me lembrando da noite em que Matt me trouxe até aqui, no início da missão, e segurou meu rosto para olhar em meus olhos e dizer:

— Quero minha parceira de volta. *Inteira.*

— Sabe que eu sempre volto inteira — comentei, mantendo meu corpo próximo ao seu. — Os outros que não têm essa sorte.

— É, eu sei.

Então, me deixando sem saber como reagir, se inclinou para perto e apoiou a boca em minha testa, me dando um beijo demorado.

Empurro a porta do hangar luxuoso, mas mal tenho tempo de dar o primeiro passo para dentro antes de sentir uma movimentação ao meu lado.

O perigo faz com que a adrenalina bombeie e eu não preciso pensar para que o instinto assuma o controle. Com um movimento rápido, movo o cotovelo na direção de onde o rosto do oponente está, mas a mão grande interrompe o movimento, entretanto sou mais rápida e ele não consegue me segurar, perdendo o agarre no instante em que dou um passo para longe.

A baixa luz impede que eu veja seu rosto, mas no momento em que chuto seu abdômen e o empurro para longe, fazendo com que suas costas atinjam a parede, não preciso enxergá-lo para sorrir quando paro meu antebraço na altura do seu pescoço.

Estou ofegante, assim como a pessoa à minha frente, mas sei que não tem nada a ver com nosso minicombate. Tem a ver com o fato do que nossa presença desperta um no outro.

— Oi, Matt — arfo próximo ao seu rosto e mesmo sem ver, sinto o sorriso que ele me dá.

— Oi, Alex.

O conjunto de ações que se seguem, apesar de desesperadas, são perfeitamente sincronizadas.

Enterro meu rosto em seu pescoço ao mesmo tempo em que ele agarra minha bunda e me puxa pra cima. Afundo os dedos em seu cabelo enquanto ele circula meu corpo.

Então, quando cada parte de nós dois está unida, simultaneamente suspiramos.

Depois de cinquenta e oito dias, finalmente estou respirando de novo.

E aí acontece.

Seu perfume amadeirado misturado com o couro da sua jaqueta, o aroma cítrico do seu shampoo, a força com que ele me abraça, o roçar da barba rala, a dureza de seu peito. Tudo me atinge com força demais e eu não tenho tempo de lutar contra a necessidade de senti-lo.

Eu *preciso* senti-lo tanto quanto eu preciso da minha próxima lufada de ar.

— Matt — arfo seu nome e puxo seu cabelo, afastando sua cabeça apenas para poder alcançar sua boca.

Gemo quando sua língua passa pelos meus lábios e se entrelaça com a minha, seu gosto acalmando a euforia dentro de mim na mesma proporção em que me deixa ainda mais ansiosa por mais.

Eu sempre estou ansiosa por tudo o que vem dele.

Sinto-o começar a caminhar enquanto continua devorando minha boca, sem precisar olhar ao redor para saber onde está me levando, o que não me surpreende.

Considerando seu treinamento, sei que ele não levaria mais de dez segundos estudando um espaço para saber os detalhes do lugar, então caminhar enquanto me beija é algo que ele faz sem a menor dificuldade.

Por trás das pálpebras fechadas e movendo meu corpo contra o dele, enquanto sinto sua ereção pressionar minha boceta, noto a nova claridade do ambiente, mas não tenho tempo de abrir meus olhos para olhar seu rosto e acabar com a saudade que sinto, porque sua mão toca meu queixo e eu choramingo com a dor que exala pela pressão sobre o hematoma.

Assim que ouve minha reclamação, Matteo quebra o beijo e se afasta para me olhar.

Quando o conheci, o achei bonito. Hoje em dia, o acho maravilhoso.

O tempo fez bem a Matt e, por mais que eu tenha estado ao seu lado enquanto esse tempo passava, não consigo deixar de me

surpreender ao olhar para algo tão lindo quanto ele.

A barba se tornou mais cheia e o cabelo mais curto. Seus olhos se tornaram mais intensos e as sobrancelhas grossas ainda lhe trazem um ar sombrio. Além disso, seu corpo se transformou em uma espécie de escultura. Ombros largos, peito forte, braços delineados e o abdômen trincado.

As duas únicas coisas que continuam iguais é a forma como ele me olha e a maneira como sou a única pessoa a ter acesso a tudo sobre ele, incluindo os sorrisos verdadeiros.

Um sorriso que agora não está nem perto de aparecer enquanto ele olha a marca em meu queixo.

— Nome — o timbre rouco não esconde a raiva que ele sente ao me ver machucada.

— Samuel, mas ele está morto — anuncio, antes que ele se enfie naquele avião e voe até Paris para procurar pela pessoa que me machucou.

— Como?

Dou de ombros, sem me importar com o quanto é estranho ainda estar com as pernas ao redor de sua cintura enquanto passamos do tesão descontrolado para uma conversa sobre como matei um cara.

— Quebrei alguns ossos da cara dele e depois quebrei seu pescoço.

Seus lábios se curvam.

— Essa é minha garota — comenta, orgulhoso.

Sorrio e puxo sua cabeça pra mim, voltando a unir nossas bocas.

Sei que ele vai querer dar uma olhada melhor no hematoma, mas sei que saber que quem me machucou está morto é o suficiente para que por agora ele se preocupe apenas em me foder.

Solto minhas pernas de sua cintura e desço para o chão, ainda beijando sua boca enquanto empurro a jaqueta pra fora de seus ombros. Quebro o beijo apenas para deslizar minha camiseta pela minha cabeça e assistir Matt fazer o mesmo, expondo o tórax

que eu conheço de cor, mas que ainda tenho vontade de explorar com as mãos e com a boca.

— Para de me encarar — ele provoca com um sorrisinho de lado.

— Não estou te encarando — respondo, seguindo o mesmo roteiro que temos seguido há oito anos. — Estou *admirando*.

Matteo circula minha cintura com um braço antes de voltar a me erguer, dessa vez atacando meus seios cobertos pelo top preto, mas que não impede a sensação que sua barba, dentes e língua me provocam.

Puxo seu cabelo escuro, me contorcendo com as pernas ao seu redor, me esfregando em seu pau coberto pela calça do uniforme da *Orion*.

Aqui em Boston, nossa sede é disfarçada de uma empresa de segurança privada chamada *Orion Security*. Inclusive, para manter essa farsa, até aceitamos alguns clientes reais. Há uns cinco meses fizemos até a escolta de um senador. Mas para que não haja alta demanda de clientes e nem muitos nomes importantes ligados a nós, o que atrairia muita atenção, sempre cometemos alguns... *erros.*

Geralmente esses erros são planejados e encenados por nós mesmos.

Na escolta do senador, Will fingiu ser um fanático da oposição e chegou perto o suficiente para assustar o homem. Desde então, nossos possíveis clientes diminuíram ainda mais e isso é perfeito para nós.

Mas, de qualquer forma, ainda precisamos manter o disfarce, por isso usamos um uniforme.

Calça preta, coturno preto e uma camiseta cor de areia com o nome *Orion Security*.

O problema com esse uniforme é que ele deixa Matteo ainda mais gostoso do que o normal. E ele já costuma ser gostoso o suficiente.

Enquanto morde meu mamilo por cima do tecido do top, sinto sua mão chegar até minha Glock e ele a puxa para fora da calça, soltando-a sobre alguma superfície que eu não me preocupo de conferir qual é, porque com ele, eu não me preocupo com nada.

Ainda com um braço ao meu redor, ouço quando sua própria arma é abandonada, o mesmo som ecoando quando ele a solta para então voltar a agarrar minha bunda.

Choramingo com a força de seus dentes em meu peito e mordo o lábio inferior, puxando seu cabelo.

— Porra, que saudade de você — reclamo e aperto minhas pernas ao seu redor, o mantendo perto mesmo quando minha bunda é apoiada sobre...

Olho ao redor, notando a configuração de um escritório, para então perceber que estou sentada sobre uma mesa de madeira.

— A gente pode estar aqui? — pergunto, nem um pouco preocupada.

— Se esqueceu que sou o diretor da sede? Posso fazer o que eu quiser. E não tem nada que eu queira mais do que comer você.

Passo as unhas pelos seus ombros, arranhando seu peito e contornando seu abdômen, até chegar no cós da sua calça.

— É esse tipo de diretor, então? — provoco. — Que só faz o que quer?

— Está reclamando?

— Não.

— Que bom. Não costuma reclamar quando faço o que quero com você.

— E nem vou, mas acho que podemos inverter esses papéis, agora que estou de volta — sorrio. — De joelhos.

Ele retribui meu sorriso antes de agarrar minha garganta, sua mão grande o suficiente para não precisar usar a outra enquanto controla minha cabeça, me puxando para sua boca apenas para murmurar em meus lábios:

— Sabe que é a única pessoa capaz de me colocar de joelhos, não sabe?

Assinto e esfrego seu pau por cima da calça, sentindo-o duro contra minha palma.

— Sei — arfo, minha voz saindo com dificuldade graças ao aperto que apesar de não machucar é o bastante para me sufocar da maneira que eu gosto. — Sabe que você é a única pessoa por quem eu me ajoelharia, não sabe?

Ele é a pessoa por quem eu faria qualquer coisa.

Eu me ajoelharia por ele.

Eu mataria por ele.

Eu morreria por ele.

E isso não é segredo pra ninguém porque *sempre* foi assim.

Sempre fomos *Alexandra Kendricks* e *Matteo Fawcett,* os melhores agentes de Boston. Uns dos melhores agentes do mundo. Chegamos juntos até aqui e para todos que nos conhecem, nós somos isso.

Os melhores agentes. Os mais letais. Perigosos. Imparáveis. *Lendários.*

Mas quando estamos sozinhos, nós somos *Alex e Matt*.

E só isso importa.

Gemo e inclino minha cabeça para trás, abrindo espaço para que sua boca percorra o caminho entre meus lábios e minha boceta, espalhando beijos e lambidas pelo meu tórax e abdômen enquanto dobra os joelhos em minha frente, se ajoelhando como mandei que fizesse.

— Quadris — diz simplesmente, abrindo os botões da minha calça jeans antes que eu obedeça a sua ordem e erga meu corpo pra que ele termine de me despir.

Matt puxa o tecido pelas minhas pernas, levando a calcinha junto e arranca minhas botas sem nenhuma dificuldade antes de abraçar minhas coxas e me puxar para perto, os olhos fixos em meu rosto enquanto Matteo me dá um sorriso.

— Sabe como é bom te admirar daqui? — questiona, me provocando enquanto passa as mãos pelas minhas coxas, seus calos arranhando minha pele.

— De joelhos pra mim? — Ergo a sobrancelha.

— E com a cara entre as suas pernas — acrescenta e beija a parte interna da coxa esquerda. — Vendo o quanto você tá encharcada — a outra. — Quase implorando pra que eu te chupe. — Matteo inspira meu cheiro, sua respiração contra minha boceta faz com que minha cabeça penda para trás, a antecipação do seu toque fazendo uma névoa cobrir minha visão.

Afasto as pernas ainda mais, desesperada pela sua boca e ele ri baixinho.

— Para de me torturar, Matt — reclamo, fraca de tesão. — Não acha que o tempo que passei longe de você foi tortura o suficiente?

— Se foi tão ruim pra você quanto foi pra mim, sim. Foi mais do que o suficiente — responde rouco, antes de finalmente me lamber.

— Porra. — Minha cabeça, que já estava pendendo para trás, fica ainda mais pesada enquanto rolo meus olhos e afundo os dedos em seu cabelo, puxando-o para mim.

É... indescritível.

Não posso dizer que sou inexperiente na cama porque eu com certeza não sou. Mas ninguém nunca chegou perto de fazer comigo o que Matteo faz sem o menor esforço. É como se nossos corpos vibrassem em uma frequência única, só nossa.

— Matt! — arfo seu nome no segundo em que sinto dois dedos me penetrarem ao mesmo tempo em que ele suga meu clitóris com força, arrancando mais um choramingo de prazer.

Passo uma perna por cima de seu ombro e o prendo contra minha boceta, enquanto desesperada pelo orgasmo rebolo contra seu rosto.

Sua língua brinca com meu ponto sensível enquanto sua barba arranha a pele das coxas de uma maneira gostosa, excitante,

que misturada com o som de seus dedos entrando e saindo de mim, me deixam mais próxima do clímax.

Seu olhar foca em meu rosto e Matteo Fawcett me olhando de baixo, enquanto me chupa, é minha perdição.

Mordo o lábio inferior e sinto a pressão se formar em meu ventre, o tremor toma minhas pernas e ao notar o quanto estou perto de gozar, ele me penetra com mais um dedo e eu me desfaço.

Chamo seu nome como se fosse uma prece e fecho os olhos com força, deixando que meu corpo se entregue a ele como sempre se entregou. Sem vergonha, sem medo. Como se eu estivesse em queda livre, mas soubesse que ele nunca vai me deixar atingir o chão.

— Como você consegue ficar mais gostosa a cada segundo? — pergunta, assim que termina de lamber toda minha excitação, antes de refazer o caminho de anteriormente e trilhar beijos até meu pescoço.

— Não fico mais gostosa — garanto, preguiçosa, e abraço seus ombros, ainda sentada sobre a mesa, permitindo que ele chupe a pele da minha garganta, marcando-a. — Você que se contenta com pouca coisa quando eu não estou por perto.

— *Eu* me contento com pouca coisa? — Afasta o rosto para me olhar.

— Vai me dizer que as outras mulheres com quem você transou são tão boas quanto eu? — Ergo a sobrancelha.

— Ninguém é tão boa quanto você — garante.

— Uma pena eu não poder dizer o mesmo — provoco e vejo a raiva cruzar seu rosto. — Conheci um francês que me deixou bem... *instigada* a me mudar pra lá — minto.

— É? — Ergue a sobrancelha e eu assinto, notando o movimento que ele faz enquanto desafivela seu cinto. — E o que foi que ele fez pra te deixar instigada assim, Alex? Porque eu tenho certeza de que ele não sabe te foder como você gosta — garante, se encaixando entre minhas pernas. — Porque eu sou o único que sabe fazer isso.

Grito quando, sem aviso, Matteo enterra seu pau dentro de mim, o contato pele na pele me deixando zonza enquanto ele cobre minha boca com a sua e morde meu lábio inferior.

Não tenho tempo de pensar antes que sinta sua mão ao redor da minha garganta no momento em que ele se move, estocando com força o suficiente para fazer meus olhos rolarem.

— Abra os olhos, Alexandra.

— Matt... — gemo, mas obedeço, encontrando a fúria em seu rosto.

— Sabe por que ninguém nunca vai fazer isso com você? — Nego e ele sorri, perverso, assentindo. — Você sabe, sim. *Diga*.

— Porque eu sou sua.

— Você é minha — reforça e me beija, finalmente começando a se mover com a força e a velocidade que nós dois queremos.

E mesmo com as estocadas duras e a mão firme ao redor do meu pescoço, consigo perguntar em seus lábios:

— E você?

Sua língua exigente invade minha boca e eu sinto meu gosto misturado com sua saliva, a textura da barba arranhando meu rosto.

Mordo seu lábio inferior e afundo as unhas em seus ombros, sentindo seu pau deslizar com facilidade pela minha boceta encharcada. O som dos nossos corpos se chocando ecoam pela sala e se juntam aos meus gemidos abafados em sua boca.

E é bom.

Bom, porra nenhuma.

É perfeito.

Como todas as vezes em que fodo com ele.

É perfeito pra caralho.

E antes que eu perceba, meu corpo está perdendo o controle mais uma vez.

A mão em minha garganta faz pressão para que eu me deite e eu sinto a madeira fria contra minhas costas nuas contrastando

com o calor de seus dedos em meu pescoço.

Sem sua boca para abafar meus gemidos, meus gritos ecoam pelas paredes da sala, com certeza sendo ouvidos por todo o hangar e... eu não me importo com nada além da sensação de seu pau me penetrando desse jeito.

Mais uma vez, nossos olhos se encontram no momento em que minha boceta o aperta, a contração do orgasmo vindo forte o suficiente para fazê-lo gemer junto comigo. Matteo aperta o maxilar e estoca ainda mais forte antes de no mesmo segundo em que grito com o clímax, gozar dentro de mim, seu grunhido excitado se juntando ao meu choramingo mole enquanto seu pau pulsa com os jatos de porra.

Quando nossos corpos param de se chocar e nossos gemidos cessam, o único som que se mantém ecoando pelo lugar é a nossa respiração entrecortada enquanto nossos olhares continuam fixos um no outro.

Matteo umedece os lábios e desliza sua mão de minha garganta para o meu rosto, o polegar roçando sobre o hematoma em um carinho.

— Tem alguma dúvida de que eu sou seu, Alex? — questiona baixinho e seus olhos respondem a própria pergunta.

— Não, Matt. Eu não tenho.



11

MATTEO FAWCETT

Dias atuais

Nada para provar e

Eu sou à prova de balas e sei o que estou fazendo

O jeito que estamos nos mexendo

Como se estivéssemos sendo introduzidos a algo novo

Eu quero saborear, guardar para mais tarde

(Dangerous Woman – Ariana Grande)

— SENTI SUA FALTA — a confissão sai de minha boca com tranquilidade enquanto termino de fechar o zíper da calça e olho para onde Alex ajeita o cabelo por cima da camiseta escura.

— Eu sei — responde, abrindo um sorriso e se aproximando de mim. — Também senti a sua — diz e se enterra em meu peito, meus braços a circulando de maneira instintiva.

Sempre que fodemos há provocação.

Gostamos de levar um ao outro até a borda porque o sexo duro é o nosso favorito. Por isso ela citou um francês que provavelmente não existe. Porque ela gosta de me ver provar que ninguém faz com ela o que eu faço.

E sempre foi assim.

Mas, por mais duro que o sexo seja, por mais puto que eu fique apenas ao imaginar outro homem a tocando e por mais ciumenta que ela fique quando planto essa mesma imagem em sua cabeça, depois que acaba, tudo se tranquiliza.

No começo, não costumávamos trocar muitas carícias. Talvez porque tínhamos medo de acabar confundindo as coisas. Mas hoje, tocar Alex com carinho é tão bom quanto tocá-la com tesão. E nenhum de nós tenta esconder o quanto gosta disso.

— Como você está? — pergunto e a afasto para mais uma vez encarar o hematoma em seu rosto.

Não é o pior que já vi em sua pele, mas me deixa tão furioso quanto os outros e se eu não soubesse que o desgraçado que lhe causou isso está morto, eu mesmo o mataria.

Ninguém machuca Alex e continua vivo para falar sobre isso.

— Bem — responde, deixando que erga seu queixo enquanto seu olhar vaga para longe do meu, a quebra de contato visual fazendo com que eu erga a sobrancelha.

Muita coisa mudou nos últimos anos, mas ela desviar os olhos não é uma delas.

— Por que ainda acha que consegue esconder alguma coisa de mim, Alex?

— Transparente demais? — questiona e se solta dos meus braços, caminhando até o aparador no canto da sala, onde abandonei nossas armas. Apesar de idênticas, ela não precisa olhar para saber qual é a sua, prendendo-a no cós de sua calça, antes de me entregar a minha.

— Sabe que é cristalina como água. — Ponho a Glock sobre a mesa e cruzo os braços, deixando claro que não pretendo abandonar o assunto até saber o que a está incomodando.

— Não me acham cristalina quando estou disfarçada.

— Porque quando você está disfarçada, você é Alexandra Kendricks, *a arma letal*.

— E com você eu posso ser a Alex — conclui.

Minha Alex.

Durante os últimos oito anos, acompanhei a evolução pela qual ela passou. Assisti de perto a garota indefesa e cheia de traumas, se transformar em uma mulher que consegue derrubar um exército e ainda se divertir com isso.

Ela mudou *muito* ao longo dos anos.

Porém, ela ainda é a minha garota. A *minha Alex.* A que me mostra suas inseguranças porque sabe que sempre vou estar por perto para protegê-la. A que não se importa de sorrir de verdade. A que confessa ter medo de tempestades.

E é essa Alex que eu vejo vir à superfície no instante em que cruza os braços e se encosta na porta atrás de si, algumas sombras dançando em seu rosto enquanto me olha.

— Ele batia nelas — solta, por fim. — Samuel espancava a mulher e as filhas enquanto eu não podia fazê-lo sufocar com o próprio punho.

Penso na garota de dezoito anos que depois de passar quatorze anos sendo torturada por sua mãe, recebeu os golpes do seu namorado, e sinto a raiva se formar no fundo de minha mente ao imaginar tudo o que ela pode ter sentido ao presenciar esse tipo de coisa, sabendo que poderia evitar, mas precisando se manter no disfarce.

— Quando eu estava por perto, dava um jeito de evitar. Dizia que a campainha estava tocando ou que alguém queria falar com ele no telefone. Mas algumas vezes... eu não estava por perto — o amargor em sua voz é inegável. — Esse machucado não chega perto do que eu vi naquelas crianças, Matt.

— Ele está morto — digo, tanto pra mim quanto pra ela, relembrando que mesmo que ele mereça mais do que sei que ganhou ao enfrentar Alex, não há mais nada que possamos fazer.

— E apodrecendo no inferno — murmura, então respira fundo e, afastando as sombras que nunca desaparecem completamente de seu rosto, ela sorri para mim. — E você, *Diretor Matteo?*

Sua voz manhosa me chamando assim faz com que meu pau pulse dentro da calça.

— Não me provoca, Alex, que eu ainda não acabei com você.

Ela sorri.

— É uma ameaça?

— É uma promessa.

— Imaginei. — Morde o lábio inferior. — Mas você pode me foder depois. Primeiro, me atualize. Como estão as coisas?

— Não mudou muito. A diferença é que não tenho passado minhas decisões para Carl. O que eu falo é lei.

— E os novatos que iam chegar?

Nem mesmo tento disfarçar a expressão de desgosto que toma meu rosto.

— É só um.

— Ruim?

Rio.

— Para ele ser ruim, precisa melhorar muito. Lian Connelly. E você quem vai nivelá-lo.

Quando um novo agente chega até a sede para que os possíveis pontos fracos sejam encontrados e trabalhados, um de nós fica responsável pela triagem de habilidades. Dessa vez, Alex é a escolhida, e saber disso faz com que ela se anime.

— Adoro bater nos novatos.

— Você adora bater em qualquer um — corrijo.

— Inclusive em *você* — provoca, dando um passo em minha direção, os olhos escuros brilhando com a ideia de um possível conflito.

— Alex... — estalo a língua, fingindo decepção. — Você não esqueceu quem foi o último que ganhou naquele tatame, esqueceu?

— Talvez eu precise te lembrar quem acabou com a arma na cabeça — diz, convencida.

— Acabei com a arma na cabeça porque você não sentiu a faca na sua barriga.

— Quer tirar a prova? — debocha e ergue os punhos.

Rindo, ergo a mão e seguro seu braço, puxando-a para perto de um jeito que ela consegue ver que não estou aceitando seu convite para um combate, mas sim pedindo por mais dela.

Eu *sempre* quero mais dela, mas depois desses dois meses longe e sabendo que logo nos separaremos de novo, essa necessidade parece ainda mais intensa.

— Carente assim, Matt? — debocha, mas se enfia em meus braços, parecendo tão ansiosa para me abraçar como eu estou. — Suas vadias não te deram um carinho pós-sexo decente?

— Tá muito preocupada com as mulheres que eu como, Alex. O que foi? Os imbecis continuam te deixando entediada?

Ela bufa contra o tecido da minha camiseta, mas não responde, assim como eu também não lhe respondo.

Como eu posso falar sobre as mulheres que eu fodo, sendo que eu não tenho fodido ninguém além dela?

Já faz mais de um ano que eu sou incapaz de tocar em alguém além de Alex. Meu corpo e minha mente simplesmente não aceitam isso.

Mesmo tendo lhe dito para não esperar isso de mim, aqui estou eu lhe dando exclusividade enquanto preciso aceitar que outras pessoas a toquem, afinal, eu quem determinei isso, no mesmo dia em que criei aquela maldita regra.

A regra que eu mesmo quebrei.



ALEXANDRA KENDRICKS

Apesar do que Matteo e eu combinamos assim que nos soltamos, não faço qualquer movimento para sair da minha cama,

mesmo sabendo que já deveria estar pronta para seguir para o bar onde vamos encontrar Ryan, Lola e Link.

Ouço seus passos dentro do apartamento e antes mesmo que o veja, me viro entre os travesseiros, quase me escondendo.

— Alex...? O que você tá fazendo deitada?

— Quero aproveitar minha cama — anuncio, ainda sentindo os músculos tensos por ter dormido naquele colchonete ridículo que Samuel Teller disponibilizava.

Filho da puta.

Devia ter batido mais forte pra me vingar pelo colchão.

Sinto uma movimentação ao meu lado e, de boa vontade, deixo que Matt me arraste para o seu peito, o cheiro gostoso do seu perfume se misturando com o da camiseta que envolve seu peito, atrapalhando o calor familiar de sua pele.

— Cacete, você é ainda mais confortável que minha cama — comento e me aconchego, tentando ignorar a estranheza que sinto pelas camadas de roupas.

Costumamos ficar deitados juntos depois do sexo, mas sempre estamos pelados.

Ter um tecido entre nós é estranho. E desnecessário.

— E você é ainda mais gostosa do que eu lembrava — responde com a boca em meu ouvido, a barba o arranhando e me fazendo fechar os olhos ao sentir sua palma acariciando a lateral do meu corpo, subindo pela minha coxa até meu seio e descendo novamente. — Renda, Alex?

— Aham. — Assinto, me referindo ao tecido da calcinha e sutiã que estou usando. — Gostou?

— Vou gostar mais ainda quando tirá-la de você.

Rio.

— E quem disse que é *você* que vai tirar?

— Bom, considerando que faz algumas semanas que não dormimos juntos e que em dois meses vou sair em uma missão,

acho que não deveríamos perder nosso tempo com pessoas que com certeza não vão ser tão boas quanto nós dois.

Me giro entre seus braços e apoio a cabeça no travesseiro, nossos narizes quase se tocando enquanto encaro seus olhos escuros.

— Se eu não te conhecesse, Matteo, pensaria que está me propondo exclusividade.

E se eu não me conhecesse, diria que gosto muito dessa ideia, afinal, pensar sobre ele não tocar em ninguém é algo que me agrada, porque é o que tem acontecido comigo.

Apesar de ter transado com várias pessoas nos últimos oito anos, nunca foi como é com ele. E nós dois sabemos disso.

Não que tenha sido ruim. Claro que não. Gozar sempre é bom. Mas mesmo quando eu gozava, era como se ainda faltasse algo. Como se faltasse ser *com ele*.

Aos poucos, fui perdendo qualquer vontade de sentir o toque de outras pessoas sobre mim, até que eu simplesmente parei de ficar com outros.

Então, se ele quiser me propor exclusividade, com certeza vou aceitar, até porque serão apenas bônus, afinal, o ônus é saber que ele continua fodendo com outras.

— Isso é você recusando? — Ergue a sobrancelha.

— Isso é você propondo?

— E se for?

Sorrio.

— Se continuar com a psicologia reversa, a única coisa que vai conseguir de mim é um soco — aviso. — Sabe que eu odeio essa porra de me responder com perguntas.

Matteo ri e assente.

— É, eu me lembro. Desde o dia em que nos conhecemos e sim, estou te propondo exclusividade. Por dois meses.

— Porque em dois meses vamos para uma missão — concluo.

— Na verdade...

Alertas soam em minha mente, seu tom cauteloso me preocupando.

— *Eu* vou. Você fica.

— Vão nos separar de novo? — Franzo o cenho. — Por quê?

— Uma mulher atrairia muita atenção. Mas eles precisam de um supervisor lá. Então iremos eu, Jay e Will.

Bufo, ainda não gostando da história de ficar longe do meu parceiro.

— Pelo menos vai ser a sua vez de aguentar o Will — resmungo. — Quanto tempo vai ficar longe?

Sua falta de resposta é um alerta ainda mais alto.

Não nos separariam por muito tempo, não é?

Dois meses é o limite.

— Matt...

— Te conto no *Ducks* — decreta e, dentro de mim, é como se um conjunto de alarmes berrassem enquanto anunciam que há algo errado.

Se ele quer falar sobre isso no nosso bar favorito, provavelmente é com a ideia de me distrair enquanto jogamos sinuca. E ele quer me distrair porque possivelmente não vou gostar do que ele tem pra me dizer.

— Okay... — concordo incerta, mas mesmo com minha resposta, ele não se move para longe, além de não desviar os olhos dos meus. — Por que tá me encarando? Tenho que me vestir.

— Não estou te encarando — garante. — Estou esperando sua resposta. Vai me deixar ser a única pessoa a tirar sua roupa nos próximos dois meses?

Não posso deixar de imaginar o que ele diria se soubesse que já é isso que acontece há quase um ano.

— Se você prometer que o café da manhã é por sua conta, tudo bem, eu faço esse sacrifício.

— Sentar no meu pau é um sacrifício pra você, Alexandra?

— Um que eu farei sem reclamar. — Me aproximo de seu corpo ainda mais, correndo os dedos pelo tecido da camiseta. — E além de sentar no seu pau, também posso te pagar um boquete que vai te levar nas nuvens enquanto você termina de me contar sobre a missão que você vai — digo, sedutora, descendo a mão em direção a sua virilha enquanto um sorriso brinca em seus lábios.

— Acha que um boquete seu é o suficiente pra que eu conte o que você quer saber?

— Eu sei que é — respondo, convencida.

— Eu também sei que é. E é por isso que só vai chegar perto do meu pau quando voltarmos do *Ducks* — decreta e antes que eu envolva seu pênis por cima do tecido da calça, Matteo puxa minha mão pra longe.

— Precisando de mais tempo pra se recuperar de mais cedo, Matt? — alfineto, irritada por não poder chupá-lo e mais irritada ainda por não ter minha resposta.

Ele sorri.

— Estava pronto pra te foder de novo no segundo em que te vi montar naquela moto, Alex.

É, eu sei. Deu pra ver a forma como ele me olhou assim que ajeitei o capacete sobre a cabeça e subi na BMW S1000RR preta. Ele realmente estava pronto pra me comer.

— Agora, para de enrolar e se veste — manda, saindo do meu quarto.

Quando nós fomos recrutados pela *Companhia* e nos mudamos para Boston, apesar de estarmos acostumados a dividir o mesmo apartamento, preferimos morar em lugares separados porque queríamos testar a ideia da privacidade. Acontece que encontramos um prédio onde um apartamento era conectado ao outro por uma porta que ligava as duas salas.

A ideia inicial era que aquela porta ficasse trancada e que para irmos na casa um do outro, entraríamos pela porta da frente.

A porta nunca foi trancada e Matteo acabou perdendo a chave quando em uma missão pulou no oceano para me pegar,

depois que caí na água inconsciente.

Ou seja, é como se continuássemos morando no mesmo apartamento.

Devíamos ter desconfiado de que não conseguiríamos nos afastar, mesmo que fosse apenas uma porta entre nós dois. Sempre encontraríamos nosso caminho até o outro.

Sentindo meu corpo reclamar pelo cansaço da missão e da viagem, me empurro pra fora do colchão e entro no closet, sem me preocupar muito com o que vou vestir já que o *Ducks* é quase como uma... segunda casa.

Ducks – patos – é um bar no estilo *pub* que foi fundado há mais de cinquenta anos por um piloto da marinha que perdeu as duas pernas após um acidente com o helicóptero que pilotava.

O veterano fundador, Lionel, costumava dizer que quando tinha ambas as pernas, mesmo que não fosse o melhor, ele podia *correr*, *nadar* e, bom, *voar*. Ele dizia que era como um pato, que também não é o melhor nadador, voador ou corredor, mas que conseguia fazer tudo.

Após ser dispensado, por conta do acidente, ao sentir falta dos antigos colegas, Lionel criou um pequeno bar onde apenas “os patos” iriam. Inicialmente, apenas seus amigos apareciam, mas com o tempo, a fama do bar foi crescendo e, hoje em dia, é como um ponto de encontro para militares, bombeiros, policiais, agentes e funcionários de empresas de segurança.

Costumamos dizer que é o bar mais seguro da cidade porque noventa por cento das pessoas que estão lá trabalham nessa área.

Além disso, mesmo que nós mantenhamos nosso disfarce como funcionários da *Orion Security*, lá é o tipo de lugar onde, caso ocorra um deslize e alguém desconfie de algo, a história morrerá dentro daquelas paredes.

Todos entendem que em algum momento o bombeiro não quer se preocupar com o fogo, o militar não quer se preocupar com a guerra, o agente não quer se preocupar com a missão. Nós entendemos isso e fazemos vista grossa, caso seja necessário.

O *Ducks* é esse tipo de lugar.

Um lugar onde podemos esquecer que o mundo espera algo de nós.

Mas hoje, também é o lugar onde sei que vou ouvir Matteo dizer algo que por algum motivo me preocupa.



12

ALEXANDRA KENDRICKS

Dias atuais

Neste momento, eu não tenho vergonha

De estar gritando a plenos pulmões por você

Não tenho medo de enfrentar isso

Eu preciso de você mais do que gostaria

Preciso de você mais do que gostaria

(Shameless – Camila Cabelo)

ASSIM QUE BATO a porta do carro de Matteo, olho para onde ele continua sentado atrás do volante, falando ao telefone.

Nem mesmo tento ignorar o quanto ele fica gostoso com a expressão tão séria enquanto usa o mesmo tom sombrio pra dizer:

— Isso não é uma discussão é uma determinação. Cumpra.

Sentindo meus olhos sobre ele, Matt ergue o olhar e balança a cabeça, antes de afastar o telefone, sem dar muita importância ao que quer que esteja sendo dito.

— Preciso resolver isso. Pode entrar que já te encontro.

Apesar de ter dito que ficar no papel de diretor não mudou muita coisa, sua irritação clara mostra que isso é mentira.

Tanto eu quanto ele gostamos da euforia que sentimos ao estar em campo. A adrenalina do combate. E mesmo que as decisões tomadas no comando da sede sejam em uma escala maior

do que as que tomamos em uma missão, sei que não chega perto da sensação que vem quando estamos na cara do perigo.

Talvez gostar tanto de estar em risco seja mais um indício do quanto minha mente é fodida, ou talvez eu só goste da confiança cega que eu sinto ao saber que ele vai me proteger. De qualquer forma, eu gosto e ele também.

— Quer que eu resolva? — ofereço e estendo a mão para o telefone, querendo poupá-lo do que quer que ele esteja ouvindo.

— Como pretende fazer isso?

— Ameaças de morte sempre funcionam. — Dou de ombros, conseguindo que um pouco da tensão em seu rosto desapareça quando um sorriso curva os seus lábios.

— Já estou terminando — responde e volta a prestar atenção na chamada. — Você *ainda* está falando, Robert?

Assim que ouço o nome, desisto de oferecer ajuda.

Apesar de não ter trabalhado com Robert Lautner, já ouvi sobre como o agente da CIA pode ser um pé no saco.

Mas qual a novidade sobre isso, não é mesmo?

Tomando como base a analogia de que a *Companhia* é a agência mãe, a CIA seria o filho arrogante que se acha capaz de resolver tudo sozinho sem se importar em quantos problemas pode trazer para os pais.

Pelo status que a agência ganhou graças à grande quantidade de filmes e séries que empregam uma imagem de poder a eles, os agentes acabaram ficando um pouco... arrogantes, pra dizer o mínimo. E Robert, o mais novo elo de ligação entre a CIA e a *Companhia*, pelo que dizem, é ainda pior do que os outros.

Por isso, para não correr o risco de cumprir minha possível ameaça de morte e realmente acabar com ele, aceno com o queixo para a fachada do bar e Matt assente, ainda focado em sua conversa.

Até gostaria de proteger as costas de Matteo nesse segundo, mas sei que ele prefere cuidar da situação sozinho ao invés de

precisar lidar com os problemas que eu traria caso matasse um agente só porque ele é um saco.

Assim que passo pelas portas, apesar de não precisar de mais do que dois segundos para enxergar meus três colegas sentados na mesma mesa de sempre, meu olhar foca na tela da TV localizada acima do balcão e eu me aproximo para ter uma imagem melhor da reportagem sobre a morte de Samuel Teller.

UMA PERDA PARA A ATUALIDADE:

GÊNIO FILANTROPO É ENCONTRADO MORTO.

Claro, só se espancar a mulher e as filhas for considerado um ato de filantropia.

Não consigo ouvir tudo o que é dito graças ao volume da música ao redor, mas quando a jornalista volta a aparecer, consigo ler o que seus lábios dizem e internamente sorrio para suas palavras:

— O filho mais velho de Samuel está de volta e anunciou que vai assumir o lugar do pai nos negócios da família.

Ótimo.

Por alguns segundos, enquanto estava no helicóptero, logo após tê-lo matado, pensei sobre minha escolha e o quanto seria uma perda caso o dispositivo não fosse vendido. Não que eu estivesse arrependida, mas se ninguém assumisse o Império Teller, o dispositivo alterado não seria vendido e nós perderíamos a chance de chegar ao comprador.

Mas parece que isso não vai acontecer, já que o filho bastardo, que eu nem mesmo conheci durante a missão, está pronto para dar continuidade aos negócios.

E basta um olhar em seu rosto para saber que ele não assumirá apenas a parte lícita de tudo.

A reportagem logo muda e perco o interesse sobre o que quer que eles estejam dizendo sobre o novo escândalo envolvendo algum cantor que não conheço, por isso, volto minha atenção para o balcão e faço meu pedido.

Mas, no segundo em que a garrafa da cerveja está em minha mão e eu me viro para a mesa onde os três estão, sou atingida por um corpo alto e magro que quase leva minha *long neck* para o chão.

Surpresa com o esbarrão que não é nem um pouco comum em um bar como o *Ducks*, onde mais de noventa por cento das pessoas andam armadas e não querem problemas, olho para o rosto do cara de mais ou menos vinte e dois anos, que me olha preocupado.

— Puta merda, me desculpa! — pede e olha ao redor, fingindo uma irritação que fica claro que ele não sente.

Pelo menos, fica claro pra mim, que sou treinada para manipular os outros enquanto desvio de qualquer manipulação.

— Nossa, eu sinto muito! — volta a se desculpar, os olhos claros se fixando em meu rosto. — Acabei sendo empurrado.

Ele está mentindo e eu sei disso sem nem mesmo precisar levar em conta como, ao fundo, Ryan acena e move os lábios, dizendo uma única palavra que me faz entrar no jogo desse cara. *Novato.*

Parece que é hora de pregar uma peça enquanto aproveito para conhecer o que nossa nova aquisição sabe fazer.

Sorrio para Lian Connelly, o novo agente da *Companhia* que, como Matteo avisou, parece ter as mesmas habilidades de uma porta.

— Sem problemas — digo, suavemente. — Essas coisas acontecem.

— Não te machuquei, não é? — Seus olhos vagam pelo meu corpo sem nem uma ponta de preocupação. Ele me olha como se eu fosse um pedaço de carne.

E eu acho isso fenomenal.

Gosto de quando homens me olham como se eu fosse uma presa, ainda mais porque sempre sou *eu* quem estou caçando.

— Não. Estou bem — garanto e ergo a *long neck*. — E nem derrubou minha bebida — brinco, fazendo-o sorrir.

Lian é um cara bonito, com olhos azuis e cabelo loiro despenteado. Ele também tem um sorriso despreocupado que eu sei que vai perder a leveza com o tempo em que passar como agente da *Companhia.*

Ele vai ver o mal e isso vai diminuir a facilidade com que seus lábios se curvam e os olhos brilham.

É o que teria acontecido comigo se eu já não tivesse conhecido a maldade antes de me tornar uma agente. Mas minha mãe chegou antes e garantiu que leveza não fosse algo que eu conhecesse.

— Mas você ainda pode me pagar uma bebida, se quiser — ofereço ao perceber que ele não parece ter certeza de como prosseguir com o flerte.

Lian sorri e acena para o balcão.

— Então... você vem sempre aqui?

— Bastante. — Aceno com a cabeça e jogo meu cabelo por cima do ombro, expondo meu decote para que ele mantenha o foco em meu corpo.

Como eu disse, sou treinada para manipular, por isso é fácil direcionar a atenção dos outros para onde quero. Porém, não deveria ser tão fácil fazer isso com um agente, mesmo um novato.

— E você?

— Já faz umas duas semanas que tenho aparecido e nunca te vi — observa.

— Eu estava viajando.

— Trabalho?

— É. — Giro uma mecha ao redor do dedo, evitando que se concentre em minhas palavras. — Estava em um curso de aperfeiçoamento.

Assim como usamos a *Orion Security* como disfarce, sempre que somos enviados em alguma missão, usamos a desculpa padronizada do *curso de aperfeiçoamento.*

Quanto mais mentiras contamos, mais difícil é se organizar nas próprias invenções, por isso, sempre tentamos padronizar o que

é dito. Quando viajamos, estamos em curso. Quando alguém morre, foi transferido.

Por isso, ao lhe dar uma resposta que ele mesmo deve usar, espero que Lian capte algo. Espero que uma ponta de familiaridade com a história que estou lhe contando o atinja, porque começo a me preocupar com sua falta de habilidades.

Não sei o que viram em Lian para que ele fosse recrutado. Em menos de cinco minutos, a única impressão que eu tenho é que ele é um garoto com os hormônios à flor da pele que não consegue prestar atenção nas informações que estou lhe dando, porque é incapaz de desviar os olhos dos meus peitos.

— E você? Trabalha?

Lian está tão fora de ar que nem mesmo percebe quando Matt se aproxima e se posiciona atrás dele.

Apesar de estar me divertindo ao ver quão ruim ele é, não posso deixar de me preocupar com o quanto isso pode ser perigoso. Suas costas estão totalmente vulneráveis porque seu pau assumiu o controle dos seus pensamentos.

Matteo sorri, seus olhos fixos em meu rosto.

Diferente do tédio que senti enquanto tinha apenas a atenção de Lian, quando estou sob a mira do olhar de Matteo, me sinto... quente, ansiosa.

Porém, mesmo com a reação que sempre vem quando ele está por perto, continuo mantendo meu papel que neste momento não preciso de muito para desempenhar, já que só preciso deixar meu decote à mostra para que Lian não se atente em mais nada.

— Trabalho em uma empresa de segurança privada.

Parabéns!

Pelo menos ele consegue lembrar do que tem que dizer.

— Sério?! Que coincidência! — rio. — Eu também. A minha chama *Orion Security*, e a sua?

Parece que todas as gotas de sangue do corpo de Lian estão concentradas em seu pau, porque o oxigênio com certeza não está chegando até seu cérebro.

Ele toma um gole da própria cerveja antes de responder:

— A minha chama...

Então, a cor some de seu rosto quando ele finalmente percebe.

Imediatamente, seus olhos azuis abandonam meu decote e voltam para o meu rosto.

Aposto que se ele visse um fantasma, não ficaria tão pálido quanto fica ao sentir a mão de Matteo em seu ombro.

— Vejo que conheceu a Alex, Connelly.

— E-eu... — Lian olha entre nós dois enquanto entrego minha garrafa a Matt, para que ele dê um gole na bebida. — E-eu...

— Para de gaguejar! — falo, séria.

— Eu não sabia que você era a Alex — se defende, então se vira para Matteo. — A *sua* Alex.

Odiava quando era reduzida a uma posse, como no tempo em que fui apenas *a namorada do Adam*, mas gosto de quando sinto que pertenço a Matt, principalmente ao saber que ele me pertence da mesma forma.

Assim como eu sou *sua Alex*, ele é o *meu Matt*.

Sempre foi assim. E sempre será.

— Agora você sabe — responde e passa um braço por cima dos meus ombros, me puxando pra perto. — E é *Alexandra*.

— Não sabia que dizia para os outros que sou *sua Alex* — digo, provocando-o enquanto me mantenho com o corpo colado ao seu, caminhando na direção da mesa.

Matt bufa.

— Algumas coisas não precisam ser ditas.



MATTEO FAWCETT

— Precisava ter pegado tão pesado com ele? — Lola olha para Alex que continua sentada ao meu lado, vez ou outra direcionando olhares para a porta de entrada, seu nível de alerta nunca ficando baixo o suficiente para que ela se esqueça de conferir o ambiente.

— Não peguei pesado com ele, Lolita — garante, dando um sorriso perverso.

— Ele nem quis continuar aqui!

— Porque ele acha que deu em cima da mulher do Fawcett — conclui Link.

Depois que Alex e eu nos sentamos junto com os três, Lian se aproximou apenas para dizer que precisava ir embora, sem nem mesmo olhar na direção de Alexandra, temendo pela própria vida.

E bom, ele deveria temer mesmo.

Nunca gostei de saber que outros homens podiam tocá-la, mas não havia muito o que eu pudesse fazer, até porque, eu criei a regra da *não exclusividade*. Porém, depois da conversa que tivemos e com nosso novo acordo, não vou pensar antes de arrancar os olhos de qualquer imbecil que olhe para minha mulher assim.

Acontece que há algo que me agrada ainda mais do que a ideia de matar alguns idiotas. Assistir Alex caçando.

Porque é isso o que ela faz. Ela caça.

Alexandra Kendricks é uma arma letal porque ela consegue mexer com sua cabeça sem precisar de força, e quando tudo está perto de acabar, você continua sorrindo só por saber que teve a atenção dela, mesmo que por alguns minutos.

Ela é capaz de matar uma pessoa e ainda ser agradecida por isso.

— E tudo por culpa do Ryan! — Lola diz, fazendo uma careta na direção do parceiro.

Os dois são agentes operacionais internos e apesar de gênios da tecnologia, cada um tem uma especialidade no ramo.

Ele inventa. Ela invade.

Enquanto Ryan Donnavah é um dos inventores mais geniais do mundo, Lola Willians é uma hacker que foi considerada uma das maiores no mercado negro, até ser recrutada e acabar trocando de lado.

Os dois se conheceram dentro da agência e, no início, apesar de disputarem entre si qual cérebro era melhor, bastou uma missão para que aprendessem o quanto suas habilidades se completam e, desde então, se tornaram parceiros.

— Não foi culpa minha! — garante, arregalando os olhos esverdeados.

— Quem foi que apontou para Alexandra e disse: “Ei, Connelly, viu só aquele *docinho*? Por que não vai lá tentar a sua sorte?” — questiona, imitando o sotaque texano de Ryan.

— Me chamou de *docinho*? — Alex ergue a sobrancelha enquanto um sorriso divertido cresce em seus lábios cobertos pelo batom vermelho.

— Não queria que eu falasse: “Ei, Connelly, viu só aquela mulher que olha como se pudesse te matar e que *realmente* poderia te matar? Por que não vai lá testar quanto tempo você aguenta antes de implorar por misericórdia?” — Revira os olhos.

— E ele mereceu. Estava arrogante demais — acrescenta Link, digitando furiosamente no celular, a concentração em seu rosto mostrando que ele provavelmente está lidando com trabalho.

Quando Carl precisou se afastar para fazer a cirurgia, todos esperamos que Lincon assumisse a diretoria, mas considerando a alta demanda que ser o coordenador de missões requer, sabíamos que não daria certo.

Além de ser o braço direito de Carl, Link é o *elo* que conecta as outras agências conosco. Seja com a CIA, Interpol, FBI, MI6, KGB e até mesmo com outras sedes da *Companhia.* Não havia a menor possibilidade de ele conseguir lidar com isso e com tudo o que a direção da sede requer.

E, bom, Alex não pode assumir nenhuma posição que a impeça de ir a campo por um detalhe bem “pequeno”: ela é a única mulher da sede que vai a campo, já que a outra agente do sexo feminino que temos aqui é Lola.

Sim, entre os quase sessenta agentes, apenas duas são mulheres, e apenas uma é enviada em missões, por isso, independente de ser uma supervisora ou não, suas atribuições não podem impedir seus disfarces.

— Matteo — ela me chama em voz baixa, atraindo minha atenção enquanto Lola discute com Ryan e Link, tentando defender *o fraco e oprimido* Lian, que mal conseguia falar enquanto babava sobre os peitos de Alex.

Ele com certeza mereceu.

— Diga — respondo e com um único olhar em seu rosto, sei o que ela quer. Desistindo de enrolar para contar logo a ela, suspiro e fico em pé. — Vamos. — Aceno com a cabeça na direção da mesa de bilhar que raramente é usada.

Da mesma forma como não preciso de nem uma palavra pra entender que ela espera que eu lhe conte, ela não precisa que eu lhe diga nem uma palavra pra saber que não vai gostar do que vai ouvir.

Deixo que Alex ande em minha frente enquanto sinto os olhos dos nossos três amigos sobre nós.

Eles sabem sobre o tempo que vou ficar fora e todos estão preocupados com o que isso vai causar em nós dois.

Ficar longe de Alexandra Kendricks é o pior tipo de tortura pela qual eu poderia passar. A dor de três balas perfurando meu peito não chegou perto do que eu senti ao acordar todos esses dias e saber que ela não estava ali.

Eu sentia falta de tudo, desde o seu cheiro que se tornava cada vez mais fraco nos meus travesseiros, até o som dos seus pés descalços caminhando pelo apartamento.

A ausência de Alex, por dois meses, foi torturante e, pela forma como se jogou sobre mim no hangar, ela sentiu o mesmo. E,

agora, preciso dizer a ela que esses dois meses se tornarão... *porra*, se tornarão um tempo bem mais longo.

— Quer fazer uma aposta? — ofereço, lhe entregando um taco.

— Com certeza — sorri, mas mesmo animada com a ideia de uma competição, sou capaz de ver a preocupação que se mantém em seu rosto. — Quando você perder, vai ter que fazer o quê?

Convencida do caralho.

— O perdedor, no caso, *você*, vai ficar responsável por organizar a viagem.

Seu cenho se franze.

— Que viagem?

— A que nós dois vamos fazer quando eu voltar da missão — respondo e dou a primeira tacada, espalhando as bolas sobre a mesa.

Estou nervoso.

Conheço Alexandra há oito anos, sou capaz de descrever cada milímetro de pele do seu corpo sem precisar pensar, sei tudo sobre ela, desde a forma como sempre dá um pequeno sorriso ao acordar, até a forma como brinca com cartuchos antes de alguma missão. Eu a conheço melhor do que a mim mesmo, mas aqui estou eu, nervoso ao falar sobre a possibilidade de viajarmos.

— Vamos viajar? — Pisca, confusa. — Pra onde?

— É o que você vai escolher depois que perder.

— Do que é que você tá falando, Matteo?

— Eu e você nunca viajamos juntos, Alex.

— *Sempre* viajamos juntos.

— Para missões — completo. — Quero uma viagem *nossa*. Não da agência. Para um lugar onde nenhum de nós dois conhecemos.

Para um lugar onde a gente possa deixar de lado a preocupação de sermos os agentes que somos para podermos ser apenas nós.

Ela abre a boca para dizer algo, então a fecha, refletindo, até que solta o taco sobre a mesa e apoia as duas mãos na beirada, inclinando o corpo pra frente enquanto espelho sua posição.

— Depois de oito anos você decidiu que nós dois vamos em uma viagem como *Alex* e *Matt*, e não como *Alexandra Kendricks* e *Matteo Fawcett* — pondera, o cabelo escuro contrastando contra o tecido branco de sua jaqueta. — E essa viagem vai ser feita quando você voltar de uma missão. Missão essa que você parece não querer falar sobre. Estou começando a me preo...

— Um ano — solto, interrompendo-a e fazendo seu sorriso vacilar.

— O-o quê?

Alexandra Kendricks não é o tipo de pessoa que gagueja, entretanto, ao ouvir o tempo estimado em que vamos ficar afastados, é o que acontece. Ela gagueja.

— A missão tem duração de um ano.

Um. Ano. Longe. Dela.

No dia em que recebi a designação, recusei.

Olhei para Link e avisei que estava pouco me importando com qualquer que fosse o objetivo da operação. Eu não ficaria um ano longe de Alex porque esse tempo é longo demais pra uma pessoa sobreviver com o coração fora do peito.

Então, ele virou o dossiê na minha direção e mostrou apenas a assinatura de Dominic Stone, o diretor da agência. A missão havia sido determinada pelo mais alto cargo dentro da *Companhia*. E não podia ser recusada.

— Matt...

A versão que eu vejo apenas quando estamos sozinhos vem à tona.

Seu olhar se torna vulnerável, seu sorriso vacilante.

Nem mesmo a Alex de oito anos atrás parecia tão assustada quanto a Alex que está em minha frente agora.

Incapaz de me manter no lugar, caminho ao redor da mesa, segurando sua cintura para que ela se vire de frente pra mim,

aproveitando para ocultar sua expressão das outras pessoas que estão no bar.

— Eu sei — sussurro assim que nossos olhos se conectam porque isso é mais uma das coisas que mudou ao longo dos anos.

Antes, não sabia direito o que se passava nas profundezas de suas íris escuras. Hoje, eu posso ler cada uma dessas emoções. Eu sei tudo o que se passa em sua cabeça porque, pra mim, ela é transparente.

Ela não quer que eu vá.

E eu não quero ir.

— Dominic autorizou a missão — conto e mesmo que ela entenda o que isso significa, nega.

— Foda-se. Um ano é muito tempo. Não consigo ficar sem você por um ano, Matteo! — sua voz parece irritada, mas também assustada. — Passei cinquenta e oito dias sem respirar direito e alguém espera que eu passe por isso por *trezentos e sessenta e cinco dias*?! — Balança a cabeça mais uma vez. — Não. Eu vou com você.

— Não pode...

— E *quem* vai tentar me impedir? — rosna.

— Alex... — Seguro seu rosto e me aproximo um pouco mais, permitindo que nossos corpos se toquem, ignorando o fato de que não costumamos nos tocar assim, enquanto pessoas nos assistem.

A toco para me acalmar, mas também para reforçar que eu ainda estou aqui.

Sim, em breve estarei longe e a ideia de passar tanto tempo sem ela é algo que parece tentar me enlouquecer. E sei que é o mesmo pra ela.

— Um ano é o tempo *estimado*. Pode acabar antes.

— Ou pode acabar depois.

— Tá duvidando da minha capacidade? — tento diminuir a tensão em suas feições, mas mesmo que ela bufe uma risada, não há um pingo de humor no som.

— Tô duvidando da *minha* capacidade — corrige. — Existe um limite pra dor que uma pessoa é capaz de sentir, Matt. Ficar tanto tempo sem você vai além do *meu* limite, e olha que eu já estou bem acostumada a sentir dores.

A mesma raiva que sempre surge no fundo da minha mente quando penso sobre o que já aconteceu com ela, volta, se mantendo à espreita, esperando para que eu faça o mundo pagar por tudo o que ela passou.

— Não vou precisar de um ano — garanto. — E quando eu voltar, vamos pra viagem que *você* vai planejar.

— Você tem seis meses para estar de volta, Matteo. — A seriedade em seus olhos é a mesma que ela usa sempre que ameaça alguém de morte.

— Use os seis meses para organizar nossas férias.

Eu tenho que ir, mas não tenho dúvidas de que vou voltar.

Por Alexandra Kendricks, eu sempre vou voltar.



13

ALEXANDRA KENDRICKS

Dias atuais

Você é o homem, mas eu tenho, eu tenho, eu tenho o poder

Oh, você faz chover, mas eu faço, eu faço, eu faço cair os céus

Você deve saber que sou eu quem está no controle

(Power – Little Mix)

O TOQUE SUAVE dos dedos contornando meu rosto faz com que eu desperte, mas a segurança de estar em seus braços permite que eu faça isso de maneira tranquila.

Esfrego o rosto contra o peito largo de Matteo e inspiro seu cheiro, sentindo seus olhos me estudando o tempo inteiro. Pisco lentamente, me acostumando com a claridade fraca que entra pela janela, e não posso deixar de sorrir ao ver seu rosto.

Senti falta de acordar do seu lado.

Seu cabelo desgrenhado, rosto amassado e sorriso preguiçoso formam um conjunto que eu passaria anos observando.

Entretanto, por um ano ficarei sem poder observar.

No mesmo instante, meu sorriso desaparece.

Ele vai embora.

O tempo em que senti que era incapaz de respirar vai ser multiplicado por seis porque, mesmo que ele diga que vai voltar em

um semestre, sei que há um motivo para que o prazo seja de um ano.

E isso me apavora.

Tiros e combates me animam. A dor de ficar longe de Matteo me assusta.

Porque eu sei que eu posso me recuperar de um tiro. Eu posso me recuperar de um machucado. Mas eu não posso me recuperar de perdê-lo. E é isso o que está acontecendo.

Por doze meses, eu vou perder a pessoa que transforma meu caos em paz. A pessoa que me faz sorrir, mesmo que eu não seja do tipo sorridente. A pessoa que me consertou, ao me encontrar tão quebrada.

Por um ano, eu vou perder a pessoa que protege minhas costas.

Meu parceiro.

Meu Matt.

Sem aviso, meu corpo é empurrado contra o colchão enquanto ele paira sobre mim, os olhos sérios quando claramente consegue entender o rumo dos meus pensamentos.

— Não.

— Não quero que você vá. — Eu sei que ele conseguiu ler isso em meus olhos, quando estávamos no bar, mas sou incapaz de controlar essa confissão.

— E eu não quero ir — responde. — Mas eu vou voltar.

— Promete?

Ele bufa um riso sem humor.

— Algumas coisas não precisam ser ditas, Alex.

— Mas isso precisa. Promete que vai voltar?

— Eu *sempre* vou voltar.

— *Pro-me-ta.*

Há algo errado.

Meu peito está apertado e é como se um nó se fechasse ao redor de minha garganta.

E eu quero implorar pra que ele não vá.

Matt me ensinou muita coisa nos nossos primeiros anos juntos. Ele me ensinou a jogar sinuca. Me ensinou sobre combate corpo a corpo. Me ensinou sobre como, por mais estranho que isso soe, a dor pode ser boa se a intenção não for machucar. Ele me ensinou a viver.

Mas ele também me ensinou algo que aprendeu com seu pai. Confiar em meus instintos.

Bom, meus instintos, nesse segundo, estão me dizendo que há algo errado com essa maldita missão.

Meus instintos imploram pra que eu o faça ficar.

— Alex. — Matteo segura minha garganta, fazendo com que meus olhos se fixem nos dele. — Eu prometo que sempre vou voltar pra você.

Me perco em suas palavras, afundando na intensidade com que as profere e, por alguns segundos, nos mantemos em silêncio, até que eu suspiro e assinto.

Ele nunca descumpriu nenhuma das promessas que me fez. Por isso, mesmo que eu continue receosa, calo meus medos, empurrando-os para o fundo de minha mente.

É Matt quem está me prometendo que vai voltar. Ele *vai* voltar.

— E eu prometo que sempre vou te esperar — respondo baixinho, passando os dedos por seu maxilar coberto pela barba.

— Planejando a nossa viagem — debocha e eu rolo meus olhos, empurrando-o, mas sem conseguir me livrar de seu peso enquanto ele ri.

— Cretino.

Seu riso aumenta ao notar minha irritação.

— Por que você ainda acha que consegue ganhar de mim? *Eu* te ensinei a jogar.

Matt ontem à noite parecia bem empenhado em não assumir a responsabilidade de planejar uma viagem que foi ideia dele. Nem

mesmo me inclinar pra frente, expondo meu decote, foi o bastante pra distraí-lo da mesa de bilhar.

Entretanto, quando chegamos em casa, todos os meus esforços para conseguir sua atenção surtiram efeito e, até às três da manhã, nós fodemos.

E é por isso que eu não entendo por que, às seis e meia, estou acordada.

— Temos uma missão — diz, mais uma vez, provando ser capaz de ler meus pensamentos.

Matt se ergue sobre os cotovelos e me encara, sorrindo para minha animação.

— Nós dois?

— É. — Assente.

Porra.

Gosto de tudo o que posso fazer com ele, mas foder e caçar são minhas atividades favoritas.

Foder, depois de caçar, é ainda melhor.

— Só que... — meu sorriso murcha quando ele começa a me dar a notícia ruim. — Vamos trabalhar com Robert.

Sinto meu rosto se franzir com a expressão de desgosto.

Posso não ter trabalhado com o novo elo da CIA, mas também não tenho a menor vontade de fazer isso.

— E... Envolve a máfia. Russa.

— Que porra! — reclamo. — Posso recusar a missão?

— Não — ri e beija minha boca antes de ficar em pé. — Levanta que eu vou preparar o café.

Assisto suas costas se afastando do quarto e sorrio.

Sim, logo ele vai embora por um ano.

Sim, vou trabalhar com Robert.

Sim, a missão envolve a máfia Russa.

Mas, mesmo assim, eu sorrio porque ele está indo preparar o café por conta do nosso novo acordo que envolve algo que eu nem

sabia que queria tanto assim.

Exclusividade.



MATTEO FAWCETT

— Precisa que eu desenhe? — questiono e Link respira fundo. — Não!

— Fawcett, pelo amor de Deus!

— Deus não vai mudar minha decisão. Se eu não estiver com ela, Alex não vai nessa missão.

Assim como respeito Carl, respeito Lincon, afinal, ambos nos ensinaram muito quando chegamos até aqui. Mas nem fodendo que vou deixar que minha parceira se enfie nessa, ainda mais depois de ter ouvido sobre o que e como aconteceu.

Viktor Petrov, o chefe da Máfia Russa, há três semanas arrematou em um leilão um microchip que contém dezenas de dados sobre a CIA, desde missões antigas até dados de agentes infiltrados.

Quando descobriram que ele estava a caminho de Boston, a CIA, com o auxílio do FBI, conseguiu que Magnólia se aproximasse de Viktor.

E foi quando a merda começou.

Apesar de ela ser uma agente do Escritório Federal de Investigação (FBI), a equipe responsável por sua segurança e extração era da CIA. As coisas desandaram, Magnólia foi descoberta e, ontem, por volta das nove da noite, sua cabeça foi entregue na sede da sua agência.

A *Companhia* foi acionada para resolver a situação que se iniciou após a execução.

A CIA continua com o objetivo de recuperar o microchip, entretanto, o FBI quer justiça pela morte de um deles.

Um não se importa com o interesse do outro e considerando o rancor que se instalou após a falha da proteção ter causado o assassinato de uma agente, o clima sempre amigável entre as duas agências americanas não está presente.

De qualquer forma, estamos tomando a frente da missão.

A ideia é que Alex vá disfarçada para recuperar o microchip para que, só depois, Viktor seja preso. O problema é que Robert, o elo da CIA, August, o elo do FBI, e Link, o nosso elo, realmente acreditam que eu não vou junto com ela.

Porra nenhuma!

Uma mulher foi morta porque Viktor é um completo psicopata e eles esperam que eu deixe a proteção de Alexandra dependendo da equipe que não protegeu a última agente?

Nem. Fodendo.

Ou estarei junto na equipe de extração ou foda-se a missão.

Não me importo se a CIA e o FBI vão se destruir. Não vou confiar a vida de Alex na mão deles. Não vou confiar a vida dela na mão de ninguém.

— Matteo, escute bem — Link suspira e se senta na beirada da cadeira. — Você é o diretor da sede. Não pode sair pra fazer parte de uma equipe de extração!

— E quem é que vai me impedir?

Ele suspira, então olha por cima do meu ombro, para onde ela está parada brincando com os três cartuchos de munição que tilintam em sua mão, seu ritual antes de uma missão.

Mesmo que nunca tenhamos debatido muito sobre isso, não posso deixar de pensar que essa é uma forma de Alex entender que não é mais indefesa. Ela é a pessoa que segura a arma agora. Mesmo se enfiando no meio do perigo, ela pode se proteger, e as munições em sua mão são mais um lembrete disso.

— Fala com ele, Kendricks.

Ela bufa.

— Acha que posso convencer Matteo? — questiona e não preciso olhá-la para saber que sua sobrancelha está erguida.

— Sabe que pode.

Quando Alex e eu fomos recrutados, passamos por um nivelamento, assim como Lian vai passar com ela. E mesmo que nós dois sempre estivéssemos juntos, Carl ficou responsável por avaliar as minhas habilidades, enquanto Lincon ficou responsável por avaliar as dela.

Essa interação fez com que eu e Carl criássemos um vínculo, da mesma forma como aproximou ele e Alex.

— É, eu posso — concorda ela, por fim.

— Mas não vai — conclui ele, entendendo seu tom.

— Sabe que nunca vou me opor às decisões de Matteo.

Porque, apesar dos dois terem criado uma amizade, nenhum vínculo jamais será mais forte do que o que eu e ela temos.

— Puta que pariu! — ele rosna e esfrega as duas mãos no rosto. — Matteo, isso é insano! Se você estiver na equipe de extração e *pensar* que ela tá em perigo, você vai interferir!

— Sem pensar nem um segundo — concordo.

— Sua presença arrisca a missão!

— Minha ausência arrisca *ela*. Não preciso te dizer o que importa mais, não é?

Ele me olha, balança a cabeça, então olha para Alex.

— Não tem o que falar pra fazer vocês mudarem de ideia, não é?

— Não — respondemos em uníssono.

Link suspira, assente e fica em pé.

— Vou avisar que você vai e ver se eles aceitam — avisa, sem nem mesmo se virar para dizer essas palavras.

Assim que a porta se fecha, ergo os olhos para onde Alex se apoia em minha mesa, ao meu lado, de costas para onde ele saiu.

— Ele não gostou — comenta, então abre um sorriso debochado. — Acho que agora ele decide sobre o que pensa de nós dois.

Lincon nunca escondeu que tem receio da nossa relação. Na verdade, ele fez questão de deixar isso muito claro há alguns anos quando disse:

— Não sei o que pensar sobre a interação, a ligação de vocês. A intensidade que vocês têm me assusta. É bom e ruim saber que vocês arriscariam tudo um pelo outro. É bom porque sei que isso vai manter vocês vivos, mas... a que custo?

Nenhum de nós respondeu, mas eu sabia a verdade.

Para garantir que Alex fique bem? Eu não me importaria com o preço a pagar.

— Por que você tá nervosa? — questiono e puxo os cartuchos de sua mão, antes de abrir o fecho que prende sua Glock no coldre em sua coxa.

Ela me observa enquanto tiro o carregador da arma e reposiciono as três munições dentro dele.

— Sei que você não gosta da máfia, mas...

— Não estou assim por causa da missão — garante. — Pelo menos, não *dessa* missão.

Suspiro e enfio o carregador de volta, antes de guardar a pistola em seu coldre e prendê-la.

Não tenho o que lhe dizer porque a dor que ela sente ao pensar nesse ano que passaremos afastados é a mesma que eu sinto.

Dói.

E não há nada que possamos fazer, porque recusar essa missão não é confrontar Link ou Carl. É confrontar Dominic, uma pessoa que nós nem mesmo conhecemos a aparência. Ou o que ele é capaz de fazer para lidar com insubordinação.

— Eu vou voltar.

Alex assente, mas antes que possa dizer qualquer coisa, uma batida soa na porta e ela se vira para que possamos assistir

Lincon retornar.

— Eles aceitaram — diz.

Empurro a cadeira pra trás e fico em pé.

— Vamos lá.



Me mantenho em silêncio enquanto levo tudo de mim pra não enfiar meus punhos na cara de Robert, que nem mesmo olhou para Alex desde quando chegamos até aqui.

Já ouvi falar sobre como o imbecil tem um lado machista, mas não achei que ele fosse burro o suficiente pra mostrar esse lado a uma mulher que pode facilmente matá-lo.

Ele continua falando sobre o *microchip*, dando detalhes sobre como ele é mantido dentro de um colar. Fala sobre as informações que eles possuem de Viktor. Fala sobre como estamos sem tempo para realizar a missão, principalmente porque ele decola para Moscou em algumas horas.

E mesmo apresentando a missão para Alex, ele continua sem lhe dirigir a palavra, quase como se estivesse falando com o vento, até que nota a forma como ela também não olha pra ele porque está ocupada demais cantarolando alguma música que ecoa em seus *airpods*.

Robert pisca, sem acreditar no que está vendo.

Ele nem mesmo lhe dirigiu a palavra. Ela com certeza não lhe dirigiria atenção.

— Ei! — irritado, ele acerta um tapa forte sobre a mesa e minha mão coça para chegar até a arma, mas sei que ela prefere se virar sozinha, então permaneço imóvel enquanto Alex, com uma tranquilidade que só o perturba mais, ergue os olhos e retira um dos fones.

— Falou comigo, Rob? — pergunta com a voz doce, a calmaria em seu tom servido para aumentar a fúria do homem.

— Isso é algum tipo de brincadeira?! — late, olhando entre ela, eu e Link. — Já não basta essa palhaçada de termos que enfiar mais uma pessoa na minha equipe de extração, só porque uma garota acha que não consegue resolver o que precisa. Aí agora, ao invés de prestar atenção em dados importantes, está ouvindo música, como uma *adolescente* rebelde, enquanto eu falo para as paredes! — esbraveja e seu rosto se torna mais e mais vermelho enquanto Alex o encara como se assistisse a uma criança fazendo birra.

— Minha adolescência acabou faz um tempo — aponta, indiferente. — Mas eu ainda tenho metade da sua idade. Ah! E o dobro da sua capacidade. — Pisca por cima do ombro, caminhando até a tela interativa onde os dados coletados estão disponíveis, passando os dedos sobre o monitor e mudando as informações. — E isso *aqui* é importante, o resto era só você falando merda.

Sorrio.

Essa é a *minha* garota.

Alex poderia matá-lo se quisesse, mas ela gosta de mostrar quem está no controle.

E ela *sempre* está no controle.

— Ah, e antes que eu me esqueça. — Ela se vira sobre as solas dos coturnos, fixando os olhos nele. — Se a *sua* equipe de extração não fosse *péssima*, essa missão não seria necessária. Esse é o motivo para Matteo estar indo. Porque você foi incapaz de fazer um bom trabalho.

— Aquela *mulher* errou ao ser descoberta! — o nojo pinga de suas palavras, como se a mera menção a Magnólia o nauseasse.

— E como se sente sabendo que é uma *mulher* quem vai salvar a sua bunda agora? — rebate. — Porque se você não conseguir recuperar o microchip, sua cabeça roda. Não é? — questiona, apoiando as mãos sobre a mesa e o olhando sombriamente, esperando por uma resposta que não vem. — Nada a dizer? — Ergue a sobrancelha, fazendo-o cerrar o maxilar. — *Bom*

garoto. Agora, me deixe ser rápida antes que eu perca minha parte favorita da música. — Acena para onde um dos *airpods* continua no lugar.

— Vocês dois são terríveis — Lincon comenta baixo, se apoiando na parede ao meu lado enquanto ela fala com Robert e August, explicando pontos que ninguém conseguiria ver, mas que ela viu, apenas ao olhar para o dossiê. — Vou sentir falta de ver vocês juntos.

— Espalhando seu veneno, Link? — debocho, sentindo o gosto amargo no fundo da garganta ao imaginar os próximos meses.

— Não. Eu só sei que o ponto fraco da Alexandra é você. Assim como o seu é ela. — Aperto meu maxilar. — Não queria que você fosse hoje, porque acho que vocês dois precisam aprender a atuar sem estarem juntos, porque é isso o que vai acontecer nos próximos meses.

— Se eu voltar e encontrar um fio de cabelo dela fora do lugar, eu vou queimar a porra do país — aviso, tentando ignorar suas palavras, mas sabendo que não vou me importar em fazer qualquer um pagar, caso ela se machuque.

Porque Link está certo.

Ela vai ser enviada a campo enquanto eu estiver fora, a diferença é que não vou estar por perto para proteger suas costas nesse período.

— Mais uma coisa... — Alex vira o celular para Robert. — Torta de amêndoas ou *Tiramisu*? — questiona, mostrando um cardápio para o homem que parece prestes a infartar.

Ele se limita apenas a esfregar as mãos no rosto, antes de balançar a cabeça e sair da sala.

— Eu não ia aceitar a opinião dele mesmo. — Dá de ombros e olha para August que se mantém quieto desde o primeiro momento. — Sabe qual a origem do colar? — seu tom é mais brando ao falar com ele.

— Itália.

— Ótimo. — Ela assente e deixa um pequeno sorriso crescer em seus lábios. — Preciso de um colar. *Italiano*.



14

ALEXANDRA KENDRICKS

Dias atuais

Ela é uma fera, eu a chamo de Carma

Ela devora o seu coração igual o Jeffrey Dahmer

Tenha cuidado, não tente controlá-la

(Dark Horse – Katy Perry)

— RYAN? — chamo, assim que abro a porta da sua sala e o encontro jogado em uma cadeira reclinável, atirando uma bola pra cima, claramente entediado.

— Veja só se não é a Rainha e o Rei do Apocalipse — cantarola e se senta ereto, sorrindo para nós dois. — Quebrem meu ócio. O que precisam? Uma bomba? Um míssil? Um batom que tem laser e pode furar a retina dos outros? Um teletransportador?

— Uma escuta — Matteo o interrompe antes que ele nos ofereça um sabre de luz ou um disco voador. — *Discreta*.

Toda a animação de Ryan se esvai.

— Discreta pra *você*? — Ergue a sobrancelha.

— Pra *mim* — respondo e ele pressiona os lábios juntos, pensando.

— Bom, Kendricks, eu tenho uma coisa — diz e se empurra para trás sobre as rodinhas da cadeira. — Mas ainda está em teste.

— Então, não — Matt decreta, cruzando os braços e se apoiando no batente da porta. — Quero algo confiável. Não vou correr o risco de perder comunicação com ela.

Ry estala a língua e revira os olhos, puxando uma pequena caixa de vidro de dentro do cofre.

— Está em teste, mas foi criada por mim, Fawcett, então, no mínimo, é algo bom pra caralho — se defende e volta deslizando até onde estou parada, me mostrando um piercing em formato de ferradura com duas esferas prateadas na ponta. — Escuta e rastreador.

— Por que tá em teste? — questiono, sem realmente acreditar que haja uma escuta dentro de algo tão pequeno.

— Culpa do meu perfeccionismo — responde, ficando em pé. — Acho que consigo aumentar a sensibilidade da escuta e a precisão do rastreador. Mas os testes iniciais foram satisfatórios — continua, caminhando até um copo com água e jogando o piercing dentro. — É a prova d'água. — Ele o tira de dentro do copo, antes de colocá-lo sobre a mesa e bater com um peso de papel. — A prova de impacto.

Olho para Matteo, que parece tão surpreso quanto eu com a genialidade de Ryan, mesmo que já estejamos juntos há anos.

— Ele é a prova de curtos — acrescenta, pegando um teaser disfarçado de celular e pressionando-o contra o piercing. — Recarrega com luz solar e... É ligado e desligado remotamente. — conclui, voltando a nos olhar.

— Qual a precisão? — Matt pergunta.

— Cinquenta metros quadrados para o rastreador e... — ele reflete um pouco, então suspira, balançando a cabeça. — Não vai adiantar eu tentar explicar a distância e os decibéis, então, pensem que uma pessoa falando em tom de voz normal pode ser ouvida até dois metros de distância.

No começo, quando ele e Lola chegaram, precisávamos pedir pra que repetissem tudo o que diziam, traduzindo para língua das pessoas normais, como eu e Matt. Hoje em dia, eles já vão direto a explicação.

— A escuta ainda está em teste porque acho que consigo aumentar a sensibilidade dela pra mais uns três ou quatro metros — explica. — Mas, de resto, ela tá pronta pra uso.

Mais uma vez, troco olhares com Matteo e nós dois damos de ombros, antes que eu assinta e olhe para Ryan.

— Tudo bem.

Ele sorri e esfrega as duas mãos antes de chegar até o armário, voltando com um estojo de veludo preto.

— Vai ser só uma picadinha — anuncia como um completo psicopata antes de começar a se preparar para furar minha orelha enquanto me empurro pra cima da bancada que ele usa para suas invenções.

Como não sabemos direito quais serão as novas medidas de segurança adotadas por Viktor, após a descoberta de Magnólia, Matt e eu achamos melhor não usarmos a escuta tradicional, até porque, considerando que ele está em um hotel no centro da cidade, muitas pessoas poderiam se ferir caso eu precisasse matá-lo e os cinco seguranças que o acompanham. Sem contar com o fato de que eu posso acabar precisando tirar a roupa pra manter o disfarce.

Além do mais, ele decapitou uma agente.

O FBI tem o direito de fazer com que ele pague por isso e a morte não é o suficiente, por isso minha intenção é conseguir o colar com o microchip e Viktor vivo e pronto para pagar pelo que fez.

O que eu tenho que fazer é simples.

Vou abordá-lo, conseguir ser convidada para o seu quarto de forma que seus seguranças não nos acompanhem, e pegar o colar, o que vai ser prova suficiente para incriminá-lo pelo assassinato de Magnólia.

Ah, e eu tenho três horas pra fazer isso antes de Viktor embarcar para Moscou e chegar ao leilão que acontecerá amanhã de manhã, onde provavelmente leiloará o microchip.

Fácil.

Só preciso de duas horas antes de poder voltar para casa e passar o resto do final de semana aproveitando Matteo e seu pau.

— *Ai, ai, Ryan*! — rosno no instante em que a dor da perfuração me atinge.

— Foi mal, Kendricks. É a primeira vez que faço isso.

— E vai ser a última que vai fazer em mim — anuncio, decidida a não devolver o maldito apetrecho.

— Quem diria que a *arma letal* choraria tanto por uma furadinha — debocha, terminando de prender o piercing no lugar. — Nem parece que luta o dia inteiro.

— Não sou eu que levo os golpes quando estou lutando — retruco enquanto Ryan se afasta e chega até o computador.

— Vou ativar a escuta para teste. Matteo, faça as honras.

Matt descruza os braços e caminha em minha direção com passos lentos.

— Dói? — pergunta, empurrando meu cabelo para longe do meu novo acessório, analisando o lugar.

A preocupação com o que estou sentindo é notável, mesmo que nós dois saibamos que não é nada perto do que já passamos.

— Nem perto do que eu aguento — tranquilizo-o.

— Tá ligada — Ry anuncia e Matt se inclina para perto, sua respiração atingindo minha orelha e o som sendo reproduzido ao redor da sala, pelos alto-falantes do computador.

— Vou estar por perto, você sabe — diz e, à medida em que fala, afasta a boca para longe, o som se tornando gradativamente mais baixo, porém ainda perfeitamente inteligível.

— Se conseguir, humilhe Robert mais um pouco — peço, ainda irritada com todas as vezes em que ouvi o imbecil dizendo que Magnólia acabou morta porque foi descoberta e não porque ele fez um péssimo serviço ao extraí-la.

Minha própria voz ecoa pelas caixas de som.

— Acha que ele aguenta mais, depois do que você fez? — Dá um passo pra trás.

— Não sei se ele aguenta, mas sei que ele merece.

— Ver você em campo vai ser humilhação o suficiente pra ele. — O final de sua frase não é reproduzida, comprovando o limite da distância.

— Dois metros de alcance para um tom normal — Ryan decreta, anotando alguma coisa em seu *tablet*. — Mas... *VAI TOMAR NO CU, ROBERT*! — berra, fazendo com que eu pule pra fora da bancada ao mesmo tempo em que Matteo leva a mão até a arma. — Se a pessoa gritar, a escuta capta — conclui, acenando para onde o resto do seu berro é reproduzido.

Carl costuma dizer que pessoas muito inteligentes têm certo grau de loucura. Basta cinco minutos na presença de Ryan pra concordar com ele.

— Não que você precise, mas... boa sorte, Kendricks — diz e eu sorrio porque mesmo que ele seja louco, Ryan é uma pessoa que eu aprendi a considerar um amigo. Assim como Will, Josh, Link, Carl e Lola.

Antes de Matt, eu era tão quebrada que achava impossível sentir algum tipo de afeição por alguém, assim como não podia imaginar que fossem se aproximar de uma pessoa que facilmente machucaria as outras com todos os cacos que haviam dentro dela.

Matteo me mostrou que eu estava errada.

Ele se aproximou de mim, sem se importar com a possibilidade de se machucar e sua presença me curou. Ele me consertou.

Ele me fez inteira novamente.



M A T T E O

F A W C E T T

Apesar de saber que três horas é mais do que o suficiente para Alex, nos apressamos para iniciar a missão.

August e Link se enfiam na parte da frente da van com pinturas da *Orion*, enquanto eu, ela e Robert nos sentamos na parte de trás, onde as telas dos computadores estão ativadas para nos ajudarem com o monitoramento.

— *Fawcett?* — a voz de Ryan ecoa do ponto em minha orelha.

— Fala.

— *Vou ativar a escuta, então... sem conversas sujas, tá? Não quero sujar minhas calças.*

Balanço a cabeça, mas o ignoro, olhando para Alexandra que não parece nem um pouco preocupada com o fato de estar prestes a se aproximar do chefe da Máfia Russa que decapitou a última mulher que tentou enganá-lo.

Corro os olhos por sua calça jeans clara, tênis branco e camiseta que revela o ombro nu. Ela parece jovem. Mais inocente do que jamais foi. E eu sei que é proposital.

Alex sabe que Viktor é o tipo de cara que gosta de bancar o predador, por isso ela está fazendo de tudo pra bancar sua presa.

— Sabe que você ficar tão preocupado assim é quase uma ofensa, não sabe? — pergunta, tombando a cabeça para me olhar.

Ela está tranquila porque não tem nada a perder ao chegar perto dele.

Já eu... bom, quando ela estiver lá, eu terei *tudo* a perder.

— Que bom que você não se ofende fácil — rebato.

— Dois minutos da posição, Kendricks! — Link diz do banco da frente e ela respira fundo, assentindo e ficando em pé, antes de se virar para mim e erguer a caixa com o colar que Robert conseguiu, conforme o pedido.

— Preciso que enrosque o fecho no tecido da blusa — pede, se virando de costas e erguendo o cabelo escuro para que eu possa fazer o que ela pede.

— Como está a transmissão, Ryan? — pergunto, aproveitando para testar a escuta mais uma vez.

— *Alto e claro* — responde, através do ponto.

Termino de prender a linha no fecho do cordão com a pedra vermelha e assim que dou um passo pra trás, o furgão para duas ruas após o hotel.

Ela me olha e me entrega sua arma, o cano voltado para si enquanto deixa que eu pegue a empunhadura.

Sei o quanto odeia estar desarmada, por isso, sem pensar no que estou fazendo, toco seu queixo com a mão livre e conecto nossos olhos.

Palavras são dispensáveis, principalmente quando a promessa de sempre se tornou quase um ritual antes que um de nós, ou ambos, se enfiem no perigo.

Eu protejo suas costas.

— Já sabe, não é? — questiono e ela assente.

— Eu sei. — Então, se inclina pra frente e permite que eu deposite o beijo em sua testa. — Eu já volto — promete e se afasta de mim.

Alex pisca antes de fechar a porta do furgão e no segundo em que preciso acompanhá-la apenas através das câmeras que Lola hackeou, me sinto tenso.

Ela pode ser a porra da agente foda que as pessoas tratam como uma lenda. Eu sei que é. Mas também é a minha garota e não estar perto o bastante para protegê-la faz com que meu coração bata mais depressa, mesmo que eu saiba que é o mundo quem precisa ter cuidado ao lidar com Alexandra Kendricks.

Link e August passam pra parte de trás do furgão enquanto me sento em frente aos monitores, assistindo seus passos.

— Qual o plano dela? — Robert pergunta, abrindo a boca pela primeira vez desde quando nos enfiamos no veículo.

— Ela não segue planos — respondo, seco.

Enquanto se aproxima do hotel, Alex vasculha a bolsa em seu ombro e tira uma agenda, juntamente com uma caneta, antes

de jogar o celular do disfarce para dentro.

— *Assim que eu passar pela porta do hotel, preciso que meu telefone toque* — ela avisa, sua voz ecoando pelas caixas de som.

— Ryan? — chamo.

— *Deixa comigo.*

Mudo a imagem para a câmera que mostra a parte interna do restaurante do hotel que não é de uso exclusivo dos hóspedes e meus olhos caem sobre onde Viktor Petrov está sentado. Dois seguranças mais afastados, enquanto três criam quase uma parede ao seu redor.

— Se ela não segue planos... como ela acha que vai conseguir chegar até ele? — Robert pergunta, claramente preocupado com o que vai acontecer, caso Alex não recupere o colar.

— Ela simplesmente vai até ele — respondo, ouvindo o som estridente do seu celular tocando através da escuta no instante em que passa pelas portas.

Alex abre a bolsa e a vasculha enquanto o toque do celular se torna cada vez mais alto e, sem olhar por onde anda, se choca contra o peito de um dos seguranças que tem quase o dobro do seu tamanho.

— *Meu Deus!* — Arregala os olhos, dando dois passos pra trás, aplicando uma pequena pontada de sotaque italiano em sua voz. — *Desculpa!*

Então, voltando a procurar pelo celular, ela se afasta, seguindo para outra ponta do bar.

E eu sorrio porque, enquanto ela caminha para longe, Viktor lhe lança um olhar rápido.

Essa é minha garota.

Alex precisou de menos de trinta segundos no mesmo ambiente para conseguir a atenção do chefe da máfia.

Assim que encontra o celular, o leva até a orelha.

— *Oi, Ry* — suspira. — *Não, tô aqui no hotel. Preciso de um café e ficar no mesmo espaço que Robert me deixa exausta* —

sorrio enquanto ele bufa atrás de mim, a provocação o atingindo em cheio. — *Daqui a pouco eu volto, mas vou tentar organizar minhas anotações. Tudo bem! Até mais.* — Guarda o aparelho de volta dentro da bolsa, então sorri para o bartender. — Um café, por favor.

Enquanto espera pelo seu pedido, ela não faz nada além de cantarolar baixinho, o que faz com que Robert fique cada vez mais ansioso, o que só piora quando Alex, assim que a xícara é colocada em sua frente, começa a procurar por alguma coisa.

Ela abre a bolsa, mexe na agenda, apalpa os bolsos e o cabelo, então olha ao redor nervosa.

— O que ela quer? — Perto de uma síncope, Robert questiona. — Ela esqueceu alguma coisa?!

— Alex infiltrada é como um filme de suspense digno do Oscar. Você nunca sabe o que vai acontecer — digo por cima do ombro.

— *Aconteceu alguma coisa?* — o bartender lhe pergunta, notando seu alarde.

— *Perdi minha caneta.* — Volta a olhar dentro da bolsa.

— *Não é aquela?* — O rapaz aponta na direção onde os seguranças continuam imóveis, enquanto a caneta permanece ao lado da cadeira de Viktor, exatamente onde ela fez questão de jogá-la, ao esbarrar no homem.

— *Essa mesma!* — exclama animada, então pula para o chão e eufórica se aproxima deles, fingindo estar alheia ao volume que existe na cintura de todos, indicando as armas.

Antes que esteja a dois passos do chefe da máfia, um dos homens agarra seu braço, fazendo com que Alex se sobressalte e mais uma vez arregale os olhos assustada.

— *Ei!*

— *O que está fazendo?* — grunhe a pergunta próximo ao seu rosto, precisando se inclinar para conseguir nivelar seus olhos com o dela.

— *Pegando minha caneta, King Kong!* — diz e tenta soltar o braço, movendo-o de forma desengonçada. — *Se não tirar a mão,*

eu vou gritar — ameaça.

— *Não. Pode. Chegar. Perto* — o sotaque russo em sua voz quase faz com que as palavras sejam irreconhecíveis.

— *Eu. Quero. A. Minha. Caneta.*

Mesmo pela câmera, noto como ele aumenta a força de seu aperto e faço uma nota mental de quebrar todos os dedos que estão a tocando.

— *Ivan!* — a voz dura de Viktor atrai atenção dos dois e o segurança o olha, soltando o braço de Alex no primeiro aceno que o chefe lhe dá, negando.

Então, acontece.

Alexandra permanece imóvel enquanto Viktor Petrov, o grande e sanguinário Chefe da Máfia Russa, se abaixa em sua frente, quase se colocando de joelhos, enquanto recupera a caneta do chão e lhe entrega.

— Filha da puta — Link comenta, mas noto o sorriso em suas palavras, assim como sei que eu mesmo estou sorrindo.

— Como ela fez isso? — Robert parece incapaz de raciocinar enquanto o mafioso volta a se levantar, mantendo os olhos fixos nos dela, provavelmente perdido na imensidão de suas íris escuras.

— Entenda, Robert... — digo, assistindo-a agradecer. — Uma das coisas que faz com que Alex seja tão letal, é a capacidade que ela tem de colocar qualquer pessoa de joelhos, sem precisar se esforçar pra isso.

Não tento esconder a reverência em minha voz e ele, mesmo não sendo um agente tão bom, consegue captá-la.

— Parece que fala por experiência própria, Fawcett.

— Eu falo — confesso, ciente de que estou de joelhos por Alexandra Kendricks desde o segundo em que a vi.

Assim que estou com minha caneta em mãos, volto para o lugar onde estava sentada, sentindo alguns olhares de Viktor sobre mim, mas ignorando-os enquanto abro a agenda e finjo fazer algumas anotações.

Até que uma caneta dourada entra em meu campo de visão, sendo colocada ao meu lado.

Sinto vontade de sorrir ao ver quão fácil é manipular um cara que se acha tão perigoso quanto ele.

E acho que só é tão fácil assim, porque seu ego atrapalha que ele veja que qualquer pessoa que banque a presa pra ele, vai conseguir que ele inicie uma caçada. Ainda mais quando a presa se mostra... inalcançável.

Viktor Petrov gosta de se manter na posição de destaque, por isso faz questão de deixar seus seguranças em evidência. Ele gosta de se sentir o rei, então, quando recuperei minha caneta e me afastei, ao invés de tentar me aproximar mais, isso despertou sua curiosidade, afinal, *quem não iria gostar de alguns minutos com uma presença tão ilustre?*

Por esse mesmo motivo, tentando reafirmar sua importância, ele me entrega sua caneta de ouro.

— O que é isso? — pergunto, subindo os olhos pelo seu braço até seu rosto coberto pela barba ruiva cheia.

— Um pedido de desculpas — responde, o sotaque russo carregado contrastando com a forma como tenta parecer suave. — Ivan pode ser um pouco... rude.

— Maluco — corrijo. — Mas não precisa se desculpar. E pode ficar com sua caneta.

— Não veja como um pedido de desculpas, então. Veja como um presente — insiste e fingindo ignorância, engasgo ao pegar o objeto.

— Meu Deus! Olha o peso disso! É... é ouro?

Ele sorri e o dente dourado brilha em sua boca.

— Sim, *malenkiy*.

Veja só se não acabo de ganhar um apelido carinhoso?!

Quase rio do quão patético é ser chamada de *Pequena*, em russo.

— É muito gentil, mas eu não posso aceitar — recuso e empurro a caneta para longe.

É um movimento arriscado porque Viktor pode entender isso como um ato de insubordinação, mas quando o banco ao meu lado é puxado e ele se senta, sei que minha recusa só fez com que eu me tornasse mais intocável.

E nossos papéis, sem que ele percebesse, se inverteram.

Quando entrei no restaurante, ele era a pessoa sentada em meio a vários seguranças, com uma caneta e *um dente* de ouro. Ele estava no trono e podia ter o que quisesse. Agora, minha recusa e falta de acesso fez com que eu subisse em um pedestal ainda mais alto que o dele, fazendo com que sua necessidade de me alcançar seja ainda maior.

Tudo isso, por conta do ego.

Tsci, tsci. Achei que fosse me divertir mais.

— Eu insisto.

— Uma caneta *de ouro* é um pouco... *demais.* — Dou-lhe um sorriso tímido. — Mas se insiste em me dar um presente, tenho uma ideia.

— Claro.

— Assim que me mudei para cá da Itália, fiquei hospedada nesse hotel por alguns dias e eles tem uma torta de amêndoas que é... incrível.

Sem esperar que eu conclua o pensamento, Viktor acena para o bartender.

— A torta de amêndoas de vocês? — diz seco e eu mordo o sorriso ao ver a expressão assustada que toma o rosto do rapaz.

Não tive tempo de confirmar se o que estava escrito no cardápio ainda acontece, mas a julgar pela preocupação com o que está prestes a dizer, eles continuam deixando algumas sobremesas reservadas.

— Infelizmente, Sr. Petrov, essa torta só é servida nos horários das refeições, ou através do serviço de quarto para os hóspedes.

Meus ombros caem sutilmente.

— Ah... tudo bem — digo desanimada, então olho para Viktor. — Por que não deixamos o presente pra próxima?

— Por que não sobe comigo? — oferece.

Sabia que essa missão seria rápida, mas nem eu imaginava que seria tão fácil.

— Não acho uma boa ideia. — Abaixo os olhos, envergonhada com a proposta.

— Não precisa se preocupar, *malenkiy.* Não vou fazer nada com você. Só quero que aceite meu presente.

Mordo o interior da bochecha, e espero três segundos se passarem antes que eu suspire e assinta, fazendo com que ele sorria triunfante.

Da maneira mais desconfortável possível, caminho ao seu lado, expondo meu incômodo quando nós dois e mais três seguranças entramos no elevador.

— Você disse que veio da Itália? — pergunta e eu assinto.

— Assim que meu pai morreu. — Toco o colar em meu pescoço, o movimento involuntário mal sendo captado por ele, pelo menos, não *conscientemente*. — Você também não é daqui, é?

— Sou de Moscou — diz, no segundo em que as portas do elevador se abrem.

Hesito um pouco antes de acompanhar Viktor e os três seguranças, mas assim que Ivan toca a maçaneta do quarto, dou um passo pra trás, recuando.

— O que foi? — o mafioso pergunta e eu balanço a cabeça, insegura.

— Eu... eu acho melhor ir embora. — De relance, olho para os três homens, indicando o motivo do meu desconforto. — Eu nem sei seu nome e... é, eu acho melhor ir embora.

— Viktor, *malenkiy* — fala e dá um passo em minha direção. — Qual é o seu?

— Izabella — respondo, forçando o sotaque um pouco mais ao dizer meu nome.

— Não se preocupe com eles — diz, acenando com desdém para os três. — São apenas para segurança. Nem dá para notar que eles estão por perto.

Reflito, olhando por cima do seu ombro. E quando vejo que ele está certo de que vou aceitar, suspiro e nego, quebrando suas expectativas.

— Melhor eu ir embora. Mas foi um prazer te conhecer, Viktor. — Dou dois passos pra trás antes de me virar e seguir na direção do elevador.



ALEXANDRA KENDRICKS

Assim que ela entra na caixa de metal, sei que vou ter que me livrar do corpo de Robert porque seu coração vai acabar parando. E eu não vou fazer o menor esforço para ressuscitá-lo.

— O quê?! — Enfia as duas mãos no pouco cabelo que lhe resta. — O que ela tá fazendo, Fawcett?!

— Brincando — respondo.

— Com ele ou com a gente?! — rosna e eu sorrio no segundo em que o braço de Viktor evita que as portas do elevador

se fechem e de maneira quase imperceptível, Alex ergue o rosto e pisca para a câmera, sorrindo, antes de se virar e olhá-lo.

— Com quem a divertir mais.

— *Eles vão esperar aqui fora* — o mafioso diz, olhando-a.

Robert engasga ao entender o que ele está propondo.

— Ela... ela...?

— Espera — peço, porque sei que não acabou, principalmente pela forma como Alex engole em seco, insegura, lançando mais um olhar para o homem que apertou seu braço mais cedo.

— *Eles vão esperar* lá embaixo — propõe Viktor. — *Melhor?*

Porque esse é o poder que ela tem sobre as pessoas. Ela consegue o que quer, sem precisar pedir.

Ela assente e nós assistimos em silêncio o momento em que os três homens de terno que deveriam ser como a sombra de Viktor, se enfiam dentro do elevador, deixando os dois sozinhos.

— Como foi que ela fez isso?! — Robert questiona, perplexo. *Admirado.*

— Ela é boa em manipular os outros pra conseguir o que quer — respondo e fico em pé.

— Não tem medo que ela acabe usando isso contra você?

— Ela não precisa — falo, saindo da van. — *Ryan, manda o áudio da escuta dela para os nossos pontos* — mando, ajeitando a pistola no coldre. — Estamos entrando.

— *Deixa comigo.*

Pelo ponto, ouço uma porta do quarto se fechar e no instante seguinte, Alex ofega.

Mais sete homens se aproximam da entrada traseira do hotel e enquanto Robert dá algumas instruções, empurro a porta, seguido por Link e August, que ergue o distintivo do FBI para o primeiro funcionário que nos vê, silenciando-o. Não preciso olhar pra saber que um dos agentes vai ficar para garantir que a operação se

mantenha em sigilo, então continuo seguindo na direção das escadas.

— *Viktor...* — a voz de Alex ecoa em nossos ouvidos assim como o som de beijos cada vez mais próximos da escuta.

— Fawcett? — August chama ao meu lado. — Se quiser tirar o ponto pra não precisar ouvir...

— Ela tá fingindo — comento, entendendo a preocupação que ele tem ao imaginar que estou ouvindo minha mulher gemer pra outro.

— Ela não parece estar fingindo — Robert observa enquanto continuamos subindo.

— Faço essa mulher gemer há oito anos. Conheço os gemidos dela e esse não é o verdadeiro.

Porém, não posso deixar de me sentir irritado por saber que o desgraçado está a tocando, por isso, apresso meus passos ainda mais, até que ouço o som de algo se quebrando, seguindo pelo arfar de Alex.

— *Não, não, não, não!* — choraminga, o barulho dos beijos cessando. — *Meu colar!* Papi*!* — soluça.

— O que está havendo? — Link me olha, sem entender como ainda não cheguei até o andar em que eles estão, mesmo com o som do choro de Alex.

— Lembra quando ela me pediu para enroscar o colar na blusa? — questiono e ele assente. — Era pra arrebentar quando ele tirasse sua roupa.

— *Calma, Izabella.*

— *Não dá! Meu* papi *me deu esse colar dias antes de morrer e agora... está destruído! Minha última lembrança da minha Itália e... eu sabia que não devia ter vindo até aqui!*

Então, reforçando o quão lendária ela é, ouço algumas movimentações, até que Alex funga e pergunta:

— *O que é isso?*

— *Enquanto seu colar não é consertado, use esse. Também é da Itália e...*

— *Meu Deus, Viktor!* — abandonando o sotaque, ela o interrompe, a reprovação marcando seu tom. — *Homens poderosos como você não podem ser tão influenciados pelo pau.*

— *O quê?*

— *Senta quietinho aí, antes que eu arranque seu dente de ouro com um chute.* — Ouço sua voz tanto pelo ponto quanto pela porta sendo aberta em nossa frente, revelando-a, usando apenas a calça jeans e o sutiã de renda preto.

Alex chega para o lado, deixando que August adentre ao cômodo enquanto joga o colar com o microchip para Robert, sem esperar por um agradecimento dele enquanto aceita a jaqueta preta que lhe dou e caminha ao meu lado.

— Se divertiu? — pergunto e lhe devolvo sua Glock.

Ela sorri.

— Sempre.

— Ótimo. Só preciso fazer uma coisa antes de voltarmos pra casa — aviso e me dirijo para onde o homem que apertou seu braço está sendo mantido.



15

ALEXANDRA KENDRICKS

Dias atuais

Por você, eu passaria do limite

Eu desperdiçaria meu tempo

Eu perderia minha cabeça

Eles dizem: Ela foi longe demais dessa vez

Não me culpe, o amor me deixou louca

(Don't blame me - Taylor Swift)

TALVEZ A QUANTIDADE de golpes que já levei na cabeça esteja me enlouquecendo, mas não consigo deixar de pensar sobre a possibilidade do relógio me odiar.

Nas semanas em que estive disfarçada, em Paris, o tempo parecia se arrastar, adiando cada vez mais minha volta para casa e consequentemente para Matteo. Porém, desde quando ele me contou sobre a missão, o relógio tem corrido a uma velocidade assustadora.

Depois da prisão de Viktor, logo após Matteo ter fechado a porta do carro na mão de Ivan, punindo-o pela marca que ficou em meu braço, nós voltamos pra casa e passamos o resto do dia juntos.

Nós transamos, conversamos e nos provocamos na grande maioria do tempo, mas, às vezes, apenas ficamos em silêncio, enrolados um no outro.

Nesses momentos, quando nossa respiração mal é ouvida, há uma expectativa pesando no ar. Como se tanto eu quanto Matteo esperássemos que algo fosse dito.

Nunca acontece.

Geralmente o silêncio é quebrado pelos sons de nossos corpos se chocando, como se através do contato físico pudéssemos expressar melhor o que nossas bocas não conseguem.

E conhecer Matt tão bem faz com que eu veja que é o mesmo pra ele.

Mas, além disso, as coisas na sede mudaram também.

Carl está de volta e agora usa uma bengala, tanto para ajudar a apoiar o corpo durante a movimentação quanto para acertar a canela de Lian que felizmente tem demonstrado melhora, principalmente no combate corpo a corpo.

Ainda é muito fácil acertá-lo, mas ele, pelo menos, dá um pouco mais de trabalho antes de ser jogado no chão.

Zade e Bruce, os outros dois agentes supervisores, estão de volta.

E tudo está tranquilo.

Exceto por mim que, a cada dia que vejo quão perto estou de ficar sem Matteo, me sinto mais... *bagunçada.*

Apesar de fazer de tudo para ignorar meus instintos que continuam pedindo pra que eu não o deixe ir, não consigo deixar de me preocupar, principalmente com o nível de sigilo da missão.

Por ser algo autorizado por Dominic, nem mesmo Matt sabe do que se trata, já que o dossiê será entregue apenas após o início da operação. A única coisa que sabemos é a duração e o destino. Um ano. Na África.

A falta de informações me deixa mais preocupada, por isso, tenho usado meus meios para espairecer. E um desses meios é o de agora.

Não coloco toda minha força no golpe porque não quero machucá-lo, mas chuto o abdômen de Josh, empurrando-o pra longe, antes de me abaixar e chutar o pé de Lian, derrubando-o.

O suor escorre pelo meu rosto, pescoço, costas e abdômen, as gotas chegando até o cós da calça preta do uniforme da *Orion* e, mesmo que eu esteja cada vez mais cansada da intensidade dos movimentos, não penso em parar porque espero que o desgaste físico consiga empurrar meu medo para algum lugar onde eu não o sinta.

Lian, jogado no chão, balança a cabeça ofegante.

— Chega. Eu quero ir embora. Eu não recebo bem o suficiente pra apanhar tanto — resmunga e recusa a mão que lhe estendo, se mantendo sentado sobre o tatame, a pele vermelha, respiração entrecortada e o cenho franzido.

— Chorão — murmuro e olho para Josh. — E você?

— Estou treinando com você há quatro horas, Kendricks. Chega também — responde, seguindo para onde sua arma, garrafa de água e camiseta estão jogadas desde o início da manhã, quando o chamei para o CT.

Matteo está terminando de atualizar Carl sobre tudo o que aconteceu durante sua ausência e, por mais que eu queira aproveitar o tempo com meu parceiro, nem fodendo que vou ficar falando sobre documentos e novos acordos, por isso, acenei para Matt, avisando que precisava espairecer e me retirei, mas só depois de ver o mesmo olhar que ele tem me dado há semanas.

Saudade.

Matteo e eu estamos com saudade um do outro, mesmo que ainda estejamos perto.

Como se nossos corpos e nossas mentes já estivessem nos dando uma amostra do inferno que será o próximo ano.

Suspiro, frustrada, e sigo na direção do saco de pancada.



MATTEO FAWCETT

— Carl, pelo amor de Deus! — peço, começando a sentir uma ponta de pânico correr por mim.

— Você não era ateu? — Ele ergue a sobrancelha, nem um pouco abalado pela minha aflição.

— Sou! Mas não me importo de pedir intervenção divina para conseguir te convencer a manter Alex fora de campo durante esse tempo.

Ele joga a cabeça pra trás e gargalha, como se ouvisse a maior piada de sua vida.

Não me lembrava que esse velho era tão filho da puta.

Como ele consegue rir enquanto estou ao ponto de propor a Alexandra para fugirmos pra qualquer lugar onde não nos encontrem?

— Quando ficou tão engraçado, Matteo?

— Estou falando sério.

— Não, não está — garante, ainda sorrindo. — Porque sei que você não espera que eu deixe minha melhor agente afastada das missões, por *doze meses*, só porque você está me pedindo.

— Quer que eu *implore*?

Finalmente, seu sorriso some e ele suspira, me dando um olhar que eu raramente recebo de Carl, mas que me lembra muito os que eu ganhava do meu pai.

— Escute, eu sei que você tem medo de que algo aconteça com ela, mas ela é tão boa quanto você.

Bufo um riso.

— Ela é melhor do que eu. E eu sei que manter Alex fora de campo vai ser uma perda, mas se ela não ficar fora e algo acontecer, você vai perder *dois* agentes, porque eu vou enlouquecer — constato, mesmo que eu tenha certeza que ele sabe disso.

— Está duvidando da capacidade de sua parceira?

— Nunca.

— Então qual o problema?

— Eu não consigo confiar que alguém vai proteger Alex da mesma forma como eu protejo.

— Não acha que alguém atrairia a atenção de um psicopata armado só pra dar tempo a ela de fugir? — Ergue a sobrancelha, se referindo ao episódio com Snake.

— Se espera que eu diga que faria alguma coisa diferente do que fiz, esqueça. Me colocaria na frente de dezenas de armas se soubesse que isso aumentaria as chances de ela sair viva.

O tiro que levei naquele dia doeu. Mas eu sabia que nenhuma dor seria maior do que se fosse com Alex. Então, não tenho dúvidas de que repetiria a experiência de ter o peito perfurado só pra garantir que ela ficasse bem.

— Vou repetir algo que lhe disse há alguns anos — avisa. — A intensidade de vocês beira ao insano.

— E eu vou repetir o mesmo que lhe respondi quando me disse isso. — Me reclino contra a cadeira, sustentando seu olhar. — Eu não me importo. É como nós dois somos e nada vai mudar isso.

— Eu sei — desdenha. — E sobre o que está me pedindo, a resposta é não.

— Carl...

— Matteo, esse assunto está *encerrado* — decreta e eu sei que não estou mais falando com o homem que me treinou e que foi parceiro do meu pai. Ele está dizendo isso como o diretor da sede e eu preciso aceitar.

E eu aceito, afinal, sempre soube que essa era a resposta que eu receberia.

Tirar Alex de campo é como ir pra guerra e deixar sua melhor arma pra trás. E Carl é inteligente demais pra fazer isso.

— Você a conhece melhor do que ninguém. Acha mesmo que é certo pensar em Alexandra como uma pessoa indefesa?

— Não.

— Então confie na sua parceira e em todo o treinamento que vocês dois tiveram. Ela vai ficar bem e logo você vai estar de volta pra vida *insana* de vocês dois.

Tento me prender na parte principal de suas palavras, sobre como logo vou estar de volta para o que *nós* somos, mas não posso deixar que o início de sua fala pese sobre mim.

Nosso treinamento...

O treinamento que várias vezes foi interrompido porque queríamos transar.

O treinamento que muitas vezes foi deixado de lado só porque eu gostava mais de vê-la sorrindo, ao escapar de meus golpes lentos, do que efetivamente me preocupar com sua capacidade de defesa.

E se o que ela vai precisar pra ficar bem foi o que perdemos em um desses treinamentos?

E se a minha fascinação por suas pernas enroladas ao redor do meu quadril acabar causando algum mal a ela?

— Precisa de mais alguma coisa? — pergunto, já me levantando, enquanto algum sentimento esquisito cresce em meu estômago.

Alex não é indefesa. Ela é boa pra caralho e a arma mais tecnológica do mundo não é mais perigosa do que essa mulher, mas e se ela só não é ainda melhor porque a nossa, como diz Carl, *insanidade* não permitiu?

— Está liberado. — Mal ouço suas palavras enquanto já estou saindo do escritório.



Sete anos atrás

A força que Alex coloca em seu punho ao acertar a manopla em minha mão é o suficiente pra que eu saiba que ela está irritada com algo.

— O que foi?

— Nada — responde, mantendo o maxilar cerrado enquanto o suor contorna seu rosto, fazendo alguns fios do cabelo escuro grudarem em sua pele.

— Alex?

— Onde você estava ontem à noite? — questiona, me dando as costas e caminhando até seu celular, do outro lado do tatame.

— Como sabe que eu não fiquei em casa?

— Porque quando eu cheguei, eu... — interrompe sua frase de maneira abrupta, mas eu a conheço bem o suficiente pra saber o que ela ia dizer, e isso, apesar de me causar uma ponta de irritação, também me faz sorrir.

— Deixa eu adivinhar... — Tiro as manoplas e as atiro para longe, notando a tensão que sobe em seus ombros ao ouvir o deboche em minha voz. — Saiu com um cara que não conseguiu te relaxar na cama. — Caminho em sua direção, lentamente. — Quando chegou em casa, achou que eu pudesse resolver o seu problema, porque, *só eu sei fazer isso*. — Paro a menos de uma respiração dela, a proximidade permitindo que eu sinta seu cheiro familiar. — E agora está irritada porque eu dormi fora de casa e você não foi fodida como gosta.

Sorrio quando seu cotovelo vem na direção do meu rosto e dou um passo pra trás, me esquivando dos golpes que chegam em sequência.

Ela está irritada e, bom, eu também.

Apesar de ser nosso combinado e apesar de *eu* ter criado essa porra de regra, não posso dizer que dividir Alexandra com outros caras é meu passatempo favorito. Assim como sei que ela não fica muito feliz por saber que outras mulheres me tocam. Mas isso é o que temos.

Saímos, fodemos, nos frustramos e descontamos essas frustrações um no outro. No *Dojô* ou na cama.

Ninguém é como ela e eu sei que ninguém é como eu, por isso nunca é tão bom quanto quando estamos juntos.

— E me deixa adivinhar uma coisa também. — Ainda desferindo golpes em minha direção, porém sem a força que ela pode usar, Alex diz: — Você não gostou de saber que eu estava saindo com um cara, por isso, foi atrás de outra garota que também não montou em você como você gosta. *Como só eu faço.* Agora, está aqui, tão frustrado quanto eu, enquanto tenta relaxar trocando golpes comigo, mesmo sabendo que o que vai fazer isso passar é uma *foda*, não uma *luta*.

Suas palavras pesam no ar e nós dois paramos de nos mover, ambas as respirações agitadas enquanto nos olhamos.

Ao mesmo tempo em que seu olhar desce pelo meu peito nu, o meu desce pelo dela, traçando cada contorno de seu corpo coberto pelo top e short curto que expõe cada nova curva que ganhou no último ano de treino, o brilho do suor a deixando mais gostosa ainda.

Então ela sorri.

Perversa.

Linda.

Perturbadora.

E é o bastante pra que tudo ao nosso redor nos empurre na direção um do outro, fazendo com que nos choquemos em um agarre descontrolado.

— A gente devia estar treinando — murmura em minha boca enquanto se esfrega em meu pau, suas pernas fortes a ajudando a subir e descer por meu corpo ao mesmo tempo em que a carrego na direção do ringue.

— Me peça pra parar, então.

— Nunca.

A apoio na beirada do tablado e afasto seus joelhos, me enfiando entre suas pernas e segurando seu rosto.

Não preciso insistir para que sua boca se abra, permitindo a entrada da minha língua que duela com a sua, brigando porque mais uma vez outra pessoa a tocou.

Mesmo sem querer e principalmente sem *poder*, me sinto possessivo com ela. Assim como ela se sente possessiva comigo. É irritante e só me deixa com ainda mais vontade de reforçar que ninguém, *nunca*, vai fazer com ela o que eu faço.

Ela pode procurar onde e o quanto quiser. Sempre vai ser eu. E sempre vai ser ela.

E é com esse pensamento que deslizo as mãos para o cós de seu short e o puxo por suas pernas, afastando-me apenas para que ela o chute para longe, permanecendo nua da cintura pra baixo.

Volto a tomar sua boca enquanto libero meu pau e sem aviso, empurro-o para dentro de sua boceta encharcada, engolindo seu gemido de satisfação.

E mais uma vez todas as preocupações, seja com o treino ou com outras pessoas, desaparecem, porque, como sempre, quando estamos juntos, nada mais importa.

Então eu faço o que gosto de fazer.

Eu a fodo, provando que ela é minha, mesmo que eu nunca possa dizer isso em voz alta e ela, mesmo que sem intenção, faz o mesmo comigo, me marcando como seu.



ALEXANDRA KENDRICKS

Dias atuais

Jogo minha cabeça pra trás, tentando acertar o queixo de Will, mas o filho da puta é mais rápido e passa um braço sob meu queixo, me imobilizando com facilidade graças ao cansaço físico que está espalhado por todo meu corpo.

Já perdi a noção de quanto tempo estou aqui treinando, mas depois que Josh e Lian desistiram, passei longos minutos distribuindo golpes no saco de pancada, até que Wilson chegou e eu voltei a ter um parceiro de treino, já que o *meu parceiro* ainda está enfiado na sala de Carl.

— Quer um descanso? — Will questiona, apertando o braço e cortando parte do meu oxigênio antes de me soltar e me empurrar para longe.

Gostaria que a exaustão que sinto fisicamente, estivesse em minha mente, porque tenho certeza de que isso evitaria que eu constantemente pensasse sobre a missão de Matt.

— Não — respondo, me virando e erguendo meus punhos cobertos pela bandagem.

— Kendricks, vai com calma — Jay diz, ajudando Lian com a barra de supino, na área da academia, evitando que o novato acabe se matando. — Tá aqui há horas.

— Não quero ir com calma. — Avanço para Will mais uma vez.

Ele se abaixa, saindo do alcance do meu punho, me olhando com reprovação.

— Sabe que cansada desse jeito parece uma criança querendo lutar, não sabe?

— Foda-se — respondo e giro o corpo, chutando sua costela.

Ele agarra minha perna, me mantendo equilibrada apenas sobre o pé esquerdo.

— Eu acho que você devia descansar. — Então, provando ser a pessoa mais insuportável do mundo, ele começa a me girar. — Acho que se você ficar tonta, vai deitar um pouco — divaga.

— Eu vou te matar — aviso, tentando me soltar de seu agarre, mas quase caindo enquanto continuo sendo girada. —

Wilson! — berro, furiosa.

Ele ri, achando graça e eu fico tão irritada que por algum motivo eu acabo rindo também.

Will é um cara que trabalha para uma agência secreta, já matou pessoas, tem um arsenal à sua disposição e, nesse momento, ao invés de estar treinando combate, está me girando, como se eu fosse uma maldita bailarina.

É ridículo, irritante e eu não consigo fazer nada além de rir e saltitar enquanto tento não cair.

Vou sentir falta de Will e Jay.

A ausência de Matteo provavelmente vai me enlouquecer, porém não posso negar que também sentirei saudade dos dois.

São meus amigos, meus parceiros de treino e companheiros de missões.

Eu, Matt, Josh e Will já estamos trabalhando juntos há mais de quatro anos. Sou incapaz de contar quantas vezes salvamos a pele um do outro e o fato de saber que eles estarão juntos é o que me conforta.

Eles vão se proteger, independente de qual seja o objetivo ou cenário, e mesmo que demore, logo vou tê-los de volta.

Meus amigos e meu Matt.



MATTEO FAWCETT

Como se já não bastasse a situação fodida em que estou ao saber que Alex vai continuar em campo, assim que fecho a porta do escritório, dou de cara com Collin Andrews, o piloto responsável pelos deslocamentos aéreos da sede.

O único outro agente com quem Alex já se envolveu.

Assim que o vejo, ao mesmo tempo em que penso em enfiar uma bala em sua testa, tenho vontade de sorrir, incapaz de esquecer do dia em que ela cancelou seu encontro com o imbecil e passou a noite ao meu lado.

É, eu havia levado um tiro e estava queimando de febre, mas eu passaria por tudo isso de novo, só pra sentir seus toques sobre *mim* ao invés de saber que ela estava tocando nele.

— Matteo — cumprimenta com um aceno de cabeça, parando em minha frente.

— Collin.

— Soube que vai passar um tempo fora — comenta, presunçoso.

— Não acho que essa informação deveria ser da ciência de um agente auxiliar.

Foda-se.

Eu e ele não somos amigos. Não vou fingir ser cordial com um homem que eu sei que quer comer minha mulher.

— Vou pilotar o avião que vai te levar até lá — responde, cruzando os braços. — Um ano é bastante tempo.

— Preocupado comigo, Collin?

Ele sorri.

— Preocupado com a Alex.

Alex...

Eu vou matar esse cara.

— Mas pode ficar tranquilo — avisa. — Eu vou estar por perto, caso ela precise de um parceiro.

Raiva e ciúme me tomam e eu acho que Collin nunca correu tanto risco de morte como agora, ao estar na minha frente, insinuando que pretende dar em cima da minha mulher enquanto eu estiver fora.

Dou um passo em sua direção e noto como seu sorriso vacila, mesmo que tente se manter impassível com minha

proximidade.

Ela vai estar sozinha, se enfiando no meio do perigo, e ainda vai ter esse filho da puta por perto.

Estou furioso, com ciúmes e com a porra de uma arma no alcance da minha mão.

Eu poderia matá-lo, mas eu não faço isso porque Alex, apesar de tudo, não é minha.

Não como eu quero que ela seja.

— Você não aguentaria ser parceiro dela, Collin. Nem em *campo* e nem na *cama* — sibilo. — E se eu souber que a chamou de *Alex* de novo, vou te fazer implorar pela morte. Me entendeu?

Não espero nenhuma resposta antes de seguir na direção do centro de treinamento, mas o que eu vejo assim que abro a porta faz com que minha raiva e meu ciúme desapareçam.

Passaria o resto da vida assistindo os sorrisos de Alex e saber que ela consegue fazer isso com mais facilidade hoje em dia, é algo que me deixa absurdamente feliz. Porém, encontrá-la brincando em um momento onde ela deveria estar treinando, faz com que meu medo se alastre por cada célula do meu corpo.

Eu confio a minha vida a Alexandra, mas a vida dela eu não confio a ninguém, nem a ela mesma, por isso, sem enxergar nada direito, empurro a porta e caminho na direção deles.

Quantas vezes brincamos ao invés de treinar?

Quantas vezes ela deixou de focar em como se defender para poder implicar com Josh, reclamar de Will ou me provocar?

E se ela não conseguir se cuidar?

— Finalmente, Fawcett! — Will diz animado, segurando a perna direita de Alex enquanto a gira no lugar.

Ela me olha e no instante em que nossos olhos se encontram, seu sorriso some, porque é a única que consegue perceber que há algo errado.

— O que aconteceu? — pergunta séria, e ao notar sua expressão, Wilson a solta.

— A gente vai treinar — aviso.

Porque eu preciso saber que ela estará pronta para cuidar da pessoa mais importante da minha vida.

Ela.



A L E X A N D R A
K E N D R I C K S

Em oito anos, eu nunca o vi assim.

Ele parece fora de si, como se nem mesmo conseguisse me enxergar em sua frente enquanto acena para fora do tatame e diz:

— Fora, Wilson.

Porém, ao invés de obedecer, ele pergunta:

— Cara... tá tudo bem?

Não acho que Matteo deixe de respondê-lo por estar ignorando. Acho que ele simplesmente não assimila a pergunta enquanto me encara.

Mas que porra deixou Matt desse jeito?

— Fora. Wilson — repete depois de alguns segundos, lançando um único olhar para que ele entenda que não é um pedido.

— Tudo bem, Will — tranquilizo-o, notando como a atenção de Lian e Josh também estão sobre nós.

Ele hesita, deixando nítido como também sabe que há algo errado, mas, por fim, se move para se juntar aos dois.

— O que aconteceu? — pergunto, dando um passo em sua direção, mas antes que possa me aproximar, ele balança a cabeça negando.

— *Treino*, Alex.

Franzo o cenho, sem entender a frieza em sua voz e sou pega de surpresa quando seu punho vem na direção do meu rosto.

Não tenho dificuldades pra desviar, apesar do corpo cansado, membros pesados e respiração ainda agitada. Porém, eu sei que caso eu não desviasse o golpe me machucaria, porque diferente de como costumamos treinar, há força em seu movimento.

— Matt... — tento, mas ele não me ouve, desferindo outro soco, tão forte quanto o primeiro.

— Fawcett, mas que porra é essa?! — Com o canto do olho, vejo Josh dar um passo à frente.

— Não se mete! — Matt grita, finalmente olhando para longe de mim, as veias em seu pescoço saltando enquanto seu rosto fica cada vez mais vermelho. — Não se mete porque se alguma coisa acontecer com *ela* enquanto eu estiver fora é a *minha* vida que acaba. Então. Não. Se. Mete!

Não tenho tempo de tentar entender o que é que ele quer dizer porque sua atenção logo retorna para mim e a cada golpe que desvio, a cada passo que recuo, sinto-o mais desesperado. *Agoniado.*

— Matteo! — chamo mais uma vez, meu próprio desespero se formando ao vê-lo dessa forma.

— Revide!

Pisco, ainda recuando.

O quê?!

— Matt!

— Revide, Alex!

Sem ter a menor ideia do que fazer ou de como acalmá-lo, faço o que a situação permite e golpeio seu queixo.

Meu punho se choca com seu maxilar e mesmo com a bandagem me protegendo, sinto a dor nos nós dos dedos, porém a ignoro, focando apenas no choque que passa pelos seus olhos escuros quando ele finalmente volta a si.

É como se eu assistisse Matt despertando de um sonho. Ou de um pesadelo.

Congelado no lugar, ele pisca aturdido, dando um olhar para onde Jay, Will e Lian nos encaram perplexos, então voltando a me olhar.

Só quando noto que ele parece... *ele*, balanço a cabeça, impedindo o passo que ele tenta dar em minha direção, me viro e me afasto, percebendo que Matteo por alguns segundos tentou me machucar.



16

MATTEO FAWCETT

Dias atuais

Mesmo que nós estejamos passando por isso

E isso faz com que você se sinta sozinha

Apenas saiba que eu morreria por você

Amor, eu morreria por você, é

A distância e o tempo entre nós

Nunca farão com que eu mude de ideia porque

Amor, eu morreria por você

(Die for you - The Weeknd feat. Ariana Grande)

SIGO-A.

No pior dos casos, ela vai acertar minha cara mais uma vez e eu com certeza vou aceitar o golpe que eu mereço.

Não sei que porra aconteceu, mas à medida em que eu a via apenas desviando ao invés de revidar, eu ficava mais apavorado.

E se ela não revidasse caso alguém quisesse fazer mal a ela?

Meus pensamentos se embaralharam e eu fui tomado pelo pânico, até o momento em que senti o golpe.

Não foi a dor que me parou. Pelo menos, não a minha. Mas a dela.

Vi o lampejo que cruzou seu rosto assim que o golpe me atingiu e eu soube que ela havia se machucado.

Por minha culpa.

Por mais que estejamos acostumados a nos envolver em combate, não importa quão calejado os nós dos dedos sejam, um soco bem dado sempre deixa marcas, tanto em quem leva, quanto em quem dá.

E o soco que eu levei foi muito bem dado.

— Alex! — chamo, caminhando atrás dela na direção do vestiário.

Ela me ignora, sem nem mesmo olhar pra trás enquanto desenrola a bandagem da mão direita.

— Alex! Me deixa ver sua mão!

— Não vai ver *porra* nenhuma.

— Não estou pedindo! — aviso, fazendo com que ela congele e, de supetão, se vire para mim furiosa.

— Nesse segundo, Matteo, eu não estou dando a mínima pra você e esse seu lado autoritário. Então enfie esse seu jeito na sua bunda e me deixa em paz!

Ignoro-a e avanço na sua direção.

— Me deixa ver...

Ela ri, sem humor.

— Primeiro, quis me machucar, agora quer ver o estrago que causou?

Seu soco não chegou perto de fazer o que suas palavras conseguem.

Qualquer irritação, medo ou raiva que eu sentia desaparece e a única coisa que eu sinto é... vazio. Como se até o ar me abandonasse.

— Acha que eu machucaria você?

— *Meu* Matt? Nunca. Mas a pessoa que estava naquele tatame parecia um completo estranho! — rosna. — Então, me dê uma explicação boa o suficiente para aquela *porra* porque eu não

quero pensar em você como alguém que poderia fazer o mesmo que...

Sua frase morre, mas Alex não precisa verbalizar o que eu sei que está passando pela sua mente.

O mesmo que sua mãe fazia.

— Eu preciso saber que você vai ficar bem. — Cauteloso, dou um passo em sua direção. — Preciso saber que qualquer pessoa que tentar te machucar vai acabar morto.

— E a sua solução pra isso é tentar me machucar? Quer o quê, Matteo? Que eu me defenda de você igual me defenderia de um deles?! — Ela encurta a distância, o olhar furioso em meu rosto.

— Quero saber que se for preciso você vai se proteger como *eu* te protegeria!

Oito anos.

Em oito anos, apesar das provocações, das alfinetadas, dos sarcasmos e das ameaças, eu e Alexandra nunca brigamos assim.

É como se todo meu corpo doesse com a irritação entre nós dois.

— Do que é que você tá falando?!

Agarro seu rosto e ergo seus olhos para os meus.

Ela não tenta se afastar.

— Pedi a Carl pra te manter fora do campo. — A expressão de choque toma seu rosto, seguida novamente pela raiva.

— Eu tô achando que você vai mesmo conseguir apanhar de mim — anuncia, então me empurra, as duas palmas acertando meu peito com força, me mandando pra longe. — Que porra tá acontecendo com você? *Você* não toma esse tipo de decisão. Quer me deixar guardada como um brinquedo esperando pra você voltar a usar?!

— Quero te deixar segura!

— Esqueceu que eu sou tão boa quanto você?!

— Esqueceu que você é a porra da minha vida?! — rebato tão alto quanto ela.

Ouço o sangue bombear em meus ouvidos e mais uma vez acabo com a distância, assistindo-a caminhar de costas até se chocar contra a parede.

Apoio uma mão de cada lado de sua cabeça e a prendo entre meus braços, sem a menor possibilidade de deixá-la sair sem que entenda como o medo do que pode acontecer com ela está me enlouquecendo.

Nossa vida não é normal.

Eu não vou passar um ano fora, trabalhando em um escritório, enquanto Alex vai seguir a vida calma de uma mulher de vinte e seis anos.

Enquanto eu estiver fazendo sabe-se lá o que, ela pode se enfiar em trocas de tiro, se infiltrar em organizações criminosas, ou ainda pior!

Vivemos no meio do perigo, entretanto, quando estamos juntos, sei que posso me colocar na frente de um tiro por ela. Mas e quando estiver em outro continente? Ela vai enfrentar todas essas porras sozinha!

— Se eu voltar e não te encontrar bem, a minha vida *acaba*. E isso não é exagero. Então eu posso ter sido um controlador, tóxico, babaca, maluco e qualquer outra coisa que você queira dizer. Mas eu não me arrependo! Se eu soubesse que daria certo, te trancaria em um lugar só pra ter certeza que você vai estar segura! Mas você é a lendária Alexandra Kendricks, uma força da natureza. E eu preciso saber se você será essa força quando alguém tentar machucar você. Eu preciso saber que quem encostar na minha garota, vai ser apresentado ao inferno.

Não entendo como continuamos sem nos tocar ao estarmos tão próximos.

— Me prometa que vai ficar bem. Eu preciso saber que as vezes que interrompemos os treinos para nos tocar não vai te colocar em perigo.

Entendimento cruza suas feições e uma a uma, as armaduras ao seu redor despencam.

— Matt... — Alívio me toma ao ouvi-la me chamando assim, um indício claro de que somos nós de novo. *Alex e Matt.* — Eu vou ficar bem.

— Prometa.

— Prometo. — Assente, engolindo em seco. — Prometo que vou ficar bem. Você só precisa voltar para casa.

Balanço a cabeça.

— Pra você, Alex. Só preciso voltar *pra você.*



ALEXANDRA KENDRICKS

Nunca fui boa em me expressar, mas quando se trata de Matteo é ainda pior porque, por mais que ele seja a paz que acalma meu caos, ele também me causa coisas que... eu não entendo, e a única forma que encontro de mostrar a ele o quão intenso é tudo o que ele me faz sentir, é através do toque, então, aproveitando a posição em que estamos, afundo os dedos no tecido de sua camiseta e o puxo pra mim.

Há raiva pela forma como ele agiu no tatame.

Há medo por não ter ideia do que pode acontecer com ele.

Há angústia por saber sobre sua preocupação comigo.

Há saudade que já vem antecipada.

Há tesão por, bom, por ser ele.

E há algo mais.

Algo que eu não sei definir, mas que não é a primeira vez que me atinge.

Ao mesmo tempo que parece querer me sufocar, também me aquece, e eu só sei que é algo bom, porque é *ele* quem está me causando isso.

Por sorte, Matt também sabe muito bem se comunicar através do seu toque, então eu sei que ele sente a mesma confusão dentro de si pela forma eufórica como retribui meu beijo.

— Eu preciso de você — arfo, puxando meu lábio inferior dos seus dentes, fazendo com que a dor da mordida seja um pouco mais forte.

— Vira — murmura, já agarrando minha cintura e me forçando a obedecer.

Com Matt, o sexo não é só sexo.

É *mais*.

E é o que eu preciso agora, por isso não perco tempo

Seus dedos deslizam por meus braços, antes de puxarem meus pulsos em minhas costas, uma mão ainda envolvida pela bandagem, enquanto a outra, não.

Com cuidado, Matteo toca o ponto dolorido pelo soco que dei em seu queixo.

— Me desculpa.

Fecho os olhos, sentindo a culpa que ele carrega em suas palavras, e balanço a cabeça, virando meu rosto para tocar o dele, seu nariz tocando minha bochecha.

— Eu sei que nunca me machucaria. Esquece isso.

Ele nunca me machucaria porque ele sempre será o *meu Matt*, independente de qualquer coisa.

Sinto-o mexer na bandagem que está em meu punho esquerdo, retirando-a, como se não tivesse coisa melhor pra fazer, por exemplo, me foder.

— Não acredito que vai tirar cinco metros de...

Minha reclamação é cancelada no instante em que Matteo, sem desenrolar todo o tecido, une meus dois punhos e os prende juntos, utilizando-a para restringir os meus movimentos.

— Eu não quero ouvir um som, Alex — avisa, apoiando a boca próximo do meu ouvido enquanto abre minha calça e a desliza para baixo, expondo minha bunda. — Não quero que venham ver por que você está gritando. E, *se vierem*, eu não vou parar só por ter uma plateia.

Sorrio.

— Nunca me importei com plateias — provoco.

— Eu sei — concorda. — Nem um pio — repete e guia seu pau pra dentro de mim, segurando o tecido da calcinha pra longe, terminando de se enterrar com um movimento duro que me faz cerrar o maxilar ao mesmo tempo em que rolo meus olhos para a sensação de preenchimento.

E quando Matteo finalmente começa a se mover, eu consigo o que passei a manhã inteira buscando. *Paz.*

Eu esqueço tudo que não seja ele.

O mundo desaparece e eu me concentro apenas em seu toque, seus sons, seu cheiro.

Me concentro em *nós*.

Minha boceta pulsa ao redor de seu pau e eu tento de maneira involuntária soltar minhas mãos para me apoiar contra a parede, mas a restrição em meus punhos me impede.

— Gosta de ser fodida assim, Alex?

— Sabe que sim — gemo.

— É, eu sei. Eu sei *exatamente* como você gosta. — Gira os quadris, estimulando meu ponto G e quase me fazendo engasgar. — Eu sou o único que consegue te dar o que você precisa.

— Porque eu sou sua — concluo e o sinto assentir.

— E eu sou seu.

Nós pertencemos um ao outro, desde o primeiro toque, anos atrás.

Enquanto enterra seu pau cada vez mais fundo, enfia a mão entre meu corpo e a parede e circula meu clitóris, a intensidade das

sensações me fazendo mais uma vez lutar contra a restrição da bandagem.

— Alexandra — rosna meu nome em meu ouvido, envolvendo meus punhos com os dedos, interrompendo meus puxões. — Se você se machucar, vai ficar sem gozar.

— Sabe que consigo me soltar, não sabe?

— Sei. E você sabe que quando estou com meu pau dentro de você, não estou fodendo a arma letal, estou fodendo minha puta, então se quer que eu continue, aja como tal e me deixa te ouvir gemendo.

— Achei que não quisesse que eu desse um pio.

— Também achei. Mas não consigo perder a oportunidade de te ouvir enquanto te como.

Sorrio por cima do ombro.

— Vou gemer baixinho pra você, então.

— Eu sei — murmura rouco, afundando seu rosto em meu pescoço.

Por mais que tente me manter silenciosa, o conjunto dos meus gemidos, a batida de nossos corpos e seus grunhidos ecoam pelo vestiário.

Puxo meus punhos e ele me pune com uma mordida no ombro.

Gemo mais alto e ele acerta um tapa em minha boceta.

Gosto de desobedecer Matteo porque a forma como ele me pune é deliciosa, assim como tudo o que ele faz comigo. Sempre é delicioso.

Sentindo meu orgasmo cada vez mais perto, viro o rosto, buscando sua boca e não preciso pedir para que ele me beije, sua língua se infiltrando por meus lábios ao mesmo tempo em que desfere mais um tapa em meu clitóris sensível.

— Matt... — choramingo e ele nega, sutilmente.

— Não goza ainda — manda e, pra dificultar a minha vida, fricciona meu clitóris, fazendo com que os tremores em minhas

pernas já cansadas se iniciem. — Não. Goza.

Aperto meu maxilar, sem a menor ideia de como ele espera que eu me controle enquanto seu pau continua me rasgando por dentro, deslizando com facilidade por minha boceta encharcada, minha excitação já escorrendo por minhas coxas.

Meu ventre pulsa, minhas coxas tremem e eu aperto o tecido da bandagem entre os dedos, mal respirando enquanto tento me controlar, e ele ao ver minha tortura sorri, perverso, antes de contornar minha boca com sua língua e soltar contra meus lábios:

— Goza.

O controle que ele tem sobre mim beira ao vergonhoso porque no instante em que sua ordem é dada, todo meu corpo se sacode em um orgasmo violento que me faz gritar enquanto aperto os olhos, sentindo lágrimas escorrerem pelas minhas bochechas com a intensidade da sensação.

Para ajudar a abafar a sequência de sons altos que escapam de mim, sua mão abandona meus punhos e Matt agarra meu rabo de cavalo, prendendo minha boca contra a sua, silenciando meus gemidos com os que ele mesmo dá, gozando.

Mais cansada, trêmula e ofegante do que eu estava depois das horas do treino e finalmente relaxada, fecho meus olhos e descanso o corpo contra o seu, minha testa apoiada em sua bochecha enquanto tentamos nos acalmar.

— Eu nunca machucaria você — assopra, depois de algum tempo.

Sem precisar de ajuda, solto meus punhos da bandagem com a facilidade que nós dois sabíamos que eu teria, então o empurro para trás, abrindo espaço para que eu me afaste de seu pau e gire entre seus braços, me virando para encará-lo.

Sei que nada perturba tanto Matteo quanto pensar que eu realmente acredito que ele poderia me machucar, por isso, sem me incomodar com a porra que escorre pelas minhas coxas, o encaro.

— Acha que eu conseguiria desviar de algum golpe *seu*, se realmente quisesse me acertar, depois de ter passado horas treinando? Eu estava exausta demais pra conseguir me esquivar

direito — pergunto. — Você pode ter colocado mais força, mas mesmo se eu ficasse parada, sei que nunca me acertaria. Você nunca me machucaria.

Ele prende o olhar no meu por longos segundos, então suspira e balança a cabeça, antes de me puxar pra perto e apoiar a boca em minha testa.

Nunca entendi por que, mas nem mesmo quando o tenho por perto, armado, protegendo minhas costas, eu me sinto tão protegida quanto nos momentos em que ele me beija assim, então me permito assimilar essa sensação, fechando os olhos e deixando que me abrace.



17

ALEXANDRA KENDRICKS

Dias atuais

Solte o volante, estamos na faixa de alta velocidade
Agora estou nervosa, não estou pensando direito
Ultrapassando todos os limites, você me intoxica

Assim como nicotina, heroína, morfina
De repente, estou viciada e você é tudo que preciso, tudo que preciso
Sim, você é tudo que eu preciso

É você, amor
E eu sou uma idiota apaixonada pelo jeito que você se move, amor
E eu poderia tentar fugir, mas seria inútil
A culpa é sua
Apenas uma dose de você e eu soube que eu nunca seria a mesma

(Never be the same - Camila Cabello)

ACELERO.

Ignoro a dor do vento acertando meus dedos, os cabelos chicoteando em minhas costas e o som alto do ar sendo cortado pelo capacete, me concentrando apenas na adrenalina que bombeia por mim à medida em que o velocímetro se move.

Ziguezagueio em meio aos poucos carros que trafegam pela madrugada e não penso sobre a possibilidade de reduzir, afinal, é como se eu fugisse da dor que eu sei que vai me atingir em menos de vinte e quatro horas, quando o avião decolar e levar Matteo para o outro lado do mundo.

Para longe de mim.

Acelero mais.

A moto ruge, mas obedece.

Nesse segundo, com a fúria que eu sinto, o melhor é que ele me obedeça.

Os últimos dias não passaram. Eles correram.

Cada hora que eu passei ao lado de Matt foi reduzida a segundos. E mais rápido do que eu esperava, nosso tempo acabou.

Sei que não é pra sempre, mas um ano sem respirar é tempo o bastante pra que meu corpo, meu coração e minha mente sofram.

Cerro o maxilar e tenho vontade de gritar ao ver que a moto não consegue ir mais rápido do que já está, como se isso me mostrasse que por mais que eu tente não vou ser capaz de me manter longe da dor que eu sei que vou sentir.

Então, pelo retrovisor, eu vejo o farol de outra moto piscar pra mim, se aproximando tão rápido quanto estou.

E eu sorrio.

Porque é isso o que esse homem faz comigo desde a primeira vez em que nos vimos.

Mesmo em meio a dor, ele é capaz de me mostrar algo bom.

Desacelero e deixo que sua moto me ladeie.

As viseiras abaixadas não deixam que nossos olhos se encontrem, mas eu apostaria minha vida que por trás do capacete Matteo está sorrindo, assim como eu estou.

Ele acena com a cabeça e eu assinto, aceitando seu convite para correr e quando voltamos a acelerar, fica claro que não estamos apostando uma corrida, estamos apenas... aproveitando a adrenalina que sentimos ao pilotar a quase duzentos por hora.

O vento continua machucando, o cabelo continua chicoteando e o ar continua zunindo, mas, ao ver sua moto lado a lado com a minha, não me irrito por não conseguir ir ainda mais rápido, afinal, ele está comigo.

Mais uma vez, a mesma sensação que parece me sufocar ao mesmo tempo em que me aquece sobe por mim.

Nem mesmo vejo o tempo passar e só percebo que estamos nisso há horas quando os primeiros raios de sol brilham, anunciando o início da manhã.

Sem que seja necessário nem um único sinal, tanto eu quanto Matt, seguimos para uma área mais isolada e desligamos as motos, mas continuamos sobre elas, apenas tirando o capacete.

— Como me achou? — questiono, olhando para longe.

— Acordei assim que não te senti na cama. — Sinto seu olhar sobre mim. — Conseguiu?

— O quê?

— Espairecer.

Rio, fraco.

— Um pouco. E você?

— Não vim espairecer. Vim ficar de olho em você.

— Sei me cuidar, Matt.

— Não parece. Tá desatenta.

Sorrio e o olho.

— Vi sua moto atrás do caminhão no segundo em que entrou na pista. Não estou desatenta, só queria ver se te despistava.

Ele sorri, orgulhoso. E, *porra*, tão lindo.

Matteo fica lindo de qualquer forma, mas a camiseta branca coberta pela jaqueta preta, rosto ainda amassado de sono e o cabelo bagunçado pelo capacete é uma covardia.

— Sabe que não consegue me despistar — provoca, fazendo com que eu sorria e gire a chave, fazendo a moto rugir pra vida.

— Se eu não te conhecesse, diria que está me desafiando.

— Que bom que conhece e sabe que é exatamente isso o que estou fazendo — rebate e liga a própria moto que, mesmo sendo de outra marca, é tão potente quanto a minha. — Quer seus cinco segundos de vantagem?

— Eu sempre estou em vantagem com você, Matteo — digo e ajeito o capacete sobre a cabeça, mantendo apenas a viseira aberta.

Sua resposta é um sorriso que se abre enquanto ele assente, me encarando por alguns segundos, antes de voltar a realidade e finalmente colocar o próprio capacete.

— Corra, Alex, porque se eu te pegar, eu vou te foder.

— Não parece uma ameaça.

— Porque é uma promessa — anuncia no exato segundo em que acelero, fazendo com que as rodas levantem poeira atrás de mim.

Como dois completos malucos, corremos.

Faço curvas arriscadas e ziguezagueio entre veículos, ouvindo as buzinas me seguindo, assim como a moto preta e gigante de Matteo.

Raramente estou na posição de presa, mas quando é *ele* quem está me caçando, eu gosto. A adrenalina e excitação que correm por mim faz com que eu me entregue ainda mais à caçada, lutando para fugir ao mesmo tempo em que desejo que ele me pegue.

Ciente de que toda e qualquer multa que tomarmos serão apagadas pela *Companhia*, ignoro sinais e radares de velocidade, e pouco antes de chegar perto do nosso prédio, pego a esquerda, me afastando para conseguir circular o quarteirão, despistando-o.

Sorrio quando não vejo sua moto me seguir, e desacelero, diminuindo o ronco do motor, até quase silenciá-lo, enquanto completo a volta e adentro a garagem do prédio, desligando o farol e aproveitando o ambiente escuro para me esgueirar, olhando ao redor, procurando por ele, mas sem encontrá-lo.

Há algo errado.

Cautelosa, desço da moto e tiro o capacete, deixando-o sobre o banco.

Com passos silenciosos, vasculho o estacionamento vazio e assustadoramente silencioso.

Semicerro os olhos e, esperando por algum movimento, sigo na direção do elevador, mantendo a atenção por cima do ombro, mas mesmo após as portas se fecharem, não há nada.

Onde é que esse filho da puta se enfiou?

Minha resposta vem no instante em que estou prestes a girar a maçaneta do meu apartamento.

Sinto a presença atrás de mim e sorrio.

— Peguei você — sussurra, sombrio.

— Finalmente.

Não me viro.

Ele não me toca.

Sinto-o próximo e como sempre o ar trepida ao nosso redor.

Mas nenhum de nós faz qualquer movimento para tocar um ao outro enquanto deixamos que atmosfera de tensão nos envolva, a adrenalina ainda bombeando por mim, assim como sei que bombeia por ele.

— Eu avisei o que aconteceria se eu te pegasse — murmura, ainda mais grave. — Vai abrir a porta ou quer que eu te foda aqui?

Como se nos desse essa deixa, a luz do corredor se apaga, graças a nossa ausência de movimento.

— Quer que eu abra? — questiono, ainda com a mão na maçaneta, mas sem movê-la um só centímetro.

— Sim.

— Vai implorar? — provoco.

Sempre há provocação entre nós. Ameaças, apostas, jogos.

E é sempre delicioso porque não temos o menor problema em dar o braço a torcer para conseguir o que queremos um do outro, por isso sinto o sorriso em sua voz quando ele se inclina mais para perto, sua boca tocando meu ouvido e sua respiração quente me deixando ainda mais excitada.

— Se você quiser, eu imploro — diz. — Pra ter você, Alexandra, eu não tenho o menor problema em implorar.

Mas Matteo não precisa implorar por mim, porque eu sempre vou aproveitar qualquer chance que tiver de tê-lo, por isso eu me movo. Não para fazer o que ele quer e abrir a porta, mas para fazer o que nossos corpos precisam.

Me lanço sobre ele.

É eufórico. Intenso. Desordenado. *Caótico.*

Mas enquanto abraço seu pescoço e sou empurrada para dentro do apartamento, nossos dentes não se chocam. Nossas mãos não se atrapalham. E nossos gemidos não param.

Porque, sim, Matteo Fawcett e eu somos um caos. Mas somos o caos mais harmônico que existe.

E eu amo isso.

Eu amo... *ele.*

O pensamento que atinge minha mente faz com que eu congele entre seus braços, mesmo que cada célula do meu corpo pareça estremecer no instante em que essa constatação me bate.

Ao sentir meu corpo tensionar, Matteo afasta o rosto do meu e me olha preocupado, parecendo pronto para sacar a arma que eu sei que está no cós de sua calça e acabar com o que quer que esteja me assustando assim.

Pela primeira vez, ao invés de aproveitar seus braços ao meu redor, eu me empurro pra longe.

— Alex? O que aconteceu?

Minha garganta seca.

Meu coração parece querer rasgar meu peito.

Meus olhos queimam.

Que porra está acontecendo?!

E mais uma vez a mesma sensação que parece querer me sufocar, ao mesmo tempo em que me aquece, me atinge. Mais forte do que nunca.

— Acha que me ama? — questiono em um arfar. — Porque eu acho que te amo — cuspo, como se as palavras fossem veneno em minha língua e eu precisasse, o mais rápido possível, me livrar

delas. — E isso não faz o menor sentido, afinal eu sou quebrada, certo? — Não o olho. Sou incapaz de olhar para Matteo, enquanto como uma criança assustada ando de um lado para o outro à sua frente. Já enfrentei assassinos, mafiosos, psicopatas e pessoas que facilmente destronariam o próprio demônio do poder do inferno, mas nada *nunca* me assustou tanto quanto as palavras que estou lhe dizendo. — Eu nunca recebi amor de ninguém, então como eu daria algo assim, não é? Como eu saberia o que é o amor, se nunca vi isso de perto? — reflito, tanto pra mim quanto pra ele. — Se ninguém nunca sentiu isso por mim? — Engulo em seco, odiando o tremor em minhas mãos. — Acontece que talvez *alguém* tenha sentido — murmuro, finalmente erguendo os olhos para onde ele permanece imóvel. — Talvez hoje eu me coloque na frente da bala por *alguém*, porque fizeram isso por mim. Talvez hoje eu sorria só por estar por perto, porque *alguém* sorriu só pela minha presença. Talvez hoje eu não esteja quebrada, porque *alguém* me consertou. — Paro de andar de um lado para o outro. — Talvez eu tenha aprendido a amar, Matteo, porque *talvez* você me ame.

— Tire o *talvez* dessa frase, Alex — diz, tirando toda e qualquer partícula de oxigênio do ambiente.

A adrenalina que correu por mim durante nossa brincadeira com as motos não chega perto da que é bombeada agora, enquanto ele me olha e pronuncia as palavras que eu nunca ouvi, antes:

— Não existe a menor dúvida que eu amo você.

Então, a sensação deixa de me sufocar e apenas me aquece quando eu finalmente respondo:

— Eu amo você, Matt.



MATTEO
FAWCETT

Não sei quando descobri que amava Alexandra, mas nunca imaginei que ouvi-la dizendo que também me ama fosse causar esse tipo de sensação em mim.

Eu sabia que ela me amava, porque mesmo que ela nunca tenha proferido essas palavras, suas ações demonstravam isso. Mas aqui está ela, olhando em meus olhos e finalmente entendendo que quando me coloquei na frente de uma bala, não estava defendendo apenas minha *parceira*, mas sim a mulher que eu amo.

A mulher que nesse segundo parece completamente desorientada enquanto me olha.

— Mas eu não quero que as coisas mudem entre nós — diz. — Não entendo sobre amor, mas não acho que o que sinto por você é algo que uma mulher sente por um homem.

— Eu juro que se você disser que me vê como um irmão, vou foder seus miolos até tirar essa ideia daí — aviso, sem a menor ideia de onde ela quer chegar.

— Que irmão, Matteo?! Que nojo! — Franze o nariz. — Estou dizendo que... eu não quebrei nossa regra.

Tenho vontade de pegar a Glock que está no cós da minha calça e enfiar uma bala na minha própria cabeça só pra me punir por ter há oito anos dito as malditas palavras sobre como não nos apaixonaríamos, porque agora estou aqui perdidamente apaixonado por uma mulher que mesmo dizendo que me ama, garante que não é apaixonada.

Porra nenhuma.

Sei que ela sente por mim, o mesmo que eu sinto por ela.

Sei que Alex é apaixonada por mim.

E estou disposto a mostrar isso, porém, não agora. Não enquanto estou há algumas horas de embarcar em um voo para outro continente e passar um ano longe.

Não quero que os sentimentos que ela acaba de descobrir a deixem confusa, principalmente porque preciso que sua única preocupação pelos próximos doze meses seja apenas uma: ficar bem.

Então, ao invés de tentar ajudá-la a enxergar que seus sentimentos por mim são os mesmos que os meus por ela... ao invés de confessar que eu fui o primeiro a quebrar essa regra sem nem mesmo perceber... ao invés de contar o que pretendo fazer na viagem que ela vai planejar... eu me aproximo devagar.

Seus olhos faíscam na minha direção e Alex luta para esconder toda a bagunça que aumenta em seu interior.

— Esquece a regra — murmuro. — Você tem outra coisa pra se preocupar agora. — Paro em sua frente e apenas alguns milímetros nos separam. — Devia ter corrido mais, Alex. Lembra o que eu disse que faria se pegasse você?

— Vai me foder?

— Com certeza. — Assinto.

— Acabou de dizer que me ama.

Assinto mais uma vez.

— Eu disse. Mas te amar nunca evitou que eu te fodesse como uma puta. — Seguro seu pescoço e ela se sobressalta com o movimento repentino, seus lábios se entreabrindo em surpresa, mas logo se transformando em um sorriso de aprovação. — As coisas entre nós não vão mudar.

— É uma promessa? — Ergue a sobrancelha e Alexandra Kendricks me olhando com essa expressão desafiadora enquanto minha mão está apertando sua garganta é algo que definitivamente beira a perfeição.

— Uma que eu nunca vou quebrar — garanto.

Então, o mundo ao nosso redor se explode quando nos atracamos.

Caótico. Eufórico. *Apaixonante.*

Como sempre foi e como sempre será.

Não dá pra saber qual a primeira Glock que é atirada sobre o sofá, mas logo a outra segue o mesmo destino, assim como nossas jaquetas e minha camiseta, cada peça se perdendo em um canto do apartamento enquanto nossas línguas duelam e nós seguimos para o quarto.

Seus dentes brincam com meu lábio inferior assim como minhas mãos brincam com suas curvas, os gemidos baixos saindo a cada aperto mais forte que dou em seus seios ou bunda.

Ao sentir a cama na parte de trás de suas pernas, a empurro para trás, assistindo-a aterrissar sobre o colchão, o cabelo escuro voando para a frente de seu rosto. Mas apesar da bagunça dos fios, consigo ver o sorriso que ela dá.

— Não vai ser gentil? — questiona e mesmo que eu note a provocação e o deboche, também noto a curiosidade em sua voz, por isso, nego e me ajoelho no colchão, me arrastando em sua direção.

— Não — respondo e ergo seu queixo, forçando-a a me olhar. — Existem amores suaves, Alex. O nosso não é um deles.

— E isso não é errado?

— É apenas a forma como *Matt e Alex* são.

Ela entende o que estou dizendo e sorri, dizendo as mesmas palavras que Carl disse no dia em que nos recrutou:

— *Assustadoramente intensos.* — Nossas vozes se misturam e nossos sorrisos se espelham enquanto voltamos a nos beijar.

Seus braços circulam meu pescoço e suas pernas se enrolam em minha cintura, me puxando para baixo, forçando meu peso sobre si enquanto as unhas arranham minhas costas com força o suficiente para que as marcas fiquem, porém, longe da força que ela coloca quando me arranha, gozando.

Empurro o tecido da camiseta pra cima, procurando pelo contato de sua pele, mas quando tento me afastar para arrancá-la, seu aperto se intensifica, impedindo.

— Vai tirar a camiseta ou vou ter que rasgar? — questiono, mordendo seu queixo, enquanto minha mão esquerda vaga para seu tornozelo direito, já sabendo a resposta antes mesmo que termine de lhe fazer a pergunta.

— Gosto da camiseta — avisa, notando minhas intenções.

— E eu gosto de te ter pelada — respondo e ergo o tronco, dessa vez me livrando de seus braços, apesar de me manter

ajoelhado entre suas pernas, a mão chegando até a parte interna do coturno e encontrando o cabo da faca tática que sempre está presa em seu tornozelo. — Vai tirar ou eu rasgo? — Ergo a lâmina, assistindo-a sorrir enquanto não faz nem um mísero movimento para se despir.

— Você rasga.

— Com prazer.

Tomando cuidado apenas para não tocar sua pele, prendo a parte afiada da faca no tecido e puxo pra cima, abrindo uma fenda e conseguindo expor seu tórax pra mim.

— Quase perfeito — murmuro e, ainda com a lâmina na mão, me inclino para baixo, beijando a pele do seu pescoço, o contorno do sutiã que oculta seus seios e o abdômen.

Como sempre, beijo cada uma das sete marcas que existem, mesmo que atualmente elas quase não apareçam depois dos procedimentos estéticos que ela passou para diminuir as cicatrizes e conseguir se enquadrar nas dezenas de disfarces que acaba assumindo.

Agora, as marcas de queimadura, pra quem não sabe o que são, mais se parecem com pequenas manchinhas, muitas vezes passando despercebidas.

Mas não pra mim.

Nunca pra mim.

Os pontos onde sei que a dor a atingiu são os pontos onde faço questão de tocar com a maior devoção do mundo, pois o que eu pensei há oito anos continua sendo verdade.

Essa mulher merece ser amada, não machucada.

E agora, eu finalmente posso assumir que é isso o que eu faço.

Eu a amo.

Então, pela primeira vez, eu vou fazer o que eu nunca fiz. Enquanto a fodo, eu vou fazer amor com Alex.

Do nosso jeito.

Duro. Forte. Caótico. *Assustadoramente intenso.*

Exatamente, como sempre soubemos que somos.

Sem me importar com o estrago em sua roupa, arranco o botão do jeans, abrindo-o para puxá-lo por suas pernas, atirando o tecido, os coturnos e a faca para o chão.

— Achei que fosse rasgar minha calcinha também — comenta, sarcástica, assim que ouve o som do metal atingindo o chão.

— Vou — respondo, aceitando seu desafio. — Mas não preciso de uma faca tática pra isso. — Sem cerimônias, enfio os dedos na renda frágil e o arrebento, deixando a boceta lisa e encharcada exposta pra mim.

Corro meus olhos pela mulher em minha frente, analisando cada detalhe do que eu vejo, torcendo pra que eu consiga gravar cada mísero detalhe dessa imagem porque sei que por um longo e doloroso ano, o único acesso que terei a Alexandra serão os momentos gravados em minha memória.

Vejo a tira de velcro presa em seu tornozelo, onde a faca não está mais. O hematoma na coxa, que conseguiu no último treino. A renda rasgada em sua virilha. A camiseta cortada revelando o abdômen plano e com as pequenas marcas. O sutiã atrapalhando a visão dos seus seios. O peito subindo com a respiração agitada. O cabelo escuro bagunçado no travesseiro branco. O sorriso excitado. E os olhos fixos em mim.

O conjunto que compõe Alexandra Kendricks pode ser definido através de milhares de palavras, mas, pra mim, nenhuma palavra se enquadra melhor do que a que eu usei no dia em que a conheci.

Perturbadora.

— Não tem nada melhor pra fazer do que ficar me encarando?

— *Admirando* — corrijo, mas balanço a cabeça. — E não, nada é melhor do que olhar pra você.

— Me foder é.

Dois segundos é todo o tempo que consigo me manter imóvel, enquanto finjo refletir sobre sua afirmação, só para assentir e abraçar suas coxas, enterrando o rosto em sua boceta enquanto digo contra ela:

— Tem razão.

Alex grita e afunda os dedos em meu cabelo, puxando os fios com força o suficiente pra me machucar, mas nem perto do necessário para afastar minha boca de seu clitóris, que pulsa a cada investida da minha língua.

Seguro suas pernas no lugar, evitando que se contorça pra longe e quando ouço seus gemidos se tornando mais baixos, ergo o rosto e olho em seus olhos, sério.

— Eu quero a porra desse prédio inteiro ouvindo quem está te fodendo e o quanto você está gostando disso. — Ela não responde, mas grita quando mordo a parte interna de sua coxa. Sorrio, ainda a encarando. — É *isso* o que eu quero — elogio, voltando a sugar seu clitóris.

Ela rebola em meu rosto, puxando meu cabelo e gemendo meu nome, o que me deixa cada vez mais duro, o ego de fazer essa mulher perder o controle se elevando mais a cada tremor que sinto correr por seu corpo perfeito.

Passo sua perna esquerda por cima da minha cabeça e a viro de lado, afundando o rosto em sua bunda enquanto a penetro com dois dedos.

— Puta que pariu... — engasga, sentindo o toque de minha língua em seu ânus e, se eu achei que ela estava puxando meu cabelo com força, não sei como não fico careca quando aumenta o aperto ainda mais.

E não demora nada para que sua boceta pressione meus dedos, seu corpo estremeça e, com um gemido mais alto, ela goze intensamente.

Espero seus tremores diminuírem e volto a separar suas pernas, sugando cada gota de sua excitação, antes de refazer o caminho inverso e subir por seu abdômen, mais uma vez, beijando as pequenas cicatrizes.

Aproveito a posição e abaixo o sutiã, expondo os seios que faço questão de chupar com força, deixando marcas com minha boca e dentes.

— Minha vez — Alex avisa, assim que estou com o corpo sobre o dela e com um movimento que eu uso muito no tatame, ela nos gira sobre o colchão, acabando montada sobre meus quadris. — E dessa vez...

O sorriso perverso cresce em seu rosto.

— O que vai aprontar?

— Acho que você precisa perder o controle, um pouco — diz, jogando os braços para trás e se livrando do retalho da camiseta, enrolando-o para que se torne uma faixa. — Então, hoje *você* vai ficar amarrado.

— Alex...

— Mãos — ordena, o pecado vibrando em sua voz.

Obedeço, porque assim como não tenho o menor problema em implorar por ela, não tenho problema em fazer o que ela quer, principalmente quando sua voz autoritária acompanha o calor de sua boceta ultrapassando o tecido da minha calça e envolvendo meu pau.

Ergo os punhos até a cabeceira e deixo que Alex enrole o tecido, prendendo-os com um nó forte, mas que é incapaz de me prender por mais do que poucos segundos.

Ainda inclinada sobre mim, os cabelos caindo como uma cortina ao nosso redor, ela segura meu queixo e passa os lábios sobre os meus, me olhando enquanto assopra em minha boca:

— Eu não preciso te lembrar que aqui você não é o agente lendário, preciso? — provoca. — Se quer que eu te chupe como uma vadia, aja como um bom garoto e mantenha as mãos aí. — E, pra completar, morde meu lábio inferior, antes de se arrastar para baixo.

Seguro a grade da cabeceira e respiro fundo, lutando para não terminar de rasgar o trapo que enrola meus punhos.

Alex quer estar no controle e eu sei que isso vai fazer com que eu perca o meu.

Se divertindo ao me ver tenso, ela sorri, abrindo meu cinto, junto com o botão, mas sem fazer nenhuma menção de tocar meu pau, as unhas traçando linhas por meu abdômen, brincando com as ondulações de maneira lenta, tortuosa.

— Não me provoca, Alexandra — sibilo, entredentes.

— Por quê? — Pisca, inocente. — Achei que você fosse *meu*, assim como eu sou *sua*.

— Eu sou seu. — Mas *eu vou arrebentar essa cabeceira se continuar me olhando assim.*

— Então eu vou fazer o que quiser. — Alex puxa a cueca, se inclinando para baixo e lambendo os lábios enquanto se aproxima do meu pau, os olhos fixos em mim. — E eu prometo que vai gostar de *tudo* o que eu fizer com você.

Então, sua língua circula minha glande.

Afundo a cabeça no travesseiro, assim como aumento o aperto na cabeceira, sentindo cada célula do meu corpo implorar pra que eu tome o controle de sua cabeça e foda essa boca gostosa.

— *Huuum*... — geme e lambe o comprimento, desde as bolas até a cabeça.

— Gosta do meu pau? — questiono, entredentes.

— Amo seu pau.

— Então me mama direito antes que eu me solte daqui e esfole sua garganta — sibilo, cerrando o maxilar com a massagem que ela inicia em meu saco.

Ela vai ser o meu fim.

— Isso não se parece com algo que um bom garoto diria — divaga, correndo sua mão pra baixo e pra cima, cuspindo para que seus dedos deslizem com mais facilidade ao me masturbar. — Mas sabe por que vou te mamar mesmo assim?

Ergo a cabeça e a olho, esperando.

— Porque eu nunca gostei dos bonzinhos — sussurra e enfia meu pau dentro da boca.

Gemo, a sensação de seus lábios suaves deslizando por minha ereção, juntamente com a saliva quente, escorrendo mais a cada vez que toco o fundo de sua garganta, sendo uma mistura de céu e inferno, principalmente quando tenho que manter as mãos longe do rosto do anjo que está me chupando, os olhos intensos fixos nos meus enquanto observa o que faz comigo, assimilando o poder que tem sobre mim.

É a tortura mais deliciosa que existe.

Empurro a pelve mais pra cima e ela engasga, se afastando e deixando que um fio de saliva penda entre sua boca e a glande encharcada de baba.

— O que está achando de me deixar no controle? — sorri, montando em meus quadris e, com lentidão, encaixando meu pau em sua boceta melada.

— O controle sempre é seu, Alex — respondo e cerro o maxilar ainda mais forte, enrolando os punhos no tecido ao senti-la deslizar para baixo, seu calor me envolvendo da mesma forma gostosa de sempre.

Mas é diferente.

É mais intenso.

Uma mistura bagunçada de saudade, desejo e amor.

Alex cavalga devagar, mordendo o lábio inferior enquanto se livra do sutiã e aperta os próprios seios, esfregando os mamilos marcados por minha boca.

— Me deixa te tocar. — Apesar de tentar fazer a frase soar como um pedido, o tom duro que passa por meus dentes cerrados faz com que as palavras se tornem uma ordem.

Ela geme e gira os quadris mais uma vez, muito, *muito* lentamente.

— Implore.

Vadia.

— Por favor — rosno.

Mas a puta montada em meu pau não me deixa acabar com essa brincadeira, porque, por mais que ela tenha a aparência de um *anjo*, ela sabe agir como um demônio.

Alex se inclina para a frente apoiando as mãos em meu peito e mordendo meu queixo, antes de encostar a boca em meu ouvido e dizer:

— Você fica tão lindo quando implora.

Passo a língua por meus dentes, mas desisto de me manter imóvel e, sem precisar forçar demais, puxo os punhos, arrebentando as amarras e, com um movimento rápido, seguro seu pescoço ao mesmo tempo em que acerto um tapa em sua bunda com a outra mão.

— E você fica *tão linda* quando geme meu nome — digo, olhando em seu rosto satisfeito com minha explosão. — Então comece.

E eu a fodo.

Alex, ainda em cima de mim, cavalga meu pau e os movimentos dos seus quadris junto com os meus faz com que as investidas sejam ainda mais fundas.

O som dos nossos corpos se chocando se misturam com nossos gemidos e, no instante em que nossos olhos se encontram, eu sei que ela quer o mesmo que eu.

Me impulsiono para cima, me sentando e agarrando sua bunda, ajudando-a a se mover enquanto nossas bocas se batem em um beijo duro.

É como buscar por ar depois de quase se afogar. *Desesperador*.

Nossas línguas duelam, nossos gemidos se misturam e nossos corpos se completam.

— Matt... — choraminga em minha boca, sua testa tocando a minha ao mesmo tempo em que sua boceta aperta meu pau, os espasmos voltando a se formar.

— Goza pra mim, amor.

Dessa vez, soa como um pedido.

O tom é quase carinhoso porque é a primeira vez que me permito chamá-la assim.

E ela me obedece, abraçando meus ombros e colando o corpo no meu, gemendo meu nome.

Por longos segundos, nos mantemos quase imóveis, apenas a respiração ofegante fazendo nossos peitos se moverem.

— Alex — digo, ainda a segurando contra mim.

— Hum?

— Você me amarrou — pontuo.

— Amarrei — concorda e afasta o rosto para me olhar.

— Me fez implorar pra te tocar.

— Fiz. — Sua sobrancelha sobe, desafiadora. — E fiz muito mais — acrescenta, provocando. — O que vai fazer sobre isso?

— Vou comer seu rabo — aviso e a empurro contra o colchão. — Fica de quatro e abre a bunda pra eu te foder.

— Sabe que foder meu cu não é uma punição, não sabe?

— Te deixar sem gozar, é — respondo e fico em pé, caminhando até a porta do seu guarda-roupa. — De quatro.

Pego o lubrificante e o vibrador, mas quase engasgo quando me viro de volta pra cama e encontro Alex com o rosto apoiado contra o colchão, a bunda empinada e o sorriso safado direcionado a mim.

Gostosa pra um caralho!

Me ajoelho atrás dela e esfrego minha glande em sua boceta, assistindo-a rebolar e empurrar o corpo pra trás, engolindo meu pau até a metade, antes de voltar pra frente.

Acerto um tapa em sua bunda e ela geme, fazendo com que eu desfira mais um, as marcas dos meus dedos enfeitando sua pele.

Ela gosta da ardência, principalmente quando aplaco a dor com um aperto mais suave. Mas gosta ainda mais da sensação dos meus dedos em seu cu, enquanto espalho o gel, seu corpo estremecendo ao sentir meu indicador a invadindo.

— Porra... — suspira e empurra a bunda mais uma vez, forçando meu pau a ir mais fundo, os movimentos lentos, porém longos.

— Pegue o vibrador, Alex — ordeno, olhando para o brinquedo roxo próximo a sua cabeça.

Ela obedece, ainda indo e vindo, rebolando contra meu pênis e meus dedos.

— Ele vai ficar na sua boceta enquanto eu como seu cu — aviso e me inclino pra frente, pressionando o botão e ligando-o na velocidade média, mas deixando que continue em sua mão. — E você vai ser uma boa garota e só vai gozar quando eu deixar. — Guio seu punho para o meio de suas pernas e sinto a vibração atingir meu pau quando o brinquedo toca seu clitóris inchado.

Alex fecha os olhos, mas não debate, aceitando o que lhe digo.

— Essa é minha garota. — Jogo um pouco mais de lubrificante em meu pau, aproveitando sua própria lubrificação para me ajudar a, com cuidado, invadir sua bunda apertada.

Gememos em uníssono e quando sinto minha virilha tocar suas nádegas, paro de me mover, dando tempo para que nós dois nos acostumemos com a sensação.

— Eu não vou aguentar — reclama, mas rebola sutilmente, indicando que já está pronta pra que eu a foda como gostamos.

— Vai sim — prometo. — E vai pedir por mais.

Seguro seus quadris, a mantendo no lugar, e me afasto, antes de voltar a estocar.

Com apenas um movimento, sinto seu corpo tremer.

Ela vai tentar me obedecer, vai tentar se controlar, e no final, vai perder. Porque nós sempre perdemos o controle um com o outro.

E eu gosto de assisti-la descontrolada.

Já faz anos que como sua bunda, mas sei que preciso ter cuidado para que não a machuque com o meu tamanho, por isso, vou devagar.

Até que ela faz o que eu disse que faria e geme *uma única* palavra:

— Mais.

Não obedeço e Alex sabendo o que eu quero, olha por cima do ombro.

— *Por favor.*

— Tão linda quando implora — debocho, rouco, acerto um tapa em sua bunda, e só então dou o que precisamos.

Volto a fodê-la com força, grunhindo junto com ela.

O calor do quarto e o esforço que fazemos para nos controlar faz com que o brilho de suor nos tome, e eu assisto seu rosto se tornar mais vermelho à medida que o orgasmo se aproxima.

Aumento a velocidade e, ao notar o movimento de seu braço, enfio a mão entre suas pernas, evitando que afaste o brinquedo.

Sei que ela está perto.

Consigo sentir todo seu corpo retesar contra o meu. Os gemidos se tornam uma espécie de soluço e as batidas das minhas bolas contra sua boceta a excitam tanto quanto a mim.

A atmosfera vibra luxúria e tesão.

Sentindo quão próxima está de perder o controle, Alexandra tenta afastar minha mão pra longe, diminuindo o estímulo, mas eu não permito. Empurrando seu corpo contra o colchão e prendendo nossos braços sob seu corpo, mantenho o vibrador torturando seu clitóris enquanto arrombo seu rabo.

— Por que está tentando me obedecer e não gozar, se sabe que não é uma boa garota?

Ela encara minha frase como a autorização que precisa e, com um grito estrangulado, deixa que o orgasmo a atinja, me levando junto com ela. Meu pau pulsa e eu encho sua bunda de porra enquanto ela rebola sutilmente, choramingando ao aproveitar as ultimas ondas do prazer, até que amolece sob mim, ofegante, suada e satisfeita.

— Sabe por que eu gozei? — questiona rouca e eu nego, depositando um beijo em seu ombro, a euforia dando espaço ao

carinho. — Porque sei que sempre gostou das *garotas más.*

Rio e nego mais uma vez.

— Sempre gostei de *você*, Alex — corrijo e saio de dentro dela, mas nenhum de nós faz qualquer menção de nos limpar antes de nos enrolarmos um no outro, aproveitando as últimas horas que temos juntos.

— Matt?

— Diga.

— Promete que vai voltar.

— Prometo que vou voltar — murmuro e a olho, gravando cada segundo desse momento para que eu possa visitá-lo em minha memória a cada vez que a saudade rasgar meu peito. — Promete que vai me esperar.

— Prometo que vou te esperar — responde e beija meu peito. — Eu amo você, Matteo.

— Eu amo você, Alexandra.



18

ALEXANDRA KENDRICKS

Dias atuais

Droga, droga, droga

O que eu faria para ter você aqui aqui, aqui

Eu gostaria que você estivesse aqui

Droga, droga, droga

O que eu faria para ter você perto, perto, perto

Eu gostaria que você estivesse aqui

(Wish you were here - Avril Lavigne)

CRUZO OS BRAÇOS, puxando a jaqueta de couro marrom ao meu redor enquanto mantenho o olhar fixo sobre o jatinho preto e luxuoso que há algumas semanas me trouxe de volta, mas que hoje está prestes a levar Matteo para o outro lado do mundo.

Será que eles decolam caso eu atire na fuselagem?

Tombo a cabeça para o lado, mas não tenho muito tempo para pensar sobre isso porque um ombro atinge o meu e minha atenção se foca em Will.

— A gente vai cuidar dele — diz e eu bufo.

— *Ele* vai cuidar de vocês — corrijo e suspiro, me virando para meu amigo que muitas vezes tenho vontade de matar, mas que vai deixar saudade durante os próximos meses.

Não sou do tipo de pessoa que distribui abraços, mas, nesse segundo, é o que eu faço, me aproximando de Wilson e deixo que ele me aperte de uma maneira carinhosa.

— Vai passar rápido, Kendricks — garante em meu cabelo.

— Não vai — suspiro e o afasto. — Fique seguro. — Sinto outra pessoa se aproximando e olho por cima do ombro, encontrando os olhos de Jay. — Você também.

— Sempre ficamos. — Ele abre os braços para mim e me aperta da mesma forma como Will fez.

Não é a primeira vez que os abraço e sei que não vai ser a última, afinal não é a última vez que nos despedimos, entretanto, quando meus dois amigos mais próximos me envolvem, sinto um gosto estranho no fundo da garganta que se intensifica ainda mais no momento em que assisto Matteo descer do avião, dessa vez, sem a maleta onde o dossiê da missão está lacrado.

Ele está sério e a combinação de calça, camiseta, coturnos e sobretudo, todos pretos, fazem com que ele pareça ainda mais sombrio enquanto vem em minha direção.

— A gente vai deixar vocês — Jay diz e aperta meu ombro. — Até a volta, Kendricks.

— Nos vemos em breve — Will sorri, repetindo o gesto do parceiro.

— Fiquem bem — peço e eles sorriem, já seguindo na direção do avião, trocando apenas um rápido aceno com Matt, que não desvia os olhos de mim.

Paramos na frente um do outro e, por alguns segundos, não consigo me lembrar da maneira como deveria respirar porque o ar simplesmente não vem.

Minha garganta se fecha e eu sinto meus olhos queimarem com a rara vontade de chorar, mas nenhuma lágrima cai enquanto ergo meu queixo e aponto o dedo na direção do seu rosto.

— Eu quero meu parceiro de volta — aviso, ameaçadora e irritada com a voz embargada. — *Inteiro.*

Ele assente, ainda sério.

— E quando eu voltar, quero encontrar minha parceira *inteira* — rebate.

— Eu vou esperar por você.

— E eu vou voltar pra você.

Então, eu me lanço sobre Matteo, abraçando-o com força e sendo abraçada da mesma forma.

Seu cheiro, seus braços e sua proteção me envolvem de uma maneira que me deixa ainda com mais vontade de pedir pra que ele não vá, meus instintos gritando, desesperados pra que eu não o deixe embarcar nesse maldito avião.

Mas assim como os calei nas últimas semanas, eu os calo mais uma vez.

É saudade.

Óbvio que vou sentir saudade dele e agora, entendendo meus sentimentos um pouco mais, fica claro que meu desespero tem a ver comigo ficando longe do homem que eu amo, além do meu parceiro.

A verdade é que Matt é o meu mundo. Meu começo e meu fim.

Quando esse homem entrar nesse avião, por um ano, eu sei que não serei nada.

Meus instintos, na verdade, são apenas meus medos bobos. Não tem nada a ver com a possibilidade de algo acontecer com ele, afinal, ele é Matteo Fawcett. Um dos melhores agentes. Uma lenda. *Um mito.*

Ele vai, mas ele vai voltar e eu vou estar aqui, esperando por ele.

Então, pela última vez antes de perdê-lo por doze meses, com o rosto escondido em seu pescoço, sussurro as palavras que chegam até minha garganta mais uma vez:

— Eu amo você.

Matt respira fundo e eu sei que ele está fazendo o mesmo que eu. Gravando esse momento na memória.

— Eu amo você.

Segundos depois de me dizer isso, assisto o motivo de cada batimento do meu coração se virar e subir as escadas do jatinho.

Meu corpo dói enquanto cada célula queima com a dor que eu sinto ao ver o avião taxiando.

Mas no instante em que a aeronave decola, meus joelhos parecem próximos a falharem.

Pela primeira vez, meus instintos se calam, como se eles soubessem que é tarde demais. Como se soubessem que tudo o que eu posso fazer agora é esperar.



ALEXANDRA KENDRICKS

Dois meses depois do início da missão

Suspiro e solto a escova e o cano da Glock sobre o pano branco estendido em minha mesa de jantar, abandonando a limpeza do armamento antes de ficar em pé e seguir até a porta do apartamento, sem a menor ideia de quem é que...

— Surpresa! — o grito em conjunto que ecoa dos três faz com que eu pule para trás, prestes a usar meus sapatos para me defender de Lola, Ryan e Lian que me olham sorridentes, enquanto as duas velas queimam sobre o número vinte e sete, em cima do bolo.

Um bolo pra *mim.*

Porque hoje, dia dois de novembro, é o meu aniversário.

Não comemorava essa data até Matt entrar na minha vida e, desde o dia em que ele me entregou os papéis que mostravam minha inscrição para as provas do LAPD, nunca passei meu aniversário longe dele.

Estar com ele era comemoração o suficiente.

Acontece que dessa vez eu não vejo motivos para celebrar porque ele não está aqui.

Já faz dois meses que ele não está aqui.

Sessenta e um dias.

— Valeu, gente, mas eu não tô no clima — tento soar o mais educada possível, mas Ryan é o primeiro a ignorar minha recusa e invadir o apartamento, seguido por Lola e só então Connelly.

Respiro fundo, mas quando me viro para avisar que os quero fora daqui, congelo ao dar de cara com a imagem que vejo no celular de Ry, que ele segura virado pra mim.

Matteo.

Por saber que ele não é o responsável pela comunicação com a sede, meu primeiro pensamento é que isso é apenas um vídeo gravado, mas quando ele sorri para minha surpresa, quase arranco o braço de Ryan ao puxar o aparelho pra mim.

— Matt?!

Seu riso faz com que meu estômago se agite.

— *Oi, Alex.*

— Como...? A missão acabou? Está voltando? Como estou falando com você? — cuspo as perguntas, olhando entre a tela e Ryan, sem entender o que está havendo.

— *É seu aniversário. Não podia deixar de falar com você hoje.*

— Mas como conseguiu isso?

— *Cobrando alguns favores.* — Dá de ombros e sua imagem é substituída no instante em que ele muda o foco da câmera e mostra Will e Josh.

A qualidade do vídeo é péssima, mas eles parecem estar em um alojamento pequeno, com três camas de solteiro e uma porta mais ao fundo.

— *Parabéns, Kendricks!* — Will diz, acenando para mim.

— *Feliz aniversário!* — Josh sorri, mas continua olhando para dezenas de papéis sobre a cama em que está sentado.

Como não tenho nenhuma ligação com a operação em que eles estão, não sei qual função cada um deles cumpre, mas sei que Matteo, como agente supervisor, não é o responsável por manter comunicação com a sede. Isso quer dizer que ele *não pode* se comunicar com ninguém que não esteja com ele na missão.

Entretanto, aqui está ele, falando comigo através de uma videochamada.

— Vai se enfiar em problemas — aviso, mas não consigo afastar o sorriso que se forma em meu rosto.

— *Pra falar com você? Vale a pena*.

— Só não esquece que você só tem cinco minutos antes de precisar desligar, *Don Juan* — Ryan diz, cortando meu bolo de aniversário e ganhando um olhar feio de Lola. — Que foi? Ela nem liga para o bolo.

— *Você está bem?*

— Sim. Você?

Mesmo no ambiente escuro em que está e com a péssima qualidade do vídeo transmitido pelo celular que eles devem usar para se comunicar com a sede, noto como sua pele está mais bronzeada, o cabelo e a barba maiores do que o corte baixo que ele sempre mantém aqui.

— *Sinto sua falta.* — Suas palavras reverberam pelas paredes do apartamento, atraindo atenção de Ryan, Lola e Lian, que se entreolham.

Eles não estão acostumados a nos verem agindo assim, afinal, só nos expomos tanto quando estamos sozinhos.

— A gente vai esperar ali — Lola diz e acena para a porta que liga minha sala a de Matteo.

Os três desaparecem por ela, nos dando a privacidade que queremos para podermos ser Alex e Matt.

— Também sinto sua falta — digo, baixinho. — Acha que ainda falta muito?

Ele olha para longe da tela e suspira, antes de voltar a atenção para mim.

— *Mais do que eu gostaria.*

Sei que não posso pedir muitos detalhes sobre a missão, então foco apenas no que realmente me importa. *Ele.*

— Você está em perigo?

— *Não.*

— Me diria se estivesse?

Ele sorri.

— *Você está em perigo?* — rebate a pergunta.

— Há duas semanas, em uma luta, tomei um chute na costela — conto e ele ergue a sobrancelha, cerrando o maxilar. — Quebrei as duas pernas do homem. Então, não. Eu não estou em perigo.

— *Essa é minha garota.* — Um *bip* ecoa do aparelho e mesmo que eu nunca tenha usado esse dispositivo de Ryan para comunicação, não tenho dúvidas de que o som indica que o fim da chamada está se aproximando. — *Não posso garantir que vou falar com você mais vezes, porque Jay é o responsável pelo contato com a sede.*

Ou seja, se formos descobertos, Joshua vai se foder junto com a gente. Não podemos arriscá-lo.

— *Mas é seu aniversário, Alex, e eu não conseguiria viver se não pudesse falar com você hoje. Não temos muito tempo, então vou resumir tudo a apenas as palavras que estou guardando há dias: eu amo você. Logo vou estar em casa e...*

Meu queixo despenca no instante em que a tela escurece.

— Não — sussurro. — Não. Não. Não. Não.

Não é possível que o tempo acabou.

Me levanto do sofá, quase tropeçando nos próprios pés enquanto sigo na direção da porta que conecta os dois apartamentos.

— Ryan! — chamo, sem conseguir entender como o dispositivo que se parece com um celular não tem nenhuma função de *touch* para que eu refaça a chamada. — Liga de novo — mando, empurrando o aparelho em seu peito.

— Não tem como — diz, dando um passo pra trás.

— Ryan...

— Kendricks, escuta... A ligação é desviada por trinta e quatro países diferentes. Não vou te explicar de maneira técnica mas, pra que Matteo não seja descoberto, o tempo limite é de trezentos e vinte segundos, ou seja, cinco minutos e vinte.

Aperto o maxilar.

Quero terminar de ouvir o que Matt tem a me dizer, além de querer repetir que também o amo, mas não posso colocá-lo em risco por isso.

— Eu não consegui responder. — Não espero que Ryan entenda o que as palavras sussurradas significam, mas, em mim, elas doem.

Levei anos pra conseguir falar isso e, por poucos segundos, passarei mais meses sem poder dizer o que eu sinto, mesmo que ele já saiba disso.

— Ry? — Lola chama, se aproximando de nós dois, mas olhando para o cara que tem os mesmos neurônios que ela. — E se a gente enviasse um vídeo criptografado? — propõe.

— É uma ideia — concorda e me olha. — Dez segundos é o máximo que conseguimos enviar sem comprometer o destinatário.

Meu peito se aquece de uma forma parecida como faz quando estou com Matteo. Menos intenso, claro, mas ainda é uma sensação boa. Reconfortante.

Não sei se estou pronta pra dizer isso ainda, mas eu acho que... amo meus amigos.

Ou talvez eu só esteja emotiva por ter conseguido alguns minutos falando com Matt.

— Dez segundos — concordo com a cabeça.

Não me preocupo com a roupa que estou usando, com a ausência de maquiagem ou com o fato de ter uma mancha de graxa em minha bochecha.

Me sento no sofá e posiciono meu próprio celular na altura do meu rosto, enquadrando-o.

Respiro fundo e pressiono o botão.

Dez segundos.

— Oi, Matt... Só quero dizer que estou te esperando voltar, igual prometi que faria. E espero que você cumpra sua promessa e volte logo. — Minhas mãos suam enquanto seguro o aparelho. — Eu amo você.

São palavras curtas, mas nada nunca pareceu tão verdadeiro quanto o que digo.

Envio o vídeo para Ryan que apenas usando meu notebook que não tem nem um décimo da tecnologia que seus equipamentos da sede, consegue enviar a gravação.

Não me prendo no que ele diz sobre criptografia, servidores e conexões.

Só me importo com o fato de que consegui dizer a Matteo que o estou esperando e que o amo.



MATTEO FAWCETT

Quatro meses depois
do início da missão

Sinto o olhar atento sobre mim enquanto pressiono o botão e assisto ao vídeo pela quinta vez, as falas e movimentos já gravados em minha mente.

O rosto bonito se enquadra na tela e mesmo que um sorriso se mantenha em seus lábios, as sombras em seus olhos escuros são perceptíveis.

— *Oi, Matt...*

Engulo em seco.

— *Só quero dizer que estou te esperando voltar, igual prometi que faria* — diz, a voz levemente trêmula. — *E espero que cumpra sua promessa e volte logo.*

Então, antes que ela profira a frase que eu já sei que vem, fecho os olhos, ciente de que esse é o único momento do vídeo em que as sombras se afastam de sua expressão.

— *Eu amo você.*

A imagem congela e eu suspiro, odiando a resposta que eu sei que preciso dar a ele.

— Quer assistir de novo? — oferece, mas eu recuso, soltando o dispositivo sobre o colo e olhando para o neurocirurgião calvo que me encara, esperando que eu diga o que me perguntou desde o instante em que me entregou o *tablet.*

— Não precisa — respondo, seco, lançando um último olhar para a tela que mostra os olhos escuros, boca desenhada e cabelos longos.

Ela é linda.

Me ama.

E eu...

— Eu não tenho a menor ideia de quem ela é — sussurro.



19

ALEXANDRA KENDRICKS

Dias atuais

Deixe um pouco de morfina na minha porta

Porque precisaria de muitos medicamentos

Para perceber que o que nós costumávamos ter

Nós não temos mais

(It will rain - Bruno Mars)

CHUTO CADA VEZ mais forte, o estalo alto da minha perna atingindo o aparador ecoa pelo centro de treinamento e eu só interrompo os golpes quando Connelly dá um passo pra trás, saindo do meu alcance.

— Preciso de uma pausa — avisa, o rosto vermelho e cabelo suado grudando na testa.

— Nem tá fazendo nada. Eu que tô golpeando.

— Exatamente. Sabe a força que você tem? — pergunta retoricamente e atira o aparador para longe, antes de se jogar no tatame, abrindo os braços e as pernas de maneira dramática. — Aposto que foi por isso que Link viajou de última hora. Não aguentava mais brincar de saco de pancada.

Cruzo os braços e o encaro, mas não tenho tempo de responder nada, antes que a porta atrás de mim seja aberta e eu me

vire para olhar para Carl, um alarme soando em minha mente assim que o vejo aqui.

Ele odeia vir até o centro de treinamento porque reclama do cheiro de suor. Costuma dizer que o lembra da época em que era um mísero agente de campo e se fodia, diferente de hoje, que é o diretor da sede.

Se ele está aqui, há algo errado.

— Um minuto? — pede, cauteloso.

Até mesmo Connelly, que tem a percepção de uma batata, se senta curioso.

— Aconteceu alguma coisa? — pergunto, preocupada com a tensão nítida que exala dele, enquanto caminho até onde meu coldre está, prendendo-o na cintura.

Algo que faz com que eu seja tão boa em campo é a facilidade que tenho para analisar as emoções das pessoas. E, nesse segundo, como se Carl fosse um livro ilustrado, consigo ler cada uma das que passam pelo rosto do homem que há seis anos me recrutou.

Medo.

Dor.

Raiva.

Preocupação.

Luto.

— Carl, o que aconteceu? — Meu próprio corpo se retesa, meus ombros se tensionam e minha garganta se aperta.

Um único nome gira em minha mente.

Matteo.

Desde o meu aniversário, não tenho notícias sobre ele, Josh ou Will. E ao mesmo tempo em que isso me incomoda, também me deixa tranquila, afinal, eu saberia se algo acontecesse com meu parceiro, certo?

— Vem comigo, Alexandra — manda e abre a porta, indicando que eu saia para o corredor. — E Lian... vá ficar com Lola

e Ryan.

Desde quando Matt saiu em missão, meus últimos meses têm sido gastos com o treinamento de Connelly e isso nos aproximou, assim como me aproximou de Lincon quando cheguei aqui.

Lian e sua inexperiência com tudo relacionado a agência me incomoda, mas ele é uma boa pessoa e todos nós sabemos, por isso, mesmo que eu tenha vontade de socar seu rosto algumas vezes, não posso negar que aprendi a considerá-lo um amigo.

Nossa cumplicidade faz com que troquemos um olhar preocupado, como se mostrássemos um ao outro que sabemos que há algo errado.

— Agora! — Carl ruge e o desespero pinga da palavra alta, nos colocando em movimento.

Caminho ao seu lado, os passos apressados enquanto seguimos na direção da sua sala, mas assim que passo pelo salão principal, todos os pelos do meu corpo se arrepiam ao notar dezenas de pares de olhos sobre mim.

Lola, Ryan, Bruce, Zade...

Todos me olham.

Com pesar.

Com medo.

Não sei por que, mas algo me diz que quando um tsunami se aproxima, as pessoas olham para o mar dessa mesma forma, apenas esperando o desastre acontecer.

Eles me olham como se *eu* fosse o tsunami.

Um frio corre pela minha espinha e no instante em que a porta do escritório é fechada atrás de nós dois, me viro para o diretor da sede, que também é um amigo, e encontro-o me olhando da mesma forma.

— Carl! — engasgo seu nome, sentindo o desespero crescer em meu corpo. — Matteo...?

Sei que é com ele.

Algo aconteceu com Matteo e eu sei que as pessoas estão certas em esperar pelo desastre.

Ele é meu eixo e se alguma coisa tirá-lo de mim, não tenho dúvidas de que serei um trem desgovernado, acertando e machucando todos que entrarem no meu caminho.

Sou como uma granada e Matt é quem segura o pino no lugar.

Ele é o meu ar, então, enquanto Carl não abre a porra da boca pra dizer o que diabos aconteceu com ele, eu não respiro. Eu não me movo. *Eu não vivo.*

— Alexandra... — Dá um passo em minha direção, me olhando com uma cautela que eu nunca vi em seu rosto, mas que vi no rosto de Josh, quando ele tentou me segurar para não seguir a maca de Matt.

Recuo um passo, fazendo-o congelar.

— O que aconteceu com ele? — questiono, apertando os dentes para evitar tremer diante do medo.

— Matteo está bem — diz, mas não parece estar me dando uma boa notícia. — Ele está vivo e está voltando pra casa.

Ele está vivo.

Está voltando pra casa.

Matt está bem e está voltando!

— Então por que você não parece feliz?

Vejo o homem que me recrutou há seis anos piscar, lutando contra as lágrimas que eu nunca vi chegarem até seus olhos.

— Porque Josh e Will não estão.

— A missão deles vai continuar? — questiono, sem entender o que ele quer dizer com isso.

Não é normal que parte da equipe volte enquanto a outra permanece na operação.

— Não. Eles não estão voltando porque... houve uma explosão e os dois... *morreram*.

Já tomei socos e chutes no estômago, mas golpe algum já foi capaz de me empurrar pra trás como essas palavras. Golpe algum foi capaz de tirar meu ar como agora.

— O-o… o quê?

Não reconheço minhas palavras e enquanto apoio as duas mãos sobre o peito, não tenho controle sobre meu próprio corpo, que estremece com a dor que sinto rasgar meu coração.

— Havia uma bomba. Eles estavam procurando por algo que... não existia. Foi uma armadilha criada e... — novamente, ele tenta se aproximar, mas, dessa vez, sou incapaz de me mover para longe. — Joshua e Wilson estavam muito perto e não sobreviveram.

Não... *sobreviveram*?

Eles são Josh e Will! Como assim não sobreviveram?

— E Matteo...

Meu queixo treme.

Eles estavam em uma equipe. Os três estavam juntos. A explosão...?

Sinto meus joelhos fraquejarem.

— Ele também foi atingido.

Não.

Mas ele não está bem?! Ele não está voltando?!

Quero gritar. Quero chorar. *Quero morrer.*

— Ele está bem e está voltando — garante e só então percebo que fiz as perguntas em voz alta. — Mas...

— Tire o “mas” dessa frase, Carl — imploro. — Porra, retire toda essa *porra* de história! Diga que é uma piada ruim. Diga que seu senso de humor está estragado porque você tá velho.

Ele me olha com tristeza. Com pesar.

Mas, mesmo assim, a faca que está sendo cravada em meu peito é girada no instante em que ele diz:

— Matteo perdeu a memória. Os últimos dez anos foram... *apagados* da cabeça dele. *Tudo* o que aconteceu na última década, pra ele nunca aconteceu.

Nego.

— Mentira.

— Alex...

— É mentira! — decreto. — Não tudo. Porque *eu* aconteci nesses dez anos. E Matteo não me esqueceria.

Sinto meus olhos queimarem de uma forma quase inédita e me debato no instante em que Carl segura meus braços.

Me solto de seu aperto e volto a me afastar.

— Tudo isso é mentira. Will e Josh estão vivos e estão voltando. Matteo está bem e... ele não me esqueceu!

— Alex...

— Para de me chamar assim, porra! — berro, furiosa. Apavorada. *Só ele me chama assim.*

Não, porra.

Não!

Will e Josh estarem mortos é tão impossível quanto Matt ter me esquecido. É irreal.

Afundo os dedos no cabelo e puxo os fios com força, querendo que a dor que aperta meu peito seja transferida para algum outro ponto, já que a pressão que eu sinto não me deixa respirar.

Dói.

Queima.

É insuportável.

— Alexandra.

— Não!

Jay e Will... Eles estão bem. Eles estão voltando e logo vão sair em outra missão. Vou me despedir deles de novo, e de novo, e de novo. Porque eles estão vivos e vão continuar indo e voltando.

E Matt... é o Matt. Ele pode até ter batido a cabeça ou ter perdido um pedaço do cérebro, mas ele nunca me esqueceria. Ele me ama.

— Ele precisa de você — suas palavras fazem meus joelhos cederem, mas eu não atinjo o chão porque braços se fecham ao meu redor e me seguram.

— Calma. — Ouço a voz de Ryan enquanto ele me mantém em pé, mas não consigo assimilar o que quer que ele esteja dizendo, porque minha mente desliga da realidade.

Porque eu não quero a realidade onde meus amigos estão mortos e Matteo não me ama. Eu simplesmente não quero. Eu não aguento.

Ouço vozes, mas não entendo o que dizem, assim como não consigo enxergar com clareza o rosto dos dois.

Acho que estou em choque.

Eu nem sabia que tinha capacidade de me chocar com algo, ainda mais depois dos anos que passei vendo tanta coisa na agência, mas acho que nada nunca foi tão absurdo ou assustador quanto o que Carl está dizendo.

Tudo é um borrão. Até que sinto meu rosto ser atingido por água.

Engasgo e tusso, piscando ao encontrar Ryan parado em minha frente, segurando um copo vazio.

— Ryan! — Carl berra e eu noto que estou sentada no chão, apoiada na parede.

— Ela tá surtando — declara e se abaixa na minha frente, dando leves tapas em meu rosto antes de estalar os dedos na frente dos meus olhos. — Kendricks, não é hora de surtar. Matteo precisa de você.

Pisco, atônita.

— Josh e Will… eu sei que dói. — Só então percebo como as lágrimas rolam de seus olhos verdes, as íris brilhando por trás dos óculos. — Mas a gente não pode ajudá-los. O Matteo, sim. Ele precisa de você. O *Matt* precisa de você.

De alguma forma, essas palavras se infiltram em minha mente e é como se eu voltasse para o eixo, porque *ele* precisa de mim.

— Matt — sussurro seu nome e Ryan assente, tentando sorrir ao ver como reajo, mas a dor em seus olhos deixa claro que ele não está feliz, apenas parcialmente aliviado.

— Isso. O *Matt* — confirma e com a ajuda de Carl, me puxa em pé, mas os dois continuam segurando meus braços até terem certeza de que não vou desabar.

— Estou bem — garanto.

E mesmo que tudo doa, eu me forço a estar bem porque Matt precisa disso.

Ele precisa que eu proteja suas costas, por isso engulo tudo o que sinto e aceno.

— Estou bem — repito e como se o universo aceitasse minhas palavras, ouço a movimentação do lado de fora da sala.

Não preciso de nenhuma explicação pra que eu entenda o que está acontecendo e, antes que Carl ou Ryan consigam pensar em me impedir, me viro abrindo a porta.

Apesar de várias pessoas estarem no salão central da sede, toda minha atenção recai sobre ele, nossos olhos se encontrando da mesma forma magnética de sempre.

Entretanto, não é como sempre foi.

Matteo está mais magro e o cabelo está mais curto, contudo, a barba está maior, como se ele não a tirasse há dias. Em seu rosto, mesmo de longe, consigo notar pequenas cicatrizes espalhadas pela bochecha.

Estilhaços.

Meu estômago se embrulha e ainda sendo o foco de seus olhos escuros, ando em sua direção, ignorando o aceno que Link dá, como se me avisasse para seguir com cautela.

Mas ele é o Matteo. Eu não preciso ser cautelosa com ele. Então eu me aproximo, até parar a um passo do homem que eu amo.

O homem que eu amo e que me olha como se... não me amasse. Como se não me conhecesse.

Não.

Minhas mãos tremem com a necessidade que eu sinto de tocá-lo e meu corpo queima para ter seus braços ao meu redor.

E ele não parece sentir o mesmo.

— Matt... — sussurro e sinto a primeira lágrima rolar por minha bochecha.

Matteo me viu chorar apenas uma vez em oito anos.

Foi no dia em que entrei em seu quarto de hospital, ciente de que ele sobreviveria. Naquele dia, eu também havia chorado mais cedo, mas ele estava perdendo sangue demais para notar minhas lágrimas.

Porém, eu chorei como uma criancinha ao imaginar que o perderia.

Agora, ao não encontrar o reconhecimento em seu olhar sobre mim, ao não receber o mesmo carinho de sempre, a dor é tão forte quanto.

— Você sabe quem eu sou? — Meu queixo treme quando pergunto isso.

Sinto os olhares sobre nós dois e sei que estão surpresos ao me ver tão vulnerável assim, porque apenas Matt tem acesso a *essa* Alex. Mas eu não me importo com nada além do movimento que ele faz com a cabeça negando.

— Eu sei que seu nome é Alexandra Kendricks. — Sua voz é fria, controlada. — Sei que somos parceiros há alguns anos. Sei várias coisas sobre você, mas tudo o que sei foi porque me contaram.

Mais lágrimas se seguem enquanto assisto Matteo Fawcett despedaçar meu coração.

Conheço dores.

Ao longo da minha vida, desde criança, eu sempre convivi com diversos tipos de dores. Desde as físicas, como queimaduras e fome, até as psicológicas, como ser trancada pra fora sob a chuva.

Mas nada, nunca, chegou perto de causar a dor que eu sinto ao ouvir suas palavras.

— Me perdoa — pede, cerrando o maxilar. — Mas eu não sei quem é você.

O soluço escapa, me pegando de surpresa, e eu cubro a boca com as duas mãos.

O choro embaça minha visão e eu dou um passo pra trás. Mais um. Então eu me viro e corro.

Não, eu não estou bem.

Na verdade, eu nunca estive tão quebrada em toda minha vida.

Desesperada e furiosa, puxo a Glock do meu coldre, assim que me enfio no estande de tiros e disparo no alvo, imaginando que ele é o causador do desastre que está acontecendo.

O som do tiro ecoa pelo espaço fechado e faz com que minha cabeça doa, mas a suavidade da dor é quase como uma carícia, comparada ao que estou sentindo.

Disparo mais uma vez.

E outra.

E outra.

Apesar do tremor e do desespero que irradia pelo meu corpo, não tenho o menor problema em acertar a cabeça do alvo várias e várias vezes, os dentes cerrados enquanto as lágrimas continuam fluindo.

Ele me esqueceu.

Matteo me esqueceu!

Grito angustiada e pressiono o gatilho mais vezes, desejando estar no lugar do alvo.

Will e Jay se foram.

Matt se foi.

Aquela noite, quando calei meus instintos, chamando-os de medo, eu os perdi. Eu não os protegi.

E agora... eles se foram.

Mais uma vez, meus joelhos cedem.

Dessa vez, ninguém me segura.

Atiro a Glock longe e abaixo a testa no chão.

É deplorável.

É insuportável.

Meu estômago se revira e meu coração parece prestes a desistir de bater, enquanto relembro de como assisti aos três se enfiando naquele avião.

Me lembro de como não me despedi dos dois, porque sabia que não era a última vez. Exceto que foi.

Eles morreram.

Josh e Will.

Dói.

Dói pra caralho.

E a única pessoa que poderia me ajudar a passar por essa dor, parece não existir mais. Porque ele... se foi.

Ele me apagou.

E nada nunca doeu tanto quanto ser quebrada pela pessoa que te consertou.



20

MATTEO FAWCETT

Dias atuais

E eu costumo fechar meus olhos
Quando dói, às vezes
Eu caio em seus braços
Eu estarei a salvo em seu som
Até eu voltar

[...]
Eu estava meio que me acostumando
A ser alguém que você amava

(Someone you loved - Lewis Capaldi)

É BOM DAR UM ROSTO para o nome que conheço desde quando comecei a treinar no Dojô. Entretanto, é estranho ouvir que o ex-parceiro do meu pai é o diretor da sede de uma agência secreta onde eu sou um agente.

Já haviam me dito tudo isso quando eu acordei há alguns dias sem memória.

Naquele dia, a história soou absurda. Hoje, continua soando.

E eu odiei saber que perdi dez anos da minha vida.

Mas não como eu odiei olhar pra *ela* e dizer que eu não a conheço.

Quando a porta se abriu e ela apareceu, nossos olhos se conectaram de uma forma assustadora, e o primeiro pensamento que eu tive ao encontrar a mulher do vídeo foi: ela é perturbadora.

Ainda mais linda pessoalmente. Mais perigosa também, principalmente com a arma presa em sua coxa. Mas o vídeo não fez jus ao quão perturbadora Alexandra Kendricks é.

Ela me olhou e eu, se ainda tivesse fé, pediria a Deus para me fazer lembrar, pelo menos de quem ela era.

Eu queria as memórias dos últimos anos, mas a necessidade de me lembrar *dela* foi ainda maior.

— Matteo? — A voz preocupada de Carl atrai minha atenção e eu ergo os olhos para o seu rosto.

— Só sei o que me contaram — digo, baixo.

— O que é a última coisa que se lembra?

— Embarcar em um voo para a Espanha, depois do velório dos meus pais.

Outra coisa que é estranha é o fato de que pra mim os meus pais morreram há alguns dias, mas eu não estou de luto. É como se eu já tivesse sofrido pela morte deles, mesmo que eu não tenha nenhuma recordação desse sofrimento.

Carl assente e desvia os olhos, mexendo em alguns papéis em sua mesa, parecendo incerto sobre o que fazer ou dizer.

— E sobre Alexandra? — solta e eu cerro meu maxilar.

Vasculho minha mente, mas as duas únicas memórias que tenho daquela mulher são as do vídeo que eu reassisti dezenas de vezes, e o momento em que ela quebrou em um choro na minha frente minutos atrás.

— Nada — confesso, ignorando o início da dor de cabeça.

Ela me ama e eu não sei quem ela é.

O homem à minha frente abre a boca para dizer algo, mas o som da porta sendo aberta o interrompe.

— Eu acho melhor esperar lá fora — ele diz para a pessoa que caminha em minhas costas.

— Não — a resposta seca e fria só confirma o que eu já sabia.

Sem me virar para olhá-la, sinto que sou analisado por Alexandra, que caminha até o lado de Carl, entrando em meu campo de visão.

Ela não está mais chorando, entretanto, os resquícios do choro marcam seus olhos avermelhados, principalmente com os cílios ainda úmidos emoldurando-os.

O silêncio tenso toma a sala e não sei se nós dois estamos respirando enquanto nos encaramos, ambos com os maxilares cerrados, a batalha sendo travada entre nossos olhos.

Ela me encara como se implorasse para que eu me lembre e eu a encaro como se implorasse para que ela me perdoe.

Eu *quero* me lembrar dela, mas Alexandra Kendricks é uma completa desconhecida pra mim.

A mágoa que está em seu rosto é notável, mesmo que tente esconder por trás da expressão séria. E fica ainda mais aparente quanto sua voz soa trêmula com a pergunta que ela me faz:

— Você não vai voltar?

No mesmo instante, penso nas palavras do vídeo.

E espero que você cumpra sua promessa e volte logo.

Umedeço os lábios e incapaz de continuar sustentando a intensidade do seu olhar, quebro o contato visual e olho para as minhas mãos, ainda me acostumando com os calos que eu não tinha aos dezoito anos.

— Os médicos disseram que não tem nada errado com o meu cérebro — digo. — Eles acham que as memórias estão... *presas*, em algum lugar. E que algum gatilho vai trazê-las de volta — suspiro. — Fiz alguns testes, mas os reflexos que todos dizem que eu tinha se foram também. Não sei atirar. Não sei...

Minha frase é interrompida no instante em que vejo um objeto voar na direção da minha cabeça e esquivo, deixando que a caneca preta atinja o chão, se estilhaçando.

Assustado, olho para Alexandra, que tem a sobrancelha erguida.

— Seus reflexos parecem bons pra mim.

— Você é maluca?! — me exaspero, olhando para os cacos, antes de me voltar para os dois.

Carl pressiona os lábios juntos, deixando claro que não pretende se intrometer, enquanto ela se inclina para a frente e apoia as duas mãos na mesa, me olhando ainda magoada, mas também furiosa.

— Você pode não se lembrar, mas você é uma *lenda*, Matteo Fawcett. Seus reflexos são incríveis e você é um dos melhores atiradores da agência — acusa. — E não, eu não sou maluca, eu só odeio olhar pra você e ver que não tem a menor ideia de quem eu sou! — esbraveja. — Sou eu, porra! A *Alex*!

Eu sei que isso deveria significar alguma coisa, mas... não significa.

Desvio os olhos.

— Olha pra mim!

— Kendricks! — Carl chama, mas já estou fazendo o que ela quer, voltando a olhá-la.

— Matteo, por favor... — Ela se inclina contra a mesa, ignorando-o. — *Lembre-se de mim.*

Não a conheço, mas ela não parece ser o tipo de pessoa que implora por muita coisa. Entretanto, aqui está ela implorando por mim.

— Eu não consigo — digo, entredentes.

— Você *prometeu* que voltaria, Matt. — Sua fúria vacila e ela parece próxima ao choro mais uma vez. — O tipo de promessa que você não quebraria.

Não sei o que dizer.

Não sei o que fazer.

Então eu apenas a olho, sem entender a necessidade que meu corpo tem de chegar mais próximo do dela.

— Tudo bem. — Carl dá tapinhas em seu ombro, mas leva alguns segundos para que ela perceba e pare de me olhar de forma tão intensa. — Ele ainda é o Matteo, Alexandra. Aí dentro. Nós só precisamos encontrar o gatilho que vai trazê-lo de volta.

Apesar de ser estranho ouvi-los falar de mim como se eu não estivesse aqui, não me incomodo.

Não sei o que é e nem de onde vem, mas é como se eu soubesse que por não saber quem *ela é*, eu não sei quem *eu* sou. Como se essa mulher fosse uma parte de mim. Uma parte que eu *preciso* recuperar.

— E se tem alguma pessoa que pode fazer isso, essa pessoa é você — ele continua, olhando-a. — É como se ele te conhecesse agora, e mesmo sem lembrar de tudo o que passaram, ainda é assustadoramente intenso. Como sempre foi. Vocês são *Alex e Matt* e nada vai mudar isso.

A forma respeitosa como ele se refere a nós dois me intriga.

Ouvi alguns comentários sobre quão bons ela e eu somos, mas ele fala como se nós dois fôssemos... *lendas.*

— Não desista dele, Alexandra.

Ela bufa um riso fraco, sem humor. Na verdade, é até um pouco triste, a mágoa voltando para os seus olhos no instante em que ela me olha.

— Eu nunca conseguiria desistir dele.

Ele.

O Matt que ela ama.

O Matt que prometeu que voltaria.

O Matt que eu preciso trazer de volta.



Vê-lo assim, quieto, inseguro, é uma tortura tão grande quanto saber que ele não me conhece.

Matteo, enquanto caminha ao meu lado na direção do vestiário masculino, olha ao redor, encarando os corredores como se fosse a primeira vez aqui, sendo que ele conhecia cada centímetro da sede como a palma da sua mão.

Da mesma forma como me conhecia.

Suspiro e fecho os olhos, tentando organizar minhas emoções.

Sei que não é culpa dele. Sei que me esquecer não foi uma escolha. Mas mesmo sabendo disso, não posso deixar de sentir a dor dilacerante que corta minha alma.

Ele não tem culpa, mas eu também não.

Além disso, nesse segundo, nós precisamos lidar com uma perda ainda mais séria.

Nós precisamos nos despedir de Josh e Will, porque eles, diferente da memória de Matteo, não têm possibilidade de voltar.

— Eu não acho que eu deva ir — diz, pela primeira vez falando comigo em particular.

— Por quê? — questiono, sem olhá-lo, torcendo pra que isso seja o suficiente para que eu não volte a chorar como a porra de um bebê.

— Eu não me lembro deles, Alexandra. Vocês estão indo homenagear os amigos de vocês, mas...

De supetão, paro de andar, sentindo meu coração se quebrar ainda mais enquanto ele também para, suspira e se vira pra me olhar.

— Eles eram *nossos* amigos — corrijo. — E eu sei que você não lembra deles, mas eu preciso de você aqui. Por mim e... por você. Quando sua memória voltar, nunca vai se perdoar se não se despedir deles. Faça isso pelo *Matt.*

É como se existissem dois dele. O Matteo que está na minha frente, desvia os olhos dos meus e só me chama de Alexandra desde o segundo em que voltou. E o Matt que é o homem que eu amo e que me ama, que nunca olharia pra longe de mim, que faz

questão de me chamar de Alex e repetir que só ele pode me chamar assim.

E é essa segunda versão que eu preciso trazer de volta, mesmo que eu não faça a menor ideia de como fazer isso.

Mas eu vou fazer.

Só que agora, *Alex e Matt* precisam ser deixados de lado porque *Will e Josh* merecem nossa atenção.

— Tudo bem. — Matteo acena e espera que eu volte a guiar o caminho até a porta do vestiário masculino, onde Ryan, Lola, Lian e Link estão.

Primeiro eles me olham, antes de mudar o foco para o homem que me segue.

— Esses são... — limpo a garganta, sem acreditar no que estou fazendo ao acenar para o rosto de todos, indicando-os a Matteo. — Ryan e Lola, os *nerds.* Link, que você conhece. E Lian, o novato.

Ninguém diz nada.

Eles não sabem o que dizer.

Todos, pela primeira vez, estão quebrados. Mas eu sou a única acostumada com isso, então, pegando a força que me resta, limpo a garganta e caminho na direção do armário dos dois.

Por sorte, não é comum fazer isso, mas o costume é que as pessoas mais próximas estejam por perto, no momento em que os armários são esvaziados. É o encerramento de um agente na *Companhia*.

Estamos encerrando a história de Wilson e Joshua.

Como agente supervisor, minha digital é o suficiente para destrancar qualquer porta da sede, então, ao colocar o dedo sobre o leitor, a porta do armário de Will se abre. O mesmo acontece com o de Josh.

Não quero dizer nada. Não quero me despedir.

Mas diferente daquela noite, quando jurei que não era pra sempre, dessa vez eu sei que é.

— Eu não tenho palavras bonitas pra dizer — murmuro baixo, olhando para os armários. — Eu nunca perdi alguém que eu *amava*. Então eu... eu não sei o que dizer.

Até porque eu perdi o momento certo de falar, não é?

Naquela noite, quando meus instintos imploraram para que eu não os deixasse ir, eu me calei. Eu engoli as palavras sem nem mesmo tentar evitar tudo isso.

Eu podia ter evitado tudo isso. E eu nem mesmo tentei.

Por que eu não tentei?!

— Eu sinto muito — sussurro, deixando que as lágrimas voltem a surgir. — Eu sinto *tanto*. Eu sinto muito por ter deixado vocês irem. — Abaixo a voz ainda mais.

E obrigada por terem cuidado dele*, como disseram que fariam.*



MATTEO FAWCETT

Me mantenho em silêncio enquanto os assisto se despedirem dos amigos.

Meus amigos.

Que eu nem mesmo sei a aparência, porque isso também foi apagado da minha mente.

Wilson e Joshua.

Dois homens que, pelo que me disseram, estavam comigo quando a bomba explodiu. A diferença foi que enquanto eu perdi a memória, eles perderam a vida.

Eles estavam comigo. Eram meus amigos. Estão mortos. E eu não consigo sentir o mesmo luto que as pessoas ao meu redor

estão sentindo porque pra mim, eu não os conheço.

Quão fodido é isso?!

Quão fodido é eu não conseguir desviar os olhos para longe de uma mulher que eu mal conheço só porque odeio ver a forma como seus ombros tremem com o choro que ela tenta conter?

Assisto Lincon passar um braço por cima do ombro de Alexandra e puxá-la para perto, consolando-a de uma forma que eu não posso fazer, porque eu não sou *ele*. Eu não sou o *Matt*.

— Estava pensando... — Ryan, o loiro de óculos, se aproxima de mim, cauteloso, segurando um papel em sua mão. — Você não se lembra deles, não é?

Cerro o maxilar e balanço a cabeça, negando.

— Imaginei — comenta e me entrega uma fotografia de quatro pessoas.

Dois homens, eu e Alexandra. E um tigre de pelúcia.

Meu braço está ao redor da cintura dela, mantendo-a perto, enquanto ela segura o animal de brinquedo, sorrindo amplamente para a foto.

Tento ignorar a aparência que ela tem ao sorrir, e me concentro no rosto dos dois caras, um à minha esquerda e um à direita dela, ambos sorrindo.

— Josh e Will. — Ryan aponta primeiro para o que está ao lado de Alexandra e depois para o que está ao meu lado.

Josh e Will.

Meus amigos que morreram ao meu lado, mas que não parecem nem um pouco familiares pra mim.

— E esse é o *Garfield* — Alexandra diz, se aproximando e apontando para o tigre branco.

— Por que tá segurando uma pelúcia, Kendricks? — o novato questiona, se aproximando para olhar a foto.

— A gente tinha ido pra uma missão — ela diz e sorri, ainda com o rosto molhado. — Era um disfarce dentro da casa de um

Sultão e nós acabamos entrando no quarto onde tinha um tigre siberiano.

É como ouvir sobre o enredo de um filme.

— Foi ridículo e a gente só conseguiu sair de lá porque Josh brincou de encantador de gatos — ri, fraca, olhando para a foto em minha mão, a melancolia pingando das palavras apesar do riso baixo. — Quando a gente conseguiu sair, Will decidiu que precisávamos de uma prova sobre como enfrentamos um tigre.

— E Wilson sendo o Wilson... — a outra mulher, Lola, comenta também sorrindo.

— Ele não ia sossegar se não conseguisse essa foto — Lincon diz.

— Nem mesmo trocamos de roupa antes de rodar a cidade atrás de um tigre branco — Alexandra continua e eu reparo nas roupas elegantes que usamos. Ela com um vestido dourado, e nós três de smoking. — Chegamos no parque de diversão e ganhamos o tigre num jogo de tiro ao alvo. Nós tiramos a foto e Will ficou um tempo olhando pra ela, antes de dizer: Por que foi que a gente teve esse trabalho todo pra provar que roubamos um Sultão se não vamos poder contar isso pra ninguém?

Eles riem entre si, mas eu não.

Ao invés de rir, volto a encarar o rosto dos dois, sabendo que se minha memória não voltar, eles serão desconhecidos que eu nunca vou poder conhecer.

Como se lesse minha mente, Alexandra empurra a foto pra mim, quando tento devolver a eles.

— Pode ficar — diz, a melancolia voltando para sua voz. — Você foi o que mais odiou o gato, de qualquer forma.

Aceito, afinal, todos eles têm Josh e Wilson na memória. Eu não.

Espero que voltem a esvaziar os armários antes de olhar para a imagem e suspirar, dizendo:

— Sinto muito por ter esquecido vocês. — Toco o rosto de cada um deles, inclusive o de Alexandra.

Por mais frio que pareça, eles se foram. Eles não sentem dor nenhuma ao não estarem em minhas lembranças. Mas ela está aqui e eu não preciso conhecê-la pra notar o quanto dói olhar pra mim e perceber que eu não sei quem ela é.

Fico em silêncio, respeitando a dor que eles sentem, mas que eu não consigo sentir da mesma forma e assisto o momento em que eles se vão, deixando apenas Alexandra e eu dentro do vestiário.

— Por acaso, você se lembrou de alguma coisa? Sobre o que eu contei? — questiona, cautelosa e com uma ponta de esperança evidente em sua voz.

Uma esperança que eu não quero destruir, mas que faço mesmo assim ao negar.

— Não.

Ela impede o tremor do queixo quando cerra o maxilar com força, assentindo.

— Eu quero me lembrar, Alexandra — declaro. — Eu não sei como vou fazer isso, mas eu quero me lembrar de tudo. Deles e... de *você.* — Os perturbadores olhos escuros brilham na minha direção. — Eu quero me lembrar de você.

Ela respira fundo, então dá um passo vacilante em minha direção.

— Eu não... — engole em seco. — Sei que você não é *você*, mas eu... eu preciso... — ela parece perdida, olhando ao redor, procurando por palavras. Ou talvez por uma saída. Mas voltando a olhar pra mim, desolada. — *Matt...*

Não tenho tempo para raciocinar sobre o que estou fazendo antes de agarrar seu pulso e a puxar pra mim.

É instintivo.

Talvez eu esteja agindo errado ao tocá-la. Talvez isso piore a esperança que ela tem de conseguir minha memória de volta. Talvez eu não devesse fazer isso.

Mas quando fecho meus braços ao redor dela, pela primeira vez desde quando acordei naquele hospital, eu respiro.

Como se *ela* fosse o ar que eu preciso.

Alexandra, parecendo seguir um instinto tão forte quanto o meu, envolve minha cintura e me aperta forte, o rosto enterrado em meu peito e os olhos fechados.

Não consigo deixar de tentar me colocar em seu lugar.

Eu sou o cara que ela ama e que está longe há meses. O cara que quando ela reencontrou não pode abraçar, porque estava ocupada demais ouvindo que ela foi esquecida e que seus amigos estavam mortos.

Eu sou o cara que prometeu que voltaria, mas que mesmo de volta não cumpriu a promessa.

— Eu prometo que vou fazer você se lembrar de mim, Matteo — ela diz, ainda com o rosto apoiado em meu peito. — E essa é uma promessa que eu não me atreveria a quebrar.



21

MATTEO FAWCETT

Dias atuais

Eu daria tudo, eu daria tudo por nós
Dou qualquer coisa, mas não vou desistir
Porque você sabe, você sabe, você sabe que

Eu te amo
Eu te amei o tempo todo
E eu sinto sua falta

(Far away - Nickelback)

PASSO PELA PORTA que Alexandra segura aberta e analiso *pela primeira vez* o apartamento que moro há anos.

A cada constatação que faço, acho a situação mais fodida.

Como é possível que dez anos da minha vida tenham se perdido? Para onde foi tudo o que eu vivi? Minhas memórias? Minhas experiências? *Ela*?

Como eu me esqueci de Alexandra?

Respiro fundo, mantendo minha confusão para mim mesmo enquanto olho para o sofá cinza, tapete escuro, e a pouca decoração sobre os móveis.

Nem um pouco parecido com a casa onde morava com meus pais, mas acho que uma década é o suficiente pra que eu tenha criado meus próprios gostos.

— O que é essa porta? — pergunto e a observo girar a maçaneta e empurrá-la aberta, revelando uma sala parecida com a minha.

— Meu apartamento, e não, não tem chave — avisa, me olhando de uma forma desafiadora, como se quisesse que eu debata essa afirmação.

— Teoricamente, então, nós moramos juntos?

— Desde quando nos conhecemos.

— Você está incomodada — constato e ela bufa um riso fraco.

— É, Matt, eu estou incomodada. Eu odeio que não se lembre de mim. Odeio que olhe para os lados como se estivesse julgando as coisas, como se estivesse *nos* julgando.

— Não estou julgando nada. Só... O que *nós* somos?

Centenas de emoções passam por seus olhos escuros e eu entendo que pra ela *nós* somos tudo.

E acho que pra mim também.

Ninguém sente tanta necessidade de tocar um desconhecido como eu senti ao abraçá-la no vestiário, então talvez meu inconsciente a reconheça.

Segurei-a apertado e respirei o cheiro de seu cabelo, buscando por alguma ponta de familiaridade com seu cheiro ou com o encaixe perfeito que havia entre nossos corpos.

Não me lembrei de nada, mas soube ao sentir Alexandra contra mim que Carl não estava exagerando quando nos definiu como *assustadoramente intensos*.

— Nós somos *Alexandra Kendricks* e *Matteo Fawcett*, lendários, letais. Somos dois dos melhores agentes da *Companhia*. Respeitados, admirados... — Encolhe os ombros. — Mas nós também somos *Alex e Matt*, quando estamos sozinhos, e eu não sei definir *essa* relação.

— Vai me contar sobre nós dois? Nossa história?

— Hoje não. Você precisa descansar e eu... eu preciso entender o que está acontecendo.

Descansar. Dormir...

Porra.

Limpo a garganta, me lembrando de um detalhe importante.

— Eu tenho tido... pesadelos. — Alexandra pisca, sem entender. — Terror noturno — explico e vejo seu queixo tremer enquanto ela me encara atônita. — Provavelmente por conta da explosão. Estou te contando pra você não estranhar, caso ouça alguma coisa de noite. É... *normal*.

Sua boca se abre, mas ela não diz nada, então volta a fechá-la, antes de dar um passo pra trás. Seguido de mais um. E mais um.

Ela parece horrorizada.

— Alexandra...

Tento chamá-la, odiando toda a dor que vejo em seus olhos escuros, mas quando dou um passo em sua direção, ela já está segurando a porta que divide os dois apartamentos.

— A senha do seu celular é 1606. A gente se fala amanhã — avisa, então coloca a barreira entre nós.

Que. Porra. De. Situação. Fodida.

Apoio a testa na madeira e ouço o soluço vindo do outro cômodo.

Ela está chorando.

E eu não posso consolá-la porque não sou o *Matt* que prometeu que voltaria.

Então, por mais que eu queira, não abro a porta e a puxo para mim. Eu só me mantenho ao seu lado com a porta nos separando, enquanto tento dividir a dor que ela sente comigo.

Me perdoa, Alex.

A L E X A N D R A
K E N D R I C K S

Assistir Matteo tão quebrado assim é... eu nem sei explicar o que é.

O homem que me defendeu do meu ex, que beijou minhas cicatrizes, que deixou de sair pra estar ao meu lado durante as tempestades, que tomou um tiro por mim... o homem que me consertou, está quebrado.

Mais quebrado do que eu jamais estive.

E isso dói.

Porque eu não sou boa o suficiente para consertá-lo como ele fez comigo.

Eu não sei o que dizer, eu não sei o que fazer.

Gostaria de poder matar o que quer que tenha causado isso a ele. Eu mataria. Qualquer pessoa, qualquer coisa, eu mataria.

Sabendo que ele pode me ouvir, caso ainda esteja do outro lado da porta, me arrasto para o chuveiro e nem mesmo me preocupo em tirar o uniforme antes de me sentar no chão e deixar a água cair sobre minha cabeça, ocultando as lágrimas que parecem felizes em cair depois de tantos anos.

Não posso deixar de pensar sobre como minha mãe se irritaria ao me ver chorando assim. E não posso deixar de torcer pra que ela esteja irritada enquanto apodrece no inferno.

E me lembrando dela, eu choro ainda mais. Lavando minha alma e irritando a dela, enquanto sinto a dor da perda de Will, Josh e... *Matt.*

Nunca perdi alguém importante pra mim, então nunca passei pelo luto, mas me lembro de já ter conversado sobre isso com Matteo e ele me explicou tudo o que aprendeu na clínica de reabilitação e nas conversas com os psicólogos.

Primeiro, vem a negação.

— Tudo isso é mentira. Will e Josh estão vivos e estão voltando. Matteo está bem e... ele não me esqueceu!

Segundo, vem a raiva.

— Sou eu, porra! A Alex!

Terceiro, a negociação.

Por que eu não tentei?!

Quarto, a depressão.

Acho que posso definir essa fase como a que estou vivendo agora, sentada no chão do banheiro, chorando, ainda vestida, apenas deixando que a dor me soterre.

Até que, com um estalo, o quinto estágio do luto vem e acerta meu rosto.

Aceitação.

Josh e Will se foram e eles não vão voltar. Independente do que eu faça, independente do que eu ofereça no lugar. Não há barganha, raiva, tristeza ou negação que vá trazer os dois de volta porque eles... morreram.

Meus amigos se foram pra sempre.

Não vou mais me irritar com Will e nem vou rir ao ver o mau humor de Josh aflorar. Não vamos para missões juntos, assim como não vamos ao parque de diversão procurar pela porra de um tigre de pelúcia.

Eles morreram.

E isso dói, mas eu não tenho como mudar esse fato.

Wilson e Joshua sempre serão lembrados e eu sei que a saudade que vamos sentir deles *nunca* vai passar.

Porém, diferente deles, que eu não posso trazer de volta, existe o Matteo, que é outra história.

É, o meu Matt não é o homem que está no apartamento ao lado, mas ele está vivo e eu posso trazê-lo de volta. Eu *preciso* trazê-lo de volta.

Com esse pensamento, engulo meu choro porque eu acabo de passar o estágio da depressão.

Minhas lágrimas não vão fazer com que Matteo se lembre de mim. *Mas eu vou.*

Ignorando o peso que sinto sobre os ombros, me coloco em pé e tiro o uniforme, antes de tomar um banho rápido.

Visto uma calcinha e uma camiseta regata, sem me preocupar em pentear o cabelo molhado, já seguindo para o sofá com meu *notebook* no braço.

Já passa das onze da noite, mas não existe a menor chance de conseguir dormir depois do dia de hoje, então eu começo a pesquisar um jeito de cumprir minha promessa.



MATTEO FAWCETT

Acordei do coma há doze dias, no dia oito de janeiro.

Nas primeiras quarenta e oito horas, passava mais tempo dopado do que realmente acordado, os sedativos ajudando com a dor, mas evitando que avaliassem os danos que a explosão havia causado.

No dia dez, quando perguntei o que havia acontecido com o avião que estava me levando pra Espanha, eles perceberam que minha memória havia sido afetada. Foi o dia em que assisti, pela primeira vez, o vídeo de Alexandra.

Passei por vários tipos de exames, mas ninguém encontrou nenhuma explicação para os últimos dez anos terem sido apagados da minha cabeça, porém, enquanto tentavam descobrir o motivo para tudo, eles me explicavam o que havia acontecido na minha vida.

Ouvi sobre os dois anos após a morte dos meus pais e não pude deixar de pensar no quanto eles se decepcionariam ao saber

que até na reabilitação eu passei.

Ouvi sobre o tempo que passei no Departamento de Polícia de Los Angeles.

Ouvi sobre a *Companhia* e a organização da agência.

Ouvi sobre a missão e o fim trágico que levou a vida de mais dois agentes que estavam comigo.

As pessoas que estavam lá, mesmo que não fossem da mesma sede que eu, já que eu tinha acordado em Roma, tinham várias informações pra me passar. Exceto por uma coisa.

A mulher do vídeo que dizia me amar.

As informações que consegui sobre Alexandra Kendricks não pareciam ser nem a ponta de tudo o que havia dentro dos olhos profundos que eu encontrava toda vez que assistia aquela gravação.

Vinte e sete anos. Agente supervisora. Minha parceira desde quando ingressamos no LAPD. Mesmo no mundo secreto da *Companhia* era conhecida como *uma arma letal*.

Assim como eu, minha parceira era como uma lenda.

Mas saber disso tudo não explicava o que eu e ela tínhamos porque definitivamente não éramos só parceiros.

A forma como ela disse que me amava mostrava que eu não havia perdido a memória sobre uma colega de trabalho, mas também... da minha mulher.

Ninguém soube explicar o que acontecia entre nós dois, até que Lincon apareceu. O que não mudou muita coisa, afinal, quando perguntei sobre eu e Alexandra, ele suspirou e balançou a cabeça:

— Vocês têm o próprio mundo de vocês. E ninguém nunca conseguiu entender o que se passa nele.

Então, quando cheguei em Boston e a encontrei, entendi que ela era a parte mais importante de tudo o que eu perdi.

Ela não me parecia familiar. Eu não tive um estalo que fez com que minha memória voltasse.

Não foi mágica.

Foi instinto.

Quando nossos olhos se encontraram e ela sussurrou meu nome, eu simplesmente soube que esquecer minha história com ela foi a pior parte da perda de memória.

Carl nos definiu como *assustadoramente intensos* e confirmo que ele estava certo, agora quando vejo o celular finalmente ligar depois de alguns segundos conectado no carregador.

Cento e trinta e três notificações piscam na tela. Todas, mensagens de voz. E todas de Alexandra.

Me deito na cama e toco sobre a primeira gravação, sem entender porque ela me mandou tantas mensagens, se sabia que o celular não estaria comigo.

— *Quão estranho vai ser se eu te falar que é o primeiro dia desde que você se foi e eu já estou com saudade? Acho que só estou antecipando que isso vai durar mais trezentos e sessenta e quatro dias* — ela suspira. — *Esteja bem e volte logo. Vou esperar você* — mais uma pausa. — *Eu te amo.*

Ouvi-la repetir que me ama faz com que eu mais uma vez lute para vasculhar o vazio da memória, buscando por ela em meio a dor de cabeça que parece crescer.

Não acho que eu me importe com mais alguma coisa além disso, mas eu... eu *preciso* lembrar de Alexandra.

— *Oi, Matt...* — ela diz, algumas mensagens depois, a voz esganiçada atraindo minha atenção porque ela parece... com dor? — *Fui esfaqueada.*

Me sento, olhando para o celular enquanto meu coração martela em meu peito.

— *Estou bem e fiz questão de afundar a mesma faca no meio da testa dele, mas porra, dói. Já estou com os pontos e estou em casa. Mas acho injusto que não esteja aqui pra cuidar do meu machucado, afinal, eu quem passei dias cuidando desses buracos no seu peito.*

Olho para baixo, encarando as cicatrizes que eu não faço ideia de como consegui.

— Continuo com saudades, assim como continuo te esperando. Eu amo você.

Esfaqueada.

Que porra!

Como eu aguento isso?

Como eu vivo com a ideia de que ela pode ser machucada a qualquer segundo?

Já entendi que eu a amava. Então como eu consigo olhar para a mulher que eu amo e saber que ela pode ser baleada, ou esfaqueada, ou qualquer porra dessa?

Como a gente vive assim?

Grunho, irritado ao entender que estou fazendo o que ela disse que eu estava fazendo.

Estou julgando nossa relação, sem nem mesmo saber tudo sobre nós.

Volto a me deitar e continuo ouvindo os áudios que ela me enviou ao longo dos quatro meses que estive fora.

No geral, ela apenas diz que está com saudade, que está me esperando, me pede pra voltar logo e diz que me ama. Mas algumas são diferentes.

— Eu juro que quando você voltar, vou esfolar seu pau de tanto quicar nele.

Caralho.

Apesar de me sentir um filho da puta por ficar duro com isso, principalmente pela mensagem não ser “pra mim”, minhas bolas pesam e meu pau enrijece ao imaginá-la cumprindo sua promessa.

— Sonhei com você, Matt e... eu tô ensopada. Eu mataria pra ter seus tapas, seus beijos... Eu mataria pra ser fodida por você do jeito que só você consegue fazer. No sonho, você gemia meu nome enquanto me comia e eu gritava tanto, igual você gosta que eu faça. Eu pedia por mais, mesmo sem aguentar o que você já estava me dando e...

Aperto meu pau, incapaz de lidar com o que suas palavras plantam em minha mente.

— Porra, dá pra voltar logo, Matteo?! Meu vibrador não me bate e nem me enforca como você, então eu acabo não gozando direito. Só... volta logo. Eu e minha boceta estamos com saudades do seu pau. Tá... e de você também — acrescenta com um riso baixo. *— E mesmo sexualmente frustrada, eu te amo.*

Minha mão ainda está sobre minha ereção quando a próxima mensagem começa e atrai minha atenção.

— Queria dizer que estou feliz por ter conseguido falar com você ontem, no meu aniversário, mas quando estava gravando uma mensagem pra te agradecer por ter se arriscado só pra falar comigo, me ligaram e... — por longos segundos, tudo fica em silêncio e eu chego a olhar para a tela do celular, conferindo se ele não travou. *— Minha mãe morreu. Overdose de drogas. Eu nem sabia que eles tinham meu número, principalmente porque depois que ela perdeu minha guarda, meus registros foram apagados. Mas essa noite, Alex Kendricks foi encontrada morta no banheiro de um posto de gasolina.*

Ela não está chorando na mensagem. Mas ela também não parece feliz. Ela parece... atônita. Como se não soubesse como reagir.

Se ela perdeu sua guarda, provavelmente ela não era uma boa mãe, não é?

— Até pensei sobre ir vê-la, mas viajar até LA só pra cuspir em um túmulo é um trabalho desnecessário.

Alexandra com certeza não a considerava uma boa mãe.

— Eu a odeio, Matt. Mesmo que ela não esteja mais viva, eu ainda a odeio. Toda vez que sinto as cicatrizes, toda vez que me encolho por conta das chuvas, toda vez que penso no tempo que demorei pra conseguir entender que não era incapaz de amar... eu a odeio mesmo que ela esteja morta. Mas ela é minha mãe. E eu... acho que lhe devo algo, pois só te encontrei porque aquela desgraçada me colocou no mundo. Então eu paguei pelo velório, como se eu pagasse uma dívida. Também paguei pra que a

cremassem. Estou torcendo para o fogo ser só uma amostra do que ela vai encontrar quando queimar no inferno.

Ódio.

Ela odeia a mãe e isso faz com que eu também a odeie.

— *Queria que estivesse aqui. Ter você por perto me ajuda a pensar melhor. O maior monstro que eu já enfrentei se foi. De qualquer forma, obrigada por ter conseguido falar comigo ontem. Espero que meu vídeo tenha chegado, mas não me importo de reforçar o que lhe disse. Estou com saudades e continuo te esperando. Eu amo você.*

As mensagens que se seguem não dizem nada de mais.

Ela comenta sobre uma missão ou outra, reclama de quão ruim Connelly é, reforça que me ama e diz que está me esperando voltar.

A última mensagem foi enviada hoje de manhã.

— *Eu amo você, Matteo. Por favor, volta logo pra mim.*

É o áudio mais curto de todos. E eu sei que é o último que vou ouvir porque eu estou de volta, mas não da forma como ela precisa.

Bloqueio o celular.

Eu não era apenas o parceiro de Alexandra. Eu era seu *tudo*. Desde a pessoa com quem ela tinha sonhos eróticos até a pessoa pra quem ela confessou odiar a própria mãe.

Eu era tudo.

E ela perdeu isso no instante em que foi apagada da minha cabeça.

Suspiro.

— Eu sinto muito, Alex — sussurro, incerto de quantas vezes já me desculpei por ter esquecido a mulher que eu amava, antes de deixar que a exaustão me empurrasse para o sono.



A L E X A N D R A
K E N D R I C K S

Apoio a mão em meu queixo e giro a cabeça, estalando o pescoço para os dois lados, antes de voltar a assistir o vídeo que fala sobre neurociência cognitiva.

Por sorte, minha fluência em alemão facilita o entendimento e eu preciso pesquisar poucos termos técnicos para entender o que o protótipo de Hitler está dizendo enquanto o bigode se mexe de um lado para o outro.

Já são quase quatro da manhã e desde o instante em que me sentei aqui, aprendi um total de *zero* coisas.

Eles falam, falam e falam, mas não acrescentam porra nenhuma.

De tudo o que li, assisti e ouvi até agora, a conclusão é a mesma.

Os dez anos estão escondidos em algum lugar dentro da cabeça de Matteo e eles podem voltar sozinhos, através de algum gatilho ou... nunca voltarem.

O que não pode acontecer.

Ele não pode esquecer de nós dois pra sempre. Ele não pode não se lembrar de mim.

Tento repetir que não posso ter medo de *hipóteses* sobre o futuro, mas eu não consigo ignorar o pavor que eu sinto ao imaginar que ele pode não me olhar da mesma forma que antes.

Deixo que a raiva substitua o medo e volto a pesquisar, mas não tenho tempo de iniciar o vídeo em japonês antes que um grito ecoe pelo espaço.

Alto, agonizante e desesperador.

Um grito de Matteo.

Jogo o notebook longe e agarro a Glock de cima da mesa antes de invadir seu apartamento, puxando o ferrolho para carregar

a arma, mas armamento algum seria capaz de me defender da cena que eu encontro ao invadir seu quarto.

Matt está em sua cama, o peito e o rosto suados enquanto se debate, os tremores visíveis mesmo que a única claridade seja a que vem da janela. Ele cerra os dentes e grunhe.

— Não. Não. Não. Não. Não entra aí... — implora, ofegante e seu sofrimento coloca meu corpo em movimento.

Não tenho a menor ideia de como lidar com terror noturno, então, ao me sentar na beirada da cama e soltar a pistola sobre a mesa de cabeceira, seguro seus braços, o sacudindo.

— Matteo!

Ele está tremendo e eu me sobressalto quando ele grita mais uma vez, as veias em seu pescoço saltando sob a pele vermelha.

É desesperador vê-lo assim. Tão machucado. Tão... quebrado.

— Matt! — chamo mais alto e o sacudo com mais força, até que ele arfa e se senta, quase acertando a cabeça na minha, os olhos arregalados e a respiração entrecortada.

— Alex! — ofega e não me dá tempo de reagir antes de me puxar para si, seus braços ao meu redor impedindo que eu respire.

Não retribuo o abraço porque estou congelada com a possibilidade que surge ao ouvi-lo me chamando assim.

Ele... se lembra?

Meu coração parece bater tão rápido quanto o dele, até que pela segunda vez no mesmo dia, Matteo o quebra ao segurar meus ombros e me empurrar pra longe, parecendo voltar pra realidade em que ele me olha como se eu fosse uma desconhecida.

Não, ele não se lembra.

Parecendo envergonhado por ser visto assim, Matt interrompe o contato visual e olha para a mesa de cabeceira, onde minha arma descansa, ainda carregada.

— Eu te avisei dos pesadelos — diz, baixo.

— Não achei que fossem tão... intensos — digo no mesmo tom e empurro o cabelo pra longe do meu rosto, antes de pegar a Glock, retirar o carregador e tirar a munição de dentro da câmara, evitando um disparo acidental.

A ação é automática e eu não preciso olhar o que estou fazendo, mas, mesmo assim, olho.

É menos doloroso olhar para isso do que para a ausência de sentimentos em seu rosto.

— Sinto muito ter te acordado — sua voz quebra o silêncio que não dura mais que um par de segundos.

— Estava acordada — respondo e volto o carregador pra dentro da Glock, antes de voltar a encará-lo, congelando ao notar dezenas de marcas espalhadas por seu peito largo.

Tenho uma ideia do que seja, mas, ainda assim, me inclino e ligo a luz de cabeceira, deixando que a claridade ilumine seu corpo.

As maiores cicatrizes continuam sendo as das balas que o perfuraram há alguns anos, mas agora, várias marcas mais claras estão espalhadas por ele.

— Foi a explosão? — questiono e estendo a mão, mas paro antes de tocá-lo.

Ele não é o Matt.

— Tudo bem — responde e segura meu punho, puxando-o até que meus dedos encostem em sua pele quente e ainda suada pelo pesadelo.

Eu já o toquei tantas vezes, mas agora, parece tão diferente. Há cautela. Nunca fui cautelosa com Matteo, mas aqui estou eu, receosa, enquanto contorno o peito onde já dormi tantas vezes, onde já afundei as unhas enquanto o montava.

— Eu não me machuquei muito na explosão — diz, olhando para onde passo os dedos por sua pele. — Alguns estilhaços me atingiram, mas nem mesmo precisei de pontos.

— Você se lembra?

— Não. Minha última memória foi entrar no avião para a Espanha.

O que aconteceu dois anos antes de mim.

Assinto e recuo a mão, quebrando o contato, mas me mantendo sentada na cama.

— Contaram sobre os últimos dez anos?

— Sim. Só não souberam me contar sobre nós dois.

Bufo um riso.

— Imaginei. — Aceno com a cabeça. — Chega pra lá.

— Por quê?

— Porque vou te contar sobre *Alex e Matt*.

Mesmo que me doa saber que o protagonista dessa história não faz a menor ideia de quão intensa ela é.

Relutante, ele me obedece, se afastando para a outra ponta e liberando o lado que sempre foi meu quando dormimos juntos.

Me ajeito nos travesseiros, desligo a luz de cabeceira e mantenho o olhar no teto, deixando que os últimos oito anos cheguem até a ponta da minha língua.



22

MATTEO FAWCETT

Dias atuais

Estou tão afim de você

Que eu mal posso respirar

E tudo que eu quero fazer

É me jogar com tudo

Mas perto não é perto o suficiente

Até que cruzemos a linha

(Into you - Ariana Grande)

DESDE O DIA em que acordei naquele hospital, é a primeira vez que realmente me sinto descansado, mesmo que eu tenha conseguido dormir só por volta das cinco da manhã, depois que Alexandra terminou de resumir nossa história.

Nossa.

Porque eu vivi tudo aquilo, desde a vingança contra Adam e Leah — que eu ainda não acredito que foi minha namorada —, passando por morarmos sob o mesmo teto, treinarmos no mesmo dojô, entrarmos juntos para o LAPD, até sermos recrutados para uma agência secreta.

Os oito anos que ela descreveu parecem ter sido o mais puro caos.

Exceto por *ela*.

Mesmo ouvindo uma versão resumida, não existe a menor dúvida de que a paz que eu tive nesses anos, veio da mulher que continua dormindo em minha cama.

A mulher que mesmo que não seja uma presença antiga em minha mente, também foi capaz de me trazer paz nas últimas horas, por isso, diferente do que aconteceu desde quando acordei do coma, não tive pesadelos.

Não tenho conseguido passar mais do que três horas dormindo antes de acordar com o coração acelerado, corpo suado e tremores fortes. Mas desde o segundo em que ela invadiu minha cama, nada disso aconteceu.

Porque Alexandra Kendricks não precisa ser lembrada para conseguir me afetar.

Os pesadelos se mantiveram longe, como se tivessem medo da mulher que é chamada de arma letal.

A arma letal que tem um rosto sereno enquanto dorme pacificamente, a respiração tranquila e suave fazendo seu peito subir e descer dentro da camiseta regata branca que está enrolada em sua cintura.

Penso sobre ajeitar o edredom sobre seu corpo, cobrindo, principalmente o contorno dos mamilos que aparecem contra o tecido fino, mas antes que faça isso, uma mancha em sua barriga atrai minha atenção.

Por algum motivo, ao invés de cobri-la, movo sua camiseta, expondo seu abdômen e encontrando mais seis marcas idênticas, espalhadas de maneira aleatória pela pele suave.

Inclino meu corpo pra baixo, aproximando-me o suficiente para notar que além de outra tonalidade, as manchas também tem outra textura. A pele é um pouco mais alta e enrugada como se fossem... queimaduras.

Então, para assinar meu atestado de loucura, além de descobrir uma mulher que *eu* atualmente não conheço direito, me aproximo ainda mais e beijo uma das marcas, só percebendo o que estou fazendo quando sinto seu corpo retesar.

Como se sua pele me queimasse, pulo para longe dela, sem a menor ideia de como justificar o que acabo de fazer, mas sabendo que preciso dizer algo que explique porque estou beijando a barriga de uma desconhecida enquanto ela dorme!

— Eu sinto muito.

— Por que fez isso? — questiona, se erguendo sobre os cotovelos e me encarando, perplexa.

Seu rosto e cabelo continuam amassados, mas a surpresa em seus olhos não deixa vestígio algum de sono.

— Matteo! — cobra, quando não lhe dou uma resposta e se senta para me encarar melhor.

— Eu não sei! — Nem mesmo penso em inventar uma desculpa.

— Por que beijou minhas cicatrizes, Matt?

— Eu... eu não sei. Foi só... eu beijei.

— E por que me chamou de *Alex* ontem, quando acordou do pesadelo? Era comigo que você estava sonhando?

Alexandra se coloca em pé, sem se importar em estar apenas de calcinha e camiseta enquanto vem na minha direção.

— Me responde!

— Eu não sei! Eu não sei por que te chamei de *Alex*, nem por que beijei seus machucados e nem por que consegui dormir depois que você deitou comigo! — me exaspero, sentindo o início de uma dor de cabeça se formar, fazendo com que eu aperte a têmpora direita, aproveitando para olhar para longe do seu corpo.

Mas a quebra de contato visual é algo que claramente incomoda Alexandra, que termina de encurtar a distância entre nós dois e segura meu punho, afastando-o.

— Para de desviar o olhar de mim! — é uma espécie de pedido, que facilmente seria confundido com uma ordem, mas quando volto a encarar seu rosto, o desespero em seus olhos mostra que na verdade isso é uma súplica. — Você nunca desviou o olhar de mim, Matteo, nem mesmo antes de me amar, então para com isso!

O calor de seu corpo irradia para o meu e a percepção de estarmos tão próximos faz com que a atmosfera se torne densa dentro do quarto.

E mesmo que não seja surpresa desejar alguém com a aparência dela, eu me sinto mal por querê-la.

É como se eu quisesse a mulher de outro homem, porque o Matt *de antes* que a amava. Eu só a desejo. Não a amo.

O sentimento que eu vi em seus olhos, quando a ouvi falando sobre os últimos anos, não é um sentimento que eu possa retribuir porque mesmo sabendo parte da nossa história, eu não amo a mulher à minha frente.

Eu não amo Alexandra Kendricks porque ela não é importante pra mim. Não agora. Não sem minhas memórias.

Porém, sou covarde demais pra dizer essas palavras em voz alta, por isso, me afasto dela.

— Vista alguma coisa — peço, seco, mas ao invés de se irritar com minhas palavras, ela ri.

— Voltamos ao começo de tudo, então — debocha. — Não se preocupe, Matteo. Quando começamos não havia amor. Havia tesão — diz, como se pudesse ler minha mente. — Pode me desejar. Estou acostumada a ver esse olhar no seu rosto. E não, eu não vou me vestir. Na verdade, essa noite quando eu vier pra sua cama, vou fazer questão de vir com a melhor lingerie que eu tiver, afinal, sei que gosta disso, não é?

Engulo em seco, lutando para não imaginar essa mulher vestindo a porra de uma lingerie de renda porque automaticamente me imagino rasgando o tecido.

— O quê? — Volta a se aproximar, o sorriso perverso crescendo em seu rosto. — Tá surpreso que eu consiga te deixar duro só com algumas palavras?

— Alexandra...

Perturbadora.

Perturbadora pra caralho.

— Não! — late, próximo ao meu rosto. — Você pode não me conhecer, mas eu te conheço. E, no momento, eu confio mais no que *eu* sei sobre você, do que o que você e essa sua memória fodida acham que sabem. — Agora sim ela parece furiosa. — Então, pra sua ciência, *Matteo*, beijar as cicatrizes em meu abdômen é algo que você sempre fez, desde a primeira vez que me tocou. Algo que *só* você fez.

Ela dá mais um passo pra perto.

— Me chamar de *Alex* é algo que *só* você pode fazer, por isso mais ninguém me chamou assim ontem. Por isso ninguém além de *mim* vai te chamar de Matt. Porque é algo *nosso*. — Minhas costas tocam a parede atrás de mim, mas ela continua avançando, até apontar o dedo no meu rosto e lançar chamas com os olhos. — Você pode até não saber o que isso significa, então vou explicar. Você está lembrando. Mesmo sem perceber. A sua essência se lembra da minha. O seu corpo se lembra do meu. Posso ter sido arrancada da sua cabeça, mas nunca vão conseguir verdadeiramente me arrancar de você.

Perturbadora. Pra. Caralho.

— Se veste que a gente vai sair.

— Pra onde?

— Vou te fazer lembrar de mim, Matteo.

É um aviso.

Uma ameaça.

Mas também... é uma promessa.



A L E X A N D R A

K E N D R I C K S

Ele está lembrando.

Mesmo que não seja nem perto do que eu preciso que ele lembre, Matteo está se lembrando. Sem nem mesmo perceber.

Quando senti o toque de seus lábios em meu abdômen, quase chorei de alívio, porque tive certeza de que ele havia lembrado.

Matt já me acordou tantas vezes assim.

Mas quando ele pulou pra longe, eu soube que ele não havia lembrado. Seu beijo foi apenas... instinto.

Assim como me abraçar. Assim como me chamar de Alex.

E foi pensando nisso que eu tive a ideia de brincar com seus instintos, não só relacionados a mim, mas também ao agente que ele é. Por isso, estamos na sede.

Porém, não vou negar que eu esperava algo melhor do que... *isso.*

— Tem certeza que é uma boa ideia? — Ryan questiona, encostado na parede ao meu lado, mantendo os braços cruzados enquanto assistimos Connelly derrubar Matteo pela sétima vez seguida.

Tudo bem que teoricamente Matt só tem o conhecimento que conseguiu até os dezoito anos, além disso, Lian tem treinado comigo há mais de seis meses. É uma desvantagem, mas porra, ele ainda é Matteo Fawcett apanhando para Lian Connelly!

É errado pra caralho.

É como chover pra cima.

— Tá pior do que eu imaginei que seria — suspiro, lutando contra o desânimo. — Você não tem nenhum capacete que possa dar um choque no cérebro dele pra fazer as memórias voltarem?

— To tentando criar algo — confessa, sem me surpreender.

Ryan é tão genial que com certeza deve estar tentando inventar alguma coisa que resolva esse problema.

— E como está indo?

— Pior do que eu, só aquilo ali — responde e acena na direção dos dois.

— Kendricks, posso falar com você? — Connelly pede, deixando que Matteo siga na direção da garrafa de água.

Ele está furioso.

O maxilar está cerrado, os ombros tensos. Mas além de furioso, ele parece frustrado. Como se, no fundo, soubesse que consegue fazer melhor do que isso.

— Diga — falo, voltando minha atenção para Lian, que balança a cabeça.

— Ele não sabe nada. A força é parecida, mas os golpes? — Nega, mais uma vez. — Não é ele, Alexandra.

— Eu sei — suspiro e a frustração me faz ter vontade de espairecer sobre esse tatame.

Porra! É isso!

Me afasto de Lian sem nem mesmo prestar atenção no que ele continua falando e solto o coldre de minha perna, jogando-o com a Glock no chão, o mesmo ponto onde minha camiseta acaba.

Matteo, ao notar a forma como caminho até ele, congela, com a garrafa ainda na boca, porém com os olhos avaliando meu tronco coberto apenas pelo top preto.

— Tá brincando, né, Kendricks? — Connelly questiona, mas não me viro, ignorando-o.

Isso é uma boa ideia? Provavelmente, não.

Mas é a única que eu tenho.

É como Carl disse. Se tem alguém que pode trazê-lo de volta, esse alguém sou eu.

— Vem — chamo, dando alguns passos pra trás.

— O que vai fazer?

— O que sempre fizemos, Matt — respondo e ergo meus punhos.

Posso estar enganada, talvez minha necessidade de fazer sua memória voltar esteja me afetando, mas poderia jurar que um

brilho de animação passa pelos seus olhos escuros quando entende o que eu quero.

— Vamos lutar — decreta, completando o pensamento em voz alta.

— Como nos velhos tempos.



MATTEO FAWCETT

Não souberam me contar muito sobre minha relação com Alexandra, mas conseguiram me falar bastante sobre *ela*.

Eles usavam uma variação de palavras para caracterizá-la, mas todas seguiam a mesma linha. Letal.

Deu pra ver que mesmo que ninguém soubesse muito sobre a pessoa, sabiam muito sobre a agente. Como se Alexandra Kendricks fosse uma lenda que as pessoas passam através das gerações.

E essa lenda, agora está aqui parada na minha frente, me dizendo que vou lutar com ela, depois de mal ter conseguido dar um golpe em um garoto que todos chamam de novato, mas que com certeza sabe muito mais do que eu.

— Está com medo? — ela questiona, debochando.

— Não estou com medo, só acho que isso não vai adiantar.

— Tem alguma ideia melhor?

Suspiro.

Não, eu não tenho uma ideia melhor.

— Vou pegar leve com você, Matteo — avisa, erguendo os punhos.

— Não, você não vai — é a minha vez de debochar, o que faz com que um sorriso brinque em seus lábios.

— Até me esquecendo, você me conhece.

É um comentário ácido que eu não tenho tempo de responder antes que Alexandra chute minha cabeça.

Eu nem mesmo sei como ela faz isso, considerando a diferença de altura entre nós dois, mas seu pé passa rente ao meu nariz, não o acertando apenas por questão de míseros milímetros que eu ganho ao inclinar o tronco para trás.

— Você me ensinou tudo o que eu sei — avisa e desfere um soco em meu queixo, também sem conseguir acertar. — Você me ensinou a revidar. — Mais um soco, mais uma esquivada. — Você me ensinou a lutar.

O sorriso que brincou em sua boca não existe mais enquanto ela golpeia, os dentes cerrados e os olhos em chamas.

— Você conhece todos os meus movimentos. — Me movo para o lado quando Alexandra tenta chutar minha barriga.

Seu olhar encontra o meu enquanto ela ordena:

— Então lute comigo!

Meu corpo obedece antes que minha mente perceba o que está acontecendo, e no instante em que ela se lança sobre mim, não penso ao jogar meu corpo pra trás e apoiar o pé em sua barriga, lançando-a por cima de mim, tomando cuidado apenas para não deixá-la bater sua cabeça ao aterrissar no tatame.

Ouço gritos animados, mas não consigo entender o que dizem porque minha atenção está totalmente concentrada na forma como Alexandra olha pra mim e sorri, orgulhosa. Então ela se levanta e acena na minha direção, enquanto continuo deitado, afetado pelo sorriso que essa mulher tem.

— Que foi, Matteo? Tá com dó? — questiona, provocando.

É como um desafio que eu por algum motivo aceito, me levantando e seguindo para ela, pronto pra fazer o que Alexandra Kendricks quer.

Trocamos socos, chutes, golpes e a cada movimento, tudo se torna... natural.

Não sei como antecipo o que ela pretende fazer, mas prevejo cada uma de suas ações e consigo evitá-las sem precisar pensar sobre isso.

Acho que ela estava certa, afinal.

O meu corpo reconhece o dela.

Reconhece o bastante para que nuble meus pensamentos com o tesão ridículo que sinto a cada vez que noto mais algum detalhe sobre ela.

Estamos lutando!

Eu não deveria estar excitado. Mas eu estou.

A forma como seus seios pressionam o tecido do top. A maneira como o suor escorre por seu abdômen plano. O jeito como alguns fios de cabelo grudam em seu pescoço. O tom avermelhado que toma suas bochechas pelo esforço.

Será que ela fica vermelha assim quando é fodida?

Porra!

Meus pensamentos são jogados para longe quando sem que eu perceba, levo uma rasteira e caio de costas no chão.

Alexandra se abaixa ao meu lado e umedece os lábios, antes de dizer:

— Eu sei que sua cabeça não está aqui — murmura baixo, um sorriso perversamente convencido crescendo em seus lábios. — Conheço o jeito que me olha quando está com tesão, Matteo.

— Sempre foi tão presunçosa?

— Me acha presunçosa ou não quer assumir que quer me comer?

Sorrio e com um movimento tão rápido quanto o que ela usou pra me derrubar, a puxo por cima de mim, girando nossos corpos para que ela acabe com as costas presas ao tatame, meu peito pressionando o seu enquanto apoio o antebraço em seu pescoço,

pressionando-o apenas para mostrar que sou eu quem está em vantagem.

Uma vantagem que ela rouba quando suas pupilas dilatam e ela deixa que seu olhar caia para minha boca, parecendo querer me beijar tanto quanto eu quero fazer isso.

A proximidade faz com que nossas respirações se misturem e eu consigo notar cada mínimo detalhe de seu rosto. Detalhes que eu aposto que sabia de cor.

Preciso de todas as minhas forças para recuperar o controle do meu corpo, ainda mais quando sua boca está tão perto da minha, mas, por sorte, consigo.

— Os dois — respondo baixo e me levanto, precisando colocar um pouco de distância entre eu e a mulher que eu não conheço, mas que parece mais do que capaz de conseguir me colocar de joelhos se quiser.

Ela me perturba de um jeito... assustadoramente intenso.

Dá pra entender por que me apaixonei por ela.



23

ALEXANDRA KENDRICKS

Dias atuais

Somos apenas estranhas

Com a mesma maldita vontade

De ser tocada, de ser amada, de sentir qualquer coisa

Não somos amantes

Somos apenas estranhas

(Strangers - Halsey)

— MATTEO? — chamo, adentrando seu apartamento pela porta que conecta nossas salas enquanto carrego duas Glocks em minhas mãos.

— O quê...? — Seus olhos se arregalam assim que ele coloca a cabeça pra fora de seu quarto e me vê. — Puta que pariu, Alexandra! — esbraveja, se virando de costas, mas só depois de dar uma boa olhada no meu conjunto de lingerie vermelha.

Porque, como eu avisei que faria, aqui estou com minha melhor renda para dormir na mesma cama que ele.

— Dá pra se vestir?!

— Não. E se continuar reclamando, vou tirar o resto de roupa que estou usando — pontuo, invadindo seu quarto, tentando parecer no controle da situação, mas ciente de que eu... porra, eu não tenho controle de nada.

Passamos o dia no centro de treinamento e, no final dele, eu soube que seus reflexos estavam quase totalmente de volta.

Mas só.

Ele está perto de saber lutar como Matt sabia, mas isso não desencadeou mais nenhuma memória sobre nada. *Nenhuma memória sobre mim.*

Sei que faz apenas um dia que ele voltou, mas parece que estou há anos sendo considerada uma desconhecida para o homem que eu amo.

É um inferno!

Agora há pouco, enquanto tomava banho e tentava relaxar, abracei meu próprio corpo e esperei que ele invadisse meu banheiro, me contando que se lembrou de tudo. Ele me abraçaria, diria que me ama, e eu sentiria que meus pedaços estavam sendo colados mais uma vez.

Acontece que ele não fez nada disso, por isso, ainda continuo em cacos.

Cacos que parecem menores a cada vez que paro pra pensar em tudo o que aconteceu desde ontem.

Dói.

Dói ao ponto de me fazer agir como uma maluca e invadir o apartamento de um homem que teoricamente não sabe quem eu sou, enquanto visto apenas um conjunto de lingerie vermelha que eu comprei especialmente pra ele rasgar.

Estou desesperada!

Não sei o que fazer para trazê-lo de volta.

Não sei o que vai acontecer se eu não trazê-lo de volta.

Por isso, estou lutando com as armas que eu tenho. Meu corpo.

A única coisa que *esse* Matteo tem de semelhança com o *meu* Matteo é o tesão que ele sente por mim.

É palpável.

Ele me quer e eu posso estar jogando baixo por fazer algo assim, mas, como eu disse, estou desesperada.

Desesperada e totalmente fora de controle.

E... foda-se! Desde quando eu passei a me preocupar com o que é moralmente aceito? Eu faço o que eu preciso pra conseguir o que eu quero.

Nesse momento, o que eu *quero*, ou melhor, o que eu *preciso* é dele de volta. Se tenho que convencer seu pau primeiro, não estou nem aí.

— Como eu lido com você? — questiona, se virando e desistindo de manter os olhos longe do meu corpo.

— Você costuma me amarrar, me bater e me foder até que eu desmaie e pare de te provocar — respondo, satisfeita ao vê-lo puxar uma respiração profunda, como se minhas palavras fossem demais pra ele. — Vem cá.

Matteo não se move.

— Não é um pedido.

— Costumo te obedecer?

Sorrio.

— Tanto quanto eu te obedeço — assopro. — Vem. Quero ver se ainda consegue mexer com armas.

— E precisa fazer isso vestida assim?

— Sim. — Assinto, sem precisar olhar para a pele que o tecido rendado expõe. — Estou te distraindo?

— Pra caralho — confessa e cruza os braços sobre o peito largo. — O que espera conseguir?

— Te trazer de volta — respondo prontamente. — Já falei, no começo, você não me amava, mas me queria. Talvez eu recomece por aí.

— Se esse for seu plano, saiba que está dando certo.

Sinto meu corpo arrepiar quando o assisto se tornar parte do Matt de antes, dando passos lentos em minha direção.

Volto a me sentir a presa, mas, dessa vez, não fujo. Não quero ser *caçada*, quero ser *comida*. Então, espero.

— Eu quero você. Porém, não vou te tocar. — De onde veio essa porra de veia puritana que Matteo nunca teve?

Bufo, erguendo o nariz, ainda sentada em sua cama enquanto ele me encara, sério.

— Você acredita nas coisas que diz?

— Se é sobre não te machucar, sim — diz, tão prontamente quanto eu, fazendo com que eu feche minha boca com a surpresa. — Não teria o menor problema em te foder, Alexandra, mas não vou fazer isso enquanto não me lembrar. Você merece que eu esteja inteiro e, nesse segundo, eu não estou. Então pode usar essas rendas minúsculas. Pode ficar pelada se quiser. Vai me dar um bom material para o meu banho, mas não vai me fazer te tocar.

— Vai pensar em mim no banho?

Matteo ri baixo, balança a cabeça e se senta na minha frente.

— Não só no banho — confessa a contragosto e acena para as armas. — O que quer que eu faça?



MATTEO FAWCETT

— Escolha — Alexandra manda, soltando ambas as pistolas sobre o colchão. — Uma é a sua e a outra é a minha.

— Qual é a minha?

Ela dá de ombros e apoia as duas mãos atrás de si, esticando o corpo e tombando a cabeça para me olhar, desafiadora.

Me concentrar nas armas é um trabalho difícil pra caralho, principalmente com as curvas que parecem implorar por minha

atenção. O formato dos seios, a cintura fina, as pequenas marcas que quero voltar a beijar, o vale entre suas pernas...

Não, ela não está me *distraindo*, ela está me enlouquecendo.

— Me diz você. Qual é a sua Glock?

Abaixo os olhos para as duas pistolas e procuro por qualquer coisa que possa diferenciá-las, mas elas são idênticas, desde as ranhuras até o formato do gatilho.

— Pode tocar se quiser — oferece, um sorrisinho provocante se abrindo enquanto subo meus olhos para o seu rosto. — E eu nem estou falando só sobre as armas.

— Não vai facilitar minha vida, vai? — Balanço a cabeça, impedindo sua resposta. — Quer saber? Esquece. Tem coisas que não precisam ser ditas. Claro que não vai facilitar minha vida — resmungo.

Não seria surpresa alguma, caso ela invadisse meu apartamento amanhã com um conjunto ainda mais elaborado do que esse que está usando. Também não seria surpresa se eu, mais uma vez, travasse uma batalha interna sobre tocá-la ou não.

Porra.

Eu não posso.

Essa mulher me ama e eu quando sei quem sou, a amo também.

Não posso fodê-la pensando apenas no fato de que ela é gostosa pra caralho porque tenho certeza que não foi só sua aparência que chamou minha atenção pela primeira vez. Aposto que seu humor ácido teve algo a ver com isso. Mas também aposto que as sombras em seus olhos tiveram seu papel.

Alexandra é a mistura de garota problema com um pedaço do paraíso. Tentadora pra caralho.

E eu não preciso me lembrar de tudo pra ser perturbado por essa expressão de desafio, lábios curvados em um sorriso diabólico e corpo curvilíneo.

— Para de me encarar — diz, fazendo com que eu note que meus olhos continuam sobre ela e não sobre as pistolas.

— Não estou encarando — respondo.

Sua expressão confiante vacila e ela engole em seco.

— O que tá fazendo, então? — A expectativa em sua voz baixa mostra que eu deveria ter uma resposta certa pra isso, como se as próximas palavras estivessem escritas em algum roteiro que eu deveria saber.

Vasculho minha mente, desesperado pra lhe dar o que ela quer.

Existe uma resposta certa, mas eu não sei qual é, por isso, suspiro derrotado.

— Eu não sei — confesso e abaixo o olhar antes que eu assista a decepção chegar até seu rosto.

Desde ontem, já vi esse sentimento passar por ela várias vezes e sempre foi relacionado a mim.

Não gosto de decepcionar Alexandra.

A mera ideia de vê-la desapontada com algo faz com que eu tenha vontade de sacar qualquer uma das pistolas à minha frente apenas para resolver o problema. Exceto que... *eu* sou o problema.

— Tudo bem — diz, baixo. — Pegue sua arma.

— Eu não sei...

— Pegue a *sua* arma, Matteo!

Paciência é uma virtude que ela com certeza não tem.

Sem pensar, agarro a pistola da direita, mas assim que a toco, franzo o cenho e ergo o olhar para o seu rosto sério.

Não dá pra ver se ela está feliz ou irritada. Alexandra não me dá uma única pista sobre ter feito a escolha certa.

Mas eu sei que não fiz.

Cada célula do meu corpo diz que estou errado, por isso, seguindo os mesmos instintos que segui hoje enquanto lutávamos, devolvo a Glock sobre o colchão, mantendo meus olhos nos dela, e pego a arma da esquerda.

Então ergo minha sobrancelha e solto a segunda pistola de volta.

— Nenhuma dessas é a minha. — Não sei de onde vem a confiança que eu sinto ao assumir isso com tanta convicção. Mas não há dúvidas em minhas palavras.

— Como sabe?

— Eu só sei.

Ela sorri.

É um sorriso feliz, iluminado, satisfeito e nem um pouco desapontado.

É lindo pra caralho.

Faz com que meu coração bata mais descompassado, principalmente quando minhas mãos coçam com a vontade de puxá-la para perto apenas para beijá-la enquanto ela sorri.

O efeito que Alexandra tem sobre mim é assustador.

Teoricamente, eu a conheço há dois dias, mas já é o suficiente pra eu entender que mataria pra conseguir mais desses sorrisos.

— Para de me encarar — repete.

— Não estou encarando.

Como se as palavras fossem ondas quebrando na praia, dessa vez, uma onda vem mais forte e atinge um ponto mais distante na areia, fazendo com que eu acrescente a frase que eu sei que devia ter dito antes:

— Estou admirando.

Continuo admirando quando o sorriso se amplia.

É uma frase tão curta, mas que parece significar tanto pra ela.

Como foi que eu esqueci dela?

— Matt? — a voz destoa da pose de poder em que ela se mantém e eu sei que ao me chamar assim, ela não está sendo Alexandra Kendricks, ela está sendo *Alex*.

Consigo notar sua vulnerabilidade na forma como sua voz soa baixa, assim como noto na maneira como seus olhos brilham, dezenas de sentimentos passando por eles.

— Eu realmente sinto sua falta — confessa em um sussurro.

Por instinto, me inclino pra frente, pronto para puxá-la pra perto e abraçá-la, mas ela me impede, erguendo a mão entre nós.

— Se me segurar, não vou deixar você me soltar — avisa, dando um riso nervoso. — Vou buscar sua arma e já venho.

Quando estou sozinho no meu quarto, entendo que mesmo sem me lembrar de tudo, também sinto falta de ser quem eu era.

Sinto falta de ser o Matt porque de alguma forma sinto falta de vê-la sendo Alex.

É bizarro.

Não faz sentido.

Mas é o que é.

Como todos nos definem, é assustadoramente intenso.



ALEXANDRA KENDRICKS

Em minha mente, existe uma versão de Matteo.

A versão completa. Com as respostas certeiras, olhares maliciosos, sorrisos verdadeiros e cumplicidade latente.

Em minha mente, existe a versão do homem que juntou todos os meus cacos e os colou, me deixando inteira novamente.

Vivendo em minha mente, está a pessoa que me deu amor sem me cobrar isso em troca, até que eu aprendi a retribuir o sentimento.

Em minha mente, eu tenho o Matteo que é a paz em meio ao meu caos. Minha segurança. Meu parceiro. Meu amigo. Meu oxigênio. Meu amor.

Porém, em minha frente está uma versão incompleta de tudo o que eu conheço.

Ele não tem respostas certeiras, tenta controlar os olhares maliciosos, esconde os sorrisos verdadeiros e não está acostumado com nossa cumplicidade latente.

O homem em minha frente se parece muito com o que eu tenho em minha cabeça, mas não é igual, porque diferente do *Matt* que eu conheço, o *Matt* que está aqui está ainda mais quebrado do que eu estive há oito anos, porque naquela época, eu podia estar em cacos, mas todos os meus cacos estavam comigo. Com ele é diferente, afinal, há uma grande parte faltando.

Nossa história está faltando.

E eu não tenho a menor ideia de como consertar isso.

Eu não sei se isso pode ser consertado.

Talvez não possa.

Estremeço com essa possibilidade e acabo atraindo o foco de Matteo, que continua analisando a pistola que deixou quando foi para a missão.

— Com frio?

— Um pouco — minto, sem querer proferir em voz alta o motivo que me fez estremecer.

— Deveria se vestir.

— Ou você poderia me esquentar — ofereço e me inclino pra frente. — Sempre acabei suada quando nós dois...

— Você *precisa* facilitar pra mim — suplica, me interrompendo.

— Nunca facilitei pra você, Matteo. Não vou começar agora — aviso e aceno com o queixo para onde ele, sem precisar olhar para o que está fazendo, acaba de montar a Glock, mostrando o quanto sua memória motora parece ficar cada vez mais afiada.

A cada segundo, ele se parece mais com meu parceiro de campo. Mas continua longe de ser o Matt que eu preciso de volta.

Óbvio que espero que tudo relacionado aos dez anos volte, mas, com certeza, estou mais ansiosa pra que ele se lembre de *mim*.

Estou com saudade de Matteo porque mesmo que ele esteja em minha frente, ele ainda está longe. A versão que eu conheço e amo está em um lugar onde eu não sei se vou conseguir recuperar.

Que porra de pensamento fodido!

Antes que acabe estremecendo mais uma vez, fico em pé.

— Tudo bem, hora de descansar — decreto, limpando a garganta e recolhendo as três Glocks que estão entre nós dois.

— Tudo bem? — pergunta, curioso e eu assinto. — Alex?

De costas para ele, fecho os olhos, absorvendo a forma como sua voz soa preocupada ao me chamar assim. É como ter uma pequena amostra do antigo Matt. Uma amostra que só faz com que eu tenha ainda mais saudade dele.

— Só estou cansada — minto.

Sinto que estou quebrando nossa promessa sobre não fazermos joguinhos um com o outro, mas o que vai adiantar dizer que estou incomodada ao saber que ele não se lembra de mim?!

Solto as pistolas dentro do guarda-roupa e apago a luz do quarto, evitando que ele veja qualquer sombra de medo que pode estar passando por meus olhos enquanto caminho para a cama.

— Vai dormir comigo assim?

Tentando me afastar da angústia, bufo um riso.

— Na sua cabeça você é virgem? — pergunto abruptamente.

— Como é? — A descrença em sua voz me diverte e Matteo mesmo sem tentar, consegue aliviar um pouco de tudo de ruim que estou sentindo.

— Teoricamente, você só tem lembranças de dezoito anos, não é? Se lembra como é transar?

— Tá falando sério?

— Claro que tô. Você me olha como se nunca tivesse visto uma mulher na vida.

É sua vez de bufar um riso.

— Nunca vi uma mulher como *você* na minha vida.

— Viu sim. Milhares de vezes — acuso e sorrio no escuro. — Tocou também. Bateu, mordeu, lambeu, chupou. Já fez tanta coisa comigo, Matteo, que eu nunca poderia te explicar. Mas posso te mostrar.

Ele fica em pé.

— Onde você vai?! — questiono, assistindo sua silhueta seguir para o banheiro.

— Bater uma pra você, Alexandra — diz por cima do ombro. — Porque posso até não me lembrar dessas milhares de vezes, mas posso imaginar.

— Pode fazer isso na cama se quiser — ofereço. — Podemos fazer juntos. Aposto que vai gostar mais de assistir do que só de imaginar.

Sua resposta é fechar a porta entre nós dois e eu não posso deixar de rir baixinho.

Mesmo sem ser ele, Matteo ainda tem o efeito que sempre teve.

Ele acalma meu caos.



24

ALEXANDRA KENDRICKS

Dias atuais

Guarde seu conselho, porque eu não vou ouvir

Você pode até estar certo, mas eu não ligo

Há um milhão de motivos para que eu desista de você

Mas o coração quer o que ele quer

(The heart wants what it wants - Selena Gomez)

FECHO A PORTA que divide nossos apartamentos e enfio as mãos no cabelo, puxando-o com força o suficiente para que o couro cabeludo arda, entretanto, a dor não é o suficiente para acalmar o desespero que cresce dentro de mim.

Cinco dias.

Já faz cinco dias que ele está de volta e todo o progresso que fizemos no primeiro dia, simplesmente, esgotou.

Ele se lembrou de algumas coisas, como os golpes ou algumas provocações. Mas só.

Ele não se lembra de mais nada!

Ele continua me chamando de Alexandra ao invés de Alex.

Ele continua se enfiando no banheiro ao invés de lidar com o desejo da forma como fazíamos antes.

Ele continua não sendo o meu Matt.

E mesmo que eu fique feliz por ter a chance de trazê-lo de volta, eu também estou apavorada porque não tenho a menor ideia de como fazer isso!

Minha mão coça com a vontade que sinto de agarrar a Glock que está no cós da minha calça. Quero atirar em algo. Quero quebrar algo. Quero Matteo de volta!

Preciso dele de volta.

Pelo menos de *um indício* de que ele vai se lembrar de mim. Porque eu não tive nenhum deles nos últimos dias.

Sinto seu olhar em minhas costas antes que ouça qualquer coisa e me viro para a porta que foi aberta sem que eu me desse conta, meu desespero claramente diminuindo minha atenção difusa.

Matt está encostado no batente, a expressão sendo uma mistura entre frustração, preocupação e... tristeza.

— Para de me olhar assim — peço, deixando de puxar o cabelo, mas sem esconder o quanto estou próxima da insanidade.

— Acho que a gente precisa conversar sobre a possibilidade de...

Puxo a Glock do cós da minha calça e balanço a arma pra ele, mantendo o dedo longe do gatilho.

— Antes de pensar em falar sobre sua memória não voltar, lembra que estou armada, tá bom? Não quer me irritar.

Matteo balança a cabeça, bufando um riso sem humor.

— Como se você precisasse da arma pra ser perigosa — debocha, então vem em minha direção, sem se preocupar com minha ameaça vazia.

Engulo em seco, deixando que ele retire a pistola da minha mão, sustentando seu olhar enquanto ele me desarma, tanto física quanto emocionalmente.

Não considero isso um indício porque sei que ele não percebe, mas a forma intensa como Matteo me olha é uma das únicas coisas que consegue me tranquilizar atualmente.

Seu olhar e seu toque, mesmo que eu só consiga essa segunda parte durante a noite quando ele também sem perceber,

me puxa para perto.

Sim, em meio ao sono, ele me abraça. Apertado. Forte. Possessivo.

Eu acordei desde a primeira noite em que ele fez isso. Mas com certeza não o impedi.

Na manhã seguinte, fingi estar dormindo enquanto ele se esquivava de mim.

Não falei nada e ele também não, mas na noite seguinte, ele me puxou pra si novamente. E eu mais uma vez me deixei ir.

É como se durante o sono Matt voltasse a ser ele por alguns segundos, como se parte da necessidade que ele sentia por mim, voltasse.

Como na primeira noite, acordei em todas as outras. Como na primeira manhã, não comentei nada ao acordar.

São migalhas que eu ganho dele e eu não estou disposta a perder isso por fazer alguma piada.

Continuo o provocando, tanto com comentários quanto pelas lingeries que uso sempre que estamos juntos, mas não vou provocá-lo sobre isso.

— O que acontece se eu não me lembrar? — questiona, parado em minha frente, próximo o bastante pra que eu sinta seu cheiro, mas longe o bastante pra me impedir de sentir seu calor. — O que acontece se eu perder aquela parte pra sempre?

Rio, fraca.

Não há humor porque não existe nem uma ponta de felicidade no que digo:

— *Aquela parte* sou eu.

— É o que estou te perguntando. Se eu não me lembrar, eu te perco?

Engulo em seco.

— Não, Matt. Se você não se lembrar, *eu* te perco.

Porque ele sem memória não vai sentir falta dos nossos momentos. Ele nunca vai entender a intensidade de tudo o que

vivemos. Ele não vai saber o que perdeu. Eu vou.

Imagino que não se lembrar seja algo ruim, mas não tenho dúvidas de que ser esquecida é ainda pior.

Matteo assente e segura o cano da Glock antes de virar a empunhadura pra mim, deixando que eu a segure, mas não a deixando ir.

— Não estou desistindo — avisa, mantendo o armamento entre nós dois.

— Nem eu.

Isso parece confortá-lo, porque um pequeno sorriso brinca em seus lábios, o que automaticamente faz com que eu também sorria.

— Vamos lá, Matteo Fawcett. Preciso do meu parceiro de volta — chamo, aumentando nossa distância. — E acho que eu sei o que podemos fazer hoje.



MATTEO FAWCETT

— Sabe o que é engraçado? — ela pergunta, apoiando os braços sobre o capacete que descansa no tanque da moto. — Você tá me olhando do mesmo jeito de antes e nem sabe disso.

— Provavelmente porque eu também sentia tesão ao te ver em cima de uma moto dessa antes — respondo, sem tentar negar o quanto ela consegue perturbar meus pensamentos com uma ação tão pequena quanto passar a perna por cima da S1000RR.

— Sabe o que também é engraçado?

— Não, Alexandra — suspiro, sabendo que o que quer que ela esteja achando engraçado, provavelmente é algo que está me

perturbando. — O quê?

— Você assume que sente tesão por mim, mas não gosta da ideia de ir pra cama comigo — pondera, provando meu ponto.

— Você se diverte? Me torturando?

— Me divertiria mais se estivesse sentando em você, mas a gente luta com as armas que tem, não é? — Pisca, sorrindo ao me assistir balançar a cabeça e montar na moto, que segundo ela, é minha.

— Vamos correr ou você prefere ficar pensando no meu pau?

— Posso pensar no seu pau enquanto corro.

— Alexandra...

Ela gargalha.

É um riso leve, gostoso que faz meu estômago revirar porque não faz sentido que eu tenha esquecido desse som.

Eu me odeio por ter esquecido esse som.

— Vamos correr, Matt — cede. — Pode fingir que não sabe o que está passando em minha cabeça, igual eu finjo que não sei o que passa pela sua toda vez que se enfia no banheiro pra se aliviar.

O que tem acontecido diariamente desde quando voltei, ainda mais quando essa filha da puta aparece no meu quarto com uma variedade assustadora de rendas. Uma mais trabalhada do que a outra. Uma mais tentadora que a outra.

— Sabe o que fazer?

Não posso negar que me surpreendo um pouco com o quão natural é ligar a moto e acelerá-la. O som alto do motor potente, juntamente com a vibração que corre por meu corpo, me faz sorrir porque eu vejo que sim, eu sei o que fazer.

— Eu vou correr e você vai tentar me pegar — ela avisa, ajeitando o capacete, mas mantendo a viseira aberta para que eu a ouça.

— Acha que eu consigo te pegar? — afinal, ela é *Alexandra Kendricks*.

Seus lábios se curvam em um sorriso perverso enquanto liga a própria moto.

— Nós dois sabemos que sim — afinal, no fundo, eu sou *Matteo Fawcett*. — Vai me dar cinco segundos de vantagem?

A resposta se forma em minha boca sem que eu saiba de onde vem, mas as palavras que eu solto soam mais naturais do que minha própria respiração:

— Você sempre está em vantagem comigo, Alexandra.

Então, com um estrondo, ela acelera.

E eu a sigo.

No fundo de minha mente, um lembrete soa sobre como estamos quebrando todas as leis de trânsito ao correr assim no meio de uma cidade, mas os lembretes são silenciados sob as dezenas de buzinas e xingamentos direcionados a nós.

Tudo se torna um borrão, exceto pela silhueta que eu persigo, ansioso para pegá-la.

Ansioso para fodê-la.

Porque é só nisso que eu consigo pensar enquanto corro atrás dela. No quanto eu a quero. No quanto eu a desejo.

E isso é absurdo porque eu nem mesmo posso dizer que conheço Alexandra, entretanto, a necessidade que tenho por essa mulher é algo latente, o que só me leva a outro questionamento: o que o Matteo de antes sentia por ela?

Amor não parece ser algo grande o suficiente para descrever.

Ela foi apagada da minha cabeça, mas não há dúvidas de que ainda há muito dela em mim, mesmo que eu não entenda o que fazer com tudo isso.

Minhas células queimam por essa mulher. E isso é assustador.

Tento vasculhar minha mente atrás de qualquer resquício que possa ter sobre nossos anos juntos, alguma memória que escapou do apagão que eu sofri, mas não há nada além da dor de cabeça que anuncia seu retorno. Não me lembro do beijo, do gosto, dos medos. Não me lembro de nada.

Mas, ainda assim, quando penso sobre ela, sinto saudade de tudo relacionado a nós dois. De tudo relacionado a *ela*.

Quero mais de Alexandra, mesmo que eu não saiba o que isso signifique.

Porém, não estou disposto a pegar nada antes de poder entregar-lhe o que merece.



A L E X A N D R A
K E N D R I C K S

Enquanto corremos, eu não penso.

Enquanto corremos, somos *Alex e Matt*.

E enquanto somos Alex e Matt, nada mais importa.

Não pego leve porque dá pra ver que ele não precisa, então acelero mais a cada segundo, realmente tentando despistá-lo, mas a cada olhada que dou para o retrovisor, encontrando-o perto, não posso deixar de *desejar* ser pega, mesmo que eu saiba que ele não vai fazer o que costumava fazer antes.

Quando Matteo me pegar, não vamos levar nossa brincadeira para o colchão. E isso me frustra.

Não vou negar que tenho esperança de que, caso a gente transe, ele se lembre. Como um toque de mágica. E mesmo com meu baixo senso de autopreservação, sei que posso acabar sofrendo, caso isso não aconteça. Mas o medo da dor que pode atingir meu coração não faz com que minha boceta sinta menos necessidade de ter seu pau me rasgando.

Uma necessidade que aumenta mais a cada quilômetro que corremos, afinal, a perseguição sempre foi uma das nossas

preliminares. E como sempre, nossas preliminares me deixam encharcada.

Jogo a moto para a direita, me colocando na frente de um caminhão, usando-o de barreira entre mim e Matteo, evitando que ele me veja.

Já que eu não vou ser fodida quando for pega, vou dificultar ao máximo essa perseguição. Pelo menos estendo a excitação da caça que não vai levar a lugar algum, mas que me dá a falsa impressão de que voltamos a ser nós dois.

Espero alguns segundos antes de guiar a moto para a direita, seguindo para uma estreita estrada de terra que pela nossa localização leva para algum ponto da reserva de *Middlesex Fells.*

Espero o farol de sua moto me seguindo, mas pelo retrovisor não vejo ninguém.

Que ótimo.

Parece que ele só precisava perder a memória pra que eu conseguisse despistá-lo.

Decido lhe dar alguns minutos para que perceba que me perdeu de vista, então desligo a moto, assim que chego na parte de trás de uma espécie de cabana com acesso permitido apenas para funcionários.

Pego meu celular do bolso da jaqueta e desbloqueio a tela, mas antes que possa perceber, sinto a movimentação em minhas costas e não tenho tempo de me virar antes que meu corpo seja pressionado contra a parede em minha frente, seu peito contra minhas costas forçando meu rosto contra a madeira.

Sorrio.

— Costuma sorrir quando é pega? — Matteo questiona em meu ouvido, a voz profunda causando um arrepio em minha coluna.

— Quando é você me pegando, sim — respondo, sem a menor intenção de me afastar de onde sinto seu pau endurecer contra minha bunda. — Como me encontrou?

— Nunca te perdi.

Essa pequena frase causa um reboliço dentro de mim, mas antes que eu possa pensar demais sobre tudo o que ela implica, com um movimento rápido, me solto de seu aperto e inverto nossas posições, prendendo-o contra a parede enquanto o seguro no lugar com o antebraço pressionando sua traqueia.

Nossas respirações se misturam ao respirarmos o ar um do outro. Meu coração bate descompassado e eu involuntariamente pressiono as pernas juntas. É como se meu corpo não entendesse que dessa vez nossas preliminares não nos levarão a lugar algum.

O calor sobe pela minha pele e eu buscando por ar entreabro os lábios, atraindo atenção de Matteo para minha boca, que parece tão afetado quanto eu.

— Você devia se afastar — avisa, grave, mas contrastando com o que diz, suas mãos sobem para os meus quadris. Seus dedos se afundam na carne, a pressão familiar quase fazendo meus olhos rolarem, principalmente quando sou puxada contra sua ereção.

Porra.

Engulo em seco e balanço a cabeça sutilmente negando, porque se um de nós dois for quebrar o contato, *com certeza* não serei eu.

— E se isso te ajudar a lembrar? — pergunto, baixinho.

— E se não ajudar? E se eu não lembrar e isso te machucar?

— Estou disposta a me machucar por você, Matteo — confesso e diminuo a força com que pressiono sua traqueia, deixando que meu braço deslize até que minha palma esteja apoiada em seu ombro.

Em um segundo, estamos imóveis, alternando olhares entre nossas bocas e nossos olhos, um corpo pressionado contra o outro de uma maneira que não acontece há meses. De uma maneira que me deixa quente.

Então, no segundo seguinte, a distância entre nossos lábios desaparece quando Matteo me puxa pra perto e me beija. Forte, duro, desesperado.

Nem mesmo tento conter o gemido de apreciação que me escapa e se mistura com o grunhido rouco que reverbera pelo seu peito largo.

Calor sobe pelo meu corpo, assim como sua mão, que se enrola nos fios do meu cabelo, usando-os como uma rédea para tomar o controle da minha cabeça e me puxar pra si. Uma de suas pernas se enfia entre as minhas e eu choramingo, sem nem um pingo de pudor, e me esfrego em sua coxa, sentindo minha boceta ainda mais encharcada enquanto nossas salivas se misturam.

Ele me beija como sempre beijou. Com desejo e confiança, ciente de que o quero na mesma proporção que ele me quer. E é delicioso.

Desesperada por mais, corro os dedos por seus ombros um pouco mais magros do que antes, mas ainda fortes e definidos. Arranho o tecido da jaqueta preta e, *porra*, como eu queria correr minha língua pelas curvas de seus braços!

Deslizo as palmas por seu peito e abdômen, sentindo as ondulações firmes e quando chego no cós da sua calça, pronta pra tocar a ereção que esmaga meu estômago... ele me para.

Suas mãos soltam meu cabelo e cintura e se fecham ao redor de meus punhos, interrompendo qualquer processo de exploração que eu pretendia fazer.

— Nem fodendo — grunho em sua boca e, irritada, afundo os dentes em seu lábio inferior, conseguindo uma mordida de volta, que ele dá, antes de me lançar um olhar severo.

— Não quero fazer isso sem me lembrar.

— O cacete que não quer — rosno e empurro meu quadril contra o dele. — Seu pau tá duro como uma pedra.

Seus olhos brilham em chamas.

— Tudo bem. Eu *quero*. Mas não vou.

Penso em um milhão de respostas para lhe dar.

Penso em debochar sobre como ser um bom garoto não lhe cai bem. Penso sobre garantir que neste momento não me importo com sua memória, mas sim com seu pau. Penso sobre ignorar sua

recusa e simplesmente ir em frente, afinal, sei que ele quer isso tanto quanto eu.

Milhões de respostas zanzam pela minha mente.

Mas, no final, eu apenas me empurro pra longe, desmontando de sua coxa.

— Tudo bem — digo e olho ao redor, antes de seguir até a porta da cabana.

— Aonde você...?

Sua frase é interrompida no segundo em que eu sem esforço chuto a madeira e arrombo a porta com a sola do coturno que estou usando.

Sem lhe dar um único olhar, invado o espaço pequeno e que fede a graxa, já levando as mãos até o cós da minha calça, abrindo os botões enquanto ouço seus passos vindo atrás de mim.

— O que você está fazendo?

— Eu *preciso* gozar, Matteo! — grunho e me viro para olhá-lo no exato segundo em que enterro a mão entre minhas pernas, sentindo a umidade ultrapassar o tecido da calcinha. — E eu entendi que não vai fazer isso por mim, então eu vou resolver sozinha. Você pode ficar e assistir, ou pode se virar e ir embora.

Realmente acho que ele vai escolher a segunda opção. Ele parece *querer* escolher a segunda opção.

Mas ao invés de me dar as costas e se afastar, Matteo Fawcett decide entrar no meu jogo enquanto cria as próprias regras.

— Vou assistir, mas quero a visão completa — anuncia com a voz rouca e fecha a porta atrás de si, fazendo com que a única iluminação dentro da cabana seja a que vem da pequena janela no topo da parede, mas que é mais do que o suficiente pra que eu veja o movimento de suas mãos chegando ao cós da própria calça.

Não deixo que a surpresa me pare porque não quero lhe dar tempo para que mude de ideia, por isso, faço o que me pede e deslizo a calça para baixo, acabando apenas com a camiseta, a calcinha e os coturnos pretos, mas deixo de me mover quando ergo os olhos novamente para ele.

— Que cara é essa? — questiono, sem entender a mistura de tesão com... descrença?

— Não sei como consegui esquecer algo assim — confessa, acenando com o queixo em minha direção.

— Talvez eu possa refrescar sua memória — ofereço e me inclino no maquinário atrás de mim, abrindo as pernas e afastando o tecido da calcinha para lhe dar a visão de minha boceta.

Sob a baixa luz, vejo seu maxilar cerrar quando abre a calça, liberando o próprio pau.

Minha boca saliva e minha boceta pulsa.

— Refresque, Alexandra — pede, a voz rouca enquanto fecha os dedos ao redor do pênis. — Como gosta de ser fodida?

Minhas pálpebras pesam e minha boca se abre no segundo em que toco meu clitóris, a umidade fazendo com que meus dedos deslizem com facilidade contra mim.

Com movimentos lentos, circulo minha entrada, mas sem desviar os olhos de onde Matteo, tão lentamente quanto eu, sobe e desce a mão pelo pau, se masturbando no ritmo que eu dito.

Não é a primeira vez que fazemos isso juntos, mas não ter ideia de quando repetiremos isso novamente faz com que eu aja sem pressa, tentando ao máximo prolongar esse momento.

Deslizo a mão esquerda até meu seio e o aperto, beliscando o mamilo e gemendo ao enterrar dois dedos dentro de mim, e mesmo que eu mantenha meus olhos abertos, assistindo-o a vários passos de distância, não posso deixar de imaginar que é ele quem está me fodendo.

Penso que é sua mão apertando meu peito enquanto seus dedos me invadem, e posso até mesmo visualizar seu sorriso de satisfação ao ver quão encharcada estou pra ele. Quão encharcada eu fico *apenas* pra ele.

Afasto as pernas ainda mais e tombo a cabeça pra trás, fechando os olhos com a sensação do terceiro dedo que empurro pra dentro.

Gostaria de assisti-lo, mas prefiro que ele me assista, afinal, essa imagem está mais do que viva pra mim, mas não pra ele, então eu me entrego ao momento para que Matteo tenha o que perdeu.

Pelo menos, eu tento me entregar, mas sou puxada para o presente no segundo em que sinto o aperto em minha garganta.

Me sobressalto, assustada, e dou de cara com Matteo segurando meu pescoço, os olhos em chamas e a outra mão ainda deslizando por seu pau.

— Não desvie os olhos de mim, Alexandra — rosna e aperta o polegar um pouco mais. — Vai gozar me olhando.

Sua voz rouca pelo tesão faz minha boca secar, mas eu o obedeço, movendo meus dedos dentro de mim enquanto sustento seu olhar.

— Mais rápido.

Novamente, obedeço e noto como sua punheta acelera enquanto segue o ritmo que eu imponho.

O som de meus dedos entrando e saindo de minha boceta encharcada ecoa pela cabana, juntamente com sua respiração entrecortada e meus gemidos sufocados por seu aperto em meu pescoço.

E é delicioso.

Como todas as vezes em que Matteo me tocou ou me olhou com tesão é enlouquecedor e, sentindo seu olhar intenso sobre mim, analisando minhas emoções e reações, desisto de controlar meu próprio jogo, afinal, é ele quem está no controle.

Mordo o lábio inferior e luto para não rolar os olhos quando apoio minha palma em meu clitóris, estimulando-o enquanto aumento a velocidade da masturbação, assim como Matteo, que alterna olhares entre meu rosto e o vale entre minhas pernas.

— Está imaginando que sou eu, Alexandra?

— Eu sempre imagino que é você — confesso, gemendo.

— Bom. Eu também imagino que é você.

Gostaria de aproveitar essa deixa para envolver seu pau, mas não posso negar que gosto da tortura que estamos infligindo um ao outro.

Estamos, literalmente, ao alcance dos nossos toques, mas ver o que causamos sem precisar disso é excitante pra caralho.

Excitante o bastante para que meu orgasmo cresça, tão descontrolado quanto eu, e com mais um choramingo longo, eu gozo.

Minhas pernas tremem, assim como meu ventre e minha boceta pulsam ao redor dos meus dedos. Ao mesmo tempo, Matteo geme, rouco, e eu sinto o jato de porra atingir minha coxa, o líquido quente escorrendo pela minha perna e me inebriando tanto quanto a sensação de sua mão ainda em meu pescoço.

Gosto de sentir seu gozo sobre mim, assim como gosto de sentir meu cheiro sobre ele, e é com esse pensamento que sem lhe dar tempo de pensar, tiro minha mão do meio das minhas pernas e passo sobre seus lábios, sentindo a surpresa cruzar seus olhos tanto quanto o tesão por sentir minha excitação em sua boca.

— Caso você queira lembrar do meu gosto — murmuro, rouca, então o empurro para o lado porque sei que mais nada acontecerá aqui.



25

MATTEO FAWCETT

Dias atuais

Como você pode sentir falta de alguém que nunca conheceu?

Porque eu preciso de você agora, mas ainda não te conheço

Mas você pode me encontrar logo porque estou preso na minha cabeça?

Sim, eu preciso de você agora, mas ainda não te conheço

Porque ultimamente tem sido difícil

Eles estão me vendendo por partes

E eu não quero ser uma arte moderna

Mas eu só tenho metade de um coração

Para dar a você

(IDK you yet - Alexandre 23)

SINTO COMO SE minha mente estivesse fora do meu corpo desde o segundo em que Alexandra espalhou seu gosto em minha boca.

Ela agiu como se não fosse nada, mas, naquele segundo, ela acabou com qualquer resquício de sanidade que pudesse existir em mim. E depois, ela continuou não aliviando minha vida.

Na mesma noite, como todas as anteriores, ela veio até minha cama, usando um conjunto de renda ainda melhor do que o anterior, se deitou ao meu lado e dormiu como se não estivesse

tentando me enlouquecer com sua presença. Na manhã seguinte, acordei com o pau doendo de tão duro, enquanto sua bunda estava pressionada contra minha virilha. Porque isso se tornou uma rotina.

Desde a primeira manhã, acordei com a mulher entre meus braços.

Gostaria de dizer que tinha certeza que era mais um de seus planos para me trazer de volta, mas era nítido pela forma como eu a segurava que eu era o culpado por cada vez que acordamos enlaçados um no outro.

Esperei que Alexandra dissesse alguma coisa pra que eu me desculpasse por tocá-la assim, mas ela nunca reclamou e eu nunca fiz nada pra evitar.

Porém, tudo se tornou pior desde a tarde em que vi sua boceta pingando por mim, a excitação se espalhando por suas coxas à medida que ela tocava a si mesma, me olhando.

Queria substituir seus dedos pelo meu pau, minha boca, meus dedos. Queria tocá-la além do que a forma possessiva como agarrei seu pescoço.

Mas eu sabia que não devia.

Não, enquanto eu não sou quem ela tanto quer de volta.

Porém, saber disso não serviu pra evitar que eu lambesse meus lábios depois que ela esfregou os dedos encharcados pela minha boca.

Viciante pra caralho.

Seu gosto, seu cheiro, sua expressão ao gozar.

É tudo viciante pra caralho e eu sei que preciso de mais, mas também sei que preciso usar um pouco da razão para não machucá-la, afinal, ela quer o toque do Matt que eu não sou, mas que quero me tornar.

Por ela.

Claro que me incomodo de não lembrar do resto, mas não ser a pessoa que Alexandra Kendricks ama é, de longe, a pior parte de ter perdido os últimos dez anos.

Sentado na cadeira em frente à mesa de Carl, lanço um olhar para onde ela está em pé, os punhos apoiados na madeira enquanto os olhos se mantêm fixos no dossiê em sua frente, o silêncio reinando enquanto esperam que ela aceite ou recuse a missão.

Estudo seu corpo coberto pela calça preta, camiseta clara, coturno de cadarços e o coldre em sua coxa. Mas também estudo o rosto, desde o cabelo escuro e ondulado, até os lábios cobertos de vermelho e olhos intensos.

— Qual a pegadinha, Carl? — questiona, quebrando o silêncio ao fechar a pasta e olhar para o diretor da sede, que dá de ombros.

— Não tem pegadinha.

— É uma invasão num cartel — pontua.

— Para apreensão de um carregamento de drogas.

— Exatamente! Qualquer equipe da SWAT consegue fazer isso, por que precisa que eu vá?

— Não preciso. Mas quero testar as habilidades dele. — Acena com o queixo para mim.

— Não — responde prontamente.

— Alexandra...

— Carl. Não. Matteo não vai a campo até eu ter certeza que ele consegue se defender.

— Acabou de dizer que qualquer equipe consegue resolver isso. — Carl tomba a cabeça e ela assente.

— Acontece que eu não perderia o juízo se uma equipe toda morresse — diz e desliza a pasta na direção dele. — Se precisar que eu vá, tudo bem. Eu vou sozinha. Mas Matteo não vai.

— Se eu não for, você não vai — digo, falando pela primeira vez desde o segundo em que o dossiê foi entregue.

Devido a minha... *falta de experiência*, não costumo opinar sobre o que eles debatem aqui na agência. Posso estar com alguns reflexos voltando, mas minha memória não permite que eu julgue bem as decisões que eu tomo, por isso, deixo que eles decidam o

que sabem ser melhor, ignorando até mesmo quando falam sobre mim como se eu não estivesse presente.

Porém, nem por um caralho vou deixar que Alexandra vá pra uma missão sozinha.

E foda-se qualquer falta de critérios da minha parte.

— Desculpa? — Ela me olha, séria.

— Posso não ter minha memória de volta, mas sou seu parceiro, Alexandra — digo, inclinando meu corpo contra a cadeira. — Se você pode decidir sobre quais missões *eu* vou, eu posso decidir sobre quais *você* vai.

Com o canto dos olhos, vejo Carl passar a mão pela boca, escondendo o sorriso que se forma ao ver a surpresa com que ela me olha.

Por longos segundos, travamos uma batalha silenciosa, que só se encerra quando ela se vira para o diretor da sede, claramente pedindo por apoio.

— Ele é um agente supervisor igual a você — ele diz, dando de ombros, aumentando a descrença em seu rosto bonito.

— Ele apanhou pro Connelly há alguns dias, Carl! — acusa.

— E você apanhou pra mim, ontem de manhã — rebato. — Ou se esqueceu quem quase acabou enforcada?

Ela sorri, debochada.

— Talvez eu tenha deixado porque gosto de como sua mão fica ao redor do meu pescoço, Matteo.

Meu pau pulsa e minha mão coça com a vontade de segurar essa garganta da mesma forma como fiz há quatro dias naquela cabana. Porém, ignoro os impulsos do meu corpo e apenas sustento seu olhar atrevido.

— Você não vai sozinha — digo, sério. — E se precisar, posso repetir isso enquanto seguro o seu pescoço, já que gosta tanto.

Faíscas são lançadas de nossos olhos, mas, apesar do nosso embate e das palavras que mostram a clara briga por controle, não parecemos irritados. Parecemos... excitados.

Porque isso sempre está entre mim e Alexandra. Tesão.

Cru.

Descontrolado.

Desesperado.

— Então, é isso. Vocês dois vão na missão — Carl decreta e desliza a pasta de arquivo de volta para ela, que sem precisar olhar, bate a palma sobre o dossiê antes que ele chegue até o chão, parando-o.

Ela inspira com força, cerra o maxilar, e só então olha para o homem que nos encara animado.

— Sabe que se eu tiver que escolher entre a missão e ele, sempre vai ser ele, não sabe?

Sempre vai ser ele.

Por que não me assusto ao entender que é o mesmo para mim? Por que não me surpreendo ao entender que, caso seja preciso, eu sacrificaria qualquer coisa para protegê-la?

— Sei — Carl acena. — É uma missão fácil, Alexandra. Só precisamos ver como ele está sobre voltar a campo.

— Tudo bem — concorda e me olha, séria. — Mas vai ser do *meu* jeito.

Ergo a sobrancelha e ela sorri, se inclinando pra frente.

— Não olhe como se não gostasse de me obedecer, Matteo. — A desgraçada quase ronrona perto do meu rosto. — Eu já venho — avisa e sem dar mais nenhuma explicação, se empurra pra longe, se vira e sai da sala, me deixando sozinho com Carl.

Respiro fundo e o olho, sem entender porque ele parece tão animado enquanto sorri para mim.

— Então... Vocês estão se entendendo. — É uma constatação que me faz rir.

— Chama *isso* de nos entendermos?

— Pra vocês dois? Sim. A intensidade e essas coisas.

— Costumávamos brigar tanto? — pergunto, perplexo.

— Só quando envolvia um de vocês se colocando em perigo. Para ela nada vem antes do que a sua segurança. E era o mesmo pra você.

Ainda é.

— É bom ver que vocês ainda são *Alex e Matt*.

Porque, como ela disse, minha essência reconhece a dela, mesmo que minha mente não.

Quão bizarro é reconhecer uma pessoa que você *não conhece*?

Quão assustador é saber que essa pessoa importa pra você mais do que seu oxigênio?



ALEXANDRA KENDRICKS

O indício que eu precisava para manter minha esperança veio e trouxe com ela a vontade de socar seu rosto.

Quando Matteo decretou que eu não iria sozinha, não pude deixar de me lembrar de quando ele disse essa mesma frase para Robert meses atrás. Sua provocação ao se oferecer para repetir a frase, segurando meu pescoço, também teve seu peso.

Mas, junto com o alívio que senti, também me irritei com a ideia desse imbecil se colocar em perigo.

Tudo bem, alguns dos seus instintos estão de volta, mas ele continua longe de ser o agente que era, antes de ir à África.

Não, eu não deixei que ele ganhasse de mim ontem, só porque gosto de senti-lo me pressionando na parede, a mão ao redor do meu pescoço. Ele realmente conseguiu ganhar.

Mas a parte de combate físico tem sido nosso maior foco desde quando ele voltou, então a possibilidade de ir para uma missão onde armas são necessárias não me deixa confortável. Além de reconhecer sua Glock, Matteo não mostrou mais nenhuma habilidade com armamentos, por isso estamos aqui, dirigindo até a campina onde ele costumava treinar seus tiros.

Temos um estande dentro da sede, porém, a distância disponível não é o suficiente para a capacidade que ele tem. Não há registros sobre isso, afinal, Matteo é um agente secreto e seu desempenho não seria tão útil em outras áreas, mas ele poderia facilmente tomar o lugar do melhor Sniper do mundo.

A campina fica dentro de uma propriedade privada onde há alguns anos dezenas de alvos foram espalhados em meio às árvores. Esses alvos, para facilitar a coleta de dados e checagem da precisão, têm sensores conectados ao *tablet* que Ryan me entregou, antes que saíssemos da sede.

Espero que Matteo se saia bem, que seus reflexos relacionados ao material bélico voltem assim como os reflexos de combate físico, mas caso isso não aconteça, a missão não vai acontecer, afinal, ele disse que eu não vou sozinha, e ele não vai se eu achar que é arriscado.

Ponto final.

Não me importo de passar por cima de Carl. Não me importo de passar por cima de ninguém pra garantir que Matt fique a salvo, ainda mais quando ele ainda não é ele.

Paro em frente ao portão que barra a entrada de pessoas não autorizadas e tiro os óculos de sol, deixando que o sensor capte minha retina.

— *Bem-vinda, agente Kendricks* — a voz computadorizada diz, antes que a grade de metal deslize para a direita, liberando a passagem.

— Por que eu tenho a impressão de que você pode me matar e se livrar do meu corpo, bem aqui? — Matteo pergunta, olhando ao redor.

— Porque eu posso — respondo e estaciono, antes de me virar pra ele. — Mas não vou. Porque eu preciso de você vivo pra gente recuperar sua memória e eu poder brigar porque você ousou me esquecer, então, não se preocupe. Você vai ficar bem — decreto e agarro a maçaneta, pronta pra descer do carro, mas antes que possa pensar em fazer isso, ele agarra meu punho, me impedindo.

Respiro fundo e olho para seus dedos ao redor do meu braço, o mesmo formigamento de sempre se formando no ponto onde há o contato entre nós.

— Eu não me lembro de tudo, mas eu posso apostar qualquer coisa que perder você foi a maior dor que eu poderia sentir — diz baixo, a voz quase uma confissão, como se me dissesse um segredo.

Engulo o nó que se forma em minha garganta, antes de responder tão baixo quanto ele:

— Você mesmo disse, Matt. — Um sorriso melancólico e involuntário se forma em meu rosto. — Nunca me perdeu.

E eu não sei se ele algum dia poderia perder.

Minha alma, que eu não sei se existe ou não, pertence a Matteo desde o primeiro segundo em que nos encontramos. Quando digo que sou *dele*, não estou falando apenas para aumentar nosso tesão nem nada disso. Quando digo que sou *dele* é uma confissão que faço. Tudo de mim pertence a Matteo Fawcett, quer ele se lembre de mim, ou não. E eu não acho que isso possa mudar.

Acontece que saber que uma pessoa que mal me conhece tem tanto poder sobre mim é algo assustador pra caralho, por isso, fico ainda mais empenhada em trazê-lo de volta.

Odeio me sentir assustada e nunca passei por isso quando Matt estava por perto.

Quero a sensação de proteção que ele me transmitia. Quero o cuidado, as provocações, a parceria, o amor.

Quero voltar a ser *Alex e Matt*, por isso, solto meu punho de sua mão, abro a porta e saio do carro, ouvindo-o me seguir até o porta-malas.

— Já te falei uma vez, mas você costumava ser um atirador excelente — digo e pego a maleta com o sensor que Ryan me entregou. — A gente costumava vir pra cá para você treinar. E é o que vamos fazer agora. — Destravo a *case* do rifle e abro a tampa, deixando que Matteo veja o armamento. — Hora de provar que ainda é o melhor.

O rifle, por si só, é uma arma russa de última geração, porém, após os ajustes realizados por Ry, ela é uma máquina de matar, ainda mais quando é Matteo Fawcett quem a manipula.

Deixo que ele analise o objeto enquanto ligo o sensor, tentando me lembrar das orientações que Ryan deu.

Na última vez que viemos pra cá, alguns meses antes da minha missão na França, Matt deu um tiro de quase duas milhas e nós levamos uma eternidade pra chegar até o alvo e conferir que ele havia acertado. Quando comentamos sobre isso com Ryan, ele inventou o sensor que está em minha mão.

Existem quarenta alvos espalhados, todos eles numerados de acordo com a distância. Se essa invenção funcionar como deve, a cada tiro acertado, um alvo se tornará vermelho na tela do *tablet*.

Eu só preciso saber como isso funciona porque Ry fez parecer muito mais fácil do que realmente é!

Enquanto travo uma batalha com o aparelho, Matteo se distrai com o rifle, posicionando-o sobre o tripé de apoio com uma confiança que mostra o quanto essa ação é natural para ele, mais uma prova de que seus reflexos só precisam de oportunidade para voltarem.

Quando finalmente consigo acessar o programa com o maldito sensor e a tela é tomada por quatro fileiras de dez alvos, que indicam os que estão espalhados, o número dezesseis se torna vermelho e eu pisco sem entender o que aconteceu, até que olho para Matteo e o encontro empunhando o rifle, o olhar ainda focado na mira do armamento enquanto a fumaça da queima da pólvora sobe.

— Acertei? — questiona sem me olhar, mas pelo fantasma do sorriso que vejo crescer em seu rosto, eu sei que ele sabe a

resposta.

— Sim, Matt. Você acertou. — *Como sempre*.



MATTEO FAWCETT

— Me conta alguma coisa — peço, ainda deitado sobre a grama, enquanto miro no próximo alvo que devo acertar, o vinte e um.

Pelo que Alex disse, da última vez fui capaz de acertar até o vinte e cinco, que fica a 3,5 km daqui, quase duas milhas. Sei que ela só vai considerar que estou bem o suficiente pra ir a campo se eu conseguir acertar esse mesmo alvo, e é o que eu pretendo fazer, afinal, não existe a possibilidade de assisti-la ir para uma missão sem que eu esteja por perto para proteger suas costas.

— Contar o quê? — questiona, ainda sentada sobre o capô do veículo, o *tablet* jogado em seu colo enquanto ela permanece me assistindo.

— Alguma coisa sobre a gente.

Tenho a esperança de que saber mais sobre nossa história me faça lembrar de algo.

É ridículo como meus reflexos parecem vir de forma natural, enquanto nada sobre a mulher que eu amo volta.

Não a considero mais uma desconhecida, afinal, já faz dias que não saímos do lado um do outro. Já decorei a forma como ela sorri em meio às lutas, assim como conheço sua respiração adormecida. Já notei como amarra o coturno de um jeito que faz com que ele saia mais fácil, mas também já notei que gosta que seu coldre se mantenha justo na cintura. Sei a forma como sua franja se solta do rabo de cavalo, assim como percebi a irritação que ela

sente quando isso acontece no estande. Conheço o gosto do seu beijo, o som do seu gemido e sua expressão ao gozar.

Sei muito sobre ela, afinal, já faz dias que estamos tão perto um do outro. Sei muito, mas não é o bastante.

Eu quero saber tudo sobre a mulher de olhos escuros e cabelos longos que consegue me perturbar sem nem mesmo tentar.

Quero saber tudo sobre a mulher que eu amo.

— O que quer saber?

Tudo.

— Você me contou como foi nossa primeira foda, como passamos a morar juntos, como ingressamos no LAPD e como fomos recrutados pra *Companhia* — pontuo, voltando a encarar a mira, procurando pelo vigésimo primeiro alvo. — Como foi que começamos a namorar?

— Como é que é?

— Somos namorados, não somos? — questiono, tentando entender seu tom confuso. — Não vi marcas de aliança, então não acho que somos casados, mas...

— Matteo — chama e pela forma como diz meu nome, sei que quer minha atenção, então mais uma vez me viro para olhá-la. — De onde você tirou que somos namorados?

— Não somos?

— Não.

Deixo o rifle de lado, quase tão perdido quanto me senti no dia em que acordei sem memória.

— O que nós somos, então?

Ela abre a boca, então a fecha, mas quando abre de novo, sua resposta me pega desprevenido:

— Parceiros.

Incrédulo, bufo um riso.

— Até porque parceiros se masturbam juntos, dormem seminus e dizem que amam um ao outro — debocho, o que faz com que seus olhos se acendam com chamas que sua irritação libera.

— Não use esse tom comigo, Matteo, porque você está falando de algo que *você* vivia também — rebate e a seriedade em sua voz mostra que ela não estava brincando ao nos definir como parceiros, o que soa absurdo pra caralho!

Sem pensar, me coloco em pé e vou até onde ela continua sentada sobre o carro.

— Tudo bem, a gente não namorava — concordo, prosseguindo com cautela sem querer ofendê-la ou tudo o que nós dois tínhamos. — Por que não?

— Porque não.

Cruzo os braços e a encaro, mostrando que essa resposta não está nem perto de ser o suficiente.

Alexandra pressiona o botão do *tablet*, bloqueando-o e o coloca no capô atrás de si, antes de respirar fundo, parecendo meio frustrada, meio confusa.

— Eu nunca fui boa em entender as coisas que eu sentia, Matt. Eu levei oito anos pra entender que te amava e eu percebi isso no dia em que te vi entrar naquele avião e voar para outro continente. — Mais uma vez, vejo que não é a agente falando comigo. É ela. A Alex. A versão vulnerável que apenas eu tenho acesso. — Achei que a gente fosse descobrir junto o que significava isso, mas...

— Mas eu me esqueci — completo, quando suas palavras morrem.

Sua resposta é um aceno suave.

— E como nós dois funcionávamos?

Alex reflete por alguns segundos, a confusão marca suas feições enquanto seu lábio inferior é castigado entre os dentes.

Chego a pensar que ela não vai me dar uma resposta, até que solta uma respiração, dá de ombros e ergue os olhos para mim.

— No começo, não tínhamos sentimentos um pelo outro, era apenas tesão — diz e eu assinto, ainda de braços cruzados em sua frente. — Eu já morava na sua casa quando decidimos que transaríamos, então criamos regras para as coisas não se tornarem

complicadas. Não nos apaixonaríamos, não faríamos joguinhos e eu não diria que estava quebrada. Você não queria um relacionamento e eu estava assumindo o controle da minha vida depois de ter sido torturada por minha mãe e espancada pelo meu namorado.

Ela já me contou sobre o passado, falando sobre sua mãe e Adam, mas mesmo que eu já tenha ciência desses fatos, não faz com que eu os odeie menos.

— Não éramos exclusivos.

Tento não franzir o cenho para esse comentário, mas falho ao imaginar que outro homem a tocava.

— Mas éramos a prioridade um do outro — acrescenta. — Se você me chamasse, independente de com quem eu estivesse, fazendo o que quer que fosse, eu iria até você. Ninguém nunca chegaria aos pés de ser pra mim, o que você era. E ninguém nunca chegou perto de ser pra você, o que eu fui.

Mais uma vez, entendo o que Carl quis dizer ao nos definir como *assustadoramente intensos.*

— Pouco antes de você ir pra África, assim que voltei da missão de Paris, você me propôs exclusividade — Alex bufa um riso fraco, então balança a cabeça. — Não que precisasse, já que eu não ficava com ninguém há meses, mas, pelo menos, garantiu que você seria só meu. — Dá de ombros. — Mas foi só dois meses antes da sua missão que nos tornamos exclusivos, Matt. E foi só no dia em que você se foi que eu percebi que te amava. Também foi naquele dia que eu ouvi, pela primeira vez, que *alguém* me amava.

Olho para longe de Alexandra porque preciso de muito para controlar a assustadora vontade que sinto de chorar.

Estou com ódio.

Estou com dor.

Estou com saudade sem nem me lembrar do que está faltando.

É horrível. Sufocante. Desesperador.

Olhar para Alexandra e não conseguir me lembrar dela é como ser torturado.

Eu daria tudo pra conseguir me lembrar. Eu daria tudo pra poder abraçá-la nesse segundo, e dizer o quanto eu a amo.

Aposto que sinto isso desde o primeiro momento em que nossos olhares se encontraram, ainda mais se Alex tiver sorrido assim pra mim.

Mas sei que não existe sacrifício que eu possa fazer pra recuperar os anos que foram arrancados, então ao invés de chorar com a frustração, engulo em seco e digo:

— Posso não ter te falado isso, Alex, mas quebrei uma das nossas regras. — Seu olhar foca em meu rosto. — E sei que quando minha memória voltar, vou te dizer isso, mas... Matt era apaixonado por você — digo, sem estranhar como falo de mim mesmo na terceira pessoa.

— Como tem certeza?

— Eu sou ele.

E isso quer dizer que eu mesmo sem memória, entendo todos os motivos pelo qual me apaixonei por ela antes. Entendo e, nesse segundo, sei que estou sendo afetado por eles de novo.



ALEXANDRA KENDRICKS

Enquanto Matteo parece não se importar com o que acaba de dizer, eu me sinto incapaz de me mover ao assimilar suas palavras.

Ele era apaixonado por mim?

Pior ainda, isso é nítido o suficiente para que uma pessoa que teoricamente não nos conhecia, perceber? Porque Matt não sabe como era nossa relação. Ele não se lembra de como agíamos.

Como ele pode ter tanta certeza de que era apaixonado?

Porque ele é... ele.

Mesmo sem memória, mesmo que muitas das suas experiências tenham sido apagadas, mesmo que ele não se pareça tanto com *meu Matt*, ele ainda é o Matteo, por isso, ouvi-lo dizer que era apaixonado por mim, me deixa sem reação.

Estávamos apaixonados.

Ele era meu e eu o perdi.

E isso dói.

— Alexandra? — Pisco, voltando para a realidade e balanço a cabeça, tentando clarear os pensamentos enquanto seu olhar atento está sobre mim.

— O quê?

— O alvo — diz e acena para o *tablet* em meu colo. — Acertei?

Olho para baixo, esperando encontrar o vigésimo segundo alvo alvejado, mas quando encaro a tela, o que vejo me deixa pasma.

Matteo, na última vez que viemos pra cá, conseguiu acertar o vigésimo quinto. Foi seu melhor tiro.

Até agora.

— Acertou o trinta e dois — digo, perplexa, virando a tela para onde ele dá um sorrisinho convencido que mostra que ele sabe quão impressionante isso é.

Matteo Fawcett sorri como se soubesse que está voltando a ser a lenda que todos conhecem.

É lindo.

— Parece que vamos para essa missão, parceira — comenta, se levantando para me olhar.

— Dar um bom tiro não prova que consegue se proteger.

Matteo franze o cenho.

— Não preciso *me* proteger. Preciso proteger *você*, Alex.

Alex.

Alex.

Alex.

Porra, eu amo ouvi-lo me chamando assim.

Como é possível que eu odiasse tanto esse nome que agora parece música enquanto ele usa pra falar comigo?

— E um tiro de três milhas não é só *bom* — acrescenta, arrogante.

— Seu alvo pode estar longe, mas ele tá parado — informo e escorrego do capô, deixando o *tablet* sobre a lataria.

Caminho até o porta-malas mais uma vez, e pego a sacola com bolas de tênis, antes de voltar até Matteo e jogá-la em seus pés.

— Pra que isso? — questiona, se abaixando e agarrando uma das bolas, analisando-a, como se esperasse ver uma das invenções de Ryan em sua frente.

— Vou te mostrar — aviso e dou alguns passos pra trás. — Joga ela lá pra baixo — oriento, acenando com o queixo na direção em que ele estava atirando. — O mais longe que conseguir.

— Isso daqui não é uma granada nem nada do tipo, é?

Balanço a cabeça, negando.

— Joga — repito.

Cauteloso, ele obedece, trazendo o braço direito para trás antes de arremessá-la longe.

Assisto a esfera verde se afastar vários metros antes de com um movimento rápido puxar a arma do coldre, já destravando-a, mirando e pressionando o gatilho.

O som alto do disparo ecoa, mas meus olhos, assim como os de Matteo, não desviam de onde meu alvo cai, destruído.

— Bom tiro — comenta, se virando para mim.

— Eu sei — sorrio e me abaixo, pegando a bolsa com as bolas. — Sua vez.

Leva algumas tentativas até que Matteo consiga entender o melhor momento para disparar, mas logo ele está acertando todos

os tiros. Depois de um tempo, invertemos as posições e é Matt quem arremessa as bolas, deixando que eu as destrua com os disparos.

Por quase uma hora, não falamos nada. Ao nosso redor, o cheiro da pólvora se mistura ao cheiro que vem das árvores. Os ruídos dos pássaros são abafados pelo som dos tiros.

E eu me sinto de volta no tempo, quando nenhuma palavra era necessária para que houvesse conforto entre nós dois, até que ele arremessa as duas últimas. Disparo em uma, mas antes de acertar a outra, ele puxa a própria Glock e a atinge em cheio.

— E então? — questiona, enquanto continuo em silêncio, a arma ainda carregada em minha mão.

— Tudo bem — cedo, olhando por cima do ombro e encontrando seus olhos sobre mim. — Vamos nessa missão... *parceiro.*



26

ALEXANDRA KENDRICKS

Quatro anos atrás

O que eu devo fazer sem você?

É tarde demais para recolher os pedaços?

Muito cedo para se desfazer deles?

Você se sente abatida assim como eu?

Seu rosto, ele faz meu corpo doer

Isso não vai me deixar em paz

(Always - Gavin James)

ME INCLINO CONTRA a penteadeira e aplico mais uma camada de rímel antes de me dar por satisfeita com minha maquiagem em conjunto com o vestido vermelho.

Tombo a cabeça, analisando o conjunto de tudo o que estou vestindo para o encontro com Ashton.

Pelo reflexo no espelho, fica visível como fico muito mais animada quando estou indo pra algum treino com Matteo, entretanto, já faz um tempo que quero conhecer o restaurante grego que abriu no centro de Boston.

Sei que Matt não gosta muito de encontros, então quando Ashton me chamou, eu aceitei, por isso estou aqui há quase uma hora, me arrumando pra um encontro que mesmo que acabe em

sexo, não vai ser bom o suficiente pra que eu não busque por *ele* quando eu voltar pra casa.

Ouço a campainha tocar e pego o frasco de perfume, antes de gritar por cima do ombro:

— Já vou!

Borrifo o líquido e retoco o batom.

Quando me dou por satisfeita, pego a bolsa de cima da cama e sigo para a porta da sala, mas congelo no segundo em que assisto Matteo fechar a porta na cara de Ashton.

Pisco, descrente, enquanto a muralha de músculos que meu parceiro tem se vira para mim, também congelando ao me ver.

— Fala pra mim que você não dispensou o Ashton — sibilo, realmente tentada a acertar um soco nesse rosto que fica ainda mais bonito quando está entre minhas pernas.

— Fala pra mim que você não se arrumou tanto pra sair com um cara que não sou eu.

Ele parece irritado, mas bom, eu também estou!

— Porra, Matteo... — rosno, mas ao tentar passar por ele para chegar até a porta, sua mão se fecha ao redor de meu braço, me parando.

— Não se incomode. Aposto que já está em outra cidade. Falei que estouraria a cabeça dele se chegasse perto de você de novo.

Ele me diz que ameaçou o cara que ia me levar pra jantar e sua cara nem mesmo treme! Que cretino!

— Passei quase uma hora me arrumando e você espantou meu encontro?!

— Me diga por que se arrumou mais pra ele do que pra mim.

— Não me arrumei *pra ele*! — grunho irritada, porque seu ciúme dessa vez não me trouxe uma foda intensa com orgasmos avassaladores. — Me arrumei porque queria ir no restaurante e ele me levaria!

Matteo cerra o maxilar e, por alguns instantes, ele apenas mantém os dedos ao redor do meu braço, até que sem dizer uma única palavra, me dá as costas e caminha na direção da porta que une nossos dois apartamentos.

O sigo, batendo os saltos no porcelanato com força o suficiente para que o teto do vizinho de baixo trema.

— Matteo! — esbravejo, caminhando até seu quarto, mas congelo ao encontrá-lo apenas com a cueca preta, vasculhando seu armário.

Mesmo irritada, sou incapaz de evitar e analiso seu corpo, desde as pernas definidas, passando pela bunda firme até suas costas musculosas.

É uma merda que eu seja tão afetada pela aparência desse homem, mas seria impossível não ficar. Ele é gostoso pra caralho e eu conhecendo cada pedacinho de seu corpo, não consigo controlar o rumo dos meus pensamentos que nesse segundo estão seguindo para a imagem de minhas unhas marcando suas costas enquanto ele me fode com força.

— O que está fazendo?! — questiono, tentando orientar minha mente pervertida.

— Me vestindo.

— Por quê?

Matt termina de subir uma calça social preta por suas pernas, mas deixa a braguilha aberta enquanto se vira para me encarar como se outra cabeça estivesse nascendo sobre meu pescoço.

— Para eu te levar no encontro que quer ir — responde.

Bufo um riso sem humor.

— Peso na consciência por ter feito com que eu jogasse o tempo que passei me arrumando no lixo?

É sua vez de bufar.

— Se eu soubesse que havia um lugar que você queria conhecer, já teria ameaçado quem fosse preciso pra conseguir te levar até lá. — Conheço bem seu tom de voz pra saber que ele não está brincando quando diz isso, ainda mais quando se aproxima de

mim, os passos lentos e ameaçadores me colocando no lugar de presa, enquanto ele se mantém no lugar de predador. — Se eu soubesse que gosta de encontros, já teria te levado em vários — acrescenta e eu recuo até estar com as costas coladas na parede. — Não precisa que outra pessoa faça isso. Sabe que não seria divertido e você acabaria frustrada até voltar pra minha cama e confessar que ninguém faz com você o que *eu* faço, então vamos poupar tempo.

Engulo em seco no segundo em que a mão grande de Matteo segura meu pescoço e ele pressiona o corpo contra o meu, me prendendo contra a parede.

— Vou te levar pra conhecer esse restaurante, vou assistir os sorrisos que só eu conheço e depois vou ouvir os gemidos que só eu arranco, tudo bem? — propõe, o polegar traçando minha jugular. — Você está linda pra caralho e eu mal posso esperar pra tirar esse vestido de você depois que voltarmos do nosso encontro.

Encontro.

Matteo e eu.

Já saímos várias vezes, mas é a primeira vez que estamos dando esse nome a saída.

Por algum motivo, ir a um encontro com Matteo Fawcett faz com que meu coração bata de uma maneira esquisita, uma ansiedade que eu não sinto nem mesmo antes de entrar em campo.

É assustador, mas como sei que ele estará comigo, não penso em recuar, afinal, Matt nunca deixaria nada de ruim me acontecer, por isso, ergo o queixo.

— Podemos cancelar o encontro e pular direto pra parte em que ficamos pelados — ofereço.

— Não. Você queria o encontro e é o que eu vou te dar. Além do mais, vai ser bom para o meu ego saber que estou acompanhado da mulher mais linda do mundo — decreta, então se afasta, me deixando mole contra a parede.

É vergonhoso, mas a agente letal não passa de uma gelatina, toda vez que ele fala coisas assim.

Por sorte, Matteo é meu *começo*, porque ele facilmente poderia ser meu *fim*.

O encontro é horrível.

A comida é péssima e eu tenho certeza de que vou acabar disparando na cabeça do garçom, mas, apesar disso, não deixo de sorrir nem um só segundo porque ele está por perto e eu sempre sorrio perto dele.

É o melhor encontro do mundo, mesmo que ele termine com nós dois abandonando o jantar no restaurante chique para acabarmos no carrinho de cachorro-quente, destoando de todas as pessoas, graças às nossas roupas elegantes.

— Você odiou? — pergunta, tirando o blazer preto e colocando-o sobre meus ombros nus.

— Foi o melhor encontro que eu já tive, Matt. E você? Odiou?

Ele bufa um riso.

— Como se fosse possível odiar alguma coisa que eu faço com você — diz e além do tecido sobre meus ombros, ele apoia o braço, me puxando pra perto de si, como se tivesse medo de que eu vá pra qualquer lugar longe dele.



ALEXANDRA KENDRICKS

Dias atuais

Peço que Matteo dirija de volta pra cidade e me sento no banco do passageiro, mantendo os olhos na estrada enquanto minha mente vaga nas mais diversas direções.

Não estou acostumada a ter medo de muita coisa, afinal, não existem muitos problemas que eu não possa resolver com minha Glock, entretanto, não consigo afastar o que cresce a cada segundo que passa sem que ele se lembre de mim.

Gosto de ver seus reflexos voltando a cada oportunidade que tem, e talvez eu esteja sendo uma cretina, mas tenho inveja de como ele se lembra de ser um agente, mas continua sem nenhuma lembrança de nós dois.

É desesperador ao mesmo tempo em que me acalma.

Matteo não combina com a versão que eu vi chegar na sede há alguns dias. Ele não combina com olhares cautelosos e expressão atordoada. Gosto da confiança que está voltando para o seu rosto à medida em que percebe quão lendário é.

Mas, novamente, odeio que as memórias sobre nós não voltem da mesma forma que acontece com seus reflexos.

Ele subiu em um tatame, se lembrou como lutar.

Ele pegou um rifle, se lembrou como atirar.

Ele segurou meu pescoço enquanto gozava na minha perna e depois ainda sentiu o gosto da minha boceta, mas isso não fez com que ele voltasse a ser o *meu Matt.*

Me sobressalto ao sentir seu toque em meu joelho e me viro para olhá-lo.

— Ouviu o que eu disse? — questiona, confuso, e eu nego.

— Estou com a cabeça longe — comento. — O que disse?

— Perguntei se você se importa se a gente parar pra comer — diz e acena pra fora da janela, mas eu não lhe respondo porque estou completamente congelada ao olhar o pequeno carrinho de cachorro-quente que nós viemos no nosso primeiro encontro oficial.

Olho para ele, tentando ver qualquer sombra de reconhecimento em seu rosto, mas Matt não parece saber que isso é uma memória.

Mais uma vez, ao mesmo tempo que isso é bom também é ruim.

Ele se lembra, mas o fato de não enxergar isso como uma lembrança, faz com que ele não a aprecie.

É como se suas lembranças como agente voltassem na forma de *reflexos*, enquanto as sobre nós viessem na forma de *deslizes*.

— Por que escolheu aqui? — questiono, tentando lhe dar a oportunidade de lembrar assim como fiz ao deixar que usasse o rifle, ou lutasse comigo no tatame.

Ele parece não entender a pergunta, então olha entre mim e o carrinho.

— Não precisa ser aqui, podemos comer em outro lugar — oferece.

— Matt! — começando a perder o controle do desespero que parece só crescer, chamo em voz alta. — Tenta lembrar, por favor. Por que estamos *aqui*? — peço mais uma vez, sendo o foco de toda sua atenção. — Só... — suspiro, exausta. — *Lembre-se de mim*.

Mais uma vez, sinto todas as barreiras ao meu redor caírem enquanto me exponho para ele, deixando que Matteo veja como meu coração continua em cacos a cada segundo que passo sem tê-lo de volta. Deixo que ele veja como *eu* continuo em cacos.

E ele parece ver.

Não sei explicar se é a forma como suas pupilas dilatam ou como sua garganta se move quando ele engole em seco, mas eu tenho certeza de que enquanto me olha, sua mente vaga em busca das memórias.

Matteo me procura e eu sinto meu coração acelerar com a esperança que eu sinto de ser encontrada por ele. *Dentro dele*.

Mas então seu rosto se franze em uma careta de dor e eu sou pega desprevenida quando em um movimento, seus dois punhos pressionam sua têmpora e ele grunhe.

Por alguns instantes, sou incapaz de me mover, até que recupero a coordenação motora e me lanço para ele.

Foda-se ser lembrada, assisti-lo com dor é algo ainda pior do que ser esquecida.

— Matt!

— Minha cabeça — rosna entredentes enquanto o vermelho sobe pelo seu rosto, as veias do pescoço saltando. — Porra!

Sem a menor ideia de como ajudá-lo, me ajoelho sobre o banco e abraço seus ombros, torcendo para que o contato de alguma forma mística, transfira a dor que ele sente pra mim.

Não acontece.

Porém, por sorte, a onda de dor que o atinge não demora muito a passar e, pouco a pouco, sinto seu corpo relaxar contra o meu, a respiração mais regular lançando um ar quente contra o tecido fino da minha blusa enquanto ele continua perto.

Matteo não me afasta. Eu não o afasto.

E por muito mais tempo do que o necessário, permanecemos assim. Seu rosto escondido em meu pescoço, meus braços ao seu redor e nossos corações encontrando sincronia entre as batidas, como se fosse apenas um.

— Por que eu escolhi *aqui*? — pergunta baixo e a derrota em sua voz aperta meu peito.

— Nosso primeiro encontro acabou aqui — digo no mesmo tom e sinto sua respiração profunda contra minha pele.

Mais uma vez, o silêncio toma o veículo, mas dessa vez não é confortável como o que nos tomou durante a prática de tiro. Agora, não há tranquilidade. Há cansaço. Derrota. Decepção.

É angustiante.

Engulo em seco e pisco quando lágrimas estúpidas tentam encontrar seu caminho pra fora, me recusando a chorar com a hipótese de que ele nunca se lembre, mesmo que essa hipótese se pareça cada vez mais com uma certeza.

— Alex? — Apesar do cuidado com que segura meus braços pra me afastar, não há carinho em seu tom. Há apenas tristeza.

Tem um peso sobre nós dois. Como se estivéssemos sendo esmagados pela possibilidade que ele nunca volte a ser quem era.

— Me perdoa.

Aperto o maxilar para evitar o tremor em meu queixo quando ouço suas palavras.

Nenhum de nós dois têm culpa, mas estamos sofrendo. Eu por ser esquecida. Ele por não se lembrar.

— Eu não estou desistindo — sussurro, torcendo para que as palavras se infiltrem em minha mente e mude o que estou sentindo porque na verdade... talvez eu esteja.



27

MATTEO FAWCETT

Dias atuais

Tudo o que eu preciso

Está bem na minha frente

Eu sei que nós ficaremos bem, bem, sim

Através dos momentos bons e ruins

Amor, eu estarei por perto

Prometo que nós ficaremos bem, bem

Oh, diga que me ama

(Tell me you love me - Demi Lovato)

POR ALGUM MOTIVO, desperto. Como todas as outras vezes, meus braços estão ao redor de Alexandra enquanto sua bunda pressiona meu pau, entretanto, ao invés de estar relaxada como costuma ficar ao dormir contra mim, seu corpo está tenso e a respiração mostra que ela nem mesmo tenta fingir que está dormindo.

Há algo a atormentando.

Algo que eu tenho quase certeza do que é.

Mais cedo, dentro do carro, achei que minha cabeça fosse explodir com a dor que senti. Era como ter uma broca perfurando minhas têmporas na direção do meu cérebro.

Comecei a sentir o incômodo no primeiro segundo em que tentei encontrar algo em minha memória, mas a necessidade que eu sentia de lhe dar o que ela me pedia, fez com que eu ignorasse a dor que se tornava mais forte.

Me concentrei em seus olhos e tentei me lembrar da primeira vez que os vi.

Me concentrei em seus lábios e tentei me lembrar da primeira vez que os toquei.

Me concentrei em seu sorriso e tentei me lembrar da primeira vez em que ganhei um deles.

Me concentrei em Alexandra e tentei me lembrar da primeira vez em que me senti perturbado por essa mulher.

Mas além da dor dilacerante, nada veio.

Nem. Uma. Única. Lembrança.

Só a dor.

Lutei pra demonstrar o mínimo possível que eu sentia que estava prestes a morrer porque não queria preocupá-la, mas não fiz um bom trabalho. Deu pra ver o desespero em seus olhos enquanto ela me assistia agonizando. Mas também deu pra ver o cansaço que ela sentia.

Ela está cansada de tentar me trazer de volta.

E eu estou cansado de ver a decepção que surge em seus olhos a cada vez que entende que eu não voltei a ser o *Matt* que ela conhecia.

Estou machucando Alexandra, mesmo sem tentar. E isso... porra, isso é pior do que tudo que eu me lembro de ter sentido.

— Você já está acordada — constato, ainda com os braços ao seu redor, o rosto escondido no meio do cabelo escuro e a boca próxima ao seu ouvido.

Minha voz quebra o silêncio, mas ela não parece se surpreender, provavelmente, ciente de que eu acordei desde o segundo em que o sono me abandonou.

— Na verdade, ainda não dormi — responde, sem se virar.

Por cima de sua cabeça, olho para o relógio.

— São quase cinco da manhã.

— Eu sei — suspira. — Estou tentando pensar em uma forma de fazer você se lembrar de mim igual consegui fazer você se lembrar sobre como ser um agente, mas a única ideia que estou tendo é uma que eu sei que não vai te agradar, já que decidiu que não quer me tocar até que suas memórias voltem.

Internamente, rio.

Se ela soubesse o quanto eu quero tocá-la, não diria esse tipo de coisa.

— Sabe que não sou o seu Matteo, Alexandra. Não é certo pegar o que eu quero sem lhe dar o que você precisa.

Ela reflete sobre minhas palavras por alguns segundos, imóvel, então se agita em meus braços e se vira para me olhar, nossos narizes quase se tocando.

Mesmo sob a baixa luz que entra pela fresta da cortina, consigo ver seus olhos escuros me observando de perto, as sombras dançando em seu rosto, a deixando mais perturbadora do que já é.

— Mas e se isso for o que você precisa? — pergunta em voz baixa, sua respiração atingindo meu rosto. — Você se lembrou como lutar quando esteve em um tatame. Você se lembrou como atirar quando pegou o armamento — pontua. — E se você se lembrar de mim quando me tocar?

Com cuidado, passo os dedos pelo seu rosto, assistindo-a inclinar a cabeça para o contato suave.

— Estou te tocando e não está funcionando — murmuro.

— Sabe que não é disso que estou falando, Matt.

— Eu sei.

— Sabe que também quer o que estou oferecendo.

Engulo em seco e faço o mesmo que ela, inclinando o rosto quando sinto sua palma se apoiar em minha bochecha.

— Eu sei — confesso.

De que adianta negar? Eu a quero pra caralho e isso é nítido.

Cada célula do meu corpo *queima* por Alexandra.

— E o que te impede de aceitar, Matteo? — Ela se aproxima, colocando seu peito contra o meu, empurrando sua virilha contra minha ereção. — O que te impede de ver o quanto sou sua? — Sua boca vem na direção da minha, mas antes que nossos lábios se toquem, envolvo seu pescoço, impedindo-a de me beijar, ciente de que é um caminho sem volta.

Respiro fundo e seu cheiro me inunda, nublando minha mente ainda mais.

Fecho os olhos e com a mão em sua garganta, inclino a cabeça pra frente, apoiando minha testa contra a sua, respirando o mesmo ar que ela, enquanto luto para ignorar o calor de sua boceta em meu pau, mesmo com as camadas de roupas entre nós.

— Eu não quero te machucar, Alex. — Aperto os olhos. — Não mais.

Ela engole em seco e eu sinto o movimento em minha palma.

— Não acho que possa doer mais do que já dói, Matt — confessa em um sussurro.

Então eu lhe dou o que ela quer, porque talvez ela seja o que eu preciso.



ALEXANDRA KENDRICKS

Matteo usa a mão que está em meu pescoço para me puxar para a frente, chocando meus lábios contra os seus em um beijo que mistura desespero e expectativa. Medo e esperança. Raiva e amor.

É como se não soubéssemos o que fazer enquanto nossas línguas se enrolam uma na outra, mas ainda assim, fosse uma ação natural que nossos corpos fazem por instinto.

Me lanço em sua direção enquanto ele me puxa pra cima de si e, quando percebo, estou montada sobre seus quadris, o pau me pressionando contra o short fino.

Porra!

Desde quando ele voltou, é o primeiro dia que estive cansada demais pra tentar provocá-lo com as lingeries elaboradas, por isso, acabei optando por um short curto e surrado e uma camiseta que roubei de seu guarda-roupa há meses.

Não estou tão atraente quanto gostaria, mas foda-se. Não é como se eu fosse permanecer de roupa muito tempo e ele parece pensar o mesmo que eu, considerando a ansiedade de seu toque se infiltrando sob o tecido da blusa.

Matteo impulsiona o corpo pra cima e se senta, ainda esfregando sua língua contra a minha, deixando que nossas salivas se misturem enquanto as mãos ásperas contornam minhas costas, os toques se demorando mais sobre as pequenas marcas de queimadura que cobrem a pele.

As marcas que ele sempre gostou de tocar, como se soubesse que a cada contato carinhoso, eu as odiaria um pouco menos.

Rebolo em seu colo, me movendo contra a ereção que parece prestes a rasgar as camadas de roupa e choramingo quando seus dedos se infiltram no meu cabelo e ele puxa minha cabeça para trás, expondo meu pescoço.

Em algum lugar distante, no fundo da minha mente, a expectativa de que ele se lembre continua existindo, assim como o medo de que isso não aconteça, mas tanto um quanto o outro, estão escondidos atrás do tesão descomunal que cresce em mim, misturado com a saudade que eu sinto de tocar e ser tocada por ele.

Sinto seus lábios em meu pescoço e afundo os dedos em seu cabelo, puxando-o mais pra perto enquanto os beijos se misturam com mordidas e chupadas.

Afundo as unhas em seus ombros, surpresa quando sou girada na cama e acabo com as costas contra o colchão enquanto Matteo paira acima de mim, seus punhos apoiados ao lado do meu rosto, seus olhos fixos nos meus e seu pau pressionado entre minhas pernas.

— Você é perturbadora, Alexandra — acusa com a voz grave.

— Costumava gostar disso.

Matt abre um sorriso.

— Ainda gosto — confessa. — Mas agora eu vou te dar o que você tanto quer.

— E o que é?

— Meu pau enterrado em você enquanto você grita por mais. Enquanto você *implora* por mais.

Sorrio para a maneira como ele diz a frase, como se fosse um problema.

— Acho que vou precisar te lembrar que, por você, Matteo, eu não me importo de implorar — murmuro com a voz baixa.

— Que bom. Então comece ficando de joelhos — ordena e enfia os dedos no meio do meu cabelo, dessa vez, no topo da cabeça, enquanto me puxa para que eu acabe ajoelhada no chão em sua frente.

Não me deixo ir tão facilmente porque gosto de sentir a pressão do puxão, mas a ansiedade de sentir seu pau em minha boca não permite que eu demore muito a obedecer e quando estou do jeito que ele quer, assumo o controle e permito que minhas mãos avancem para o cós da sua calça.

Não espero um pedido, uma ordem, nem uma orientação para puxar o tecido para baixo, arrastando a cueca junto e liberando seu pênis que atinge meu rosto.

Olho para cima, sem querer perder qualquer reação de Matteo e passo a língua pela ponta do seu pau, limpando a gota pré-ejaculatória que mostra o quanto ele quer o que está acontecendo. O quanto ele *me* quer.

— E você não se importa de implorar por mim — acrescento, envolvendo a base, mas ainda sem abocanhá-lo. — Por isso, mesmo que *eu* esteja de joelhos é *você* quem vai implorar pra que eu te chupe.

Espero que ele retruque, afinal, Matteo não se lembra o quanto nossas provocações eram intensas, mas quando sua boca se curva em um sorriso, eu sei que mesmo sem se lembrar, ele entende. *Ele gosta*.

Sua mão chega até meu rosto e seu polegar toca meu lábio inferior.

— Chupa meu pau, Alexandra — diz, rouco. — Por favor.

— Está implorando? — Ergo a sobrancelha e uma sombra cruza seu rosto, fazendo com que ele se torne ainda mais perverso enquanto me olha de cima.

— Por *você*? Com certeza.

Mordo a ponta do polegar que continua acariciando meu lábio, então afasto o rosto de seu toque e abro a boca, abocanhando seu pau ao máximo, mal chegando até a metade antes de precisar recuar, buscando por ar, mas antes que eu possa conseguir, Matteo segura meu cabelo.

— Respira pelo nariz, porque não vou deixar sua boca sair daí.

Merda.

Sua ameaça quase me faz gozar, principalmente com a forma como ele me olha. Obedeço e cedo a pressão que faz, me puxando pra frente mais uma vez.

Primeiro, Matteo se move devagar, deixando que eu me acostume com a sensação de respirar com seu pau em minha garganta, mas quando percebe que estou minimamente confortável, toma o resto de controle que eu tenho e fode minha boca.

Suas estocadas são curtas e firmes, e a cada engasgada que dou pela invasão, sinto minha boceta se encharcar mais.

Talvez a saudade que eu estava seja a culpada pela excitação que pulsa pelo meu corpo, mas pode ser que seja apenas

porque Matteo, sendo olhado de baixo sob a baixa luz do início da manhã, se pareça com algo divino.

O abdômen definido, o peito largo, os ombros fortes, os braços ondulando, o maxilar cerrado. O conjunto todo o transforma em um anjo pronto pra me carregar até o inferno.

E eu nunca quis tanto uma viagem como essa.



MATTEO FAWCETT

Não gozar ao ser chupado por Alexandra é difícil, mas se torna uma tarefa quase impossível quando a sensação de sua boca quente em meu pau vem junto com a forma como ela me olha.

Ela pode estar ajoelhada na minha frente, mas sou eu quem estou de joelhos por ela.

Alexandra disse que minha essência reconhece a dela, mas tenho que discordar. Minha essência *pertence* a ela. Eu sou inteiramente dela, mesmo sem reconhecê-la, mesmo sem me lembrar.

— Por que tá me encarando assim? — questiona, afastando a boca do meu pau enquanto continua deslizando a mão pelo comprimento, um sorrisinho mostrando que está me provocando com a frase que já percebi ser algo nosso.

Me inclino para baixo e agarro seu queixo com um pouco mais de firmeza, mostrando que a quero de pé enquanto digo:

— Pode ter certeza de que não estou te encarando. — Alexandra se levanta, mas nossa diferença de altura faz com que eu continue inclinado para tocar seus lábios com os meus em um beijo casto que contrasta com o toque de meus dedos sobre sua boceta

que mesmo protegida pelo tecido do short e da calcinha, está deliciosamente molhada.

Não preciso da minha memória para ter certeza de que em todos esses anos, eu nunca fiz nada além de admirá-la. E nesse segundo, quero continuar fazendo isso, mas de baixo, enquanto devoro essa boceta que tem me perturbado desde o dia em que ouvi o áudio em que Alex dizia o quanto me queria dentro dela.

Com o olhar nublado de tesão, ela me assiste ficar de joelhos em sua frente.

Por instinto, enquanto desço ao chão, distribuo beijos pelas pequenas marcas circulares em seu abdômen, assim como na cicatriz um pouco mais estreita, o que parece ser da facada que ela mencionou naqueles áudios.

Assim que estou ajoelhado, engancho os dedos nas laterais do short fino que ela veste e o puxo pra baixo, me livrando também da calcinha que, antes de descartar, trago até meu nariz e inalo o cheiro que só não é melhor que o gosto que senti no dia em que a desgraçada se masturbou e passou os dedos melados em minha boca.

Satisfeito ao comprovar que o aroma de sua boceta é tão inebriante quanto eu imaginava, atiro o tecido por cima do ombro e volto minha atenção para ela. Seguro a parte de trás do seu joelho esquerdo e, com um cuidado que parece desnecessário graças ao seu excelente equilíbrio, puxo sua perna até apoiá-la sobre meu ombro.

Alterno os olhares entre seu rosto e o brilho de sua excitação, incerto sobre ficar mais fascinado pela expectativa com que me olha ou com a forma como pulsa por mim.

Porra, eu queria viver nesse momento só pra poder absorver cada mínimo detalhe de tudo o que eu esqueci, mas como sei que não posso, decido estudar sua boceta com a língua enquanto mantendo o foco em seus olhos, que na primeira lambida rolam para trás.

Sua boca se abre e um gemido baixo, longo, e sofrido escapa de seus lábios rosados ao mesmo tempo em que seu

excelente equilíbrio é reduzido a nada quando sua perna de apoio fraqueja e sua mão acaba se infiltrando no meio do meu cabelo. Alexandra me usa para se apoiar em mim, mas também aproveita e me puxa contra sua boceta.

Vou de bom grado.

Circulo a coxa que está sobre meu ombro e separo os grandes lábios, aumento o acesso de minha boca para que eu consiga sentir seu gosto e cheiro, enquanto seus sons me enlouquecem e eu perco a noção do tempo ao chupá-la com vontade.

Alex movimenta os quadris, cavalgando meu rosto em meio a gemidos que se tornam mais altos à medida em que ela se aproxima do orgasmo.

Afundo os dedos na carne da sua bunda e a pressiono em minha boca, evitando que se afaste de mim quando os primeiros tremores, que indicam quão perto ela está de gozar, se iniciam.

— Matt... — arfa e puxa meu cabelo com mais força.

Não me importo com o ardor em meu couro cabeludo ou com sua tentativa falha de se livrar das investidas da minha língua. Na verdade, acho que o mundo poderia explodir à minha volta que eu não me importaria com nada além de fazer essa mulher gozar.

Deslizo meus dedos pelo vale entre suas nádegas, testando as sensações que seu corpo é capaz de aguentar e quando toco seu ânus, não é preciso mais nada pra que ela exploda em um orgasmo intenso que eu não definiria como uma onda, mas sim como a porra de um tsunami que faz com que sua perna falhe e eu seja a única coisa a sustentá-la.

Todo seu corpo treme, desde a coxa contra minha orelha até as mãos que seguram meu cabelo, e eu não posso deixar de ficar convencido porque *eu* acabo de tirar o chão de Alexandra Kendricks, a mulher que é capaz de colocar qualquer pessoa de joelho e ainda ser grata por isso, assim como fez comigo.

— Não se parece a agente letal agora — murmuro e beijo sua coxa, colocando seu pé de volta sobre o piso assim que ela recupera a estabilidade.

Mas Alexandra ter de volta o controle do próprio corpo lhe dá a oportunidade de tirar o meu, porque assim que ouve minhas palavras, ela sorri e se inclina pra frente, nivelando nossos olhos enquanto continuo ajoelhado.

— Porque quando está me fodendo, não sou a arma letal — sussurra, segurando meu queixo. — Sou sua puta.

Como eu disse, eu não tenho mais controle do que eu faço, especialmente ao ouvir essa declaração.

Num impulso incontrolável, me coloco de pé, agarro sua bunda e a puxo para mim, já carregando-a até a cama. Suas pernas envolvem minha cintura, e nossas bocas mais uma vez se chocam, furiosas e desesperadas enquanto nos agarramos.

Deposito-a sobre o colchão e me afasto apenas para puxar a camiseta que impede que eu sinta todo o calor de sua pele. Com um movimento forte, rasgo o tecido de cima a baixo, conseguindo a visão completa da mulher que me enlouquece.

Sem hesitar, volto a beijá-la e não leva nem um segundo antes que me puxe para si, o calor de nossos corpos se misturando graças a ausência de roupa entre nós.

Seu cheiro parece mais intenso, sua respiração mais agitada e seu desespero maior. Suas unhas arranham minhas costas enquanto meus dedos correm pela sua cintura, indo do quadril até os seios que eu aperto com força o bastante para que Alexandra revide, mordendo meu lábio.

Não há nada além do caos. Mas é um caos harmônico.

Nossas mãos não se atrapalham, nossas bocas não se separam e nossos corpos não se estranham. É como se o caos fosse a única linguagem existente. Uma linguagem que eu e ela falamos com perfeição.

— Eu quero você — diz em minha boca, as palavras vibrando por cada uma das minhas células. — Eu *preciso* de você.

Sei o que ela quer dizer, afinal, sinto o mesmo.

— Onde eu guardo as camisinhas? — questiono, sem me lembrar de já ter visto algum preservativo pelo apartamento.

É impossível deixar de notar o lampejo de estranheza que cruza os olhos de Alexandra quando minhas palavras a atingem. No mesmo segundo, tento entender qual o problema com a pergunta, mas ela não me dá tempo pra raciocinar antes que solte:

— Quando você me fode, Matt, não gosta de uma camada de borracha impedindo que sinta como fico molhada pra você — enquanto fala, sua mão segue até meu pau que parece endurecer ainda mais mediante suas palavras. — E gosta menos ainda da ideia de não ter sua porra escorrendo de dentro de mim. — Ela guia a glande pra sua entrada, os olhos nunca desviando dos meus, perturbando o meu juízo. — Vou refrescar sua memória e te mostrar como gosta de gozar dentro de mim enquanto entende que sou sua — promete e, com as pernas ao redor da minha cintura, me puxa pra perto, fazendo meu pau deslizar pra dentro de si.

Ela é apertada como o inferno, mas as paredes lubrificadas pelo orgasmo recente fazem com que eu a invada com facilidade, até que nossas virilhas se choquem.

Nossos gemidos saem em uníssono enquanto nossas testas se tocam.

É intenso, como tudo o que eu conheço sobre nós dois. É intenso *pra caralho*.

E fica ainda mais quando eu me movo, saindo e entrando com força.

O cheiro do sexo se mistura com o nosso suor. Nossos gemidos se misturam com as batidas dos nossos corpos. A atmosfera ao redor é a coisa mais excitante que eu me recordo de já ter visto e eu sei que não vou durar muito, ainda mais depois da imagem que ela plantou em minha mente.

Minha porra escorrendo por sua boceta deve ser uma visão do caralho.

Seguro seu pescoço e sustento seu olhar nublado pelo tesão enquanto perco o resto do controle que ela também não parece ter.

Estoco com mais força e Alexandra geme mais alto, até que suas paredes internas apertam meu pau com os primeiros tremores

e eu sei que é o fim. Tanto pra mim quanto pra ela e eu gozo com um rosnado que abafo em seu pescoço.

A onda de prazer que me toma é tão avassaladora que por alguns instantes, eu saio da realidade, mesmo que não deixe de sentir a forma como suas unhas deixam de arranhar minhas costas para iniciarem um carinho tranquilo.

Sinto seu coração bater forte em um compasso idêntico ao meu e nossas respirações agitadas são os únicos sons que quebram o silêncio do meu quarto, até que ela diz:

— Eu amo você.

É uma confissão calma, tranquila, sem medo, mas que faz com que todo meu corpo retese quando eu entendo que provavelmente em algumas semanas, ou até em alguns dias, eu também vou sentir isso por ela, afinal, apaixonado eu já estou.

É. Estou apaixonado por Alexandra. Pela segunda vez.

Eu a tive. A perdi. A reencontrei. E me apaixonei.

Foi natural voltar a ter sentimentos por ela, assim como sei que será natural voltar a amá-la, mesmo que minha memória nunca retorne.

Porém, nesse segundo, a intensidade do sentimento que ela tem por mim não é recíproca.

Talvez pelo pouco tempo que na minha cabeça temos um com o outro. Talvez porque eu me sinta constantemente culpado por ter deixado que ela fosse apagada. Talvez porque eu ainda tenha esperança de me lembrar de tudo e voltar a amá-la de onde parei.

E é por não retribuir o que ela sente, que eu não a respondo.

E o que eu mais temia acontece.

Em meio a ausência da minha resposta, no silêncio do quarto, posso ouvir o coração de Alexandra Kendricks prestes a ser quebrado quando em um sussurro ela questiona:

— Você me ama?

Fecho os olhos, como se pudesse não ver a dor que vai atingi-la, mas balanço a cabeça.

— Não como você quer que eu ame.

Ela quer o amor que *seu Matt* lhe dava, mas eu sem memória não sou ele.

— Você acha que vai lembrar de mim?

Eu quero. Mais do que minha próxima lufada de ar. Mas ela merece que eu seja honesto, por isso, mais uma vez, nego.

Como se seu corpo não me reconhecesse mais, ela retesa sob mim e, com um movimento robótico, empurra meus ombros, me tirando de cima dela.

Não consigo olhar seus olhos antes que Alexandra saia do meu quarto, deixando pra trás um vazio ainda maior do que eu senti ao ter perdido os últimos dez anos.



28

ALEXANDRA KENDRICKS

Três anos atrás

Você não pode me perdoar?

Pelo menos temporariamente

Eu sei que isso é minha culpa

Deveria ter sido mais cuidadosa

(One last time - Ariana Grande)

ESTÁVAMOS FODENDO quando nossos celulares tocaram ao mesmo tempo. O som idêntico e estridente soando em conjunto foi o bastante para que Matteo e eu soubéssemos que precisavam de nós.

Ele soltou meus punhos que continuavam presos pelas antigas algemas que usávamos no LAPD, nos vestimos e viemos para a sede, onde estamos há longos minutos ouvindo um compilado de informações aleatórias sobre John Martin, mais conhecido como *Snake*, um ex-fuzileiro formado em engenharia nuclear que teve acesso há projetos sigilosos e que recentemente se mostrou um completo maluco.

Estamos ouvindo informações sobre o homem que deve ser capturado.

Capturado, não morto.

Acontece que *Snake* tem uma mente perigosa demais para o seu próprio bem. Os projetos que conseguiu acesso foram destruídos logo após o desgraçado ter decorado cada minúsculo detalhe de tudo o que havia escrito lá, graças a sua memória fotográfica.

A ideia é que ele seja capturado para que as agências envolvidas, NSA e KGB, consigam, através de meios nem um pouco éticos, recuperar os dados que ele destruiu. Resumindo: querem *Snake* vivo para que possam torturá-lo até que ele diga tudo o que existe apenas dentro de sua mente.

Os projetos que ele destruiu custaram milhões de dólares, por isso, precisam ser recuperados antes que ele seja morto. Entendi isso desde a primeira vez que Kai Brown, o elo com a NSA, disse a informação, mas ele não parece acreditar nisso já que está repetindo as mesmas palavras pela... *quinta* vez?

— Precisamos dele *vivo*. — Seu olhar fixo sobre Matteo e eu só deixa mais claro o quanto ele se incomoda com o poder que temos aqui.

Kai, assim como Mark, o elo com a KGB, tem pelo menos quarenta e cinco anos. Para assumirem o posto de elo da *Companhia*, precisaram provar ser de confiança, além de ter alto grau de acesso a informações restritas. Em geral, eles são a elite das agências em que trabalham.

Acontece que o agente do cargo mais alto deles, não chega perto de ter a mesma autoridade que o *nosso* agente mais baixo e isso os incomoda, além do fato de que todos que conhecem minha relação com Matteo, julgam nossa parceria.

Para eles, somos um casal, o que faz com que eles tenham dúvidas sobre qual seria nossa decisão, caso precisássemos escolher entre a missão e a segurança um do outro.

Estúpidos.

É *óbvio* que eu vou mandar a missão pelos ares se isso significar manter Matt bem. Assim como ele também não pensaria antes de me escolher.

Somos a prioridade um do outro, quer estejamos agindo como os agentes lendários, quer sejamos apenas *Alex e Matt.*

— Entendemos, Kai — Matteo diz, parecendo não gostar da forma como ele nos olha. — Precisam dele vivo.

— Custe o que custar — reforça.

Troco um rápido olhar com Matt, uma conversa silenciosa e rápida, mas que é o suficiente pra que eu leia o que passa na mente do homem que há poucos minutos estava enterrado dentro de mim.

— *Eu protejo suas costas, Alex.* — Posso ouvir sua voz ecoando em minha cabeça.

— *E eu protejo as suas, Matt.* — Sei que ele também ouve a minha.

Voltamos nossa atenção para a tela, enquanto continuam dizendo sobre como ele é perigoso, afinal, por anos, *Snake* foi um fuzileiro.

Após o término da apresentação da missão, por quase uma hora, Lola se empenha em invadir dezenas de sistemas de segurança, tomando como base a última localização conhecida que temos dele, o centro da Filadélfia, apenas para se frustrar ao não encontrar nada.

Ou... *quase* nada.

— Espera — peço e descruzo os braços, dando um passo à frente para ter uma melhor visão da imagem capturada pela câmera de uma joalheria. — Consegue aproximar, Lola? — questiono e aponto para o outro lado da rua, mostrando a parede de vidro de uma lanchonete.

— Claro — responde e bate os dedos contra o teclado, dando zoom na figura de um homem com capuz. — Aumentando a qualidade e... — bufa, irritada. — Não dá pra ver o rosto.

— Volta na filmagem do dia anterior — peço novamente, e quando ela obedece, nos deparamos com uma imagem idêntica. — Mais um dia.

— Acham que é ele? — Mark, parado no canto da sala, questiona, o forte sotaque russo carregado em sua voz.

Olho para Matteo, ciente de que ele pensa o mesmo que eu.

Em todas as imagens que temos do encapuzado, ele está no mesmo lugar, com as costas para a parede, rosto oculto e visão clara da porta da lanchonete, como se estivesse constantemente vigiando qualquer possível perigo que se aproxima.

Além do mais, a clara capacidade que tem em manter a identidade escondida das várias câmeras que Lola invadiu.

Sutilmente, aceno para Matt.

— É ele — garante.

— Hora de caçar uma *cobrinha* — cantarolo, antes de acertar meu braço com o seu, já seguindo na direção do material bélico para recuperar as Glocks que deixamos para limpeza.



Como queremos afastar *Snake* das pessoas inocentes que podem acabar se ferindo caso um conflito se inicie, Matt e eu decidimos que a melhor ideia seria segui-lo para emboscá-lo em um lugar afastado, por isso, pouco tempo antes do que ele costuma vir para a lanchonete, adentramos ao estabelecimento, os dedos entrelaçados enquanto bancamos o casal apaixonado.

O que não parece estar funcionando, principalmente com a expressão assassina que está no rosto de Matteo desde o instante em que ele ouviu Collin me chamar para sair, logo antes de decolarmos de Boston.

Foi uma péssima hora para um convite pra um encontro, ainda mais porque ficou claro que ele só me convidou, naquele momento, para provocar Matt. Os dois não são o que posso chamar de *amigos*, mas meu parceiro nunca seria amigo de outro homem que me toque.

De qualquer forma, ser usada para uma competição de testosterona me deixou inclinada a recusar seu pedido, porém, ao invés de dizer um sonoro *não*, preferi pagar na mesma moeda e

usá-lo também, afinal, sempre que Matteo fica com ciúme, ele me fode de uma maneira ainda mais deliciosa do que o normal, por isso, sorri e disse que iria pensar.

Collin não é uma pessoa que eu definiria como *ruim*, ele só quer entrar em uma competição em que sempre vai perder. Tentar disputar um lugar com Matt, sendo na minha cabeça, coração ou cama, sempre será uma batalha perdida, independente de quem seja seu oponente.

— Está com cara de velório, lindo — comento, ciente de que um casal apaixonado em uma lanchonete precisa ter algum diálogo, mas também aproveitando para provocá-lo.

— Estou treinando pra quando matar aquele imbecil — resmunga e se senta ao meu lado, na mesa estrategicamente escolhida para que possamos analisar *Snake* sem que pareça que estamos nos virando para olhá-lo.

Rio baixo, sem me assustar quando minha cadeira é puxada em sua direção e seu braço circula meus ombros.

— Ele é tão bonzinho — divago, fingindo olhar o cardápio.

— Você não quer um cara bonzinho e sabe disso. — O leve aperto que sinto em meu braço é sua forma de alertar que nosso alvo se aproxima.

Pontual como um relógio, Snake.

Nas imagens que observamos, antes de sair da sede, foi possível notar como ele segue uma rotina restrita, sempre chegando aqui às dezessete e vinte, o horário que mostra em meu relógio de pulso.

— Decidiu o que quer? — Matt questiona e eu assinto, olhando ao redor em busca da garçonete, mas aproveitando para analisar a mesa do outro lado do estabelecimento.

Pessoalmente, ele parece mais magro do que na imagem da câmera, além disso, diferente da foto que vimos em que ele estava com a farda da marinha americana, é possível ver o brilho de vários piercings espalhados por seu rosto, mesmo que grande parte da face esteja coberto pelo capuz escuro. Além de que no canto direito

de seu pescoço, a cauda da cobra que deu origem ao seu apelido se mostra.

Desvio os olhos antes que ele perceba que estou o encarando.

— É ele — concordo, sorrindo suavemente para Matteo, que assente, passando as pontas dos dedos pelo meu rosto em um carinho gostoso que ele costuma fazer apenas após o nosso sexo.

Como eu disse, *Snake* segue uma rotina restrita, como se todos os seus minutos fossem calculados, o que quer dizer que ele vai sair da lanchonete no mesmo horário de sempre, às cinco e cinquenta, por isso, seis minutos antes, Matt e eu nos colocamos de pé, pagamos a conta e deixamos o estabelecimento, permitindo que ele acredite que somos apenas um casal que queria um lanche.

Ao atravessar a rua, com o canto dos olhos, vejo Matteo sinalizar sutilmente na direção da câmera da joalheria, confirmando para nossa equipe que o encapuzado é mesmo nosso alvo.

Então, tudo acontece rápido demais.

Por algum motivo, como se nossos instintos gritassem em uníssono, nos viramos para a porta da lanchonete, dando de cara com *Snake* que nos olha fixamente, até que ele se vira e corre.

— Porra! — Matteo grunhe e nós nos colocamos em movimento.

— Como foi que ele descobriu?! — questiono, impressionada com a velocidade que o filho da puta consegue usar para fugir.

— Da mesma forma que sabíamos quando olhar pra trás.

Instinto.

Quando comecei a treinar no *Dojô*, ouvi várias histórias sobre seu pai e sobre como ele sempre disse pra confiar em seus instintos, por mais absurdos e ridículos que eles parecessem.

Acho que alguém deu esse mesmo conselho a *Snake*, porque sei que nós não demos nenhum indício para que desconfiasse da gente. Mas ele desconfiou. E agora está correndo como a porra de uma gazela na direção de uma construção velha.

Assim que estamos longe das pessoas que zanzam pelas ruas, puxo minha Glock do cós da calça, diminuindo o ritmo da corrida à medida em que nos aproximamos de uma fábrica de papel desativada.

— Vou dar a volta — aviso a Matteo, que acena, já seguindo pela porta da frente enquanto prende a escuta no ouvido, o movimento espelhando o meu.

— *Tome cuidado* — murmura, a voz ecoando através do ponto.

— *É melhor ele tomar cuidado* — respondo, ainda irritada pela velocidade do desgraçado. — *Will? Josh?*

— *Estamos a sete minutos de vocês, Kendricks* — Jay informa.

— *Podemos cuidar dele até vocês chegarem* — divago, planejando quebrar um dos joelhos de *Snake* só pra pagar por essa corrida desnecessária.

— *Tem certeza? Tá ofegando pra caralho* — Wilson provoca, ciente do quanto odeio correr.

— *Não me faz atirar na sua cabeça, Wil...*

Minha ameaça é interrompida no segundo em que ouço um tiro vindo do lado de dentro da construção. Seguido de outro e mais outro.

— *Matteo?!* — chamo, alarmada, seguindo até a porta.

— *Espera pra vestir um colete, Alex. Ele tá armado.*

Bufo.

— *E acha que vou te deixar sozinho?* — pergunto retoricamente, girando a maçaneta que não se move, emperrada.

— *Alex, eu não estou...* — uma sequência de disparos interrompe sua fala, e pela altura de alguns tiros, sei que ele também está atirando.

— *Precisamos dele vivo, Fawcett!* — Kai ruge no ponto e a incerteza relacionada a segurança de Matteo faz com que eu, num impulso, acerte a coronha da arma contra a maçaneta, arrancando-a do lugar com o golpe forte.

— Parece que sua namorada chegou — *Snake* comenta, a voz sombria ecoando pelo espaço vazio. — Será que ela tem munição? Porque pelas minhas contas você não tem.

Me esgueiro para a parte de trás de uma pilastra, mantendo a Glock empunhada.

— *Tá sem munição?!* — sibilo. — *Como que tá sem munição e não acertou nem um tiro?!*

— *Não estou acostumado a mirar em uma rótula ao invés de uma cabeça* — resmunga. — *Quanto tempo, Josh?*

— *Cinco minutos.*

— Ei, *Snake?* — chamo, atraindo-o para longe de Matteo, que além de não estar vestindo um colete à prova de balas, não tem balas para se defender.

É absurdo como até assim nós dois nos completamos. Minhas habilidades com armas curtas como a pistola é proporcional às suas habilidades com armas longas como o rifle.

Um tiro acerta a pilastra em que estou escondida e o impacto, mesmo que absorvido pelo concreto, faz minhas costas vibrarem.

Puxo o ferrolho da arma, carregando-a, pronta para acertar o joelho do imbecil e ainda esfregar que atiro melhor do que meu parceiro, mas sinto meu estômago pesar com a estranheza do *click* que a arma faz.

Conheço minha Glock. Conheço-a bem o suficiente para nunca me confundir entre ela e a de Matteo, que são idênticas para todos, exceto para nós. Conheço-a bem o suficiente para saber quando a munição é guiada para a câmara. Conheço-a bem o suficiente para saber quando ela está pronta para disparar.

E nesse segundo ela não está.

— Que porra...? — sussurro, confusa, antes de repetir o movimento e puxar o ferrolho mais uma vez, só para *mais uma vez* sentir que nenhum projétil sobe para a câmara.

— *O que tá acontecendo?*

— *Minha arma... travou.*

As palavras quase me fazem rir porque é absurdo! Minha arma não trava. Em anos, isso nunca aconteceu. *Nunca!*

Até agora.

Isso não pode estar acontecendo.

Não enquanto Matteo está sem munição e sem a porra de um colete à prova de balas!

Sentindo meu coração bombear o medo pelo meu corpo, tento mais duas vezes, mas me sobressalto quando sinto a vibração com mais um tiro acertando a pilastra atrás de mim e arfo.

O que a gente faz? O que a gente faz?!

Se não atacarmos, *Snake* vai saber que há algo errado e provavelmente vai avançar. E, bom, nós podemos ser excelentes, mas não somos melhores do que um fuzileiro com uma arma de fogo!

Não consigo pensar em uma solução, mas Matt parece conseguir, porque em meu ponto ouço sua voz:

— *Alex...* — Um arrepio corre pelo meu corpo e cada célula parece congelar com o mau presságio que acompanha seu tom decidido. — *Você precisa correr.*

Eu preciso co…?

Não tenho tempo de entender o que isso significa.

Não tenho tempo de me preparar para o que estou vendo.

Não tenho tempo de impedir que a dor me atinja.

Porque tudo acontece rápido demais, ao mesmo tempo em que uma eternidade parece se passar enquanto meu mundo é abalado.

— Ei, filho da puta?! — Matteo chama, interrompendo o som dos passos de *Snake* que seguiam em minha direção.

Sem pensar, olho por trás da pilastra no segundo exato em que Matt dá um passo na direção de John Martin, o ex-fuzileiro que não hesita antes de levantar a pistola e disparar não uma, nem duas, mas *três* vezes contra o peito de Matteo Fawcett. O peito que não está protegido por um colete.

O grito fica preso em minha garganta, o desespero acabando com qualquer oxigênio em meu corpo ao mesmo tempo que o som dos tiros se misturam com o arfar de dor que ouço através do ponto, e eu assisto completamente em choque, o instante em que seu corpo cai no chão, a poça vermelha crescendo ao seu redor em questão de milésimos de segundos.

Não.

Não.

Não.

— Não! — consigo gritar, atraindo a atenção de *Snake* que mal tem tempo de se virar antes que sinta a lâmina, que acabo de puxar do tornozelo, ser enterrada em seu pescoço.

A carne se rasga sem resistência e o metal escuro destrói a cauda da serpente que ele tão orgulhosamente exibia em sua pele asquerosa. Seus olhos ficam em branco e o movimento de levar as mãos até o corte não é concluído porque giro a faca tática, encerrando sua vida como se ele fosse uma barata sob meu sapato.

Ele merecia pior. Ele merecia a sessão de tortura que sou capaz de lhe dar, mas eu não consigo pensar em nada além de chegar até onde o corpo de Matteo está jogado. Sangrando.

Deixando que a faca continue enterrada em sua traqueia, empurro *Snake* e me atiro na direção de Matt, mal enxergando um palmo em minha frente enquanto lágrimas de terror caem por minhas bochechas.

— Matteo! Não. Não. Não. Não! Matteo! — soluço em meio a gritos de desespero, desabando de joelhos ao seu lado, completamente em pânico ao assistir o sangue sendo expelido de seu corpo a cada batida de seu coração. — *Josh?! Will?!* — berro.

Minhas mãos tremem quando as aproximo dos buracos em seu tórax, ciente de que preciso estancar o sangramento, mas incerta sobre minha capacidade de respirar enquanto o peso do mundo pressiona meu corpo.

Não. Não. Não. Não.

— Ei... — a voz fraca, quase inaudível de Matteo chama e só então percebo que ele ainda está consciente, mesmo que seus olhos mal se mantenham abertos. — Tudo bem, Alex...

— Não! Não tá tudo bem! — choro e ao ver o sangue vazando pelos meus dedos, tiro minha camiseta e a pressiono no lugar. — Por que você fez isso?! — grito.

Não sei por que estou gritando, não sei por que estou tremendo, não sei por que tudo ao meu redor parece um borrão.

A única coisa que eu sei é que Matteo está quase morto em minha frente.

— *Josh, cadê vocês?!*

— *Dois minutos, Kendricks.*

Dois minutos?!

Não temos dois minutos.

— *O Matteo tá ferido!* — essas palavras sendo ditas em voz alta me assombram tanto quanto a cena que se passa em *replay* em minha mente. A arma sendo levantada. O gatilho sendo pressionado. Seu corpo caindo. — Por que você fez isso? — A garganta arranhada não chega perto da dor que se alastra pelo meu corpo. — Por que você fez isso, Matteo?! Porra!

Nada nunca chegou perto da dor que eu sinto ao temer por sua vida.

Ele cerra os dentes e se esforça para conseguir abrir os olhos para me enxergar.

— Meu coração bate por você, Alex. É justo que esse seja o motivo pra ele parar.

Suas pálpebras pesam, seu rosto fica mais pálido e o sangue continua fluindo.

— *Wilson?! Josh?!* — urro. — Matt, não, por favor, abre os olhos — imploro, desesperada para tocar seu rosto, mas me controlando para manter a pressão nos ferimentos. — Matt, por favor, olha pra mim. — Ele não me obedece. — Matteo!

Ele não responde.

Ele não responde porque ele… *não está respirando.*

Não. Não.

Sem pensar, subo as mãos até o meio de seu tórax e inicio as compressões, mas não tenho tempo de efetuar o movimento mais de duas vezes antes que braços se fechem ao meu redor e eu seja puxada para longe enquanto me debato, o olhar nunca se afastando dele.

Já matei pessoas que sangraram menos do que isso. Já torturei pessoas que morreram com um sangramento muito menor.

E saber disso só faz com que meu pânico cresça mais enquanto assisto paramédicos cercarem Matteo.

— Ei. Ei. Ei. Sou eu — Will diz em meu ouvido, seu aperto de ferro me mantendo no lugar ao mesmo tempo em que Matt é colocado sobre a maca.

— Eu preciso ir com ele — soluço, desesperada, tentando me soltar. — Por favor! Me solta!

— Kendricks, deixa eles...

É como se meu corpo funcionasse baseado apenas na necessidade que sinto de chegar até ele, por isso, com uma cabeçada forte em seu queixo, interrompo suas palavras, aproveitando da sua surpresa para me soltar e correr, ou melhor, *tropeçar* na direção em que eles o levam, mas antes que possa chegar até a maca, mais uma vez sou abraçada com força.

Os braços, que mais parecem correntes ao meu redor, aumentam meu desespero à medida que a distância entre Matt e eu se torna maior.

— Me solta! — rujo, ainda me debatendo sem qualquer coordenação motora precisa, apenas o desespero me colocando em movimento.

— Chega, Kendricks! — Josh ruge de volta, tentando trazer um pouco de sanidade para mim. — O Matteo precisa de um médico agora! E você nesse estado vai atrapalhar! Ele precisa de ajuda!

Ele precisa de ajuda.

Matteo precisa de ajuda porque ele foi baleado.

Matteo precisa de ajuda porque ele foi baleado, está perdendo muito sangue e... pode morrer.

Ele se colocou na frente da arma pra me dar tempo pra correr.

Ele está daquele jeito... por mim.

Sinto a força ser drenada do meu corpo e os braços de Josh são a única coisa que evitam que eu atinja o chão enquanto assisto a ambulância desaparecer, a sirene se tornando cada vez mais baixa conforme o veículo se afasta com Matteo dentro dele.

— Eu... eu preciso dele, Jay — digo, atônita. — Por favor... me deixa ficar com ele.

Aqui, nesse instante, eu não sou Alexandra Kendricks, mas eu também não sou Alex. Eu sou apenas os vestígios de uma pessoa. Vestígios que desaparecerão, caso ele não sobreviva, afinal, meu coração também bate por ele.

Se não tiver Matteo, qual o significado de ele continuar batendo?

— Vamos te levar até lá. — A resposta vem de Will que se aproxima de nós e troca um olhar com seu parceiro, a mesma conversa silenciosa que eu sempre fui capaz de ter com Matt.

Notando que estou mais controlada, o aperto ao meu redor diminui até que sinto Jay dar um passo pra trás, me liberando e permitindo que Wilson passe uma jaqueta do uniforme da *Orion* por cima de meus braços, ocultando o tecido do sutiã e o sangue que se mantém sobre mim.

— Quer guardar com você? — Josh questiona, erguendo minha Glock.

— Sim — respondo com a voz falha e tomo o armamento, que pela primeira vez me deixou vulnerável.

No momento em que precisei proteger as costas de Matteo, eu não consegui.

Prendo a arma no cós da minha calça, respiro fundo e seco o rosto, ocultando as lágrimas de pânico, tentando me mostrar mais

controlada, mesmo que dentro de mim, eu esteja no mais completo caos, afinal, minha paz está longe. Minha paz está lutando para se manter *vivo* depois de ter se sacrificado por mim.

Caminho entre Josh e Will, seguindo na direção da SUV que os trouxe até aqui enquanto várias pessoas andam ao redor, algumas seguindo na direção do cadáver de *Snake,* que ainda tem minha faca enterrada em seu pescoço, outras fechando o perímetro ao redor da fábrica abandonada. Mas uma dessas pessoas vem em minha direção.

Furioso. Irritado. Me olhando como se pudesse me matar.

— Você! — Kai late, apontando o indicador enquanto seu rosto se torna vermelho. — Que parte você não entendeu que precisávamos dele *vivo*?

— Agora não — Josh diz, me empurrando para que contornemos Kai enquanto ele fala sozinho.

— Agora não?! — repete, perplexo, se movendo para impedir nossa passagem. — Nosso alvo está com uma faca no pescoço! Ele está morto e nós perdemos os projetos que custaram milhões porque você teve dificuldades de entender uma tarefa simples! — Seus olhos não desviam dos meus.

— Ei! — Josh empurra seu peito para trás, fazendo com que recue os dois passos que deu em minha direção. — Agora. Não.

Will passa um braço pela minha cintura, me abraçando, enquanto me puxa para longe, mas antes que possamos dar um passo, uma mão se fecha em meu braço e Kai tenta me puxar, mas Wilson quebra o contato com um golpe seco desferido no punho do homem.

— Se tentar encostar nela, a gente mata você — avisa, a expressão mais séria do que eu jamais vi.

Como animais, os três se encaram por alguns segundos, antes que Will volte a me puxar, porém, assim que abre a porta da SUV para mim, uma mão grande se infiltra em nossa frente e bate na porta fechada.

— Eu vou falar com o seu supervisor, agente. Eu vou fazer questão de que se arrependa do que fez — Kai avisa com o tom frio.

É, ele consegue soar ameaçador. Ele provavelmente colocaria medo em muitas pessoas.

Mas não em mim.

Afinal, nada é mais perigoso do que eu sendo mantida longe de Matteo.

Em um movimento que nem Will nem Josh notam, pego a arma do coldre de Wilson e a destravo, já avançando na direção de Kai, meu braço pressionando sua traqueia contra a lataria do veículo.

Seus olhos se arregalam em espanto e eu sei que ele acaba de entender o que significa ser ameaçado quando pressiono o cano da Glock em seu queixo.

Ele é mais alto, mais largo e provavelmente mais experiente do que eu. Mas sou eu quem tenho o dedo no gatilho, então fica óbvio quem está na posição mais perigosa aqui.

— Faça o seu pior — rosno, próximo ao seu rosto. — Fale com Carl. Fale com o presidente. Fale com quem você quiser, mas eu juro que se tentar ficar no meu caminho, *Snake* não vai ser o único saindo daqui dentro de um saco preto.

Contra meu antebraço, ele engole em seco, entendo que contra mim é tão indefeso quanto um gatinho assustado.

— Entendeu ou precisa que eu repita que você *morre* se tentar impedir que eu chegue até Matteo?

— E-eu... entendi. — gagueja, o queixo tremendo contra o cano da Glock.

— Ótimo. — Aumento a pressão em sua traqueia só para assustá-lo um pouco mais, antes de soltá-lo e empurrá-lo para longe do carro, quase o jogando de joelhos.

Devolvo a arma para Will e me sento no banco de trás enquanto ele assume o volante e Jay se senta ao seu lado, atraindo minha atenção com um aperto suave em meu tornozelo.

— Ele vai ficar bem — garante por cima do ombro.

— Foi muito sangue — digo com o maxilar cerrado e seco as novas lágrimas que surgem.

— É, mas ele é o Matteo — Will comenta, me analisando pelo retrovisor enquanto corre pelas ruas. — O *Matt* sempre volta pra *Alex*.

Aceno, sem saber como ser positiva, mas incapaz de pensar sobre o que pode acontecer caso eles estejam errados.

O caminho até o hospital se passa em silêncio e a cada minuto mais próximo, meu peito parece se apertar mais enquanto a cena é repassada em minha mente.

A arma sendo erguida. O gatilho sendo pressionado. O peito sendo perfurado.

É justo que ele pare de bater por você, Alex.

Como se eu fosse uma boneca, deixo que Will e Josh me guiem para dentro do hospital, tratando com a recepcionista que nos indica onde é a sala de espera.

Mesmo que mantenha o olhar fixo no relógio, perco a noção do tempo, afinal não consigo prestar atenção em nada que não seja a maldita cena.

A arma sendo erguida. O gatilho sendo pressionado. O peito sendo perfurado.

É justo que ele pare de bater por você, Alex.

Porra!

Não era pra isso acontecer!

Era uma missão simples. Uma emboscada tão fácil que chegava a ser ridícula a quantidade de agentes designados para pegar um único homem.

Um homem que está morto, mas que conseguiu machucar Matteo, porque quando eu precisei, minha arma travou.

Uma mistura de medo, raiva e indignação se forma dentro de mim e faz com que eu puxe minha Glock da parte de trás da minha calça, querendo entender que porra aconteceu naquela fábrica, mas antes que possa começar a desmontá-la, a pistola é arrancada de minha mão e eu olho furiosa para Wilson.

— Devolve — grunho, ficando em pé enquanto ele dá um passo pra trás.

— Nem fodendo.

— Não me faça pegá-la de você! — Tento dar mais um passo em sua direção, mas mãos se fecham em meus ombros e, como se eu fosse uma criança, sou forçada a sentar de volta enquanto Josh me olha com reprovação.

— Você ficou maluca, Kendricks, caralho?! — diz, sério. — Tá toda suja de sangue, parecendo uma psicopata, e decide puxar uma arma no meio da sala de espera de um hospital lotado?! — ele sussurra, mas sei que gostaria de estar gritando o quão absurdo estou agindo. — A gente sabe que não adianta tentar te mandar pra casa, mas, porra, se controla!

— Minha arma travou, Jay! — relembro. — Ela nunca trava! Eu não sei se foi algo que fizeram errado na limpeza ou se foi o golpe que dei na maçaneta. E eu quero descobrir! Eu preciso entender o que aconteceu que colocou Matteo em perigo!

— E a gente descobre — Wilson responde. — A gente vai descobrir o que aconteceu, mas não agora.

— Tudo bem. — Sei que eles estão certos, assim como sei que caso os dois se juntem, são mais do que capazes de me arrastar dessa sala se eu não concordar, por isso, cedo. — Mas quero minha arma comigo.

— Não.

— Wilson!

— Não! — repete.

— Wilson... — a voz grave de Carl atrai nossa atenção e nós três nos viramos para a porta por onde ele e Link entram. — Deixe a arma com ela — diz, mantendo a atenção em mim enquanto Will atende a orientação do diretor.

— Não me faça pegá-la de você, Kendricks — repete as mesmas palavras que acabo de lhe dizer.

— Pode tentar, se quiser — respondo, mas faço o que sei que tenho que fazer e guardo a Glock bem a tempo de agarrar a bolsa que Lincon atira em minha direção.

— Vai se trocar. Tá parecendo que acabou de matar alguém — manda com o mesmo tom seco que usa desde quando o conheci anos atrás, e ele se tornou responsável por checar minhas habilidades.

— Tudo bem. — Cansada demais para brigar por isso cedo mais uma vez, antes de olhar para Carl. — E só pra você saber, ameacei matar Kai.

— Eu soube — diz, se sentando na cadeira ao lado da de Josh, mostrando que pretende esperar por notícias sobre Matteo.

— E? — Ergo a sobrancelha.

— E que eu disse que ele deveria estar agradecido por você ter só ameaçado. Ah, e também falei que sou eu quem vai matá-lo se ele pensar em fazer alguma coisa contra vocês — responde, puxando o celular de dentro do bolso. — Vai se trocar, Kendricks. A gente vai te esperar aqui.

Sigo para o banheiro e ao dar de cara com meu reflexo, entendo o que Jay quis dizer quando falou que eu estava parecendo uma psicopata. Eu pareço ter saído de um filme de terror onde eu sou o monstro.

Há sangue em meu rosto, possivelmente pelas vezes em que sequei as lágrimas com as mãos sujas. Além disso, quando abro a jaqueta que Will colocou sobre meus ombros, me deparo com uma quantidade absurda de líquido âmbar espalhado em meu abdômen.

Cerro o maxilar, contendo o choro que volta a se formar e abro a mala que Link me entregou, encontrando um conjunto limpo do uniforme da *Orion*, desde os coturnos até o coldre.

Da maneira mais rápida que consigo, tiro a roupa, me limpo e volto a me vestir, incapaz de gastar muito tempo longe de onde vou receber notícias sobre Matteo. Prendo o coldre na coxa e olho pra minha arma, tentada a descobrir o que foi que aconteceu, mas escolhendo voltar para a sala de espera.

— Melhor? — questiono, soltando a bolsa sobre o pé de Link.

— Ainda parece que pode matar alguém — Wilson responde e dá dois tapinhas na cadeira ao seu lado, me chamando para sentar entre ele e Jay.

Volto a encarar o relógio, incapaz de me concentrar em qualquer coisa. Recuso o sanduíche que Josh oferece, assim como recuso o copo de água que Link ergue na altura do meu rosto. Rolo os olhos quando Carl pede que eu vá para um hotel e ignoro qualquer conversa que Will tenta iniciar.

Sei que eles estão tentando me distrair do fato de que já se passaram horas desde quando ele deu entrada na cirurgia e a única informação que tivemos foi que estão fazendo o possível, mas que a situação é grave. Acontece que eu não quero ser distraída. Eu quero saber se Matteo está bem.

Depois de algumas tentativas e de algumas ameaças que faço a Will quando ele tenta enfiar um pedaço de sanduíche na minha boca, eles entendem que não há nada que possam fazer e desistem de falar comigo, apesar de se manterem ao meu lado.

Por horas, fico em silêncio, sendo atormentada pela mesma cena que se repete.

A arma sendo erguida. O gatilho sendo pressionado. O peito sendo perfurado.

É justo que ele pare de bater por você, Alex.

Fecho os olhos e respiro fundo, tentando controlar a dor que fica cada vez maior dentro de mim, e quando volto a abri-los, dou de cara com um médico saindo pelas portas duplas e vindo direto em nossa direção.

— Alex?

Meu coração salta uma batida enquanto me coloco em pé, trêmula.

— A cirurgia foi encerrada, ele ainda está instável, mas se recusa a tomar qualquer medicamento antes de ver você — diz, parecendo não acreditar nas próprias palavras.

— Ele está bem? — minha voz não passa de um sussurro.

— Ele está *vivo* — corrige e acena com a cabeça na direção das portas, indicando que eu o siga. — Veste isso — manda, me entregando uma sacola com roupas esterilizadas.

Preciso de menos de vinte segundos para estar totalmente coberta pelo avental, touca, meias e luvas, já voltando a acompanhá-lo pelos corredores.

— Ele precisa dos medicamentos. — O médico que eu nem mesmo prestei atenção quando disse seu nome informa, parando de andar e apontando para a porta de um quarto.

Ainda tremendo, adentro ao cômodo, sem ideia do que vou encontrar, mas quando nossos olhos se encontram, Matteo é quem se surpreende ao me ver quebrar em um choro ainda mais intenso do que o anterior.

— Alex... — sua voz sai fraca e sua mão mal se movimenta quando ele tenta me chamar, mas é o bastante para que eu obedeça e chegue até a borda da sua cama, as lágrimas impedindo que eu assimile qualquer detalhe ao nosso redor.

— Nunca mais faça isso! — soluço, apoiando a testa contra a sua. — Nunca mais, Matteo!

Ele está vivo.

— Te avisei que tomaria um tiro por você.

— Se fizer isso de novo, eu quem vou atirar em você — aviso e, mesmo fraco, ele solta um riso baixo.

— Anotado, parceira.



29

ALEXANDRA KENDRICKS

Dias atuais

Remende o que foi quebrado

Retire estas palavras ditas

Encontre esperança na falta de esperança

Me tirar desse desastre

Desfaça as cinzas

Desencadeie as reações

Eu não estou pronto para morrer, ainda não

Me puxe para fora do desastre

(Train wreck - James Arthur)

FALEI QUE NÃO achava que pudesse doer mais do que já estava doendo.

Estava enganada.

Sentir Matteo dentro de mim e ouvi-lo dizer aquilo doeu mais do que eu imaginei ser possível. Mais do que achei ser suportável.

Enquanto acelero a moto, repasso os anos que dividimos um com o outro, me atentando ao máximo de detalhes possíveis, afinal, eu sou a única pessoa que pode se lembrar de tudo.

Lembro da primeira vez que nos vimos, da primeira vez que ele sorriu e da primeira vez que me chamou de Alex, mesmo que eu não tenha gostado tanto.

Me lembro do primeiro beijo, do primeiro toque e da primeira vez que minhas cicatrizes foram tocadas com carinho.

Recordo da primeira vez que fui defendida, da primeira vez que consegui dormir bem por me sentir em segurança, e da primeira vez em que estive em um tatame.

Me lembro de todas as primeiras vezes que vivi com Matteo e, junto com elas, me lembro das segundas e terceiras vezes, afinal, criamos nossa rotina nesses oito anos.

Era algo nosso. Nosso jeito, nossas ações, nossos sorrisos, nossas provocações.

Por oito anos, fomos *Alex e Matt*.

Até que... acabou.

Hoje, mesmo que eu continue pensando nele como *Matt*, me lembrando de tudo o que fez com que ele se tornasse o centro do meu universo, pra ele, eu sou Alexandra.

Para o homem que ficou no apartamento, eu não passo de uma desconhecida que tem tentado de todas as formas fazê-lo se lembrar de algo que foi arrancado de sua memória. Eu tenho tentado ao ponto de causar dor em nós dois.

E eu estou cansada de sentir dor.

Estou cansada de assisti-lo sentir dor.

Eu só... estou cansada.

Por isso, estou correndo. Porque preciso afastar essa sensação, afinal, Matteo pode não se lembrar da promessa que fez sobre voltar pra mim, mas eu me lembro de quando prometi que esperaria por ele.

Estou esperando.

Só não imaginei que essa espera fosse tão parecida com uma sessão de tortura.

Sinto meu celular vibrar no bolso de trás da calça e, por mais que não queira falar com ninguém, jogo a moto para o acostamento e suspiro ao ver o nome de Link.

— E aí? — respondo, apoiando o capacete sobre o tanque.

— *Mudança de planos.*

Franzo o nariz.

— Odeio quando diz isso — suspiro. — O que houve?

— *Nada de mais, mas acabamos de descobrir que o cartel que vocês iam invadir vai despachar uma encomenda hoje à tarde. Então estamos adiantando a missão.*

Suspiro.

Nem mesmo me lembro qual a última invasão que fiz destinada a apreensão de drogas, mas provavelmente foi no meu primeiro mês no LAPD.

Não é uma missão difícil o suficiente para me distrair, além do que a adrenalina não vai subir o bastante para me animar, mas já que não tenho nada melhor pra fazer, respondo:

— Chego em vinte minutos.

— *Vocês dois?*

— Não. Não estou com Matteo.

— *Vai avisá-lo?*

— Vou deixar essa tarefa pra você — respondo e, sem lhe dar tempo de responder, desligo a ligação.

Mais difícil do que me lembrar de qual foi a última vez que participei desse tipo de missão é me lembrar de alguma vez já ter evitado falar com Matteo.

Parece que as coisas mudam, afinal.



MATTEO FAWCETT

Meu quarto está com o seu cheiro.

Desde quando eu voltei e dividi a cama com ela sempre esteve, mas depois do nosso sexo, está ainda mais intenso. E ao mesmo tempo em que isso é delicioso também é uma tortura, porque é apenas seu cheiro que está aqui. Não ela.

Porque eu a machuquei.

Mais uma vez.

Sabia que não devia ter cedido. Sabia que tocá-la sem me lembrar era errado, mas porra, foi o erro mais delicioso que eu já experimentei.

Até que ela me perguntou aquilo e eu não pude mentir, assim como não pude lhe dar esperanças do que está por vir, afinal, eu nem mesmo me reconheço mais. Pior ainda, eu não *a* reconheço mais.

Esquecer de Alexandra é pior do que esquecer de mim, por isso, mais uma vez, tento me lembrar.

Busco nas memórias pelo sorriso, pelos olhos, pelo toque. Busco pela mulher que eu amava. Busco pelo sentimento que eu sei que refletia o que vejo sempre que a pego me olhando.

E eu só encontro a dor.

Aperto a cabeça contra o travesseiro e cerro os dentes enquanto a mesma sensação de ter o cérebro sendo perfurado me atinge.

Calafrios sobem pelos meus braços, tremores atingem meu corpo e eu sei que deveria desistir, mas mesmo em meio a dor, eu continuo vasculhando o espaço vazio das memórias, afinal, não preciso me lembrar pra saber que nada doerá tanto quanto perdê-la, e a cada segundo que eu passo sem ter essa parte de mim, é um segundo mais perto que estou de vê-la desistindo de nós dois.

Busco pelo *Matt* que ela quer. Busco pela pessoa que poderia responder que a ama mais do que o próprio ar. Busco pelo homem que eu quero voltar a ser.

Por ela.

Tento me lembrar de uma mesa de sinuca, porque ela disse o quanto gostávamos disso, mas falho. Assim como falho ao tentar

me lembrar de ter uma parceira nos treinos no *Dojô*.

Não há nada!

E isso, ao mesmo tempo em que me frustra, me desespera.

Incapaz de lidar com a dor que se torna insuportável, desisto de vasculhar minha mente e solto o corpo sobre os lençóis suados, tentando regular a respiração que eu nem mesmo notei estar acelerada.

Sua voz ecoa em minha mente e eu posso ver os olhos escuros fixos em meu rosto enquanto ela repete o pedido que quero tanto atender:

Lembre-se de mim.

— Estou tentando, Alex — digo, baixo, antes de girar na cama que exala seu cheiro, para alcançar meu celular que vibra com uma nova chamada.

— *Fawcett?*

— Diga, Link.

— *A missão de vocês foi adiantada pra hoje. Kendricks já está vindo pra sede.*

Ao mesmo tempo em que não acho uma boa ideia me encontrar com ela depois do que aconteceu há algumas horas, quero desesperadamente vê-la para garantir que a expressão destruída que cruzou seu rosto não está mais presente.

Além do mais, somos parceiros. Eu protejo suas costas e ela protege as minhas.

Sempre foi assim.

Pelo menos, é o que dizem.

— Chego em trinta minutos — aviso.



A L E X A N D R A
K E N D R I C K S

Como se o universo conspirasse contra mim, antes mesmo de subir os degraus existentes na fachada do prédio, dou de cara com Matteo, nossos olhos como sempre se encontrando.

É uma porra que ele mesmo sem memória consiga me olhar tão intensamente quanto antes, como se pudesse enxergar cada minúsculo pensamento que cruza minha mente.

E é uma porra que pela primeira vez eu me sinta desconfortável com isso.

Odeio que nossa relação tenha qualquer coisa ruim, mas é inevitável.

Sei que não faz sentido e que é injusto, afinal, ele não escolheu passar por isso, mas eu odeio ter sido esquecida. Eu odeio que ele não se lembre de mim. E eu odeio pensar que nunca voltaremos a ser o que éramos.

Quando era criança, uma professora pediu que desenhássemos o lugar onde nos sentíamos amados, protegidos, felizes. Ela esperava que desenhássemos nossas casas, por isso se surpreendeu tanto quando entreguei o papel em branco e disse que não conhecia nenhum lugar assim.

Bom, se eu tivesse que refazer esse exercício, desenharia os braços de Matteo, porque foi ali onde conheci tudo isso. Felicidade, proteção, amor. Exceto que agora amor não é mais uma coisa que posso encontrar, afinal, como ele mesmo disse, ele não me ama.

E entender isso me leva a outra linha de raciocínio que só mostra quão fodida eu estou.

Há alguns anos, enquanto caminhava pelas ruas de Los Angeles, sem a menor ideia do que aconteceria no meu futuro, não me permiti sentir medo, pois eu sabia que encontraria um jeito de ficar bem. Entretanto, agora, medo é a única coisa que consigo

sentir, porque algo me diz que sem ele, nada nunca vai chegar perto de ser como era.

— Quer conversar? — questiona, ainda me olhando fixamente.

— Não.

Eu não quero conversar, quero que ele volte!

É uma atitude infantil, mas foda-se!

Dói. Dói pra caralho e eu não quero enfrentar a dor agora. Eu só quero fugir. Mesmo que isso signifique fugir dele.

— Alex...

— Temos uma missão, Matteo — declaro, voltando a subir as escadas.

Mas, antes que eu possa chegar no último degrau, ele faz a pergunta que aperta meu coração:

— Eu perdi você?

Sem me virar, fecho os olhos e lhe dou a resposta que termina de estraçalhar todos os cacos restantes que eu tenho dentro do peito:

— Eu não sei.

Mais uma vez, meus passos são interrompidos por sua voz:

— Eu não vou desistir de você, Alexandra. É uma promessa.

Parte de mim quer acreditar no que Matteo diz, mas a outra parte só consegue pensar em como ele não cumpriu a última promessa que fez.

Não lhe respondo.

Como de costume, mesmo que a missão seja mais fácil do que estamos acostumados a lidar, sigo para a sala de Carl, onde as instruções serão dadas, mas no instante em que abro a porta, congelo.

— Tá brincando comigo — resmungo, dando de cara com Kai.

Não vejo esse imbecil desde o dia em que segurei uma arma apontada para a sua cabeça. Na verdade, desde esse dia, não

soube de nenhuma missão em conjunto com a Agência de Segurança Nacional. Entretanto, justo hoje, aqui está ele.

— Bom te rever, Agente Kendricks — diz com a voz amarga, deixando claro que está tão insatisfeito quanto eu. — É bom ver que está melhor, Agente Fawcett. Aliás... não tão melhor, não é? Soube que perdeu a memória e...

Irritada com o tom debochado que ele usa para falar sobre isso, apoio a mão sobre a Glock presa em meu coldre, mantendo os olhos fixos sobre a cabeça que me sinto tentada a explodir.

— Não estou em um bom dia, Kai. Se eu fosse você, não me testaria — comento. — Sua sorte pode acabar não sendo tão boa quanto a minha mira.

— Está me ameaçando?

Sorrio.

— Precisa que o cano da arma esteja no seu queixo pra entender isso?

— Alexandra... — o som da porta sendo aberta antecede a voz de falsa reprovação de Carl, enquanto ele adentra a própria sala. — Você precisa parar de ameaçar os outros.

— Os outros precisam parar de me irritar — rebato, ainda olhando para o rosto que gostaria de descontar toda minha raiva.

— Kai, se mantenha em silêncio — manda, deixando claro que também não simpatiza com o cretino. — Você não está aqui como elo.

Surpresa, volto minha atenção para ele.

— Então o que *ele* tá fazendo aqui?

— Ele é meu auxiliar.

Me viro para a porta no instante em que Link, acompanhado de um cara alguns anos mais velho do que eu, entra na sala.

— E você é? — Ergo a sobrancelha, nem um pouco afetada pelo cabelo castanho e olhos esverdeados, mesmo que eu tenha certeza que sua aparência seja algo que atrai atenção por onde ele passa.

— Derek Hotch, elo com a NSA — responde e estende a mão para mim, sorrindo. — E você deve ser a famosa Alexandra Kendricks, a arma letal.

— Se sou famosa, provavelmente não estou fazendo meu papel direito — comento.

— Não se preocupe, Alex. É famosa por ser boa no que faz.

Ouvir alguém que não seja Matteo me chamando assim é, no mínimo, desagradável, mas mal tenho tempo de assimilar o desconforto, antes que meu parceiro limpe a garganta e estenda a mão na direção do novo elo com a NSA.

— Bom te conhecer, Hotch — o gelo pinga de sua voz.

— Matteo Fawcett, não é mesmo?

— Exatamente. E, *pra você*, é Alexandra — avisa e olha para mim. — Não é, Alex?

Não acho que seja sua intenção, mas ouvi-lo cedendo e me chamando assim para marcar seu território porque um homem me olhou com interesse, é incômodo.

Matteo e eu sempre tivemos o sentimento de posse um com o outro, mas não consigo achar justo pertencer a ele enquanto ele não sabe como pertencer a mim.

Porém, mesmo com essa sensação incômoda, não existe nada que possa se colocar entre minha lealdade com Matteo, por isso, ao invés de provocá-lo, cruzo os braços e assinto.

— É, Matt.



MATTEO FAWCETT

Um filho da puta.

É isso que eu sou.

Um filho da puta.

Mas foi impossível me controlar enquanto eu assistia aquele desgraçado olhar para a minha mulher daquele jeito, o que ficou ainda pior quando ele a chamou de *Alex*.

Nem. Fodendo.

Ela pode ser a *famosa Alexandra Kendricks*, mas ela é a *minha* Alex.

E eu sei, *eu sei*, que esse pensamento apenas reforça o quanto sou um filho da puta, principalmente porque tenho a ciência de que ainda não sou o Matt que ela quer, mas eu também tenho plena consciência de que mesmo não sendo quem já fui, continuo sendo dela.

Eu pertenço a Alexandra, mesmo sem me lembrar de quando foi que isso passou a ser um fato.

Depois de longos minutos ouvindo Derek e Link falarem sobre a missão em que iremos junto com uma equipe da NSA, finalmente saímos do ambiente que quase não nos permite respirar, graças a tensão que nos envolve, mas no segundo em que eu e Alexandra chegamos ao corredor que leva até a sessão do material bélico, sou empurrado contra a parede.

— Escuta aqui, *Matt* — sibila e se aproxima com os olhos em chamas, o antebraço vindo na direção do meu pescoço, cortando parte do meu ar. — Você tem sorte de eu amar a porra do seu rosto, porque eu juro que senti vontade de destruir a sua cara quando fez aquilo.

— Quando fiz o quê? — questiono, sem tentar me libertar. — Quando deixei claro que você é minha pra um cara que claramente gostaria de te comer?

— E se eu quiser dar pra ele?! Nossa exclusividade acabou quando você entrou naquele avião, foi pra África e esqueceu de mim! — suas palavras pingam mágoa.

— Não foi minha culpa esquecer de você!

— Mas também não foi culpa minha e sou eu quem estou sofrendo! — grunhe. — É a porra do meu peito que dói quando você olha pra mim e diz que não me ama.

Agarro seus braços e, com um movimento rápido, nos giro, fazendo com que seja ela a acabar de costas contra a parede.

— Eu sabia que não devia ter te tocado antes de me lembrar.

Alexandra solta um riso incrédulo.

— Quer dizer que se arrepende de ter me fodido?

— Me arrependo de ter te machucado! — lato, próximo ao seu rosto. — Te esquecer dói, Alexandra, mas saber que isso te machuca é ainda pior. Então é, eu não sei como é ser esquecido, mas olhar pra você e não me lembrar de tudo... olhar pra você e ver o quanto te decepciono... olhar pra você e não conseguir lembrar da porra da mulher da minha vida enquanto vejo o quanto a faço sofrer, também dói pra caralho! — sinto minha garganta apertar enquanto as emoções chegam a superfície. — Eu disse que não vou desistir de você e eu não vou. Nunca. Mas eu preciso que você entenda que não é a única que está sofrendo aqui.

Estamos a poucos centímetros um do outro, mas, mesmo assim, há muito entre nós dois. Saudade, mágoa, amor, raiva.

Há um caos inteiro entre Alexandra e eu.

Um caos que eu não sei como acalmar. Um caos que ela não parece conseguir controlar.

É assustador. É intenso. É tão perturbador quanto a mulher que eu seguro contra a parede e que me olha como se não soubesse se quer me beijar ou me matar.

— Ei, gente? — Como se a bolha ao nosso redor estourasse, voltamos nossa atenção para Connelly, notando que várias pessoas olham para onde nós não estamos mais falando, mas sim *gritando*.

Completamente descontrolados.

— Acabou o show. — Ela se recupera antes de mim e empurra meus ombros pra trás, se livrando do meu toque e seguindo pelo corredor até a sala do material bélico, pronta pra se preparar para nossa primeira missão desde o meu retorno.



ALEXANDRA KENDRICKS

— Kendricks? — Link chama e toca meu cotovelo, acenando com a cabeça para que eu me afaste de onde o restante da equipe se prepara para a invasão.

O acompanho até uma parte mais afastada da garagem que estamos usando para nos organizar e cruzo meus braços sobre o colete à prova de balas.

Estamos em Gardner, uma pequena cidade localizada a pouco mais de cem quilômetros de Boston, onde um pequeno cartel está prestes a distribuir centenas de quilos de uma nova droga chamada *Vevir*.

— O que você acha? — Link questiona e cruza os braços.

— Da missão? — pergunto, confusa e dou de ombros. — Fácil demais para estarmos aqui. Chega a ser ridículo a quantidade de pessoas designadas para isso — comento e aceno para o grupamento de quase vinte agentes da SWAT, além de mim e Matteo, que também iremos para campo.

— Sabe que só nos envolvemos porque queremos que Fawcett seja testado em campo.

— Eu sei.

— E é sobre isso que estou perguntando. — Assim como Link, deixo que meus olhos sigam até onde Matteo está parado, analisando a cidade.

Mesmo com o colete envolvendo seu tronco, não posso deixar de notar o quanto continua tenso desde a nossa discussão no corredor. Ele se manteve em silêncio desde quando gritou em meu

rosto, o quanto também está sofrendo com tudo o que está acontecendo entre nós.

— Quer saber se acho que ele está pronto?

Link resmunga uma concordância e eu suspiro.

— Ele voltou a ser o agente que era. — *Ele só não voltou a ser o Matt que era.*

— Como você está?

— Eu? — Sua pergunta me pega de surpresa e eu me viro para olhá-lo.

— É. Você foi quem perdeu os dois amigos e que foi esquecida pelo cara que sempre foi o único em quem confiou.

— Link, se você participasse de uma competição com as pessoas mais insensíveis do mundo, além de ganhar, faria os outros chorarem — debocho.

— Estou sendo sensível o suficiente pra me preocupar com você. Faz um tempo que não se parece com a Alexandra que eu conheci naquele bar.

— Talvez porque a Alexandra que você conheceu só era daquele jeito porque tinha Matteo ao seu lado.

— Acha que ele não vai se lembrar?

Apesar de ter a resposta em minha mente, não me atrevo a dizê-la em voz alta.

— Hora de ir — anuncio, preferindo me enfiar em uma possível troca de tiros do que assumir que não, eu não acho que Matteo vai se lembrar de mim.

Apesar de já estarmos próximos do local, a equipe se divide em cinco furgões que se espalham pelas ruas, todos seguindo para o mesmo ponto, porém por caminhos diferentes.

Como de costume, à medida em que nos aproximamos, confiro meu armamento, carregando-o e ejetando a munição para garantir que está tudo funcionando conforme o previsto.

— O que está fazendo? — Waist, o comandante da equipe da SWAT pergunta, sentado em minha frente, enquanto Matteo

permanece em silêncio, sentado ao meu lado.

— Conferindo — respondo e, ao me dar por satisfeita, guardo a pistola em meu coldre, antes de erguer os olhos para ele. — Há uns anos, deixei que limpassem minha Glock e acabaram esquecendo de reposicionar uma das molas do carregador — conto, relembrando do que descobri depois que Matteo finalmente aceitou ser medicado, ainda internado na UTI do hospital. — Minha arma travou e, pra me dar tempo de fugir, meu parceiro acabou se usando de isca.

Sinto o olhar de Matt cair sobre mim ao ouvir uma história sobre si mesmo que ele ainda não conhecia.

— Ele morreu?

— Não. Mas quem atirou nele, sim — digo, sem esconder a satisfação por poder dizer isso. — Só que desde então, além de não deixar mais ninguém mexer na minha Glock, eu a testo antes das missões.

Para garantir que vou poder proteger as costas de Matt, do jeito como não consegui naquele dia.

Poucos segundos depois, o furgão para e as portas são abertas, mas antes que nós dois deixemos o veículo, nossos olhos se encontram.

Ele pode não saber, mas eu posso ouvir sua voz ecoando dentro de minha mente, dizendo as mesmas palavras que sempre repetimos um ao outro quando ainda éramos *Alex e Matt*.

Eu protejo suas costas.

Nesse segundo, antes de sacarmos nossas armas, eu entendo que mesmo que sua memória nunca volte, que ele nunca se lembre, eu sempre vou amá-lo. Eu sempre vou me lembrar de tudo o que eu senti ao estar com ele.

Ele sempre será minha lembrança favorita, mesmo que eu nunca volte a ocupar a sua memória.

— Vamos — digo e aceno para a porta.

Como nas poucas vezes em que participamos de emboscadas no LAPD, Matteo e eu avançamos com passos

sincronizados, estudando o espaço à procura de alguma ameaça, até que um disparo atinge o chão próximo aos meus pés. Seguido por mais um. Então outro.

— Tiros! — grito e empurro as costas dele para que se abaixe atrás do veículo branco estacionado na lateral da rua.

— *Kendricks?!* — a voz de Link soa através do ponto.

— *Estão atirando* — informo e olho ao redor, procurando a origem dos disparos.

— *Kendricks, sai daí! É uma emboscada!*

Porra!

— Matteo, a gente tem que... — Minha voz fica presa na garganta e todo o meu mundo se sacode sob meus pés no instante em que me viro para olhá-lo.

Sua Glock está no chão e as duas mãos pressionam as têmporas com a mesma força que ele parece usar para apertar o maxilar. Seu rosto está vermelho e as veias saltam em sua testa. Ele está com dor.

— Matteo! — consigo chamar e caio de joelhos ao seu lado. — Te acertaram? — Apalpo sua nuca e tronco, mas ele nega.

— Minha cabeça — grunhe entredentes. — Alex, minha cabeça!

Desespero me toma.

— *Link, tira a gente daqui!* — ordeno e me encolho quando um disparo soa mais próximo.

Empurro Matteo contra a lataria do carro, mantendo-o o mais escondido possível dos disparos e agarro minha Glock, antes de voltar a olhar em volta, ainda em busca da origem dos tiros.

— *O que tá acontecendo, Kendricks?* — Através do ponto, além da voz agitada de Link, posso ouvir pneus cantando e sei que ele já está a caminho.

— *O Matteo...*

Dessa vez, não é apenas minha voz que desaparece, mas sim o meu chão.

O mundo parece se sacudir ao meu redor e meu corpo, por milésimos de segundos, fica pesado demais para ser movido enquanto vejo três pontos vermelhos surgirem sobre Matteo. Um em sua testa, um em sua bochecha e outro em seu pescoço.

Ele está sob a mira de três rifles enquanto agoniza de dor.

E essa constatação é o que faz o tempo voltar a correr.

Solto minha arma, mas não ouço o som da pistola atingindo o asfalto antes que eu abrace sua cabeça, me colocando na frente das miras, e receba os disparos que dessa vez além de tirar o chão dos meus pés, apaga o mundo ao meu redor quando perco a consciência.



30

MATTEO FAWCETT

Dias atuais

Fujo de você
Meu doce amor, não posso acreditar que vou
Fugir para longe de você
Para esconder a minha dor

Não me abrace, não me segure
Não deixe isso, neste chão quebrado
Se você me ama, se você me ama agora
Não me abrace, não me segure
(Don't hold me - Sandro Cavazza)

OUÇO SUA VOZ se misturar com as batidas do meu coração.

Tum tum.

— Sou eu, porra! A Alex!

Tum tum.

— Lembre-se de mim.

Tum tum.

— Você prometeu que voltaria, Matt.

Tum tum.

— Posso ter sido arrancada da sua cabeça, mas nunca vão conseguir verdadeiramente me arrancar de você.

Tum tum.

— Eu realmente sinto sua falta.

Tum tum.

— Não, Matt. Se você não se lembrar, eu te perco.

Tum tum.

— Não acho que possa doer mais do que já dói, Matt.

Tum tum.

— Você acha que vai lembrar de mim?

Tum tum.

— É a porra do meu peito que dói quando você olha pra mim e diz que não me ama.

Sinto seus braços me circulando instantes antes que algo sacuda seu corpo uma vez.

Duas vezes.

Três vezes.

Então, tudo some.



ALEXANDRA KENDRICKS

A primeira coisa que eu sinto é a dor.

Uma dor forte o bastante para me fazer choramingar, o que apenas aumenta a pressão em minhas costas.

Que porra?!

Tento me virar, mas é quase submeter meu corpo a uma tortura, então permaneço imóvel, apenas abrindo os olhos para dar de cara com o teto branco e a luz fluorescente que quase me cega.

Pisco algumas vezes, tentando me acostumar com a claridade, até que a luz se apaga.

— Melhor? — Link pergunta e eu suspiro, aliviada por ouvir uma voz conhecida.

— O que aconteceu? — pergunto e cerro o maxilar para a dor que o esforço de falar causa. — Eu morri?

— Acha que eu estaria falando com você se tivesse morrido?

— Considerando que eu acho que vou para o inferno, sim — respondo e grunho mais uma vez.

— A médica disse que você podia sentir dor quando acordasse — comenta e ouço seus passos se aproximando. — Ela falou que era só apertar isso daqui e...

De maneira quase instantânea, sinto meu corpo relaxar o bastante pra que eu consiga mover a cabeça e olhar uma espécie de controle remoto em sua mão, além de conseguir notar os equipamentos médicos espalhados ao redor.

— Estou no hospital? — questiono e ele assente, devolvendo o aparelho sobre a mesa.

Apesar da *Orion* aparentar ser uma construção de apenas três andares, ela, no total, tem sete, sendo quatro andares subterrâneos. Um desses andares comporta um hospital para atendimento de urgências, que é onde estou nesse segundo.

— O que aconteceu?

— O cartel encontrou as escutas que a NSA plantou e armaram uma emboscada. Eles estavam preparados para um ataque.

Flashes dos disparos me atingem e ignorando o desconforto e a tontura, me sento apavorada.

— Matt?!

— Está sedado, mas aparenta estar bem — suspiro, aliviada. — Mas você quase morreu, Kendricks.

— Eu sei. — Assinto e com cuidado me movo na maca, empurrando meu corpo pra cima, me sentando.

— Se colocou na mira de três fuzis.

— Eu sei.

— Só está viva porque esse colete que o Ryan tá desenvolvendo foi forte o suficiente para evitar que você morresse, mas o agrupamento dos tiros te deu duas costelas fraturadas.

— Que bom que o colete funcionou, não é? — provoco, o que faz Lincon suspirar e se sentar no pé da maca onde estou.

— Estou dizendo que você quase morreu, Alexandra. Você não se importa com isso?

— Morrer pra manter Matteo vivo? Claro que não me importo. — Não há hesitação em minha resposta.

Ele respira fundo.

— Sabe que ele pode nunca voltar, não sabe? A memória dele.

A pergunta machuca, mas não chega perto de machucar tanto quanto o aceno que dou com a cabeça.

— Eu sei.

— Sabe que o *Matt* que você conhece pode ter morrido naquela explosão, não sabe?

— Eu sei.

— E você sabe o que era a coisa mais importante para *aquele* Matt?

— Eu.

Lincon assente.

— E você acha que *aquele Matt*, o mesmo que se colocou na frente de tiros por você, gostaria de te ver sofrendo da forma como sofre a cada vez que entende que a memória dele pode nunca mais voltar?

— Eu não posso desistir dele, Link — sussurro para ele e... bom, pra mim.

— Parar de se machucar não é desistir de Matteo, Alexandra. É cuidar do que sempre foi importante pra ele. *Você.*



MATTEO FAWCETT

Arfo, desesperado por ar, mas mais desesperado ainda por *ela*.

Me debato, conseguindo me sentar e olho ao redor.

— Ela está bem — Carl diz de algum lugar próximo de mim, mas eu não o enxergo graças a visão turva e a cabeça pesada. — Matteo! — Sua mão toca meu ombro. — Ela está bem! — reforça, pausado, e só então percebo que não estou ofegando.

Estou repetindo seu nome.

— *Alex. Alex. Alex.*

Agarro o punho que está em meu ombro e tento me acalmar, me concentrando apenas no que importa. Ela está bem.

Alex está bem.

Desabo contra uma superfície macia e abro os olhos mais uma vez, clareando a visão até me dar conta de que estou em uma espécie de hospital bem parecido com o que acordei há algumas semanas.

— Cadê ela? — é a primeira pergunta que consigo fazer.

— Sendo examinada.

— Examinada? — Volto a me sentar, alarmado. — Por quê? O que aconteceu com ela?!

— Alexandra tomou três tiros e...

Não espero que termine o que está dizendo antes que eu puxe o acesso conectado a minha mão e o arranque, deixando que o sangue flua livre.

— Matteo, dá pra parar?

— Eu preciso vê-la!

— Primeiro me explica que porra aconteceu! — ordena, se colocando em minha frente. — Me explica por que sua parceira precisou se colocar na frente de três fuzis pra te defender enquanto você mal conseguia ficar acordado. Você não estava bem?!

Culpa me corrói.

Eu só senti aquela dor porque tentei me lembrar.

Quando a ouvi falando sobre o passado, contando sobre o *parceiro* que tomou tiros por ela e não consegui me lembrar de nada, desejei que a bomba tivesse me matado.

Como era possível que eu tivesse apagado a mulher por quem eu morreria?

Eu precisava me lembrar, mesmo sabendo que aquele não era o momento certo.

Quando percebi a dor se iniciando, tentei desistir, mas já era tarde demais, e tudo ficou pior quando os disparos começaram.

— Me deixa te mostrar uma coisa — Carl pede e coloca um *tablet* sobre meu colo.

Pressiono o *play* e um vídeo meu se inicia. Na imagem, estou sentado na cama de um hospital, com um curativo gigante cobrindo meu peito.

— *Nome?* — uma voz masculina pergunta de trás da câmera.

— *Matteo Fawcett.*

— *Função?*

— *Agente supervisor.*

— *Relacionado ao caso de John Martin, também conhecido como* Snake*, o que pode dizer sobre o ocorrido?*

— *Não receberam o relatório?*

— Responda a pergunta, agente.

Na imagem, suspiro, parecendo entediado.

— Eu e minha parceira, Alexandra Kendricks, decidimos nos disfarçar e...

— Estou perguntando sobre a outra parte, agente.

— Qual parte especificamente?

— Estou perguntando por que não agiram de maneira diferente. Porque, ao invés de se colocar na frente de uma arma, não deixou que Snake se aproximasse de Alexandra, para que você pudesse tentar capturá-lo, já que essa era a ordem dada.

— Está me perguntando por que não deixei que um psicopata se aproximasse da minha parceira, usando-a de isca pra que eu tentasse *pará-lo antes que ele a machucasse?*

— Exatamente isso que estou te perguntando.

— Foi mais seguro agir como eu agi.

— Você foi baleado, Fawcett. Isso não é seguro.

— Mais seguro para ela. *Eu faço o que for preciso para garantir que Alexandra fique bem.*

— Inclusive matar um alvo que não deveria ser morto?

— Quer a verdade?

— Sim.

— Se eu precisasse matar você para deixá-la em segurança, eu nem mesmo pensaria antes de enfiar uma bala na sua cabeça. Tentar conter Snake *colocaria ela muito perto da linha de fogo e eu nunca escolheria esse tipo de opção. E se serve de alguma coisa, não, eu não me arrependo.*

— Sabe que ela o matou, não sabe?

— Então você entende por que minha garota é chamada de arma letal.

A imagem congela e eu olho para Carl.

— Por que me mostrou isso? — questiono, cauteloso.

— Tenho mais uma coisa pra te mostrar — avisa e passa o dedo sobre a tela, mudando o vídeo para outro. — É de uma

câmera que filmou o tiroteio hoje.

Mais uma vez, pressiono o *play* e assisto, desde o momento em que saímos do furgão, até o segundo em que sou puxado para a retaguarda do carro. Vejo como Alexandra não nota quando levo minhas mãos até as têmporas, preocupada demais em encontrar a origem dos tiros. Mas eu também vejo quando três pontos vermelhos aparecem sobre mim. Um na têmpora, um na bochecha e um no pescoço.

E então, eu assisto o momento exato em que ela se lança na minha direção, abraçando minha cabeça e se usando de escudo entre mim e os tiros que a acertam, fazendo com que seu corpo seja sacudido uma, duas, três vezes.

Seu corpo mal termina de desabar sobre o meu, antes que um carro se coloque ao nosso lado e nós dois sejamos carregados para dentro do furgão por Lincon e Derek.

— Pouco antes de viajar pra África, você foi até minha sala e implorou pra que eu a mantivesse fora de campo — diz, assim que a imagem é congelada mais uma vez. — Você me avisou que se alguma coisa acontecesse com ela, eu perderia dois agentes, porque você morreria.

Não duvido.

— Vocês se definiam como parceiros, mas parceiros protegem um ao outro. Vocês se *sacrificam* um pelo outro — continua, sem se importar pelo silêncio que se mantém sobre mim. — Todas as vezes em que eu disse que são assustadoramente intensos, vocês se prenderam demais na parte do *intenso*, mas eu também me referia a parte do *assustador.* Vocês dois... a ligação que têm é assustadora, Matteo. Alexandra não se importa de morrer pra que você viva. E isso vai acabar a matando.

Meu peito se aperta enquanto suas palavras me atingem.

— Ela perdeu os dois amigos, quando Josh e Will se foram. Mas ela perdeu uma parte dela quando sua memória se foi. E mesmo assim, ela tem sido forte por vocês. Isso está machucando aquela garota. E eu sei que não *gosta* de saber disso, mas caso sua memória volte e o antigo Matteo veja Alexandra sofrendo assim...

ele vai enlouquecer. O antigo Matteo nunca aceitaria vê-la passar por algo assim.

— Diga o que quer dizer, Carl.

— Eu não acho que vocês estejam fazendo bem um para o outro.

Eu definitivamente não estou fazendo bem pra ela.



A L E X A N D R A
K E N D R I C K S

Paro no batente da porta, analisando a imagem do homem deitado na cama de hospital, e luto contra a vontade de rastejar até seu peito para que ele me proteja do mundo que desmorona ao nosso redor.

Porque é isso o que está acontecendo agora.

O mundo está desmoronando.

Meu coração está parando.

E eu estou me preparando para aprender a como ser *Alex*. Sem *Matt*. Apenas... *Alex.*

Porque naquele dia, anos atrás, eu aprendi a ser a dona do jogo que eu jogava *com ele*. Eu aprendi a dar as cartas junto *com ele*.

Não posso mais fazer isso, afinal, ele não é a mesma pessoa.

Mais uma vez, preciso aprender a como me virar sozinha, mas diferente de quando fiquei aliviada ao sair da casa de Adam, diferente de quando fiquei aliviada ao ser tirada da minha mãe, agora, eu só sinto... dor.

Os últimos dias têm se resumido a isso. Dor.

Em mim e nele.

Acho que se fosse só eu sofrendo, aguentaria. Mas não suporto a ideia de machucar Matteo.

Então, estou desistindo.

Estou desistindo de trazê-lo de volta, mesmo que eu saiba que sempre o esperarei. Estou desistindo de fazê-lo voltar a ser *meu Matt*, mesmo que eu saiba que nunca vou deixar de ser *sua Alex*.

— Para de me encarar — ele pede, sem desviar os olhos do teto e eu de alguma forma consigo dar um riso fraco, ignorando a dor que sinto nas costelas, já que ela não chega nem perto da que sinto no peito.

— Não estou encarando — respondo, dando alguns passos até sua maca, sem prosseguir com o resto da nossa provocação. — Como você está?

— Eu? *Você* quem tomou tiros de fuzil, Alex — acusa, me olhando.

— Só retribuí o favor. — Dou de ombros, sustentando seu olhar enquanto me sento na beirada da maca.

— Obrigado por me salvar.

Sorrio.

— Você me salvou primeiro, Matt. Mais de uma vez.

E é por isso que eu odeio tanto o que está acontecendo.

Odeio a dor que causo quando me decepciono por ele não se lembrar, assim como odeio a dor que sinto quando continuo ausente na sua memória.

Odeio ser a causa da dor da pessoa que nunca deixou que eu me machucasse.

Odeio nos odiar.

Ele era minha memória favorita, meu momento mais feliz, mas agora, quando penso sobre Matteo, a angústia me atinge.

É errado nos transformar em algo ruim.

E. Eu. Odeio. Isso.

Esse homem é o amor da minha vida e, por um tempo, antes que eu fosse apagada, eu fui o amor da vida dele. Não é justo que uma história como a de *Alex e Matt* se transforme em... dor.

Não é justo que eu quebre a pessoa que me consertou porque espero algo que ele talvez nunca possa me dar.

— Você vai embora — ele diz, como se pudesse ler nos meus olhos o que eu acabo de decidir com Carl.

Eu preciso me afastar pra aprender como passar pela vida sem tê-lo ao meu lado.

— Por um tempo — confirmo.

— Por quê?

Porque eu odeio ver que te faço sofrer.

— Porque não consigo mais olhar para o homem que eu amo e ver que ele não sente o mesmo por mim. — Mesmo que não seja uma mentira total, não chega perto da verdade.

Por ele, eu aguentaria.

O que eu não aguento é ser o motivo da dor que ele sente.

— Então eu quebrei uma das nossas promessas, Matt — sussurro e seguro sua mão. — Prometi te trazer de volta, mas... eu não consigo fazer isso.

Ele cerra o maxilar e eu odeio notar como luta contras suas lágrimas com a mesma força que eu luto contra as minhas.

Já faz um tempo que *Alex e Matt* terminaram, mas, nesse segundo, estou me despedindo da fase mais bonita da minha vida. Mas me despeço dele como *Alex*, lhe dando mais uma visão do lado que apenas *Matt* conheceu.

— Eu amo você. Eu nunca vou deixar de te amar. Eu sempre vou esperar por você. Eu sempre vou esperar que *lembre-se de mim*. Mas eu preciso que você entenda que... está tudo bem se não lembrar.

Ele balança a cabeça, negando, como se não aceitasse o que lhe digo.

— Não quero que sinta dor ao pensar em mim, Matt, porque você, anos atrás, fez com que eu conhecesse mais do que a dor. Você foi a pessoa que beijou minhas cicatrizes, acalmou meu caos, me ensinou a sonhar e me mostrou o amor. Você consertou algo que não quebrou. Você sempre vai ser minha memória favorita. Você sempre vai ser a parte mais feliz da minha vida. E eu quero que sinta isso quando pensar em mim.

— Você vai voltar?

— Eu ainda sou Alexandra Kendricks. Eu ainda serei a arma letal. Então, sim, eu vou voltar.

— Mas não como *Alex* — conclui e eu assinto.

— *Alex* se foi quando *Matt* se foi. Quando eu voltar, seremos Alexandra e Matteo.

— O que isso significa?

— Eu ainda não sei — confesso e, sentindo meu coração sangrar dentro do peito, me inclino pra frente e beijo sua testa, da mesma forma que eu sempre amei que ele fizesse comigo.

É um beijo demorado e enquanto meus lábios estão sobre sua pele, permito que cada memória de nós dois passe por mim.

— Obrigada por ter protegido minhas costas, Matt — sussurro, assim que me afasto, e por alguns segundos, deixo que nossos olhares se encontrem.

Em um momento de fraqueza, através do olhar, repito o mesmo pedido que tenho feito desde quando ele voltou:

Lembre-se de mim.

Ele não lembra.

E, como eu disse, se sua memória não voltasse, eu quem o perderia.

É o que eu sinto ao sair do prédio da *Orion.*

Sinto que perdi o amor da minha vida. Meu parceiro. *Meu Matt.*



31

ALEXANDRA KENDRICKS

Quatro anos atrás

Porque eu não quero perder você agora

Estou olhando bem para a minha outra metade

O vazio que se instalou em meu coração

É um espaço que agora você ocupa

Mostre-me como lutar

E eu vou lhe dizer, amor, foi fácil

Voltar para você uma vez que entendi

Que você estava aqui o tempo todo

(Mirrors - Justin Timberlake)

NÃO SEI AO CERTO se é o cheiro de ovos ou a claridade que me acorda, mas mal tenho tempo de despertar antes que corra para o banheiro, cobrindo a boca.

— Alex? — Ouço Matteo me chamar preocupado, mas não lhe dou atenção antes de afundar de joelhos em frente ao vaso e vomitar.

Meu estômago se agita e os espasmos forçam minhas costelas, o arrepio correndo por meu corpo enquanto minha última refeição é expelida.

Sinto meu cabelo ser puxado para longe da minha boca e, por algum motivo, tento empurrar Matteo pra longe, mas ao invés de

se afastar, ele segura minha mão e entrelaça nossos dedos, como se dissesse que não tem a menor intenção de sair de perto de mim.

E ele não sai.

Na verdade, ele se aproxima ainda mais e fecha a tampa do vaso ao perceber que já não tenho mais o que vomitar.

— Tudo bem? — questiona baixo e eu assinto. — Você tá suando. Vou te colocar no banho — avisa e sem o menor esforço, me ergue em seus braços.

Sem se importar com a roupa que estamos vestindo, Matt abre o chuveiro sobre nós dois, ajustando a água para uma temperatura quase fria, numa tentativa de aliviar o mal-estar que cresce.

Com cuidado, Matteo me coloca no chão e eu deslizo pela parede, até acabar sentada sob o chuveiro e antes que eu precise pedir, minha escova de dentes é colocada em minha mão.

— Odeio vomitar — reclamo em voz baixa, antes de começar o processo de tirar esse gosto desgraçado da boca.

— Eu sei — diz e se abaixa ao meu lado, me olhando de maneira preocupada enquanto toca minha testa, desgrudando os fios molhados. — Prefere tomar um tiro do que vomitar — repete a mesma frase que dizia sempre que a ressaca vinha forte demais e eu acabava abraçando o vaso para esvaziar o estômago.

— Exatamente — confirmo, lhe devolvendo a escova, mas sem cuspir o creme dental, torcendo para que o gosto de menta neutralize o amargo da bile. — Acho que foi alguma coisa que eu comi.

— Tudo o que você comeu, *eu* comi.

— Então... estou doente.

— Estava bem até o meio da madrugada.

É, eu estava muito bem enquanto quicava no seu pau.

— Alex...

— Eu sei o que você vai dizer, Matt, e eu não quero que vá por aí. Eu não quero pensar na possibilidade de estar grávida.

Porque esse tem sido meu medo desde o mês passado, quando nós dois fomos para uma missão no México, conseguimos concluir a operação antes do esperado e decidimos aproveitar nossa última noite lá, bebendo doses e doses de tequila.

A tequila que não deixa nenhum de nós lembrar como acabamos no quarto de hotel, como transamos e, o pior, se usamos uma porra de uma camisinha!

Quando percebemos o que podia ter acontecido, mesmo que tivéssemos chegado na mesma conclusão sobre não sermos irresponsáveis ao ponto de correr o risco de gerarmos um filho, além de confiar que, sim, nós usamos preservativos, também decidi que tomaria uma pílula, só pra garantir.

Não tocamos mais no assunto, mas isso não quer dizer que eu tenha esquecido da possibilidade da pílula não ter funcionado.

— E se eu estiver grávida? — contradizendo minhas últimas palavras proferidas, pergunto, olhando para onde sua camiseta cobre meu abdômen. — Que porra eu vou fazer com uma criança?!

— Alex...

— Um filho?! Como se cria um filho?!

— Ei...

— Eu sou uma assassina, Matteo. Eu sou chamada de arma letal porque eu mato pessoas sem precisar me esforçar pra isso! Como que uma pessoa como eu cria uma criança?! Minha mãe nem era assim e olha o que ela fez comigo!

É estranho pensar que tiroteios não me assustam, mas que a possibilidade de ter um bebê esteja me fazendo tremer.

— Alex! — Suas mãos agarram meu rosto e ele me força a olhá-lo. — Calma. Tá bom? Primeiro, nunca se compare com a sua mãe. *Nunca!* Ela era um monstro e você não tem nada dela — diz, sério. — Você é sim, chamada de arma letal, mas você nunca machucou um inocente. *Nunca* se compare com ela. Fui claro?

Assinto, o rosto ainda preso entre suas mãos.

— Ótimo. Agora... se você estiver grávida, você *decide* o que quer e eu *garanto* que seja feito — declara. — Vou apoiar a decisão

que você tomar, mas antes de se decidir, precisamos ter certeza de que isso não é só um medo irracional.

Ele esperou que eu ficasse mais calma, antes de me ajudar a tirar a roupa encharcada e tomar um banho.

Ele esteve comigo quando tiraram meu sangue.

Ele esteve comigo quando abri o envelope e vi o resultado.

Ele esteve comigo quando decidi que não gostaria de passar por aquele medo novamente.

Ele esteve comigo quando, aproveitando do resultado negativo, decidi passar pela cirurgia que não me deixaria correr o risco de engravidar.

Matteo esteve ao meu lado, protegendo minhas costas, a cada escolha que eu tomei, como disse que faria.

E foi por tê-lo ao meu lado que quando saí da cirurgia precisei me esforçar para que Matteo não notasse o quanto me arrependia da decisão que tomei.



Três meses
após a partida

Esfrego meu queixo, observando a fachada do prédio, fingindo para mim mesma que só estou sendo cautelosa quando, na verdade, estou com medo do que vou encontrar ao pisar dentro da sede onde trabalhei por anos.

Onde ainda trabalho.

Onde *precisam* de mim.

Passei os últimos três meses tentando me preparar para esse momento, tentando criar um muro ao meu redor, numa tentativa de, ao reencontrá-lo, não permitir que ele voltasse para dentro do meu coração, mas a cada vez que eu me distraía e

alguma memória de nós dois me atingia, eu não pensava em como precisava me afastar de Matteo. Eu pensava apenas sobre como o queria de volta.

Sabia que me acostumar com a ideia de não tê-lo seria difícil, mas porra, difícil não chega perto de descrever o que tem sido os últimos noventa e dois dias tentando aceitar que nunca voltarei a ter o que eu tinha.

Ele continua sendo o meu primeiro pensamento e, durante as noites, eu rolo na cama procurando por seu corpo, mesmo que eu saiba que não vou encontrá-lo.

Sinto sua falta o tempo inteiro. Desde os olhares, até os toques.

Mas, mesmo assim, eu tenho me mantido longe, afinal, ele não precisa saber o quanto continuo esperando que ele se lembre de mim. Ele não precisa ver que ainda machuca não ser lembrada pela pessoa que assombra cada segundo dos meus dias.

Passei esse período no Canadá, tentando descobrir quando seria a melhor hora para voltar, afinal, ainda sou uma agente da *Companhia*, mesmo que eu tenha ganhado um tempo de férias. Acabei adiando essa tomada de decisão até quatro dias atrás, quando meu telefone tocou e eu falei com Carl.

— *Pronta pra voltar?* — questionou.

— *Não sei. Acha que estou?*

— *Acho que você é Alexandra Kendricks e que não há muita coisa que não possa fazer. Além disso, temos uma missão e... precisamos de você.*

Pensar em voltar a campo fez com que eu me animasse, algo que não acontecia há várias semanas, por isso, mesmo que Carl dissesse que eu podia pensar antes de me decidir, dei a resposta na mesma ligação:

— *Estou voltando.*

E eu voltei.

A viagem do Canadá até aqui foi longa, mas apesar do cansaço físico que apenas crescia, eu não conseguia me forçar a

dormir, pois eu estava voltando e voltar significava reencontrá-lo.

É, pra essa parte eu não acho que esteja pronta.

Apesar de torcer pra que ele esteja bem, saber que pode não ter sentido nem um pouco da minha falta é... triste. Imaginar que pode ter seguido em frente e realmente me esquecido é... apavorante.

Eu sei que disse que naquele dia, *Alex e Matt* tinham acabado, mas todas as minhas versões, seja a arma letal ou a garota despedaçada, ama Matteo. Ele continua sendo mais importante do que meu ar, mesmo que eu coloque milhares de milhas entre nós dois.

E é por isso que estou aqui, parada em frente ao prédio da *Orion Security*, tomando coragem para sair do carro e reencontrar o homem que me esqueceu.

Abaixo o retrovisor para conseguir olhar meu rosto por completo e analiso o novo corte de cabelo que não tirou quase nada dos fios, as olheiras que ficam cada vez mais profundas desde quando deixei de dormir a noite toda, o olhar que mistura um pouco de medo com raiva.

Espero que alguma frase motivacional venha até mim, algum pensamento que me impulsione a sair do carro e enfrentar o que quer que aconteça quando eu reencontrá-lo, mas nada vem e, no final, eu apenas estalo a língua, pego minha Glock e resmungo:

— Foda-se. — Então abro a porta e sigo na direção da sede.

Quando passo pelas portas de vidro e adentro ao salão principal, vários pares de olhos se voltam para mim, o que não me incomoda, afinal, como uma das únicas mulheres, sempre acabei chamando atenção pelos corredores. Além do mais, como agente supervisora, sempre fui observada, como se esperassem aprender mais ao me assistirem.

Então, ao ser notada por todos, não posso deixar de me sentir em casa, ainda mais quando um deles sorri e abre os braços para mim, vindo em minha direção.

— A Rainha está de volta, senhores! — Ryan anuncia e eu balanço a cabeça, deixando que ele me abrace.

Ser abraçada continua não sendo algo comum, mas também é raro que eu fique tanto tempo longe, então, além de permitir que seus braços me envolvam, eu retribuo o gesto.

— Sentiu minha falta, *nerd*?

— Não muita. Eu e Lola temos assistido sua vida no Canadá — diz, se afastando. — Tedioso demais para você, Kendricks.

— Te decepcionei?

— Muito! — Assente. — Esperava algumas brigas em bares, o surgimento de um vigilante em Vancouver. Alguma coisa mais... emocionante.

Apoio a mão no peito, fingindo estar ofendida.

— Quer dizer que não gostou de me assistir correndo todos os dias de manhã?

— A única pessoa que gostava de assistir isso era o...

— Alexandra! — Lola o interrompe e empurra o parceiro para trás com uma cotovelada, abrindo espaço para que me abrace apertado. — Da próxima vez que for embora sem se despedir, juro que serei ainda mais letal do que você!

Ah, é. Eu fiz isso.

Naquele dia, além de conversar com Link e pedir a Carl por algum tempo afastada, só me despedi de Matteo antes de sair da sede e abandonar minha vida, incapaz de pensar sobre dar adeus a mais alguém.

— Não vou mais embora, Lolita — garanto. — Estou de volta.

Aí, acontece.

Como se um campo magnético fosse responsável por guiar meu olhar, ergo meus olhos para o corredor e dou de cara com *ele*.

Matteo.

Meu corpo esquenta, minha pele arrepia, minha respiração trava e meu coração para de bater.

Por um segundo, o mundo congela e existe apenas eu e o homem que me encara com uma intensidade assustadora. É como

se me visse pela primeira vez na vida, mas também é como se ele finalmente reencontrasse o que tanto espera.

Tudo ao redor desaparece e eu não me importo com a sede, com as pessoas, com sua memória.

O muro? O que passei meses tentando construir ao meu redor? Ele se despedaça quando Matteo me olha desse jeito. E eu sou atingida pela verdade que nunca chegou perto de ser uma dúvida.

Eu sempre pertencerei a Matteo.

Meu mundo sempre vai ser abalado quando se tratar dele.

Então, quebrando nosso contato visual, um corpo alto e forte se coloca entre nós no instante em que Lian me abraça, quase arrancando o resto de oxigênio do meu corpo ao me apertar.

— Esqueceu que eu posso te matar só com uma mão?! — questiono, a voz abafada tanto pelo tecido da camiseta que cobre seu peito quanto pela sensação de continuar sentindo os olhos *dele* sobre mim.

— Faz tanto tempo que eu não apanho que sim, eu esqueci — responde, me soltando. — Bem-vinda de volta, Kendricks.

— Obrigada. — Começo a abrir um sorriso que congela quando me dou conta de que Matteo se aproxima.

Ele anda da mesma forma de sempre. Lento, intimidante, assustador e... lindo pra caralho.

Matteo parece ter recuperado o porte físico que perdeu após seu tempo na África. Os ombros estão mais fortes e o peitoral parece mais definido. Mas, além disso, ele parece mais leve, quase... feliz?

Não gosto de me sentir mal por isso, afinal, torço para que ele fique bem. Mas vê-lo feliz enquanto me sinto miserável é ruim pra cacete.

Lola, Ryan e Lian parecem não saber o que fazer enquanto assistem a distância entre nós diminuir e a verdade é que eu também não sei o que fazer.

Antes de partir, disse a ele que quando eu voltasse, seríamos Alexandra Kendricks e Matteo Fawcett. Também disse que não sabia o que isso significava e continuo não sabendo.

— Bom te ter de volta, Alex — diz, parando em minha frente e estendendo a mão.

— É Alexandra — corrijo, mas aceito o cumprimento, minha palma quase desaparecendo entre seus dedos, mesmo que eu esteja mais focada na forma como ele sorri, como se pensasse em uma piada interna.

— Você combina com Alex. Vou te chamar assim — avisa com a voz baixa, estudando minha reação de perto, parecendo saber o que essa frase causa em mim.

Imediatamente, sou levada para o passado, para o dia em que nos conhecemos, quando ele me disse essas mesmas palavras.

Ele... ele se lembra?

Não.

Matteo não... Se sua memória tivesse voltado, ele teria ido atrás de mim, não é?

Ele está dizendo essa frase, mas não quer dizer que ele recuperou as lembranças. Pode ser apenas um comentário solto que voltou. Não é?

Ele me diria.

Ele não esconderia isso de mim.

Ele não me machucaria de propósito ao me fazer acreditar que continuo apagada de sua mente.

Abro a boca, incapaz de pensar em alguma palavra para lhe dizer, mas acabo não precisando falar nada, antes que a porta do escritório de Carl se abra e ele coloque a cabeça grisalha pra fora, sorrindo ao me ver.

— Alexandra!

Ainda atônita, me viro ao sentir sua mão em meu ombro, já me puxando para sua sala.

— Que bom que chegou. Estamos esperando você — avisa. — Fez boa viagem?

Carl também me diria, caso Matteo tivesse se lembrado. Link, Ryan, Lola, Lian. Eles sabem o quanto eu sofri ao ser apagada. Eles não manteriam isso em segredo.

Então, não. Aquela frase dita como uma provocação, vindo em conjunto com o sorriso de lado não significa que ele voltou a ser *Matt*. Ele continua sendo o homem que deixei há três meses. Ele continua não me amando de volta.

— Foi... tranquila — respondo a Carl, assim que recupero o poder da fala.

— Que ótimo. Feche a porta, por favor, Matteo — ele pede e eu respiro fundo ao entender que Matt também vai participar da reunião.

E, como se não bastasse, olho ao redor e dou de cara com Robert Lautner, nosso elo com a CIA, juntamente com Vanda Lesser, nosso elo com a Interpol.

Não sei qual dos dois gosto menos. Se é Robert, o machista que ainda parece ter dificuldade de aceitar que mulheres podem estar no poder, ou se é Vanda, a mulher que sempre olhou para Matteo como se estivesse ansiosa por um pouco da sua atenção.

— Não sabia se aceitaria a missão, agente — ela diz, o sotaque britânico que sempre me agradou soando como unhas contra um quadro negro ao acompanharem esse tom meloso.

— Estou aqui, então, acho que tem sua resposta — rebato, sem necessidade de ser cortez. — Do que se trata?

Carl estende uma pasta amarela em minha direção, mas não abro o dossiê, esperando pela versão rápida dos fatos.

— Em resumo, precisamos que vocês dois se disfarcem como o casal Fontana — Link diz, entrando na sala enquanto carrega mais uma pasta de arquivos. — Maximus e Helena Fontana. — Tira duas identidades de dentro da pasta e entrega uma pra mim e outra para Matteo. — Os donos de uma ilha particular onde pode ser feita a extração de...

— Antes que continue — o interrompo. — Eu aceito a missão... — faço uma pausa. — Desde que eu vá sozinha.

O ar parece ser sugado do espaço enquanto todos se entreolham.

— Tá brincando, né? — Robert é o primeiro a quebrar o silêncio. — Da última vez, vocês dois fizeram um inferno para conseguirem ir juntos e agora diz que só vai se for sozinha?

— Exatamente isso que estou dizendo — afirmo, o tom firme deixando claro que não me intimido com sua óbvia irritação.

Ele olha para Link, para Carl, e então para Matteo.

— Fala com ela! — meio ordena, meio implora.

— Não tem o que falar — corto. — Eu e ele... não somos mais parceiros. — Porra, como dizer isso é horrível!

— N-não...? — é a vez de Vanda se surpreender, uma mistura de descrença com confusão tomando seu rosto. — Ninguém me disse isso.

— Porque eu ainda não havia informado a ninguém. — Olho para Carl. — Matteo e eu não somos mais parceiros. Na verdade... eu não trabalho mais com parceiros.

— Essa não é uma decisão sua — Robert, esquecendo do seu lugar, diz. — Uma agente não determina isso.

— Bom, *eu* determino — digo, ácida. — Se querem que eu vá, organizem tudo pra que eu vá *sozinha*. Ou encontrem outra pessoa pra ir.

O caos se instaura de uma forma quase cômica, já que todos decidem falar ao mesmo tempo e se torna impossível entender quaisquer que sejam as palavras que eles dizem, e enquanto discutem, acabo olhando para longe, dando de cara com os olhos de Matteo sobre mim, como se nunca tivesse prestado atenção em nada que não fosse eu.

Instantaneamente, o som ao nosso redor se torna mais baixo, como se uma bolha nos envolvesse, criando uma atmosfera só nossa.

Uma atmosfera que não deveria existir mais.

Irritada por entender que não fui capaz de fazer qualquer avanço no que se relaciona a não ser afetada por sua presença, marcho até a porta.

— Preciso fumar. Me avisem quando essa palhaçada acabar — digo por cima do ombro, sem me importar com qualquer um que ouça minhas palavras, só precisando colocar um pouco de distância entre Matteo e eu.

A saudade que sinto desse homem não permite que eu pense racionalmente ao estar no mesmo ambiente que ele, por isso, ao sair da sala de Carl, cruzo o salão central, seguindo na direção da porta que leva até a viela que ladeia o prédio.

E ele me segue.

Sua presença me acompanha e eu não preciso nem mesmo olhar para trás pra que eu o sinta vindo atrás de mim.

Porra!

Eu nunca facilitei sua vida e, agora, o cretino parece querer retribuir o favor.

Empurro a porta pesada, destravando-a, e saio da sede, torcendo para que o clima frio seja o bastante para amenizar o calor que sinto por estar perto dele.

— Quero ficar sozinha — peço, alto o suficiente para que ele me ouça sem que precise me virar.

— Te deixo sozinha se me disser o que quer fazer. — Não entendo porque diabos ele fala como se estivesse sorrindo.

Como ele pode estar sorrindo ao notar a tensão absurda que há entre nós dois?!

— Quero fumar, Matteo. Posso?

Ele ri.

Faz tanto tempo que não ouço esse som que antes que eu perceba, estou me virando para assisti-lo rir, aproveitando para analisar cada detalhe que nunca sumiu de minha mente.

Matteo Fawcett, facilmente poderia servir de inspiração para artistas renomados.

— Você não fuma, Alex — diz, deixando o riso se transformar em um sorriso que usa como se quisesse me provocar.

O que funciona.

Ergo a sobrancelha e cruzo os braços, encarando-o com petulância.

— Não tem como ter certeza. Afinal, você *não se lembra.*

Ele dá dois passos na minha direção.

— Não tem um dia que eu não assista sua vida, desde quando você foi embora. Inclusive, gostei do corte de cabelo. Mas, além de ter assistido seus últimos noventa e dois dias, eu tenho certeza que você não fuma, afinal, o cheiro de cigarro te enjoa desde quando sua mãe os apagava em sua pele, não é?

Como se tomasse um soco, dou um passo pra trás, completamente atordoada por sua afirmação, e antes que eu possa tentar controlar o impulso, a pergunta escapa de mim:

— Você... sua memória voltou?

Ele nega.

— Não. Se ela tivesse voltado, teria ido até você no mesmo segundo.

— Então como sabe disso? Como...? Como se lembra?

— Hipnose — responde. — Desde quando você foi embora, Alex, tenho tentado de tudo pra te dar motivos pra voltar e a hipnose... funciona. Quer dizer, ela me devolveu cinco memórias.

Não sei o que dizer.

Cinco memórias é tão pouco, mas ele não tinha nenhuma!

— Como eu não tenho detalhes pra me guiar até elas, fica complicado, mas... eu me lembrei do dia em que te conheci. — Parecendo reviver o momento, ele sorri. — Eu nunca tinha visto uma garota tão linda quanto você. Lembro que comparava seus olhos com o fundo do oceano.

— Meus olhos são castanhos.

— E profundos. — Matteo está tão próximo que ao erguer a mão consegue tocar a mecha do meu cabelo e a empurrar para trás.

— Um pouco sombrios. E... fascinantes.

Sinto minha garganta queimar com a proximidade entre nós dois. Meu corpo parece implorar pra que eu me lance sobre ele, mas não obedeço, tentando me manter firme, tentando me lembrar que cinco memórias não fazem com que ele volte a ser *meu Matt.*

— A segunda lembrança foi do pior erro que eu cometi. — Me mantenho em silêncio, esperando. — Eu nunca devia ter dito que não devíamos nos apaixonar, ainda mais porque eu tenho certeza que já estava apaixonado naquele dia. Eu nunca devia ter dito que não queria exclusividade, porque eu já era seu. E eu estava desesperado pra que você se tornasse minha. Apenas minha.

Não digo que pertenço a ele desde quando nos conhecemos, mesmo que essa seja a mais pura verdade.

— Qual foi a terceira? — me forço a perguntar, sentindo meu coração tentar quebrar minhas costelas enquanto bate freneticamente diante das palavras que ele nunca me disse.

— O dia em que vimos nossos nomes na lista de aprovados pela LAPD. O dia em que eu soube que você oficialmente seria minha parceira. E, antes que eu te conte qual minha quarta memória, não, Alex, eu não aceito deixar de ser seu parceiro.

Matteo encurta a distância entre nós, mas além da mão que usou para empurrar meu cabelo para trás e que agora está em meu rosto, ele não me toca, porém, a intensidade com que me olha é o bastante para me aquecer.

— A quarta memória foi do dia em que acordei no hospital com os médicos querendo me sedar, dizendo que eu estava com dor pela cirurgia. Mas eu não queria sedativos. Eu não precisava de remédios. Eu precisava de *você*. E quando eu te vi, bem, eu quase agradeci a Deus.

— Você é ateu.

— Naquele dia, ao te ver, eu quase acreditei em milagres — confessa. — E a quinta memória foi o mês após termos retornado da missão do México. Quando pensamos que você estivesse grávida.

— Como chegou até essas memórias? — pergunto, confusa.

— Pelo que o hipnoterapeuta pensa, são as memórias que considero mais importantes dos últimos anos.

— E por que se lembrou do México?

Matteo umedece os lábios antes de engolir em seco e dizer:

— Porque enquanto havia a possibilidade de você estar grávida, mesmo que eu fosse te apoiar em qualquer que fosse sua decisão, eu torcia pra que se houvesse um bebê, que você ficasse com ele. Eu gostava da ideia de iniciar uma família com a mulher que eu amava.

Tempo perdido.

Tempo. Perdido.

Os três meses que passei afastada de Matteo, tentando diminuir a necessidade que eu sentia por ele não passou de tempo perdido porque aqui, nesse segundo, ao ouvi-lo falar de cinco memórias que ele recuperou sobre nós dois, eu entendo que nunca vou deixar de precisar desse homem. Eu nunca vou deixar de sentir o que sinto por ele.

É intenso.

É assustador.

É perturbador.

É *Alex e Matt.*

Não importa o que aconteça, sempre será assim.

Nossas essências se reconhecem e se completam.

Talvez, quando eu era mais nova e me sentia quebrada, ele não tenha *colado* meus pedaços. Ele tenha me dado a parte que faltava: ele. E talvez seja isso o que eu precise fazer agora.

Ao invés de esperar que sua memória volte, eu posso dividir as lembranças que eu tenho de nós dois com ele. Eu posso completá-lo, como ele me completou.

— Eu sei que é pouco, Alex, mas eu vou continuar tentando. Eu vou cumprir o que prometi e vou voltar pra você. Só... não vai embora. Sei que ainda não sou eu. Sei que ainda tenho aquelas malditas dores de cabeça. Mas eu também sei que não vou desistir

de ser o homem por quem se apaixonou. E pode ser que demore, mas eu vou conseguir. Só... não me faça ficar sem você de novo. Existe um limite de dor que uma pessoa pode sentir e ficar sem você ultrapassa todos eles — pede, repetindo as mesmas palavras que lhe disse antes que ele fosse embora.

Não sei quando nossas testas se tocaram.

Não sei quando nossas respirações se misturaram.

Não sei quando ele, pela segunda vez, se tornou o dono do meu coração.

Mas aconteceu.

Pela primeira vez nos últimos meses, o caos se transforma em paz e eu sei que isso vem dele. Do *meu Matt.*

Abro a boca para lhe dizer que ele não precisa se preocupar, que não vou embora, mas não digo nada, porque com o canto da visão noto uma sombra se movendo.

Imediatamente, meu corpo se retesa e eu me afasto para olhar na direção do vulto, um arrepio subindo pela minha nuca indicando que há algo errado.

Conforme o protocolo, para evitar que documentos como os relatórios reais sejam expostos a riscos de vazamento, qualquer indício de ameaça deve ser imediatamente informado, por isso, puxando minha Glock do cós da calça, digo a Matteo:

— Entra e avisa que temos movimento suspeito aqui fora.

Sua resposta me pega de surpresa porque ele bufa.

Matteo bufa!

— E te deixar sozinha? Tá bom — resmunga, sacando a própria Glock do coldre preso em sua coxa.

— Matteo, o protocolo...

— Que se foda o protocolo. Não vou entrar e te deixar aqui. Se esqueceu, Alex? Eu protejo suas costas.

E é pra proteger as dele, que eu faço o que faço.

Sem esquecer o que acabo de ouvir, sobre ainda sentir as dores de cabeça que o desnorteava, me viro de frente pra ele e

estalo a língua em reprovação, até que sorrio e me aproximo o bastante para sentir o calor de seu corpo atingir o meu, ultrapassando as camadas de roupas que existem entre nós.

— E eu protejo as suas — digo próximo aos seus lábios, no momento exato em que acerto a coronha da arma contra sua cabeça, nocauteando-o.

Quase caio quando seu corpo desaba sobre mim, mas consigo equilibrá-lo até que acabe sentado contra a parede, os olhos fechados e um filete de sangue manchando seu pescoço.

— Desculpa, Matt.

Mas antes um golpe que o apague e o deixe em segurança, do que um tiro que ele pode levar, caso as dores o atinjam durante uma troca de disparos.

Corro pela viela na direção da sombra suspeita, torcendo pra que meus reflexos, depois de três meses sem uso, não estejam tão enferrujados.

Com minha arma em punho, olho ao redor, procurando por qualquer indício de perigo, mas não vejo nenhum.

Entretanto, eu *sinto*.

Uma picada na lateral do meu pescoço faz minha visão se tornar turva, minhas pernas moles e meu corpo pesado. Ouço minha Glock cair no chão e sei que estou seguindo o mesmo caminho quando apago.



32

MATTEO FAWCETT

Dias atuais

Os céus escureceram

As correntezas te puxaram novamente

E você apenas se foi e se foi

Se foi e se foi

Em gritos silenciosos

Nos sonhos mais selvagens

Eu nunca sonhei com isso

(This Love - Taylor Swift)

A PRIMEIRA REAÇÃO que tenho ao acordar é levar a mão até o ponto dolorido em meu couro cabeludo, apenas para sentir o inchaço e notar o sangue sujando meus dedos.

Mas que porra ela fez?

Atordoado, fico em pé, pegando minha Glock antes de cambalear de volta para dentro da sede, recebendo um arfar coletivo ao notarem o sangue que escorre pelo meu pescoço e chega até o tecido da camiseta.

— Fawcett! Que porra aconteceu?! — Connelly avança, agarrando meu braço e me ajudando a me firmar..

— Alex aconteceu — resmungo.

— Como assim? Por quê?

— É o que eu quero saber. Cadê ela?

Lian, Lola e Ryan se entreolham, confusos.

— Ela não voltou pra cá depois que vocês saíram — Connelly, cauteloso, responde, mas sua cautela não é o suficiente para evitar que uma sensação ruim se forme em meu estômago, principalmente quando me lembro de como ela sacou a arma, olhando para longe e...

Temos movimento suspeito aqui fora.

Suas palavras me atingem como uma injeção de adrenalina e apreensão, e eu corro desesperado até a porta do prédio.

Meu mundo estremece quando não encontro nenhum sinal dela além da Glock abandonada no canto da calçada.

— Lola, as câmeras! — rujo, voltando pra dentro com o armamento em minha mão, o medo se mesclando com a raiva que sinto ao imaginar todos os piores cenários que podem cercá-la.

— O que aconteceu? — Carl questiona, seus olhos se arregalando ao notar o sangue que desce pela minha cabeça.

Ao fundo, ouço alguém lhe responder, mas não me atento a nada que não seja a imagem que Lola amplia na tela.

Assisto a forma como me aproximo de Alexandra, a maneira como empurro seu cabelo para longe do rosto e a inclinação suave que ela faz contra minha palma. E enquanto estamos perdidos nos olhos um do outro, nenhum de nós nota a presença de duas pessoas na parte da frente da viela. Pela estatura, dois homens que nos observam.

Não ouço o áudio, mas vejo Alex se afastar e sacar a arma, mas então voltar e me nocautear com uma coronhada forte enquanto sua boca quase toca a minha.

Ela corre na direção das figuras e meu coração para de bater nos três segundos que leva para que eu assimile um dos homens injetando algo em seu pescoço, só para empurrar seu corpo pra

dentro de um carro que em seguida arranca pela rua, levando-a para longe.

Eles a levaram.

Eles... levaram... Alex.

Sem esperar um único instante, passo a mão sobre a mesa de Ryan e agarro uma das escutas que foi usada na missão que Connelly acaba de voltar.

— Achem a porra desse carro! — rujo, já correndo na direção da minha moto.

Meu coração não parece bombear sangue, mas sim raiva. Fúria. E medo.

Eu não sei quem ousou tocar em Alexandra, mas essa pessoa vai implorar pra conhecer o inferno, porque só assim vai ficar livre de mim.

Nem mesmo me preocupo em prender o capacete antes de acelerar, o estrondo da moto soando tão alto quanto meu grito, como se o mundo ao redor refletisse a fúria animal que irradia de mim.

— *Lola! Ryan!*

— *Procurando.* — Mesmo com o vento forte atingindo a viseira e atrapalhando a transmissão, consigo ouvir a velocidade com que o teclado é atingido. — *Décima com a quinta.*

Sem olhar ao redor, jogo a moto para a direita, ouvindo buzinas furiosas me seguindo, mas pouco me importando.

Eu quero que a porra do mundo se foda!

Eu só me importo em encontrá-la.

Alex.

Eu preciso encontrar Alex.

— *E agora?!*

— *Calma.*

Calma?!

Eles a levaram!

— *Ryan!*

— *Sabe quantas SUVs pretas existem em Boston?*

— *Não quero saber de todas! Quero saber de uma, porra!*

— *Esquerda!* — a voz de Lola se sobressai a minha explosão e eu quase causo um acidente ao obedecer, seguindo pela avenida movimentada.

— *Matteo, estacionamento subterrâneo do* Meridian — Ryan informa e eu obedeço, meu coração batendo em meus ouvidos quanto mais me aproximo de onde ela está.

O estacionamento está vazio, exceto por uma única SUV preta, os vidros escuros e os faróis apagados.

Não consigo entender o que perguntam através da escuta, já que toda minha atenção está focada no veículo.

Com passos cautelosos e com a arma em punho, me aproximo até que seguro a maçaneta e puxo, abrindo a porta para encontrar...

Nada.

Meu peito se aperta e o ar me falta, o desespero se sobressaindo à raiva enquanto entendo que eu não a encontrei.

— Porra! — golpeio a lataria, como se ela fosse a culpada pela ruina que envolve meu mundo. — Ela não tá aqui, porra!

Alex não tá aqui.

Eles a levaram.

Ela está em perigo.

— *Achem ela!* — ordeno. *Imploro.*

Meu coração parece lutar contra cada batimento. Meu corpo parece pronto para definhar. O mundo parece pronto pra implodir.

Eles a levaram.

Ela estava há poucos metros de mim e eu não protegi suas costas. Eu permiti que a levassem.

— *Matteo, volta pra sede.* — Consigo ouvir Carl pedir, mas não lhe respondo.

Não quero voltar para a sede. Não quero fazer nada além de encontrá-la!

— Matteo!

— Eu não vou voltar até encontrar Alexandra, Carl!

— Escuta o que estou te dizendo! Acabaram de levar uma agente! Nós precisamos entender o que está acontecendo.

— O que está acontecendo?! — repito, descrente*. — O que está acontecendo é que algum desgraçado cometeu o maior erro do mundo ao tocar em Alex. E eu vou fazer questão que entendam isso quando eu a encontrar.*

Sem saber por onde começar a procurar, me viro na direção da moto, mas, no primeiro passo que dou, caio de joelhos, grunhido com a dor absurda que toma minha cabeça.

Sinto meu cérebro prestes a explodir dentro do meu crânio e eu grito.

Grito com a dor mais agonizante que já senti em minha vida.

Mais do que ser atingido pelos disparos de *Snake*.

Mais do que ser jogado para longe pela explosão que matou Josh ou Will.

Pressiono os punhos contra as têmporas e abaixo a testa no chão, tentado a bater a cabeça com força o suficiente para desmaiar, mas antes que possa realizar essa ação, seu rosto surge em minha mente.

Alex.

Ela está dentro do hangar, logo após voltar de Paris e sorri em meio a escuridão, dizendo:

— Oi, Matt.

Então, a imagem muda, e eu a observo deitada em minha cama, dizendo:

— Eu não quero que você vá.

Vejo-a sorrir ao jogar sinuca.

— Eu só preciso disso aqui pra ser a parceira perfeita?

Vejo-a morder o lábio inferior enquanto me sente dentro dela.

— Porque eu sou sua.

Vejo-a desviar dos golpes que trocamos no *Dojô.*

— Aposto que a Hannah não conseguiria fazer isso.

Vejo-a se encolher em meus braços durante uma tempestade.

— Você também é a minha prioridade, Matt.

Vejo-a ajeitar o capacete sobre a cabeça.

— Eu sempre estou em vantagem com você, Matteo.

Eu vejo tudo relacionado a Alex enquanto minhas memórias voltam como *flashes.*

E é de joelhos, no chão desse estacionamento vazio, que os dez anos que foram tirados de mim, retornam como a porra de um tsunami, trazendo todas as lembranças *dela*.

Minha garota.

Minha parceira.

Minha Alex.

A mulher que foi levada.

— Matteo... — Sinto mãos agarrarem meus braços e eu sou colocado de pé, os vestígios da dor sendo soterrados sob a raiva que cresce, fazendo minha visão se tornar vermelha como o sangue que arrancarei das pessoas que ousaram se aproximar de Alexandra.

Olho para Carl e Link.

— Eu vou encontrá-la e trazê-la de volta.

— E nós vamos te ajudar — Carl promete.



A L E X A N D R A

K E N D R I C K S

A ausência do corpo ao meu lado faz com que eu pisque, despertando do sono profundo que há semanas não conseguia ter.

Me sento na cama e enrolo o cabelo em um coque frouxo, antes de ficar em pé, sentindo os seios inchados e duros pesarem, mesmo com o sutiã que me ajuda a sustentá-los.

Com passos silenciosos, caminho pelo quarto, seguindo na direção dos sons que vem da sala, ansiosa para conseguir entender o que são as palavras sussurradas que ouço.

— São nove anos, cara. Estou com ela há nove anos e você já botou a boca naqueles peitos mais do que eu.

Balanço a cabeça, sem acreditar que estou ouvindo-o dizer isso a Aaron, que parece não se importar enquanto continua brincando com os próprios pés.

— Você precisa dar um descanso pra ela — continua. — Tá vendo que nem estava com fome pra estar chorando? Só queria um pouco de atenção matinal? Pois bem, tem minha atenção. E a dela também — acrescenta, sem precisar erguer os olhos para sentir minha presença contra o batente da porta.

— O que você tá fazendo? — pergunto, me aproximando.

— Explicando para o nosso filho que você precisa descansar.

Nosso filho.

Meu e de Matt.

Aaron Kendricks Fawcett.

Nosso garoto de sete meses que não tem nada de mim, mas tem tudo do pai.

— E o que ele está achando dessa explicação? — Me ajoelho no chão ao lado dos dois e abraço os ombros de Matteo, fechando os olhos ao sentir a forma como inspira o cheiro do meu pescoço como se eu fosse uma droga.

Como resposta a minha pergunta, Aaron choraminga, manhoso, soltando o pé e olhando para mim, mais precisamente, para sua fonte de leite: meus peitos.

— Ele claramente me ignorou — Matt responde e se ajeita, abrindo as pernas para que eu me sente entre elas e traga Aaron

para o meu colo, ajeitando-o para que possa amamentá-lo.

Me inclino contra o peito de Matteo, fechando os olhos ao sentir sua boca contra o meu cabelo, apesar de saber que sua atenção está focada em nosso filho.

É estranho pensar nisso, mas é olhando para um bebê de sete meses que tanto eu quanto Matt, entendemos que estamos seguros.

Temos uma vida juntos.

Temos uma casa.

Temos uma família.

Temos um ao outro.

E nada, nem ninguém, pode mudar isso.



A grande quantidade de água que atinge meu rosto faz com que eu engasgue, quase sendo afogada e por instinto tento puxar as mãos para secar os olhos, apenas para sentir o aperto das correntes ao redor de meus punhos, prendendo-os no teto.

Pisco e, ao dar de cara com o homem baixo e calvo, meu rosto se contorce e eu forço as lágrimas a se misturarem com a água.

— Me solta! Por favor! Me solta! — imploro entre soluços.

— Para de chorar! — esbraveja e eu me encolho, chorando ainda mais.

— Me deixa ir embora. Eu... eu juro que não vou dizer nada. Só... me solta. Por favor. Me solta! — grito, agoniada.

Irritado com meus gritos, o homem avança em minha direção, pronto para surrar meu rosto.

— Eu mandei parar de... — sua frase é interrompida quando agarro as correntes que me prendem e jogo as pernas pra cima,

circulando seu pescoço e dando o solavanco rápido e forte, encerrando sua vida no segundo em que o som dos ossos sendo fraturados ecoa.

— Idiota. — Rolo os olhos e chuto o cadáver pra longe, fazendo com que caia sobre a mesa que expunha dezenas de lâminas dos mais diversos tamanhos.

Assim que não estou mais sendo observada, volto a encarar o teto, analisando o ponto específico onde as correntes estão fixadas, altas o bastante para que apenas as pontas dos meus pés toquem o chão.

Não sei ao certo há quanto tempo estou aqui, principalmente pela falta de iluminação natural, mas considerando a dor que a posição está causando em meus ombros, já se passaram algumas horas.

Não sei quem me pegou, nem porque, mas levando em conta os instrumentos dispostos ao meu redor, juntamente com os fios que saem de uma espécie de gerador e seguem até mim, estou prestes a ser torturada, por isso, já criei a fuga para minha mente.

Há alguns anos, Matteo e eu trabalhamos com um agente da MOSSAD, o serviço secreto de Israel. Seu nome era Levi e, apesar de parecer um completo psicopata, durante a missão, ele nos contou de uma tática pouco conhecida.

— Nosso corpo aguenta muito mais do que acreditamos. Nossa mente nos limita. Nossa mente faz com que a gente acredite que tudo é muito pior do que realmente é — ele disse, pegando uma faca e mostrando o antebraço para mim e Matteo. — Se você não pensa na dor, ela não te machuca tanto. — E, pra ilustrar suas palavras, rasgou o próprio braço, deixando o sangue fluir livre. — Por isso, somos ensinados sobre o local seguro.

— Local seguro? — Matt questionou, confuso.

— É um lugar dentro da sua própria mente pra onde você foge.

— Que tipo de drogas você usou? — foi a minha vez de perguntar.

— Quando sua consciência foge, quando sua mente para de se preocupar com o que está acontecendo com seu corpo, nenhuma tortura física é o suficiente para te fazer falar — Levi falava com tanta confiança que naquele segundo até mesmo meu ceticismo me abandonou. — Crie um lugar seguro dentro da mente de vocês, um espaço onde nada pode te ferir, e fujam pra lá. Deixem que seu corpo aguente tudo o que é capaz de aguentar.

Meu local seguro é uma casa, no subúrbio de Boston, onde vivo com Matteo e Aaron.

E é pra lá que pretendo fugir quando minha tortura começar.

O que parece estar prestes a acontecer, considerando o som de passos ecoando ao meu redor, cada vez mais próximos de onde estou, até que eu vejo o rosto.

Ou melhor, revejo.

Não me lembro do seu nome, mas à minha frente está o filho de Samuel Teller. O mesmo filho que assumiu seu lugar depois que eu matei seu pai.



33

MATTEO FAWCETT

Dias atuais

Essas chamas ardentes, essas ondas arrebatadoras

Me lavam como um furacão

Eu cativo, você está hipnotizada

Se sente poderosa, mas sou eu de novo

[...]

No meio da noite

Basta chamar meu nome

Sou seu para você me domar

(Middle of the night - Loveless)

CHUTO A CADEIRA, jogando-a do outro lado do salão e fazendo com que se choque contra a parede.

Nada.

Não temos porra nenhuma!

Somos a maior agência do mundo. A matriz das agências de segurança. A única que tem acesso a tecnologia usada pela CIA, MI6, KGB e mais uma dezena de outros órgãos. A porra da agência superior.

E. Nós. Não. Temos. Nada.

Alexandra foi levada há três dias e nas setenta e duas horas que se seguiram, muita coisa mudou, exceto pelo fato de que minha mulher continua desaparecida.

Todas as missões que envolviam os agentes da sede foram canceladas e, no mesmo dia, todo o efetivo estava aqui, pronto para se juntar à força tarefa criada para buscarmos por ela.

Os agentes supervisores estão cobrando todos os favores possíveis. Os agentes operacionais estão divididos em vasculhar câmeras, sites e ruas. Os agentes auxiliares estão a postos, prontos para serem úteis.

E mesmo com os melhores empenhados nisso, não temos nenhuma pista!

Assim como foi apagada da minha memória há alguns meses, ela parece ter sido apagada da face da Terra.

E isso, ao mesmo tempo em que me enfurece, me apavora.

Não há vestígios! Ninguém some sem deixar vestígios! Ninguém é levado sem deixar vestígios!

Volto a olhar para a tela do computador de Lola, observando-a invadir outro site da *Dark Web*, em busca de informações, apenas para mais uma vez não encontrar nada e me olhar, a culpa e o cansaço marcando suas feições.

— Sinto muito, Matteo.

Não mais do que eu.

Enquanto estava sem memória, me sentia culpado por ter esquecido de Alex, mas desde o segundo em que as lembranças retornaram, culpa não chega perto de descrever o sentimento que tenta impedir que eu respire.

Eu a esqueci.

Eu. Esqueci. Ela.

A parte mais importante da minha vida. A mulher por quem meu coração bate. A minha garota.

Eu a esqueci.

Eu olhei em seus olhos e disse que não a amava.

Eu quebrei seu coração de tantas maneiras, mesmo sem querer e ela... ela continuou esperando por mim. Ela continuou esperando que eu voltasse, mesmo se machucando, mesmo cansada, mesmo perto de desistir.

Alexandra não desistiu de mim nem mesmo quando foi embora.

Eu achava que sim, mas ao ver a forma como ela me olhou depois dos três meses afastada, eu soube que continuava me esperando. Em seus olhos, eu vi o mesmo pedido e pude ouvir sua voz ecoando em minha cabeça.

Lembre-se de mim.

E eu não consegui.

Eu não me lembrei dela até que foi arrancada de mim mais uma vez.

Ela foi levada.

Ela foi levada e eu ainda não a recuperei!

— Ok, vamos dar um tempo — Carl decreta, tocando no ombro de Lola, tranquilizando-a na mesma proporção em que me desespera.

— Não, não vamos dar um tempo — rebato. — Não enquanto não a encontrarmos.

— Matteo...

— Carl — o interrompo, apertando a ponte do nariz. — Eu respeito você igual eu respeitava meu pai, mas se pensa que vou deixar alguém descansar antes de ter Alex bem ao meu lado, você não me conhece.

— Quando foi a última vez que dormiu?

Minha descrença aumenta.

— Dormir?! Acha que eu consigo pensar em dormir enquanto não sei nem mesmo se ela está...

Viva.

Eu não sei se Alex está viva e isso... isso é enlouquecedor.

— Ela é Alexandra Kendricks, Matteo. Ela é...

— A arma letal! — me exaspero. — Eu sei! Eu sei que ela é a melhor agente da *Companhia*. Eu sei que ela é perigosa. Eu sei dessa porra toda! Mas aquela mulher é a minha vida! — rujo, sentindo os olhos queimarem conforme meu desespero cresce. — A cada segundo que está longe, a cada segundo que está em perigo… *Eu. Estou. Morrendo.* Então não, eu não vou descansar até minha mulher estar de volta. Eu não vou dormir enquanto minha mulher não estiver aqui pra eu poder implorar por perdão por tê-la esquecido! Eu não vou descansar até tê-la de volta e garantir que quem a tirou esteja destroçado!

Estou ofegante.

Estou apavorado.

Como eu deixei que isso acontecesse?!

Como eu permiti que ela fosse levada enquanto eu estava há poucos metros?!

Ela foi levada e eu não tenho ideia de como encontrá-la.

Eu não tenho ideia se ela está viva!

— Eu preciso dela — arfo, olhando para Carl. — Eu *preciso* dela.

Há alguns anos, tomei um tiro.

Há alguns meses, fui jogado longe por uma bomba.

E eu nunca achei que estivesse tão perto de morrer como agora.

— Você precisa se acalmar — Link diz, cauteloso, caminhando em minha direção.

— Eu não preciso me acalmar. Eu preciso encontrá-la!

— E você não vai conseguir fazer isso assim. — Não sei de onde Connelly vem, mas sua voz soa perto demais. Perto o bastante para que no segundo em que ele estica o braço, o cheiro forte do clorofórmio nuble minha mente para que eu não tenha tempo de reagir quando vejo Link com uma seringa.

— Não. — Tento recuar, empurrando o braço de Lian para longe, mas tropeçando em minhas próprias pernas.

Sinto a agulha ser enterrada em meu braço e, pouco tempo antes do sedativo ter efeito, o rosto dela surge em minha mente.



ALEXANDRA KENDRICKS

A corrente elétrica que corre por meu corpo faz com que eu aperte os dentes, grunhindo, antes mesmo de recobrar a consciência.

Então, assim que a descarga é cortada, mesmo diante da dor que persiste, eu gargalho.

Henry Teller, o homem responsável pelo meu sequestro, odeia que eu gargalhe, por isso, não deixo de rir o máximo que consigo, mesmo que minha única vontade seja chorar com a dor que se alastra pelo meu corpo a cada vez que ele volta.

Já não tenho mais noção do tempo que estou aqui. Talvez apenas algumas horas tenham se passado, mas, pra mim, parecem meses.

Eu não como. A única água que bebo é a que ele joga sobre mim pra me acordar. Eu não sou solta nem quando preciso ir ao banheiro. E, mesmo assim, eu gargalho.

Posso morrer aqui, mas vou garantir que ele sofra, pelo menos ao ouvir meu riso que ele tanto odeia.

— Você matou o meu pai — acusa, repetindo as mesmas palavras de sempre.

Na primeira vez em que ouvi isso, não lhe respondi.

Foi então que Henry iniciou um monólogo sobre como tem passado meses buscando pela empregada que desapareceu após a

morte do pai. Ele falou sobre tudo o que gastou com pessoas que juravam que me encontrariam. Ele falou, falou e falou.

Até que ao notar meu tédio, sorriu:

— Até o dia em que um sistema de reconhecimento facial te localizou. Eu assisti a filmagem do tiroteio.

Imediatamente, entendi que estava se referindo à invasão do cartel.

— Através das câmeras que a tecnologia criada pelo meu pai permitiu que eu invadisse, segui o carro até o prédio da... *Orion Security.* Ou melhor... da *Companhia.*

Não sei o que ele esperava conseguir, mas a reação que eu tive foi o bastante para que sua raiva irrompesse e ele me desse o primeiro soco em minhas costelas.

Eu sorri e comentei:

— Parece que além de te molestar, seu pai te ensinou algumas coisas.

Porque, sim, antes de seguir para a Operação Samuel Teller, ao ler o dossiê, soube das especulações do que ele havia feito com o filho bastardo.

— Ele foi um bom pai! — grunhiu e desferiu outro soco.

Eu tinha nojo dos comentários que eu fazia, mas eu sabia que precisava manter Henry irritado o suficiente para que ele preferisse me bater ao invés de me eletrocutar, afinal, pelo painel no gerador, estava claro que ele poderia me matar com aquela coisa.

— Sim, eu matei o seu pai — digo, tombando a cabeça e fazendo um beicinho. — Como se sente ao saber que eu te livrei daquele monstro que foi incapaz de te ensinar como dar um soco decente?

Diferente do dia em que matei um de seus homens, meu corpo está fraco demais para que eu não consiga mais erguer as pernas para destroncá-lo, por isso, quando Henry se aproxima com uma faca, eu não posso fazer nada além de esperar pela dor.

Quer dizer, eu não posso fazer nada *contra ele*, mas eu posso voltar *pra eles*.

Meus meninos.

Meu local seguro.

Fecho os olhos e me enterro em minha mente, deixando que meu corpo aguente o máximo que consegue enquanto eu consigo meus momentos de paz ao voltar para Matteo e Aaron.



MATTEO FAWCETT

— Merda! — Connelly exclama, mas não tem tempo de se afastar antes que meu punho se conecte com o seu queixo em um golpe que o faz cambalear para trás.

— Matteo! — Ryan grita, perplexo, mas não lhe dou atenção, antes de avançar na direção de Lincon.

— Você me sedou, seu filho da puta! — esbravejo e Link, apesar de ser um agente altamente treinado que ensinou muito do que Alex e eu sabemos, não consegue desviar do soco que acerta seu nariz, o som da cartilagem sendo esmagada ecoando pelo espaço.

— Matteo! — Carl grita ainda mais alto do que Ryan e eu o olho, bufando como um touro.

— Quantas horas eu dormi?

A ausência de resposta me deixa ainda mais ensandecido.

— Quantas. Horas. Eu...

— Doze — Link, mantendo a cabeça erguida, com o rosto coberto pelo próprio sangue, responde.

Cerro os punhos, incapaz de acreditar que acabo de gastar doze horas *dormindo*, ao invés de passar esse tempo buscando por Alex.

— Torçam pra que nada tenha acontecido com ela nessas horas, ou eu juro que vão se arrepender do que fizeram — minha voz sai baixa, contida, a raiva fortemente controlada em um canto de minha mente.

Já perdi tempo demais. Não posso mais me distrair com explosões.

Eu preciso me concentrar em encontrá-la.

— O que nós sabemos? — questiono, caminhando até Ryan e Lola, sem esperar que me deem qualquer resposta acerca da promessa que eles sabem que vou cumprir, se necessário.

— Nada — Ryan diz e abre alguns arquivos no computador. — Olhamos os meses que ela passou em Vancouver, mas você sabe que ela não fez nada lá. Não se envolveu com nada além do que aquelas corridas ridiculamente longas que você gostava de assistir.

— Então não foi lá que ela se tornou um alvo — concluo.

Porque essa é uma informação óbvia.

Alex era o alvo.

Não tentaram invadir a sede. Não tentaram chegar até onde eu estava desacordado.

Eles queriam especificamente *ela.*

A pergunta é: por que e quem?

— Cadê os relatórios das últimas missões dela? — questiono e Lola acena para uma pilha de arquivos abandonados no canto da mesa.

Me sento na cadeira giratória e pego a primeira pasta, mas antes de abri-la, suspiro e ergo meus olhos para Link, que mesmo com o nariz sangrando, permanece por perto, pronto pra ajudar a encontrar uma pessoa que ele considera importante, assim como Connelly. Assim como todas as pessoas aqui.

Não nos definiria como uma família, mas sei que não sou apenas eu que protegeria as costas dela, caso fosse necessário. Assim como não seria apenas ela protegendo as minhas.

— Obrigado — digo, olhando ao redor, analisando os vários pares de olhos que permanecem sobre mim.

Por alguns segundos, nenhum deles diz nada até que Ryan estala a língua e abre os braços.

— Quer um abraço?

— Depende — respondo. — Quer o próximo soco?

Imediatamente, seus braços se fecham e eu volto minha atenção para os papéis da última missão em que foi enviada, no caso, a invasão ao cartel que deu errado.

Mesmo sabendo de tudo o que aconteceu, não deixo de analisar os relatórios preenchidos por Link, Derek e Robert. Leio anotações, comentários e, mesmo que me incomode ao rever a imagem de Alex se colocando em minha frente para me proteger dos tiros, eu também observo as fotos, apenas para bufar frustrado e fechá-lo, jogando sobre a mesa.

— Alguma coisa nas câmeras? — pergunto, antes de pegar a próxima pasta.

— Não. Nenhuma câmera conectada à internet tem qualquer indício de Alexandra desde quando ela foi levada — Lola responde, batendo os dedos contra as teclas. — Mas vou continuar procurando.

Abro o próximo relatório.

Por longos minutos, leio tudo sobre as missões de Alex, incapaz de negar que o sono, mesmo que não fosse algo desejado, está sendo útil. Livre do cansaço, consigo raciocinar melhor, mas mesmo pensando melhor, eu não descubro porra nenhuma!

Tudo é mais do mesmo.

Missões concluídas com perfeição.

Pessoas mortas ou presas sem o menor esforço.

Alex em campo é impecável.

Os relatórios, mesmo que citando nomes e lugares diferentes, sempre são concluídos da mesma forma: mostrando o quanto minha parceira faz jus ao ser considerada uma lenda. O

quanto ela merece ser conhecida por ser mais letal que as armas mais tecnológicas do mundo.

É isso o que cada uma das anotações mostra, e por mais que eu sinta orgulho de saber quão incrível ela é, a ausência de pontas soltas não permite que eu descubra por onde começar a procurar por ela!

Começando a ver as letras se embaralharem depois de tanto tempo lendo, jogo a pasta da missão de Viktor Petrov sobre a mesa, e o movimento brusco faz com que as fotos impressas deslizem pela mesa e caiam espalhadas sobre o chão.

Respirando fundo para controlar a raiva que cresce proporcionalmente ao medo que sinto, me abaixo para recolhê-las, fixando o olhar sobre o rosto de Alexandra.

— Onde você está? — questiono baixo, traçando a ponta do indicador pelo contorno de seu maxilar enquanto ela olha feio para o segurança que agarrou seu braço no restaurante do hotel. — Eu preciso te encontrar antes que fique maluco. — Pego outra imagem, analisando a forma como o chefe da máfia parece estar de joelhos em sua frente, venerando-a.

Quando ela saiu do quarto há alguns meses dizendo que ia embora, senti meu mundo ser agitado, mas desde quando ela foi levada, meu mundo parece prestes a ruir.

Perder Alex é algo que eu não imaginava nem em meus piores pesadelos, mas agora, é o que está acontecendo.

É o que está me matando.

Pego a terceira foto, sorrindo, fraco, ao me deparar com o sorriso que ela abre para a câmera do elevador. A expressão confiante e convencida por saber que dentro da van, Robert ouvia quão boa ela era.

Robert ouvia...

Imediatamente, salto em pé, correndo até a mesa de Ryan.

— Abre as imagens de quando eu estava com ela do lado de fora. — A urgência, o desespero e a esperança em minha voz atrai a atenção de todos.

Por favor. Por favor. Por favor.

— O que quer ver?

— Nós dois — respondo e Ryan obedece, ampliando a imagem, permitindo que eu veja o brilho prateado em sua orelha, no instante em que empurro seu cabelo para trás. — A escuta, Ryan! A escuta!

— A escuta! — repete e, com as mãos trêmulas, digita a senha que lhe dá acesso ao programa onde ele controla suas invenções.

Silêncio.

Um silêncio mortal e ensurdecedor se instaura no salão central enquanto todos nós olhamos para a tela, esperando por... algo.

A foto que mostra seu sorriso, continua em minha mão, e eu a seguro como se estivesse prestes a me afogar e ela fosse meu bote salva-vidas.

Porque ela é.

Alex é a pessoa por quem eu vivo. A pessoa por quem eu mato. A pessoa por quem eu morro.

Eu preciso dela.

Assisto códigos surgirem na tela. Dezenas de números mudando enquanto as coordenadas são calculadas, cada uma mais diferente do que a outra, como se o rastreador que Ryan colocou em sua orelha há meses não estivesse funcionando direito.

Por favor. Por favor. Por favor.

— *Olá de novo, Henry.*

Meus joelhos fraquejam quando entendo que é sua voz que ecoa das caixas de som.

— Localização! — grunho, jogando a foto sobre a mesa e correndo, juntamente com dezenas de agentes, na direção da garagem.

Ela está viva.

Alex está viva.

E eu estou indo até ela.



A L E X A N D R A
K E N D R I C K S

Eu quero morrer.

Eu verdadeiramente quero morrer.

Essa é a primeira coisa que penso ao recobrar a consciência e olhar para baixo, encontrando todas as minhas antigas cicatrizes reabertas, dessa vez, com uma faca que ele usou para arrancar o tecido enrugado das queimaduras.

Meu olho esquerdo não se abre, inchado demais dos socos que ele acertou em meu rosto. Respirar dói e algo me diz que meu pulmão pode estar machucado, graças aos golpes que eu também levei nas costelas. Meus ombros constantemente queimam, graças a posição em que me encontro.

E eu quero morrer.

Eu *preciso* morrer.

Acontece que mesmo desesperada pra que tudo isso chegue ao fim, continuo manipulando Henry Teller para que ele me machuque com a faca ou com os golpes, mas não com a eletricidade que fica cada vez mais potente a cada choque que ele dá.

Não sei qual a voltagem máxima que uma pessoa consegue aguentar, mas algo me diz que não é muito mais intensa do que a que ele tem usado em mim.

Seria mais fácil deixá-lo me matar com os choques. Tão mais fácil simplesmente irritá-lo para que ele perdesse o controle e destruísse seu brinquedinho de tortura.

Mas, mesmo querendo morrer, eu continuo me mantendo viva. Eu continuo dando tempo para que ele me encontre porque eu sei que Matteo, mesmo sem memória, nunca se perdoaria se não me salvasse.

Costumava pensar que a maior prova do amor que eu sentia era garantir que eu morreria ou mataria por ele, mas aqui, presa pelos punhos no teto de uma construção imunda, pendurada sobre minha própria urina, sangrando por conta da tortura, eu dou a maior prova de que eu o amo.

Por ele, eu vivo.

E isso é muito pior do que matar ou morrer.

Mas é o que eu estou disposta a fazer por Matteo Fawcett. Viver.

Pelo menos até que ele me encontre e não se sinta culpado por nada disso, como sei que eu me sentiria. Mesmo que seja meu último suspiro, preciso dizer a ele que até nos meus piores momentos, ele foi minha lembrança favorita. Ele foi meu local seguro.

Sou arrastada para o presente quando ouço passos se aproximando e mesmo que as lágrimas de dor estejam prontas para caírem, ao ver o rosto de meu torturado, eu sorrio.

— Olá de novo, Henry.

Seus olhos gélidos vagam para a bandeja com as facas que ele tem usado em meu corpo, todas sujas com meu sangue.

— Por que sorri quando me vê?

— Sei lá. Acho divertido imaginar seu pai se revirando no túmulo ao ver que *isso* é o que você chama de tortura — respondo. — Vem cá, solta só minha mão esquerda e me deixa te mostrar como dar um soco de verdade. — Ele ergue a sobrancelha para minha proposta e eu rolo os olhos. — Qual é? Não é porque seu pai passava mais tempo te molestando do que te ensinando a bater que você não pode aprender depois de velho.

Mais um soco acerta meu rosto e o gosto de sangue invade minha boca.

— Quem sabe eu não corte sua língua para que aprenda a não falar, vadia! — rosna e segura meu queixo, o polegar apertando um ponto específico que me faz querer choramingar de dor.

Sorrio para a faca tão próxima do meu rosto.

— Samuel também me chamou de vadia antes que eu rachasse a cabeça dele contra o chão.

Levo um soco no estômago.

Já percebi que sempre que acabo apagando, ele se vai.

Eu só preciso irritá-lo para que ele soque meu rosto com força o suficiente para me apagar.

— Por que. Matou. Ele?! — A cada pausa, mais um golpe é desferido em meu abdômen, a dor que a fome tem causado ficando cada vez mais intensa e, sem que eu perceba, a bile sobre por minha garganta e eu vomito sobre Henry, o que consegue afastá-lo.

Então, tudo se torna o caos porque com nojo de voltar a me tocar, mas desesperado pra continuar me machucando, ele move a alavanca presa acima do gerador e eu tenho tempo apenas de cerrar os dentes quando as correntes elétricas voltam a correr por mim.



MATTEO FAWCETT

A cena com a qual me deparo ao chutar a porta de uma espécie de celeiro é algo que nem mesmo os maiores diretores de filmes de terror poderiam criar.

Alex está pendurada pelos punhos, os pés mal tocando o chão enquanto ela se debate, sendo eletrocutada.

Gostaria de não assimilar cada maldito detalhe do que vejo, mas em menos de poucos milésimos de segundo, tudo se grava em minha mente.

A pele pálida. Os machucados. O sangue, vômito e urina que cobrem o chão. Os fios presos a ela.

Sinto parte de mim morrer ao vê-la assim, e sem me importar com o homem no canto do cômodo que arregala os olhos ao ver a quantidade de pessoas que invade o local, corro para Alexandra.

Por sorte, alguém consegue desligar o maldito aparelho que a eletrocuta, então, quando agarro sua cintura e a ergo do chão, a dor que me atinge não tem nada a ver com os choques, mas sim com ver minha garota desse jeito.

Sem perder tempo pensando em como soltá-la, saco a Glock e disparo duas vezes, acertando o ponto exato onde as correntes estão fixadas no teto e instantaneamente seu corpo desaba sobre mim.

Passo um braço por baixo de suas pernas, pronto pra carregá-la pra longe, mas antes de sair do celeiro, dou apenas um aviso para as dezenas de agentes que estão sedentos para vingar um de nós:

— Eu o quero *vivo*.

Porque eu serei a pessoa a matar o homem que ousou tocar em Alexandra. Mas ele só terá o prazer de encontrar a morte quando eu o fizer pagar por tudo o que ela sentiu.

Entretanto, agora, eu não me importo com nada além dela.

Assim que saio do campo de visão do desgraçado, ainda com ela em meu colo, sinto meus joelhos fraquejarem e desabo no chão, só me dando conta que estou chorando ao ver as lágrimas caindo sob sua camiseta imunda.

— Alex — chamo, sem reconhecer minha própria voz. — Alex, olha pra mim, amor — peço, encarando seu rosto inchado pelas pancadas que levou. — Eu cheguei. Por favor, olha pra mim.

Por longos segundos, ela não se mexe, até que seus lábios se movem e de uma maneira quase imperceptível, ela sorri.

É lindo, ao mesmo tempo que é doloroso, principalmente quando suas pálpebras tremulam e se abrem para me olhar, e em um último suspiro, ela sussurra:

— Obrigada por me salvar.

Seus olhos se fecham e, dentro dos meus braços, seu coração para de bater.



A L E X A N D R A
K E N D R I C K S

Sorrio tão abertamente que sinto minhas bochechas doerem ao olhar fascinada para a forma como os suspensórios minúsculos se prendem à roupa social que Aaron usa.

— Você parece um príncipe! — digo, sorrindo, e ele grita, mexendo os braços e as pernas enquanto, sem me importar com a roupa ajeitada, faço cócegas em sua barriga, rindo junto com sua gargalhada. — Matt? — chamo e pego nosso filho, me virando para procurar por Matteo, mas congelando ao dar de cara com ele vestindo apenas a calça social preta, o tórax exposto enquanto pequenas gotas de água que ele nunca seca, deslizam por seu peito.

Merda.

— Está me encarando, Alexandra Fawcett? — questiona, sorrindo, e se aproximando como um predador. Lento, intimidante, perigoso.

Não sei se o que mais me excita é sua aparência, o jeito como me olha, ou o tom de orgulho com que diz meu nome junto ao seu sobrenome. Nosso *sobrenome.*

— Estou te admirando *— corrijo, deixando que seu braço circule minha cintura enquanto ele nos abraça, primeiro deixando*

um beijo na cabeça de Aaron, que grita e joga os braços para o pai, então aproximando a boca da minha.

— Mais tarde eu deixo você continuar me admirando. Agora, estamos atrasados — responde contra meus lábios antes de pegar o bebê. — Vai se arrumar que eu fico com ele.

— Tudo bem. Eu...

O som da campainha interrompe minha frase e eu olho para Matt, confusa.

— Tá esperando alguém?

— Não — diz, parecendo tão surpreso quanto eu. — Eu atendo.

Nego.

— Pode deixar comigo. Não deve ser nada importante — falo, por cima do ombro, seguindo na direção da porta da frente.

Não sei ao certo o que espero encontrar quando giro a maçaneta, mas ao dar de cara com eles, sorrio.

— Olá, garotos. Sentiram saudades?

Josh e Will retribuem o sorriso.

— Claro que sentimos saudades, Kendricks — é Jay quem responde, acenando com a cabeça.

— Por isso viemos até aqui — Wilson acrescenta. — Vem com a gente.

— Alex — a voz cautelosa de Matteo ecoa antes que eu possa dar um passo na direção de meus amigos e eu me viro, assistindo-o me olhar de uma maneira quase assustada enquanto mantém Aaron em seus braços.

— Jay e Will vieram nos ver! — comento, animada, sem entender por que Matt não compartilha da animação.

— Tudo bem, amor. Agora volta pra cá — pede, estendendo a mão em minha direção, me chamando. — Alex. Volta. — repete, quase implorando, enquanto não o obedeço e saio de casa, parando entre meus dois amigos.

— Estamos com saudades dela, Fawcett — Josh avisa.

— Ela vem com a gente — Wilson acrescenta e, com um estrondo, a porta entre Matteo e eu é fechada.



34

MATTEO FAWCETT

Dias atuais

Eu te puxo para sentir seus batimentos

Você pode me ouvir gritando: Por favor, não me deixe?

Espere, eu ainda te quero

Volte, eu ainda preciso de você

Me deixe pegar a sua mão, eu vou consertar tudo

Juro te amar por toda minha vida

Espere, eu ainda preciso de você

(Hold on - Chord Overstreet)

O SOM DOS MEUS passos ecoa pelo ambiente úmido e que fede a mofo. Escuro o bastante para que não vejam o que se esconde nas sombras. Espaçoso o suficiente para que o eco seja ensurdecedor.

Abrigado no andar mais subterrâneo da sede, está o que gostamos de chamar de *calabouço,* onde as pessoas que precisam de um... *incentivo* para falar são trazidas. Mas hoje, também está servindo de prisão para Henry Teller, o homem que ousou machucar Alexandra e que agora está em minhas mãos.

Me mantendo nas sombras, analiso a forma como seus punhos estão acorrentados para o alto, os pés tocando o chão apenas mediante o esforço para se esticar. Sua roupa foi arrancada

por ordens minhas, afinal, não quero nenhuma camada de tecido amortecendo o que pretendo fazer, por isso, o desgraçado está apenas de cueca, expondo alguns hematomas que os outros agentes deixaram.

Henry parece ter acabado de levar uma surra, mas uma surra não chega perto de ser o que acontecerá com ele.

— Eu sei que você está aqui — diz, erguendo a cabeça e olhando na minha direção. — Não vai conseguir me assustar.

Mesmo sem humor, solto um riso baixo, caminhando até ele.

— Não quero te assustar, Henry. Quero te destroçar — concluo, parando em sua frente. — Quero que você entenda que se colocou no inferno ao tocar em Alexandra.

— Então esse é o nome da vadia? — Sorri, diabólico. — Ela está morta?

— Não. Está em coma. E você vai começar a partir de hoje a rezar para que ela acorde, porque eu só vou te matar no dia em que minha mulher estiver de volta.

— Acha que eu desejo morrer?

— Ainda não, mas garanto que vai.

Sem lhe dar mais nenhuma palavra, me viro de costas e caminho até a mesa de aço onde as dezenas de objetos estão espalhados, todos prontos pra que eu participe da mais longa sessão de tortura que já aconteceu nessa agência.

Uma sessão que vai durar por tempo indeterminado, afinal, não existe qualquer estimativa com relação ao coma de Alex.

Cerro o maxilar e afasto os pensamentos relacionados a ela, sem querer trazer sua imagem para o mesmo ambiente onde Henry está.

Pego um charuto e um isqueiro, erguendo-os para o homem acorrentado, que parece confuso ao sentir a ponta dele ser pressionada entre seus lábios.

— Trague — ordeno, acendendo a chama do isqueiro, mas ao invés de me obedecer, ele o cospe para longe.

— Não.

Sorrio e assinto, voltando para a mesa.

— Imaginei que dissesse isso — comento e, dessa vez, agarro uma espécie de agulha de quase quinze centímetros, tão grossa quanto um prego. — Então, me deixe ser mais convincente.

Sem aviso, assim que estou de volta em sua frente, pressiono a ponta da agulha sobre sua unha e a empurro com força, arrancando um urro de pura agonia que marca o início de tudo o que ele vai passar enquanto estiver aqui.

Henry sacode a cabeça, parecendo desesperado e enquanto seu corpo assimila a dor que está sendo causada, caminho até o charuto e o pego do chão.

— Você tem mais *dezenove* dedos e eu tenho mais *vinte* agulhas. A que sobrar vai acabar sendo enterrada na cabeça do seu pau se você não fizer o que eu mando — aviso com o tom neutro. — Vamos tentar de novo — deposito o charuto entre seus lábios trêmulos e abro a tampa do isqueiro, assistindo ao fogo iluminar seu rosto coberto pelas lágrimas. — Trague.

Ele obedece.

Deixo que puxe a fumaça duas vezes, esperando que a ponta em brasa esteja do tamanho que eu julgo suficiente antes de puxá-lo de sua boca, apenas para apagá-lo em sua barriga.

O cheiro de pele queimada sobe ao mesmo tempo em que outro grito ecoa, mas mesmo enquanto ele se debate, mantenho o charuto pressionado em seu abdômen, criando a marca que pretendo abrir como uma faca, assim como ele abriu as cicatrizes de Alex.

Pensei em eu mesmo acendê-lo, mas sabendo o quanto ela odeia o cheiro, nunca colocaria um em minha boca. Além do mais, assisti-lo criar o mesmo que vai machucá-lo é uma tortura ainda maior.

Uma tortura que ele merece.

Uma tortura que eu estou pronto para trazer.

— Acha que me torturar vai trazer justiça?! — urra, como se lesse meus pensamentos.

— Não — respondo e viro o charuto, voltando-o para sua boca. — Mas não estou buscando justiça, Henry. Estou buscando vingança. Agora... *trague* — ordeno mais uma vez, abrindo a tampa do isqueiro.

Seu olhar brilha com o medo que ele sente ao saber o que está por vir e eu vejo de perto a forma como reflete entre escolher a dor de ser queimado ou a de ter uma agulha daquele calibre sendo enterrada sob sua unha.

— Não se preocupe em escolher — digo, interrompendo sua reflexão. — Tudo de pior vai acontecer com você, quer me obedeça, quer não.

Em meio às lágrimas de desespero, ele traga, voltando a acender o charuto.

Novamente, o apago em seu abdômen. Novamente, enterro uma agulha sobre sua unha.

E eu repito essa sequência por dez vezes.

Na terceira, ele começa a rezar, implorando para que Alex acorde para que finalmente possa ser morto.

No décimo dedo, a dor é demais e sua cabeça pende para o lado, indicando sua perda de consciência.

Não o acordo, afinal, já passei tempo demais aqui, mas antes de deixar o *calabouço*, pressiono o botão da caixa de som, iniciando a *playlist* que mescla *Slipknot* e *Avenged Sevenfold*, apenas para que ao acordar ele seja incapaz de dormir diante dos gritos.

E só quando coloco a porta entre Henry e eu, é que permito que meus pensamentos se dirijam para ela.

Alex.

Apressado, tomo um banho, me livrando de qualquer vestígio que posso ter do desgraçado, então pego minha moto e sigo para o hospital onde ela está.

Apesar de termos uma unidade médica dentro da sede, os médicos estão acostumados a cuidar de coisas mais simples como alguma fratura ou um ferimento de bala, por isso, o ideal foi que ela

fosse ao Hospital Geral de Massachusetts. Além do mais, seu estado atual é grave demais para arriscarmos movê-la.

E ela não vai passar por mais risco nenhum, então decidi que ela deveria ficar onde está, apenas garantindo que além de uma equipe se manter na porta do hospital pronta para protegê-la, caso necessário, também pedi que alguém sempre estivesse por perto quando eu precisasse me ausentar.

Odeio a ideia de que ela fique sozinha.

Hoje, o responsável por lhe fazer companhia é Connelly, que ainda está com o queixo inchado pelo soco que lhe dei, mas que aceitou meu pedido de desculpas, afinal, o descanso que eles me forçaram a ter foi o que permitiu que eu notasse a escuta e o rastreador em formato de piercing.

Passo pela porta do quarto de Alex e a surpresa faz com que Lian se coloque em pé, já agarrando a Glock, só relaxando ao perceber que sou eu que me aproximo da cama.

Antes mesmo de lhe dirigir o olhar, me inclino para baixo e deixo um beijo em sua testa, inspirando o cheiro que mesmo diferente graças aos produtos que usaram para limpá-la, continua se parecendo com o cheiro que me lembro.

— Estou de volta, amor — sussurro próximo ao seu rosto, analisando o tubo que sai de sua boca, fazendo com que respire apesar da medicação que induz seu coma e reduz sua capacidade respiratória.

Faz dois dias que estamos aqui. Chegamos no fim da tarde e, durante toda a noite, ela esteve em cirurgia para que o estrago causado pelos golpes e choques fosse consertado.

Seus ombros estavam deslocados, algumas costelas estavam quebradas, seu maxilar estava luxado, os cortes infeccionados e o coração parado, sem contar a desidratação e a hemorragia interna.

Não sei ao certo quanto tempo seu coração ficou sem bater, mas sei que foi o período mais longo da minha vida. Quando finalmente conseguiram reanimá-la, mal tive tempo de chegar ao seu lado antes que eles corressem às pressas para alguma sala de

cirurgia, onde passaram a noite inteira para ontem de manhã darem a notícia:

— Ela está instável. Seu coração está fraco e seu corpo passou por traumas absurdos. Sinceramente... é um milagre que ela ainda esteja viva — o médico que aparentava ter a idade de Lincoln disse. — Mas também é muito incerto o que vai acontecer agora. Alexandra está fraca e eu acredito que a melhor opção no momento é tentar dar tempo para que ela se recupere. Vamos mantê-la em coma induzido enquanto avaliamos a *possível* melhora do quadro.

Não deixei de perceber como ele reforçou que vê-la melhorar era apenas uma possibilidade, mas também não deixei de perceber que ele considerava um milagre que ela estivesse viva, então... minha garota podia continuar sendo um milagre e melhorando, não é?

Ela é Alexandra Kendricks, afinal. Ela pode conseguir o que quiser.

Naquele mesmo dia, permitiram que eu entrasse pra ficar com ela, claro que graças a um tom fortemente ameaçador em conjunto com minha arma à mostra, que dizia que eu não estava *pedindo*.

Puxei a poltrona para o lado de sua cama e passei o resto do dia e da noite a observando dormir, tentando organizar todas as palavras que eu queria e precisava dizer a ela.

Acontece que ver Alex assim, lutando para se manter viva, além de ter feito dezenas de lágrimas rolarem por meu rosto em um choro silencioso, também fez com que minha raiva pelo causador disso tudo crescesse e, logo no início da manhã, pedi para que Lian viesse ficar ao seu lado enquanto eu começava a cobrar pelo erro que Henry cometeu.

— Alguma novidade? — pergunto, endireitando o corpo e só então olhando para qualquer lugar que não seja ela.

— O médico passou aqui duas vezes e disse que continua a mesma coisa — Connelly responde. — E... isso é bom, não é? — questiona, lutando para soar positivo enquanto volta a olhar pra ela.

— Não é tão bom quanto uma melhora, mas... é bom que ela continue aguentando.

— É. — Mal ouço minha afirmação enquanto a olho.

— Uh... Matteo? — Connelly chama antes de sair pela porta. — O cara que fez isso? — Olho por cima do ombro, esperando. — Faça com que ele se arrependa.

— Farei — garanto.

A porta do quarto é fechada e eu mais uma vez estou sozinho com Alex, sentindo a culpa me corroer enquanto olho para a mulher que mesmo sem querer machuquei.

— Eu preciso de você — confesso em um sussurro, entrelaçando meus dedos nos dela, assim que me sento na poltrona ao seu lado, tomando cuidado com o acesso preso no dorso de sua mão. — E eu sei que talvez eu não mereça que você volte. Talvez eu mereça sofrer, mas Alex... eu preciso de você.

O som da máquina que faz com que ela continue respirando é a única resposta que eu tenho.

— Eu me lembrei de tudo. — Apesar de ontem ter passado bastante tempo ao seu lado, não fui capaz de organizar tudo o que tinha para lhe dizer, perdido demais em minha própria angústia. Hoje, ainda estou passando pelo inferno ao ver minha mulher desse jeito, mas minha necessidade de lhe dar motivos para que acorde é maior do que qualquer outro sentimento que me atordoa. — Eu me lembrei de ter te conhecido e de como desde o primeiro segundo você e esses olhos intensos me perturbaram. Me lembrei de como seu toque me estragou para qualquer outra pessoa. Me lembrei de como me apaixonei de maneira gradativa, mas também repentina.

Mais uma vez, as lágrimas correm pelo meu rosto enquanto mostro a versão que apenas ela conhece. Matt.

Não sou mais o agente lendário, Matteo Fawcett, que nem pisca ao torturar uma pessoa.

Aqui, pra ela e *apenas* pra ela, eu sou Matt, o homem que está apavorado com a possibilidade de nunca mais ouvir a voz da mulher que ama.

— Eu me lembrei de *você*, Alex. Me lembrei de tudo o que fez com que eu começasse a te amar. De tudo o que me enlouqueceu ao longo dos anos. De tudo o que fez com que eu pertencesse a você. E eu me odeio por ter te esquecido. — Balanço a cabeça, ainda sem acreditar que tudo isso não passa da porra de um pesadelo. — Me odeio por ter te machucado. Me odeio por não ter protegido suas costas e ter permitido que isso acontecesse com você. Eu me odeio na mesma proporção em que te amo. Então, mesmo que eu não mereça que você volte, eu *preciso* que você volte.

Mesmo sabendo que ela estar viva tem a ver com a força que ela tem, as palavras do médico ecoam em minha mente e eu realmente espero que um milagre faça com que acorde bem, aqui e agora.

Quando não acontece, me lembro que eu não acredito em milagres.



Sete dias
após a cirurgia

— Meu Deus! — o urro de Henry faz com que minha cabeça lateje e eu passo a faca por uma das queimaduras expostas em seu peito. Queimaduras que *eu* fiz só pra poder cortá-las, exatamente como ele fez com Alex. — Por favor! Por favor! Faça com que ela acorde! Eu preciso morrer!

Já faz alguns dias que ouço sua prece sendo dita aos berros enquanto o faço sangrar.

Ele tem implorado para que Alexandra acorde.

Algo que pode acontecer... hoje.

Percebendo que já não consigo mais manter meus pensamentos longe dela, decido encerrar a tortura de hoje e solto a

faca sobre a mesa de aço, deixando que ele continue rezando para conseguir a morte, enquanto tomo banho e após seguir a mesma rotina que tenho seguido ao longo dos últimos dias, sigo para o hospital.

Já faz alguns dias que a medicação usada para induzir seu coma tem sido reduzida e hoje, após algumas avaliações sobre seu sistema respiratório, ela será extubada, o que significa que ela pode acordar a qualquer instante.

O que consequentemente indica que não pretendo voltar para continuar fazendo com que Henry pague, o que não significa que sua tortura está encerrada. Longe disso.

Não irei me afastar do quarto de Alexandra, mas Carl, Link, Lian e todos os outros agentes daqui estão mais do que contentes em continuar de onde parei, cientes de que não devem acabar com a vida do desgraçado até que eu dê essa ordem, o que só vai acontecer quando *ela* quiser.

Sinto os olhos de Ryan sobre mim enquanto invado o quarto do hospital e chego até a maca, como sempre, dando atenção a Alex antes de pensar em falar com qualquer outra pessoa.

— Estou de volta, amor — sussurro, beijando sua testa, ansioso para ver seu rosto livre do tubo que sai de sua boca.

— Acha que ela escuta o que falamos? — questiona assim que endireito o corpo.

— O médico disse que tudo indica que sim. Por quê? O que foi que falou?

— Que ela precisa voltar. — Dá de ombros. — Falei que não estou pronto pra perder mais dois amigos e que é isso que vai acontecer se ela não voltar. Você não vai aguentar.

É, eu não vou.

Trocamos algumas palavras sem importância, como se tentássemos nos distrair da ansiedade que irradia e, a cada segundo, alguma outra pessoa entra no quarto, se juntando a multidão que espera que ela acorde.

Lola, Carl, Link, Connelly, Zade, Bruce. Até mesmo o imbecil do Collin aparece.

Não sei quem está resguardando a sede porque todos, *todos* os agentes estão aqui, esperando que Alexandra Kendricks desperte do coma.

Ela é extubada e por duas horas mal nos movemos, esperando que suas pálpebras tremulem e seus olhos se abram indicando que está de volta.

Não acontece.

Nada acontece.

Pouco a pouco, os agentes regressam para a sede, voltando aos afazeres que precisam de atenção. Mas eu não me movo.

— Você está bem? — Carl pergunta, parando ao meu lado enquanto continuo a olhando.

— Vou ficar quando ela acordar.

Por favor, acorde. Por favor, eu preciso de você. Por favor, volte.

Ele parece querer dizer alguma coisa, provavelmente algum conselho sobre como preciso me preparar para o caso de ela nunca acordar, o que o médico já disse que pode acontecer. No entanto, ele não diz nada.

Carl apenas suspira, aperta meu ombro, se vira e sai, me deixando sozinho com ela.

Volto a me sentar na poltrona e a enlaçar nossos dedos, sentindo a textura de suas mãos pequenas e suaves, mesmo com os calos pelas lutas e manuseio de armamentos.

— Oi. — A voz grave do Dr. Miller, o médico de Alexandra, atrai minha atenção e eu o assisto se aproximar do pé da cama. — Nada ainda? — questiona e eu nego.

— Não tem uma previsão?

— Não. Acordar, agora depende *dela.*

— E não tem nada que eu possa fazer?

Eu faço.

Porra. Eu faço qualquer coisa para tê-la de volta.

— Dê motivos pra que ela volte. Dê motivos pra que ela acorde.

Sabendo que eu não tenho o que lhe responder, Miller verifica alguma coisa na tela ao lado de Alex, se vira e sai.

— Quer um motivo para voltar, Alex? — pergunto, olhando em seu rosto. — Eu estou aqui. O *seu Matt!* Eu *preciso* de você. Então, por favor, volte. Volte e brigue comigo. Volte e me faça implorar por perdão por ter te esquecido. Volte e me deixe mostrar o quanto eu te amo, mas, por favor, Alex, volte.



A L E X A N D R A
K E N D R I C K S

— Então... como vocês estão? — questiono, sentada entre Josh e Will.

Wilson ri e balança a cabeça para mim, descrente.

— Você sabe que nós dois estamos mortos, Kendricks.

Sem a menor ideia do que acontece, sua frase causa um tremor no mundo ao meu redor e, ao olhar em volta, percebo que estamos sentados na sala de espera de um hospital.

— E-eu... — gaguejo.

Merda! *Eu odeio gaguejar.*

— Eu sei, mas... quero conversar com vocês. — Dou de ombros.

— E não quer pensar sobre o que realmente *está acontecendo — Jay pontua, me estudando. Sei que ele tem sua confirmação quando desvio os olhos para o chão, sem querer seguir*

pelo caminho que eu sei que quer levar. — Tudo bem. Se precisa ouvir isso, sim, nós estamos bem.

— Vocês sofreram? — minha pergunta soa baixa e eu sinto o medo da resposta esmagar meu coração.

— Morrer não machuca — é Wilson quem responde. — Pelo menos, não machuca quem morre*.*

— Só machuca quem fica e precisa lidar com a dor — Josh adiciona e eu sinto a forma como os dois me encaram. — Se você decidir não voltar... muita dor vai ser causada.

— Eu não sei se quero voltar — confesso. — Eu gosto dessa vida.

— Essa vida é uma invenção, Kendricks — Will murmura. — Você inventou esse mundo pra sobreviver e deu certo. Você sobreviveu. Mas tudo isso aqui, essa vida… — Acena ao redor. — Não é real.

Engulo em seco, finalmente tomando coragem para erguer o rosto e olhar para os dois.

— Pode não ser real, mas é bom. É seguro, é feliz! Não tem dor. E... — sinto um nó crescer em minha garganta. — Tem o Aaron.

— Não é real — Josh repete de maneira branda.

— Mas me faz feliz.

— Alexandra, você quer viver a felicidade falsa ao invés de voltar e conquistar isso no mundo real? — Wilson parece descrente. — Matteo está esperando por você.

Matteo*.*

Matt.

— Ele se lembra de tudo. Ele se lembra de você*!*

— Eu sei.

— Então por que não volta?

Abaixo a cabeça, sentindo lágrimas incontroláveis rolarem por minha bochecha quando penso na resposta para sua pergunta.

— Não quer deixar Aaron, não é isso? — Jay questiona e eu sem nem mesmo pensar, assinto, revendo os olhos escuros do meu

bebê. — Ele não é real, Alexandra. — Ouvir isso faz com que um soluço escape.

— Você pode ter um Aaron real, com o Matt real. Eles não precisam ser fruto só da sua imaginação. — Wilson esfrega minhas costas enquanto cubro o rosto e choro. — Só precisa escolher viver.

— Eu não sei se quero mais viver. — Meu peito parece prestes a explodir. — Sempre doeu tanto. Viver machuca*. E eu estou cansada de sentir dor. — Olho entre os dois. — Vocês disseram que morrer não dói, então...*

— Não dói em quem vai, Kendricks, mas dilacera quem fica. — Josh apoia dois dedos sob meu queixo e faz com que eu olhe para cima, assistindo uma pessoa se aproximar com cautela. — E você sabe quem vai ser dilacerado se você se for — diz, no instante em que meus olhos se conectam com os de Matteo.

Ele dá passos incertos em minha direção, como se também estivesse com medo, assim como eu estou.

— Quer um motivo pra voltar, Alex? — *Matt questiona com a voz embargada.*

Eu tenho ouvido seu sofrimento. Tenho ouvido seu choro ao meu lado.

— Eu estou aqui! O seu Matt! — *diz e eu estremeço com a intensidade com que suas palavras me atingem, olhando para Josh e Will.*

— Eu disse que a gente ia cuidar dele — Wilson sorri da mesma forma como sorriu naquela noite, antes de entrar no avião.

— Eu não... — começo a dizer, mas as palavras são silenciadas por Matteo.

— Eu preciso de você. Então, por favor, volte. — *Sua voz ecoa, como se viesse de todos os lados. Como se viesse de dentro de mim.*

— Agora, é a sua vez de cuidar dele por nós, assim como sabemos que ele vai cuidar de você. — Josh abre um sorriso tranquilo. — Volte, Alexandra! Viva!

— Eu nunca mais vou ver vocês dois — sussurro e eles assentem, confirmando. — Eu sinto tanta saudade de vocês.

— Quem diria que a arma letal tem coração — Will provoca e abre os braços, deixando que eu me enterre em seu peito e chore ao me despedir, dessa vez, sabendo que é pra sempre.

Na noite em que os assisti se enfiarem naquele avião, tinha certeza de que logo os teria de volta. Tinha certeza de que estaríamos juntos em campo, no tatame, na sede e no Ducks, *por isso, não dei tanta importância ao último abraço real que dei em meus amigos.*

Agora, apesar de ser apenas algo que acontece em minha mente, faço questão de gravar todos os detalhes da despedida que eu sei que nunca mais poderei repetir.

— Fique bem, Alexandra Kendricks. — Josh me envolve no instante em que me lanço sobre ele. — E que Deus proteja o mundo de você — debocha e me empurra para longe, acenando para que eu me vire e veja Matteo se aproximar cada vez mais, sua mão estendida em minha direção.

— Volte e brigue comigo. — *Mais perto.* — Volte e me faça implorar por perdão por ter te esquecido. — *Como se houvesse um campo magnético ao meu redor, também avanço em sua direção. Apavorada e ansiosa. Trêmula e confiante. Com medo e com saudade.* — Volte e me deixe mostrar o quanto eu te amo, mas, por favor, Alex...

Olho para os meus amigos que na realidade se foram. Olho para eles pela última vez e, mesmo que doa, eu sorrio.

— Não que você precise, mas... boa sorte, Kendricks — dizem em uníssono, retribuindo o sorriso e me encorajando.

Então me viro para Matteo e estendo a mão em sua direção.

— Volte — *ele pede, entrelaçando nossos dedos.*

E eu obedeço.



35

ALEXANDRA KENDRICKS

Dias atuais

E quando você estiver nas trincheiras

E estiver sob o fogo, eu te darei cobertura

Se eu estivesse morrendo de joelhos

Você seria aquele que me salvaria

E se você estivesse afogado no mar

Eu te daria meus pulmões, para que você pudesse respirar

Eu estou com você, irmão

(Brother - Kodaline)

APERTO SEUS DEDOS e o sinto congelar.

Leva um tempo e um esforço quase sobrehumano, mas, finalmente, consigo abrir os olhos, piscando lentamente enquanto sua silhueta se torna mais nítida.

Quando consigo enxergar com clareza o rosto do homem que eu amo, um sorriso pequeno se forma em meus lábios.

— Oi, Matt. — Não reconheço a voz fraca que arranha a minha garganta e sai em um sussurro fraco.

Sua expressão perplexa muda para algo que vaga entre alívio, felicidade e amor, o último ficando mais evidente quando

lentamente sua boca se curva em um sorriso.

— Oi, Alex — diz, baixo.

Leva dois segundos.

Por mais que esse tempo pareça pouco, é o suficiente para que eu entenda que *isso* é real. E sei que é o bastante para que ele também se dê conta disso, porque no fim desses dois segundos, ele se joga contra mim.

Não estamos imaginando.

Não estamos sonhando.

É real.

Matteo é cuidadoso ao me abraçar, enterrando o rosto em meu pescoço e inspirando meu cheiro. Já eu... não sou tão cuidadosa assim porque ignoro o desconforto em meus ombros e abraço seu pescoço, me agarrando a ele como se fosse meu bote salva-vidas.

E eu acho que ele é.

Quando uma pessoa está se afogando é o bote que a salva, certo? É o bote que a mantém viva.

Enquanto *eu* estava me afogando na dor, foi *ele* quem me manteve viva.

— Com cuidado, Alex — sussurra em meu cabelo e move as mãos até meus braços, guiando-os para baixo, mas ainda se mantendo pressionado a mim. — Sabe que não gosto quando se machuca.

Essa frase sendo dita nesse tom de ameaça, mesmo que carinhosa, faz com que eu o empurre para longe, querendo ver seu rosto.

— Diga — peço rouca, quase sem voz.

Matteo, como se tivesse medo de que eu pudesse me quebrar, leva os dedos ao meu rosto e faz um carinho leve, nunca olhando para longe ao dizer o que eu tanto quis ouvir:

— Eu me lembro de você.

Eu já sabia disso, afinal, ouvi quando me confessou, mesmo que continuasse desacordada, mas, mesmo assim, ao ver o brilho em seus olhos quando me dá o que eu tanto implorei, é incrível. É avassalador.

Ergo minha mão e com a mesma suavidade com que ele toca meu rosto, toco o seu mais uma vez, assimilando que isso é real.

— Finalmente — sussurro a provocação e ele ri fraco, antes de virar e deixar um beijo na ponta dos meus dedos.

— E tem mais coisa que eu preciso dizer pra você além disso, a começar por... me perdoe.

Abro a boca para dizer que não tenho porque perdoá-lo, mas Matt balança a cabeça, negando, ao mesmo tempo em que toca meus lábios, silenciando-os.

— Eu não acho que eu possa me perdoar por tudo o que eu fiz, Alex. Não acho que consiga perdoar o fato de ter esquecido a mulher da minha vida, nem tampouco esquecer como te machuquei com isso. Se eu tivesse como consertar os danos que causei, porra... eu consertaria. Mas eu não posso. O que eu posso fazer é prometer que vou passar o resto dos meus dias fazendo de tudo pra apagar a dor que causei a você e isso nos leva à segunda coisa que eu preciso te dizer, Alexandra Kendricks.

Como sempre acontecia quando estávamos sozinhos, uma bolha se forma ao nosso redor e nós nos tornamos *Alex e Matt*. Nós tiramos nossas armaduras de agentes lendários e letais e deixamos que nossos medos sejam expostos, afinal, eu estou aqui pra proteger suas costas, assim como ele está aqui pra proteger as minhas.

— Eu amo você — diz e a forma intensa como as palavras são proferidas mais uma vez, faz com que eu pense sobre afogamentos e botes salva-vidas.

Matteo diz que me ama com a mesma necessidade que uma pessoa, após ficar muito tempo submersa, necessita de ar. Há desespero e alívio em sua voz. E é o mesmo que há em meu coração.

— Eu amo você como Alex, mas também amo você como Alexandra Kendricks. Eu amo cada segundo que passo ao seu lado e eu nem mesmo sei quando passei a amar tanto o que nós temos. Eu amo como sempre que acorda, seus olhos buscam os meus. Eu amo que conversamos sem precisar de palavras. Eu amo que nossas essências se reconhecem. Eu amo que meu corpo nunca te esqueceria. Eu amo que mesmo quando não te reconheci, eu te amei. Eu amo você de todas as formas possíveis e impossíveis. E caso você precise que eu repita isso agora, ao estar inteiro novamente, eu repito: eu sou completamente apaixonado por você. Com memória ou sem memória. Sendo o *Matt*, ou o *Matteo Fawcett*. Eu sou seu.

É... assustadoramente intenso.

Porque nós voltamos a ser nós e isso sempre nos definiu. Sim, é assustador pertencer a alguém como nós pertencemos um ao outro. É uma obsessão, um vício, uma dependência. E eu não me importo, porque também é segurança, é proteção, é amor.

Como Matteo já me disse, existem amores suaves, mas o nosso não é um deles, afinal, não há nada de suave em *Alex e Matt*.

E eu amo isso.

— Quebrou sua regra de não se apaixonar por mim, Matt? — questiono com a voz trêmula.

— Mais de uma vez e quebraria mais quantas vezes fossem possíveis. — Ele se inclina mais para perto. — Eu sempre vou voltar pra você, Alexandra, e sempre vou me apaixonar por tudo o que me deixou de joelhos desde o dia em que te vi naquela mesa de sinuca. — Sua boca está próxima da minha e quando eu sorrio nossos lábios se tocam.

— Eu também amo você. — Assim como soou quando ele proferiu essas palavras, eu me sinto aliviada e desesperada na mesma proporção.

Quando ele me beija, mesmo que de uma maneira muito menos eufórica do que nossos beijos costumam ser, sinto que estou em meu *verdadeiro* local seguro. O real. O que eu posso ocupar mesmo que não seja pra fugir da dor.

Entretanto, falta algo.

E ao imaginar esse *algo*, sinto meu peito se apertar porque percebo que os traços suaves do rosto infantil, as mãos pequenas e os sons ininteligíveis parecem cada vez mais apagados de minha mente.

Como se eu tentasse recordar dos detalhes de um sonho, quanto mais eu tento, mais Aaron é apagado de mim.

Fico tensa e, no mesmo segundo, Matteo se afasta, me olhando com preocupação.

— O que aconteceu?

Abro a boca, mas nenhum som sai.

— Amor, o que foi? — Matt parece desesperado.

Como posso dizer a ele que sinto falta de algo que inventei? Como posso dizer a ele que o conforto que eu achei durante uma sessão de tortura foi imaginar que eu e o homem por quem eu nunca deveria me apaixonar, construímos uma família? Uma família que eu nunca pensei querer, mas que agora, ao ver que ela não existe, faz com que um nó se forme em minha garganta e o monitor ao meu lado apite à medida que meu coração acelera?

— Alex! — Matteo chama e quando dou por mim, lágrimas rolam por meu rosto. — Me diz o que foi e eu juro que queimo o mundo para que passe.

Suas palavras me atingem com a força de um tsunami e quando foco minha atenção em seus olhos, o caos dentro de mim encontra paz.

Ele não é o homem por quem eu nunca deveria ter me apaixonado.

Ele é... *meu Matt*.

O homem que se colocou na frente de uma bala pra me dar tempo de correr. O homem que abriu as portas de sua casa sem nem mesmo me conhecer. O homem que me deu um sonho pra sonhar quando eu mal sabia viver. O homem que me deu amor sem esperar que eu o amasse de volta. O homem que protegeu minhas

costas. O homem que voltou pra mim como prometeu que faria. O homem que mais de uma vez me salvou.

Ele é o *meu Matt*. Ele é minha paz em meio ao caos, e é com essa paz que eu consigo respirar fundo e decidir dizer a ele tudo o que aconteceu.

— Lembra da técnica que Levi nos ensinou? Aquilo de que nosso corpo aguenta muito mais do que nossa mente acredita? — questiono e ele assente, mais tranquilo ao ver meus batimentos começarem a se regularizar no equipamento ao lado.

— O local seguro, não é?

Aceno e respiro fundo, os canos em meu nariz parecendo inúteis para fornecer oxigênio.

— O meu local seguro era uma casa no subúrbio de Boston, onde eu morava com você... — engulo em seco. — *Meu marido*... — seus olhos se arregalam com minhas palavras — e com Aaron... *nosso filho.*

Matteo parece se transformar em gelo bem aqui na minha frente. Ele congela e eu não sei nem mesmo se está respirando, mas, incapaz de me parar, continuo:

— Ele estava com sete meses e... ele era a sua cara — rio, mesmo que as lágrimas continuem aumentando conforme noto o quanto o bebê desaparece da minha mente. — Ele era perfeito, Matt. E eu o amava *tanto*. Eu ouvia tudo o que você me dizia aqui, mas ele foi um dos motivos para eu não querer acordar porque eu sabia que não teria o meu bebê. E lá... lá eu tinha vocês dois. Até que eu encontrei Josh e Will...

Suas pupilas dilatam com as minhas palavras, mas Matteo continua sem se mover.

— Eles me disseram que eu deveria acordar porque nada daquilo era real e, no fundo, eu sabia que não era, mas eu gostava daquela mentira. Eu gostava de viver aquela mentira. Mas eu gostava mais da ideia de estar com você de verdade. Porque sempre fomos *Alex e Matt*, mas...

— Aaron não precisa ser algo só da sua imaginação — ele sussurra tão baixo que o som quase se perde em meio aos *bips* que

ecoam do monitor. — Eu disse a você que uma das memórias mais importantes pra mim foi aquele dia em que você pensou estar grávida porque eu já amava a ideia de ter uma família com você, Alex. Mas eu amava ainda mais estar ao seu lado, protegendo suas costas e apoiando suas decisões, por isso apoiei a laqueadura.

— E eu me arrependi assim que saí da sala de cirurgia — confesso, pegando-o de surpresa. — Parece que não sou uma mentirosa tão ruim assim, mesmo quando se trata de você, não é? — provoco e rio, mas rapidamente meu riso se transforma em um choro porque suas palavras me atingem. — Eu quero mais do que apenas *Alex e Matt*.

— Você vai ter tudo o que quiser, amor.

Nem mesmo pergunto se isso também é o que ele quer porque eu conheço bem o brilho em seus olhos para saber que a ideia de termos uma família o faz feliz.

Mas então, como se eu conseguisse acessar a parte racional do meu cérebro, deixando de lado a que escolhe ter um filho baseado apenas em uma espécie de sonho que teve para sobreviver a torturas, digo:

— Como vamos ter uma família se nem mesmo temos um relacionamento?

Matteo ri e se abaixa, beijando minha testa, antes de beijar meu nariz, bochechas, queixo e, contra minha boca, ele diz:

— Você vai ser minha esposa, Alexandra.

— Não parece um aviso.

— Porque é uma promessa.

Sorrimos um para o outro, a cumplicidade e intensidade entre nós, mais presente do que jamais foi.

Precisamos decidir os detalhes de tudo o que estamos prometendo aqui, em meio a emoção de finalmente estarmos de volta inteiros. Ele com memória e eu com a parte que estava faltando. Mas, de qualquer forma, sei que o que quer que a gente decida, dará certo, afinal, mais do que Alexandra Kendricks e

Matteo Fawcett, os agentes lendários e letais, nós somos *Alex e Matt*.

Nossa bolha é estourada no instante em que um homem alto, vestindo um jaleco, passa pela porta e me olha, sorrindo.

— Vejo que decidiu voltar, Alexandra.

E essa foi a melhor decisão que eu já tomei.



MATTEO FAWCETT

Meses atrás

Mantenho os olhos na janela pequena do jatinho, sentindo que ela continua olhando para o avião mesmo que eu já não possa mais vê-la, as luzes de Boston ficando cada vez mais distantes enquanto voamos na direção da missão que vai me manter longe dela por meses.

Num movimento automático, levo a mão no volume que tenho no bolso da jaqueta e toco a caixa que contém o anel.

Sim, um anel.

Um anel que quero colocar em seu dedo depois de pedi-la em casamento.

Um anel que estou levando para outro continente porque viver com uma agente tão habilidosa quanto Alexandra não deixaria que isso ficasse guardado por muito tempo. Ela com certeza a encontraria, então decidi trazê-la comigo.

Mas não vou negar que ao me despedir dela, tive vontade de fazer o pedido naquele segundo.

E eu não fiz por um motivo bem simples: Alexandra não entende direito o que sente porque, antes de mim, nunca conviveu com sentimentos bons. Eu não podia simplesmente dizer que estou apaixonado por ela, pedi-la em casamento e entrar em um avião, sem me preocupar com toda a confusão que poderia sentir. Uma confusão que eu não poderia ajudar a organizar, afinal, passaria *meses* longe.

Por isso, apenas repeti que a amo, prometi que voltaria pra ela, e segui para a aeronave, ciente de que assim como vou cumprir minha promessa de voltar, ela vai cumprir a promessa de me esperar, afinal, somos *Alex e Matt* e nada nunca vai mudar isso.

— Saudades, Romeo? — Wilson questiona, se sentando em minha frente com uma caixa de pizza de pepperoni que já conseguiu fazer com que Sebastian o olhasse feio, irritado com o cheiro que impregna o espaço.

Ele olhou feio, mas não abriu o bico, ciente de que não tenho paciência nem com ele e nem com o seu parceiro, Collin. Não que Will precise ser defendido, mas pra ter algum motivo para socar o piloto metido a besta que já tocou em minha mulher, eu o defenderia.

— Não posso ficar um ano longe dela — digo, sem tentar esconder o quanto essa porra de missão me incomoda.

— Não precisamos de um ano — garante e estende a caixa pra mim, deixando que eu pegue uma fatia, antes de estendê-la para Joshua, que se senta ao seu lado. — Eu não sei nem por que a *Companhia* se enfiou nisso. A missão é ridícula.

Por mais que isso seja raro de acontecer, considerando todo tipo de merda que Wilson diz, concordo com ele. A missão é ridícula.

Porém, entendo os motivos pelo qual a agência interviu, afinal, ao que tudo indica, dados sigilosos foram vazados e é por isso que um agente supervisor precisou acompanhar a missão. Porque alguns desses dados são sigilosos o suficiente para que agentes operacionais não possam ter acesso.

Não sei como foi possível que fossem vazados, principalmente com as dezenas de sistemas de segurança que são constantemente melhorados, mas a mera possibilidade de um vazamento foi o suficiente para que Dominic ordenasse a missão.

Pelo dossiê que foi entregue dentro da mala lacrada, existe uma variedade de lugares espalhados pelo continente africano, onde essas informações estão guardadas e é isso o que nós estamos indo fazer. Vasculhá-lo atrás de um *pen drive*.

Com certeza, não precisamos de um ano, mesmo que alguns pontos estejam a milhares de quilômetros um do outro.

— Voltamos em alguns meses — Josh garante, pegando mais uma fatia de pizza, mas congelando ao analisar a forma como ainda mantenho a mão ao redor da caixa do anel. — O que é isso?

Penso sobre não responder. Nem mesmo Alex sabe o que pretendo fazer, e ela sabe tudo sobre mim, entretanto, sinto que corro risco de acabar enlouquecendo se não falar sobre isso com alguém, então, antes de me dar a chance de mudar de ideia, tiro a caixa e atiro na mão limpa de Josh, que a agarra sem qualquer dificuldade.

— Isso é...? — Will pisca, descrente, olhando por cima do ombro de Jay. — Caralho!

Rio, sentindo um nervosismo que eu nunca senti antes.

— É… caralho... — concordo, incapaz de não sorrir ao imaginá-la dizendo *sim*. Incapaz de não me sentir feliz ao pensar que nós dois finalmente nos tornaremos o que as malditas regras que eu criei estão impedindo de nos tornarmos.

Meus dois amigos olham entre o anel e meu rosto, então sorriem felizes, como se fossem eles que estivessem encontrando a maior felicidade do mundo e não eu, porque, como *irmãos*, eles ficam felizes por nós dois.

— Finalmente, Fawcett. Só precisou de oito anos! — Will é o primeiro a ficar em pé e eu me levanto, deixando que me abrace. — Parabéns, cara.

Joshua vem logo em seguida.

— Parabéns, Matteo. Já planejou como vai ser o pedido?

— Na verdade, ela é quem está planejando isso — digo, voltando a me sentar e guardando o anel que me devolvem. — Ela perdeu na sinuca, então vai precisar organizar uma viagem pra algum lugar que nem eu, nem ela, conhecemos.

— E você vai propor lá — conclui Jay, acenando em concordância.

— Assim que essa missão acabar. — Assinto.

— Então, vamos acabar com isso rápido porque preciso voltar pra debochar da *arma letal* que sempre disse que vocês não estavam apaixonados — Will decreta e esfrega as mãos, ansioso para poder irritar Alexandra.

Alex não teve contato com esse tipo de relação, então entendo que ela não perceba, mas é nítido pra mim a forma como alguns dos agentes mais se parecem com uma família do que com colegas. Josh e Will são exemplos disso.

— Aí. — Olho para cima ao ouvir a voz de Wilson, que mantém a pizza parada no meio do caminho até sua boca. — Qual de nós dois vai ser o padrinho?

— Connelly — respondo sério, mas em menos de segundos, nós três explodimos em uma gargalhada.

— O padrinho, não a daminha de honra!

Passamos grande parte do voo conversando, até que o cansaço se tornou grande demais e, antes de dormir, ao olhar para baixo e encontrar a imensidão que eu sabia ser o oceano, não pude deixar de pensar nos olhos da minha garota.

— Prometo que vou voltar, Alex — sussurrei, antes de cair no sono.

Como decidimos que seria, a missão foi acelerada.

A maioria dos locais que precisávamos averiguar eram cabanas vazias e em poucos meses, estávamos encerrando a lista de opções, ainda sem qualquer vestígio do que deveríamos estar procurando.

Desde quando recebi o vídeo de Alex, que chegou logo após termos encerrado a ligação em seu aniversário, eu o assisto todos os dias, as frases já decoradas que fazem com que eu sorria cada vez mais animado para voltar pra casa.

Para voltar *pra ela*.

E é com essa animação que eu acordo no dia em que vamos prosseguir para a última localidade.

— Já pensou que pode não ter vazamento algum? — Will questiona, enquanto caminhamos pela areia do Deserto da Núbia, seguindo o GPS que está na mão de Josh. — Pode ser só um alarme falso.

— Ou uma armadilha — acrescenta Joshua, ajeitando a bandoleira do fuzil em seu ombro.

— Não é uma armadilha. Desde quando chegamos aqui, não demos nem um tiro — Wilson pontua e me olha. — Por que tá tão quieto?

Não lhe respondo, sem entender porque toda animação que eu sentia parece se esvair à medida em que caminho na direção de uma cabana que surge ao horizonte, um calafrio insistente se formando em minha nuca.

— Tá nervoso com a ideia do casamento? — provoca, mas continuo sem lhe dar atenção enquanto reflito sobre o que Josh disse.

Uma armadilha?

Não é possível que seja uma armadilha. Nas dezenas de lugares por onde passamos, nunca houve um só olhar em nossa direção. Ninguém nunca tentou nada contra nós.

Descarto o pensamento, afinal, não faz o menor sentido.

Porém, não consigo descartar a sensação que se intensifica à medida em que nos aproximamos do alvo.

Em minhas mãos sinto o fuzil pesar e, por instinto, mesmo que Will, o responsável por nossa retaguarda, constantemente faça a varredura do perímetro, dou um giro, analisando todo o vazio ao nosso redor, procurando por alguma ameaça.

— Que foi? — Josh, notando minha agitação, me observa.

— Tem alguma coisa errada.

Instantaneamente, a postura dos dois muda e ambos olham ao redor, também procurando por qualquer perigo.

Assim como eu, eles não encontram nada, porque... não há nada pra encontrar.

— Tem certeza de que não é só seu nervosismo com a ideia do...?

— É a Alex, Jay — digo, o instinto se intensificando mais enquanto nos aproximamos da cabana. — Não tem porque estar nervoso com algo relacionado a ela.

— Exatamente. — Will acena e apoia a mão em meu ombro. — Não tem porque ficar nervoso, então, vamos lá acabar com essa missão, porque vocês precisam casar!

Me prendo em suas palavras, tentando me convencer de que não temos nenhuma indicação de que haja algo errado, mas enquanto continuamos seguindo pelo caminho, tudo se torna apenas pior.

É o último lugar que precisamos averiguar. É o último dia que estarei a ouvindo dizer que me ama através de um vídeo. É o último deserto que cruzamos.

Não tivemos nenhum empecilho até agora.

Repito isso, mas quando chegamos em frente a cabana, todo meu esforço para me convencer de que está tudo bem se esvai e eu paro de andar, olhando em volta mais uma vez.

— Espera — ordeno, fazendo com que eles também parem. — Tem algo errado.

— O quê?

— Eu não sei — confesso, ciente de que não faz sentido o receio que sinto. — Só...

— Tudo bem. — Will assente. — Eu e Jay vamos olhar do lado de dentro e você olha ao redor da cabana, pode ser?

Não. Não gosto dessa ideia, mas porra, como posso tomar uma decisão diferente sem qualquer embasamento além de um mau pressentimento?

Assinto e empunho o fuzil, ajeitando-o em meu ombro e observando-os fazer o mesmo.

— Tomem cuidado — mando e eles sorriem por cima do ombro, claramente nem um pouco preocupados com meu nervosismo.

— Não se preocupe, Fawcett — Josh diz.

— Você ainda precisa responder qual de nós vai ser o seu padrinho — Will provoca.

Então, os dois se viram e seguem para a porta da cabana enquanto caminho ao redor, procurando qualquer anomalia, sem encontrar nada, até que noto um fino fio verde, circulando a construção bem próximo ao chão.

Sigo-o, até encontrar uma espécie de caixa de força, próxima a janela.

Com cuidado, removo a tampa e o que vejo faz com que todo o meu sangue gele e sem pensar, corro na direção da porta.

— Josh! Will! É uma bomba! É uma...

A explosão interrompe meus gritos e antes que eu possa passar pela porta, sou jogado longe, o mundo desaparecendo ao meu redor.



36

MATTEO FAWCETT

Dias atuais

E se eu pudesse, eu pegaria a Lua

E daria ela para você

E se a morte viesse para você

Eu daria minha vida por você

Porque você é, você é

A razão pela qual eu ainda estou aguentando

Porque você é, você é

A razão pela qual minha cabeça ainda está acima da água

(Get you the moon - Kine feat. Snow)

— SE EU TIRÁ-LA daqui e alguma coisa acontecer com ela, eu mato vocês.

— Matteo! — Alex me olha perplexa, enquanto a equipe médica me olha com medo.

— Vocês têm certeza de que ela está bem pra ir embora? — questiono, olhando diretamente para Miller, que já refez os exames mais de três vezes.

— Estou bem — declara e eu a olho feio.

— Você não opina. Lembra que sou eu que vou ficar maluco se alguma coisa acontecer — reforço e mesmo que ela queira rebater, aceita minhas palavras e se mantém sentada na maca, enquanto volto a olhar para a equipe médica. — Então?

— Ela está bem — o médico garante. — Pode voltar para uma vida normal — diz, olhando-a. — Não o normal de *vocês*, mas o nosso.

Ele não sabe ao certo o que fazemos, mas ao longo das duas semanas desde quando Alex acordou, Miller foi capaz de perceber que não somos só funcionários de uma empresa de segurança privada, porém, entendeu quando Carl disse que era melhor não fazer perguntas.

Quando começamos a falar sobre a possibilidade da alta, quis saber ao máximo sobre tudo o que poderia colocá-la em risco, afinal, Alex ainda está se recuperando.

Miller, que não conhecia direito o que fazíamos, resolveu dizer:

— Faça o que uma mulher de vinte e sete anos faz em uma vida normal.

E isso exclui missões, tiros, combates, pilotar a quase trezentos por hora. Ou seja, tudo o que ela gosta de fazer.

Alex não escondeu seu desagrado, mas aceitou.

E, francamente, nunca tive problemas em amarrá-la. Com certeza não me importaria em fazer para garantir que se mantenha parada enquanto melhora.

— Sexo é normal pra todo mundo — Alex observa, encarando Miller. — Posso transar?

A mera menção de tocá-la faz com que meu corpo queime em antecipação, mas enquanto espero pela resposta do médico, não lhe dou qualquer indício do quanto a quero.

Quer dizer, não lhe dou qualquer indício agora, porque desde o dia em que ela acordou, todas as noites me deito ao seu lado na maca estreita, enrolando meus braços ao seu redor e deixando que use meu peito de travesseiro, só para acordar todas as manhãs com

meu pau duro como uma rocha pressionando a perna que ela joga por cima de mim.

Miller olha para nós dois.

— Se eu disser que não, vai seguir a orientação? — questiona.

— Sim — respondo e Alex bufa.

— Com certeza, não. Só quero saber se posso acabar morrendo enquanto fodo com ele.

— Não vou te foder se você não estiver bem — declaro.

— Não tenho problemas em te amarrar, Matt, e sei muito bem que não preciso me esforçar pra te deixar duro.

Nos encaramos de maneira intensa, ameaçadora e desesperada.

Porque mesmo que eu esteja disposto a não transar com ela para não colocá-la em perigo, essa seria a missão mais difícil da minha vida, considerando o quanto estou desesperado para tê-la, principalmente como minha mulher.

— Vocês podem transar — Miller diz, parecendo tão desconcertado quanto as duas enfermeiras que se mantêm paradas atrás dele. — E caso sinta qualquer coisa diferente, pode voltar aqui que a gente te examina de novo, mas, a princípio, você está bem, Alexandra. E sim, isso é um milagre, porque você chegou aqui quase morta. Mas hoje, você está bem pra sair daqui.

Logo após a morte dos meus pais, entendi que não acreditava em Deus, mas logo após recuperar minha mulher, entendi que acreditava em milagres. É isso o que ela é pra mim. Meu milagre.

Quando nos deixam sozinhos no quarto, Alex sorri para mim e provando estar de volta na função de perturbar minha mente, diz:

— Se ele soubesse que nada é tão intenso quanto nosso sexo, não teria nos liberado.

— Não vai ter intensidade, Alex. — Nem mesmo eu acredito nessas palavras. Ela muito menos.

Com um sorrisinho perverso nos lábios, ela se coloca em pé, descalça e com a camisola do hospital, então vem até mim e se ergue nas pontas dos pés, mordendo meu lábio inferior e, imediatamente, fazendo meu pau reagir dentro da calça, implorando por sua atenção.

— Se nem nosso amor é suave, Matt, nosso sexo com certeza não vai ser — murmura e se vira de costas, caminhando na direção do banheiro.

Mas, como Alex é Alex, pra me enlouquecer um pouco mais, no caminho tira a camisola hospitalar, jogando-a no chão do quarto, se afastando totalmente nua.

— Quando te pegar, eu vou te foder! — aviso, alto o suficiente para que ela escute.

— Estou contando com isso!



ALEXANDRA KENDRICKS

Apoio a mão sobre o braço de Matteo, atraindo sua atenção antes que dê a partida no carro e me leve para longe do hospital.

— O que aconteceu com... — as palavras somem antes que eu consiga dizer o nome do homem que causou as novas marcas que estão em meu abdômen. Marcas ainda mais feias do que as que minha mãe deixou.

— Está no *Calabouço* — diz, depois de algum tempo.

— Vivo?

— Até onde eu sei, sim. Desde quando você acordou, nunca mais voltei lá.

— Pode me levar até lá? — peço, sem me dar tempo de pensar sobre isso.

No mesmo momento, Matteo nega.

— Não.

— Matt...

— Não vou te deixar chegar no mesmo lugar que ele, Alex. Eu nem mesmo ficava lá quando percebia que estava pensando em você! — se exaspera, me olhando. — Eu amo você e vou te dar qualquer coisa que me pedir, mas não vou deixar que chegue perto do homem que quase te tirou de mim!

Entendo o que ele quer dizer. Sei que nunca o deixaria se aproximar de *Snake*, por exemplo, mas, mesmo assim, digo o que está se passando em minha mente:

— Eu preciso vê-lo morto, Matt. Eu preciso garantir que ele nunca mais vai chegar perto de me tirar de você — engulo em seco. — Eu preciso matá-lo. Sou uma arma letal, mas nunca lidei com nenhum monstro do meu passado. Me deixa lidar com esse.

Matteo trava uma batalha interna, mas, por fim, suspira e assente, segurando meu rosto e o puxando para perto.

— Tudo bem, mas eu não vou sair do seu lado nem um segundo — avisa, nivelando nossos olhos.

Sorrio.

— Como nunca saiu.

Depois disso, voltei a me encostar no banco e, num movimento natural, nossos dedos se buscaram, entrelaçando-se uns nos outros como se precisássemos de uma garantia de que ainda estávamos ali.

Ficamos assim até chegarmos na sede, e quando passamos pelas portas, recebi vários acenos de todas as pessoas que ao longo dos últimos dias, foram até o hospital me visitar. Mas nenhum deles tentou se aproximar, principalmente ao notarem a direção em que seguíamos.

Respiro fundo, parada em frente a porta que me separa do homem que por dias me fez desejar a morte, e, por alguns

segundos, repenso minha decisão de ter vindo até aqui, mas quando sinto a mão de Matteo tocar a minha, ergo o olhar e entendo que não tenho o que temer, afinal, meu local seguro é real e está ao meu lado, pronto pra proteger minhas costas e acabar com qualquer um que tente me machucar.

— Posso usar sua arma? — peço.

— Prefiro que seja ela a tirar a vida do maldito — diz e tira a pistola da parte de trás de sua calça, virando a empunhadura para mim.

Sinto o peso do armamento em minha mão e aceno com a cabeça, deixando que Matteo empurre a porta, o cheiro de mofo, sangue, urina e fezes fazendo com que eu prenda a respiração ao entrar no espaço já conhecido por mim, mas que nunca esteve tão... pavoroso.

Ele está acorrentado, da mesma forma como eu estava, porém apenas de cueca. E há sangue. Muito sangue. Do nariz, ouvidos, boca, cortes.

Francamente, não sei como ele está vivo. E não me importo, tampouco. Não é como se fosse permanecer assim por muito tempo, de qualquer forma.

— Olá, Henry — digo, pela primeira vez, repetindo seu nome desde o momento em que fui resgatada.

Seu corpo se retesa e ele ergue a cabeça, o pavor marcando seus olhos que se arregalam assim que me enxergam, como se eu fosse o próprio demônio pronto para trazer sua sentença.

E é exatamente isso o que faço. O sentencio ao fim.

— Te vejo no inferno. — Então, descarrego o carregador em sua cabeça, sem nem um pouco de dificuldade para acertar os quinze tiros em seu rosto já desconfigurado.

Um rosto que nunca mais vai assombrar meus sonhos.

Assim que a arma está vazia, devolvo-a para Matteo e sem que troquemos qualquer palavra, saímos do *calabouço,* fechando a porta atrás de nós.



MATTEO FAWCETT

Assim que fecho a porta do apartamento atrás de nós, solto as bolsas no chão e tropeço contra a porta no instante em que Alex se lança contra mim.

Suas mãos, de maneira frenética, se enterram em meu cabelo e ela puxa os fios, trazendo minha boca para a sua em um beijo eufórico.

Nossas línguas se enrolam enquanto minhas mãos descem para sua bunda e eu a agarro, puxando-a para cima e erguendo-a do chão. Alex enrosca as pernas ao meu redor e se impulsiona contra meu pau, rebolando enquanto a carrego pelo apartamento, sem precisar quebrar o beijo para saber por onde ando.

— Eu quero tomar um banho — diz, erguendo o rosto para que eu desça a boca por seu pescoço. — E quero que me foda lá.

Obedeço, porque, como eu disse, eu a amo e vou lhe dar o que ela pedir. Além disso, sentir seu corpo molhado enquanto sua boceta engole meu pau é uma sensação deliciosa.

Assim que a carrego para o banheiro, sinto seus tornozelos se desprenderem e Alex faz menção de querer descer do meu colo, mas ao invés de colocá-la no chão, sigo para o chuveiro, como sempre, sem me importar com as roupas, principalmente ao ganhar o sorriso que diz que ela também está se lembrando de quando fizemos isso pela primeira vez.

Abro a água sobre nós e volto a devorar sua boca, só então permitindo que saia do meu colo para que consiga puxar sua camiseta pra fora.

— Não vai usar pra me prender hoje? — questiona quando jogo o tecido por cima do ombro e eu nego.

— Não. Você já sabe que é melhor me obedecer, então... — Giro-a entre meus braços e agarro seus punhos, puxando-os para posicioná-los na parede, um pouco acima de sua cabeça. — Vai deixar as mãos aí enquanto eu chupo você — murmuro em seu ouvido, mordendo o lóbulo com um pouco mais de força, sorrindo para o gemido que mais se parece um ofego. — Não vai, Alex?

— Vou.

— Essa é minha garota. — Me ajoelho, descendo beijos por sua coluna, até chegar ao tecido da calça de moletom, desesperado para matar a saudade que sinto de seu gosto.

Tenho um pouco mais de dificuldade para me livrar do tecido que se gruda na pele molhada, mas o esforço vale a pena no instante em que me deparo com o tecido da renda vermelha enterrado em sua bunda.

— Renda, Alex? — questiono e mordo a nádega direita, assistindo-a me lançar um sorriso por cima do ombro, as gotas d'água caindo de seus cílios longos e escorrendo por suas bochechas.

— Espero que você a tire dessa vez, já que da última vez que usei essa renda pra você, preferiu se esconder no banheiro pra bater punheta — provoca e grita quando desfiro um tapa em sua bunda, o que só faz com que a empine na direção do meu rosto, pedindo por mais.

— Peça.

— Me bate. — Acerto mais um tapa. — Mais. — Mais um e ela choraminga, a mão abandonando a parede e descendo para o meio das pernas.

— Alex... — rosno e ela congela, percebendo o que está fazendo, então voltando para a posição em que quero. — Você vai gozar hoje, mas cada um desses orgasmos será meu, entendeu?

— Entendi.

— Ótimo — murmuro e mais uma vez ela grita, agora ao sentir a renda arranhar sua pele no segundo em que rasgo a calcinha.

— Matteo!

Não lhe respondo. Estou ocupado demais agarrando suas coxas e fazendo com que abra as pernas. Não preciso insistir para que ela obedeça e sua boceta acabe exposta em meu rosto.

Sinto meu pau pulsar quando de maneira lenta e quase torturante, eu corro a língua por ela, gemendo ao sentir o gosto que sempre me enlouqueceu.

Alex geme junto comigo e eu consigo ver como tenta afundar as unhas contra o azulejo, se esforçando para fazer o que mandei, apesar de rebolar como uma puta em meu rosto, se esfregando em busca do orgasmo que não demora nem um pouco para se formar.

Agarro suas nádegas e as separo, apenas para traçar seu cu com a língua e voltar para a boceta que pinga de tão encharcada.

Chega a ser inacreditável a rapidez com que suas pernas tremem, denunciando a proximidade do seu clímax, e empurrando-a ainda mais contra a borda, aumento a sucção em seu clitóris. E isso é o que basta para que ela desista de me obedecer e avance com a mão para meu cabelo, puxando meu rosto para a frente.

Essa é minha garota. Péssima em seguir as regras, mas ainda assim, *minha*.

— Matt… Matt! — Alex abaixa a testa contra a parede e quase soluça meu nome, todo seu corpo tremendo ao ser atingido pelo primeiro orgasmo da noite. — Porra! — arfa e tenta se esquivar das lambidas lentas que continuo distribuindo, esperando que os espasmos diminuam.

— Onde pensa que vai? — questiono e me afasto apenas para girá-la, dessa vez a posicionando de frente pra mim.

— Que saudade que eu estava da sua língua — murmura, as pálpebras pesadas.

— Só da minha língua? — Me inclino pra frente e beijo a cicatriz mais próxima de seu ventre.

Há alguns dias, ainda no hospital, depois de ter conseguido ficar em pé e chegado até o banheiro, Alex, com a vulnerabilidade que apenas eu conheço, perguntou o que eu achava das marcas

que estavam maiores e mais fundas, depois que o desgraçado a machucou.

— Eu odeio que essas cicatrizes tenham chegado até você e se eu pudesse, apagaria toda a dor que elas representam. Mas eu sei que não posso, então vou apenas garantir que a partir de hoje, você nunca mais seja tocada com nada menos do que amor — respondi, segundos antes de beijá-las, exatamente como estou fazendo agora.

— Não só da sua língua — murmura, olhando fixamente para a forma como toco a segunda marca.

— Do que mais sente falta? — pergunto, sustentando seu olhar escurecido.

— Do seu pau.

Beijo a terceira cicatriz.

— Das suas mãos.

A quarta.

— Dos seus beijos.

A quinta.

— Do seu cheiro.

A sexta.

— Sinto falta de você inteiro, Matt.

Beijo a sétima e fico em pé em sua frente, puxando minha camiseta e jogando-a para longe, antes de segurar seu rosto e acabar com a distância entre nossas bocas.

— Nunca mais vai precisar sentir minha falta, amor. Nunca mais vai se afastar de mim.

— Promete?

— Uma promessa que eu nunca vou quebrar — sussurro e a beijo, afastando os quadris para que suas mãos cheguem até o cós da calça jeans que estou usando. — Mas agora, quero que me diga mais uma coisa — aviso e impeço que se abaixe, ciente de que não vou durar muito, caso sua boca toque meu pau.

— O quê?

Seguro sua perna esquerda e a ergo até minha cintura, deixando a direita no chão.

Pincelo a cabeça do meu pau contra sua boceta e nós gememos quando deslizo para dentro dela, a lubrificação permitindo que eu me enterre em sua entrada apertada, a familiaridade incapaz de deixar tudo menos do que fantástico.

— Olha pra mim — ordeno, empurrando ainda mais fundo e fazendo seus olhos rolarem antes que me obedeça. — Diga que é minha.

— Algumas coisas não precisam ser ditas — provoca, mas geme quando seguro seu pescoço com um pouco mais de força.

— É, mas isso precisa porque eu quero ouvir. Diga, Alex. Você é minha.

Alexandra, nua e molhada, com o cabelo grudando em seu rosto e minha mão ao redor de seu pescoço, sorri, perversa. *Perturbadora.*

— Eu sou sua, Matteo. Pra sempre.

Pra sempre.

Sustento seu olhar, me prendendo nas íris escuras e profundas enquanto continuo segurando sua garganta, mas finalmente dando o que nós dois precisamos e me movendo dentro dela, entrando e saindo.

Começo devagar, absorvendo cada espasmo de sua boceta ao meu redor, cada suspiro que se torna um gemido baixo, cada mudança de pressão das unhas em meus ombros, mas, como ela mesmo disse, nosso sexo não é suave, por isso, ansioso para que nós dois percamos o controle, vou mais rápido. Mais forte. *Mais intenso.*

Ela grita, eu gemo.

Ela morde meu lábio, eu mordo seu queixo.

Ela puxa meu cabelo, eu aperto seu pescoço.

Ela choraminga meu nome, e eu rosno o seu.

É caótico e harmônico.

É tudo o que ela e eu sempre fomos.

É assustadoramente intenso.

— Olhos em mim quando me encher de porra — ordena, e a intensidade das suas palavras, juntamente com o aperto de sua boceta, faz com que minhas bolas pulsem.

— Meus olhos sempre vão estar em você — murmuro e obedeço ao que ela manda, gozando dentro dela no mesmo instante em que ela goza ao meu redor.



ALEXANDRA KENDRICKS

Desabo sobre o peito de Matteo, suada, ofegante, dolorida e no mais puro êxtase.

Depois que transamos no chuveiro, ficamos abraçados um no outro, nos recuperando da primeira rodada de sexo da noite.

Agora, encerramos a terceira e por mais que eu continue querendo mais dele, minha boceta precisa de uma pausa e acho que meu corpo também, afinal, ainda tenho alguns ferimentos que precisam curar, como as costelas quebradas.

— Como você está? — pergunta com a boca apoiada em minha cabeça.

— Ardendo — provoco e ele ri, o som ecoando em seu peito.

Com muito mais cuidado do que teve ao me girar na cama pra me foder de bruços, Matt se move e eu acabo caindo de costas no colchão, seu pau deslizando pra fora e eu sinto sua porra se espalhar por minhas coxas enquanto ele se apoia sobre o cotovelo e me olha.

— Para de me encarar.

Seu sorriso se suaviza.

— Estou admirando a minha mulher, Alex. E eu nunca vou parar de fazer isso — diz, suavemente. — Você é minha, sabe disso, não sabe? Única e exclusivamente minha.

Assinto, traçando os dedos por seu rosto.

— Assim como você é único e exclusivamente meu.

— Há anos — confessa.

— E vai ser assim pra sempre — acrescento.

Por alguns segundos, apenas nos admiramos, perdidos um no outro, aproveitando a paz que nossa bolha cria em meio ao caos, até que o cretino sorri e paira acima de mim, perguntando:

— Sabe uma coisa que eu me lembrei?

— Só de ter se lembrado já é um avanço — provoco, sem acreditar que um dos meus maiores traumas, hoje é motivo de piada.

A psicóloga com quem eu me consultava no orfanato, Samantha, ou ficaria muito orgulhosa ou muito decepcionada.

— Planejou nossa viagem, Alexandra? Aquela que você precisa planejar porque perdeu pra mim? — Ergue a sobrancelha, convencido.

— Dá vontade de dizer que não, porque eu estava ocupada demais fazendo você lembrar de mim, mas sim, Matteo, eu planejei nossa viagem — digo e me contorço na cama, estendendo a mão até a mesinha ao lado da cabeceira e puxando o *tablet* para que ele veja a imagem. — Nem eu e nem você nunca estivemos lá.

Ele sorri, assente e me olha de uma maneira quase ansiosa.

— Parece que vamos tirar férias em Santorini... *parceira.*



37

ALEXANDRA KENDRICKS

Dias atuais

Você realmente poderia me destruir, mas

Eu te amo assim

Tudo o que você faz me excita

Eu te amo assim

Seu corpo na minha mente a noite toda

Seis horas da manhã, querido

Eu te quero mais do que ontem

(Love u like that - Lauv)

TER MATTEO em minha vida é algo constante desde o dia em que nos conhecemos, afinal, em menos de uma semana, morávamos sob o mesmo teto.

Nunca imaginei que algum dia fosse ficar longe do homem que me salvou quando eu nem mesmo entendia que precisava ser salva, a pessoa que me deu algo com o que sonhar, o cara que sempre esteve ao meu lado, me apoiando e protegendo minhas costas.

Definitivamente, imaginar minha vida sem Matteo é algo que nunca chegou a passar por minha mente.

Mas, exceto pelos dias em que me escondi em minha mente para fugir da tortura, nunca pensei que minha vida fosse se tornar...

bom, *isso*.

Faz alguns meses desde que tudo aconteceu e, nesses meses, muita coisa mudou.

A começar: somos um casal. Oficialmente, um casal. Um pouco disfuncional, é claro, afinal, não são todos os casais que lutam, se perseguem e se provocam com ameaças como nós dois fazemos, mas ainda assim, somos um casal.

Nas ruas, andamos de mãos dadas, vamos a encontros, moramos em um único apartamento e transamos como loucos, mesmo que isso sempre tenha sido uma constante.

O ciúme e a possessividade, mesmo que agora sejamos eternamente exclusivos, continua. Inclusive, uma das primeiras coisas que eu vi assim que fui liberada a voltar pra sede, foi Matteo apoiando a mão sobre a Glock, olhando para Collin e dizendo em um tom ameaçadoramente calmo:

— Uma olhada na direção dela, e garanto que minha mulher vai ser a última coisa que verá antes que eu te mate.

É, como eu disse, um pouco disfuncional.

A segunda coisa que se tornou diferente foi nossa decisão de deixarmos a *Companhia*, o que acarretou a um fato quase histórico: Dominic apareceu.

Nossa decisão de abandonar a agência veio depois que refletimos sobre como seria criar uma criança enquanto nos colocamos em risco da forma como fazíamos. Eu nunca tive pais e Matteo sentiu a dor de perder os dele. Não faríamos isso com o nosso bebê, mesmo que ainda não houvesse a possibilidade de termos um, considerando que meu coração não estava forte o suficiente para que eu passasse por uma cirurgia de reversão da laqueadura.

— Não vai sentir falta da adrenalina do campo? — questionei, montada sobre a moto enquanto mantinha o capacete apoiado sobre o tanque e o olhava, encarando-o na mesma posição que a minha.

— Gosto da adrenalina do campo, Alex, mas prefiro nunca mais sentir medo de perder você.

Entendia o que ele queria dizer e foi assim que após corrermos de volta para o nosso apartamento, que eu disse ao tirar meu capacete:

— Acho que devemos sair da agência.

Comunicamos nossa decisão a Carl e, no final da tarde do mesmo dia, enquanto nós dois estávamos no estande de tiro, Zade e Bruce invadiram o espaço, pedindo a todos os agentes operacionais que se retirassem, sem dar quaisquer explicações, apenas acenando na nossa direção.

Segundos depois, Carl e Link entraram, acompanhados de um homem baixo, de cabelos grisalhos e olhos frios.

— Finalmente, estou conhecendo as lendas... — disse e a voz pareceu ainda mais gelada do que a maneira como nos olhava. — Alexandra Kendricks e Matteo Fawcett.

— E você é? — Matt questionou, espelhando a tensão que sentia vir de mim.

— Dominic Walker.

Fez sentido que apenas agentes supervisores estavam em sua presença, afinal, o rosto do diretor da agência era o tipo de informação que requeria um alto nível de acesso.

— E eu vim propor a vocês algo — acrescentou, sorrindo.

Apesar de me sentir constantemente desconfortável na presença daquele homem, a proposta que Dominic fez foi inesperada e irrecusável.

— Fiquem — pediu e acenou para que Link nos entregasse uma pasta. — A habilidade de vocês dois, tanto como indivíduos quanto como parceiros, não é algo que podemos perder. Porém, entendo que após os últimos acontecimentos, desde a explosão até o sequestro, a ideia de estar em campo acaba não sendo atraente, por isso, criei uma nova função. Agente supervisor interno.

Matteo e eu nos entreolhamos, antes de voltarmos a analisar o que o documento em nossas mãos dizia sobre isso.

Manteríamos o nível de acesso, porém não participaríamos das equipes de extração, nossa atividade se mantendo apenas na

parte operacional interna, como preparo de equipes para missões, treinamento de agentes e recrutamento.

— Está criando uma nova função só pra que nós dois continuemos na agência? — Matt questionou e Dominic assentiu. — Por quê?

— Vocês são lendas, Fawcett. É um desperdício que sejam esquecidos enquanto podem ensinar outros agentes a serem tão bons quanto vocês.

Como sempre aconteceu e como sempre acontecerá, nós nos entreolhamos e sem precisar que qualquer palavra fosse dita, sabíamos nossa decisão, principalmente quando pude ler sua expressão e entendi o que ele queria dizer.

Eu protejo suas costas, Alex.

Quase imperceptivelmente acenei, respondendo:

E eu protejo as suas.

— Estamos dentro — decretei, olhando para Dominic.

— Eu sei que sim.

Ele se virou, pronto para ir embora sem dizer qualquer outra palavra, entretanto, antes que seguisse pela porta que Link segurava aberta, ele se virou e de maneira quase respeitosa, disse:

— Foi um prazer conhecê-los, agentes.

Então ele se foi, nos deixando sozinhos.

— Eu imaginava ele mais novo — Matteo comentou, mantendo os olhos na porta.

— Eu imaginava ele mais alto — acrescentei. — Ele é tão baixo que nem dá medo.

— Você é mais baixa que ele, Alex.

— E mesmo baixa, consigo te dar uma surra se eu quiser — rebati.

Matteo riu, divertido, então agarrou minha cintura em um movimento rápido e nos girou, me pressionando contra a pilastra que dividia os boxes da pista de tiro.

— É a única que conseguiria — murmurou e mesmo que eu tivesse vontade de provar meu ponto e realmente golpear seu rosto, eu tinha mais vontade de beijá-lo.

E foi isso o que eu fiz.

Eu o beijei e consequentemente nós acabamos transando ali, sem nos preocuparmos com qualquer possível intromissão, afinal, nunca nos incomodamos com plateia.

Alguns dias depois, voltei ao hospital para mais uma avaliação do estado em que me encontrava e finalmente fui liberada para voltar para minha vida normal.

Uma vida normal que não parecia nem um pouco normal, principalmente quando o avião aterrissou na Grécia e, pela primeira vez ao pousar em outro país, não me preocupei com missões, alvos nem nada do tipo. Me preocupei apenas em aproveitar a primeira viagem que eu estava fazendo com o homem que eu amava.

Que eu amava e que claramente está escondendo alguma coisa de mim, assim como eu estou escondendo algo dele.

— Alex? — chama, do lado de fora do banheiro e eu me inclino para a porta, girando a maçaneta enquanto termino de passar a pomada cicatrizante sobre as cicatrizes.

Apesar de não precisar mais me preocupar com qualquer possível impacto que as marcas em meu abdômen podem causar, considerando que não me disfarço mais, decidi passar pelo mesmo procedimento estético de antes, diminuindo-as ao máximo possível.

Diferente das pequenas cicatrizes que as queimaduras haviam deixado, as marcas com a faca eram maiores e faziam meu estômago se embrulhar sempre que eu relembrava de tudo. Além disso, não queria ter que explicar ao meu filho o que eram os machucados que eu carregava em minha pele, até porque, nada nunca o machucaria. Matteo e eu garantiríamos que o mundo viria ao chão antes que qualquer mal acontecesse a ele.

Matt passa pela porta e pega a pomada de minha mão, assumindo o papel que ele prometeu que assumiria quando recebi alta do hospital: fazer com que o único toque sobre minhas cicatrizes fosse com amor.

Não reclamo, afinal, gosto de todos os toques que ele direciona a mim, então apenas o assisto se abaixar em minha frente.

— Quero te mostrar uma coisa — avisa.

— Preciso levar minha arma?

— Por que tá perguntando isso?

— Porque você está nervoso. E qualquer coisa capaz de deixar Matteo Fawcett nervoso é algo a se ter cuidado — provoco.

— Acho que talvez eu precise manter a arma comigo, então, afinal, você também está nervosa, e qualquer coisa capaz de deixar Alexandre Kendricks nervosa é algo a se ter cuidado — rebate, deixando claro que assim como sei que ele esconde algo de mim, ele sabe que eu escondo algo dele.

— Amo você, sabe disso? — questiono, me colocando na ponta dos pés e segurando seu queixo ao mesmo tempo em que ele agarra minha bunda e me puxa para perto de si, colando nossos corpos.

— Sei. E eu também amo você. Agora, me diga, preciso me preocupar em carregar minha arma?

— Não. Eu preciso?

— Não. — Beija minha boca com um movimento brusco, antes de se afastar. — Mas eu sei que vai estar com ela, de qualquer forma.

Porque ele me conhece melhor do que a palma de sua mão.

— Assim como você vai estar com a sua — digo, porque eu também o conheço melhor do que a palma da minha mão.

Matt ri e beija minha testa antes de me soltar.

— Se veste e vem comigo.



MATTEO FAWCETT

Com os dedos entrelaçados nos meus, Alex para de andar e eu olho por cima do ombro, sorrindo para a surpresa que estampa seu rosto corado pelos dias de sol que temos tomado desde quando chegamos até aqui.

Sei que por baixo do vestido vermelho e leve que ela usa, provavelmente encaixada na coxa direita, está a Glock que nunca sai do seu lado, assim como ela sabe que no cós da minha bermuda, está minha própria pistola.

E francamente não acho que algum dia isso vai mudar. Não acho que algum dia vou deixar de andar armado e não faço isso para garantir a *minha* proteção, mas gosto de saber que posso enfiar uma bala na cabeça de qualquer pessoa que tentar machucar minha mulher.

— O que é isso? — questiona, perplexa, observando a mesa de jantar posicionada no ponto alto da ilha, garantindo uma vista das luzes de Santorini aos nossos pés.

— Se lembra do restaurante onde fomos no nosso primeiro encontro?

— Você quem tem o problema de memória, Matt — debocha.

— Por essa piada, vai ganhar alguns tapas na bunda essa noite.

Seus olhos brilham com malícia e Alex faz questão de girar o corpo na direção do meu, se aproximando para que eu não tenha dúvida das palavras que flutuam de seus lábios vermelhos:

— Isso se você não *esquecer* da punição — provoca, ansiando por meus tapas na mesma proporção com que anseio em surrar essa bunda, só para fodê-la logo em seguida.

— Não se preocupe, amor. Não vou esquecer — garanto. — E se eu o fizer, sei que você pode me lembrar.

— Nem que seja com uma coronhada na cabeça.

Balanço a cabeça, rindo, e voltando a puxá-la na direção da mesa.

— Voltando ao ponto importante... se lembra do restaurante e de como acabou não gostando de lá? — Ela assente, me olhando com curiosidade enquanto puxo sua cadeira. — Aquele restaurante originalmente foi fundado aqui na Grécia. E eu consegui convencê-los a nos servirem exclusivamente aqui, enquanto jantamos e observamos a cidade ao nosso redor.

Alex apoia o queixo em suas mãos, sorrindo.

— É tão romântico a forma como você diz que ameaçou alguém pra conseguir um jantar — murmura. — Usou a arma?

— Não. Usei fotos do dono do restaurante com a amante e disse que elas seriam enviadas para a esposa dele — respondo.

— Nem um pouco ético.

— Não quero ser ético, quero te dar o jantar no restaurante que quis conhecer há anos e que quando conheceu se decepcionou — retribuo o sorriso, deixando claro que não me importo com os meios que preciso usar pra conseguir dar o que ela quer.

Mantenho meus olhos sobre Alex, analisando a forma como a baixa iluminação contorna seu rosto bonito, os cílios longos lançando sombras sobre as bochechas coradas, os lábios vermelhos, o cabelo escuro.

Ela é linda de uma maneira assustadora.

Ela é perturbadora de uma maneira perigosa.

Ela é a causa do batimento do meu coração de uma maneira dependente.

Ela é a minha parceira.

Ela é a minha prioridade.

Ela é a mulher da minha vida.

Por Alex, eu mataria. Por Alex, eu morreria. E, por ela, eu vivo.

— Tá me encarando demais, Matteo — comenta, mantendo a atenção no cardápio.

— Olha pra mim — peço e imediatamente ela obedece, levantando o olhar para o meu. — Sabe por que queria essa viagem?

Nega.

— Desde quando te conheci, percebi que meu mundo perderia o sentido se eu não te tivesse ao meu lado, sendo como companheira de apartamento, parceira ou... amiga de fodas. Mas, com o tempo, eu entendi que meu mundo perderia o sentido se eu não te tivesse ao meu lado como minha mulher. Por isso, antes de ir pra África, eu comprei o anel que usaria pra te pedir em casamento.

Seus olhos se arregalam com a surpresa.

— Ele estava em meu bolso quando a bomba explodiu. Acho que ele deve estar escondido nas areias do deserto até hoje. Minha ideia era te pedir em casamento durante nossa viagem. Josh e Will eram os únicos que sabiam disso. E eles estavam muito felizes por nós, Alex. — Não afasto a dor da voz ao me lembrar dos dois. É impossível não senti-la ao lembrar dos irmãos que estiveram ao meu lado por anos. — Eles tinham certeza de que você aceitaria. E eu espero que aceite.

Puxo a caixa de dentro do bolso da bermuda e a coloco sobre a mesa, analisando as expressões que tomam seu rosto.

— Achei que tivesse perdido o anel — comenta, parecendo não saber o que dizer e sua confusão faz com que eu ria.

É estranho ver Alexandra sem palavras. Mas é bom saber que sou a única pessoa que causa isso nela.

— Perdi, por isso, mandei que fizessem esses. — Abro a caixa e mostro juntamente com o anel de noivado, as duas alianças douradas.

— Mandou fazer?

— Sim. Na minha aliança, junto com o ouro, estão os projéteis dos tiros que você levou pra me proteger. E na sua...

— Estão os projéteis que *você* levou pra me proteger — conclui o pensamento e eu assinto.

— É um lembrete de que sempre protegeremos um ao outro.

Alex, num impulso, se joga sobre mim, senta em meu colo e abraça meu pescoço, assentindo.

— Sim.

— Sim o quê?

— Eu aceito.

— Eu nem te pedi em casamento ainda, Alex — rio.

— Nunca precisou usar palavras pra que eu soubesse o que você queria me dizer, Matt. Então, não precisa de um pedido. Você ter cumprido a promessa que fez já é tudo o que eu preciso.

— Qual promessa exatamente?

É sua vez de rir.

— A que você não quebrou, não é, Matteo? Afinal, quando prometeu não se apaixonar por mim, não manteve sua palavra.

Que filha da puta!

— Obrigada por ter voltado pra mim, mesmo quando não sabia quem eu era.

— Sempre voltarei pra você, Alex. Nossas essências se reconhecem. — Seguro sua cintura, abraçando-a. — Na verdade, não. Eu nunca vou voltar pra você porque nunca mais vou sair do seu lado.

Não preciso dizer, mas essa é uma promessa que eu não me atreveria a quebrar.

— Agora que sabe o que eu estava escondendo de você... o que diabos está escondendo de mim?

— Quinta que vem — diz.

— Não vai esconder algo de mim por mais dez dias, Alexandra!

— Não. — Nega, parecendo se divertir com a ideia de me torturar ao manter um segredo. — Quinta que vem é minha cirurgia.

Meu corpo tensiona e eu agarro seus braços, afastando-a para analisá-la.

— Que cirurgia? Tá sentindo algo? Porra, vou pedir um avião pra nos buscar, agora!

— Matt! — Suas mãos agarram meu rosto e ela busca meus olhos. — Eu vou reverter a laqueadura.

Nunca vou me acostumar com a capacidade que ela tem de abalar meu mundo. Nunca vou me acostumar com a habilidade que Alexandra tem de fazer com que eu me apaixone por ela mais e mais a cada instante.

— No meu local seguro... — começa, se virando na mesa e agarrando a caixa com o anel e as alianças. — Eu era chamada de Alexandra Fawcett — diz e me entrega o anel, estendendo a mão pra que eu o coloque em seu dedo. — Essa parte, eu já tenho. Agora é hora de conseguir a parte que falta.

— Aaron — murmuro e ela assente, se inclinando para mim.

Seguro seu rosto, guiando sua boca para a minha e deixando que nossas línguas se entrelacem.

É tão devastador quanto sempre foi, exceto que nesse momento, além de beijar minha companheira, minha parceira, a mulher que eu amo, a garota que me perturba, estou beijando minha noiva.

Minha Alex.

— Está como você imaginou? — questiono, apoiando minha testa na sua, respirando o mesmo ar que ela.

Alexandra nega.

— Está melhor, Matt. Porque isso aqui... isso é real.

EPÍLOGO

ALEXANDRA FAWCETT

Dias atuais

Eu te amarei incondicionalmente

Não há medo agora

Solte-se e apenas seja livre

Eu te amarei incondicionalmente

Então venha como você é para mim

Não precisa de desculpas

Saiba que você é totalmente digno

Eu vou receber seus dias ruins com seu melhor

Caminharia através dessa tempestade

Eu faria tudo isso porque amo você

(Unconditionally - Katy Perry)

ABRO A PORTA do centro de treinamento, procurando por Matteo, só pra dar de cara com as novatas paradas ao lado do tatame, os olhos fixos nos movimentos de Matt enquanto elas salivam sobre meu marido.

Minha Glock pesa no coldre e eu preciso respirar fundo pra me controlar e não acabar enfiando uma bala na testa das novas agentes que estão babando ao assistir a troca de golpes entre Matteo e Connelly.

— Ouvi que ele é um dos chefes — Hazel Sinclair, a loira alta diz, mordendo a pontinha do polegar.

— Bom, ele é um grande gostoso — a mulher negra de cabelos cacheados, Tiffany Bennet, comenta, tão fascinada quanto a parceira.

— E tem cara de quem fode bem.

Destravo meu coldre, a adrenalina dos últimos momentos, misturada com o ciúme e a excitação que corre por mim de maneira desregulada, realmente colocando as duas em risco.

— Sabe o nome dele?

— Ainda não, mas eu vou descobrir — Hazel claramente querendo conhecer o *calabouço,* diz animada demais para o próprio bem. — E quero descobrir mais do que *só* o nome.

Tipo a sensação de ser torturada?

Para evitar que eu realmente a mate sem nem mesmo me apresentar para as duas mulheres que foram recrutadas e chegaram *hoje*, limpo a garganta, atraindo a atenção de ambas.

— O nome dele é *Matteo Fawcett*. — Aceno com a cabeça para cima do tatame e, com o canto da visão, noto quando ele interrompe a movimentação e se vira para me olhar, como se sentisse minha presença.

Não sei de onde elas entendem que estou entregando essa informação de maneira amigável, ainda mais enquanto minha mão permanece na empunhadura da arma e eu uso o tom mais frio que o próprio gelo.

— Matteo Fawcett... — Tiffany repete, testando o som, então cutuca o braço da que está ao seu lado. — Um belo nome.

— É. — Assinto, sorrindo da mesma forma como costumava sorrir antes de matar um alvo. — Um grande gostoso, que fode bem pra caralho e, se quer saber, tem vinte e um centímetros de pau — acrescento, respondendo as perguntas que sei estarem em sua mente. — E antes que eu me esqueça, deixe que *eu* me apresente. Meu nome é Alexandra Kendricks Fawcett, mas vocês devem me conhecer por: *a arma letal*.

A cor some do rosto das duas, principalmente quando dou um passo em frente.

— Quando o vi pela primeira vez, pensei o mesmo. Mas, naquela época, ele não era casado com uma pessoa que tinha uma mira tão boa quanto a minha, então, se eu fosse vocês, tomaria cuidado — murmuro, fuzilando-as com os olhos enquanto destravo a Glock, o *click* suave sendo o bastante para atrair os olhares para o coldre onde mantenho a pistola na posição de semi saque.

— Alex? — a voz grave e com uma pontada de diversão faz com que as duas se sobressaltem e se virem, dando de cara com Matt que mantém os olhos em mim.

O cretino não tenta esconder que gosta da minha versão possessiva e eu nem mesmo posso julgá-lo por isso, considerando que também gosto de vê-lo com ciúme de mim.

— Ah, e além de tudo aquilo que eu falei, ele também tem uma voz que fica ainda mais gostosa quando fala sacanagens no meio do sexo. Uma voz que só *eu* escuto — acrescento, sem dar uma segunda olhada para qualquer uma das duas, irritada demais com o calor que o ciúmes faz subir pelo meu corpo, misturado com a adrenalina da notícia e com o tesão que continua latente e embaralha meus pensamentos.

— Jesus, Kendricks! — Connelly ri, descrente, então se encolhe ao ganhar um soco de Matteo, o punho acertando seu braço como um aviso por errar meu sobrenome. — *Fawcett! Fawcett!* — se corrige. — Foi mal, porra! É estranho chamar vocês dois do mesmo jeito!

— Você foi meu padrinho! — Matt resmunga e joga o braço por cima do meu ombro, a pele quente e o cheiro do suor misturado ao seu perfume me deixando encharcada.

Ainda estou dolorida! Como é possível que eu esteja tão desesperada por seu toque?!

— E quem mais seria o padrinho? Carl foi o juiz de paz! Link foi o padrinho da Alexandra. Ryan ficou responsável por controlar o robô que levou as alianças. Sobrou quem? Collin?! — Com uma confiança que o deixa perto do atrevimento, ainda mais por não ser

mais o novato, ele questiona, cruzando os braços e erguendo a sobrancelha.

— Lian, estou armada e irritada — aviso, o que não é nada novo sob o sol.

— Bom, isso é problema para o *seu marido* resolver. — Como o bom padrinho que é, Connelly reforça a palavra, mais uma vez marcando meu território sobre Matteo.

— E ele vai resolver — aviso e me viro, empurrando o peito de Matt, que não reluta em se deixar ir, permitindo que eu o guie até o vestiário, nem um pouco preocupada com o que todos já sabem que vamos fazer aqui. — Me faça gozar.

— Tá pedindo?

— Gaguejei? — Ergo a sobrancelha. — É claro que não estou *pedindo*. Estou *mandando.*

Ele sorri. Assim como eu gosto de obedecê-lo, ele também gosta de fazer o que mando. E apesar das provocações que sempre funcionam como preliminares entre nós dois, quando o empurro para trás e abro a trava do coldre, jogando-o no chão junto com a Glock, fica claro que não preciso de mais nenhuma preliminar para estar pronta pra ele.

Matteo imita meus movimentos e tira a camiseta, chutando os coturnos para longe enquanto acerto o pé contra a porta, fechando-a e seguindo na sua direção.

Nossos movimentos são desesperados e, em questão de segundos, nossas roupas estão espalhadas pelo vestiário.

Empurro seu peito, fazendo com que acabe sentado sobre o banco e monto em seus quadris, sentindo a umidade melar minhas coxas enquanto seguro seu pau e o posiciono em minha entrada, o contato da glande me fazendo rolar os olhos.

— Alex... — Matt geme e eu rebolo devagar, pouco a pouco, descendo sobre seu pênis, até senti-lo completamente enterrado dentro de mim.

Sem esperar nem um segundo para me acostumar e ignorando a ardência que sinto graças a foda dura dessa

madrugada, afundo as unhas em seu peito e me impulsiono pra cima e para baixo, cavalgando seu pau como se minha vida dependesse disso.

Ele agarra minha bunda, os dedos apertando a pele com força o suficiente para causar dor, uma dor que é aplacada pela ardência do tapa e, logo em seguida, anulada pela forma como acaricia a pele.

É o ponto ideal entre a dor e o prazer. O ponto onde apenas ele sabe me levar. Onde sempre soube me levar.

— Gosta da minha voz enquanto te falo sacanagens no meio do sexo? — provoca, o sorriso em seu tom quando aproxima a boca do meu ouvido, repetindo o que falei há poucos minutos. — Gosta de como te chamo de puta e mando você apertar meu pau com essa boceta gostosa?

Minhas pernas se tornam moles, mas continuo cavalgando.

— Matt... — suspiro, inclinando o rosto contra o seu, gemendo com o arranhar de sua barba em meu queixo.

— Vamos, vadia, rebola pra mim.

Obedeço.

Obedeço até que minhas pernas doem, minha boceta queime e minha respiração se atrapalhe em meio aos meus gemidos, e quando Matteo vê que sou incapaz de continuar, em um movimento que ele faz sem o menor esforço, acabo com as costas apoiadas contra o banco, seu corpo sobre o meu e as investidas sendo controladas por ele.

Meu corpo está sendo controlado por ele.

Minha mente está sendo controlada por ele.

Nas mãos de Matteo, eu me torno um brinquedo. E eu amo que ele brinque comigo.

Chamo seu nome, sem me importar com a altura da voz.

— Quer ser ouvida? Quer que venham assistir o que eu faço com você? — rosna, agarrando meu pescoço, erguendo o rosto apenas para ver o sorriso que sabe que vou lhe dar.

— Nunca me importei com plateia.

— Mas *eu* me importo. Só *eu* vejo minha mulher gozar.

A possessividade em seu rosnado faz meu ventre pulsar e eu aperto as unhas em seus ombros, pedindo por mais mesmo que minha voz não saia em meio a névoa que o tesão cria ao nosso redor.

Matt apoia a mão em minha boca, abafando o grito e eu sinto lágrimas brotarem em meus olhos assim que o orgasmo me atinge, tão intenso quanto o que ganhei de madrugada.

Sua porra jorra dentro de mim enquanto minha boceta continua pulsando e Matteo abafa o próprio grunhido, afundando os dentes em meu ombro, a mesma mistura de dor e prazer servindo para prolongar o êxtase que se alastra por meu corpo.

— Melhor? — questiona, quando nossas respirações são os únicos sons dentro do vestiário.

Sim, eu estou melhor, mas quando a névoa de excitação latente desce de minha mente, me dou conta das palavras que acabo de ouvir, alguns andares abaixo, e antes mesmo que minha respiração se controle, solto:

— Estou grávida.

Instantaneamente, seu corpo retesa sobre o meu e Matt se ergue sobre os braços, perplexo.

— O quê?

— Aparentemente, quatro semanas — digo, repetindo as informações que o médico me disse.

— C-como... como sabe disso? Você... O quê?! — Matt se senta, completamente atordoado enquanto me olha.

Estou grávida.

Porra!

Movo as pernas para fora do banco e apoio os pés no chão, descansando os cotovelos sobre os joelhos e enterrando as mãos no cabelo, puxando os fios enquanto me dou conta de que há um bebê crescendo dentro de mim!

— Não estava achando normal acordar de madrugada pra transar, então fui até o médico e... estou grávida.

A cada vez que repito isso, sinto o mundo ser abalado ao meu redor.

Ouço-o se movimentar ao meu lado e, quando percebo, Matt está se ajoelhando em minha frente, erguendo meu queixo para encontrar meus olhos.

Ele me estuda ao mesmo tempo em que me conforta e eu sei que dividimos o mesmo pensamento.

Sim, eu reverti a laqueadura, mas fomos informados sobre as chances de uma gravidez sem intervenção médica serem mínimas, por isso, estamos... surpresos. Em choque.

E felizes.

Uma felicidade que faz com que seus lábios se curvem em um sorriso que eu sei que espelha o meu.

Não dizemos nada.

Ainda somos *Alex e Matt*. As palavras continuam sendo dispensáveis quando se trata de entendermos o que sentimos, então, apenas nos olhamos, admirando o momento exato em que a realidade nos atinge.

Estamos juntos e teremos um bebê.

Um bebê que pode ser Aaron, assim como pode ser Melissa.

Um bebê que será protegido de qualquer perigo e que nunca conhecerá nenhum toque além dos carinhosos.

Um bebê que eu sei que vai nos assustar muito mais do que as missões que costumávamos ir.

Mas também, um bebê que amaremos de maneira incondicional, assim como nos amamos.

E em meio aos nossos sorrisos extasiados, eu percebo que estou errada ao pensar que ainda somos *Alex e Matt*, porque agora, somos três.

Finalmente, somos três.

— Eu te amo — diz, tocando sua boca contra a minha e eu rio emocionada, repetindo o gesto.

— Eu te amo — repito e me lanço contra ele, fazendo com que caia no chão, mas ainda continuando com os braços ao meu redor.

Matteo Fawcett.

Meu amigo.

Meu parceiro.

Meu marido.

Meu lugar seguro.

Minha memória favorita.

Meu futuro mais desejado.

O homem por quem, além de matar e morrer, eu vivo.

O homem que me fez inteira, mesmo com os pedaços que faltavam, afinal, ele nunca me consertou.

Ele me completou.



MATTEO FAWCETT

Dois dias após
o nascimento

Nós já passamos por tiroteios, explosões, torturas, brigas, lutas e tudo o que a maioria das pessoas nunca passarão em vida, mas no instante em que cruzamos a porta de nossa casa no subúrbio de Boston, não posso evitar de olhar para minha mulher, que segura Aaron em seus braços.

Nossos olhares se encontram, e apesar de não precisar proferir as palavras, faço mesmo assim:

— Essa vai ser a missão mais difícil do mundo.

Ela sorri, a imensidão dos seus olhos totalmente iluminados enquanto nosso filho dorme em seu colo.

— Eu protejo suas costas, Matt.

— E eu protejo as suas, Alex.

Sempre.

Ela inclina a cabeça pra mim e eu beijo sua testa, respirando o cheiro familiar que vem de seu cabelo enquanto prolongo o contato de meus lábios em sua pele.

— Vou colocá-lo na cama — avisa e eu aceno, retribuindo o sorriso pequeno que se forma em seus lábios, mas deixando que ela caminhe na direção do quarto de Aaron.

Em silêncio, a sigo, me interrompendo no batente da porta para assistir, fascinado, a mulher que o mundo conhece como *arma letal*, se inclinar contra o berço para colocar nosso filho sobre o colchão.

De onde estou, posso ver o contorno da Glock que eu sei que está presa no cós da sua calça de moletom, mas também posso ver o sorriso carregado de amor que ela dá ao passar os dedos pelos fios finos de seu cabelo, acariciando suavemente.

— Durma, filho. Você está no nosso lugar seguro.

Não me contenho e diminuo a distância até ter suas costas pressionadas contra meu peito. Circulo sua cintura e olho por cima do ombro, observando o rosto tão parecido com o meu, mas que herdou os olhos da mãe.

— Cansou de me encarar? — provoca baixinho, sorrindo de canto.

— Não estava te encarando. Estava *admirando* — corrijo. — E não, eu nunca vou me cansar disso, Alex.

Ela se vira entre meus braços e envolve meu pescoço, sustentando meu olhar da mesma forma como fez desde o dia que nos conhecemos.

— Agora seu local seguro está como você imaginou? — repito a pergunta que fiz no dia em que a pedi em casamento.

— Não, Matt. — Nega. — Está muito melhor.

AGRADECIMENTOS

Acabei de escrever um livro de centenas de páginas e, agora, chego até a parte mais difícil de todas: os agradecimentos.

E antes que se sinta confusa, não, não é difícil, pra mim, ser grata. É difícil expressar o tamanho da minha gratidão pelas pessoas que me acompanharam durante o processo que foi a reescrita de *Lembre-se de mim*.

Primeiramente, pelo óbvio: minha assessoria e os dois seres humanos incríveis que me auxiliam tanto. Mari e Shay, obrigada pelo carinho que tiveram com esse lançamento. E, junto das duas, preciso agradecer à equipe de criação que foi a responsável pela estética de LDM, Júnior e Felipe, obrigada!

E por falar em estética, preciso expor aqui a minha admiração pelos profissionais que não só entenderam toda a bagunça que eu tinha em minha mente e conseguiram organizá-las, mas fizeram isso com a mais extrema perfeição: Tacyla, minha ilustradora favorita no mundo que me fez chorar ao dar vida aos meus personagens, Junior, o Social Mídia que me fez surtar com os vídeos e a Giulia, a designer, que fez com que *Lembre-se de mim* tivesse a aparência que tem. A vocês três, obrigada! Pela paciência e empenho em tentar entender o que nem eu conseguia. Vocês elevaram esse lançamento de uma maneira absurda e saibam que nunca mais vou largar vocês! Me aguentem! E que isso também sirva de aviso para as duas mulheres incríveis que aceitaram revisar esse manuscrito de última hora e, ainda assim, entregaram um trabalho impecável. Evelyn e Hanna, saibam que nunca mais se livrarão de mim!

Ainda pegando o gancho, sobre aguentar alguém, eu acho que ninguém nunca teve capacidade de aguentar uma pessoa igual a você, Bianca Nolasco, que esteve comigo como beta, como amiga, como companheira de surto e em mais uma dezena de funções que te forçavam a ouvir áudios gigantescos. “Obrigada” não

chega perto de mensurar tudo o que eu tenho que dizer pra você, mulher, mas não se preocupe, logo eu envio um áudio longo o suficiente pra você se virar e ouvir.

E eu deixei os mais importantes para o final porque essa junção de profissionais excelentes não teriam intuito nenhum se não fosse por vocês, minhas leitoras. De que adiantaria um Instagram incrível, uma capa maravilhosa, ilustrações perfeitas, vídeos elaborados se não fosse pra que vocês acabassem, assim como eu, apaixonadas por *Alex e Matt*?

Espero ter cumprido minha função e ter conseguido enfiar esse casal *assustadoramente intenso* em um cantinho do coração de vocês, juntamente com os outros casais que vocês acolheram de maneira tão perfeita.

Eu não tenho o que falar pra vocês. Eu não tenho palavras pra agradecer o carinho e apoio que eu recebo e que me motivam a continuar dando vida às vozes na minha cabeça. Vocês me incentivam a fazer o que me faz feliz e isso é algo que agradecimento nenhum pode devolver, então, vou dizer apenas obrigada. Sem vocês, eu continuaria sendo a pessoa que escreve histórias pra deixar guardada no computador.

Ah, e só pra não perder o costume, me deixe agradecer também aos dois. Alexandra e Matteo, o casal que apareceu pra mim há três anos e me mostrou uma história dolorosa, intensa e que me ganhou desde a primeira vez em que a escrevi. Vocês foram o primeiro casal que eu criei desde o início até o felizes para sempre e, nesse processo que foi repetido duas vezes, vocês também me criaram como escritora. Vocês são minha origem e, agora, são meu presente para as pessoas que apoiam meu futuro. Então vão, sejam conhecidos por aí, afinal, isso é o que faz uma lenda, não é? Obrigada por tudo e, assim como Alex se despediu de Josh e Will, sabendo que era a última vez que falaria com eles, eu me despeço de vocês.

Com amor e eterna gratidão,

Dri Satys.